



UNIVERSIDADE ABERTA

**MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VOLUME 1

A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS
O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra

**Orientadora: Professora Doutora Lúdia da Conceição
Grave-Resendes**

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VOLUME 1

A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS

O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra

Orientadora: Professora Doutora Lúdia da Conceição
Grave-Resendes

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

"É nossa convicção que uma escola democrática não pode acontecer sem a promoção de mecanismos facilitadores de reconhecimento e de participação efectiva de todos os intervenientes, rejeitando todas e quaisquer formas de segregação"

Flores, Manuel (2005, p.16)

À Professora Doutora Lúcia da Conceição Grave-Resendes,
pelo apoio e confiança revelada, pelo incentivo, pelos ensinamentos e orientações.

Aos participantes na investigação,
porque sem o seu contributo e sem a sua disponibilidade não poderia terminá-la.
Foram eles quem, com a sua simpatia, com o partilhar das suas percepções,
com a sua espontaneidade na resposta e participação desinteressada,
tornaram possível chegar ao fim.

Ao Bruno e ao Sérgio,

pelo seu Amor, porque estiveram sempre lá para me aturar, ouvir e ajudar
e porque foram e são o suporte e a força necessária para não desistir e continuar a trabalhar.

Aos meus pais e aos meus sogros,

sempre disponíveis para compensar o que não tive tempo para fazer,
sempre presentes no apoio ao neto, com a palavra de apoio e o gesto de carinho para mim.

À Ana Fazenda, Bela, Elisabete, Lurdes e Matilde,

pela amizade, pelo apoio nas palavras e acções,
pela paciência em ouvir-me e pelos conselhos que me deram.

Aos colegas da escola,

Por me fazerem rir e se preocuparem comigo.

A todos os mencionados,

aos amigos a que não fiz referência e que me deram o seu apoio e a sua amizade,
AGRADEÇO por terem partilhado mais esta fase da minha vida e por me ajudarem a terminá-la.

RESUMO

Esta investigação foi realizada no âmbito do Mestrado em Administração e Gestão Educacional, tendo como tema “A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS – o funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra”. Procurou conhecer as percepções dos professores do Conselho Pedagógico sobre a formação do Agrupamento Vertical de Escolas e as alterações decorrentes da sua constituição. Para isso foram formulados seis objectivos de investigação, através dos quais se pretende conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas e após a integração do 1º ciclo nesse Agrupamento; contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas; descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento e para o(a) professor(a) que aí a representa e contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

A investigação inseriu-se no paradigma qualitativo e é de carácter exploratório e descritivo. Utilizou como instrumentos de recolha de dados a análise documental, a entrevista individual e o grupo focal e recorreu ao processo de análise de conteúdo, realizado segundo MORGAN.

As principais conclusões obtidas foram as seguintes:

Antes de existir o Agrupamento, a dinâmica da reunião dependia das pessoas que integravam o CP e da forma como a presidente a preparava e conduzia. As ordens de trabalho eram mais restritas. Os assuntos debatidos relacionavam-se com a vida da escola, a produção de todos os documentos internos necessários, a análise da legislação, a formação dos docentes e com os problemas e questões pedagógicas e comportamentais relacionadas com os alunos da escola.

Depois da formação do Agrupamento ocorreram alterações, motivadas pelo número de elementos, as extensas ordens de trabalho, a necessidade de muito trabalho prévio, a diversidade e complexidade das temáticas abordadas, a falta de tempo para o debate e reflexão, a necessidade de criar ou reformular numerosos documentos e a adaptação de

procedimentos até então normais que sofreram alterações com a entrada dos representantes do 1º ciclo e pré-escolar.

A formação do Agrupamento determinou a existência de aspectos positivos e negativos. Entre os primeiros salienta-se a possibilidade de aprendizagem e de partilha mútua de experiências, estratégias e dificuldades, a procura de coesão organizativa, documental e de uma identidade comum. Também a existência de actividades globais e o melhor conhecimento dos programas disciplinares, das dificuldades e potencialidades dos alunos que vão do 1º ciclo para a EB2,3 ou a maior unidade entre docentes podem ser considerados positivos.

De forma negativa surge a perda de autonomia das EB1 (financeira, material e ao nível das decisões), a falta de um espaço próprio de debate e reflexão na EB2,3, o excesso de trabalho para quem está nos órgãos e o não envolvimento de toda a comunidade educativa no processo. Cada ciclo percepcionou que houve ganhos e perdas (em que os ganhos foram maiores para o outro ciclo e menores para si). Todos mencionaram a falta de meios para atingir objectivos, a falta de tempo para reflectir e trabalhar e o excesso do número de alunos, com todos os problemas que daí decorrem.

Para as escolas do 1º ciclo houve dificuldade na eleição dos representantes e no abandonar de vários hábitos e práticas. Houve benefícios na diminuição de algum isolamento e no poder planificar, partilhar e trabalhar em conjunto, tanto ao nível horizontal como vertical, bem como um maior protagonismo assumido nas decisões relacionadas com o Agrupamento.

Para o representante do 1º ciclo no CP ocorreu uma aprendizagem, um crescimento e uma evolução pessoal e profissional, com uma visão mais abrangente das escolas. As maiores dificuldades estiveram na preparação das reuniões do CP, na responsabilidade de representarem a escola e decidirem por ela, na articulação com a coordenadora de estabelecimento para a preparação do Conselho de Docentes e na transmissão de informação. Ao nível pessoal, no número de horas de trabalho sem nenhuma contrapartida.

A existência de dois coordenadores no 1º ciclo parece ter mais consequências negativas, ao nível da articulação e da divisão de papéis, não sendo considerada necessária em todas as situações. De positivo, a possibilidade de maior divisão do poder e uma maior democraticidade.

ABSTRACT

This investigation was made in the context of the master's degree on Educational Administration and Management, having as theme "THE INTEGRATION OF THE 1ST CYCLE IN SCHOOLS' VERTICAL GROUPS - the work of a Group at Sintra's Council". It attempted to know the teachers' on the Pedagogic Board perceptions about the constitution of a Schools' Vertical Group and the changes that took place after its formation. To that purpose, six investigation goals were formulated, through which we pretend to know the Pedagogic Board's dynamic before the constitution of the Schools' Vertical Group and after the integration of the 1st cycle in that Group; contribute to the identification of general factors considered positive or negative by the teachers on the Pedagogic Board as a result of the constitution of Schools' Vertical Groups; describe the difficulties and benefits to the 1st cycle school as a result of being represented at the Group's Pedagogic Board and to the teacher that represents it in that same board and contribute to the identification of positive and negative factors resultant from the fact that each teacher representing one school may not be its Coordinator.

The investigation was set in the qualitative paradigm and it is of exploratory and descriptive character. Instruments of data gathering such as documentary analysis, individual interview and the focal group were used and also the process of contents' analysis, accomplished according to MORGAN.

The main conclusions were the following:

Before there was the Group, the meeting's dynamic depended on the persons that were part of the Pedagogic Board and on the way its president prepared it and ran it. The agendas were more restrict. The issues on debate were related to the school's life, the produce of all the necessary internal documents, legislation analysis, teachers' training and also to the problems and pedagogic and behavioural issues concerning the school's students.

After the Group's constitution, changes occurred, as a consequence of the increasing number of members, the long agendas, the necessity of long previous work, the diversity and complexity of the subjects discussed, the lack of time for debate and meditation, the need to create or reformulate a great number of documents and readjust the procedures normal up to

that time that were modified with the inclusion of the 1st cycle and kindergarten representatives.

The Group's constitution determined the existence of positive and negative aspects. Among the first we point out the learning possibility and sharing experiences, strategies and difficulties, the search for organising and documental cohesion and for a common identity. Also the existence of global activities and a better knowledge of the *curricula*, the difficulties and potentialities of students that move from the 1st cycle to the Basic School 2, 3 or a stronger unity among teachers may be considered positive.

In a negative way appears the loss of the Basic School 1's autonomy (financially, materially and at decision level), the lack of a proper place of debate and meditation on the BS 2, 3, the increasing work to those who are a part of the organisms and also the non-commitment of the whole educative community in the process. Each cycle felt that there were gains and losses (being the gains greater to the other and less to itself). All mentioned the lack of means to reach the ends, the lack of time to reflect and work and the excessive number of students, with the problems that come from that.

To the 1st cycle schools it was difficult to elect their representatives and to abandon old habits and practices. Benefits came from decreasing isolation and being able to plan, share and work together, both horizontally and vertically, as well as a larger importance assumed on the decisions related to the Group.

To the 1st cycle representative on the Pedagogic Board apprenticeship occurred and also personal and professional growth, with a now wider sight of schools. Greater difficulties came from preparing the Pedagogic Board meetings, the responsibility of representing one's school and decide for it, the articulation with the school's Coordinator in preparing for the Teachers' Board and information transmission; at a personal level, the amount of work with no compensation.

The fact that there two coordinators on the 1st cycle appears to bring more negative consequences at the level of the articulation and distribution of roles, not considered necessary in all situations. Positively, power is more easily shared and there is more democratic spirit.

RESUME

Cette investigation réalisée pour la Maîtrise en Administration et Gestion Educationnelle ayant comme thème “L’INTEGRATION DU 1^{ER} CYCLE DANS LES GROUPEMENTS VERTICAUX D’ECOLES - le fonctionnement du Conseil Pédagogique d’un groupement d’écoles de la municipalité de Sintra”.

Cette étude cherche à connaître les perceptions des professeurs appartenant au Conseil Pédagogique en ce qui concerne la formation du groupement vertical d’écoles et les modifications qui sont apparues après la formation.

Pour cela, six objectifs ont été formulés à travers lesquels nous prétendons connaître la dynamique du Conseil Pédagogique avant la formation du groupement vertical d’écoles et après l’intégration du 1^{er} cycle dans cet groupement ; contribuer à l’identification des facteurs généraux considérés positifs ou négatifs par les professeurs du Conseil Pédagogique, résultant de la formation de groupements verticaux d’écoles ; décrire les difficultés et les bénéfices pour l’école du 1^{er} cycle représentée dans le Conseil Pédagogique du groupement et pour le professeur que la représente et contribuer à identifier les facteurs positifs et négatifs résultant du fait que le représentant de chaque école dans le Conseil Pédagogique ne soit pas le directeur de l’établissement.

Cette investigation est insérée dans le paradigme qualitatif et a un caractère exploratoire et descriptif. Cette étude a utilisé l’analyse documentaire, l’interview individuelle et groupale comme instrument de recherche en suivant le processus d’analyse de contenu proposé par MORGAN.

Les principales conclusions sont les suivantes:

Avant l’existence du groupement, la dynamique des réunions dépendait des personnes qui intégrées le CP et de la façon de présider la réunion. L’agenda était restreint. Les thèmes en discussion étaient en rapport avec la vie de l’école, avec la production de tous les documents internes nécessaires, avec l’analyse de la législation, la formation des professeurs et avec les problèmes et les questions pédagogiques et comportementaux des élèves de l’école.

Après la formation du groupement, il y eu beaucoup de modifications engendrées par le nombre de participants, par l’extension des agendas, par le besoin de préparation au préalable,

par la diversité et complexité des thèmes, par le manque de temps en ce qui concerne le débat et la réflexion, par le besoin de créer ou modifier les documents de travail et par l'adaptation de procédés jusque maintenant considérés habituels.

La formation du groupement a entraîné quelques aspects positifs et négatifs. Quant aux premiers, nous distinguons la possibilité d'apprentissage et de partage amiable d'expériences, de stratégies et de difficultés, la recherche de cohésion organisatrice, documentaire et d'une identité commune. Nous pouvons encore considérer positif l'existence d'activités globales et la profonde connaissance des programmes, des difficultés et des potentialités des élèves de notre groupement ou une meilleure union entre les professeurs des différents niveaux scolaires.

Quant aux aspects négatifs, nous distinguons la perte d'autonomie des écoles du 1^{er} cycle (financière, matérielle et au niveau des décisions) et d'un espace pour le débat et la réflexion au niveau de l'école du 2^{ème} et 3^{ème} cycle, l'excès de travail pour ceux qui sont élus pour les différents conseils et la non participation de toute la communauté éducative dans le processus. Chaque cycle a considéré qu'il y a eu des gains et des pertes (considérant que les gains ont été plus nombreux pour l'autre cycle que pour soi-même). Tous ont dit que le manque de moyens pour atteindre les objectifs, le manque de temps pour réfléchir et travailler et le nombre d'élèves excessif sont des aspects négatifs en tenant compte de tous les problèmes qui en adviennent.

Pour les écoles du 1^{er} cycle, il y a eu des difficultés en ce qui concerne l'élection des représentants et l'abandon de certaines habitudes et pratiques. Il y eu des bénéfices face à l'isolement et à la possibilité de planifier, partager et travailler en commun, soit au niveau horizontal comme vertical, soit en ayant une plus grande intervention en ce qui concerne les décisions générales.

Pour le représentant du 1^{er} cycle dans le CP, il y a eu un apprentissage, une croissance et une évolution personnelle et professionnelle, qui ont permis une vision plus globale des écoles. La plupart des difficultés ont été senties pendant la préparation des réunions du CP, en ce qui concerne la responsabilité de représenter son école et de décider pour elle, l'articulation avec la directrice de l'établissement pour la préparation du Conseil de Professeurs et la transmission des informations. Individuellement, toutes les heures de travail sans aucune contrepartie.

L'existence de deux professeurs responsables pour chaque établissement du 1^{er} cycle paraît avoir des conséquences négatives au niveau de l'articulation et la division du travail, n'étant

pas considérées nécessaire dans toutes les situations. De positif, nous pouvons considérer la possibilité d'une plus grande division du pouvoir et plus grande démocratisation.

SIGLAS

AA – Assembleia do Agrupamento
AAE – Auxiliar de Acção Educativa
AE – Assembleia de Escola
ASE – Acção Social Escolar
CAE – Centro de Área Educativa
CD – Conselho Directivo
CE – Conselho Executivo
CEI – Comissão Executiva Instaladora
CMS – Câmara Municipal de Sintra
CP – Conselho Pedagógico
CT – Conselho de Turma
DE – Director Executivo
DRE – Direcção Regional de Educação
DREL – Direcção Regional de Educação de Lisboa
DT – Director(es) de Turma
EB1 – Escola Básica do 1º ciclo
EE – Encarregados de Educação
JI – Jardim-de-Infância
ME – Ministério da Educação
NEE – Necessidades Educativas Especiais
PAA – Plano Anual de Actividades
PEA – Projecto Educativo do Agrupamento
PEE – Projecto Educativo de Escola
RI – Regulamento Interno
SPO – Serviço de Psicologia e Orientação
TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária
UE – Unidades de Enumeração

INDICE

	<i>Pag.</i>
0 - INTRODUÇÃO	1
1 - OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO	6
1.1 - PROBLEMA	6
1.2 - RELEVÂNCIA	8
1.3 - LIMITAÇÕES	10
1.4 - QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	11
2 - REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO	13
2.2 - PERCEPÇÃO	29
2.2.1 - <u>A auto-percepção</u>	35
3 - ABORDAGEM METODOLÓGICA	39
3.1 - PESQUISA QUALITATIVA	39
3.2 - RECOLHA DE DADOS	45
3.2.1 - <u>Entrevista Exploratória</u>	46
3.2.2 - <u>Entrevista</u>	51
3.2.3 - <u>Focus Groups</u>	54
3.2.4 - <u>Aspectos Éticos</u>	57
3.3 - ACTIVIDADES A DESENVOLVER	59
3.3.1 - <u>Seleccção dos participantes</u>	59
3.3.2 - <u>Questões</u>	60
3.4 - ANÁLISE DOS DADOS	63

	<i>Pag.</i>
4 - O AGRUPAMENTO E AS SUAS ESCOLAS	68
4.1 - DIRECÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DAS ESCOLAS	68
4.2 - FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO	72
4.3 - BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO AGRUPAMENTO	84
4.3.1 - <u>Escola Básica do 2º e 3º Ciclo – Sede do Agrupamento (Escola Azul)</u>	88
4.3.2 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Verde)</u>	90
4.3.3 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Amarela)</u>	90
4.3.4 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo/ Jardim-de-Infância (Escola Vermelha)</u>	91
4.3.5 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo/ Jardim-de-Infância (Escola Laranja)</u>	91
4.3.6 - <u>Jardim-de-Infância (Escola Violeta)</u>	92
4.4 - AVALIAÇÃO EXTERNA DO AGRUPAMENTO	92
4.5 - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO	96
 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	 104
5.1 - ANÁLISE DOS DADOS	105
5.2 - DISCUSSÃO DOS DADOS	154
 6 - CONCLUSÕES	 176
6.1 - IMPLICAÇÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	183
6.1.1 - <u>Implicações do Estudo</u>	183
6.1.2 - <u>Limitações Sentidas</u>	184
6.1.3 - <u>Sugestões</u>	185
 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 188

INDICE DE QUADROS

	<i>Pag.</i>
Quadro 1 – <u>Enquadramento das Questões de Investigação</u>	11
Quadro 2 – <u>Atribuições do CP constantes da Portaria nº 679/77</u>	15
Quadro 3 – <u>Atribuições do CP constantes da Portaria nº 970/80</u>	18
Quadro 4 – <u>Composição e competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 172/91</u>	21
Quadro 5 – <u>Competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 115-A/98</u>	23
Quadro 6 – <u>Síntese da Legislação sobre a constituição e funções do CP</u>	24
Quadro 7 – <u>Preparação para o guião da entrevista exploratória</u>	48
Quadro 8 – <u>Racional das Questões</u>	50
Quadro 9 – <u>Preparação para o guião das entrevistas</u>	53
Quadro 10 – <u>Organigrama da Escola Azul de 1993 a 1998</u>	70
Quadro 11 – <u>Organigrama da Escola Azul de 1998/1999</u>	70
Quadro 12 – <u>Organigrama do Agrupamento em 2004/05</u>	71
Quadro 13 – <u>Síntese da avaliação externa do Agrupamento</u>	93
Quadro 14 – <u>Categorias encontradas para cada objectivo de investigação</u>	105
Quadro 15 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 1</u>	106
Quadro 16 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 2</u>	108
Quadro 17 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 3</u>	113
Quadro 18 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 4</u>	120
Quadro 19 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 5</u>	123
Quadro 20 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 6</u>	126
Quadro 21 – <u>Categorias encontradas para cada objectivo de investigação, no grupo focal</u>	130
Quadro 22 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 1</u>	131
Quadro 23 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 2</u>	133
Quadro 24 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 3</u>	139
Quadro 25 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 4</u>	148
Quadro 26 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 5</u>	151
Quadro 27 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 6</u>	153

INDICE DE GRÁFICOS

	<i>Pag.</i>
Gráfico 1 – <u>Variação do número de alunos</u>	86
Gráfico 2 – <u>Variação do número de alunos no 1º Ciclo</u>	86
Gráfico 3 – <u>Variação da % de insucesso na <i>Escola Azul</i></u>	87
Gráfico 4 – <u>Variação da % de insucesso no 1º Ciclo</u>	87
Gráfico 5 – <u>Sexo</u>	98
Gráfico 6 – <u>Idade</u>	99
Gráfico 7 – <u>Nº de Anos de Actividade Profissional</u>	99
Gráfico 8 – <u>Nº de Anos na Escola Actual</u>	100
Gráfico 9 – <u>Formação Académica</u>	100
Gráfico 10 – <u>Situação Profissional</u>	101
Gráfico 11– <u>Nível de Ensino que Lecciona</u>	101
Gráfico 12– <u>Cargo(s) Actualmente Desempenhados no Agrupamento</u>	102
Gráfico 13– <u>Cargo(s) já Desempenhados na Escola</u>	102
Gráfico 14– <u>Formação Realizada ao Nível da Gestão e Administração Escolar</u>	103

VOLUME 2

ÍNDICE DE ANEXOS

	<i>Pag.</i>
Anexo I - Guião para a Entrevista Exploratória	2
Anexo II - Guião para as Entrevistas aos Docentes do 1º ciclo	6
Anexo III - Guião para o Grupo Focal	10
Anexo IV - Grelha de Observação do Grupo Focal	15
Anexo V - Carta Explicativa para o Consentimento Informado	17
Anexo VI - Termo do Consentimento Informado (Entrevista Individual)	21
Anexo VII - Termo do Consentimento Informado (Grupo Focal)	25
Anexo VIII - Ficha de Caracterização da População em Estudo	29
Anexo IX - Pedido de Realização do Grupo Focal na EB 2,3	34
Anexo X - Transcrição da Entrevista Exploratória	37
Anexo XI - Enquadramento entre as frases significativas da Entrevista Exploratória e os Objectivos da Investigação	63
Anexo XII - Transcrição da Entrevista 2	75
Anexo XIII - Transcrição da Entrevista 3	85
Anexo XIV - Transcrição da Entrevista 4	96
Anexo XV - Transcrição da Entrevista 5	108
Anexo XVI - Enquadramento entre as frases significativas das Entrevistas Individuais e os Objectivos da Investigação	118
Anexo XVII - Categorização das Frases Significativas	134
Anexo XVIII - Transcrição do Grupo Focal	173
Anexo XIX - Enquadramento entre as frases significativas do Grupo Focal e os Objectivos da Investigação	209
Anexo XX - Categorização das Frases Significativas do Grupo Focal	234
Anexo XXI - Observação do Grupo Focal	272

0 – INTRODUÇÃO

No âmbito do *Mestrado em Administração e Gestão Educacional*, após concluir a componente curricular do mesmo, decidi escolher como temática para esta dissertação “A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS – o funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra”.

Partindo da premissa de que esta deve revestir-se de interesse e ser actual, permitindo que a investigação se possa realizar no período de tempo disponível para a terminar – um ano, como limite máximo – resolvi investigar a percepção que os professores pertencentes ao Conselho Pedagógico de um Agrupamento Vertical de Escolas do Concelho de Sintra têm sobre o funcionamento desse órgão, após a formação do Agrupamento e sobre a integração dos professores dos jardins-de-infância e do 1º ciclo no mesmo.

A escolha deste tema prende-se com o conhecimento directo de duas dinâmicas distintas no funcionamento do Conselho Pedagógico (CP), antes e depois do Agrupamento Vertical de Escolas em estudo ter sido homologado, em Junho de 2004. Para além das alterações no número de participantes no CP, também ao nível dos assuntos tratados, da articulação entre diferentes realidades, do tempo necessário para executar cada ordem de trabalhos e da dinâmica de funcionamento do próprio órgão ocorreram alterações. O ano de instalação do Agrupamento – 2004/2005 – foi um período de aprendizagem colectiva e de adaptação a uma dinâmica distinta de trabalho em equipa. Através da observação e do diálogo estabelecido com colegas dos diferentes estabelecimentos de ensino, existe a percepção de que as alterações decorrentes desta mudança estrutural se fizeram sentir mais para as escolas do 1º ciclo (e jardins-de-infância), uma vez que passaram a ter uma menor liberdade de decisão individual, tendo que articular estratégias e procedimentos entre si e com a escola sede do Agrupamento.

AFONSO (2005), prefaciando o livro *Agrupamento de Escolas – Indução Política e Participação* (In: FLORES, 2005, pp.12-13), refere-se à imposição burocrática da verticalidade que esteve na origem dos Agrupamentos Verticais de Escolas e às consequências que teve, referindo:

“... a retracção evidente de alguns elementos constitutivos do princípio da comunidade e, conseqüentemente, a presença de uma lógica de desvalorização das colegialidades solidárias e, mesmo, de outros princípios de justiça, cidadania e igualdade, estruturantes do domínio público.”

No seu estudo feito sobre a constituição de um Agrupamento Vertical de Escolas, FLORES (2005, pp.155-156) refere que são os professores do 1º ciclo que mostram um maior cepticismo referente à constituição do Agrupamento e são os mais críticos relativamente às mudanças surgidas. Consideram que o facto de as suas escolas terem integrado o Agrupamento não lhes trouxe maior capacidade de decisão, aumento dos recursos financeiros, distribuição mais racional dos recursos ou redução de problemas de assimetria ou isolamento. FLORES (*id*, p.159) diz: *“De salientar que foram os elementos docentes do primeiro ciclo que mais se manifestaram contra a constituição deste Agrupamento, revelando algum mal estar e alguma resistência face a uma decisão já tomada:”*

No entanto, apesar das dificuldades, a experiência pode ser igualmente enriquecedora, permitindo que todos tenham uma perspectiva diferente do funcionamento das escolas nos diferentes ciclos do Ensino Básico, dos constrangimentos e aspectos positivos de cada uma em particular e de todas no seu conjunto.

Esta é a realidade observada. Por isso, com base nas observações e reflexões pessoais e nos resultados obtidos por Manuel Flores, olhando para o Agrupamento Vertical de Escolas em estudo, pretendo efectuar uma investigação tendo como base os seguintes pontos fundamentais:

■ **Tema:** A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas.

■ **Subtema:** O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra, na percepção dos docentes.

■ **Objectivos da investigação:**

1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento;

3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

Estrutura e desenvolvimento da dissertação:

A dissertação apresentará várias fases distintas. Na primeira fase será abordado o objecto da investigação: far-se-á referência ao problema em estudo e à sua relevância, às limitações decorrentes da sua selecção e ao enquadramento das questões de investigação relacionadas com os objectivos do estudo.

Posteriormente será elaborada a revisão da literatura, começando por efectuar-se, numa perspectiva cronológica, a descrição e análise da legislação que serviu e serve de suporte à constituição e funcionamento do Conselho Pedagógico e à formação dos Agrupamentos de Escolas. Em seguida, porque a estruturação do pensamento científico exige a clarificação e definição de conceitos, será abordado o conceito de percepção, uma vez que este consta da temática em estudo na medida em que durante o trabalho empírico se irão determinar as percepções dos indivíduos face às questões derivadas do problema que lhes serão colocadas.

Na terceira fase será apresentada a abordagem metodológica a utilizar, durante a qual se tentarão justificar as opções efectuadas. O paradigma de investigação utilizado na investigação será qualitativo, sendo, segundo FORTIN (1999), um estudo exploratório de cariz descritivo – nível I.

A recolha de dados será feita através de análise documental (leitura de actas e outros documentos), de uma entrevista exploratória à presidente do Conselho Executivo do Agrupamento, de quatro entrevistas individuais feitas aos representantes das escolas do 1º

ciclo no CP e de um grupo focal com docentes que fizeram parte do CP antes e depois da constituição do Agrupamento Vertical de Escolas.

Será igualmente nesta fase que se apresentará uma breve descrição dos critérios de selecção dos sujeitos. Apresentar-se-ão os guiões das entrevistas. Será a partir da entrevista exploratória que os guiões de orientação das entrevistas individuais e do grupo focal serão elaborados.

Da fase empírica constarão os capítulos quatro e cinco. Destes, o primeiro dirá respeito à direcção, administração e gestão das escolas do Agrupamento, ao processo da sua formação, à caracterização sumária das escolas que o constituem e à avaliação externa que lhe foi feita. Todas as informações aqui apresentadas serão o resultado da pesquisa documental realizada. Serão também caracterizados os participantes no estudo, a partir das respostas dadas ao questionário para caracterização da população em estudo.

No capítulo cinco apresentar-se-ão os resultados obtidos e a respectiva discussão, através das transcrições das várias entrevistas realizadas e da respectiva análise de conteúdo.

Finalmente, após análise ponderada dos dados recolhidos – realizada segundo MORGAN (1993) – retirar-se-ão as conclusões e inferências possíveis, não esquecendo que a realização de um trabalho de investigação deste tipo não tem como objectivo proceder a generalizações dos resultados obtidos. O seu cariz é exploratório e descritivo e centra-se numa realidade específica. As conclusões que dele resultarem dirão respeito apenas a essa realidade. A sua validade científica decorrerá da correcção e isenção do processo de investigação. Por ser fundamentalmente descritivo, a leitura dos procedimentos, resultados e conclusões poderá ser um ponto de partida para que outras situações sejam igualmente alvo de investigação cuidada. Para o Agrupamento Vertical de Escolas em estudo, o contributo poderá ser válido por vários motivos.

Por um lado, fará as pessoas reflectir, o que já é, por si só, positivo. Por outro lado, e com base nos resultados obtidos, poderá levar ao reforço do que é positivo e à reformulação do que for passível de críticas fundadas. Eventualmente, poderá contribuir para a elaboração do Projecto Educativo do Agrupamento (PEA), para que surja inovação e mudança. Poderá permitir alterar hábitos – que de tão enraizados já sejam considerados naturais – ou estruturas de organização e funcionamento.

Porquê centrar a atenção na percepção das pessoas sobre a realidade e não na estrutura organizacional por si só? Porque, como diz FERNANDES (*In*: BALANCHO & COELHO, 2005, p.5),

“Temos que procurar ser bons profissionais com ela. Isto é, temos de, apesar da incerteza, da instabilidade e da insegurança, conseguir que a escola seja o local, o espaço, a comunidade e a organização onde, essencialmente, se goste de ensinar e se goste de aprender. É um permanente desafio que se coloca aos professores, aos alunos, aos educadores, aos investigadores, aos pais e à administração.”

Para os professores e as instituições, a criação de Agrupamentos Verticais de Escolas foi um desafio. A simples análise da Lei e da Legislação revelar-se-ia insuficiente para conhecer a realidade, os problemas, expectativas e propostas de resolução. São as pessoas nos órgãos a que pertencem que têm que interpretar e dar expressão ao legislativo, procurando melhorar as condições de ensino e aprendizagem dos seus alunos e assegurar um funcionamento equilibrado e harmonioso das estruturas institucionais que, com a formação dos novos Agrupamentos de Escolas, se tornaram maiores e mais complexas.

O presente estudo de investigação seguirá as orientações de AZEVEDO (2003) no que concerne à estruturação do trabalho.

1 – OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO

1.1 - PROBLEMA

O Decreto-Lei nº 172/91, de 10 de Maio, referia a gestão democrática dos estabelecimentos de ensino e preconizava a existência de Agrupamentos de escolas do pré-escolar e/ou do 1º ciclo, possuindo órgãos próprios e comuns de direcção, administração e gestão, formando áreas escolares. Essas áreas escolares eram definidas pelo Ministério da Educação através do estabelecimento de critérios de gestão pedagógica, como o número de alunos e de docentes e a dispersão geográfica das escolas. O Conselho de Escola (para escolas não agrupadas) e o Conselho de Área Escolar eram os órgãos de direcção da(s) escola(s).

Mais tarde, o Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino para a educação pré-escolar, básica e secundária, veio revogar o decreto-lei anterior e transformou essas áreas escolares em Agrupamentos de Escolas, até que a reestruturação da rede educativa tivesse lugar.

Estes Agrupamentos Horizontais de Escolas puderam depois transformar-se em Agrupamentos Verticais de Escolas. De igual forma, escolas que existiam isoladamente puderam agrupar-se e constituir novos Agrupamentos, como aconteceu com o Agrupamento de Escolas que vai ser estudado nesta investigação.

Conforme referido na introdução, o tema que se pretende investigar é “**A integração do 1º ciclo no Agrupamento Vertical de Escolas**”, tendo como subtema “*O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra, na percepção dos docentes.*”

O ano lectivo que correspondeu à instalação do Agrupamento foi o de 2004/2005, ano de muitas adaptações e de muito trabalho, com a elaboração da proposta do Regulamento Interno do Agrupamento, a partir da realidade já existente em cada uma das escolas que o constituiu.

Com o aumento do número de elementos do CP e a existência de assuntos relacionados com os três ciclos de ensino básico e com o ensino pré-escolar, as ordens de trabalho de cada reunião tornaram-se muito extensas e foi necessário aprender a compreender e conviver com realidades distintas e, por vezes, mal conhecidas. O período de adaptação ao trabalho em equipa – cooperação – foi facilitado pela vontade demonstrada por todos em encontrar consensos, mas dificultado pelo conjunto de factores de incerteza existentes. Até se encontrar uma forma de funcionar como grupo mais coeso na análise e discussão dos diferentes temas e problemas colocados, existia a tendência para que os membros do CP se agrupassem por escola ou nível de ensino – balcanização – e para valorizar mais os aspectos directamente relacionados com o respectivo nível ou escola.

Enquanto observadora participante, ficou a ideia de que o processo terá sido mais difícil para os docentes do ensino pré-escolar e 1º ciclo, vindos de uma realidade com outra dimensão, tanto no número de alunos e docentes como em relação aos processos de participação e decisão, ao funcionamento das estruturas e à orgânica de trabalho dentro de cada escola.

Cada escola possuía um representante no CP que não era o Coordenador de Estabelecimento, o que, aliado ao período de adaptação, originava problemas de comunicação e transmissão de informação.

No ano lectivo seguinte – 2005/2006 – já a funcionar em pleno após eleições para todos os órgãos, foi necessário delinear o PEA, e a participação e colaboração foram já mais fáceis, para o que contribuiu o facto dos elementos do grupo estarem mais familiarizados uns com os outros e com as diferentes formas de actuação e trabalho.

Esta é, no entanto, uma percepção. Provavelmente, entre esta percepção e a realidade percebida pelos outros docentes do CP, existirão pontos de encontro e de divergência. Por outro lado, em relação às Escolas Básicas do 1º ciclo, não foi muito perceptível para os outros elementos do CP quais as diferenças, vantagens e desvantagens da inclusão no Agrupamento. Outro factor que suscita algumas dúvidas é o facto de o representante no CP ser distinto do Coordenador de Estabelecimento, o que parece constituir um obstáculo à transmissão da informação, à orientação do trabalho e à tomada de decisões.

Face ao atrás descrito, pôde constatar-se a existência de um problema que consiste na mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das

diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Depois de identificado o problema, foi elaborada a pergunta de partida para a qual a investigação procurará encontrar resposta, sendo essa pergunta a seguinte:

Qual a percepção dos professores do Conselho Pedagógico sobre a formação do Agrupamento Vertical de Escolas e as alterações decorrentes da sua constituição?

Ao formular a pergunta anterior, pretendo esclarecer dúvidas, tendo presente os seguintes objectivos gerais de investigação:

1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento;
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

1.2 - RELEVÂNCIA

Uma investigação como aquela que se pretende desenvolver tem significado na medida em que permite conhecer melhor uma realidade concreta, descrevendo as percepções de alguns dos seus intervenientes face a uma mudança recente. Tem um carácter predominantemente exploratório e descritivo e restringe-se a um caso concreto, pelo que as suas conclusões não serão generalizáveis. No entanto, poderão eventualmente ser extensíveis a Agrupamentos inseridos em contextos semelhantes, suscitando reflexões por parte de outros docentes sobre a

sua realidade e contribuindo para a sua participação mais activa na dinâmica organizativa dos seus Agrupamentos.

Apesar de se optar por um estudo de caso, o que poderia ser assumido com uma limitação à validade e interesse da investigação, tal não acontece, uma vez que, como refere BELL (1997, p.24),

“... se os estudos de casos forem prosseguidos sistemática e criticamente, se visarem o melhoramento da educação, se forem relatáveis e se, através da publicação das suas conclusões, alargarem os limites do conhecimento existente, então podem ser consideradas formas válidas de pesquisa educacional,”

Inicialmente, quando se perspectivou a formação deste Agrupamento Vertical de Escolas, a maioria dos professores expressou-se contra a sua constituição. Numa escola que, pela sua dinâmica, sempre aderiu na fase experimental às várias mudanças que foram acontecendo no sistema educativo, desta vez a vontade expressa pela maioria era a de não avançar. Ao ser constituído, o Agrupamento teria seis escolas – desde o ensino pré-escolar até ao 3º ciclo – e um elevado número de alunos e professores. A complexidade dos assuntos a debater e sobre os quais teria que se decidir iria aumentar consideravelmente, prevendo-se uma menor capacidade de resposta por parte das estruturas da escola, tanto na sua componente burocrática e administrativa, como ao nível da gestão financeira e pedagógica.

No ano da sua instalação – 2004/2005 – ocorreram mudanças significativas na orgânica e funcionamento das escolas, ao nível dos órgãos comuns e próprios de cada um dos estabelecimentos de ensino. Teve que se aprender a viver e pensar em conjunto, principalmente no caso das pessoas envolvidas de forma mais directa no processo – aquelas que pertenciam aos diferentes órgãos da escola. Aliás, é percepção da investigadora que na escola sede do Agrupamento muitos docentes não notaram grandes diferenças com a passagem a Agrupamento e que esse facto foi mais notado pelos docentes do pré-escolar e 1º ciclo. A eleição dos representantes ao CP, por exemplo, não teve muitos professores interessados. A ideia que transmitiram foi a de resignação pelo facto de terem sido eleitos para estar presentes. No entanto, após o período de adaptação sofrido por todos, começou a existir alguma dinâmica de grupo, a procurar-se situações de consenso e a perceber-se melhor cada uma das realidades.

Esta percepção resulta da observação e participação no processo de constituição do Agrupamento. Aquilo que se pretende conhecer é a percepção que os docentes do CP têm sobre o funcionamento desse órgão antes e depois da criação do Agrupamento Vertical de Escolas (o que se tentará conhecer essencialmente com a realização da entrevista exploratória e do grupo focal), sobre a integração do 1º ciclo nesse Agrupamento e as consequências para os docentes e Escolas desse ciclo de ensino (fundamentalmente com as quatro entrevistas), agora que decorre o terceiro ano de funcionamento do Agrupamento.

Numa gestão democrática e participativa, é importante conhecer, reflectir e agir. Esta investigação permitirá conhecer melhor uma realidade, fará com que muitos dos seus intervenientes reflectam em conjunto sobre vários aspectos que influenciam o seu desempenho e a qualidade de ensino praticado e poderá levar à acção, se dessa reflexão surgirem constatações e sugestões que possam conduzir a uma melhoria do funcionamento global do Agrupamento.

Numa perspectiva interna do Agrupamento e como indutora de outras reflexões, a investigação terá com certeza pontos positivos no âmbito da administração e gestão escolar.

1.3 - LIMITAÇÕES

Na elaboração de uma dissertação de mestrado, para além da dificuldade inerente à escolha do problema a investigar e da metodologia a utilizar, em especial para investigadores inexperientes, uma grande limitação à sua concretização poderá prender-se com o factor tempo. Cada mestrando dispõe de um ano para concretizar o seu projecto de investigação, o que limita à partida essa mesma investigação. A situação é agravada pelo facto do investigador não poder dedicar-se ao seu estudo a tempo inteiro, tendo que o conciliar com as suas obrigações profissionais, pessoais e familiares. O tempo para pesquisar é curto, e a compatibilização do horário de trabalho com o horário de funcionamento das bibliotecas é difícil. A maior disponibilidade para procurar, ler, analisar e reflectir acontece apenas ao fim do dia de trabalho – quando as capacidades físicas e intelectuais sofreram já o desgaste diário decorrente de uma profissão exigente no domínio cognitivo, afectivo e relacional – e ao fim de semana, o que é escasso para as necessidades.

Para tentar contornar as dificuldades atrás mencionadas é necessária uma considerável organização e motivação e um encurtamento do domínio a investigar e, neste caso, do número de entrevistas a efectuar.

O Agrupamento escolhido para a realização da investigação, doravante designado por *Agrupamento* ou *Agrupamento Arco-íris*, é aquele em que exerço funções docentes. Esta opção decorre da maior facilidade em conseguir as autorizações necessárias para proceder à investigação, à maior probabilidade de reunir o número de pessoas necessárias à realização das entrevistas e do grupo focal, à proximidade geográfica (que permite rentabilizar tempo) e ao interesse que as conclusões a retirar do estudo podem ter para a melhoria da dinâmica do próprio Agrupamento.

Para diminuir a possibilidade do exercício de alguma influência nas respostas obtidas durante o grupo focal, o papel de moderador do mesmo será desempenhado por um investigador externo com experiência na utilização da referida metodologia de recolha de dados.

1.4 - QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Para poder responder ao problema enunciado e concretizar os objectivos propostos, colocar-se-ão as seguintes questões de investigação relacionadas com os objectivos propostos:

Quadro 1: Enquadramento das Questões de Investigação

OBJECTIVO	QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO
1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	1. Antes da formação do Agrupamento, como era constituído o Conselho Pedagógico? 2. Quais eram as principais temáticas abordadas nas reuniões de Conselho Pedagógico? 3. Quais as estratégias de trabalho utilizadas no decurso da reunião de Conselho Pedagógico? 4. Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 5. Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?

Continua

Continuação

OBJECTIVO	QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	6. De que forma se alterou a constituição do Conselho Pedagógico após a formação do Agrupamento? 7. Surgiram novas temáticas para abordar nas reuniões de Conselho Pedagógico? 8. As estratégias de trabalho utilizadas durante as reuniões de Conselho Pedagógico mantiveram-se ou foram alteradas? De que forma? 9. Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 10. Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	11. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? 12. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais?
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	13. Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 14. Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento?
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	15. Qual a sua percepção sobre as dificuldades que o(a) professor(a) do 1º ciclo sente ao ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? 16. Qual a sua percepção sobre os benefícios que o(a) professor(a) do 1º ciclo sente ao ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas?
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	17. Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? 18. Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento?

Será a partir destas questões de investigação que se irão elaborar os guiões para a entrevista exploratória (anexo I), as entrevistas aos representantes do 1º ciclo no Conselho Pedagógico do Agrupamento (anexo II) e o guião para a realização do grupo focal (anexo III).

2 - REVISÃO DA LITERATURA

2.1 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO

Ao longo deste capítulo procurar-se-á apresentar, de forma cronológica, a legislação mais relevante no que concerne ao funcionamento do Conselho Pedagógico, por um lado, e à formação de Agrupamentos de Escolas, por outro.

No período após a Revolução do 25 de Abril, sucederam-se nas escolas reuniões e plenários determinados pelo período de mudança que se fez sentir no país. A promessa da democracia que se seguiu a tantos anos de ditadura levou as pessoas a quererem intervir e participar, provavelmente nem sempre da forma mais correcta. Houve grande agitação por parte dos trabalhadores e dos estudantes, sucederam-se greves, manifestações e, nas escolas, reuniões gerais de alunos e de professores.

MENDES (2002, p.20) diz: *“O poder central, altamente debilitado, assim que pode faz uma primeira tentativa de normalização através do Decreto-lei n.º 735 A/74, de 21 de Dezembro, o qual é rejeitado pela generalidade dos elementos mais activos das escolas ...”*.

Este **Decreto-Lei nº 735-A/74** entrou em vigor apenas por um período de um ano – 1974/75 – e determinou que a gestão dos estabelecimentos de ensino oficiais dos ensinos preparatório (actual 2º ciclo) e secundário passasse a ser da responsabilidade do Conselho Directivo, do Conselho Pedagógico e do Conselho Administrativo.

O CP, à luz desta legislação, era constituído por docentes e alunos, sendo que os discentes tinham que ter pelo menos catorze anos e o seu número não podia exceder o de docentes, quer em reuniões plenárias, quer nas secções de trabalho delas resultantes. Nas escolas em que a idade dos alunos fosse inferior a catorze anos, os mesmos podiam ser convidados a participar, sem direito a voto. O presidente do Conselho Directivo presidia ao CP e possuía voto de qualidade, podendo ser substituído, por sua ausência ou impedimento, por outro docente do órgão.

O CP era um órgão com funções deliberativas, mas o Conselho Directivo podia suspender as suas deliberações. Mantinha as funções dos Conselhos Escolares, nomeadamente no que se referia a matéria do foro disciplinar, vindo substituir na sua função os reitores e directores que se encontravam a dirigir as escolas durante o regime ditatorial de Salazar.

Apesar de aprovada, esta legislação não foi cumprida, o que criou um vazio legal que o Governo de Mário Soares tentou colmatar com a publicação do **Decreto-Lei nº 769-A/76**, de 23 de Outubro.

Este novo decreto veio esclarecer e alterar competências, para “... *lançar as bases de uma gestão que, para ser verdadeiramente democrática, exige a atribuição de responsabilidades aos docentes, discentes e pessoal não docente na comunidade escolar.*”

Manteve como elementos do CP os docentes – delegados de cada grupo, subgrupo, disciplina ou especialidade – discentes – um delegado dos alunos por cada ano de escolaridade – e o presidente do Conselho Directivo.

No seu Art. 24º referia que “Ao conselho pedagógico incumbe a orientação pedagógica do estabelecimento de ensino, promovendo a cooperação entre todos os membros da escola, de modo a garantir adequado nível de ensino e conveniente formação dos alunos.”, apoiando-se nos Conselhos de Docentes (de grupo, subgrupo, disciplina ou especialidade), de Ano ou de Turma. Estes Conselhos de Docentes deviam “... *estudar, propor e aplicar, de forma coordenada, as soluções mais adequadas ao ensino das respectivas disciplinas ou especialidades, bem como dar parecer e desenvolver actividades que lhes sejam solicitadas pelos conselhos directivo ou pedagógico.*” (Art. 26º) e, no caso dos Conselhos de Ano ou de Turma “... *dar parecer sobre todas as questões de natureza pedagógica e disciplinar que a esses anos ou turmas digam respeito.*” (Art. 27º).

Conforme referido no decreto, as decisões tomadas em CP por intermédio de voto venciam por maioria, tendo o seu presidente voto de qualidade em caso de empate e direito de veto suspensivo quando essas decisões iam contra a lei em vigor. O mesmo decreto remeteu para a publicação das portarias que viriam a regulamentar o funcionamento do Conselho Directivo e do Conselho Pedagógico.

No caso deste último, foi publicada, a 8 de Novembro de 1977, a **Portaria nº 679/77** que veio regulamentar o funcionamento dos Conselhos Pedagógicos dos estabelecimentos de ensino preparatório e secundário.

No seu ponto 1 podia ler-se: “*O conselho pedagógico é o órgão de orientação pedagógica do estabelecimento de ensino.*” Mais à frente, no ponto 3, acrescentava-se: “... *promovendo a cooperação entre os elementos docentes e discentes, de modo a garantir adequado nível de aprendizagem e conveniente formação dos alunos.*”

Dele faziam parte os professores delegados, os representantes dos directores de turma e os representantes dos alunos. Se as deliberações tomadas por maioria tivessem de ser executadas pelo Conselho Directivo, este teria que as aprovar, devendo respeitá-las, salvo em situações devidamente justificadas.

As competências do CP estipuladas por esta portaria eram várias, sendo algumas comuns a todos os seus membros e outras atribuídas aos docentes e discentes, conforme discriminado no quadro seguinte:

Quadro 2 – Atribuições do CP constantes da Portaria nº 679/77

Conselho Pedagógico	▪ Planificação de actividades anuais da escola ▪ Dar parecer sobre: organização de turmas, espaços, distribuição de serviço lectivo e não lectivo, horários, relação com associações de estudantes e de Encarregados de Educação (EE) e serviço de exames ▪ Interpretar instruções e normas vindas dos serviços centrais ▪ Participar na divulgação de decisões pedagógicas ou disciplinares vindas dos serviços centrais aos professores e alunos da escola ▪ Dar parecer sobre os assuntos provenientes do Conselho Directivo (CD) ▪ Propor ao CD providências disciplinares e regulamentares ▪ Colaborar com o CD na elaboração e actualização do Regulamento Interno (RI) ▪ Aperfeiçoar e coordenar os critérios de avaliação ▪ Promover a coordenação interdisciplinar ▪ Propor a realização de acções de actualização e aperfeiçoamento dos docentes (renovação de métodos e técnicas de ensino)

Continua

Continuação

Conselho Pedagógico	▪ Elaborar relatório sobre as necessidades anuais de material didáctico ▪ Contribuir para a elaboração do projecto de orçamento (material didáctico, consumo laboratorial e oficial, visitas de estudo) ▪ Diligenciar para o aproveitamento integral das aulas e seu complemento com actividades paraescolares ▪ Dar parecer sobre visitas de estudo e supervisionar a sua planificação ▪ Apoiar a ligação escola – meio em que se insere ▪ Pronunciar-se sobre a criação de cursos correspondentes a necessidades do meio ▪ Sugerir a aquisição de obras para a biblioteca ▪ Apreciar problemas apresentados pelos alunos ▪ Analisar a situação dos alunos inadaptados, promovendo a sua integração na escola ▪ Actuar em matéria disciplinar
Membros Docentes	▪ Propor ao CD os professores que elaborarão provas de avaliação global ou de exame ▪ Dar parecer sobre a constituição dos júris de provas escritas e orais ▪ Organizar dossier com os enunciados das provas (da escola ou região) ▪ Elaborar calendário das reuniões de avaliação, a ser submetido ao CD ▪ Propor ao CD a interposição de recurso quando alunos internos tiverem sido submetidos a exame em que alguma da matéria questionada não tenha sido leccionada ▪ Fomentar as relações escola – centro de estágio (se existe).
Membros Discentes	▪ Apresentar no CP propostas visando a cooperação entre todos os membros da escola, para participação efectiva no processo educativo ▪ Reunir com os delegados de turma, em reunião geral uma vez por período e em reuniões parciais, por ano ou curso, no início e meio de cada período

Adaptado: Portaria nº 679/77, de 8 de Novembro

Mais tarde, o **Decreto-Lei nº 519-T1/79**, que se relacionava com a contratualização de docentes e o seu regime de profissionalização em exercício, veio acrescentar uma outra competência aos Conselhos Pedagógicos dos estabelecimentos de ensino, através do seu Art. 36º:

- “a) Acompanhar, através dos delegados para o efeito designados, a actividade dos professores em formação no estabelecimento de ensino;*
- b) Colaborar com as equipas de apoio pedagógico, informando-as regularmente do andamento dos trabalhos e solicitando a sua comparência, quando o julgarem necessário;*
- c) Colaborar com os conselhos pedagógicos da zona.”*

Esta redacção e esta nova função obrigaram à publicação de nova legislação, que veio alterar o Decreto-Lei nº 769-A/76 nos seus artigos 22º a 29º e 31º.

Assim, com o **Decreto-Lei nº 376/80**, de 12 de Setembro, o Conselho Pedagógico passou a ser constituído por: presidente do CD (ou vice-presidente em sua substituição); secretário do CD (sempre que fossem tratados assuntos da acção social escolar); delegado ou representante de cada grupo, subgrupo ou disciplina; dois representantes dos directores de turma (DT); delegados do CP para a profissionalização em exercício; orientadores dos estágios pedagógicos (ramo de formação educacional ou licenciaturas em ensino); delegados dos alunos (por ano e curso, segundo termos a definir por despacho ministerial). Podiam ainda integrar este órgão representantes dos profissionalizandos em exercício (um por grupo, subgrupo ou disciplina – sem direito a voto) segundo o seu plano individual de trabalho e um representante da associação de pais e encarregados de educação, por convite.

As funções deste órgão estavam assinaladas no Art. 24º:

- “a) A orientação pedagógica do estabelecimento de ensino;*
- b) Promover a cooperação entre alunos e professores de modo a garantir adequado nível de ensino e a integral formação dos alunos;*
- c) O acompanhamento, através do delegado ou delegados para o efeito eleitos, conforme se trate de profissionalização abrangendo uma ou mais disciplinas, da actividade dos professores em formação nos estabelecimentos de ensino;*
- d) A colaboração com os conselhos pedagógicos da zona, designadamente através de reuniões de delegados.”*

Se as matérias tratadas se relacionassem com a profissionalização em exercício ou com o serviço de exames, os membros discentes do CP não podiam estar presentes, o que já estava consignado no Decreto-Lei nº 769-A/76 em relação aos exames.

Este novo Decreto-Lei veio obrigar a regulamentar novamente o funcionamento do Conselho Pedagógico, o que aconteceu com a **Portaria nº 970/80**, de 12 de Novembro, que revogou a Portaria nº 679/77.

Esta nova portaria delimitou o âmbito de actuação do CP, referindo que este devia gerir as escolas preparatórias e secundárias “... *nos domínios da orientação e coordenação pedagógicas.*”, trabalhando em conjunto com a Direcção-Geral do Ensino e com as equipas de apoio pedagógico da zona. Dividiu as suas atribuições em gerais e específicas, conforme mencionado no quadro seguinte:

Quadro 3 – Atribuições do CP constantes da Portaria nº 970/80

Atribuições Gerais	1. Assegurar a orientação pedagógica segundo as normas, integrando-as nas características e condicionalismos específicos da escola 2. Assegurar condições para o desenvolvimento de atitudes e a realização de acções no âmbito da formação contínua 3. Promover a interacção escola – meio (em conjunto com CD)
Atribuições Específicas	ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA 4. Definir critérios pedagógicos para a preparação do ano escolar: organização de turmas, espaços, distribuição de serviço lectivo e não lectivo, horários, relação com associações de estudantes e de EE e serviço de exames 5. Em colaboração com outros órgãos da escola, com as associações de estudantes e EE, apreciar problemas dos alunos, visando a sua integração na comunidade escolar 6. Colaborar na elaboração e actualização do RI 7. Promover a unificação dos critérios de avaliação dos alunos e coordenar a sua aplicação 8. Dinamizar a coordenação interdisciplinar 9. Colaborar com CD na inventariação das necessidades de materiais didácticos, equipamentos e estruturas de apoio, ajudando a planificar o projecto de orçamento da escola FORMAÇÃO 10. Elaborar o plano de formação dos docentes, adequado à realidade escolar 11. Definir qual o apoio/accompanhamento para os docentes com menos experiência 12. Coordenar, através dos delegados de grupo, a profissionalização em exercício, numa perspectiva de formação contínua 13. Inventariar as necessidades de formação e respectiva avaliação, informando as direcções-gerais e os órgãos de planeamento e coordenação das acções das mesmas RELAÇÕES ESCOLA – MEIO 14. Propor medidas que favoreçam o conhecimento da escola e do meio 15. Inventariar necessidades em matéria de ensino, iniciação e formação profissional e contínua, contribuindo para o aparecimento de soluções 16. Determinar quais as iniciativas que estreitem relações entre a comunidade e a escola

Adaptado: Portaria nº 970/80, de 12 de Novembro

Alguns anos mais tarde, em 1986, durante o Governo de Cavaco Silva, foi publicado o **Decreto-Lei nº 211-B/86**, de 31 de Julho, que revogou a legislação anterior sobre o regulamento do CP e órgãos de apoio nas Escolas Preparatórias, Preparatórias e Secundárias e Secundárias, por a considerar desadequada.

Determinou que o CP é “... o órgão próprio de gestão (...) no domínio da orientação e coordenação pedagógicas.”, sendo constituído pelo presidente do CD; um vice-presidente do CD (nas escolas preparatórias e secundárias); um secretário do CD (se o assunto se relacionar com a Acção Social Escolar - ASE); professores delegados de grupo, sub-grupo, disciplina ou especialidade; um representante dos docentes de técnicas especiais; o coordenador dos DT; os orientadores de estágios (da formação educacional ou licenciaturas em ensino); delegados dos alunos por ano e curso de ensino nas escolas secundárias e representante do Conselho Consultivo.

Em relação às atribuições gerais do CP constantes da Portaria nº 970/80, mantiveram-se as mesmas, tendo sido acrescentadas mais duas: aprovar o Plano Anual de Actividades (PAA) e dar parecer sobre os critérios de elaboração do orçamento da escola.

Quanto às atribuições específicas no domínio da orientação pedagógica também se mantiveram, passando o CP a ter ainda que analisar as propostas dos Conselhos de Turma (CT) sobre necessidades de compensação educativa, para assegurar o seu cumprimento.

No domínio da formação surgiram mais alterações. A função de “*Coordenar, através dos delegados de grupo, a profissionalização em exercício, numa perspectiva de formação contínua*” deixou de estar enunciada, mas acrescentaram-se cinco outras:

“5.2 – Assegurar que a formação dos docentes da escola seja uma formação permanente e, como tal, participada e com recurso cada vez maior à inovação e investigação;

5.5 – Promover formas de intercâmbio com os conselhos pedagógicos da região ou distrito numa perspectiva de formação contínua;

5.6 – Fazer a avaliação dos processos de formação dos docentes da escola;

5.7 – Apoiar a profissionalização em exercício de acordo com as indicações da direcção-geral respectiva e no âmbito da legislação aplicável;

5.8 – Designar os professores que integrarão os júris de avaliação dos docentes que se encontram na profissionalização em exercício.” (In: Decreto-Lei nº 211-B/86, p.13)

Quanto à relação escola – meio, para além das atribuições já definidas para o CP, adicionaram-se mais duas:

“6.4 – Apoiar e incentivar todas as iniciativas dos alunos no que respeita a actividades de índole cultural e de formação numa perspectiva de abertura à comunidade e de constante valorização pessoal; 6.5 – Assegurar a escolha e organização de dados que facilitem uma maior eficácia na interacção escola-comunidade.” (In: Decreto-Lei nº 211-B/86, p.13)

As políticas educativas foram-se transformando, e, em 1989, foi publicado o **Decreto-Lei nº 43/89**, de 3 de Fevereiro, que “... *define um quadro orientador da autonomia da escola genérico e flexível, evitando uma regulamentação limitativa.*”, uma vez que considera que a Reforma Educativa “(...) *não se pode realizar sem a reorganização da administração educacional, visando inverter a tradição de uma gestão demasiado centralizada e transferido poderes de decisão para os planos regional e local.*”

Este anúncio da autonomia das escolas, enquadrada cultural, pedagógica, administrativa e financeiramente, relacionou-se com a construção de um Projecto Educativo de Escola (PEE) que beneficiasse os alunos e levasse à participação de todos os intervenientes no processo educativo. Como tal, o **Decreto-Lei nº 211-B/86** foi revogado pelo **Despacho 8/SERE/89**, de 8 de Fevereiro.

Neste despacho, sobre o CP, podia ler-se que “... *é o órgão de gestão das escolas preparatórias, preparatórias e secundárias e secundárias nos domínios da orientação e coordenação pedagógicas e da formação do pessoal docente.*”. O Conselho Pedagógico manteve a mesma composição definida em 1986 pelo **Decreto-Lei nº 211-B**. As suas atribuições deixaram de estar divididas em gerais e específicas e o seu número diminuiu, apesar de continuarem a referir-se à coordenação pedagógica, à formação e à relação escola – meio. Não foi feita menção à elaboração do orçamento da escola. Também não se referiu às propostas dos CT sobre compensações educativas. No entanto, acrescentou ao CP as funções de definição de instalações específicas que justificassem a criação do cargo de *director de instalações* e de impulsionador de acções e mecanismos conducentes à construção de um PEE.

Dois anos mais tarde foi criado um novo modelo de gestão das escolas, definido pelo **Decreto-Lei nº 172/91**, de 10 de Maio. Esta nova mudança pretendeu:

“... assegurar à escola as condições que possibilitam a sua integração no meio em que se insere. Exige o apoio e a participação alargada da comunidade na vida da escola. Estabelece claramente os vários níveis de responsabilização, quer perante o conselho de área escolar ou de escola, quer perante a administração educativa. Garante, simultaneamente, a prossecução de objectivos educativos nacionais e a afirmação da diversidade através do exercício da autonomia local e a formulação de projectos educativos próprios.” (In: Decreto-Lei nº 172/91, p. 487)

Este decreto-lei conferiu a hipótese de as escolas de educação pré-escolar e/ou do 1º ciclo se agruparem em áreas escolares, com órgãos comuns de direcção, administração e gestão. No seu artigo 31º referiu que o CP

“... é o órgão de coordenação e orientação educativa, prestando apoio aos órgãos de direcção, administração e gestão da escola, nos domínios pedagógico-didáctico, de coordenação da actividade e animação educativas, de orientação e acompanhamento de alunos e de formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente.”

Nas Escolas Básicas do 2º e 3º ciclo (EB2,3) definiu que o CP deveria ter a seguinte composição e competências:

Quadro 4 – Composição e competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 172/91

COMPOSIÇÃO (ARTº 33)	COMPETÊNCIAS
Director Executivo Chefes dos departamentos curriculares Coordenadores de ano dos DT 2 representantes da Ass. de Pais e EE 3 representantes dos alunos Responsável pelo Serviço de Psicologia e Orientação (SPO)	▪ Eleger o seu presidente ▪ Elaborar e propor o RI, o PEE e o PAA ▪ Emitir parecer sobre a proposta de orçamento da escola ▪ Elaborar e acompanhar o plano de formação dos docentes e não docentes ▪ Elaborar proposta e emitir parecer quanto à gestão dos currículos, programas e actividades de complemento curricular ▪ Elaborar proposta e emitir parecer quanto à orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos e quanto à gestão dos apoios educativos ▪ Emitir parecer sobre matérias de natureza pedagógica ▪ Exercer competências constantes do RI

Adaptado: Decreto-Lei nº 172/91, de 10 de Maio

O **Despacho nº 37-A/SEEI/96**, de 5 de Setembro, veio permitir “... *ensaia* um modelo que promova uma melhor e uma mais eficaz integração dos diferentes níveis de ensino dentro da mesma escola.”, autorizando alterações à composição do CP, que passou a incluir um docente responsável pelos projectos desenvolvidos na escola e um representante de cada uma das seguintes áreas disciplinares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, História e Geografia, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, Educação Artística e Tecnológica, Educação Física e

Formação Pessoal e Social. Esta alteração veio permitir a representatividade das várias disciplinas, uma vez que os departamentos existentes nas escolas poderiam ser em menor número, cada um englobando várias destas áreas disciplinares. No entanto, não foi de aplicação obrigatória, sendo utilizado apenas nas escolas básicas de 2º e 3º ciclo que consideraram pertinentes estas mudanças.

A legislação produzida vinha determinar, pelo menos conceptual e teoricamente, uma maior descentralização do sistema educativo e uma maior autonomia das escolas. Então, em 1998, surgiu um novo decreto-lei que teve como objectivo aprovar o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino pré-escolar, básico e secundário e dos Agrupamentos entretanto já formados.

No seu texto introdutório, o **Decreto-Lei nº 115-A/98**, de 4 de Maio, considera que a autonomia das escolas e a descentralização são fundamentais para uma nova reorganização do sistema educativo, para permitirem igualdade de oportunidades para todos os alunos e qualidade na educação que se lhes oferece. Pressupõe o envolvimento das autoridades locais da comunidade em que a escola se insere na construção do PEE. A administração educativa assume um papel de apoio e regulação e continuam a existir regras fundamentais e comuns à administração e gestão das escolas, mas torna-se possível a figura de um *contrato de autonomia*. Prevê igualmente a existência de Agrupamentos de Escolas que ajudem a integrar as escolas do 1º ciclo e os jardins-de-infância.

A sua aplicação ocorreu nas escolas que estavam abrangidas pelos regimes de gestão dos **Decretos-Leis nºs 769-A/76 e 172/91**, nos Agrupamentos de Escolas existentes ao abrigo do **Despacho Normativo nº 27/97** e nas escolas básicas integradas formadas ao abrigo do **Despacho Conjunto nº 19/SERE/SEAM/90**.

Segundo este decreto-lei, são considerados Agrupamentos de Escolas as escolas básicas integradas resultantes da associação de vários estabelecimentos de ensino e as áreas escolares criadas na sequência do **Decreto-Lei nº 172/91**.

Na sua secção III refere-se ao CP, determinando que o número de elementos constituintes não deve ultrapassar os 20, sendo determinado pelo RI da escola, não esquecendo a presença do representante do SPO, da(s) associação(ões) de pais e do pessoal não docente.

O seu artigo 26º determina as competências do CP que se mantêm até hoje, e que são discriminadas em seguida:

Quadro 5 – Competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 115-A/98

▪ <u>Eleger</u> o presidente ▪ <u>Apresentar propostas</u> para a elaboração do PAA ▪ <u>Pronunciar-se</u> sobre: o projecto do PAA; a proposta do RI; a proposta de celebração do contrato de autonomia; ▪ <u>Elaborar</u>: a proposta do PEE (ou PEA)¹; o plano de formação e actualização do pessoal docente e não docente, em articulação com o centro de formação; ▪ <u>Definir</u>: critérios gerais de informação e orientação escolar e vocacional, acompanhamento pedagógico e avaliação dos alunos; princípios gerais para a articulação e diversificação curricular, apoios e complementos educativos, modalidades especiais de educação; critérios gerais para a elaboração de horários; requisitos para a contratação de pessoal docente e não docente (segundo a legislação); ▪ <u>Propor</u>: criação de áreas disciplinares ou disciplinas de conteúdos de conteúdo regional (e seus programas); desenvolvimento de experiências de inovação pedagógica e de formação (na escola e em articulação com estabelecimentos de ensino superior); ▪ <u>Adoptar manuais escolares</u>, depois de ouvidos os departamentos e conselhos de docentes; ▪ <u>Incentivar e apoiar</u> iniciativas formativas e culturais; ▪ <u>Intervir</u> na avaliação do desempenho dos docentes, nos termos da lei; ▪ <u>Acompanhar e avaliar</u> a execução das suas deliberações e recomendações

Adaptado: Decreto-Lei nº 115/98, de 4 de Maio

Em relação ao CP, pode verificar-se que ao longo dos anos de funcionamento democrático das instituições, no período pós 25 de Abril, ocorreu uma tendência para o aumento no número de pessoas com assento no órgão, deixando de ser constituído apenas por professores e alunos. Desde 1998, estes últimos apenas pertencem ao CP no ensino secundário, deixando as escolas de 2º e 3º ciclo de ter alunos representados nas reuniões. As suas posições, opiniões ou sugestões chegam ao CP por intermédio dos coordenadores dos DT. As Associações de Pais e EE apenas estão presentes desde 1991, com a implementação daquele que ficou conhecido como o *Novo Modelo de Gestão*, tal como acontece com o representante do SPO.

O número e tipo de competências deste órgão foram variando, ocorrendo um aumento de funções progressivo, abrangendo várias áreas de actuação. Compete-lhe actualmente intervir no âmbito pedagógico e didáctico, ao nível da formação dos docentes e não docentes, na articulação entre ciclos e no acompanhamento de todos os documentos internos da escola –

¹ Por alteração introduzida ao Decreto-Lei nº 115/98 através da Lei nº 24/99, de 22 de Abril

PEE (ou PEA), PAA, RI. No entanto é um órgão deliberativo, pelo que as suas deliberações não são vinculativas. O Conselho Executivo (CE) pode entender não as respeitar quando considerar não existirem condições para a sua implementação ou se forem contrárias à lei em vigor.

O quadro seguinte sintetiza o que atrás foi dito no domínio da legislação respeitante ao CP:

Quadro 6 – Síntese da Legislação sobre a constituição e funções do CP

LEGISLAÇÃO	CONSTITUIÇÃO DO CP	FUNÇÕES
<u>Decreto-Lei nº 735-A/74</u>	Presidente do CD Docentes Alunos (maiores de 14 anos)	Mantinha as funções dos Conselhos Escolares e dos Reitores (matéria disciplinar)
<u>Decreto-Lei nº 769-A/76</u>	Presidente do CD Delegados de cada grupo, subgrupo, disciplina ou especialidade Um delegado dos alunos por cada ano de escolaridade	Orientação pedagógica Promoção da cooperação entre todos os membros da escola, de modo a garantir adequado nível de ensino e conveniente formação dos alunos
<u>Portaria nº 679/77</u>		Orientação pedagógica Promoção da cooperação entre os elementos docentes e discentes (no quadro 2, pp. 15-16)
<u>Decreto-Lei nº 519-T1/79</u>		<u>Acrescenta:</u> o acompanhamento dos professores em formação; a colaboração com as equipas de apoio pedagógico; a colaboração com os CP da zona
<u>Decreto-Lei nº 376/80</u>	Presidente do CD (ou vice-presidente em sua substituição); Secretário do CD (assuntos da ASE); Delegado ou representante de cada grupo, subgrupo ou disciplina; 2 representantes dos DT; Delegados do CP para a profissionalização em exercício;	Orientação pedagógica Promoção da cooperação entre alunos e professores Acompanhamento, através do(s) delegado(s) para o efeito eleito(s), da actividade dos docentes em formação Colaboração com os CP da zona, designadamente através de reuniões de delegados
<u>Portaria nº 970/80</u>	Orientadores dos estágios pedagógicos (ramo de formação educacional ou licenciaturas em ensino); Delegados dos alunos (por ano e curso). Podiam ainda integrar este órgão os representantes dos profissionalizando em exercício	Orientação / coordenação pedagógica, nos domínios pedagógico, da formação e relação escola-meio (no quadro 3, p. 18)

Continua

Continuação

<u>Decreto-Lei nº 211-B/86</u>	Presidente do CD; Vice-presidente do CD (nas escolas preparatórias e secundárias); Secretário do CD (ASE); Professores delegados de grupo, sub-grupo, disciplina ou especialidade; Representante dos docentes de técnicas especiais; Coordenador dos DT; Orientadores de estágios (da formação educacional ou licenciaturas em ensino); Delegados dos alunos (por ano e curso de ensino nas escolas secundárias); Representante do Conselho Consultivo	<u>Acrescenta</u>: aprovar o PAA; dar parecer sobre critérios de elaboração do orçamento da escola; maiores competências ao nível da formação e da relação escola-meio; analisar as propostas dos CT sobre necessidades de compensação educativa, para assegurar o seu cumprimento
<u>Despacho 8/SERE/89</u>	A mesma que estava definida no <u>Decreto-Lei nº 211-B/86</u>	<u>Retira</u> algumas funções mais específicas (orçamento, compensações educativas) e <u>acrescenta</u> a definição de instalações que justifiquem a criação do cargo de <i>director de instalações</i> e a construção de um PEE
<u>Decreto-Lei nº 172/91</u> Novo Modelo de Gestão (não aplicado obrigatoriamente em todas as escolas)	Director Executivo Chefes dos departamentos curriculares Coordenadores de ano dos DT 2 representantes da Ass. de Pais e EE 3 representantes dos alunos Responsável pelo SPO	Elaborar e propor: RI, PEE, PAA, plano de formação dos docentes e não docentes, proposta de gestão dos currículos, programas e actividades de complemento curricular, orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos, gestão dos apoios educativos Emitir parecer sobre: orçamento da escola e matérias de natureza pedagógica Exercer competências constantes do RI
<u>Decreto-Lei nº 115-A/98</u>	Da responsabilidade de cada escola, segundo definição em RI, devendo incluir: Presidente do CE Representante do SPO Representantes das Ass. de Pais e EE Representantes dos alunos (no ensino secundário) Representante do pessoal não docente Representante dos projectos de desenvolvimento educativo Num máximo de 20 pessoas	Coordenação e orientação educativa, nos domínios pedagógico – didáctico, de orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente (no quadro 5, p. 23)

Com o aparecimento de territórios educativos de intervenção prioritária (TEIP) no ano lectivo de 1996/97, cujo enquadramento legal foi definido através do **Despacho nº 147-B/ME/96**, de 8 de Julho, foi permitido que surgissem os primeiros “Agrupamentos de Escolas” que visavam a criação de mecanismos de apoio para os alunos com mais dificuldades sócio-

-económicas ou pertencentes a minorias étnicas. Esta experiência possuía 4 grandes objectivos: melhorar o ambiente educativo e a qualidade das aprendizagens; aproximar a educação pré-escolar e os três ciclos do ensino básico através de uma visão global e articulada; criar condições de ligação entre a escola e vida activa e coordenar e articular as políticas educativas com a comunidade envolvente da(s) escolas(s).

Para que pudesse funcionar, foi determinada a formação de um Conselho Pedagógico de Território Educativo “*Para assegurar a coordenação das várias intervenções e a articulação entre a educação pré-escolar e os diferentes ciclos do ensino básico.*” Esse CP deveria integrar representantes dos vários níveis, modalidades e ciclos de ensino, representantes das associações de pais, dos serviços de saúde, da segurança social e da autarquia local, consoante as características do projecto apresentado.

Mais tarde, o **Despacho Conjunto nº 73/SEAE/SEEI/96**, de 3 de Setembro, determinou que essa composição do CP devia salvaguardar a presença do presidente do CD ou director executivo (DE), do director de cada escola do 1º ciclo e dos representantes de cada estabelecimento de ensino pré-escolar, de cada Escola Básica do 1º ciclo (EB1), de cada área disciplinar/disciplina das escolas de 2º e 3º ciclo, dos DT e das associações de pais.

O mesmo despacho indicou quais os TEIP existentes em 1996/97: 15 na Direcção Regional de Educação do Norte, 10 na Direcção Regional de Educação de Lisboa, 5 na Direcção Regional de Educação do Alentejo e 4 na Direcção Regional de Educação do Algarve.

No ano lectivo seguinte – 1997/98 – o número de TEIP aumentou ligeiramente, sendo em número de 14 na Direcção Regional de Educação do Norte, 21 na Direcção Regional de Educação do Centro, 5 na Direcção Regional de Educação do Alentejo e 5 na Direcção Regional de Educação do Algarve, segundo o **Despacho Conjunto nº 188/97**, de 4 de Agosto.

No que concerne à formação dos actuais Agrupamentos de Escolas, o **Despacho Normativo nº 27/97**, de 2 de Junho, veio criar as condições para o seu aparecimento, no âmbito da autonomia das escolas e do reordenamento da rede escolar. No seu preâmbulo, pode ler-se que a formação de Agrupamentos será “... *um processo complexo, composto por etapas sucessivas, que não será possível materializar com êxito sem a iniciativa da escola e dos seus profissionais, bem como da comunidade educativa.*”

Consignou o ano lectivo de 1997/98 como a preparação para a aplicação de um novo regime de autonomia e gestão das escolas, que surgiu posteriormente, com a publicação do Decreto-Lei nº 115-A/98.

A constituição de Agrupamentos durante o ano lectivo 1997/98 tinha que ser devidamente fundamentada e autorizada através de despacho do Director Regional de Educação, devendo privilegiar-se as propostas de Agrupamento que pudessem favorecer a existência de um percurso escolar sequencial e articulado através da associação de jardins-de-infância e escolas do 1º ciclo (na mesma área geográfica), fossem reflexo de experiências de escolas básicas integradas, áreas escolares ou territórios educativos de intervenção prioritária, ou tivessem como objectivo reduzir situações de isolamento (em especial de jardins-de-infância, escolas do 1º ciclo e do ensino básico mediatizado). Os jardins-de-infância e as escolas que passassem a pertencer a um Agrupamento deveriam elaborar ou reformular o seu PEE e RI, em Conselho Escolar ou CP, cuja constituição poderia ser alterada para facilitar o processo de constituição do Agrupamento. Se este envolvesse jardins-de-infância e escolas do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico, o CP deveria passar a ter representantes dos vários níveis de ensino, tal como o Conselho Escolar quando o Agrupamento envolvesse jardins-de-infância, escolas do 1º ciclo e do ensino básico mediatizado.

O Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, definiu o conceito de Agrupamento de Escolas, no seu artigo 5º: “... *é uma unidade organizacional dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis e ciclos de ensino, a partir de um projecto pedagógico comum ...*” .

Considerou que a formação de Agrupamentos devia permitir atingir cinco grandes finalidades:

- “a) Favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória numa dada área geográfica;*
- b) Superar situações de isolamento de estabelecimentos e prevenir a exclusão social;*
- c) Reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que o integram e o aproveitamento racional dos recursos;*
- d) Garantir a aplicação de um regime de autonomia, administração e gestão, nos termos do presente diploma;*
- e) Valorizar e enquadrar experiências em curso.”*

Ao ser constituído, tendo em atenção que não deveria permitir que nenhuma escola ficasse em situação de isolamento, um Agrupamento de Escolas deveria possuir projectos pedagógicos

comuns, construir percursos escolares integrados, permitir a articulação curricular entre os diferentes ciclos de ensino, reunir escolas localizadas em zonas próximas geograficamente (dentro do mesmo Concelho, salvo caso excepcionais devidamente autorizados) e permitir a expansão da rede pré-escolar e a reorganização da rede educativa. Cada escola agrupada mantinha a sua identidade e nomenclatura, sendo criada uma designação para o Agrupamento.

O **Decreto Regulamentar nº 12/2000**, de 29 de Agosto, manteve a definição de Agrupamento e as finalidades e princípios já referidos no **Decreto-Lei nº 115-A/98** e veio regulamentar os requisitos e os procedimentos necessários para a constituição de Agrupamentos de estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e do ensino básico. No seu preâmbulo refere que:

“A estratégia adoptada de Agrupamento de escolas do ensino básico visa, assim, tornar mais coerente a rede educativa baseada em dinâmicas locais de associação, tendo por base projectos educativos comuns e procurando superar situações de isolamento de escolas e de exclusão social, sem perda da identidade própria de cada um dos estabelecimentos que constitui o Agrupamento.”

Segundo este decreto regulamentar, existiam alguns requisitos que tinham de coexistir para a formação de um Agrupamento: concordância do município, compatibilidade com o reordenamento da rede educativa e com a carta escolar concelhia, existência de recursos financeiros viáveis e cumprimento de parâmetros técnicos a definir.

A proposta para a constituição do Agrupamento devia partir dos órgãos de administração e gestão das escolas interessadas ou da Câmara Municipal e devia ser entregue ao Director Regional de Educação, depois de ouvidas as associações de pais e outras entidades representativas dos interesses da comunidade envolvente. Essa proposta, a entregar até ao final de Janeiro de cada ano, devia mencionar, segundo o artigo 5º do **Decreto Regulamentar nº 12/2000**, os seguintes elementos:

“a) Estabelecimentos a agrupar e áreas geográficas de influência; b) População escolar abrangida; c) Finalidades visadas para a constituição do Agrupamento; d) Recursos humanos, físicos e financeiros disponíveis; e) Designação proposta para o Agrupamento; f) Estabelecimento previsto para sede do Agrupamento, onde funcionarão a direcção executiva e os serviços de administração escolar.”

O ano lectivo subsequente à entrega da proposta seria o de instalação do Agrupamento, com a formação de uma Comissão Executiva Instaladora (CEI), nos termos anteriormente definidos

pelo Decreto-Lei nº 115-A/98. Até a CEI estar constituída e eleita, a administração e gestão das escolas continuava a ser assegurada pelos órgãos em funções à data da constituição do Agrupamento. Após a eleição da CEI, esta devia promover a elaboração do primeiro RI e assegurar a entrada em funcionamento da Assembleia do Agrupamento (AA) e do Conselho Executivo do Agrupamento, terminando nessa altura os mandatos de todos os órgãos que se encontrassem em funções. Para que o RI elaborado pudesse ser aprovado, devia ser eleita uma Assembleia Constituinte, formada por representantes dos professores, da associação de pais e encarregados de educação, dos alunos (no ensino secundário), do pessoal não docente e da autarquia local, cuja função cessaria após cumprida a sua função, sendo substituída pela AA entretanto eleita. O novo CP e a nova AA deveriam integrar docentes de todos os níveis e ciclos de ensino das escolas do Agrupamento.

As escolas do Agrupamento passavam então a possuir órgãos comuns de direcção, administração e gestão, bem como os mesmos Regulamento Interno, Plano Anual de Actividades, Projecto Educativo de Agrupamento e Projecto Curricular de Agrupamento.

2.2- PERCEPÇÃO

Incluir algumas ideias sobre a percepção e a auto-percepção neste enquadramento afigura-se relevante, uma vez que as respostas obtidas no decurso da investigação serão o resultado conjunto das várias percepções que os docentes aceitarem partilhar. Provavelmente ir-se-ão encontrar respostas idênticas em determinados aspectos e distintas noutros, o que enriquecerá os resultados obtidos e as conclusões que deles se tirarem.

A percepção pode ser uma sensação ou o resultado de um processo cognitivo. Para FORRESTER (2000, p.18):

“As sensation, perception is grounded on stimuli activating the senses and their neural correlates: seeing, smelling, touching, hearing, tasting and kinaesthesia. However, as cognition, perception involves remembering, recognising, associating and other related cognitive processes.”

RODAWAY (**In:** FORRESTER, 2000, p.17) diz: *“There are at least two meanings to the world perception: one being the reception of information through the senses, the other as «mental insight», which would include processes dependent on memories and expectations.”*. Para

estes autores a percepção pode entender-se segundo duas vertentes: a sensorial e a cognitiva. Os órgãos dos sentidos captam estímulos do exterior criando percepções imediatas. Essas percepções podem ser utilizadas através de processos cognitivos que vão decifrá-las e atribuir-lhes significados, resultantes de anteriores experiências – a memória, o reconhecimento, a associação de situações e as expectativas vão transformar a percepção.

Este processo de construção de percepções acontece no contacto interpessoal estabelecido diariamente com o outro ou com uma determinada situação. BRUNER et al. (*In*: MORALES et al., 1996, p.95) dizem que a formação de uma percepção começa por compreender dois processos principais: a recodificação e selecção de toda a informação proveniente do exterior para diminuir a sua complexidade e permitir a sua memorização, e a intenção de ir para além da informação recebida, o que permitirá antecipar acontecimentos e evitar ou reduzir o factor surpresa.

A percepção é parte integrante da área de cognição social e estabelece diversos processos sequenciais que ocorrem quando há uma relação com outras pessoas. Começa-se por reagir a uma pessoa ou situação através de um reconhecimento de emoções provenientes da comunicação não verbal estabelecida (traduzida pelo seu rosto, os seus movimentos, a sua postura, etc.). Desse modo, forma-se uma primeira impressão relativa ao interlocutor, que depende do seu aspecto físico, da forma de vestir e de falar ou da sua simpatia, entre outros factores.

No processo de formação de impressões, a conduta de um indivíduo, bem como outros dos seus atributos levam a que seja feita uma inferência sobre as suas características psicológicas. Algumas dessas características aparecem associadas, o que depende do contexto em que estão inseridas. No entanto, na opinião de BROMLEY (1993, p.36) *“First impressions can have considerable effects on person perception, but such impressions are unlikely to persist for long in the face of counter-evidence from closer acquaintance.”*

Assim, apesar de mais ou menos efémeras, as primeiras impressões influenciam a percepção das pessoas sobre quem ou o que as rodeia e, por outro lado, podem conduzir a um consenso sobre a sua reputação, baseado em estereótipos comuns que julgam em função da aparência ou crenças anteriores. Um conhecimento mais profundo da pessoa ou da situação e a diversificação de informações sobre as mesmas terá a função de diminuir esses consensos.

Depois de estabelecida esta primeira impressão, tem-se a natural tendência para atribuir uma causa que seja explicativa do comportamento ou acontecimento observado. Nas palavras de MORALES et al. (1996, p.94) “... *nuestros sentimientos, pensamientos y conductas respecto a tal persona estarán mediatizados por el tipo de causa a que atribuyamos su conducta.*”

Subjacente a esta primeira fase de construção de uma percepção – reconhecimento de emoções, primeira impressão e atribuição de uma causa – ocorre a utilização de esquemas ou conjuntos organizados de conhecimentos, com o objectivo de tomar rapidamente decisões sobre o que está em causa. Obviamente, esses esquemas são condicionados por outros previamente interiorizados e que dizem respeito à forma como se entende que o comportamento deve ser em determinadas situações, em determinados grupos sociais e ainda ao modo como o próprio comportamento é condicionado.

Por último, ocorre um relacionamento entre o acontecimento ou pessoa sobre o qual se está a formar uma percepção e outros semelhantes, armazenados na memória e que são recuperados para voltar a aplicar.

Para MORALES et al. (1996, p.95) “*Podemos decir que una de las razones, quizás la principal, de nuestra supervivencia como especie y como individuos está en la adecuada percepción del medio – físico y social – y en la adaptación a estas condiciones cambiantes.*”

FESTINGER (1957), na Teoria da Dissonância, refere que a percepção é entendida como um processo através do qual é possível seleccionar, organizar e interpretar estímulos, transformando-os numa imagem coerente e significativa. Desta forma, cada indivíduo pode bloquear os estímulos desfavoráveis, que o magoam ou que não se revistam de interesse, optando por perceber apenas os estímulos relacionados com algo que deseja ou necessita.

Por outro lado, de acordo com MORALES (1996), as percepções sobre os indivíduos são condicionadas pelas expectativas criadas e sofrem influência de vários factores, podendo estar relacionados com o indivíduo que constrói a percepção, com a pessoa / situação de quem se constrói uma percepção ou com o conteúdo da mesma. Factores como a aparência física, as primeiras impressões, os estereótipos ou as conclusões apressadas podem levar a interpretações de estímulos menos objectivas.

Relativamente ao indivíduo que constrói a percepção, esta é influenciada pelas suas motivações e expectativas condicionantes da sua formação de impressões sobre o que é

percepção. Outros factores cuja influência se faz sentir na formação de impressões por parte daquele que o está a fazer, segundo MORALES et al. (1996, p.112), são:

- A familiaridade com o indivíduo que se percebe – favorece a formação de percepções mais completas e exactas;
- O valor do estímulo, que acentua as características consideradas positivas pelo indivíduo que percebe, valorizando-as mais;
- O significado emotivo do estímulo, que depende do seu poder para proporcionar a quem percebe consequências positivas ou negativas;
- A experiência em interpretar as expressões do outro, que conduz à formação de percepções mais acertadas.

MORALES et al. (1996, p.112) baseiam-se em JONES (1988), referindo:

“El papel activo del perceptor en la formación de impresiones no se limita a tener metas, construir la información y encuadrar la información construida en esquemas relacionados con sus metas, El papel del perceptor va mucho más allá, pues él mismo suscita la información o crea las condiciones bajo las cuales se genera la información sobre la persona estímulo.”

Existem igualmente variáveis que influenciam a construção da percepção, associadas à pessoa sobre quem essa percepção é construída. Ela poderá, de forma consciente ou inconsciente, manipular a formação de impressões por parte do outro, na direcção que lhe seja mais favorável para obter aceitação social ou benefícios materiais. Essa manipulação pode utilizar, entre outras, as seguintes estratégias²:

- Elogio do outro e concordância com as opiniões que emite e as atitudes que assume;
- Intimidação, em especial se o outro não pode abandonar a relação estabelecida;
- Revelação das suas próprias habilidades e características positivas com ocultação dos defeitos;
- Suscitar no outro o dever moral de fazer algo ou induzir-lhe um sentimento de culpa.

Esta manipulação da formação de impressões não tem de ser associada à tentativa de fazer com que os outros possuam uma imagem falsa³ do indivíduo sobre o qual estão a formar uma percepção. Consiste, antes, no evidenciar das características verdadeiras que a pessoa possui e

² MORALES, Francisco J. et al. – **Psicología Social**. Spain: McGraw-Hill, 1996, p.113-114;

³ TETLOCK & MANSTEAD (1985), referenciados por MORALES et al (1996, p.114);

que podem favorecer os seus intentos de aceitação social, uma vez que não é fácil manter por muito tempo uma situação de mentira.

Por último, existem factores relativos ao conteúdo da percepção – informação disponível para a formação de impressões – que influenciam a sua construção:

- Os primeiros elementos informativos têm um maior peso na formação de impressões do que os últimos⁴, por serem menos consistentes em relação à informação predominante anterior – hipótese “*de la desestimación*” – ou porque ocorreu uma diminuição da atenção devido ao cansaço ou à crença que, por serem os últimos, são menos importantes – hipótese “*de la disminución da la atención*”;
- Os últimos elementos informativos podem ter um maior peso na formação de impressões⁵ quando a informação recente é mais fácil de recordar do que aquela que foi recebida inicialmente ou quando existe um pedido para que se preste atenção a toda a informação;
- Se a informação que se tem sobre uma pessoa possui aspectos positivos e negativos, são os últimos que assumem maior relevância na formação de impressões⁶, sendo mais difícil modificar uma primeira impressão negativa, uma vez que parece fácil confirmar uma avaliação negativa e difícil adquirir uma avaliação positiva com base nos traços/expressões da pessoa sobre quem se está a construir uma percepção⁷ [Segundo SEARS (*In*: MORALES et al., 1996, p.117) existe uma tendência em ver nos outros os aspectos positivos e não os negativos, pelo que as avaliações negativas são menos habituais e, por isso, mais duradouras.];
- Uma informação única parece possuir um maior impacto sobre a formação de impressões que uma informação redundante (repetitiva, supérflua);
- A informação sobre a pessoa que se está a perceber pode ser confirmada ou negada segundo diferentes graus – mais ou menos facilmente⁸ –, pelo que quanto mais clara e precisa for a característica atribuída a essa pessoa maior a importância que assume na formação da percepção;

⁴ ASCH (1946); ANDERSON (1974); JONES (1990), referenciados por MORALES et al (1996, p.115-116).

⁵ TETLOCK (1983); TETLOCK Y KIM (1987), referenciados por MORALES et al (1996, p.116);

⁶ ANDERSON (1965); HAMILTON Y ZANNA (1972); HOGGES (1974), referenciados por MORALES et al (1996, p.116);

⁷ ROTHBART Y PARK (1986), referenciados por MORALES et al (1996, p.117);

⁸ ROTHBART Y PARK (1986), referenciados por MORALES et al (1996, p.117).

- O conteúdo da informação recebida também influencia a formação de percepções. Essa informação pode dizer respeito a características muito diversas:

- aspecto físico – características anatómicas, vestuário, movimentos, etc.;
- forma de agir perante as situações;
- traços de personalidade e atitudes inferidas;
- papéis sociais desempenhados, metas e objectivos que procura atingir e o contexto em que a informação é obtida.

Cada indivíduo possui esquemas de processamento de informação, reconhecidos pela primeira vez por BARTLETT⁹, que correspondem a estruturas complexas e inconscientes de conhecimentos / informações, organizados em função de reacções ocorridas no passado e guardadas na memória, actuando por forma a que o indivíduo produza uma resposta adequada. Para a Psicologia Social Cognitiva é esse conjunto de esquemas que guiam a percepção de cada pessoa sobre a personalidade e as condutas dos outros, funcionando como um filtro da informação de forma a atribuir-lhes um determinado sentido. Esses esquemas, segundo MORALES et al. (1996, p.158-165) podem dividir-se em várias categorias, entre as quais:

- Auto-esquemas: organização dos conhecimentos anteriores que a pessoa tem sobre si própria e que utiliza para seleccionar e processar a informação relevante sobre si, com base em experiências passadas. Estes esquemas parecem estar mais acessíveis na memória do que aqueles que dizem respeito a outras pessoas, são mais complexos, têm maior carga afectiva e representam-se mais sob a forma verbal que visual¹⁰;
- Esquemas de pessoas: são esquemas que conduzem à colocação do outro numa dada categoria, respeitante às suas características, objectivos, motivos e tipos de actuação característicos. Vão influenciar a percepção que se tem dele, podendo causar-lhe distorção. São-lhe atribuídas, por associação à categoria em que foi inserido, características que pode não possuir;
- Esquemas sobre papéis e grupos sociais: correspondem à interiorização de normas e expectativas relativamente ao papel social desempenhado ou a um grupo social específico. Correspondem aos estereótipos que influenciam a percepção de um

⁹ Segundo LEYENS (1983), referenciado por MORALES et al (1996, p.156);

¹⁰ Segundo MARKUS Y ZAJONC (1985) ; FISKE Y TAYLOR (1991).

indivíduo, atribuindo-lhe características que estão associadas com o papel desempenhado e não com a sua actuação e atributos reais.

Como se pode verificar após a enumeração de muitos dos factores condicionantes da formação de percepções, esta reveste-se de um carácter subjectivo. Uma mesma pessoa ou a mesma situação – a formação de um Agrupamento Vertical de Escolas ou o funcionamento de um órgão (Conselho Pedagógico) constituído por indivíduos – pode ser percebida de tantas maneiras distintas quantas forem as pessoas que o estiverem a fazer. No decurso das entrevistas e do grupo focal cada docente será convidado a reflectir sobre as vantagens e desvantagens da formação do Agrupamento, o funcionamento do seu Conselho Pedagógico antes e depois da integração do 1º ciclo nesse órgão, as dificuldades e benefícios para as escolas do 1º ciclo e para os professores que as representam por aí terem assento e por não serem o Coordenador de Estabelecimento. As suas respostas – as suas percepções – estarão sujeitas a todas as variáveis enunciadas.

2.2.1 - A Auto-Percepção

Percepcionar pessoas e situações é um acto que se pratica a todo o momento. No entanto, pode ser também um virar para o interior da própria pessoa que constrói a percepção, tentando compreender-se através da observação da sua actuação em várias situações, ou seja, contextualizando a conduta adoptada.

As acções praticadas por cada indivíduo afectam o relato que faz do seu comportamento. Na tentativa de saber quais os motivos que o determinam, os psicólogos sociais avançam com três tipos de explicações¹¹: a teoria da auto-apresentação, a teoria da auto-percepção e a teoria da dissonância.

Segundo a teoria da auto-apresentação, os indivíduos tendem a relatar os seus comportamentos de forma a torná-los consistentes com as suas acções, para tentarem criar uma boa impressão nos que os rodeiam. Há uma preocupação em relação ao que os outros vão pensar, apesar que também podem ocorrer alterações de comportamento genuínas. MORALES

¹¹ MYERS, David - *Social Psychology*, Fifth Edition, 1996 (p.144 –161).

et al. (1996, p.78) referem-se a esta teoria como uma hipótese na área da interacção social mencionando:

“... la conducta ante otros se entendía como un intento de controlar o reaccionar a una autoimagem pública. Al aparecer ante otros, el sujeto pone en juego una autoimagem idealizada y normativa, que reivindica un cierto estatus ante los otros y obliga al sujeto a presentarse en consonancia con ella,”

A teoria da auto-percepção diz-nos que é feita uma inferência sobre o próprio comportamento a partir da sua observação e das circunstâncias que o rodearam noutras situações anteriores, em que o indivíduo actuou como observador externo.

MORALES et al. (1996, p.595) referem que, segundo a teoria da auto-percepção de DARYL BEM (1972), as pessoas recordam o que fizeram ou disseram no passado sobre um determinado indivíduo ou situação, tirando daí inferências quanto a si próprias e aos seus comportamentos. Se a sua reacção no passado foi positiva a sua inferência é feita igualmente segundo essa perspectiva, o mesmo acontecendo no caso contrário, excepto se existir uma justificação externa bastante consistente.

Segundo MYERS (1996, p.150) quando alguém está inseguro sobre as suas atitudes – se as considera fracas ou ambíguas – faz inferências sobre as mesmas como se outra pessoa estivesse a olhá-las a partir do exterior. A análise feita em relação aos próprios comportamentos e atitudes toma como modelo as reacções que essas mesmas atitudes provocariam se fossem tomadas por outras pessoas. O conhecimento de si próprio deve ser procurado não apenas pela auto-contemplação, mas também pela acção¹². Todos os actos cometidos livremente por cada indivíduo são reveladores da sua personalidade, não podendo sempre ser atribuídos a causas externas. Então, é importante olhar para si próprio – ouvir o que se diz e o que se faz – para tentar compreender-se.

MYERS (1996, p.161) refere que, segundo a teoria da auto-percepção, pode acontecer que quando se recompensa alguém por possuir determinada atitude, mesmo que essa atitude se relacione com algo que o indivíduo goste, este pode atribuir o seu comportamento a essa recompensa, transformando-o em algo que passa a detestar.

¹² GOETHE, (1749-1832), citado por MYERS (1996, p.151).

Por outro lado, a teoria da dissonância de FESTINGER (1957), afirma que uma atitude contraditória em relação às crenças do indivíduo provoca um estado de tensão e desagrado, que é diminuído, tornando as suas condutas mais consistentes com essas crenças, devido à intervenção de um processo cognitivo. Essa tensão aparece porque o indivíduo está consciente de que possui em simultâneo duas cognições inconsistentes. Sentir que há inconsistência em relação a duas crenças provoca um mal-estar, que pode forçar a uma mudança na forma de pensar. O comportamento deve ser alterado por uma escolha consciente e não devido a uma forma de pressão que envolva alguma punição ou recompensa. O comportamento é justificado para diminuir o desconforto interno que se sente. Quanto maior ou mais importante for a decisão a tomar, maior o estado de tensão a que o indivíduo fica sujeito.

Comparando as teorias da dissonância e da auto-percepção, MYERS (1996, p.156) afirma: “... *the dissonance-theory assumption that we justify our behaviour to reduce our internal discomfort and the self-perception theory assumption that we observe our behaviour and make reasonable inferences about our attitudes, as we do when observing other people.*” Embora parecendo apontar em diferentes direcções, é lembrado por MYERS (1996) que, como teorias que são, elas são diferentes tentativas de explicação de um mesmo facto.

Como alternativa às teorias da dissonância e da auto-percepção, MORALES et al. (1996, p.602) referem a “*teoria da manipulação da impressão*”¹³, defendendo que as pessoas se preocupam com a impressão causada nos outros, procurando apresentar-se perante eles como indivíduos consistentes, mesmo implicando a manipulação das impressões dos outros, por forma a que as suas percepções conduzam à formação de uma imagem positiva e socialmente aceite. Pode não existir uma real mudança de comportamento.

Durante a realização das entrevistas e do grupo focal, assistir-se-ão a interacções entre o entrevistador / moderador e os docentes participantes no estudo e, simultaneamente, a interacções entre os próprios (no caso do grupo focal). Serão estas interacções que irão permitir uma abordagem diferenciada em relação às questões colocadas, que poderá enquadrar-se em qualquer uma das teorias referidas consoante as características de cada um dos docentes. Quando forem convidados a reflectir sobre as questões propostas poderão sentir algum desconforto, ambiguidade de pensamento ou necessidade de mostrar uma opinião que consideram positiva. Essas ou outras situações que ocorram podem influenciar as respostas dadas ou as reflexões feitas. A forma como cada um dos participantes se vê a si próprio

¹³ TEDESCHI, SCHLENKER Y BONOMA (1971); TEDESCHI Y ROSENFELD (1981); SCHLENKER (1982).

enquanto indivíduo e profissional pode determinar as respostas dadas, positiva ou negativamente. O exercício de auto-percepção não se afigura simples, e os resultados obtidos poderão servir como ponto de partida para posteriores investigações.

A auto-percepção que cada pessoa tem de si e do que a rodeia tem a ver com a sua identidade. Para SCHLENKER (1980, p.69) “*Social identity is the way a person is defined and regarded in social interaction.*”. Na realidade, a identidade de cada indivíduo influencia a sua auto-percepção e decorre do seu relacionamento com os outros, dependendo da forma como eles o percebem quando desempenha, no seu dia-a-dia, os diversos papéis sociais. Também o *status* relativo que lhe é atribuído, os comportamentos públicos e os atributos sociais que lhe são imputados contribuem para a construção de uma identidade, logo para a formação de auto-percepções.

CHILD (*In*: SCHLENKER, 1980, p.71) refere: “*To select an identity does not always involve a conscious choice.*”. Isto significa a existência de determinados contextos sociais em que o indivíduo assume uma determinada identidade em função de realidades anteriores ou em função das expectativas, sem que esse facto esteja a ser conscientemente assumido. Por outro lado, existem características que lhe são inerentes, não passíveis de serem alteradas, pelo que o controlo da identidade não pode nunca ser completo, mesmo que fosse essa a sua vontade.

A auto-percepção de cada um dos sujeitos do estudo a efectuar sofrerá então a influência directa da sua identidade e o contexto em que serão levados a reflectir pode condicionar o que vier a ser dito. Pode haver a tendência de dizer o esperado e não o que realmente se pensa. Este é mais um dos motivos que faz com que o estudo de percepções sobre uma determinada temática ou realidade, feito com uma determinada amostra, não possa ser alvo de generalizações para todo o universo em estudo.

3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1 – PESQUISA QUALITATIVA

Segundo FORTIN (1999, p.40), a fase metodológica de uma investigação diz respeito aos métodos utilizados “(...) *para obter as respostas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas (...)*”.

A escolha do *paradigma qualitativo* surge como um processo lógico visto que este, como referem STREUBERT & CARPENTER (2002, p.16) “(...) *envolve uma abordagem da realidade interpretativa e naturalista (...)*” através da qual “(...) *os investigadores que trabalham com estes métodos estudam as coisas nos seus locais nativos, buscando o sentido e a interpretação que aquelas pessoas lhe atribuem (...)*” (In: DENZIN & LINCOLN, 2000). Podemos também ler em BOGDAN & BIKLEN (1994, p.17) exactamente a mesma ideia:

“Em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas.”

Esta investigação enquadra-se num estudo de caso qualitativo, em que se pretende “... *responder a questões de «como» ou «porquê»; o investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno actual no seu próprio contexto.*” (In: CARMO & FERREIRA, 1998, p.216)

Assim, ao pretender identificar a percepção dos professores do Conselho Pedagógico sobre a integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escola, nomeadamente no que se refere ao funcionamento do Conselho Pedagógico, a abordagem utilizada procurará interpretá-la tal qual é na realidade, pois só assim se poderá obter conhecimento acerca de uma questão relacionada com a experiência e visão de cada um, decorrente da sua interacção com o meio envolvente.

Para além disso, POLIT & HUNGLER (1995, p.270) afirmam que “ (...) a *pesquisa qualitativa* costuma ser descrita como *holística* (preocupada com os indivíduos e seu ambiente, em todas as suas complexidades) e *naturalista* (sem qualquer limitação ou controle impostos ao investigador).” Ora, este raciocínio holístico permite adquirir uma visão integrada das dimensões implícitas nas percepções reveladas pelos docentes. O seu carácter naturalista permite perceber a verdadeira essência do problema, pois ao não serem criadas limitações para a compreensão do que se pretende estudar, consegue-se explorar verdadeiramente uma determinada realidade.

POLIT & HUNGLER (1995, p.270) complementam dizendo que “(...) *esse tipo de pesquisa baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida pelos seus próprios actores.*” Assim, tendo em conta que se pretende determinar as percepções dos docentes, só através de uma explicação dos próprios, relativa à temática, se podem obter conhecimentos válidos para uma questão centrada na experiência pessoal. Neste caso, uma abordagem quantitativa não seria adequada, devido à sua “(...) *incapacidade de descrever plenamente os aspectos dos valores, cultura e relações humanas.*” (STREUBERT & CARPENTER, 2002, p.1)

BOGDAN & BIKLEN (1994, p.51) referem ainda que “*Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos da investigação (...)*” considerando que esta é uma forma de tentar entender as suas experiências sob o seu exacto ponto de vista. É a consequência de um “ (...) *diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos (...)*”

STREUBERT & CARPENTER (**id**, p.17), também abordam a *pesquisa qualitativa* e enumeram um conjunto de características que a caracterizam, definindo-as em seis pontos:

- Uma crença em múltiplas realidades;
- Um compromisso com a identificação de uma abordagem para compreender o fenómeno estudado;
- Um compromisso com o ponto de vista do participante;
- Uma conduta de pesquisa que limita a corrupção do contexto natural do fenómeno de interesse;
- Um reconhecimento da participação do investigador na investigação;

- Uma compreensão do fenómeno, relatando-o de forma literária e incluindo o comentário dos participantes.

Analisando de forma lógica esta informação e simultaneamente aplicando-a, transforma-se a informação em conhecimento tornando-se num processo de aprendizagem activo. *“Both the researcher and the builder start with questions and end with a product to be use.”* (ROSSMAN & RALLIS, 2003, p.4)

Autores como PATTON (1987), MORGAN (1988), GRBICH (1999), MARSHALL & ROSSMAN (1999), POPE & MAYS (2000), OLIVEIRA (2001), HAMMELL, CARPENTER & DYCK (2002), MASON (2002), CRESWELL, (2003), entre outros, abordam esta temática procurando definir os seus próprios conceitos. As definições daí resultantes decorrem de diferentes perspectivas, centrando no entanto as suas diferenças essencialmente nas características do investigador, nas características dos sujeitos em investigação e no ambiente que interage e influencia interna e externamente cada um dos *“actores”* pertencentes à investigação. Segundo GRBICH (1999, p.5), por exemplo, podem dividir-se estas diferenças em dois grupos, caracterizando-os da seguinte maneira:

“This variety of definitions indicates that even within qualitative approaches there are differences in emphasis between those who believe that there is a world ‘out there’, which can be accessed through the use of particular techniques and those who believe that this world is socially constructed by the researcher and other participants (Kellehear, 1993). The first group believes that the researcher can participate in, and document, the ‘outer’ world with minimal intrusion. The second group believes that the perceptions of the researcher and other participants in the ‘socially constructed’ world are intricately interwoven.”

Uma outra perspectiva que procura definir a pesquisa qualitativa é a referida por OLIVEIRA (2001), cujo pensamento visa procurar as diferenças entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, referindo que essa diferença resulta essencialmente da utilização ou não de dados estatísticos.

Segundo este mesmo autor (OLIVEIRA, 2001, p.116) na abordagem qualitativa não se aplicam dados e tratamento estatístico na resolução de um problema, dado que *“não tem a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogéneas.”* Pode assim verificar-se que o mesmo assunto de reflexão tem uma outra perspectiva na tentativa de definição.

Por outro lado, muitos afirmam que falar em pesquisa quantitativa é também falar em pesquisa qualitativa. Tentam através deste ponto de vista afirmar que na investigação “moderna” não deverão existir diferenças substanciais entre os dois conceitos, (GOODE & HATT, 1968) dado que a precisão que se atribui às “medidas” é uma falácia, no sentido em que o que é medido não deixa de ser uma qualidade. Outros, como DENZIN & LINCOLN (1988), referenciam de forma muito clara os aspectos considerados negativos. DENZIN & LINCOLN (1998), p.31 escrevem o seguinte: “*The field of qualitative researchers is defined by a series of tensions , contradictions, and hesitations.*” A profundidade do raciocínio que argumenta e defende as ideias expressas torna difícil a possibilidade de obter qualquer unanimidade nesta matéria. Os debates acima referenciados são por isso extremamente vivos e considerados de grande utilidade para os pensadores contemporâneos, mas não podem limitar ou paralisar a utilização efectiva deste tipo de pesquisa pelos investigadores na actualidade.

FORTIN (1999, p.156) também se refere a críticas que referenciam pontos negativos inerentes a este método de investigação, como por exemplo:

- A referência ao facto de considerarem pequenas as amostras utilizadas neste tipo de pesquisa, não sendo por isso representativas;
- A falta de fidelidade dos métodos utilizados nas abordagens qualitativas, em parte devido à qualidade da amostra, alterando o rigor da análise dos dados;
- A falta de validade dos métodos, embora actualmente facilmente refutado pela quantidade de métodos de validação existentes.

Não sendo objectivo desta dissertação argumentar de forma profunda todos os aspectos positivos e negativos inerentes à pesquisa qualitativa, convém no entanto referir o seguinte: a sua difícil definição pode influenciar a prática do investigador. As dúvidas podem persistir entre “... *what is good research and what is bad.*” (MASON, 2002, p.6)

Independentemente das perspectivas apresentadas por cada um dos autores e/ou investigadores, talvez o ponto a que se deva atribuir maior relevância seja o “*focus*” da investigação, exigindo-se desta forma ao investigador uma definição mais adequada do seu objecto de estudo, ao qual deverá atribuir uma conotação mais quantitativa ou qualitativa.

Autores como MARSHALL & ROSSMAN (1999), MASON (2002), RICE & EZZY (2000), entre outros, referem que a pesquisa qualitativa tem vindo a aumentar progressivamente a sua importância, se se considerar como base os níveis de investigação centrados nas ciências sociais e aplicados a campos tão específicos como a educação, o planeamento regional, a enfermagem, a assistência social, o desenvolvimento das comunidades e a gestão.

Segundo ROSSMAN & RALLIS (2003, p.6) a pesquisa qualitativa começa antes de mais com a colocação de questões. Na opinião dos autores, os investigadores que utilizam a metodologia qualitativa procuram posteriormente respostas para as questões formuladas a partir do mundo real. Para que se responda a essas questões, o pesquisador tem que reunir os dados que considera serem os blocos da base da construção de um “*edifício*”, que pode denominar-se como informação.

Os dados que se pretendem reunir são constituídos por imagens, sons, palavras e números, sendo, desta forma, o conjunto destes quatro elementos.

MASON (2002) também contribui com o seu pensamento, referindo que a pesquisa qualitativa tem um enorme potencial e que os que a utilizam enfrentam enormes desafios. Por este facto não se devem esperar facilidades: “*Yet it cannot be done by rote or by recipe.*” (MASON, 2002, p.1) A natureza do esforço que terá que ser associado à utilização deste tipo de pesquisa requer uma profunda dedicação por parte dos pesquisadores, consubstanciada num ideal muito forte. O fascínio pela pesquisa qualitativa tornou-se o “*focus*” de profundos debates centrados muitas vezes na capacidade e habilidade do investigador na descoberta de verdades ou na capacidade de representar as realidades dos outros.

O maior desafio da pesquisa qualitativa será, eventualmente, a aprendizagem das diferentes fases que a compõem e a construção e manutenção da reputação do investigador, sem descurar a característica humana que denominamos por sensibilidade e a sua contínua presença em todo o processo de investigação. Segundo MASON (2002, p.7), esta deverá ser conduzida de forma rigorosa, sistemática e estratégica, sendo no entanto flexível sem perder a noção da realidade; deverá ser conduzida com responsabilidade e com o cuidado de evitar eventuais julgamentos precipitados. Para contrariar os pontos apontados como negativos, tais como a falta de neutralidade ou de objectividade, o pesquisador deverá fazer constantes introspecções a todo o procedimento adoptado, compreendendo muito bem o seu papel no processo de investigação. Deve ainda produzir argumentos e explicações com a utilização da

observação selectiva e da interpretação – ponto de vista do pesquisador inserido na sua realidade social e tendo em conta os seus objectivos de pesquisa – em vez de reclamar para si apenas as descrições obtidas. Os argumentos e explicações encontrados deverão ser de alguma forma generalizados no sentido de obter algum impacto. A utilização de outros métodos de pesquisa, combinados com a utilização da metodologia qualitativa, deve ser cuidadosamente ponderada. Por fim, não deverão ser esquecidas as questões morais e éticas, atribuindo uma atenção especial aos contextos políticos presentes em qualquer domínio social. Complementando a ideia, RICE & EZZY (2000, p.6) escrevem o seguinte: "*Good qualitative research requires expertise in doing qualitative research.*"

O uso da pesquisa qualitativa neste estudo surge assim como um dos processos lógicos a utilizar, indo ao encontro do desenho metodológico, dado que se insere dentro da argumentação utilizada por FORTIN (1999), MARSHALL & ROSSMAN (1999), MASON (2002), STREUBERT & CARPENTER (2002), e ROSSMAN & RALLIS (2003), apesar dos riscos que lhe são inerentes.

Este estudo tem também um carácter *descritivo* e *exploratório*. De acordo com FORTIN (1999, p.162), distinguem-se três categorias de estudos descritivos: os estudos descritivos simples, os estudos de caso e os inquéritos.

Tendo em conta o que se pretende investigar, considera-se que o *estudo de caso* é o que melhor se adapta, visto que este "(...) *consiste numa investigação aprofundada (...) de um grupo ou de uma organização. É empreendido para responder às interrogações sobre um acontecimento ou um fenómeno contemporâneo sobre o qual existe pouco ou nenhum controlo* (Yin, 1994)" (*id*, p.164)

MERRIAN (1988), citado por CARMO & FERREIRA (1998, p. 217) resume da seguinte forma as características de um *estudo de caso de natureza qualitativa*:

"particular – porque se focaliza numa determinada situação, acontecimento, programa ou fenómeno; descritivo – porque o produto final é uma descrição "rica" do fenómeno que está a ser estudado; heurístico – porque conduz à compreensão do fenómeno que está a ser estudado; indutivo – porque a maioria destes estudos tem como base o raciocínio indutivo; holístico – porque tem em conta a realidade na sua globalidade. É dada uma maior importância aos processos do que aos produtos, à compreensão e à interpretação."

Os *estudos exploratórios* têm por objectivo planear a pesquisa de forma flexível, permitindo a utilização da observação de uma forma menos restritiva. Pelo referido, os riscos existentes na garantia do rigor da pesquisa aumentam. Por outro lado, os *estudos descritivos* procuram obter mais informações, esteja a falar-se das características de uma população ou de fenómenos pouco referenciados nos trabalhos de investigação existentes. Não necessitam da elaboração de hipóteses de estudo pois trata-se apenas de uma “*fotografia*” da situação. Estes tipos de estudo são de fundamental importância, pois são sempre o primeiro passo da investigação.

Como último ponto de análise ao desenho metodológico adoptado, e ainda segundo FORTIN (1999), pode afirmar-se que este é um *estudo nível I* porque tem como objectivo descrever, nomear ou caracterizar uma situação ou um acontecimento, de modo a torná-lo conhecido, correspondendo assim à investigação exploratória – descritiva já referida.

Definida a opção metodológica, procurar-se-á em seguida adequar o instrumento de colheita de dados de acordo com o paradigma e tipo de estudo escolhido.

3.2 – RECOLHA DE DADOS

A investigação de paradigma qualitativo possibilita uma grande escolha de instrumentos de colheita de dados. Considerando o tipo de estudo presente e os seus objectivos, seleccionaram-se as entrevistas e o **grupo focal** como principais instrumentos de colheita de dados mais adequados. Isto porque, à medida que se recolhiam informações sobre os mesmos, e considerando que “(...) *as inquisições qualitativas, devido à sua ênfase nas realidades dos sujeitos, exigem um mínimo de estrutura e um máximo de envolvimento do pesquisador (...)*” (POLIT & HUNGLER, 1995, p.270), se verificou que ambos possuíam as características que lhes permitiriam preencher os requisitos e facilitar o progresso deste processo de investigação.

Antes de entrevistar os representantes do 1º ciclo no Conselho Pedagógico e de realizar o *grupo focal*, será feita uma *entrevista exploratória* à presidente do Conselho Executivo do Agrupamento, para ajudar a definir as questões que integrarão o guião das entrevistas e do grupo focal a realizar.

A validação dos dados obtidos será efectuada pelos próprios participantes nas entrevistas e no grupo focal, a quem se dará a conhecer a transcrição da respectiva entrevista para confirmação do seu conteúdo.

Serão igualmente elaboradas grelhas de observação do grupo focal. (anexo IV)

Para descrever o processo de formação do Agrupamento serão lidas actas e outros documentos, nas várias escolas, como forma de confronto e validação dos dados obtidos.

Para enquadrar legalmente o funcionamento e constituição do CP e a formação de Agrupamentos de Escolas far-se-á pesquisa nos Diários da Republica.

3.2.1 – Entrevista Exploratória

Com o intuito de seleccionar e definir o enunciado das questões a incluir nas entrevistas aos professores do 1º ciclo e no grupo focal, irá efectuar-se uma entrevista exploratória, que permitirá “... *colher informações junto dos participantes relativas aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expectativas e às atitudes.*” (In: FORTIN, 1999, p.245)

Trata-se de um método muito utilizado nos estudos de características exploratórias e descritivas e que permite determinar as percepções dos entrevistados sobre o tema em estudo.

Neste caso será feita uma entrevista parcialmente estruturada, em que as questões formuladas serão de resposta livre mas apresentadas segundo uma sequência pré-determinada – correspondente às questões de investigação formuladas – com o objectivo de obter resposta para todos os temas propostos. FORTIN (1999, p.248) diz que “*Antes de uma entrevista semiestruturada, é indispensável elaborar um plano no qual o objectivo geral do tema a cobrir está indicado, assim como os subtemas, segundo uma ordem lógica.*”

QUIVY & CAMPENHOUT (1998, p. 69) dizem-nos que as

“... entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática de investigação (...) contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação das leituras (...) visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo de leitura (...) têm, portanto,

como função principal revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras.”

É nesta perspectiva que se procederá à realização de uma entrevista exploratória, para tentar apurar as questões e as temáticas que virão a constituir o guião das entrevistas e do grupo focal, tentando ganhar tempo nesta fase de preparação da investigação para depois o utilizar na fase de apresentação e análise dos resultados obtidos, quando se proceder à análise de conteúdo das transcrições das entrevistas e do grupo focal.

Nesta entrevista exploratória serão colocadas questões que se relacionam com os objectivos do trabalho de investigação a efectuar.

Segundo QUIVY & CAMPENHOUT (1998, p.71) a pessoa escolhida para realizar esta entrevista exploratória poderá ser considerada um interlocutor válido pois pode incluir-se na categoria das “*testemunhas privilegiadas*”, uma vez que é alguém que “... *pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema.*”.

Atendendo a que a entrevistada é presidente do Conselho Executivo do Agrupamento, por possuir a visão global de todo o processo de formação do mesmo e de todas as alterações que se processaram nas diferentes escolas que o constituem, poderá acontecer que outras questões venham a ser colocadas, com base nas respostas obtidas.

Esta docente é professora na *Escola Azul* há mais de uma década, tendo ocupado vários cargos, entre eles o de directora de turma, chefe do departamento de formação e presidente do Conselho Pedagógico.

Apresentam-se em seguida dois quadros.

O primeiro – quadro 7 – serve de suporte à elaboração do guião da entrevista exploratória, indicando para cada bloco de questões a respectiva formulação da questão e o objectivo que se pretende atingir.

O segundo – quadro 8 – prende-se com a necessidade de explicitar a razão de cada questão a colocar, sendo novamente indicada para cada uma delas qual o objectivo que se procura atingir.

Quadro 7: Preparação para o guião da entrevista exploratória

Blocos	Objectivos específicos	Formulário das questões
I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Explicitar o motivo da entrevista e motivar o entrevistado	1) Informar sobre o tema e os objectivos do trabalho; 2) Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitando a sua importância para o estudo; 3) Assegurar o anonimato das opiniões expressas nas respostas; 4) Relembrar a autorização para a gravação da entrevista; 5) Assegurar a comunicação dos resultados da investigação.
II – Dinâmica do Conselho Pedagógico antes de 2004/05	Conhecer a dinâmica do CP antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	6) Antes da formação do agrupamento, como era constituído o Conselho Pedagógico? 7) Quais eram as principais temáticas abordadas nas reuniões de Conselho Pedagógico? 8) Quais as estratégias de trabalho utilizadas no decurso da reunião de Conselho Pedagógico? 9) Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 10) Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?
III – Dinâmica do Conselho Pedagógico durante e após 2004/05	Conhecer a dinâmica do CP, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	11) De que forma se alterou a constituição do Conselho Pedagógico após a formação do agrupamento? 12) Surgiram novas temáticas para abordar nas reuniões de Conselho Pedagógico? 13) As estratégias de trabalho utilizadas durante as reuniões de Conselho Pedagógico mantiveram-se ou foram alteradas? De que forma? 14) Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 15) Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?
IV – Factores positivos e negativos para a escola de 1º ciclo resultantes da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do CP, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	16) A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? 17) A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais?

Continua

Continuação

V – Dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo, decorrentes da sua representatividade no Conselho Pedagógico	Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no CP do Agrupamento	18) Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 19) Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento?
VI – Dificuldades e benefícios sentidos pelo(a) professor(a) do 1º ciclo que está no Conselho Pedagógico	Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no CP do Agrupamento	20) Qual a sua percepção sobre as dificuldades que o(a) professor(a) do 1º ciclo possa sentir por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? 21) Qual a sua percepção sobre os benefícios que o(a) professor(a) do 1º ciclo possa sentir por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas?
VII – Coordenador de Estabelecimento / Representante no Conselho Pedagógico	Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	22) Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? 23) Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento?
VIII – Conclusão e agradecimento	Contribuir para o levantamento de questões não abordadas na entrevista e agradecer o contributo dado	24) Que comentário ou reflexão final gostaria de fazer sobre o tema em estudo, acrescentando algo a tudo o que disse? 25) Relembrar a importância da participação; 26) c) Agradecer a disponibilidade e o tempo dispendido na entrevista.

Através deste quadro pode verificar-se que a entrevista exploratória terá oito blocos de questões, estando o primeiro relacionado com a introdução do tema e a motivação do entrevistado, o último com a procura de uma síntese do que foi dito, seguido do encerramento da entrevista e os restantes com os vários objectivos da investigação.

Em seguida, procurar-se-á explicitar qual o racional de cada uma das questões a colocar.

Quadro 8: Racional das Questões

OBJECTIVO	QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO	RACIONAL DA QUESTÃO
1. CONHECER A DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO ANTES DA FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Antes da formação do Agrupamento, como era constituído o Conselho Pedagógico?	Pretende-se identificar a constituição do CP, quanto ao número de elementos e sua proveniência
	Quais eram as principais temáticas abordadas nas reuniões de Conselho Pedagógico?	Pretende-se identificar os principais assuntos abordados nas reuniões do CP
	Quais as estratégias de trabalho utilizadas no decurso da reunião de Conselho Pedagógico?	Pretende-se identificar as principais estratégias utilizadas na dinamização do trabalho efectuado nas reuniões do CP
	Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo?	Pretende-se identificar a dinâmica estabelecida entre os elementos do CP durante as reuniões
	Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?	Pretende-se identificar o tempo médio de duração das reuniões do CP
2. CONHECER A DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO, APÓS A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NO AGRUPAMENTO	De que forma se alterou a constituição do Conselho Pedagógico após a formação do Agrupamento?	Pretende-se identificar a nova constituição do CP, quanto ao número de elementos e sua proveniência
	Surgiram novas temáticas para abordar nas reuniões de Conselho Pedagógico?	Pretende-se perceber se ocorreram ou não alterações ao nível dos principais assuntos abordados nas reuniões do CP, após a constituição do Agrupamento
	As estratégias de trabalho utilizadas durante as reuniões de Conselho Pedagógico mantiveram-se ou foram alteradas? De que forma?	Pretende-se identificar as principais estratégias utilizadas na dinamização do trabalho efectuado nas reuniões do CP, percebendo se ocorreram ou não alterações
	Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo?	Pretende-se identificar a dinâmica estabelecida entre os elementos do CP durante as reuniões
	Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico?	Pretende-se identificar o tempo médio de duração das reuniões do CP
3. CONTRIBUIR PARA A IDENTIFICAÇÃO DE FACTORES GERAIS CONSIDERADOS POSITIVOS OU NEGATIVOS PELOS PROFESSORES DO CONSELHO PEDAGÓGICO, EM RESULTADO DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS	A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais?	Pretende-se determinar um conjunto de factores decorrentes da formação do Agrupamento que tenham permitido uma melhoria, a qualquer nível de análise, no funcionamento das suas escolas
	A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais?	Pretende-se determinar um conjunto de factores decorrentes da formação do Agrupamento que tenham constituído um problema negativo, a qualquer nível de análise, no funcionamento das suas escolas

Continua

Continuação

4. DESCREVER DIFICULDADES E BENEFÍCIOS PARA A ESCOLA DO 1º CICLO POR ESTAR REPRESENTADA NO CONSELHO PEDAGÓGICO DO AGRUPAMENTO	Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento?	Pretende-se fazer um levantamento de dificuldades sentidas pelas escolas do 1º ciclo por estarem representadas no CP (tempo, preparação de documentos, comunicação de informações, ...)
	Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento?	Pretende-se fazer um levantamento de vantagens sentidas pelas escolas do 1º ciclo por estarem representadas no CP (tempo, preparação de documentos, comunicação de informações, ...)
5. DESCREVER DIFICULDADES E BENEFÍCIOS PARA O(A) PROFESSOR(A) DO 1º CICLO POR SER REPRESENTANTE NO CONSELHO PEDAGÓGICO DO AGRUPAMENTO	Qual a sua percepção sobre as dificuldades que o(a) professor(a) do 1º ciclo sente ao ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas?	Pretende-se determinar quais são as dificuldades que o representante eleito por cada escola do 1º ciclo sente quando tem que estar presente no CP (ao nível pessoal, profissional e de relação com os membros dos diferentes órgãos)
	Qual a sua percepção sobre os benefícios que o(a) professor(a) do 1º ciclo sente ao ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas?	Pretende-se determinar quais são os benefícios que o representante eleito por cada escola do 1º ciclo sente quando tem que estar presente no CP (ao nível pessoal, profissional e de relação com os membros dos diferentes órgãos)
6. CONTRIBUIR PARA A IDENTIFICAÇÃO DE FACTORES POSITIVOS E NEGATIVOS RESULTANTES DO FACTO DO REPRESENTANTE DE CADA ESCOLA NO CONSELHO PEDAGÓGICO NÃO SER O COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO	Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento?	Pretende-se determinar quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo por ter um professor Coordenador de Estabelecimento e outro professor diferente como seu representante no CP
	Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento?	Pretende-se determinar quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo por ter um professor Coordenador de Estabelecimento e outro professor diferente como seu representante no CP

3.2.2 – Entrevista

Neste estudo serão feitas quatro entrevistas individuais aos representantes das escolas do 1º ciclo no Conselho Pedagógico do Agrupamento, que serão antecedidas pela entrevista exploratória à presidente do Conselho Executivo. Em todas elas se procurará obter o máximo de dados relevantes para a temática em estudo, para ser possível tirar algumas conclusões relacionadas com os objectivos que se pretendem atingir e com as questões de investigação formuladas.

Numa entrevista, segundo CARMO & FERREIRA (1998, pp.125-126) ocorre a interacção directa entre o entrevistador e o entrevistado. Para a entrevista poder ser mais eficaz, o entrevistador deve reduzir a sua área secreta através da apresentação adequada da sua pessoa,

do problema que está na base da pesquisa e do papel que se espera que o entrevistado assuma. Desta forma, aumentará a tendência para que este colabore e partilhe voluntariamente informação relevante para a investigação.

Para KETELE & ROEGIERS (1999, p.22),

“A entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informação.”

FORTIN (1999, p.245) refere que as entrevistas *“Permitem colher informações junto dos participantes relativas aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expectativas e às atitudes.”*

Ainda segundo FORTIN (1999, p.247), no caso de uma entrevista parcialmente estruturada como a que se pretende fazer aos representantes do 1º ciclo no Conselho Pedagógico, o investigador *“... apresenta uma lista de temas a cobrir, formula questões a partir destes temas e apresenta-os ao respondente segundo uma ordem que lhe convém.”*

Consoante o decorrer da entrevista, o entrevistador deverá ter em atenção que todos os temas sejam abordados, explorando as respostas obtidas e procurando ir ao encontro dos objectivos da investigação, recolhendo o máximo possível de dados relevantes.

O quadro seguinte revela os blocos de questões incluídos na entrevista, os objectivos inerentes a cada um deles e as questões colocadas.

Quadro 9: Preparação para o guião das entrevistas

Blocos	Objectivos específicos	Formulário das questões
I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Explicitar o motivo da entrevista e motivar o entrevistado	27) Informar sobre o tema e os objectivos do trabalho; 28) Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitando a sua importância para o estudo; 29) Assegurar o anonimato das opiniões expressas nas respostas; 30) Relembrar a autorização para a gravação da entrevista; 31) Assegurar a comunicação dos resultados da investigação.
II – Factores positivos e negativos para a escola de 1º ciclo resultantes da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do CP, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	32) Acompanhou o processo de formação deste Agrupamento Vertical de Escolas? 33) A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? 34) A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais?
III – Dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo, decorrentes da sua representatividade no Conselho Pedagógico	Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no CP do Agrupamento	35) Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 36) Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do agrupamento? 37) A sua escola distingue-se das restantes escolas do 1º ciclo, ao nível das dificuldades ou benefícios que possa sentir, por algum motivo particular? Qual?
IV – Dificuldades e benefícios sentidos pelo(a) professor(a) do 1º ciclo que está no Conselho Pedagógico	Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no CP do Agrupamento	38) Como ocorreu a sua escolha como representante da escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 39) Na sua percepção, sentiu dificuldades por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? Quais? 40) Na sua percepção, sentiu benefícios por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? Quais?

Continua

Continuação

V – Coordenador de Estabelecimento / Representante no Conselho Pedagógico	Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	41) Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? 42) Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento?
VI – Dinâmica do Conselho Pedagógico	Conhecer a percepção do representante do 1º ciclo sobre a dinâmica do Conselho Pedagógico	43) Qual a sua percepção sobre a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 44) Qual a sua percepção sobre o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico e a sua distribuição?
VII – Conclusão e agradecimento	Contribuir para o levantamento de questões não abordadas na entrevista e agradecer o contributo dado	45) Que comentário ou reflexão final gostaria de fazer sobre o tema em estudo, acrescentando algo a tudo o que disse? 46) Relembrar a importância da participação; 47) c) Agradecer a disponibilidade e o tempo dispendido na entrevista.

3.2.3 - Focus Groups

Segundo KREUGER & CASEY (2000, p.4), os “*focus groups*” podem ser definidos como uma técnica de entrevista que reúne 6 a 12 participantes. Nesta entrevista encontra-se também um moderador qualificado, sendo criado um ambiente confortável que permita o envolvimento dos participantes, tendo como objectivo principal o ouvir e recolher informação acerca do tema em estudo.

Para KREUGER & CASEY (2000, p.24), os “*focus groups*” podem ser utilizados em várias situações, das quais se destacam as seguintes: quando se procuram conhecer as ideias ou sentimentos que as pessoas têm sobre determinado assunto, quando se tenta identificar e entender as diferenças entre as perspectivas de diferentes grupos ou categorias de pessoas e ainda quando se pretende que se criem novas ideias no seio do grupo.

Os autores atrás mencionados consideram que os “*focus groups*” possuem cinco características principais:

- Envolvem pessoas: por isso há que existir o cuidado de não formar grupos demasiado grandes ou pequenos, pois o grupo terá a tendência para se fragmentar existindo o risco de os dados obtidos serem escassos;
- Consideram características comuns dos participantes: uma vez que estas garantem a possibilidade de todos poderem fornecer informação acerca do mesmo assunto;
- Proporcionam dados qualitativos: os quais derivam das opiniões dos participantes;
- As questões referem-se a um assunto específico e são abertas: o que no início facilita a interacção dos elementos do grupo. Com o avançar da entrevista tornam-se mais específicas no sentido de se centrarem no assunto a estudar;
- Facilitam a compreensão do assunto: na medida em que as questões são colocadas de uma forma simples e com sequência lógica.

Assim, estas características permitem aos investigadores que utilizam “*focus groups*” determinarem certas opiniões e sentimentos sobre determinados assuntos, produtos, serviços e oportunidades.

No início, o uso dos “*focus groups*” era limitado à área de marketing e gestão, sendo utilizados na tomada de decisão, desenvolvimento de programas ou produtos, na avaliação da satisfação do cliente, entre outros. À medida que começaram a valorizar-se os dados obtidos através deste instrumento começou a generalizar-se a sua utilização para outras áreas e fins distintos, nomeadamente nas ciências sociais, devido às vantagens possibilitadas pelas suas características.

Acerca do “*design*” dos “*focus groups*”, KREUGER & CASEY (2000, p.30) mencionam a existência de quatro opções que se adequam a vários factores, tais como a complexidade do estudo e análise, o número de grupos, os recursos disponíveis (em função de tempo e dinheiro) e o talento do moderador.

A opção de “*design*” que foi considerada como a mais adequada para este estudo denomina-se como “*Single Category Design*”, que é a opção mais comum no “*design*” dos “*focus groups*” e que consiste na realização de entrevistas até se atingir o ponto de saturação teórica, ou seja, o momento em que o moderador não obtém novas perspectivas, pois esta é a que melhor se adequa à pesquisa académica, pelo facto que o conceito de saturação teórica é bastante útil neste contexto. A preferência por esta opção tem um outro objectivo: a sua aplicação é relativamente fácil e prática.

Sobre o papel do moderador no decorrer do “*focus groups*”, KREUGER & CASEY (2000, p.4) afirmam que este desempenha um papel imprescindível pelo facto de ser responsável por criar “(...) *a permissive environment in the focus group that encourages participants to share perceptions and points of view, without pressuring participants to vote or reach consensus* (...)”, o que significa que este terá de proporcionar um ambiente propício à participação e partilha, de forma a estabelecer-se uma atmosfera produtiva em que cada um deseje contribuir com a sua opinião.

GAUTHIER (2004, p.332), ainda acrescenta que o moderador deve conseguir realizar “(...) *uma prova de atenção sustentada e exprimir subtilmente o seu desejo de compreender* (...)”, de modo que os participantes sintam as suas opiniões valorizadas e necessárias e, consequentemente, se sintam compelidos a partilhar o que conhecem. E por outro lado, “(...) *os participantes devem ter plena confiança na neutralidade* (...)” do moderador para que, no caso de surgirem opiniões contraditórias, sintam que podem exprimir a sua opinião, independentemente de ser contrária à exposta anteriormente.

GAUTHIER (*id*, p.332) revela também que a relação estabelecida entre o moderador e os participantes influencia a produtividade do grupo, pelas razões já descritas, pelo que é importante o moderador mostrar-se flexível, agradável e subtil, sem no entanto desenvolver laços de amizade, pois esta situação incitaria a que os participantes apenas partilhassem opiniões que fossem de encontro ao desejado pelo moderador.

Em alguns casos, como KREUGER & CASEY (*id*, p.101) revelam, pode existir uma equipa composta pelo moderador e pelo moderador-assistente, sendo que a cada um correspondem tarefas diferentes:

“The moderator is primarily concerned with directing the discussion, keeping the conversation flowing, and taking a few notes (...) The assistant, on the other hand, takes comprehensive notes, operates the tape recorder, handles the environmental conditions and logistics, and responds to unexpected interruptions”.

No estudo presente será utilizada esta vertente, pois será necessário um envolvimento da investigadora no processo de recolha de dados. O papel de moderador principal será desempenhado por uma pessoa que não é professor no Agrupamento onde o estudo irá decorrer e que possui experiência nesse papel, assumindo a investigadora o papel de

assistente. O objectivo é atenuar o efeito que existiria se esta fosse o principal moderador, uma vez que conheceria os presentes, podendo condicionar o desenrolar da entrevista.

3.2.4 – Aspectos Éticos

Qualquer investigação levanta questões morais e éticas se se considerar o tipo de questões que podem surgir, os conceitos em estudo, o método de colheita de dados utilizado e a divulgação de certos resultados que, por um lado, podem contribuir para o avanço de conhecimentos científicos mas, por outro, podem também lesar os direitos fundamentais das pessoas. Desta forma torna-se pertinente recorrer a todas as disposições necessárias com o objectivo de proteger os direitos e liberdades das pessoas que participam numa investigação.

Assim, de acordo com FORTIN (1999, p.116-120), os códigos de ética definiram cinco princípios ou direitos fundamentais e aplicáveis às pessoas, no âmbito da investigação, que se descrevem de seguida:

- O *direito à autodeterminação* tem por base o princípio ético do respeito pelas pessoas, remetendo para o poder de decisão, responsabilizando-se por si próprias. Deste direito decorre a opção que o sujeito tem em participar ou não na investigação, tendo em conta que não deve ser utilizado nenhum meio coercivo, técnico ou psicológico, para influenciar a sua decisão. Para além disso, o sujeito deve ser informado que tem o direito de se retirar a qualquer momento, sem necessidade de justificação, não lhe sendo causado qualquer prejuízo ou penalidade. Constituem violações a este direito: quando o sujeito é forçado a participar; quando a autonomia se encontra reduzida em consequência de uma incompetência legal ou moral; quando o sujeito é o objecto de investigação sem o saber; quando o material é utilizado para outros fins que não aqueles acordados no consentimento;
- O *direito à intimidade* refere-se à liberdade da pessoa decidir sob a extensão da informação a fornecer ao participar na investigação e a determinar em que medida aceita partilhar informações íntimas e privadas. Logo, o investigador deverá garantir que o seu estudo seja o menos invasivo possível e que a intimidade dos sujeitos seja protegida, sendo que o anonimato e a confidencialidade dos dados devem ser salvaguardados. Considera-se que este direito é violado quando a informação privada é

fornecida a terceiros sem o consentimento da pessoa ou contra o seu consentimento, ou quando esta informação privada é obtida sem o seu conhecimento;

- O *direito ao anonimato e à confidencialidade* é respeitado se a identidade do sujeito não puder ser associada às respostas individuais, mesmo pelo próprio investigador. Neste sentido os resultados devem ser apresentados de forma a que nenhum dos participantes possa ser reconhecido, quer pelo investigador quer pelo leitor do relatório de investigação, tornando-se evidente que os dados pessoais não podem ser divulgados ou partilhados sem autorização expressa do sujeito. Desta forma, considera-se quebra de confidencialidade quando o investigador permite a uma pessoa não autorizada o acesso a dados do estudo que levam à identificação do sujeito e consequentemente à violação do direito ao anonimato. Para evitar esta infracção, os dados colhidos, durante e após o estudo, devem ficar à responsabilidade do investigador, o qual tem como indicação codificar a identidade da pessoa. O instrumento original deve ser conservado num local seguro, sendo destruído no final da investigação;
- O *direito à protecção contra o desconforto e o prejuízo* diz respeito às regras de protecção da pessoa contra inconvenientes susceptíveis de lhe fazerem mal ou de a prejudicarem. No entanto, torna-se difícil banir totalmente o risco de desconforto ou prejuízo numa investigação;
- Por fim, o *direito a um tratamento justo e equitativo*, que se refere ao direito de ser informado sobre a natureza, o fim e a duração da investigação para o qual é solicitado, assim como os métodos utilizados na pesquisa. O princípio de um tratamento equitativo apela a que a escolha dos sujeitos se encontre ligada ao problema de investigação e não se baseie na conveniência ou na disponibilidade dos mesmos.

Relativamente à *relação entre riscos e benefícios*, FORTIN (1999, p.120) acrescenta que o investigador deve ter o cuidado de avaliar os riscos e benefícios aos quais vai expor os sujeitos, procurando sempre estabelecer uma proporção razoável entre o risco incorrido pelo sujeito e o benefício que se pode legitimamente esperar que o sujeito retire da sua participação. Esta análise consistirá em considerar todos os benefícios e perdas que poderão resultar do estudo, e deve ser discutida abertamente com os sujeitos, de maneira a que estes possam considerar se é do seu interesse participar ou não.

Assim, tendo em conta estes direitos, vai ser elaborado um *consentimento informado* escrito contendo a informação necessária sobre os principais conceitos relativos ao estudo a efectuar,

para que os participantes possam tomar conhecimento do que o mesmo implica e decidir se querem ou não cooperar com a investigação.

Após a escolha do *desenho metodológico*, da forma de moderar o *grupo focal* e atendendo aos aspectos éticos, considera-se em seguida a selecção dos participantes.

3.3 – ACTIVIDADES A DESENVOLVER

3.3.1 – Seleccção dos participantes

Os participantes neste estudo serão seleccionados em função de características específicas que possuam e que façam deles os interlocutores provavelmente mais adequados aos objectivos da investigação.

Como referido, a entrevista exploratória que antecederá as restantes terá como objectivo permitir aceder ao máximo possível de informações sobre a formação do Agrupamento de escolas, a integração do 1º ciclo nesse Agrupamento e o funcionamento do Conselho Pedagógico antes e depois da sua constituição. A entrevistada seleccionada detém informações privilegiadas, uma vez que foi membro e presidente do Conselho Pedagógico antes da existência do Agrupamento Vertical de Escolas, acompanhou todo o processo que levou à sua formação enquanto presidente do Conselho Executivo, tem um contacto próximo e directo com os docentes de todas as escolas do Agrupamento e continua a fazer parte do actual Conselho Pedagógico.

O objectivo das entrevistas feitas aos quatro docentes que representam cada uma das escolas do 1º ciclo no Conselho Pedagógico do Agrupamento será o de obter respostas para as questões de investigação referentes essencialmente aos cinco últimos objectivos enunciados, uma vez que estes docentes não poderão fornecer informações relativas ao primeiro objectivo da investigação. Neste momento são membros do Conselho Pedagógico e do Conselho de Docentes de cada uma das escolas do 1º ciclo e por isso estarão numa posição que lhes permitirá funcionar como fontes credíveis de informação pertinente para a investigação.

Para proceder à selecção dos elementos que participarão na investigação, integrando o grupo focal constituído, ter-se-á em conta o facto de cada um dos docentes ter pertencido ao

Conselho Pedagógico antes e depois da formação do Agrupamento. Será solicitado à presidente do Conselho Executivo que indique os seus nomes. Esta opção insere-se na estratégia de recrutamento de participantes que KREUGER & CASEY (2000, p.76) denominam de “*Nominations*”, referindo que “*An effective strategy in community studies is to ask neutral parties for names. These neutral parties are often people who have an opportunity to get to know a number of other people.*”

No contacto prévio estabelecido com os docentes que responderem às entrevistas e constituírem o grupo focal, para dar a conhecer o objectivo da investigação, será entregue a cada um uma “*Carta Explicativa para o Consentimento Informado*” (anexo V). Após a sua leitura atenta, todos os docentes contactados poderão decidir se pretendem participar na investigação, assinando o “*Termo do Consentimento Informado*” - ligeiramente diferente para as entrevistas individuais (anexo VI) ou em grupo (anexo VII) - se assim o entenderem. Nessa altura preencherão igualmente a ficha de “*Caracterização da População em Estudo*” (anexo VIII), para permitir a caracterização da população.

Uma semana antes da data marcada, todos os elementos seleccionados serão contactados, sendo confirmada a localização, o dia e a hora para a realização da entrevista ou grupo focal, bem como a sua presença. Na véspera será feita uma nova confirmação, para evitar faltas ou equívocos.

A entrevista exploratória e as restantes quatro entrevistas serão realizadas em data e local a acordar directamente entre a investigadora e os entrevistados.

O grupo focal será realizado na Escola Básica que é sede do Agrupamento, por esta apresentar as condições ideais à realização do mesmo. Antecipadamente será entregue um pedido de autorização à Senhora Presidente do Conselho Executivo. (anexo IX)

3.3.2 – Questões

Segundo ROSSMAN & RALLIS (2003, p.6) a pesquisa qualitativa começa antes de mais com a colocação de questões. Na opinião dos autores, os investigadores que utilizam a metodologia qualitativa procuram posteriormente respostas para as questões formuladas a partir do mundo real. Para que se responda a essas questões, o pesquisador tem de reunir os dados que

considera serem os blocos da base da construção de um “*edifício*”, que podem denominar-se como informação.

CARMO & FERREIRA (1998, p.138) dizem que numa entrevista – exploratória ou não – as questões devem ser organizadas de forma lógica e segundo temáticas definidas, formuladas claramente e pertencentes a quatro tipos distintos:

- *Perguntas de identificação*, que permitem caracterizar o indivíduo, mantendo o seu anonimato;
- *Perguntas de informação*, com as quais se procura obter dados sobre factos e opiniões do indivíduo;
- *Perguntas de descanso*, para permitir uma pausa, a mudança de assunto ou a introdução de uma questão mais sensível. Podem não ser alvo de análise de conteúdo;
- *Perguntas de controlo*, que têm como objectivo confirmar afirmações feitas anteriormente.

Sobre o número de questões a utilizar no grupo focal, KREUGER & CASEY (2000, p.39) consideram que este deverá ser constituído por 12 questões, destinadas a um período de 2 horas.

As questões que integram a entrevista devem possuir determinadas características, para garantir uma correcta colheita de dados. De acordo com KREUGER & CASEY (2000, p.40) essas questões devem possibilitar uma entrevista de qualidade. Assim:

- As questões devem ser formuladas utilizando palavras que os participantes normalmente utilizem quando se referem ao assunto, facilitando a comunicação;
- A questão deve proporcionar igualmente um ambiente informal, de modo a estimular a discussão;
- Para uma melhor compreensão da questão, esta deve ser clara, sem sentidos ambíguos, curta, de carácter aberto e de fácil pronúncia para o moderador.

KREUGER & CASEY (2000, p.43) referem que durante os “*focus groups*” são utilizadas diferentes categorias de questões, tendo cada categoria um propósito distinto.

- *Questões de abertura*, que têm como objectivo ajudar a iniciar a discussão e promover um ambiente confortável, e não tanto o intuito de aprofundar informação;

- *Questões introdutórias*, cujo objectivo é a introdução dos tópicos da discussão, para que os participantes considerem a sua relação com o assunto em causa;
- *Questões de transição*, que servem de ligação entre as questões introdutórias e as questões chave. Estas questões têm igualmente o propósito de fazer os participantes aprofundarem ligeiramente a sua relação com o tópico da investigação;
- *Questões chave*, que direccionam o estudo e que geralmente são as primeiras a ser desenvolvidas, com o sentido de dar resposta ao que se pretende estudar. Nestas questões o moderador necessita de atribuir tempo necessário para realizar uma discussão completa – cerca de 20 minutos para cada questão – e se necessário recorrer a pausas e perguntas que explorem as respostas fornecidas, no sentido de as compreender totalmente;
- *Questões finais*, que pretendem obter uma conclusão final, permitindo aos participantes reflectir nos seus comentários, sendo relevantes para a análise de dados, pois estas questões fornecem um pequeno resumo ao investigador.

Seguindo estas características, as questões garantem que os participantes as compreendem claramente e fornecem respostas de acordo com o que se pretende.

Neste sentido, tendo em atenção os pontos anteriormente referidos, na elaboração das questões para os grupos focais procurará atender-se aos mesmos.

Após a elaboração das questões acima citadas será construído o guião de entrevista com base em quatro critérios de qualidade enumerados por KREUGER & CASEY (2000, p.42-43):

- início da entrevista deverá ser fácil – “*Use questions that are easy for everyone in the group to answer.*”
- Deverá ser sequencial – “*The questions naturally flow from one question to another.*”
- Deverá ser conduzida do geral para o específico – “*(...) move from broad and general questions (...) to more specific questions of greater importance to the study.*”
- A gestão de tempo na elaboração das questões deverá ser ponderada – “*The moderator must allow sufficient time for the important questions that are being asked during the latter part of the focus group.*”

3.4 – ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados é uma das etapas cruciais em qualquer processo de investigação, independentemente do seu paradigma, uma vez que é a partir desta etapa que se vão obter os resultados da investigação, que possibilitam posteriormente a criação de conclusões e consequentemente a compreensão do objecto de estudo.

Para KREUGER & CASEY (2000, p.127) a “(...) *analysis begins by going back to the intent of the study* (...)”, remetendo para a ideia de que a análise dos dados, ainda que possa ser muito diversificada e dependente de vários factores como as capacidades e o tempo investido pelos investigadores, depende essencialmente do objectivo do estudo, visto ser este que orienta a investigação.

Tendo em conta que os estudos qualitativos produzem uma grande quantidade de dados, e encontrando-se associados ao método das entrevistas e dos grupos focais, estes contribuem ainda mais para o aumento da quantidade de dados, levando à necessidade extrema da sua organização.

A organização e análise dos dados é um procedimento lógico e de grande relevância. Representa um dos passos fundamentais da análise analítica necessária neste tipo de estudo. MORGAN (1993, p.42) refere que “*The most challenging step of virtually all research is the analysis of information collected*”. A adequada e correcta utilização dos dados obtidos no decurso da análise, permite ser convincente na apresentação dos resultados e consequente nas explicações proferidas. Desta forma, os que argumentam em sentido oposto ao da utilização de uma metodologia de investigação como a definida para este estudo, vão sentir maiores dificuldades em refutar as conclusões finais expressas.

No tipo de estudo adoptado nesta pesquisa, a relevância atribuída à análise dos dados é enorme, em virtude da quantidade de dados obtidos através das entrevistas efectuadas. O tempo médio de transcrição é de quatro a oito horas por hora de gravação, (KREUGER & CASEY, 2000, p.142) o que nos dá uma ideia clara da quantidade de dados obtidos. Por este facto, nenhum investigador pretenderá perder-se nesta imensidão de dados, procurando soluções para a organização dos mesmos.

Para ajudar a compreender como deve fazer-se a análise dos grupos focais KRUEGAR & CASEY (2000, p.128) referem que a mesma deverá ser sistemática, sequencial, verificável e contínua.

A componente *sistemática e sequencial* da análise deverá, em primeiro lugar, ser bem planeada, de forma a garantir que, com a utilização correcta dos passos atrás referidos, os resultados obtidos possam reflectir a dinâmica e consequente partilha entre os participantes.

A *verificabilidade* dos dados decorre da exigência de protecção contra o enviesamento dos dados por parte dos investigadores. Com esta afirmação pretende-se alertar para o facto de que os investigadores envolvidos devem poder retirar as mesmas conclusões do estudo, quando analisam os mesmos dados. O enviesamento dos resultados normalmente ocorre devido à tendência dos investigadores seleccionarem apenas determinados dados que confirmam a sua óptica, ou ignorarem dados que provocam discordância com essa mesma óptica, ou ainda simplesmente por não os conseguirem interpretar. Daí que decorra a necessidade de analisar os dados múltiplas vezes, preferencialmente por investigadores diferentes.

O último aspecto, referente à *continuidade*, caracteriza uma das diferenças essenciais entre a obtenção de dados qualitativos ou quantitativos. Na pesquisa quantitativa é clara a separação entre a obtenção de dados e o início da análise dos mesmos. Quando um dos procedimentos acaba o outro começa. Nos estudos em que se utilizam grupos focais, estes procedimentos já não se verificam desta forma, dado que a separação entre análise e obtenção de dados não se verifica. Ambos os procedimentos são efectuados simultaneamente e de forma contínua.

Segundo MORGAN (1993) os dados podem ser lidos de três formas diferentes, dependendo do grau de profundidade que o pesquisador pretende no seu estudo. São exemplos as seguintes formas de leitura:

- A leitura dita literal do texto transcrito, em que o relevante é a forma, a estrutura, o estilo dos dados referidos, as palavras utilizadas, o tipo de linguagem, a sequência da interacção entre os participantes, entre outros aspectos;
- A leitura interpretativa, que consiste na construção de uma versão do próprio investigador, isto é, aquilo que pensa que significam ou representam os dados recolhidos. MORGAN (1993, p.149) refere: “*Whatever form of interpretative reading*

you adopt, you will be involved in reading through or beyond the data in some way, be they texts, artefacts, visual images or whatever.”.

- Uma terceira forma de leitura é a reflexiva, caracterizada por inserir o pesquisador através das suas experiências e perspectivas nos próprios dados que gerou, fazendo parte de um comportamento inevitável no qual se sente implicado.

Não significa porém, que apesar de estas três formas de leitura aqui terem sido apresentadas separadamente, e dependendo do instrumento ou instrumentos de colheita de dados escolhidos, o pesquisador não possa utilizar simultaneamente, como forma de complementar o seu estudo.

Para SAIDEL & CLARCK (*In*: MORGAN, 1993, p. 44), a análise dos dados provenientes de um *grupo focal*, pode ser dividida em duas componentes básicas: a componente mecânica e a interpretativa. Neste sentido, a componente mecânica envolve a organização e divisão da informação em segmentos significativos, enquanto que a componente interpretativa remete para a determinação de critérios para organizar a informação obtida em subdivisões analíticas, de forma a codificar a informação. Esta última componente implica ainda a procura de padrões dentro e entre as próprias subdivisões, visando a obtenção de conclusões significativas.

Por tudo o que já foi referido, é fácil perceber que não é fácil analisar dados qualitativos quando se utilizam os instrumentos atrás referenciados. A extensão e a natureza da análise em cada uma das entrevistas e no grupo focal é subjectiva e pode variar consideravelmente de uns para os outros, dado existirem factores, como a falta de experiência do entrevistador, entre outros, que justificam a possibilidade destes acontecimentos se verificarem.

O trabalho a desenvolver na análise dos dados deste estudo passa por os categorizar analiticamente, com o objectivo de descrever e explicar fenómenos sociais. MORGAN (1993) refere que para se analisarem dados qualitativos, obtidos através das entrevistas (individuais ou em grupos), os investigadores devem usar processos que permitam codificar o material “(...) *into analytically distinct segments that can then be examined together when drawing conclusions concerning one or more of the topics and related concepts under investigation.*” (MORGAN, 1993, p.45) Convém referir que se considera ser inverosímil efectuar estes procedimentos correctamente na primeira abordagem, dado que os processos de codificação estão cheios de detalhes que só serão muitas visíveis após se efectuar a leitura completa das

transcrições. No entanto, como é possível voltar a codificar facilmente as referidas transcrições, o que se recomenda é que se comece este processo o mais precocemente possível, recomendação essa que irá ser seguida.

Outro dos passos seguintes será a construção de uma grelha onde se coloquem, de forma sumária, as categorias consideradas fundamentais e que forem retiradas das entrevistas e do grupo focal realizadas.

O que acima foi dito em relação aos grupos focais é extensível a qualquer uma das outras entrevistas.

Em resumo, e de acordo com o referido, após a colheita de dados, proceder-se-á à auscultação dos registos áudio e consequente transcrição.

À medida que a transcrição for executada, os dados recolhidos serão lidos atentamente. KRUEGAR & CASEY (2000, p.131) referem que *“Some analysts use colored marking pens or scissors to cut out or identify sections of interest or relevance to the study.”* Esta será a metodologia adoptada, pelo que, serão sublinhadas as frases contendo informações significativas e pertinentes para a investigação. Será elaborado um quadro para cada um dos objectivos, em que as transcrições relevantes serão numeradas e identificada a respectiva proveniência (cada entrevistado é referenciado pela letra E, seguida da respectiva numeração, atribuída aleatoriamente). À medida que as frases forem transcritas haverá a preocupação de as agrupar segundo ideias/significados idênticos, o que permitirá a criação provisória de categorias de classificação dos dados obtidos. Em simultâneo com este processo, se e quando for pertinente, poderão ser feitas anotações na margem de cada transcrição, conforme sugerido por KRUEGAR & CASEY (2000, p.130), para ajudar na posterior análise dos dados recolhidos.

Assim, no capítulo referente à discussão dos resultados obtidos nas entrevistas efectuadas, colocar-se-ão quadros contendo apenas as frases consideradas mais representativas para cada uma das categorias estabelecidas, seguindo-se a sistematização dos referidos dados, através da elaboração de sínteses. A transcrição integral das entrevistas e do grupo focal constará em anexo.

Este processo será provavelmente moroso, devido à extensão das transcrições, à pouca experiência da investigadora – que obrigará a um maior esforço e atenção – e ao pouco tempo disponível para o fazer.

Ao fazer-se a análise de conteúdo dos dados disponíveis estará sempre presente o enquadramento teórico feito anteriormente, ao qual serão feitos os ajustamentos necessários face aos resultados obtidos. Este procedimento só é possível pela natureza do trabalho de investigação realizado, que permite a sua constante actualização. A pesquisa realizada em termos bibliográficos só estará concluída quando todos os procedimentos da fase empírica foram dados como terminados.

4 – O AGRUPAMENTO E AS SUAS ESCOLAS

4.1 - DIRECÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DAS ESCOLAS

Como se disse anteriormente, a organização e gestão das escolas depende da legislação que é publicada e que determina o que pode ou não ser feito nesse domínio. A anunciada autonomia das escolas é igualmente legislada e regulamentada, estabelecendo limites a partir dos quais a escola ou o Agrupamento de escolas não podem ir. O caso concreto do Agrupamento em estudo não constitui excepção.

A escola sede do Agrupamento aderiu sempre aos novos modelos de gestão de forma voluntária, adaptando o seu funcionamento às alterações daí decorrentes. As escolas do 1º ciclo seguiam a lei no que concerne ao seu funcionamento e gestão.

Nas escolas do 1º ciclo a gestão era feita pelo Conselho Escolar, órgão constituído por todos os docentes da escola, podendo estar presentes auxiliares de acção educativa, representantes das associações pais e encarregados de educação e da autarquia. Este órgão elegia uma directora e uma sub-directora.

No Conselho Escolar eram analisadas e discutidas as questões pedagógicas e didácticas relacionadas com os alunos, o plano de actividades anual e as regras de funcionamento interno das escolas. Os jardins-de-infância (JI), mesmo quando partilhavam o mesmo edifício, reuniam separadamente, pois constituíam diferentes estabelecimentos de ensino.

Ao nível da gestão financeira dos recursos existia uma dependência em relação à Câmara Municipal de Sintra (CMS) e à Junta de Freguesia, que determinavam as verbas a atribuir a cada uma das escolas e a quem as escolas prestavam contas sobre a sua utilização. As verbas provenientes da CMS eram atribuídas aos projectos apresentados pelas escolas e destinavam-se à acção social escolar. Da Junta de Freguesia vinham verbas para o material de desgaste e de limpeza, para as despesas de correio e de telefone.

Existia uma delegação escolar, em Sintra, constituída por docentes que para aí eram destacados, para onde eram canalizadas todas as questões e através da qual era feito o

contacto necessário com o Ministério da Educação (ME). Os ofícios produzidos nas escolas ou aqueles que a elas se destinavam saíam e entravam via delegação escolar. Quando a delegação escolar de Sintra fechou, esses assuntos passaram a ser tratados em Queluz.

Cada uma das quatro escolas que integraram o Agrupamento tinha a sua própria directora e sub-directora. Entre elas, por vezes, surgiam propostas de actividades comuns, tal como acontecia com a escola sede do Agrupamento, ao nível de alguns projectos pontuais – no âmbito da Educação Física ou das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Eram no entanto situações pontuais, analisadas nos Conselhos Escolares de cada escola do 1º ciclo e no CP da EB 2,3.

Após a formação do Agrupamento ocorreu uma alteração de nomenclatura e o Conselho Escolar passou a chamar-se Conselho de Docentes, deixando de ter a participação das associações de pais e encarregados de educação.

A *Escola Azul*, que entrou em funcionamento no ano lectivo de 1991/92, em regime de instalação teve o seu primeiro PEE com o título – *À descoberta de ...* – tendo vigorado no triénio de 1993-1996.

Nessa altura, a sua estrutura orgânica baseava-se no Novo Modelo de Gestão – Decreto-Lei nº 172/91.

No triénio de 1996-1999 o PEE da *Escola Azul* tinha o título – *O prazer de participar ...* – e a sua estrutura orgânica continuava a basear-se no Novo Modelo de Gestão, possuindo o seguinte organigrama:

Quadro 10 – Organigrama da *Escola Azul* de 1993 a 1998

Órgão de administração e gestão CONSELHO DIRECTIVO	Órgão de direcção CONSELHO DE ESCOLA	Órgão de gestão administrativa e financeira CONSELHO ADMINISTRATIVO	Órgão de orientação educativa CONSELHO PEDAGÓGICO
Director executivo 2 Adjuntas	7 docentes 1 funcionário não docente 3 representantes da Associação de Pais 1 representante da CMS 1 representante dos interesses sócio-económicos 1 representante dos interesses culturais	Director executivo 1 Adjunta Chefe dos Serviços Administrativos	Director executivo 5 chefes de departamento (inclui o dep. de formação) 2 coordenadoras dos DT 2 membros da Ass. Pais 2 membros do SPO 3 alunos do 3º ciclo 15 pessoas

No ano de 1998/99, com a implementação do Decreto-Lei nº 115-A/98 entrou em vigor a Gestão Flexível de Currículo, sendo leccionadas as novas áreas não disciplinares de Projecto Interdisciplinar, Estudo Acompanhado e Educação para a Cidadania. Ocorreram alterações nos órgãos de administração e gestão e o organigrama passou a ser o seguinte:

Quadro 11 – Organigrama da *Escola Azul* de 1998/1999

CONSELHO EXECUTIVO	ASSEMBLEIA	CONSELHO ADMINISTRATIVO	CONSELHO PEDAGÓGICO
Presidente 2 Vice-Presidentes 2 Assessores	Presidente do CE Presidente do CP 6 docentes 2 EE 1 representante da Autarquia 1 Auxiliar de Acção Educativa (AAE) 1 Funcionário Administrativo 1 representante dos interesses culturais	Presidente do CE 1 Vice-Presidente do CE Chefe dos Serviços Administrativos	Presidente do CE 4 chefes de departamento Chefe do Departamento de Formação 5 coordenadoras dos DT 2 representantes da Ass. Pais 1 representante do SPO 1 representante da equipa de Apoio Educativo 15 pessoas

O PEE da *Escola Azul* que decorreu entre 1999-2003 tinha o título ***Rumo ao Sucesso Educativo***. Manteve-se o organigrama anterior, com os mesmos órgãos e representantes, tal como sucedeu no ano lectivo de 2003/2004.

No ano lectivo seguinte, com a formação do Agrupamento Vertical de Escolas e as mudanças daí decorrentes, as estruturas de administração e gestão voltaram a sofrer alterações.

Foi necessário adaptar e reformular, proceder a eleições para os diferentes órgãos e seguir os procedimentos estipulados pela lei. Durante o processo de instalação do Agrupamento o organigrama do mesmo era o seguinte:

Quadro 12 – Organigrama do Agrupamento em 2004/05

COMISSÃO EXECUTIVA INSTALADORA	ASSEMBLEIA DE AGRUPAMENTO	CONSELHO ADMINISTRATIVO	CONSELHO PEDAGÓGICO
Presidente da CEI 3 Vice-Presidentes: um representante dos JI, um representante do 1º Ciclo, um representante do 2º e 3º Ciclo 2 Assessores	Presidente da CEI Presidente do CP 7 docentes (1 do JI, 2 do 1º Ciclo, 2 do 2º Ciclo, 2 do 3º Ciclo) 3 representantes dos EE 1 representante da Autarquia 1 AAE 1 Func. administrativo 1 representante dos interesses culturais	Presidente da CEI 1 Vice-Presidente da CEI Chefe dos Serviços Administrativos	Presidente da CEI 7 chefes de departamento 1 coordenadora dos JI 4 coordenadores das EB1 2 coordenadoras dos DT 2 representantes das Associações de Pais 1 representante do SPO 1 representante do Núcleo de Apoios Educativos 1 Coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares 20 pessoas

O actual organigrama, em vigor entre o ano lectivo de 2005/06 e 2007/08, sofreu apenas alguns ajustes ao nível do Conselho Pedagógico, onde deixou de estar o representante do Núcleo de Apoios Educativos, passando a existir 19 elementos neste órgão.

Em relação ao número de coordenadoras dos directores de turma, que tinham deixado de ser cinco (uma por cada ano de escolaridade) e passado a ser apenas duas (uma por cada ciclo) e ao número de coordenadores de departamento - que deixaram de ser quatro e passaram a ser sete – estas alterações mantiveram-se.

O representante dos AAE não é membro permanente do CP, sendo convocado e estando presente se a ordem de trabalhos assim o exigir, correspondendo ao 20º membro do CP.

4.2 - FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO

O Agrupamento de Escolas que foi alvo desta investigação situa-se no Concelho de Sintra, numa freguesia cuja população aumentou 56,2% nos últimos dez anos e que possui catorze estabelecimentos de ensino oficiais do 1º ciclo e quatro outros de 2º e 3º ciclo.

A sua homologação pelo Ministério da Educação ocorreu no mês de Junho de 2004. É constituído por seis escolas: uma Escola Básica do 2º e 3º ciclo (*Escola Azul*) – sede do Agrupamento, Escola Básica do 1º ciclo (*Escola Verde*), Escola Básica do 1º ciclo (*Escola Amarela*), Escola Básica do 1º ciclo / Jardim-de-Infância (*Escola Vermelha*), Escola Básica do 1º ciclo / Jardim-de-Infância (*Escola Laranja*) e Jardim-de-Infância (*Escola Violeta*).

O processo de formação do *Agrupamento Arco-íris* decorreu por imposição superior e contra a vontade expressa pelos órgãos da *Escola Azul*.

Durante o ano lectivo 2002/03 decorreram reuniões preparatórias e informativas, incentivando a formação de um agrupamento por iniciativa da escola. A comunidade educativa rejeitou sempre essa hipótese, por considerar que a mesma não se afigurava necessária ou positiva para as escolas envolvidas.

Na acta nº 152 do Conselho Pedagógico, de 3 de Abril de 2003 pode ler-se:

“A Presidente do Conselho Executivo foi convocada para uma reunião na DREL¹⁴ no dia oito de Abril pelas dez horas, onde será informada sobre a constituição do Agrupamento da Escola Básica dois, três (...) com algumas Escolas Básicas do Primeiro Ciclo;”

Nesse dia, depois da reunião com a Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL), reuniu a Assembleia de Escola e o assunto foi referido. Na acta nº 69 da Assembleia de Escola (AE), de 8 de Abril de 2003, lê-se:

*“... em reunião com a DREL, foi proposto o Agrupamento vertical da nossa escola com a Escola Básica do primeiro ciclo (...).
A presidente do Conselho Executivo pretende auscultar a opinião de toda a escola relativamente a este assunto, pelo que em data oportuna será marcada uma reunião geral.
O representante da Câmara Municipal de Sintra presente na reunião, manifestou a sua estranheza e desagrado face ao facto de a autarquia não ter*

¹⁴ DREL – Direcção Regional de Educação de Lisboa

sido informada nem convocada para aquela reunião com a DREL, a propósito da constituição de Agrupamentos.”

Esta primeira proposta do ME apontava para um agrupamento vertical com apenas duas escolas, talvez pela proximidade física entre ambas.

O assunto foi abordado em reunião de CP do dia 8 de Maio, onde foi referida a existência de reuniões entre as escolas da área pedagógica e o ME para se decidir que tipo de agrupamento deveria ser constituído. A DREL avançava com duas propostas: um agrupamento vertical com duas escolas (acima referido) e um agrupamento horizontal entre as escolas do 1º ciclo e os jardins-de-infância da zona. A posição da Câmara Municipal de Sintra era na altura de discordância em relação ao processo que se estava a desenrolar, uma vez que a sua opinião não tinha sido solicitada, não tendo sido convocada para as reuniões com o ME.

Na reunião geral de escola entretanto efectuada, no dia 14 de Maio de 2003, a opinião expressa pela comunidade educativa foi de não constituição de nenhum dos referidos agrupamentos, devendo esperar-se por um maior esclarecimento da situação, planeando de forma faseada um agrupamento entre a *Escola Azul* e duas das escolas do 1º ciclo – *Escola Verde* e *Escola Vermelha*.

A pressão para a constituição do agrupamento intensificou-se, e na acta nº 154 do CP, de 5 de Junho de 2003 é dito que:

“... mudanças verificadas na postura do Ministério da Educação face à criação do Agrupamento vertical, exigindo um arranque deste Agrupamento já no próximo mês de Setembro, com os três elementos actuais do Conselho Executivo, um representante do Jardim de Infância e um representante do primeiro ciclo.”

Este facto implicaria que o agrupamento teria que estar formado no ano lectivo 2004/05 e que a proposta para a sua constituição deveria dar entrada no ME até ao final de Janeiro de 2004, para que esse ano fosse o de preparação do agrupamento. Teria que ser constituída uma Comissão Executiva Instaladora com representantes de todos os ciclos de ensino e teria que se eleger uma assembleia que acompanhasse todo o processo.

Na acta supracitada pode ainda ler-se que,

“Após ponderação em reunião de Conselho Executivo, o mesmo deliberou não aceitar esta proposta. Em reunião de Assembleia de Escola, a mesma apoiou a deliberação do C. Executivo, tendo o presente Conselho Pedagógico apoiado por unanimidade a mesma deliberação.”

Na acta nº 70 da AE atrás referida, que decorreu no dia 3 de Junho de 2003, tinha sido referido que:

“... o processo acarretava inúmeras dificuldades e nenhuma vantagem, devido, sobretudo, ao ritmo acelerado que as instâncias superiores queriam que se imprimisse ao processo, não aceitando a ideia do faseamento alargado por dois anos, exigindo que se constituísse uma Comissão Instaladora que iniciaria as suas funções no início do próximo ano lectivo ...”

O Conselho Executivo, em reunião anterior à reunião de AE, deliberara continuar a cumprir o seu mandato de 3 anos nos moldes em que tinha sido eleito, dando prioridade ao cumprimento do seu projecto de existência de uma escola mais segura e com melhor ambiente. A AE entendeu apoiar esta decisão, aguardando que surgisse nova legislação ou determinações superiores que orientassem todo o processo. Desta forma, o trabalho a realizar pelos órgãos e membros da escola poderia ser canalizado para a consolidação do Projecto Educativo de Escola.

Durante uns meses não voltaram a existir contactos entre o ME e a escola em relação à constituição do agrupamento de escolas, como se pode ler na acta nº 72 da Assembleia de Escola, realizada no dia 28 de Outubro de 2003: *“... a escola não voltou a ser contactada em relação ao projecto de Agrupamento com as escolas do primeiro ciclo do Ensino Básico.”*

Em 15 de Janeiro de 2004 deu entrada na *Escola Azul* um documento proveniente da DREL, Gabinete de Autonomia / Agrupamentos, lembrando que estava a decorrer um ordenamento da rede educativa com o objectivo de facilitar o *“...ordenamento das ofertas educativas, numa perspectiva de criação de condições de gestão das Escolas, de racionalização dos meios e de aumento da qualidade das aprendizagens.”*, pelo que o processo de agrupamento vertical de escolas deveria estar concluído no início do ano lectivo de 2004/05.

Tomando como referência o Decreto-Lei nº 115-A/98 e o Decreto Regulamentar nº 12/2000, foi dito à escola que, como sede de agrupamento, deveria proceder ao envio de uma proposta de agrupamento até ao dia 31/01/04, ouvidos os pais e encarregados de educação. Foi

igualmente mencionado o cenário que a DREL, em conjunto com a Autarquia, propunha para o agrupamento, englobando sete estabelecimentos de ensino.

Como consequência deste documento efectuaram-se várias reuniões, nomeadamente do Conselho Pedagógico (22/01/04), da Associação de Pais e Encarregados de Educação (24/01/04) e da Assembleia de Escola (27/01/04).

Na acta nº 162 do CP, de 22 de Janeiro de 2004, em que o assunto foi debatido pode ler-se:

“... foram analisadas a legislação em vigor, que enquadra a implementação do Agrupamento de Escolas, a carta enviada pela DREL ao Conselho Executivo no dia catorze de Janeiro do corrente ano e as decisões anteriormente tomadas pela Escola.

Após a análise acima referida, o Conselho Pedagógico considera que, dadas as contingências de recursos financeiros, humanos e estruturais, não há qualquer viabilidade para atingir as finalidades definidas no artigo 5º do Decreto-Lei nº 115-A/98 de quatro de Maio. Assim, este Órgão não encontra qualquer vantagem na apresentação da proposta de Agrupamento de escolas.”

A Associação de Pais e Encarregados de Educação emitiu um documento em que considerou que a formação do agrupamento vertical de escolas poderia ter aspectos positivos – sequencialidade pedagógica, diminuição de situações de isolamento e aumento da visibilidade das escolas do 1º ciclo e Jardins de Infância – mas que a sua concordância quanto à formação do mesmo apenas poderia ser dada depois de esclarecidas algumas dúvidas – adequação dos recursos financeiros, reforço de pessoal não docente (nomeadamente dos serviços administrativos) e definição de competências por parte da escola, da autarquia e da Direcção Regional de Educação (DRE). Até ver esclarecidas estas dúvidas, a sua posição manifestou-se através da seguinte declaração: “No entanto e por merecida confiança, esta Associação coloca-se ao lado do Conselho Executivo desta Escola para qualquer decisão que saia dos seus órgãos decisórios no que diz respeito a este assunto.”

A Assembleia de Escola, após audição das vontades expressas pela Presidente do Conselho Executivo, Conselho Pedagógico e Associação de Pais e Encarregados de Educação, emitiu um parecer em que decidiu corroborar as suas opiniões, referindo:

“... este Órgão é de opinião de não fazer qualquer proposta de Agrupamento de Escolas por não estarem reunidos os requisitos indispensáveis para a formação do mesmo.

Desconhecemos a viabilidade financeira, técnica e humana que importa tal Projecto, por isso propomos que seja feito um estudo prévio sobre a nossa

realidade escolar, por entidade competente. O nosso Município deverá reunir, ouvir e ajudar os Órgãos de Gestão escolar para a formação de um futuro Projecto de Agrupamento.”

Sendo esta a posição assumida pelos diferentes órgãos da *Escola Azul*, no dia 29 de Janeiro foi enviada à DREL a sua comunicação oficial referindo que não seria elaborada nenhuma proposta de agrupamento. Alegou-se que existia uma sobrelotação da escola, graves problemas sócio-económicos e escassos recursos humanos, físicos e financeiros, tornando-se urgente uma reflexão conjunta envolvendo o ME e a CMS, para esclarecer as situações de gestão administrativa, de recursos (humanos, financeiros, físicos/equipamentos) e do número de elementos do Conselho Executivo e do agrupamento.

Dando continuidade ao processo e após apresentação de um pedido de esclarecimento à CMS, pela sua posição de concordância quanto à formação do agrupamento, conforme constante no documento enviado pela DREL à *Escola Azul*, esta respondeu através de um ofício, com data de entrada de 23 de Fevereiro de 2004, esclarecendo que «... esta Autarquia que apenas mostrou a sua concordância em termos globais com o teor da proposta da Direcção Regional, referindo que “... nas decisões que vierem a ser tomadas deverão ser tidas em conta as posições das escolas a agrupar”.» Mais, referiu que não fora emitido nenhum parecer vinculativo, o que só poderia acontecer após ter sido apresentada uma proposta de agrupamento por parte das escolas que o viessem a constituir.

Apesar de tudo o que atrás se mencionou e da posição contrária manifestada pelos órgãos representativos da *Escola Azul*, o *Agrupamento Arco-íris* foi forçado a formar-se, por decisão da DREL, através do envio de um ofício com data de 26 de Fevereiro de 2004.

Neste ofício a escola é informada que “... a necessidade de se constituir, ou não, Agrupamentos de Escolas, cabe em primeira linha à administração educativa ...” e que é competência do Director Regional de Educação a promoção do processo de constituição de agrupamentos de escolas, conforme previsto no artº 8º do Decreto-Lei nº 115-A/98. Termina o referido ofício dizendo:

“Neste contexto, tendo em consideração que os estabelecimentos de educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico envolvidos no processo, bem como a autarquia não se opõem à constituição do Agrupamento vertical, irá esta Direcção Regional proceder de acordo com o quadro legal em vigor, com vista a assegurar uma efectiva igualdade de oportunidades na prestação do serviço

público de educação, pese embora o respeito que nos merece a posição assumida pelos órgãos representativos da EB ...”

A partir dessa altura a formação do *Agrupamento* deixou de ser opcional. No dia 18 de Março de 2004 realizou-se uma reunião convocada pelo Centro de Área Educativa (CAE), com a presença do representante da Autarquia e dos representantes dos vários órgãos da escola que se tinham manifestado contra a constituição do agrupamento, em que foi confirmado que durante o ano lectivo 2004/05 o *Agrupamento* teria que existir. Nessa reunião os representantes do CAE asseguraram que iria ocorrer um reforço no número de funcionários da secretaria e no número de horas a atribuir para as assessorias à gestão (podendo ser convertidas em horas para os vice-presidentes). Foi igualmente prometido que iriam existir horas de formação sobre gestão financeira para os funcionários da secretaria (que uma semana depois se transformaram apenas em informação) e que não existiriam cortes nas horas atribuídas para limpezas.

No dia 01 de Abril de 2004 realizou-se nova reunião, que contou com a presença das directoras das escolas do 1º ciclo, onde se calendarizou o processo de formação do *Agrupamento*, conforme se encontra descrito na acta nº 74 da Assembleia de Escola. Esse processo decorreria em seis fases:

- Reunião, em 20 de Abril de 2004, entre as directoras de escolas do 1º ciclo e jardins-de-infância para redacção da proposta de *Agrupamento* a enviar à DREL para homologação;
- Constituição de um grupo de trabalho para preparar as regras do processo eleitoral para eleição da CEI, processo esse que deveria estar concluído no final de Maio de 2004;
- Cessação dos mandatos dos órgãos de gestão das escolas do *Agrupamento*, uma vez eleita a CEI – por votação de listas propostas no *Agrupamento* ou, se estas não existissem, por proposta do Director Regional de Educação;
- Reorganização do CP e da AE, com incorporação dos docentes das outras escolas, para ficarem em funções até Abril de 2005, altura em que a Assembleia do *Agrupamento* seria eleita;
- Redacção e aprovação do Regulamento Interno do *Agrupamento* até ao final de 2004, tendo que se eleger uma Assembleia Constituinte para proceder à sua aprovação;
- Eleições para o CE do *Agrupamento* em Maio de 2005.

Mais uma vez a recepção desta proposta não foi pacífica ou consensual entre os membros da AE, que por maioria continuaram a manifestar a ideia já anteriormente expressa de que não se deveria avançar com nenhuma proposta de Agrupamento, “... *aguardando-se que seja a DREL a tomar a iniciativa de elaboração de proposta de Agrupamento.*” (**In:** acta nº 74 da AE, de 7 de Abril de 2004).

A representante da autarquia, a presidente da AE e a representante dos Serviços Administrativos não subscreveram esta proposta, considerando que a *Escola Azul* deveria avançar juntamente com as outras escolas na elaboração da proposta de Agrupamento.

No início do 3º período – 27 de Abril – o Grupo de Gestores (termo utilizado para designar o grupo formado pela presidente do CE e pelas directoras das restantes escolas do *Agrupamento*) teve que formalizar o pedido de formação de Agrupamento, para que o ME o homologasse. Logo depois, esse grupo definiu as regras para o processo eleitoral referente à eleição da CEI, publicitou-as e escolheu entre os seus membros a mesa eleitoral que acompanhou todo o processo e que possuiu elementos de todos os níveis de ensino. Para a eleição da CEI surgiu uma lista, que foi eleita por cerca de 80% dos votantes.

Deu-se assim início à formação de um novo Agrupamento Vertical de Escolas, homologado em Junho de 2004, num processo iniciado por imposição superior mas para o qual foi apresentada candidatura, uma vez que não havia como fugir da situação.

O ano lectivo em que decorreu a sua instalação foi o de 2004/2005, tendo sido gerido por uma CEI constituída por quatro elementos: dois docentes da *Escola Azul*, um representante das escolas do 1º ciclo e um representante dos jardins-de-infância. Existiam ainda dois assessores. No triénio seguinte – 2005/2008 – passou a funcionar o Conselho Executivo eleito, bem como os demais órgãos de gestão do Agrupamento.

O RI apenas foi homologado pelo ME a 22 de Dezembro de 2005, depois do Agrupamento ter procedido a todas as alterações por ele determinadas. Todas as propostas que procuravam ir de encontro à realidade das escolas do Agrupamento e que se afastavam do estritamente determinado na legislação tiveram que ser retiradas.

A perspectiva atrás descrita sobre a formação do Agrupamento relaciona-se apenas com a *Escola Azul* e com a sua visão face ao processo.

No que concerne às escolas do 1º ciclo, a referência ao processo de formação do agrupamento surgiu nas actas do Conselho Escolar a partir de Abril de 2003. A ênfase colocada no assunto não foi a mesma nas quatro escolas, sendo superior nas escolas com maior número de turmas e docentes.

Na *Escola Vermelha* a primeira referência que surgiu em acta de Conselho Escolar data de 3 de Abril de 2003 e refere-se à informação da convocação da directora para uma reunião na DREL respeitante à formação de um agrupamento de escolas.

Após essa reunião, ocorreu novo Conselho Escolar no dia 15 do mesmo mês, onde a directora da EB1 informou os presentes sobre o que havia sido proposto na DREL: as restantes escolas do 1º ciclo da freguesia agrupariam horizontalmente entre si, enquanto que esta escola e o respectivo II deveriam agrupar verticalmente com a EB2,3. Esta hipótese foi debatida, tentando perceber-se quais as vantagens e desvantagens que daí decorreriam, procedendo-se à sua votação. Dez pessoas abstiveram-se e catorze votaram a favor. Na acta nº 252 do Conselho Escolar, de 15 de Abril de 2003 pode ler-se:

“Foram entretanto colocadas algumas salvaguardas, a saber: início do Agrupamento no ano lectivo de dois mil e três, dois mil e quatro; e a coordenadora da EB um número quatro não poderia ficar com a componente lectiva exigida, dada a dimensão e o número de alunos da mesma, o que impediria um eficaz funcionamento da gestão.”

O tema voltou a surgir em acta no mês de Junho, onde foi dada a informação de que a EB2,3 assumira a posição de não avançar para a constituição de uma comissão instaladora provisória para assegurar a formação do Agrupamento Vertical de Escolas. Nessa circunstância, o Conselho Escolar votou entre duas opções: entrar para o agrupamento horizontal ou esperar para se criarem as condições necessárias à constituição do agrupamento vertical. Esta segunda hipótese foi votada unanimemente.

Durante seis meses não voltou a haver referência a este assunto, o que só aconteceu na acta nº 273, de 6 de Janeiro de 2004. Mais uma vez foi mencionado o agendamento de uma reunião para debater a questão do agrupamento, na qual a escola deveria fazer-se representar pela directora e outro docente. Foi então proposto que se realizasse um Conselho Escolar para debater esta temática, o que veio a acontecer no dia 21 do mesmo mês, com a presença dos docentes da escola, das directoras de dois II, as auxiliares de acção educativa e dois elementos da Associação de Pais.

Aí foi mencionada a proposta de constituição de um agrupamento enviada pela DREL, através de ofício, entre a EB2,3 e quatro escolas do 1º ciclo e três JI. Nesse ofício referia-se o aval dos órgãos municipais à constituição do referido agrupamento. Em reunião com a EB2,3 as restantes escolas tinham revelado a sua disponibilidade para dar início aos trabalhos de preparação desse agrupamento, o que não aconteceu com aquela que seria a escola sede do mesmo. Também na *Escola Vermelha*, apesar da disponibilidade revelada, as dúvidas eram muitas, conforme manifestado em acta.

No Conselho Escolar seguinte, em 3 de Fevereiro de 2004, face à recusa da EB2,3 para constituir agrupamento, a directora informou que as EB1 e JI comunicariam à DREL sobre a sua disponibilidade para formar um agrupamento horizontal.

Um mês depois foi lido o ofício da DREL, anteriormente mencionado ao referir-se a Escola Azul, sendo dito que se aguardava contacto da EB2,3, o que aconteceu na reunião do dia 1 de Abril, desenrolando-se a partir daí o processo anteriormente descrito.

As actas de Conselho Escolar seguintes informam sobre o processo eleitoral, sendo no dia 2 de Setembro de 2004 eleita a primeira representante no CP.

Na *Escola Verde* as actas do Conselho Escolar revelam o mesmo percurso. A primeira menção ao agrupamento surgiu no dia 1 de Abril de 2003, para informar os docentes de uma reunião a realizar na DREL uma semana depois, para discutir a formação de um agrupamento.

No mês seguinte, na acta nº 12, de 6 de Maio de 2003, são dadas informações sobre a reunião supracitada, onde os representantes da autarquia e da delegação escolar não se tinham feito representar (apesar de ser um dos requisitos para a formação do agrupamento) referindo-se: *“Nesta reunião foi mencionado que quase todo o país já está em Agrupamento, à excepção do concelho de Sintra devido ao número elevado de alunos.”* Mais à frente é ainda feita referência à posição assumida pela CMS:

“... a Câmara Municipal de Sintra convocou as direcções das escolas do primeiro, segundo e terceiro ciclos, explicando a sua opinião de desagrado relativamente aos Agrupamentos em primeiro lugar, porque não têm a carta educativa, e em segundo lugar porque não têm um Conselho Nacional de Educação.

Deste modo, foi entregue às escolas o ofício que a Câmara irá enviar à DREL, discordando com a proposta feita. Caso a DREL entre em contacto com as escolas, estas deverão comunicar à Autarquia.”

Acrescenta-se a proposta feita da constituição de dois agrupamentos: um vertical (entre as escolas *Azul* e *Vermelha*) e outro horizontal (com as escolas *Verde*, *Amarela*, *Laranja*, *Violeta*, outra EB1 e outro JI).

No mês seguinte é novamente dado destaque à possível formação de um Agrupamento, podendo ler-se na acta nº 13 do Conselho Escolar, de 3 de Junho de 2003, o seguinte:

“Informou-se o Conselho Escolar sobre a actual proposta de implementação do Agrupamento Horizontal, do qual farão parte as escolas número (...). No entanto, pode ainda ser integrada a escola e Jardim de Infância nº (...), dependendo da decisão da escola básica dois, três (...) na inclusão da escola e Jardim de Infância atrás referidos em Agrupamento Vertical. A proposta foi começar foi começar no ano lectivo 2003/04 com uma comissão instaladora, em regime de voluntariado. Se não for possível a formação de tal comissão, o Agrupamento Horizontal só começará a funcionar no ano lectivo 2004/05, já com uma comissão instaladora eleita, através da formação de listas.”

O Conselho Escolar da *Escola Verde* votou no início do agrupamento apenas em 2004/05 para permitir um maior contacto e conhecimento com os elementos das outras escolas e uma melhor definição dos vários aspectos inerentes à sua formação.

Apenas em 20 de Janeiro de 2004, dia em que o Conselho Escolar reuniu extraordinariamente, para abordar o assunto *Agrupamento de Escolas*, com a presença de representantes da Associação de Pais, a acta volta a mencionar esta temática. Havia sido recebido um ofício da DREL, datado de 14 de Janeiro, no qual constava a proposta de um agrupamento vertical entre a EB2,3 quatro EB1 (duas com JI) e um JI, pelo que iria ocorrer uma reunião entre os directores das várias escolas para responder à proposta incluída no ofício. O director da *Escola Verde* informou os presentes sobre o teor de um telefonema tido com a presidente do CE da EB2,3, em que a mesma revelara que a escola por si representada não estava interessada em formar o agrupamento proposto. A votação do Conselho Escolar da *Escola Verde* também manifestou a sua indisponibilidade para o integrar, votando por unanimidade a sua rejeição. Igualmente por unanimidade, e após o debate realizado abordando diferentes cenários de agrupamento, foi votada a proposta de constituição de um agrupamento horizontal entre as três EB1 geograficamente mais próximas e respectivos JI.

Na acta dessa reunião de Conselho Escolar foi referido que se considerava benéfico este agrupamento horizontal com base nos seguintes parâmetros: proximidade geográfica; elevado número de alunos; continuação da EB2,3 como escola pólo e proximidade do local de

trabalho dos pais. Esta mesma posição foi reiterada na acta seguinte, de 3 de Fevereiro de 2004, após uma nova reunião entre as escolas mencionadas na proposta da DREL e a nova recusa por parte da EB2,3 em constituir o referido agrupamento vertical. A fundamentação já apresentada para a formação de um agrupamento horizontal foi reforçada pela existência de critérios de ordem pedagógica comuns (igual ciclo de ensino), pela maior facilidade organizacional e pela existência efectiva de partilha de experiências e de resolução de problemáticas comuns.

Criou-se uma situação de impasse, uma vez que as escolas mantinham a sua posição e a DREL havia informado, telefonicamente, que não aceitaria outra proposta de agrupamento diferente daquela que constava no ofício por si enviado às diferentes escolas.

No dia 2 de Março, em mais um Conselho Escolar, foi partilhada a informação de que a DREL mantinha a sua posição e proposta, apesar da vontade manifestada pelas escolas e pela posição contrária assumida pela autarquia. Foi sugerida a marcação de nova reunião com a DREL e o reforçar da posição da escola, o que foi aprovado.

No entanto, como já se sabe através da descrição do processo já efectuada, o agrupamento foi forçado a constituir-se, à revelia da vontade dos docentes das várias escolas envolvidas, tendo início no ano lectivo de 2004/05.

Como resultado do processo eleitoral a efectuar, tornava-se necessário constituir um grupo de trabalho cuja função seria supervisionar as regras da eleição da CEI. Como se pode ler na acta de Conselho Escolar nº 12, de 5 de Abril de 2004 *“Uma vez que ninguém se mostrou disponível para exercer o cargo procedeu-se à votação. (...) mostrou o seu desagrado com a eleição e disse não estar disponível ...”* No entanto teve que o assumir, uma vez que havia sido eleita.

No dia 26 do mesmo mês ocorreu mais um Conselho Escolar extraordinário referente apenas à formação do agrupamento, onde se deu a conhecer a proposta já enviada para a DREL após reunião dos directores de todas as escolas envolvidas e se explicou todo o processo eleitoral de eleição da CEI, recorrendo ao Decreto-Lei nº 115-A/98 para esclarecer as dúvidas colocadas.

Nesta escola, as actas de Conselho Escolar só voltam a fazer referência ao Agrupamento no ano lectivo de 2004/05, em que se refere a eleição do representante da escola no CP do Agrupamento.

Na *Escola Laranja*, durante o ano lectivo de 2002/03, a única referência ao processo de formação do Agrupamento foi feita em acta nº 8 do Conselho Escolar, de 1 de Abril de 2003, onde se lê: *"Leitura e análise da correspondência recebida da DREL (...) uma convocatória para a escola receber esclarecimentos da nova organização, por Agrupamentos."*

No ano lectivo seguinte não se encontrou qualquer menção a reuniões – apesar da escola ter estado presente em todas aquelas que já foram anteriormente mencionadas – ou a informações delas provenientes ou que de alguma forma se relacionassem com todo o processo burocrático de formação de agrupamentos.

Na primeira acta do Conselho Escolar do ano de 2004/05, de 1 de Setembro, foi mencionada a eleição da coordenadora de estabelecimento e da representante no CP do Agrupamento, que coincidiu na mesma pessoa.

Na *Escola Amarela* as referências à formação de agrupamentos de escola são igualmente escassas em acta de Conselho Escolar. A primeira surgiu na acta nº 9, de 1 de Abril de 2003, onde se lê: *"A directora da escola informou o Conselho Escolar que no próximo dia oito haverá uma reunião na DREL em Lisboa, para tratar da viabilidade da formação do Agrupamento vertical."*

Na acta da reunião seguinte, a 14 de Abril, os docentes foram informados que a proposta avançada pela DREL incluía a formação de dois agrupamentos: um vertical (entre as escolas azul e vermelha) e outro horizontal (com as restantes EB1 da zona e dois JI). Nela não se encontra mencionada nenhuma opinião ou tomada de posição mas apenas a intenção de aguardar. No dia 3 de Junho aparece novamente menção à proposta de formação do agrupamento horizontal e o tema só volta a ser abordado a 1 de Setembro de 2004, com a eleição da representante da escola no CP e da coordenadora de estabelecimento.

Após a leitura das actas dos diferentes órgãos e escolas, que permitiram a descrição do processo de formação do actual Agrupamento de escolas através de diferentes olhares, pode constatar-se a coincidência quanto ao processo – as reuniões preparatórias, as tomadas de posição, a preparação dos actos eleitorais – e a divergência quanto à forma.

No caso da EB2,3 a posição assumida foi sempre de recusa em relação à formação de qualquer Agrupamento, até não lhe ser possível continuar a adiar essa decisão. A *Escola Vermelha* balançou entre a formação de um agrupamento vertical com a EB2,3 (aparentemente a opção preferida) e a constituição de um agrupamento horizontal com as restantes EB1 e JI da área geográfica mais próxima. A *Escola Verde* preferia agrupar horizontalmente, defendendo essa opção enquanto lhe foi possível. As *Escolas Laranja e Amarela* não revelaram a sua posição nos documentos existentes, parecendo limitar-se a aceitar o processo. No entanto, uma vez que estiveram presentes nas várias reuniões mencionadas nas actas das outras escolas, pressupõe-se que a sua opinião foi semelhante à das restantes escolas.

Quanto à autarquia, a sua posição inicial parece ter sido de recusa, em parte por não ter estado presente nas reuniões preparatórias, apesar de posteriormente ter concordado com a proposta da DREL.

Esta última acabou por impor a sua posição. Inicialmente começou por propor a formação de dois agrupamentos – um vertical, com duas escolas e outro horizontal, com quatro EB1 e dois JI. No decurso do processo alterou a sua proposta e passou a mencionar apenas um agrupamento vertical. Primeiro incluiu nele a EB2,3, cinco EB1 (e respectivos JI, quando existiam) e dois JI. Depois reduziu a dimensão desse agrupamento, retirando uma das EB1 e um dos JI. Essa foi a última proposta apresentada, que acabou por ser aprovada.

4.3 – BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO AGRUPAMENTO

As escolas que constituem o *Agrupamento Arco-íris* situam-se numa zona residencial densamente povoada, recebendo alunos de diferentes nacionalidades e de diferentes níveis sócio-económicos e culturais. A maioria dos EE tem um baixo nível de escolaridade e muitos alunos não têm famílias estruturadas que os possam apoiar. Na área de influência das escolas existe um bairro de realojamento do qual são provenientes muitos dos alunos do Agrupamento. A sua relação com a escola é por vezes conflituosa, transportando para o seu interior as questões relacionadas com a vivência no bairro. Este facto faz com que um dos problemas existentes seja o da segurança e o da indisciplina, sendo por vezes necessário recorrer à *Escola Segura*.

Para além destes problemas, ao longo dos anos detectaram-se outros, que o PEE ou PEA tentaram atenuar ou resolver, que se prendem com o envolvimento da família na vida escolar dos educandos, as carências sócio-económicas e culturais de muitas famílias, a desvalorização da escola, o excesso de alunos e turmas, o aumento de alunos de nacionalidade e língua estrangeira e a falta de auxiliares de acção educativa.

Procuraram encontrar-se soluções para os problemas detectados, encaminhando-se alunos para outros cursos fora da escola, criando turmas de efectivo reduzido, de percursos alternativos ou de cursos de educação formação. Contudo, estas soluções não conseguiram dar resposta a todas as necessidades, uma vez que um dos principais problemas do Agrupamento se prende com a sobrelotação a que está sujeito, o que impossibilita a criação de mais saídas diferenciadas para os alunos e de turmas com menor número de alunos que permitam uma maior diferenciação pedagógica. Os Serviços de Psicologia e Orientação, a assistente social e o núcleo de apoios educativos são permanentemente confrontados com situações problemáticas, às quais tentam dar resposta com os meios físicos e humanos de que dispõem.

No relatório de avaliação externa (2006, p.7), de que se falará no sub-capítulo seguinte, pode ler-se:

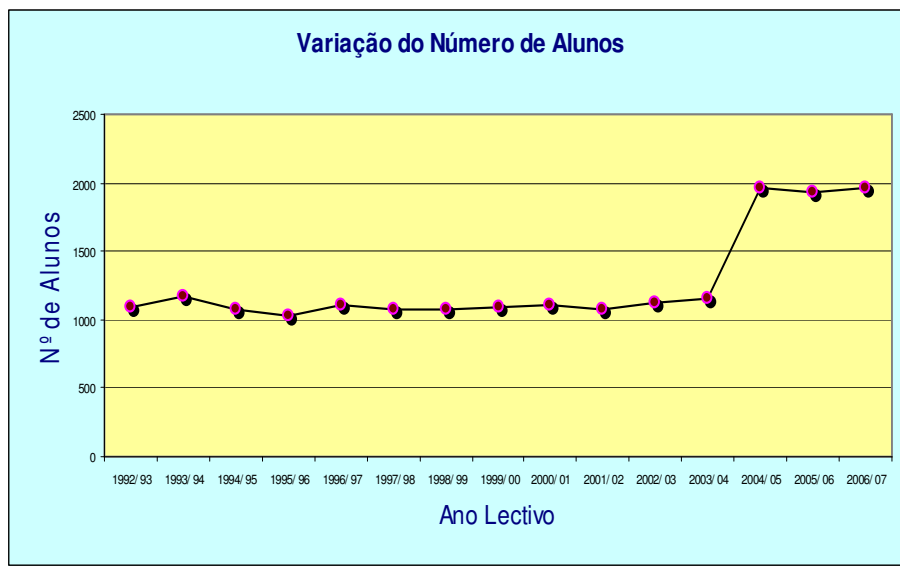
“A débil inserção sócio-cultural da uma parte da população escolar faz com que os órgãos de gestão e os serviços de apoio organizem formas de apoiar os alunos na sua formação, procurando-se a sua integração e acompanhamento. Os alunos sentem-se, em geral, apoiados e, em alguns, verifica-se um sentimento de identificação com a sua escola.”

Apesar das necessidades educativas evidenciadas pela população escolar e das carências que manifesta, a resposta tem vindo a ser dada pelas várias estruturas das escolas e pelos seus recursos humanos. Destaca-se a intervenção dos professores titulares de turma, no 1º ciclo, e dos directores de turma, nos restantes ciclos.

A população escolar, em número superior ao desejável para as dimensões das escolas, variou pouco ao longo dos anos, no que se refere ao número de alunos, nos vários estabelecimentos de ensino do Agrupamento. Desde o ano lectivo de 1992/93 e até à constituição do Agrupamento, o número de alunos da *Escola Azul* variou entre os 1000 e os 1120. A partir do ano lectivo de 2004/05, com a integração das escolas do 1º ciclo e dos jardins-de-infância, o número de alunos do Agrupamento passou a rondar os 2000, tendo o Conselho Executivo que gerir todas as questões com eles relacionadas.

Os gráficos seguintes revelam a variação do número de alunos nos últimos anos, bem como a variação da percentagem de insucesso.

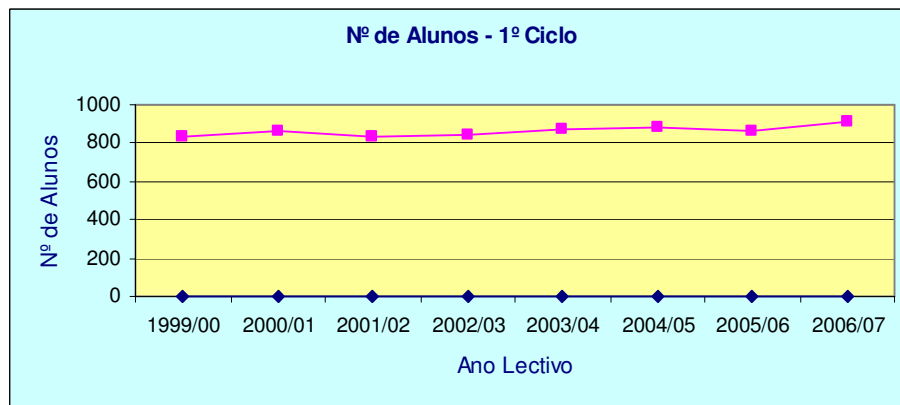
Gráfico 1 – Variação do número de alunos



Fonte: Ministério da Educação e documentos internos da escola

Nos últimos 3 anos lectivos o número de alunos diz respeito ao Agrupamento, enquanto que nos anos anteriores é relativo apenas à *Escola Azul*.

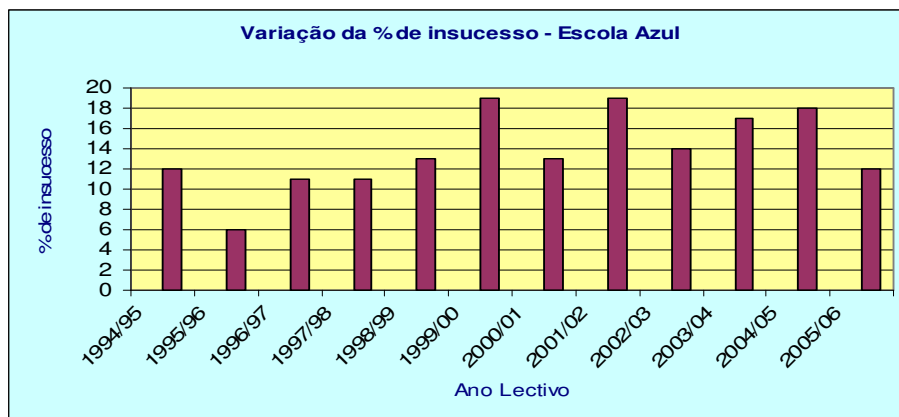
Gráfico 2 – Variação do número de alunos no 1º Ciclo



Fonte: Ministério da Educação

O número de alunos do 1º ciclo tem vindo a manter-se acima dos 800, tendo no presente ano lectivo ultrapassado os 900.

Gráfico 3 – Variação da % de insucesso na *Escola Azul*

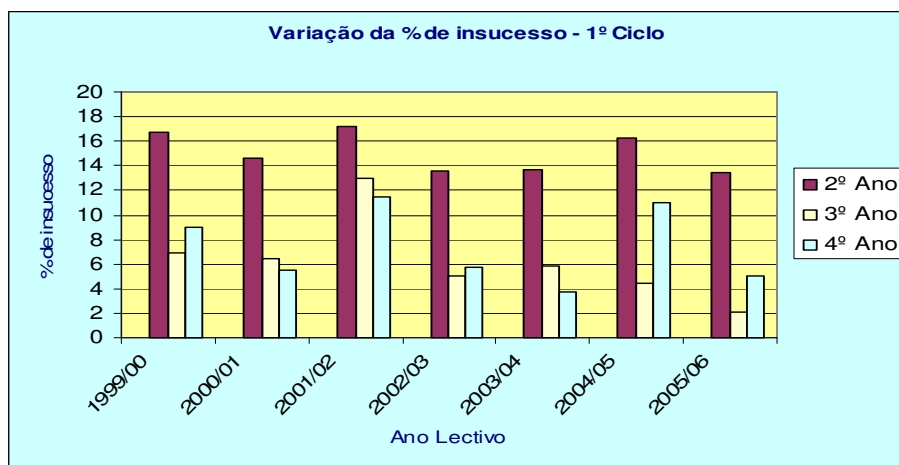


Fonte: Ministério da Educação e documentos internos da escola

O ano escolar que normalmente obteve níveis de insucesso mais acentuados foi o 7º ano, com excepção dos dois últimos anos lectivos (2004/05 e 2005/06) em que o maior insucesso aconteceu no 9º ano. A esse facto não terá sido alheia a realização de exames nacionais a Matemática e Língua Portuguesa.

Como insucesso entende-se a taxa de retenção e de desistência ou abandono escolar. Neste Agrupamento este valor deve-se essencialmente ao insucesso, não ao abandono.

Gráfico 4 – Variação da % de insucesso no 1º Ciclo



Fonte: Ministério da Educação

O ano de escolaridade em que se verificou maior insucesso foi o 2º ano, provavelmente porque no 1º ano não pode existir retenção. Os valores apresentados são, regra geral, próximos dos valores médios nacionais, tanto no 1º ciclo como nos restantes.

4.3.1 – Escola Básica do 2º e 3º Ciclo – Sede do Agrupamento (Escola Azul)

A Escola Básica do 2º e 3º ciclo deste Agrupamento foi criada através de uma portaria, em Maio de 1991. As actividades lectivas desta escola tiveram início em instalações provisórias. Em Janeiro de 1992, e ainda com o actual edifício em construção, ocorreu a transferência para as novas instalações, funcionando apenas o bloco A. Em Setembro do mesmo ano foram inaugurados os blocos B e C, dando-se início ao pleno funcionamento da escola, com cerca de 1200 alunos e 94 docentes.

O nome da escola foi posteriormente alterado – em 1993 – por proposta da Junta de Freguesia, com o apoio da Câmara Municipal de Sintra e da própria escola.

A escolha do patrono da escola fundamentou-se no facto de este ter sido um dos nomes marcantes da Literatura Portuguesa do século XX e por, na sua obra, demonstrar um especial carinho e simpatia por Sintra.

No ano lectivo de 1995/1996 ocorreu nova mudança de nomenclatura. No final do ano lectivo foi inaugurado na escola um monumento alusivo ao seu patrono, com a presença da viúva e filha, bem assim como de entidades oficiais e de elementos da escola.

Situada num dos bairros da freguesia, a escola recebe alunos vindos do próprio bairro – e que funciona basicamente como dormitório – bem assim como alunos provenientes de bairros próximos, e de algumas ruas devidamente identificadas e seleccionadas em função de critérios definidos pela rede escolar. O grande número de alunos que procuram frequentar esta escola é superior à sua capacidade, pelo que a selecção tem que ser feita anualmente em função da morada dos alunos. No quinto ano de escolaridade a escola sede do Agrupamento recebe os alunos provenientes das escolas básicas do 1º ciclo que o integram, sendo na passagem para o 3º ciclo que essa selecção é feita. Os alunos que deixam de ter lugar na escola são maioritariamente canalizados para a Escola Secundária da localidade.

A escola é constituída por um edifício principal, formado por 3 blocos unidos entre si por corredores, por um pavilhão de madeira com 4 salas (que entrou em funcionamento no 1º período do ano lectivo 2002/03) sem ligação directa ao edifício principal e por um pavilhão gimnodesportivo construído depois da escola já estar em funcionamento há alguns anos (no ano lectivo 2001/02). O espaço exterior possui um ringue e existem algumas áreas ajardinadas.

Existem 15 salas de aula normais e salas específicas: audiovisuais, laboratórios de ciências, salas de trabalhos manuais, trabalhos oficinais, música e educação visual e duas salas de informática. Há também um bar com espaço de convívio para os alunos, um bar para os restantes membros da escola, refeitório, papelaria, ludoteca, biblioteca, secretaria e reprografia. Tanto o edifício principal como o pavilhão possuem casas de banho para rapazes e raparigas. A escola tem ainda uma sala de professores, uma sala para ser utilizada pela associação de pais e/ou directores de turma, uma sala onde os directores de turma trabalham e recebem os encarregados de educação, gabinete da Acção Social Escolar, secretaria, um Gabinete de Psicologia e Orientação onde trabalham a psicóloga e uma Técnica Superior de Serviço Social e um Gabinete do Núcleo de Apoio Educativo. Existe também o Clube da Línguas e o Espaço Ciência (partilhado com o Laboratório da Matemática), bem como uma sala de estudo e uma sala de mediação de conflitos.

Os professores da escola estão distribuídos por departamentos curriculares: Expressões, Educação Física, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Ciências Humanas e Sociais, Matemática e Ciências Físicas e Naturais, sendo representados no Conselho Pedagógico pelos respectivos coordenadores de departamento. Existe o Conselho de Directores de Turma, que no presente ano lectivo é formado por 45 directores de turma: 10 turmas de 5º ano, 13 de 6º ano, 7 de 7º ano, 6 de 8º ano e 9 de 9º ano. Destas turmas, uma é de currículo alternativo (9º ano) e duas são de Cursos de Educação Formação (9º ano). Existem cerca de 1100 alunos e 120 professores, 92 dos quais pertencendo ao quadro de escola.

Cerca de um quarto dos alunos da escola são apoiados pela ASE e perto de sessenta alunos apresentam Necessidades Educativas Especiais (NEE) diagnosticadas. Existe um número crescente de alunos de nacionalidade estrangeira, predominando aqueles que têm como origem um país de língua portuguesa.

O número de auxiliares de acção educativa é inferior ao que seria desejável, apesar de permitir que a escola funcione com um mínimo de condições.

Existe Associação de Pais, representada nos órgãos de gestão da escola em que tem assento.

4.3.2 – Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Verde)

Foi inaugurada em 1990 e situa-se num dos bairros próximos da escola sede do Agrupamento. É uma escola do tipo P3, com dois pisos, constituída pelo edifício principal e um anexo pré-fabricado que possui duas salas e foi construído posteriormente à abertura da escola. O edifício principal possui oito salas de aula, casas de banho, cozinha e refeitório, ginásio, biblioteca e um salão polivalente. No exterior está o pátio de recreio e um campo de jogos.

Tem, no ano lectivo de 2006/07, 315 alunos, distribuídos por quinze turmas – 4 do 1º ano, 4 do 2º ano, 4 do 3º ano e 3 do 4º ano – cujo número de alunos varia entre dezanove e vinte e três. Quinze dos alunos têm necessidades educativas especiais. Há 15 professores com turma, 2 professores com reconversão do tempo de serviço, 1 professor coordenador do estabelecimento, 1 professor do ensino especial e 2 dos apoios sócio-educativos. Existe uma Associação de Pais. Mais de metade dos professores é do quadro da escola.

4.3.3 – Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Amarela)

Está situada numa das ruas pertencente à zona de influência da escola sede do Agrupamento e é constituída por um edifício do tipo P3 com duas salas em cada um dos pisos. Entre as duas salas existe, em cada piso, uma outra sala que é aproveitada para diferentes fins. No piso térreo é utilizada para sala de reuniões e para o apoio a crianças com necessidades educativas especiais. No piso superior funciona uma biblioteca e um espaço para a informática. A escola dispõe igualmente de casas de banho nos dois andares, de cozinha e de uma arrecadação. Como não há refeitório, as refeições têm lugar numa zona da sala polivalente. É igualmente nessa sala que funcionam as actividades de Expressões e a Educação Física. No exterior há um campo de jogos com duas balizas de futebol.

Em 2006/07 tem 84 alunos, distribuídos por quatro turmas – 1 do 1º ano, 2 do 2º ano (uma delas com alunos de 1º e 2º anos) e 1 do 4º ano (com alunos do 3º e 4º anos) – e 4 professores, todos do quadro da escola. Nesta escola o coordenador do estabelecimento lecciona uma turma e há 1 professor com reconversão do tempo de serviço e 1 professor do ensino especial para seis alunos com necessidades educativas especiais. Não existe Associação de Pais.

4.3.4 – Escola Básica do 1º Ciclo/Jardim-de-Infância (Escola Vermelha)

Construída em 1987, esta é a escola do 1º ciclo que fica mais perto da sede do Agrupamento. Tal como as anteriores escolas do 1º ciclo, é um edifício de tipologia P3 no qual funciona o jardim-de-infância – em duas salas – e as turmas de 1º ciclo. Existe ainda uma sala destinada a um grupo de doze jovens com multideficiências que estão integrados na escola e que recebem apoio por parte da Liga Portuguesa de Deficientes Motores.

Para além das salas de aula existem espaços mais pequenos onde funcionam os audiovisuais, a biblioteca, a sala da equipa de apoio educativo e da saúde escolar, a sala de professores (também ao serviço da Associação de Pais e da Coordenação da Escola) e uma sala polivalente, utilizada como refeitório e como local de funcionamento das actividades de cariz desportivo, recreativo e cultural. A apoiar este espaço existe uma cozinha, uma arrecadação e um centro de recursos. O recreio, apesar de grande, está em mau estado de conservação e é mal aproveitado.

Frequentam o jardim-de-infância no ano lectivo de 2006/07 cerca de 50 crianças e no 1º ciclo há 398 alunos, sendo dezassete do ensino especial. Estão distribuídos por duas e dezoito turmas – 4 turmas no 1º, 2º e 3º anos e 6 turmas no 4º ano – respectivamente. Há 18 professores do 1º ciclo, 2 educadoras de infância e um professor para os alunos do grupo de jovens deficientes. A coordenadora do estabelecimento não tem turma e existem 2 professores do ensino especial e dois professores dos apoios sócio-educativos. A maioria dos docentes é efectiva no quadro da escola. Possui uma Associação de Pais.

4.3.5 – Escola Básica do 1º ciclo/Jardim-de-Infância (Escola Laranja)

Esta escola do Agrupamento situa-se num dos bairros próximos da escola sede do Agrupamento e, ao contrário das restantes escolas do 1º ciclo, é constituída por um edifício térreo.

Possui seis salas, sendo quatro destinadas ao primeiro ciclo e duas ao jardim-de-infância. Existem ainda espaços para arrecadação entre as salas de aula, duas salas para os Apoios Educativos, uma sala de professores, uma biblioteca escolar, uma mediateca e uma sala polivalente que serve como refeitório e como espaço para o desenvolvimento de diferentes

tipos de actividades. Existe ainda a cozinha, dois balneários e casas de banho para rapazes, raparigas e deficientes.

O recreio possui uma zona coberta, um campo de jogos com duas balizas de futebol e duas tabelas de mini-basquete.

No ano lectivo 2006/07 o jardim-de-infância tem cerca de 45 crianças em duas turmas e o 1º ciclo tem 124 alunos em seis turmas – 1 do 1º ano, 1 do 2º ano, 2 de 3º ano e 2 de 4º ano. Há 8 docentes com turma, sendo dois deles educadoras de infância. A coordenadora do estabelecimento tem turma e existem 1 professor com reconversão do tempo de serviço, 1 professor do ensino especial e 1 professor dos apoios sócio-educativos. Muitos dos docentes não são do quadro de escola. Existe Associação de Pais.

4.3.6 – Jardim-de-Infância (Escola Violeta)

É constituído por uma só sala e encontra-se numa praça da localidade, ocupando as antigas instalações de uma escola do 1º ciclo, estando incluído na Rede Pública do Ministério da Educação desde 1991.

Para além da sala, que se encontra dividida em diferentes espaços – zona das ciências, da biblioteca, da escrita, da matemática, dos jogos de tapete, do faz-de-conta, da modelagem, da pintura e da culinária – tem um pequeno gabinete, um vestiário, instalações sanitárias para adultos e crianças e um espaço exterior pequeno dividido em três zonas – área de cultivo, zona de relva artificial e zona de placas sintéticas com casinha em madeira.

Existem em 2006/07 apenas 20 alunos e uma educadora na única turma do jardim-de-infância, pertencendo ao quadro da escola. Não existe Associação de Pais.

4.4 – AVALIAÇÃO EXTERNA DO AGRUPAMENTO

Durante o ano lectivo de 2005/06, por iniciativa da presidente do CE, foi feita a Avaliação Externa do Agrupamento. Esta avaliação procurou determinar pontos fracos e fortes em cinco domínios: resultados, prestação do serviço educativo, organização e gestão escolar, liderança,

capacidade de auto-regulação e progresso do Agrupamento. Teve igualmente como objectivo identificar oportunidades de desenvolvimento criadas e constrangimentos a ultrapassar, recolher informação que possa ser utilizada como instrumento de regulação interna e como prestação de contas sobre a qualidade dos desempenhos escolares.

Todo o processo de avaliação feito e os resultados a que a equipa de avaliação chegou relativamente a cada um dos domínios devem ser enquadrados numa realidade, pelos próprios mencionada, que resulta da recente formação do Agrupamento. O trabalho de organização das estruturas e procedimentos e a produção de documentos comuns estava numa fase inicial, de que resultam algumas das críticas feitas.

O quadro seguinte sintetiza o que foi dito em relação aos domínios avaliados, contendo a avaliação atribuída e a respectiva justificação. Relativamente a cada domínio considerado, a justificação da avaliação atribuída está subdividida em dois grupos. O primeiro refere argumentos considerados positivos e o segundo enuncia os argumentos considerados menos positivos e que se referem a situações que carecem de melhoria.

Quadro 13 – Síntese da avaliação externa ao Agrupamento

DOMÍNIO AVALIADO	AVALIAÇÃO	JUSTIFICAÇÃO DA AVALIAÇÃO
RESULTADOS	Bom	▪ Resultados académicos comparáveis à média nacional ▪ Abandono escolar reduzido ▪ Introdução às actividades experimentais nos JI ▪ Comportamento e disciplina dos alunos aceitável ▪ Trabalho sistemático na educação para a diferença e tolerância ▪ Sem áreas de excelência ▪ Falta de actuação articulada na valorização dos saberes e aprendizagens (que o meio envolvente não valoriza) ▪ Reduzido horário de abertura dos clubes

Continua

Continuação

DOMÍNIO AVALIADO	AVALIAÇÃO	JUSTIFICAÇÃO DA AVALIAÇÃO
PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO DOMÍNIO-CHAVE DO AGRUPAMENTO	Bom	▪ Prestação de apoios e diferenciação do ensino para os alunos com necessidades educativas especiais ▪ Criação de alternativas ao currículo ▪ Oportunidades de aprendizagem para todos ▪ Formação de turmas e distribuição do serviço docente cuidadas ▪ Trabalho para a equidade, justiça, tolerância e aceitação da multi-culturalidade ▪ Esforço para articular com as famílias ▪ Articulação dos serviço educativo, melhor nos conselhos de docentes e conselhos de turma que nos departamentos
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR	Suficiente	▪ Dada atenção às questões relacionadas com o absentismo e competências para lidar com a indisciplina ▪ Recursos globais bons, que deveriam ser alvo de uma gestão comum ▪ Estado de manutenção dos equipamentos reflecte os problemas de sobrelotação ▪ Falta aprovar documentos-chave do Agrupamento (em construção, porque a sua formação era recente) ▪ Gestão dos recursos humanos remediativa e não pró-activa ▪ Falta de atenção com questões de natureza pedagógica ou científica ▪ O envolvimento dos pais na escola deveria ser melhor organizado
LIDERANÇA	Suficiente	▪ Ponto forte: parcerias, protocolos, projectos → falta estratégia definida ▪ Não existe recusa ou oposição à inovação ▪ Ausência de estratégia e visão e insuficiente motivação e empenho de vários actores do processo de gestão
CAPACIDADE DE AUTO-REGULAÇÃO E PROGRESSO DO AGRUPAMENTO	Suficiente	▪ Abertura à aprendizagem ▪ Consciência da necessidade de encontrar um rumo → fase de aprendizagem ▪ A auto-avaliação feita acontece por iniciativa de um grupo restrito (pouco partilhada e abrangente)

Fonte: Relatório da Avaliação Externa – Grupo de Trabalho de Avaliação das Escolas, Junho de 2006

Da análise feita pela equipa de avaliação externa às escolas e ao seu meio envolvente ressaltam os seguintes elementos, pertinentes para a caracterização do Agrupamento:

- Sobrelotação das escolas, em especial a *Escola Azul*;
- Muitos alunos carenciados e apoiados pela ASE;
- Enquadramento sócio-cultural muito diversificado;
- Não valorização da escola e das aprendizagens por uma parte da comunidade envolvente, o que dificulta a interacção escola-família e tem reflexos no aproveitamento escolar dos alunos;
- Abandono escolar muito reduzido em todos os ciclos (existe um esforço de oferta educativa diversificada e um acompanhamento na transição para outras alternativas externas à escola);
- Índice de sucesso comparável à média nacional – não muito elevado – e falta de uma estratégia clara conducente a uma melhoria da situação;
- Bom relacionamento entre professores e alunos, que normalmente dizem gostar da escola;
- Ocorrência de alguma indisciplina, em especial na EB2,3, existindo um conjunto de alunos já identificados considerado problemático. O sistema de cartões de pagamento implementado nessa escola tem vindo a diminuir os furtos e a violência;
- A psicóloga apoia a EB2,3 e uma das EB1 – por falta de disponibilidade temporal para apoiar as restantes, devido ao número de alunos que necessitam da sua intervenção – tendo as restantes EB1 que estabelecer protocolos com o Centro de Saúde local;
- O desporto escolar mobiliza muitos alunos, de forma positiva;
- Desenvolvimento de projectos sobre a tolerância e multi-culturalidade nas EB1, pois existem alunos provenientes de vários continentes e com diferentes religiões e culturas;
- Existência de algumas parcerias com o município, com entidades de formação e empresas locais;
- Estado de conservação dos edifícios e equipamentos aceitável, pior nas zonas exteriores;
- Os meios informáticos disponíveis são insuficientes para o número de alunos da EB2,3 mas adequados nas EB1.

Foram igualmente avançadas algumas perspectivas sobre o funcionamento do Agrupamento. No relatório de avaliação externa (2006, p.6) é dito que:

“Segundo os docentes do 1º ciclo, a articulação com a sede do Agrupamento faz-se, fundamentalmente, com a disponibilização, por parte de docentes do 2º ciclo, de aulas de Educação Física, Educação Musical e Moral. Eles sentem que não participam verdadeiramente nas decisões do Agrupamento e não estão, frequentemente, de acordo com o decidido. Por outro lado, também eles preferem não utilizar os espaços na EB 2,3 para as suas actividades.”

De positivo foram salientados: a dinâmica do CP, na recolha de informação sistemática sobre os resultados académicos, o que pode funcionar como a base de um processo interno de auto-avaliação; o bom funcionamento dos JI e EB1 na integração comunitária e reinserção social; o trabalho dos directores de turma e de outros professores na promoção das aprendizagens dos alunos, na sua inclusão social e no seu bem-estar.

Negativamente, foi apontada alguma desarticulação e falta de estratégias definidas em vários domínios (substituídas por iniciativas individuais com sucesso), pouca partilha de recursos e algum défice na gestão dos recursos humanos e espaços. As gestões intermédias – ao nível dos departamentos – não exercem uma liderança efectiva e a gestão do Agrupamento não tem uma visão e estratégia definida.

4.5 – CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

Quando se faz um estudo de carácter qualitativo, segundo STREUBERT & CARPENTER (2002, p.25) “ (...) os indivíduos são seleccionados para participar na investigação qualitativa de acordo com a sua experiência, em primeira-mão (...) A preocupação dos investigadores é desenvolver uma descrição rica e densa da cultura ou fenómeno.”

FORTIN (1999) faz referência à existência de uma população alvo como sendo a população que o investigador quer estudar, ou seja, que cumpre os critérios de selecção definidos pelo investigador.

Neste tipo de estudo o mais importante é que os participantes sejam experientes no assunto pelo que se aconselha que a amostra seja limitada, escolhida deliberadamente e seja representativa da perspectiva desejada. Desde modo pareceu importante escolher os chamados “informadores privilegiados”, os mais aptos para a recolha de dados, ou seja, foi utilizada a possibilidade de poder convidar pessoas consideradas dotadas de excelentes qualidades ao nível do conhecimento, experiência profissional e de expressão.

Desta forma utiliza-se a técnica de amostragem não probabilística intencional, pois este método de seleccionar participantes baseia-se no conhecimento do indivíduo sobre um determinado fenómeno.

PATTON (*In*: STREUBERT & CARPENTER, 2002, p.66) refere que: “A lógica e o poder da amostra intencional estão na selecção de casos ricos de informação para estudar em profundidade. Os casos ricos de informação são aqueles a partir de quem se pode aprender muito de assuntos de importância central para a investigação.”

A escolha dos participantes necessários para a pesquisa é de fulcral relevância para o sucesso da investigação, permitindo a obtenção de dados com qualidade. Numa abordagem mais superficial, a primeira tendência é a de se pressupor que o recrutamento a efectuar é relativamente fácil, o que pode colocar em risco, de forma objectiva e directa, todo o processo de investigação.

Convém por isso reconhecer todas as características inerentes a um bom processo de recrutamento. Sabe-se já que o grupo deverá ser homogéneo. Mas o que é homogeneidade de um grupo? Neste ponto KRUEGER & CASEY (2000, p.72) dizem o seguinte: os participantes deverão ter em comum algo que vá de encontro ao “*focus*” temático pretendido pelo investigador na sua pesquisa. Poderão ser exemplos a profissão, a idade, a raça, as características de uma determinada família, entre outros.

Um segundo ponto a reter neste processo é a dimensão dos grupos. Ao querer usar-se uma análise de dados qualitativa será razoável optar por um universo populacional pequeno, em que a sua dimensão deverá ser inferior a 100 casos. (HILL & HILL, 2002, p.43) Neste contexto, um outro aspecto a não ignorar é o facto de este ser um estudo de âmbito académico, o que implica a presença de limitações de várias índoles, condicionando as opções do pesquisador. Atente-se à seguinte citação:

“No caso de uma investigação académica feita por parte de uma licenciatura ou mestrado, é aconselhável, e muito mais simples, escolher um Universo pequeno para trabalhar (...) normalmente, nem o tempo nem os recursos disponíveis que os alunos dispõem são adequados para fazer uma investigação de grande escala.” (HILL & HILL, 2002, p.43)

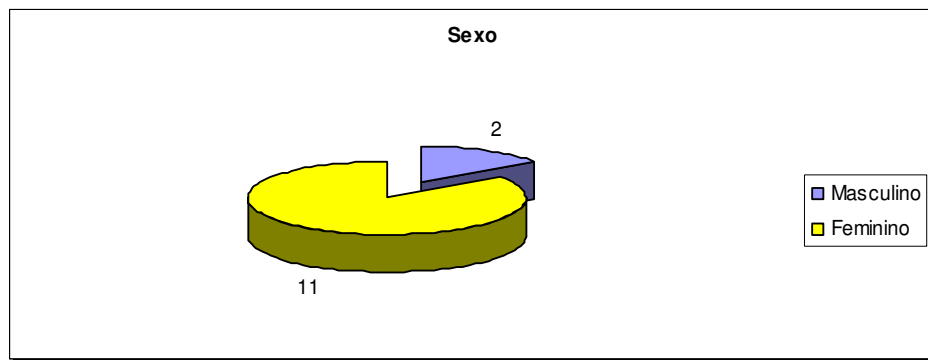
Já foi referido anteriormente que este aspecto varia de autor para autor, mas que deverá ir sempre ao encontro dos objectivos da pesquisa a efectuar. KREUGER & CASEY (2000, p.73)

referem que se se pretende lidar com tópicos complexos, tais como os conhecimentos e percepções dos participantes, não se deverá constituir grupos com 10 a 12 elementos. A sugestão destes autores passa pela utilização de 6 a 8 pessoas por grupo, dado que o controle efectuado por um moderador com pouca experiência é muito difícil quando esses mesmos grupos são constituídos por 10 ou mais elementos. Muitas outras razões são descritas na literatura como condicionantes da escolha do tamanho do grupo. São também exemplos as seguintes situações: existência de um tema que pretenda compreender as experiências das pessoas, situação em que os grupos deverão ser mais pequenos, permitindo haver tempo necessário para a intervenção e reflexão de todos os elementos do grupo; quando o tema em foco é a educação especial de crianças, os pais sentem a necessidade de partilhar as suas muitas experiências.

Atendendo ao que acaba de ser mencionado e às características do estudo, os participantes no mesmo foram treze, correspondendo a cinco entrevistas individuais e um grupo focal com oito pessoas.

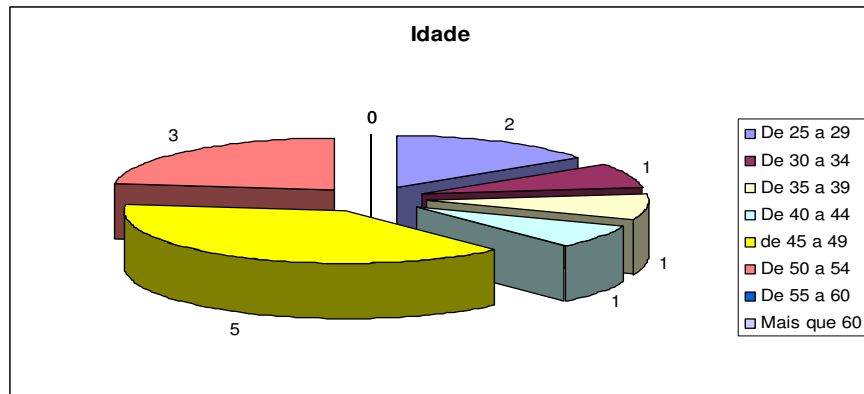
Apresenta-se em seguida uma caracterização sucinta dos participantes, atendendo ao seu percurso profissional.

Gráfico 5 – Sexo



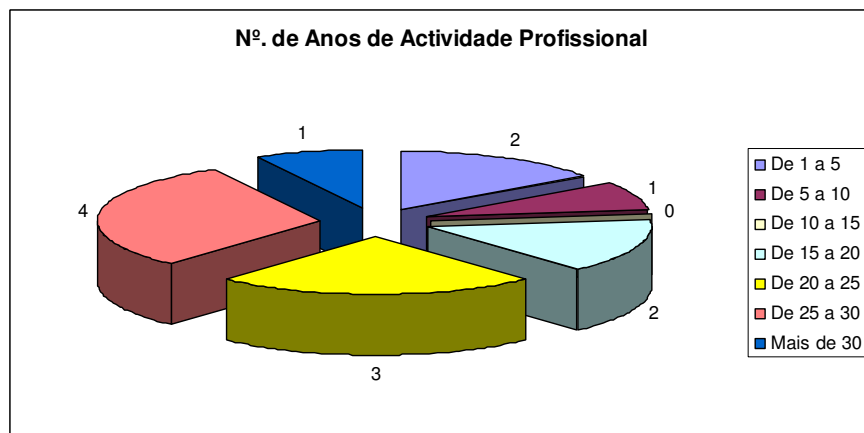
A amostra foi constituída por nove docentes do sexo feminino e dois docentes do sexo masculino, o que reflecte o maior número de mulheres nas escolas do Agrupamento.

Gráfico 6 – Idade



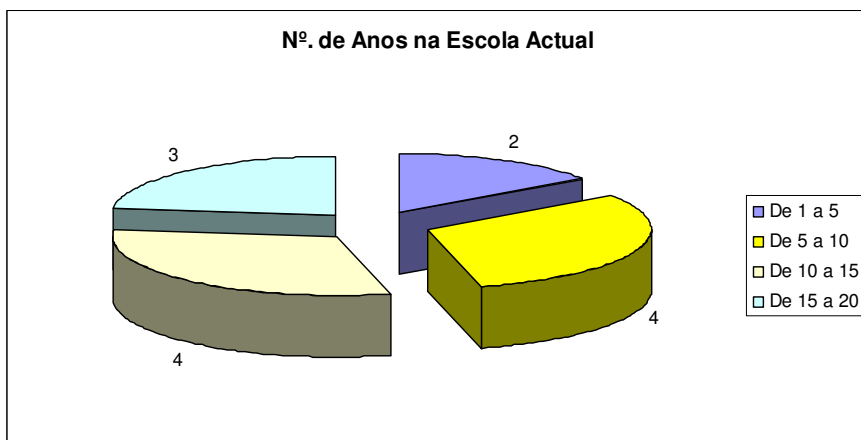
A idade da maioria dos docentes entrevistados situa-se numa faixa etária acima dos 45 anos, revelando que possuem já alguma experiência no ensino, contrastando com outros elementos mais jovens, ainda com idades compreendidas entre os 25 e os 40 anos. Estão assim representadas na amostra várias gerações de docentes, como se pode ver no gráfico.

Gráfico 7 – Nº de Anos de Actividade Profissional



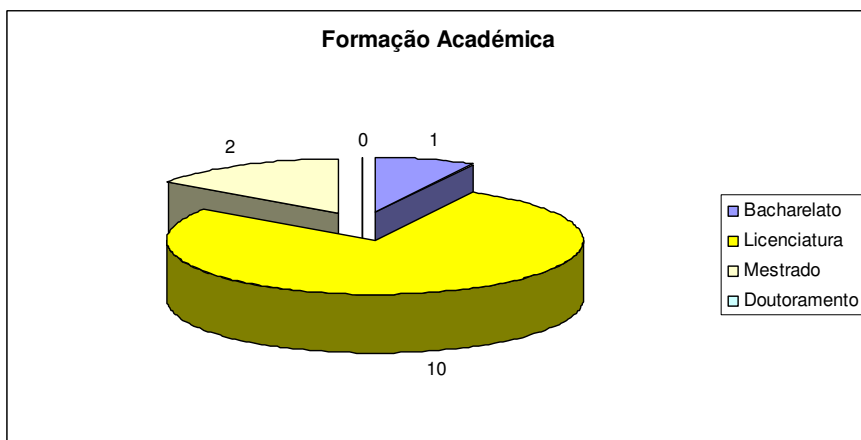
A maioria dos docentes, como se pode observar no gráfico anterior, tem experiência profissional superior a quinze anos, o que revela que já participaram em diferentes modelos e experiências de ensino, podendo a sua experiência ser considerada uma mais valia para a investigação. O equilíbrio é dado pela presença de professores com menos anos de docência, que poderão substituir essa experiência por uma diferente visão da escola e das alterações que se fizeram sentir.

Gráfico 8 – N° de Anos na Escola Actual



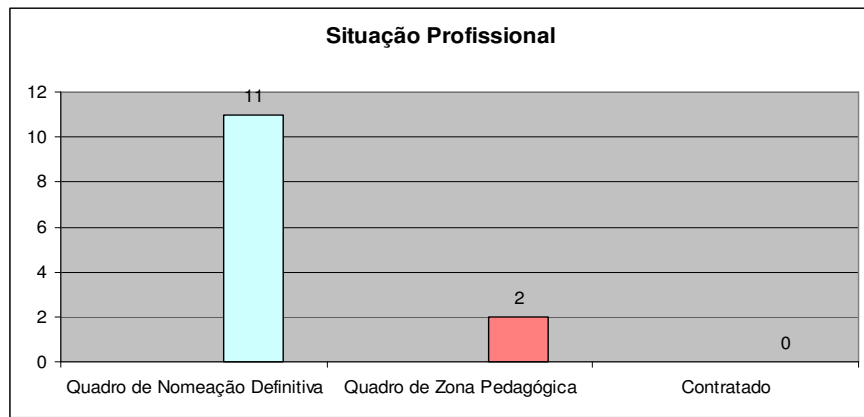
A maioria dos membros da amostra está na escola actual pelo menos há cinco anos, pelo que viveu o processo de formação do Agrupamento Vertical de Escolas e acompanha o seu desenvolvimento, o que os torna fontes credíveis de informação. O gráfico revela a distribuição dos docentes em função do número de anos em que se encontra na escola actual.

Gráfico 9 – Formação Académica



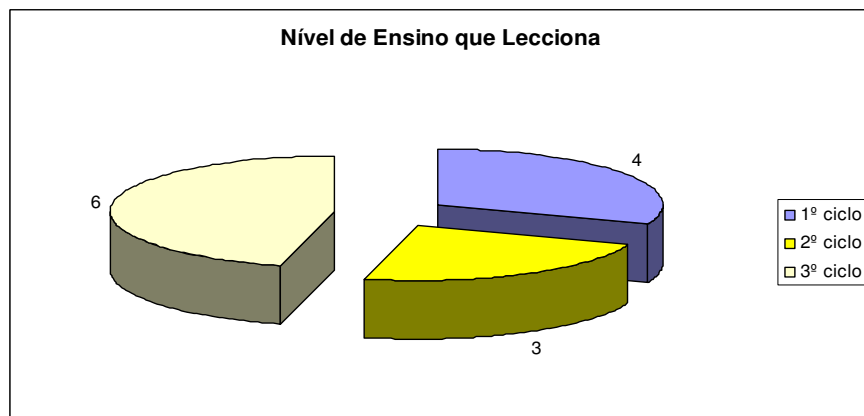
No que concerne à formação académica, como se pode observar, a maioria dos docentes é licenciada, existindo dois professores que possuem o grau de Mestre.

Gráfico 10 – Situação Profissional



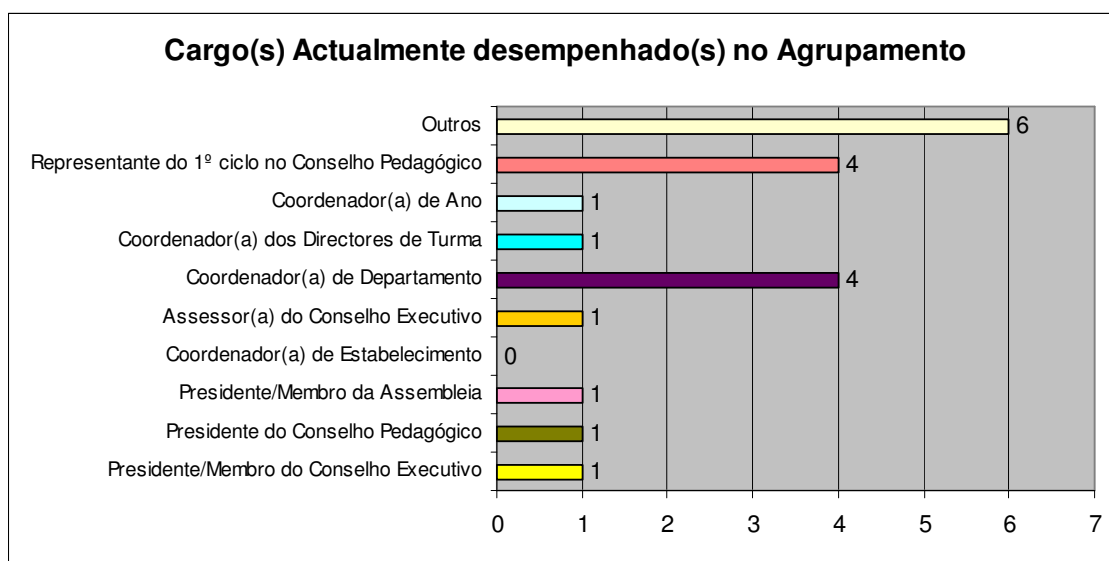
Profissionalmente, são maioritariamente docentes de nomeação definitiva do quadro da escola em que leccionam, com excepção de dois, que pertencem ao quadro de zona pedagógica, como é visível no gráfico anterior.

Gráfico 11 – Nível de Ensino que Lecciona



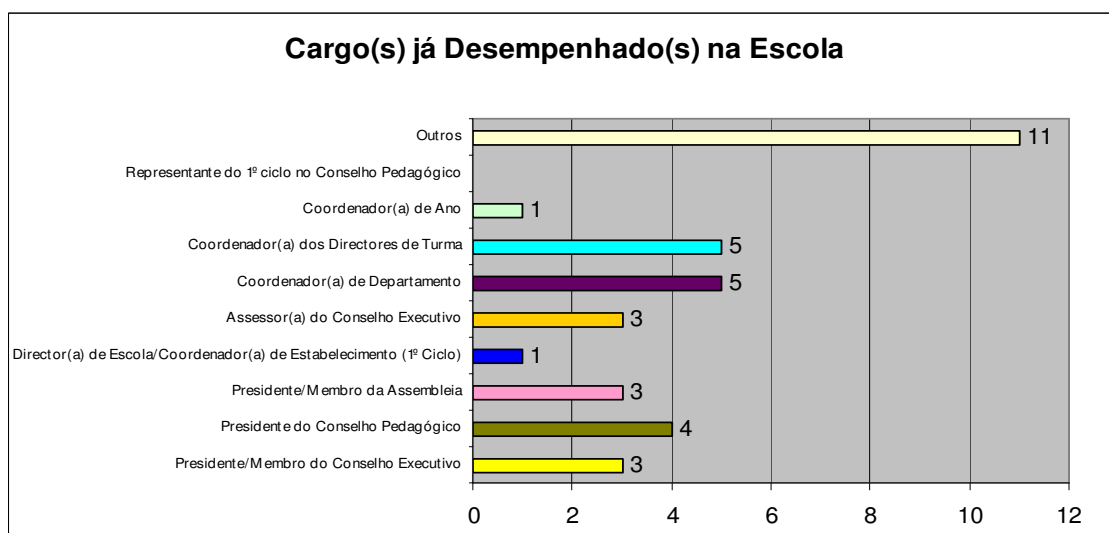
Na amostra existem 4 professores do 1º ciclo – os representantes das suas escolas no CP. Os restantes pertencem maioritariamente ao 3º ciclo. Todos os ciclos do ensino básico existentes nas escolas do Agrupamento estão representados.

Gráfico 12 – Cargo(s) Actualmente Desempenhados no Agrupamento



Todos os participantes na investigação desempenham actualmente cargos nas escolas do Agrupamento, a maioria dos quais relacionados com a presença no CP. Algumas pessoas acumulam mais do que um cargo. Nos outros cargos inclui-se o de Coordenador dos Exames do 9º ano (1), Director de Turma (3), Coordenador da Biblioteca Escolar (1), Delegado de Disciplina (1).

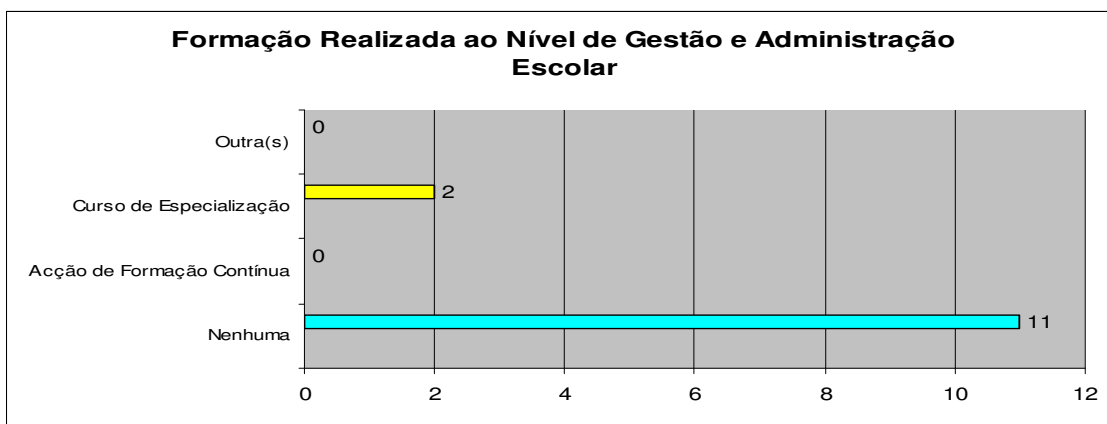
Gráfico 13 – Cargo(s) já Desempenhados na Escola



Também em anos anteriores, durante o seu percurso profissional, estes docentes desempenharam cargos nas escolas respectivas, que lhes permitiram olhar a escola segundo diferentes perspectivas, o que aumenta o seu conhecimento sobre a dinâmica da escola – a maioria permanece na escola actual há vários anos, como já vimos – e os torna como importantes fontes de informação.

Nos outros cargos foram referidos o de Director de Turma (6), Coordenador de Exames do 9º ano (1), Coordenadora do Centro de Recursos Educativos (1), Delegada de Grupo/Disciplina (3)

Gráfico 14 – Formação Realizada ao Nível da Gestão e Administração Escolar



De todos os docentes entrevistados, apenas dois possuem alguma formação ao nível da gestão e administração escolar.

A amostra desta investigação é heterogénea ao nível da faixa etária e engloba docentes dos vários ciclos do ensino básico, com experiências profissionais ricas ao nível do desempenho de cargos existentes nas escolas. Como atravessaram, maioritariamente, o processo de formação do Agrupamento e detêm um conhecimento da realidade anterior que lhes é conferido pelo facto de estarem há vários anos na escola actual, são fontes credíveis de informação e podem seguramente colocar o seu conhecimento e experiência na manifestação das suas percepções sobre o tema proposto. Este facto irá enriquecer e diversificar os resultados obtidos, permitindo uma análise mais detalhada da realidade do Agrupamento e respostas mais abrangentes às questões de investigação colocadas, no sentido de se atingirem os objectivos propostos.

5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os resultados que se irão apresentar em seguida resultam da realização de uma entrevista exploratória, de quatro entrevistas individuais e de um grupo focal constituído por oito pessoas. Como se poderá perceber, e dada a natureza da investigação, o volume de dados obtidos foi muito grande, pelo que a análise de conteúdo feita foi morosa e nem sempre fácil.

Depois de efectuada a entrevista exploratória, procedeu-se à respectiva transcrição, que se apresenta em anexo devido à sua extensão. (anexo X)

Nessa transcrição, após leitura atenta e repetida, foram sublinhadas e numeradas todas as frases significativas, que em seguida foram introduzidas em quadros referentes a cada um dos seis objectivos da investigação. (anexo XI)

Este mesmo procedimento foi adoptado para cada uma das quatro entrevistas individuais, cuja transcrição integral – e respectivo sublinhar das frases significativas – se encontra em anexo. (anexos XII a XV)

Os quadros que incluíram as frases respeitantes às quatro entrevistas enquadradas com os objectivos de investigação são igualmente apresentados em anexo. (anexo XVI)

A partir desses quadros, procedeu-se à elaboração de novos quadros, mais uma vez divididos por objectivos, em que as frases significativas foram agrupadas em categorias, por sua vez subdivididas em subcategorias, indicando-se ainda as unidades de enumeração (UE) respeitantes a cada subcategoria. Estes últimos são apresentados em anexo (anexo XVII), englobam as frases significativas das cinco entrevistas individuais e será a partir deles que se fará a análise dos dados.

Quanto ao grupo focal realizado apresenta-se a sua transcrição (anexo XVIII), na qual estão assinaladas as frases significativas, a inclusão dessas frases no quadro dividido segundo cada um dos objectivos da investigação (anexo XIX) e a categorização das mesmas (anexo XX), tal como foi feito em relação às entrevistas individuais. Estes quadros estarão também na base da análise e discussão dos dados obtidos.

5.1 – ANÁLISE DOS DADOS

Para facilitar a leitura e permitir alguma organização ao texto, os dados obtidos através da análise de conteúdo das várias entrevistas individuais que se encontram integralmente em anexo, conforme atrás referido, serão apresentados através de novos quadros que discriminam o objectivo, a categoria e a subcategoria, transcrevendo-se apenas algumas frases significativas, entre aquelas que forem consideradas mais representativas. Antecedendo esses quadros, apresentam-se igualmente, para cada objectivo, as várias categorias consideradas.

Quadro 14 – Categorias encontradas para cada objectivo de investigação

OBJECTIVO	CATEGORIA
1- Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO ANTES DA EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO
2- Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO APÓS A EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS PAPEL DESEMPENHADO PELA PRESIDENTE DO CONSELHO PEDAGÓGICO NA PREPARAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO FACTORES CONDICIONANTES DA DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO DIFERENÇAS ENTRE FORMAS DE SER E DE ESTAR DOS REPRESENTANTES DOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO
3- Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS
4- Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP
5- Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP

Continua

Continuação

6- Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	FACTORES POSITIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP FACTORES NEGATIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP FACTORES QUE APONTARIAM PARA A EXISTÊNCIA DE UM SÓ COORDENADOR

Cada uma das categorias mencionadas foi dividida em subcategorias, que se discriminam nos quadros seguintes. Por vezes ocorreu o desdobramento de frases significativas, que mantiveram a numeração anterior seguida de uma letra, em virtude de ser relevante para a inclusão nas categorias.

Quadro 15 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 1

OBJECTIVO 1: Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas		
CATEGORIA: Estrutura do Conselho Pedagógico antes da existência do Agrupamento Vertical de Escolas		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Constituição do Conselho Pedagógico	1. “Antes do agrupamento ser constituído o Conselho Pedagógico era constituído como é hoje, sem 1º ciclo e sem o pré-escolar e sem o representante dos pais, das associações de pais, do 1º ciclo. Isto é, era constituído pela presidente do Conselho Executivo, pelo representante do Serviços de Psicologia e Orientação, pela coordenadora das auxiliares de acção educativa, por um elemento dos apoios educativos, por chefes de departamento” [E1]	3UE
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Temáticas abordadas nas reuniões	3. “(...) as principais temáticas são as das questões pedagógicas (...) as questões da avaliação e dos resultados dos alunos (...) as questões dos apoios educativos dos meninos com necessidades educativas especiais (...) as questões dos currículos alternativos (...) das turmas com um regime diferenciado, com características e com um percurso diferenciado” [E1] 70. “(...) a formação teve muita importância nessa altura” [E1]	6UE
Papel desempenhado pela presidente do Conselho Pedagógico	6. “(...) a dinâmica da reunião depende da dinâmica de cada um dos presidentes.” [E1] 28. “(...) eu quando fui presidente do Pedagógico transportava para dentro do Pedagógico uma reflexão muito mais aprofundada.” [E1]	3UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 1: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas</i>		
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	6º “Portanto, do que eu conheço, a estratégia de dinâmica de reunião é a ordem de trabalhos, absolutamente normal (...) é marcada a reunião e é afixada” [E1] 25. “Quando eu era presidente do Pedagógico era chamada e ia prepará-la com o presidente do Conselho Executivo da altura. Mas era eu que preparava.” [E1]	5UE
Estratégias utilizadas durante a reunião do Conselho Pedagógico	56. “Era quase como que uma espécie de formação.” [E1] 72. “(...) tudo era muito aprofundado.” [E1]	5UE
Duração temporal de cada reunião do Conselho Pedagógico	10. “(...) o Pedagógico às vezes seguia ... mas houve tempos em que não havia mais de 3 ou 4 questões (...) algumas vezes não eram tratadas pela rama, eram de facto aprofundadas.” [E1] 31. “(...) nós reuníamos praticamente todas as semanas ... era imenso.” [E1]	6UE

Antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas o Conselho Pedagógico era constituído pelos elementos determinados pela legislação. Os temas abordados nas reuniões eram essencialmente do foro pedagógico – avaliações, apoios educativos, questões disciplinares, Projectos Educativos, Planos Anuais de Actividade e Projectos Curriculares de Turma. Também se abordava a formação dos docentes e analisava a legislação publicada.

Com a entrada na Gestão Flexível do Currículo, a partir da entrada em vigor do Decreto-Lei nº 115-A/98, todas as alterações e adaptações por ele introduzidas foram amplamente discutidas e analisadas.

A dinâmica da reunião era muito condicionada pela personalidade do presidente do CP, que determinava a ordem de trabalhos, com ou sem a colaboração do presidente do órgão de gestão (mais uma vez, dependia das características individuais de cada um).

As reuniões eram longas, apesar da ordem de trabalhos não ser normalmente muito extensa. Esse facto devia-se ao aprofundar da reflexão e da discussão à volta de cada uma das temáticas abordadas.

O departamento de formação tinha uma importante função e muitos assuntos com ele relacionados eram debatidos.

Não se formavam normalmente secções dentro do Conselho Pedagógico, pelo que o trabalho era fundamentalmente feito em grande grupo, no decurso das reuniões, que também por isso se alongavam. Esse facto nem sempre era bem aceite por todos.

Quadro 16 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 2

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Estrutura do Conselho Pedagógico após a existência do Agrupamento Vertical de Escolas		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Constituição do Conselho Pedagógico	38. “Neste momento nós somos vinte, sendo que a coordenadora das auxiliares nunca vai (...) Quando há necessidade do Pedagógico reflectir sobre alguma temática em particular que diga ... portanto, ela estará presente e será chamada.” [E1] 286. “Acho que tinha mesmo que haver um representante por cada escola porque, lá está, se eu digo que não sei informações sobre a minha escola muito mais dificilmente iria saber se tivesse que representar as quatro” [E3]	8UE
Relação entre o número de elementos do CP e o número de docentes do 1º ciclo	302. “(...) se tivesse que haver, sei lá, isto para dar um exemplo, alguma votação em que o 2º e o 3º ciclo estivesse todo com uma opinião e o 1º ciclo estivesse com outra nunca iríamos a lado nenhum porque, pronto, porque em termos numéricos somos muito menos.” [E3] 304. “Há mais áreas. Portanto aí é óbvio que tem que haver mais representação do 2º e 3º ciclo do que o 1º.” [E3]	6UE
Sugestões quanto à constituição do Conselho Pedagógico	297. “(...) se calhar devíamos ser mais. (...) Mais representantes do 1º ciclo.” [E3]	1UE
CATEGORIA: Papel desempenhado pela presidente do Conselho Pedagógico na preparação da reunião do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Componente de trabalho individual	19. “ (...) há um empenho muito grande, por parte da presidente em, na preparação da reunião” [E1] 278. “Mas acho que a reunião é bem organizada...” [E3] 446. “Eu penso que a organização da reunião em si, tem uma organização correcta.” [E5]	5UE
Relação com a presidente do Conselho Executivo	18. “(...) a presidente do Pedagógico apresenta-me a ordem de trabalhos e, portanto, vemos rapidamente se há alguma coisa a acrescentar ou não. E como as coisas a acrescentar, normalmente, são no âmbito do Conselho Executivo (...) acabo, se houver alguma coisa a acrescentar, fazê-lo na própria reunião.” [E1] 23. “(...) eu raramente me encontro formalmente para preparar o Pedagógico.” [E1]	5UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Papel desempenhado pela presidente do Conselho Pedagógico na preparação da reunião do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Relação com os outros membros do Conselho Pedagógico	75. “(...) ela leva tudo, tudo preparado. Leva, não ela ... ela faz com que as pessoas preparem antes. Portanto, ela dirige-se aos professores do 1º ciclo e diz-lhes que têm que fazer isto ... e eles encontram-se e preparam. Dirige-se aos professores do departamento – aos coordenadores do departamento – e preparam. Dirige-se ao SPO, e o SPO, se for preciso, prepara.” [E1] 289. “Já chegámos a reunir uma vez com a Presidente para... que era um assunto... para... para... para o Projecto Curricular do Agrupamento” [E3]	5UE
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	59. “(...) a documentação vai toda praticamente ... já meia preparada. A apresentação já vai, já vai ... meia não, quase totalmente.” [E1] 280. “(...) se forem coisas que realmente têm que ser decididas eu penso... bom aí já é mesmo a minha opinião, eu penso que é mais proveitoso fazer-se duas reuniões logo... pensar-se logo em duas reuniões” [E3]	8UE
Estabelecimento prévio de uma ordem de trabalhos	440. “(...) uma ordem de trabalhos e que às vezes essa ordem de trabalhos está programada pela Presidente do Conselho Pedagógico” [E5]	1UE
Estratégias utilizadas durante a reunião do Conselho Pedagógico	9. “(...) tradicionalmente começa-se com o ponto das informações e depois cada um dos pontos – 3, 4 pontos, às vezes mais” [E1] 222. “Acaba por haver uma boa dinâmica entre todas as pessoas que estão presentes. Praticamente todas as pessoas participam, dão sugestões independentemente se o assunto é do departamento X, Y ou da escola A, B ou C do 1º ciclo.” [E2] 449. “Mas... mas inicialmente começa sempre pelo 2º ciclo. É sempre o 2º ciclo e não o 1º ciclo. Mas prejudicado penso que não.” [E5]	7UE
Construção da interacção com as escolas do 1º ciclo	217. “(...) aquilo que de facto me parece e que cada vez mais se vai procurando fazer é que exista uma cooperação e uma ligação entre os vários departamentos e falando no nosso caso mais específico com o 1º ciclo.” [E2] 306. “(...) acho que até estamos bem integrados e que estamos a trabalhar bem como um conjunto e não como o professor dali ou o professor dali” [E3] 426. “Durante o decurso das reuniões são abordados os assuntos, sempre que haja alguma coisa faz-se a intervenção correcta na altura para haver um esclarecimento, e os assuntos que a minha escola trás, se houver alguma situação, são sempre abordados na altura.” [E5]	9UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Duração temporal de cada reunião do Conselho Pedagógico	54. “Alterou-se, aliás, em menos tempo. O Pedagógico consegue praticamente reunir uma vez por mês” [E1] 224. “Por vezes é muito mais vantajoso de facto chega à hora que está previsto terminar e dar mesmo por encerrada a reunião e marcar-se uma nova reunião na semana seguinte.” [E2] 281. “(...) acabamos por fazer sempre duas reuniões porque se não conseguirmos cumprir passa sempre para a semana seguinte, dali a 15 dias, seja quando for.” [E3] 358. “Acho é que apesar das reuniões serem longas o tempo é curto.” [E4]	11UE
Temáticas abordadas nas reuniões	78. “(...) quem é que assume a formação? A própria presidente, o próprio Conselho, no seu todo.” [E1] 411. “Mas noto é que muitos dos assuntos que são tratados, basicamente são do 2º ciclo.” [E5]	2UE
Qualidade do trabalho produzido no CP	273. “(...) temos feito um bom trabalho... temos... tem sido positivo...” [E3] 439. “(...) penso que às vezes perde-se um bocadinho os assuntos. Começa-se a falar, a falar, a falar e às vezes perde-se um bocadinho.” [E5]	4UE
Sugestões para a preparação do CP	277. “(...) se calhar, eu sei que as coisas têm que ser feitas e portanto têm que ser programadas, mas se calhar aí podia haver um bocadinho mais de ponderação.” [em relação ao tempo de duração] [E3] 448. “Por vezes podia-se começar alguns assuntos pelo 1º ciclo e não sempre começar pelos assuntos do 2º ciclo.” [E5]	2UE
CATEGORIA: Factores condicionantes da dinâmica do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Início da actividade do Conselho Pedagógico do Agrupamento	45. “(...) para além de gerir e tentar perceber, (...) todos no primeiro ano ... como é que todos nos íamos tentar perceber uns aos outros – pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º – houve também a construção, portanto, desta ... desta dinâmica.” [E1] 362. “(...) agora há que fazer. Porque há muita coisa que ainda não está feita. E há que fazer.” [E4]	8UE
Características individuais das pessoas	65. “As dinâmicas de trabalho dependem de “n” factores, há variáveis diversas, mas também dependem das dinâmicas da própria pessoa. Portanto, há sempre um cunho pessoal que as pessoas dão às coisas.” [E1] 74. “(...) também tem muito a ver com a presidente actual, é a forma dela trabalhar” [E1]	7UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Factores condicionantes da dinâmica do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Grande número de solicitações e/ou actividades dos docentes	33. “(...) é preciso reunir o Conselho de Docentes, é preciso reunir os departamentos, é preciso reunir ... é preciso reunir “n” coisas e o agrupamento é muito grande e só há uma 4ª feira com redução do horário lectivo dos miúdos para que possam existir reuniões. Isto na EB 2,3, porque o 1º ciclo e o pré-escolar reúnem depois das 18h30m.” [E1] 375. “(...) é complicado porque todos trabalhamos já imenso e todos temos o horário mais que cheio, não é?” [E4]	3UE
Falta de tempo útil de reunião	57. “(...) neste Pedagógico, aquilo que eu noto é que não há grande possibilidade de preparação e de debate ...” [E1] 275. (...) acredito que chega a uma altura que as pessoas já não estão com... com muita capacidade para continuar... mas... mas penso que temos feito aquilo que nos é possível.” [E3] 360. “(...) por vezes ainda sentimos falta de tempo. Porque por vezes não há tempo sequer para opiniões.” [E4]	10UE
Entrega não atempada dos assuntos a abordar	441. “(...) por vezes tem que ser alterada porque existem outros assuntos que não estavam nessa ordem porque não foram dados com o tempo devido para ela inserir na hora. E por essa razão é que muitas das vezes a dinâmica... estende-se tanto.” [E5] 443. “As pessoas já estão um bocado a perceber que é preciso entregar as coisas com a devida antecedência.” [E5]	4UE
Condições físicas do local da reunião	42. “(...) o espaço é muito pequenino e cria algum atrito. Aquele espaço cria algum atrito e alguma forma de estar ...” [E1]	5UE
CATEGORIA: Diferenças entre formas de ser e de estar dos representantes dos vários níveis de ensino		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Postura em relação aos docentes do pré-escolar e 1º ciclo	50^{b)} “(...) o pré-escolar ... às vezes nós esquecemo-nos.” [E1] 412. “E em certas coisas nós parece que estamos um bocadinho mais... mais à parte.” [E5]	3UE
Postura dos docentes do 1º ciclo	147. “Mas a maneira como eles estão é numa maneira de tentar participar de igual para igual com o 2º e o 3º, dizendo: nós estamos aqui e nós fazemos como vocês!” [E1]	4UE
Postura dos docentes do 2º e 3º ciclo	140. “As pessoas do 2º e 3º ciclo, na minha ... agora já não tanto (...) porque se conheciam – sempre estiveram no Pedagógico – portanto, mais à vontade, não tiveram a mesma postura de aprendizagem das colegas do 1º ciclo. [E1]” 141. “(...) acho que a nossa maneira de estar (...) Não dificultou a integração do 1º ciclo. Dificulta o trabalho de todo o Pedagógico ... todo! Como um todo,” [E1]	6UE
Especificidades de cada ciclo	305. “(...) há coisas que é impossível juntar, não é, as avaliações que se fazem” [E3]	1UE

Com a formação do Agrupamento Vertical de Escolas ocorreram algumas alterações na dinâmica do CP, desde logo motivadas pelo alargamento ao ensino pré-escolar e ao 1º ciclo, que chegaram de novo a um órgão já existente. O número total de representantes no órgão não sofreu grandes alterações, porque a entrada de novos elementos foi parcialmente compensada pela saída de outros. Passaram a ter assento no CP os representantes das escolas do 1º ciclo, em número de 4, a representante do ensino pré-escolar e o representante da Associação de Pais das escolas do 1º ciclo.

Foi expressa a opinião, por parte dos docentes do 1º ciclo, que a proporcionalidade com que se fazem representar poderá não ser a mais adequada tendo em conta o número de alunos de cada ciclo. No entanto, compreendem que existe uma impossibilidade legal para que possam ser mais.

As reuniões foram consideradas bem organizadas, valorizando-se o trabalho prévio desenvolvido pela presidente do CP, individualmente e em articulação com os restantes membros do órgão. Normalmente prepara a reunião sozinha, existindo apenas uma conversa informal com a presidente do CE, que revelou confiança nesse trabalho, considerando que o cargo foi bem atribuído. Muito do trabalho e da discussão que acontecia nas reuniões do CP antes do Agrupamento estar constituído passou a ser efectuado antes, no intuito de diminuir a extensão da reunião. Apesar disso, porque as ordens de trabalho divulgadas atempadamente são longas, tornou-se muitas vezes necessário prolongar a reunião, no próprio dia ou na semana seguinte. Nem sempre os documentos ou assuntos a abordar são entregues atempadamente à presidente do CP, que se vê forçada a alterar a ordem pré-estabelecida. No entanto esta situação tem vindo a melhorar ao longo do tempo.

Cada reunião tem habitualmente início com as informações, prosseguindo-se a ordem de trabalhos normal. A formação deixou e ter o relevo de outros tempos, continuando a ser responsabilidade do CP.

Começou a conseguir-se uma maior interacção entre os ciclos e todos têm tido a oportunidade de participar e de se pronunciar, não podendo alongar-se em considerações. Esta concentração nos assuntos a abordar vai-se perdendo com o cansaço produzido pelas solicitações a que todos são sujeitos e com o alongar da reunião. Foi manifestada a opinião de que a ordem de trabalhos deveria ser ponderada, decidindo-se logo da necessidade de duas reuniões quando a sua extensão dá essa indicação. Foi igualmente sugerido que as ordens de trabalho não

colocassem sempre os assuntos do 2º e 3º ciclo no início, mas que se pudesse algumas vezes dar início à reunião por temáticas relacionadas com o 1º ciclo e o ensino pré-escolar. No entanto, também não foi considerado que a organização da ordem de trabalhos prejudicasse as escolas desses níveis de ensino.

O tempo para o debate de cada temática foi considerado escasso, apesar das reuniões serem habitualmente longas. No entanto, o trabalho desenvolvido foi considerado positivo, apesar dos factores que condicionam a dinâmica da reunião. Entre esses factores foram mencionados o facto de o Agrupamento ser uma realidade ainda recente e com muitos documentos a produzir, as características de cada pessoa que é elemento do CP, o grande número de reuniões e solicitações a que todos estão sujeitos, o reduzido tempo útil destinado à reflexão em cada reunião e as condições físicas do local em que decorre a reunião.

O pré-escolar parece ser menos participativo mas foram valorizados o interesse e a vontade de participar e intervir dos representantes do 1º ciclo, que por vezes ainda se sentem um pouco “*mais à parte*”. O 2º e 3º ciclo foram apontados como tendo mais dificuldade de aderir à nova situação. Parece ter existido uma evolução, mas alguns assuntos específicos continuam a existir.

Quadro 17 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 3

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Processo de transição para Agrupamento	151. “É um agrupamento especial. E é um agrupamento especial porque eu acho que respeitou ... respeitou cada uma – numa primeira fase – e deixou que as mudanças fossem progressivas. Se calhar ainda não temos o Projecto Curricular do Agrupamento exactamente por causa disso.” [E1] 381. “Agora acho que as coisas estão outra vez a começar a encaixar, estão a melhorar, mas vai levar tempo.” [E4]	4UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Alterações de funcionamento	94. “(...) as matrículas do 1º ciclo eram feitas nas escolas. Cada uma fazia as suas. Neste momento, ao nível do 1º ano, elas são feitas na secretaria. (...) no sentido de gerir as vagas. (...) Facilita a vida dos encarregados de educação.” [E1] 131. “(...) eles vão começando a utilizar as coisas que nós utilizamos. Porque nós já fazemos as actas em computador. (...)Então para o ano, se calhar, toda a gente começa a fazer a computador. Portanto, e tudo isto ... devagarinho, devagarinho, devagarinho, vai entrando.” [E1] 345. “(...) há um tempo atrás tudo... tudo passava pelo 1º ciclo, desde as matrículas, desde a gestão da cantina, desde... tudo... pessoal, tudo, tudo, tudo.” [E4]	5UE
Sentimento de bem estar	166. “(...) eu considero-me feliz por estar naquele agrupamento, acho que são todos uns queridos.” [E1]	1UE
Vontade de continuar	232. “(...) parece-me importante é realçar as vantagens que temos tirado já que este momento é o caminho que tem que ser seguido. É o caminho em agrupamento e portanto parece-me de facto importante ligar a isso.” [E2] 452. “(...) agora vai ser dar mais um bocadinho o tempo ao tempo para ver como é que as coisas vão... vão... vão crescendo, vão-se desenvolvendo.” [E5]	4UE
Procura de unificação / coesão no Agrupamento	51. “(...) são os colegas do 1º ciclo que dizem nós estamos aqui presentes, e trazem, não é, os documentos iguaizinhos aos nossos e ... e pronto, nota-se realmente que já há uma maior coesão.” [E1] 157. “Temos identidade onde? Nos órgãos. Temos identidade nalgumas actividades ainda pontuais. Certo? E, portanto, os miúdos começam a sentir também que fazem parte de um todo, que é um agrupamento.” [E1] 241. “(...) os miúdos conviverem com os seus colegas daqui e conviverem com os outros e isso acho óptimo até porque os alunos que nós começamos a ter no jardim de infância são os mesmos que nós vamos ter ao longo dos ciclos todos. E aí acho importante que... que haja este... esta continuidade.” [E3] 312. “(...) tem de positivo muitos intercâmbios que estamos a fazer (...) no nivelamento de certas coisas, (...) Com as outras escolas do 1º ciclo,” [E4] 409. “A Língua Portuguesa, a Matemática, está a haver uma interacção do 1º ciclo com o 2º ciclo o que é muito bom para os nossos meninos que vêm depois para esta escola.” [E5]	25UE
Participação nos órgãos	296. “(...) por sermos parte integrante do agrupamento só temos mesmo que estar representados nos órgãos que... que o constituem.” [E3]	1UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Natureza pedagógica dos factores positivos	92. “(...) do ponto de vista pedagógico eu, para mim, acho que é tudo positivo, porque se aprende, porque se conhece como é que é que os outros trabalham, se conhece quais são, portanto, as componentes do pré-escolar, se conhece qual é o currículo do 1º ciclo ... e o 1º ciclo conhece qual é o do 2º e 3º e vê como é que se trabalha. Portanto, há aqui uma aprendizagem ... inter-aprendizagem por parte de todos, e isto é muito positivo.” [E1] 388. “(...) porque a pedagógico eu acho que só tem vantagens. Acho que só tem vantagens” [E4]	7UE
Gestão das verbas	121. “A conta é nossa mas para cada escola, para cada estabelecimento, há um livro próprio. Portanto, elas sabem exactamente quanto é que têm e quanto é que não têm, quanto é que podem gastar e quanto é que não podem.” [E1]	5UE
Partilha de recursos	122. “De qualquer das maneiras, se elas precisarem destas coisas, elas sabem que nós na sede temos e pedem. Já não é a primeira vez. (...) mas se não têm sabem que se nós tivermos disponível podem requisitar e usar.” (em relação a recursos materiais) [E1] 419. “Mas... mas notou-se que a Presidente ao fazer a escolha da animadora que teve esse cuidado em seleccionar as escolas, no caso onde está a minha, porque está inserida numa zona... tão baixa, a nível tanto cultural como económica.” [E5]	4UE
Partilha de conhecimentos	169. “(...) acaba sempre por ser positivo mais que não seja poder ir retirar ao 2º e 3º ciclo aspectos que consideramos vantajosos e que ainda não são utilizados ao nível do 1º ciclo e portanto essa interacção entre o 1º ciclo e o 2º e o 3º acaba por ser bastante positivo.” [E2] 295. “Havia sempre conhecimentos entre professores e assim mas não... não havia tanta troca como há agora, como... tem que haver agora.” [E3] 330. “Para podermos comparar, para podermos de facto ter um trabalho semelhante. É capaz de ser bom para nós e para as crianças,” [E4]	9UE
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Receios anteriores à mudança	52. “(...) havia o medo das pessoas perderem...o 1º ciclo perder a autonomia, perder poder, perder... não poder fazer isto e aquilo e portanto aquilo” [E1]	2UE
Dificuldade na adaptação à mudança	384. “(...) ou é de mim própria, a minha mentalidade, porque de facto, não é, foram muitos anos a trabalhar da mesma maneira.” [E4] 402. “Ao fim de semana é que eu organizava a minha semana, não é, e não posso sequer tirar fotocópias ao fim de semana porque o Agrupamento não paga essas fotocópias.” [E5]	8UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Sentimento de perda em relação ao que já existia	311. “(...) nós já funcionámos quase melhor – isto é aquilo que eu sinto, não é – quase melhor em Agrupamento antes que depois.” [E4] 314. “(...) estávamos mais motivados e acho que se perdeu um bocadinho certa motivação.” [E4]	8UE
Perda da capacidade de gestão das verbas por parte das EB1	236. “Em termos financeiros nós não temos... as escolas não têm dinheiro para nada.” [E3] 323. “(...) passei um tempão enorme à espera de barro porque tinha uma actividade programada. Acabei por não fazer a actividade, porque o barro não aparecia.” [E4] 396. “(...) na escola do 1º ciclo perdemos autonomia a nível de gestão financeira porque os recursos ficaram todos presos no agrupamento” [E5] 403. “Todo o material que adquira ao fim de semana ou feriados não é pago pelo Agrupamento, enquanto que naquela altura eu gerindo o dinheiro poderia ter uma organização diferente.” [E5]	16UE
Sentimento de perda de autonomia pedagógica por parte das EB1	172. “(...) uma pessoa agora tem sempre que levar as visitas de estudo a pedagógico. Antigamente a própria escola aprovava e a visita de estudo realizava-se; autorizações para, para algumas actividades... tem que haver sempre um consentimento do, do agrupamento;” [E2] 235. “(...) acho que as escolas do 1º ciclo ficaram a perder um bocadinho porque não têm autonomia para praticamente nada. As escolas do 2º e 3º ciclo também não têm mas penso que nesse aspecto não notaram tanto a diferença como as escolas do primeiro ciclo.” [E3] 320. “É que nós geríamos as coisas mais facilmente, porque é assim: havia qualquer coisa a determinar quase de um dia para o outro e nós podíamos fazê-lo, (...) Ao nível de actividades, essencialmente.” [E4] 405. “E acho que a nível da escola, a escola perdeu um bocado a autonomia que nós tínhamos. Agora deixámos de ter. Qualquer coisa, precisamos de autorização.” [E5]	13UE
Dependência administrativa	389. “A nível administrativo, às vezes não é fácil, não é fácil porque... para gerirmos aquele... parece que estamos sempre tão dependentes” [E4]	2UE
Coordenação de horários	62. “(...) enquanto o Pedagógico antigamente, se calhar, reunia a partir das duas e meia, porque era só EB 2,3, agora não, é a partir das três e meia. Portanto, é uma hora mais tarde, porque as colegas do 1º ciclo que têm turno único só podem a partir das três e meia e ... portanto, podemos estar um bocadinho até às sete e meia, oito horas” [E1]	3UE
Dificuldades de coordenação entre níveis de ensino	82. “(...) nota-se essencialmente a necessidade de aferição e de junção, não é, entre o 2º ciclo e o 1º ciclo. Isto para fazer as pontes ...” [E1] 136. “Entretanto elas passaram a fazer parte do Conselho de Docentes e vão ao Conselho de Docentes, mas fizeram questão em reunir separadamente enquanto pré-escolar durante muito tempo” [E1]	6UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Dificuldade na gestão de recursos humanos	86. “Estamos a falar, por exemplo, de funcionárias. É sempre difícil gerir. Estamos a falar, por exemplo, de gerir recursos humanos ... por exemplo, para as provas de aferição agora, não é? Se não chegarem os professores do 1º ciclo, vamos ter que mandar professores do 2º e do 3º.” [E1] 91. “(...) os quadros não vão ser de escola. Vão ser quadros de agrupamento. Portanto, isto quer dizer que os recursos são geridos ao nível do agrupamento e ao nível de cada escola. E chegar aqui é um percurso difícil, porque as pessoas têm medo do que vem por aí.” [E1]	7UE
Acréscimo de trabalho para as estruturas e órgãos	96. “(...) toda a gente, ao nível dos órgãos, teve um acréscimo de trabalho. Portanto, os órgãos – o Pedagógico teve um acréscimo de trabalho, o Conselho Executivo teve um acréscimo de trabalho. É um “fim do mundo” de acréscimo de trabalho. E a secretaria teve também um acréscimo de trabalho tremendo ... a Assembleia ... teve, no sentido de pensar,” [E1]	3UE
Integração do pré-escolar	107. “E isto, para ver, é uma dificuldade. Porquê? Porque quando forem as eleições, quando houver eleições, elas não querem ... não querem rodar. Portanto, vamos esgotar o pré-escolar. Quer dizer que nesta 1ª fase ainda temos pré-escolar em todos os órgãos, mas eu estou à espera que numa 2ª fase o pré-escolar vai-se recusar ... penso eu ... porque serão sempre as mesmas pessoas ... <i>ad eternum</i>” [E1]	3UE
Necessidade de aprendizagem para superar dificuldades	451. “Só que o Agrupamento foi formado há poucos anos e agora está em fase de crescimento e temos todos que crescer um bocadinho também.” [E5]	2UE
Diferença de tutelas	124. “É que enquanto as escolas do 1º ciclo dependem da Câmara ... portanto, eu, para introduzir qualquer coisa no 1º ciclo tenho que falar com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra ... nós – 2º e 3º ciclo – dependemos do ... directamente do Ministério da Educação, não é? Por exemplo se eu quiser ... mesmo em termos de recursos, para as escolas do 1º ciclo peço a quem? À Junta de Freguesia e à Câmara. Para o 2º e 3º ciclo a quem é que eu peço? Ao Ministério da Educação.” [E1]	3UE
Dificuldades de gestão pedagógica	165. “(...) quer ao nível da indisciplina (...) de orgânica, pedagógica, (...) Mesmo até do aproveitamento.” [E1] 401. “Em termos de planificação é tudo com muita antecedência, a nível depois também de fotocópias.” [E5]	5UE
Falta de sentido de unidade	161. “Em actividades pontuais ainda ... que ainda são pontuais. Porque mesmo no dia da escola há ainda uma grande dificuldade em sentir o dia do (...) como o dia daquela comunidade toda.” [E1]	1UE
Falta de homogeneidade entre agrupamentos	244. “(...) temos que nos adaptar a... a funcionamentos diferentes porque ainda não entrei em dois que funcionassem da mesma maneira.” [E3]	3UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Dimensão do Agrupamento	164. “O factor espaço, exactamente, e o factor número de pessoas para aquele espaço. É um constrangimento muito grande, a todos os níveis. Aliás, é o maior de todos ... a todos os níveis.” [E1]	3UE

Os docentes referiram vários factores resultantes da formação do Agrupamento de escolas, atribuindo a alguns deles uma valorização diferente.

Como aspecto positivo decorrente do facto das escolas estarem agrupadas, foi referido pela docente E1 que a transição decorreu de forma progressiva, sem imposições por parte dos órgãos de gestão da escola sede. Apesar disso, parece ser opinião dos docentes do 1º ciclo que num primeiro momento os aspectos negativos foram superiores aos positivos e que só agora tudo começa a funcionar melhor.

Para além das mudanças de dimensão óbvias, com o acréscimo de trabalho para as várias estruturas e órgãos, e de questões que daí advieram, a docente E1 considerou positivas as alterações que se relacionam com a maior facilidade das matrículas, com a concentração dos aspectos administrativos ou com a adopção de formas de trabalhar semelhantes.

De forma positiva foi mencionada a procura de unidade e coesão revelada pelos docentes das várias escolas, na procura de uma identidade e na partilha de actividades que envolvam toda a comunidade, no trabalho em conjunto e na preparação de documentos comuns. A continuidade pedagógica proporcionada aos alunos e o intercâmbio entre as escolas do 1º ciclo e entre os vários ciclos é apontada como podendo vir a representar um aspecto útil no percurso escolar e nas aprendizagens dos alunos do Agrupamento.

Os factores pedagógicos foram considerados positivos, bem como a participação de todos nos diferentes órgãos. Existe uma partilha de conhecimentos e uma aprendizagem mútua, começando também a fazer-se sentir a partilha de recursos, apesar desta ainda acontecer de forma esporádica.

Parece existir uma vontade de continuar a experiência, apesar dos factores negativos que são mencionados, uma vez que os aspectos positivos cobrirão essas dificuldades.

No que concerne à gestão das verbas as opiniões dividiram-se. Para E1 este foi um aspecto positivo, uma vez que todas as escolas conhecem a verba que lhes está destinada, podendo fazer uso dela da forma que considerarem mais adequada. Para os docentes do 1º ciclo, este aspecto foi considerado o mais negativo, pois perderam a sua autonomia e independência, tendo que requisitar os materiais com bastante antecedência, uma vez que é a escola sede que os compra. Esta perda de autonomia – e o receio de que viesse a acontecer – foi vista como um aspecto negativo da formação dos agrupamentos. Para além desta perda de autonomia financeira, os docentes do 1º ciclo referem a perda de autonomia pedagógica, a dependência administrativa e o facto de não poderem decidir autonomamente em relação a actividades a desenvolver com os alunos e às compras de materiais a efectuar. Esta nova forma de gerir obriga a uma planificação atempada das actividades e a um reajustar de “*timings*” de preparação de materiais fotocopiáveis e já impediu a concretização de algumas actividades.

Existiu alguma dificuldade de adaptação às mudanças decorrentes da formação do Agrupamento, sendo o período de adaptação difícil em função de hábitos e formas de agir e pensar anteriores à mesma. Existe um sentimento de perda de algo que já existia por parte da representante da escola do 1º ciclo que se situa geograficamente mais próximo da escola sede, com a qual já existia alguma partilha e trabalho conjunto. Este sentimento conduziu a alguma desmotivação e parece ter existido alguma perda de dinamismo por parte das EB1, tendo-se sentido bastante o facto de muitas das decisões anteriormente tomadas em Conselho de Docentes carecerem agora de autorização do Agrupamento, o que demora mais tempo e obriga a uma maior burocracia.

A existência do Agrupamento levou a uma maior dificuldade de calendarização das reuniões e de coordenação de horários e acarretou alguma incapacidade para coordenar os vários níveis de ensino, bem como na integração do pré-escolar, cuja dimensão e realidade mais o distingue dos três ciclos do ensino básico.

Surgiram igualmente dificuldades ao nível da gestão dos recursos humanos, com a abertura da hipótese de rotação entre as escolas do Agrupamento de AAE e professores, nem sempre bem aceite. O facto das entidades que tutelam os diferentes ciclos de ensino não serem as mesmas – por um lado as autarquias locais e por outro o poder central – também foi considerado um

factor negativo que se faz sentir ao nível da gestão das escolas do Agrupamento e dos seus recursos.

Foram ainda apontadas como negativa a falta de unidade que ainda se sente – no sentir o Agrupamento como um só e não como o conjunto de várias unidades – e as diferenças na forma como os diferentes agrupamentos se organizam, fazendo com que a transição entre eles seja mais dificultada.

Quadro 18 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 4

OBJECTIVO 4: Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento		
CATEGORIA: Dificuldades sentidas pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Planificação das actividades	181. “(...) embora não seja ainda um trabalho global em que se possa dizer: isto é igual em todas as escolas do 1º ciclo. Isso também ainda não ocorre.” [E2] 445. “Dizermos às colegas a nível também das visitas de estudo que não era no dia que eu tenho a reunião (...) têm que me entregar a visita de estudo no início da semana para eu durante a semana deixar no dossier da Presidente do Conselho Pedagógico.” [E5]	5UE
Sentimento de dependência	390. “Pronto, a gente às vezes sente que parece que estamos sempre muito dependentes.” [E4]	2UE
Comunicação dificultada	104. “(...) numa escola pequena as pessoas vêm-se ... sempre. Basta a conversa. No agrupamento é preciso fax, é preciso telefone, é preciso comunicar com este e com aquele, trocar ... Portanto, a comunicação é um dos factores talvez mais problemáticos ... porque é difícil, porque somos muitos, porque é muita gente, porque são muitas escolas. E depois tem que ser uma comunicação dos órgãos, entre os vários órgãos, entre as escolas. Porque depois a comunicação também tem que ser bem feita, não é? Porque senão às vezes passa uma informação que não é exactamente assim.” [E1]	2UE
Falta de tempo para tomar decisões	176. “(...) a escola por vezes sente muito o facto de serem tomadas algumas decisões que a própria escola acabou por não... não... não... não ser levada em conta anteriormente.” [E2] 416. “(...) não há tempo de virem cá e de serem aceites há certas actividades que se vão... que se vão perdendo” [E5]	4UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 4: <i>Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades sentidas pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Indicação de pessoas para os cargos	190. “(...) e não houve mais ninguém a oferecer-se vá, para desempenhar esse cargo” [E2] 250. “Este ano fui assim um bocadinho forçada...” [E3] 420. “E então, como eu fiquei efectiva e estava no regulamento interno que só poderiam ser coordenadoras do Pedagógico professoras do quadro, então foi uma imposição, que depois teve que ser feita a eleição.” [E5]	8UE
Recente formação do Agrupamento	246. “A dificuldade que eu acho que encontramos é como é uma coisa muito recente às vezes não sabemos muito bem... quando nos pedem alguma coisa não sabemos muito bem o que é que havemos de levar, ou às vezes achamos... não sabemos muito bem o que é que estamos lá a fazer.” [E3]	1UE
Representatividade nos órgãos	247. “(...) se formos avaliar o número de alunos do 1º ciclo e o número de alunos do 2º se calhar até estamos mal representados porque em termos de proporcionalidade há muito mais professores do 2º e 3º ciclo do que 1º.” [E3]	1UE
CATEGORIA: Benefícios sentidos pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Organização ao nível dos documentos internos	102. “(...) os modelos são únicos ao nível do agrupamento todo. Portanto, eu penso que ... eu acho que enriquece mais do que dificulta” [E1] 178. “Há... há... há documentos, há formas de abordar as situações que são feitas de uma... de uma certa forma pelo 2º e 3º ciclo e que agora também nós, no 1º ciclo, podemos passar a fazer e portanto isso é vantajoso, claramente.” [E2]	4UE
Partilha e aprendizagem com colegas de outros ciclos	177. “(...) nós acabamos por ver como é que outras escolas presentes no Pedagógico estão a trabalhar determinados aspectos do dia-a-dia, quer pedagógicos quer mesmo do funcionamento geral da escola.” [E2] 252. “(...) há coisas que se transferem do 2º e 3º ciclo para o 1º... modos de trabalhar... modos de avaliar, modos de... pronto, de organizar que se estão a transferir para o 1º ciclo e eu acho que aí é positivo.” [E3] 334. “Realmente isto enriquece-nos a todos, nesse aspecto, porque sabemos qual é o trabalho que vocês estão a desenvolver, vocês sabem o trabalho que nós desenvolvemos ... e acho que isso é bom.” [E4]	8UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 4: <i>Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Benefícios sentidos pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Partilha e aprendizagem entre escolas do 1º ciclo	180. “A mim parece-me que há um trabalho mais conjunto agora mesmo... dentro das próprias escolas do 1º ciclo do que havia anteriormente” [E2] 230. “(...) quando a escola não estava em agrupamento acabam... acabavam por ser decisões daquele corpo docente apenas e assim permite receber opiniões e estratégias e actividades de outras escolas e de outros departamentos. Portanto, isso é claramente vantajoso.” [E2]	5UE
Manutenção de autonomia pedagógica de cada escola	187. “Acho que cada escola também deve de acordo com o seu meio, com os seus alunos, com os seus professores criar as suas estratégias e as suas actividades.” [E2]	3UE
Facilidade na eleição de representantes aos órgãos	108. “Há muitos professores do 1º ciclo.” (em relação à rotatividade na representação no CP) [E1]	1UE
Características da escola do 1º ciclo	253. “(...) somos menos pessoas, como a escola mais pequena do... do agrupamento, temos menos alunos... portanto em determinados aspectos para nós as coisas até nos são mais fáceis porque quando há mais alunos há mais complicações,” [E3]	2UE
Aumento da importância das EB1	248. “Para já porque no Pedagógico também se decidem e se valorizam coisas que acontecem no 1º ciclo, portanto acho que aí a nossa opinião e os nossos votos são... são importantes.” [E3]	2UE

Quando foi solicitado aos docentes que indicassem factores positivos ou negativos sentidos pela escola do 1º ciclo por estar integrada num Agrupamento acabou por ocorrer alguma sobreposição de ideias em relação ao que já tinham dito anteriormente sobre o processo de formação do Agrupamento, o que revela coerência, uma vez que esse processo envolveu as escolas.

Como dificuldades sentidas pelas escolas foram apontadas a planificação das actividades – que tem que ser feita com maior antecipação porque carece de aprovação pelos órgãos do Agrupamento – o que causa o aparecimento de um sentimento de dependência em relação à escola sede. Existem algumas dificuldades de comunicação causadas pela distância física entre os edifícios das várias escolas, sendo mais fácil para aquela em que essa distância é menor. Também foi referido o facto de certas decisões serem tomadas sem que toda a escola se possa pronunciar atempadamente e a reduzida proporção de docentes do 1º ciclo no total de elementos do CP. De qualquer forma, também não parece ser fácil que as pessoas queiram pertencer aos órgãos, sendo eleitos os mais novos ou recém-chegados à escola.

Apesar desta realidade, E1 considera que no 1º ciclo não se põe a questão da rotatividade dos docentes nos cargos – como acontece no ensino pré-escolar – porque há muitos docentes no 1º ciclo.

A recente formação do Agrupamento também pode constitui-se como um obstáculo à integração das escolas do 1º ciclo, porque ainda há algum desconhecimento dos papéis e funções a desempenhar por parte de todos.

De forma positiva, constituindo benefícios para a escola do 1º ciclo, foram mencionadas a partilha, a aprendizagem e o trabalho conjunto que acontece entre os docentes dos vários ciclos e também entre as escolas do 1º ciclo ou a existência de documentos comuns construídos com a participação de todos, mantendo-se no entanto a autonomia pedagógica de cada escola, gerida consoante a sua realidade específica.

As escolas do 1º ciclo parecem sentir-se mais importantes porque participam na tomada de decisões e a suas opiniões são valorizadas. A dimensão de cada uma delas pode ser positiva, quando o número de alunos e professores é menor, pois diminui as hipóteses de confusões.

Quadro 19 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 5

OBJECTIVO 5: <i>Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Ser recente no Agrupamento	139. “(...) veio esta colega. E foi esta nova que as colegas puseram no Pedagógico, que é um órgão tão importante, não é? Portanto, resultado, é também muito inexperiente e não tem muita sapiência para fazer aportar as questões do pré-escolar ali” [E1] 422. “Ainda por cima sabendo que a escola estava inserida num meio tão complicado fiquei um pouco assustada com o que é que poderia acontecer por não conhecer a escola.” [E5]	4UE
Tomar decisões não analisadas na sua escola	174. “(...) por vezes nós termos que tomar uma decisão que a própria escola em si possa não ter ainda abordado essa questão, ou seja, acaba quase por ser uma decisão do representante que acaba por não ser uma decisão da escola do 1º ciclo.” [E2]	2UE
Horário da reunião	258. “Uma das grandes dificuldades que eu acho é o dia, porque tenho dificuldade,” [E3]	2UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 5: <i>Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Responsabilidade na representação da escola no CP	336. “(...) é um bocadinho de responsabilidade porque, é assim, nem sempre é fácil conseguir transmitir, não é, poder fazer prevalecer certas opiniões do Conselho de Docentes, (...) No Pedagógico,” [E4]	1UE
Preparação da reunião do CP	193. “Dificuldades... ao nível da... da... da organização também, da reunião, ou seja, do... do Pedagógico.” [E2] 195. “(...) por vezes acaba por aparecer algum ponto na ordem de trabalhos que nós não estaríamos a contar e então acaba por haver essa dificuldade de depois conseguir ainda organizar trabalho para apresentar em Conselho Pedagógico. Acaba por ser mais essa a dificuldade que surge.” [E2] 260. “(...) às vezes, pedem-nos qualquer coisa que nós não sabemos bem o que é, mas acho que... que já estamos bem encaminhados.” [E3] 369. “Portanto eu tenho que preparar antes. Evidentemente. Há coisas que requerem uma reflexão.” [E4]	13UE
CATEGORIA: Benefícios para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Poder participar nas decisões e aprender	155. “Mas eu acho que as pessoas se sentem a participar numa construção. Naquilo que é essencial.” [E1] 192. “(...) uma pessoa acaba sempre por tentar tirar algum proveito para... para si próprio... e ao nível da organização, acima de tudo acaba também por ser bastante vantajoso.” [E2] 251. “Acho que estou a aprender” [E3] 337. “A nível pessoal, pelo menos, é a tal história ... colho, sem dúvidas. Ouvir os outros, aprender ... porque aprende-se muito também” [E4]	10UE
Diferente percepção sobre os assuntos das escolas	429. “Porque há certas coisas que nos passam um bocado no dia-a-dia e que estando... estando aqui temos uma percepção um bocado... um bocado diferente.” [E5] 431. “(...) eu fico informada de algo que também se calhar se estivesse na situação delas [as colegas do Conselho de Docentes] não estaria com tanta atenção.” [E5]	5UE
Melhorar o desempenho	214. “Agora eu sinceramente não considero que não esteja a desenvolver como deve ser o meu trabalho por ter turma. Não, antes pelo contrário. Acho que em tudo procuro... também fazer aquilo que... que é esperado depois para um Pedagógico.” [E2] 425. “(...) eu tenho vindo a conhecer para depois poder representar.” [E5]	4UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 5: <i>Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Benefícios para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Ser escolhido pelos pares	109º) “Acho que os professores dão importância, porque eles são eleitos.” [E1]	2UE
Preparação em conjunto de determinados documentos	198. “E aí sim, aí acaba por facilitar bastante também o trabalho, porque deu para ver situações que estavam ainda a faltar, situações... para completar e...” [E2]	2UE

Face à questão das dificuldades e benefícios que os professores do 1º ciclo possam sentir por estar a representar a sua escola no Agrupamento, foi referido que as maiores dificuldades se relacionam com a preparação do CP, por desconhecimento, falta de tempo – porque a ordem de trabalhos foi conhecida com pouca antecedência ou porque surgem novos assuntos mesmo na altura imediatamente anterior à reunião – não havendo tempo de os discutir ao nível da escola ou preparar convenientemente.

A recente colocação no Agrupamento – e por isso a falta de conhecimento sobre o mesmo – e imediata eleição para o CP é apontada como negativa, bem como o horário e dia em que a reunião tem lugar (para uma docente).

De positivo, foi realçada a hipótese de aprender, pessoal e profissionalmente, de poder partilhar dúvidas, conhecimentos, estratégias e modos de trabalhar, podendo participar nas decisões importantes para as escolas e o Agrupamento.

O trabalho em conjunto, na preparação de documentos é considerado facilitador, bem como a hipótese de melhorar o próprio desempenho, mesmo face às dificuldades que surgem.

E1 também considera que é positivo para os docentes do 1º ciclo terem sido eleitos pelos seus pares.

É ainda considerado positivo o facto de se passar a ter uma diferente percepção da realidade das escolas, pelo acesso à informação com mais atenção ou pelo conhecimento da legislação que vai saindo. A presença nos órgãos permite estar mais atento a aspectos que noutras circunstâncias seriam mais ignorados.

Quadro 20 – Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 6

OBJECTIVO 6: <i>Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento</i>		
CATEGORIA: Factores positivos decorrentes da existência de um Coordenador de Estabelecimento e de um representante no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Autonomia de desempenho de funções	113. “(...) não deve haver acumulação de poderes na mesma pessoa, nos órgãos. Quer seja Assembleia, quer seja Pedagógico, quer seja Conselho de Docentes,” [E1] 211. “...que não cruzam..... exactamente, e que está mesmo por lei determinado e mesmo no regulamento interno estão definidas claramente quais são as funções de um e quais são as funções do outro.” (em relação aos papéis desempenhados pelo coordenador do estabelecimento e o coordenador pedagógico) [E2]	4UE
Partilha dos conhecimentos e do poder	266. “E haver mais do que uma pessoa dentro do funcionamento... como é que eu hei-de dizer... da organização vá, do... do agrupamento, penso que é uma vantagem.” [E3]	3UE
Divisão do trabalho a realizar	201. “Se ambos tiverem turma então acho que sim, que deve ser distribuído por duas pessoas.” [E2] 209. “Depois no fim há então o ponto, sempre, dos outros assuntos em que então há assuntos mais do estabelecimento, não tanto de Pedagógico, que são apresentados depois pela... pela coordenadora de estabelecimento.” [E2] 340. “(...) é uma escola grande e acho que justifica... justifica.” [E4] 438. “Tem uma carga de trabalho muito, muito diferente. A nível de qualquer tipo de responsabilidade.” [E5]	10UE
Boa relação entre as coordenadoras (pedagógica e de estabelecimento)	433. “Traz benefícios porque há uma relação muito boa entre mim e a Coordenadora.” [E5]	1UE
Partilha de informações na preparação do Conselho de Docentes	210. “Portanto, este ano não tem havido essa, essa situação de um apresentar uma informação e outro apresentar uma informação diferente.” [E2] 265. “Não ser sempre a mesma pessoa a saber tudo, porque a informação às vezes perde-se, não é?” [E3] 356. “Entretanto a Coordenadora mudou e acertei logo esses bocadinhos. Tem que ser um bocadinho para ti e um bocadinho para mim porque senão é complicado.” [E4] 436. “O que nós fazemos eu e a Coordenadora, as duas coordenadoras, que é... fazemos primeiro uma análise dos dados” [E5]	9UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 6: <i>Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento</i>		
CATEGORIA: Factores negativos decorrentes da existência de um Coordenador de Estabelecimento e de um representante no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Necessidade de articulação	114. “A desvantagem é eventualmente a questão da articulação. Se calhar era mais fácil, porque aqui tem que haver uma articulação. Portanto era mais fácil ter uma pessoa e pronto. Essa pessoa prepara a reunião, orienta, acabou, ponto final, não é? Aqui assim tem que haver alguma articulação.” [E1] 212. “E lá está, até pode ser mesmo por uma falha das duas pessoas não reunirem a preparar esse Conselho de Docentes.” [E2] 357. “(...) tem que haver realmente uma boa coordenação entre as duas pessoas não é, para que as coisas funcionem. Se isso não existir pode eventualmente haver choque e causar alguma coisa menos positiva.” [E4]	6UE
Maior dificuldade na transmissão de informação	204. “O ano passado acontecia vir uma informação de Pedagógico e entretanto ao... com o decorrer da semana até ao nosso Conselho de Docentes, já vinha outra informação e portanto estava o coordenador do Pedagógico a dar a informação A e o coordenador de estabelecimento sobre a mesma situação já dava a informação B.” [E2] 341. “Mas mesmo assim às vezes por mais que se tente, como eu dou aulas e às vezes há horários... pronto, e nem sempre dá para a gente às vezes conversar dos assuntos e às vezes há coisas que podem ficar pelo caminho eventualmente.” [E4]	7UE
Maior dificuldade de domínio da informação	267. “A desvantagem é que supostamente a coordenadora é a pessoa que tem mais conhecimento de tudo o que se passa na escola e às vezes pedem-nos... portanto, nós não sendo coordenadores às vezes não temos algumas informações que nos pedem lá.” [E3]	2UE
Desconhecimento do papel a desempenhar	348. “(...) as pessoas não foram bem informadas... eu sei que está no papel, não é que não esteja, mas ao fim e ao cabo o papel de cada um está definido mas as coisas é assim: às vezes há tradições” [E4]	4UE
Dificuldade de adaptação	354. “Portanto, é talvez uma dificuldade de adaptar a essa nova situação,” [E4]	2UE
Tomada de decisões	272. «Percebo se calhar que essas decisões possam não ser depois completamente aceites mas... se houver tempo para discutir as decisões elas são discutidas, senão houver a minha decisão tem que ser “aquela”.» [E3]	1UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 6: <i>Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento</i>		
CATEGORIA: Factores que apontariam para a existência de um só Coordenador		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Dimensão da escola	344. “Acho que não se justifica, um tipo de trabalho destes, numa escola pequena, acho que pode muito bem ser gerido só por uma pessoa, porque é assim... não há um trabalho tão grande assim” [E4]	4UE
Coordenador de Estabelecimento sem turma	216. “Por uma questão de disponibilidade temporal e até mesmo por uma questão de ser a mesma pessoa a gerir todo o funcionamento da escola.” (em relação à existência de um só coordenador, sem turma) [E2]	4UE
Menor trabalho burocrático	346. “(...) se é o Agrupamento que faz, se é a secretaria que faz a maior parte das coisas ou o executivo que orienta a maior parte das coisas, o que justifica mais até em relação à Coordenadora e ao Pedagógico ser a mesma,” [E4]	1UE

Questionados sobre as dificuldades ou benefícios resultantes do facto de existir em cada escola do 1º ciclo do Agrupamento um Coordenador de Estabelecimento distinto do representante ao CP, foram referidos aspectos positivos e negativos dessa situação.

De forma positiva, foi dito que dessa forma existe uma partilha de poderes e do trabalho a efectuar, sem que ocorram sobreposições, pois as funções de cada um estão definidas legalmente. A capacidade de trabalhar em conjunto na preparação do Conselho de Docentes e a troca de informações, que não estão concentradas numa só pessoa são vistas como benéficas. Uma boa relação entre as coordenadoras será facilitadora desse trabalho de preparação em conjunto, da partilha de informações e da condução do Conselho de Docentes. Parece existir a ideia de que a responsabilidade e a carga de trabalho de cada uma das coordenadoras não é a mesma, segundo opinião de E5.

No entanto, foi referida a dificuldade na tomada de decisões, em especial se não foram discutidas previamente. Pode existir dificuldade em transmitir informação ou em dominar toda a informação relevante – pelo facto de ser partilhada – o que obriga a uma maior necessidade de articulação. A maior dificuldade na transmissão de informações ao Conselho de Docentes pode estar relacionada com uma sobreposição de informações provenientes de diferentes fontes, podendo por isso não ser coincidentes, facto agravado pela falta de tempo para cruzar essas informações antes de serem transmitidas aos colegas da escola.

Foi ainda referido como aspecto negativo o desconhecimento efectivo das diferenças dos papéis de cada um dos coordenadores e a dificuldade de adaptação a uma nova realidade por parte dos docentes que estavam habituados a uma diferente forma de organização.

Foi considerado por E2 que o facto do Coordenador do Estabelecimento ter ou não turma deveria ser determinante na acumulação, ou não, dos dois cargos. Em situação do Coordenador não ter turma este deveria assumir os dois cargos, para facilitar o trabalho dos colegas e por ter maior disponibilidade temporal para se ocupar de todos os assuntos relevantes. No caso contrário, então a partilha de cargos resulta como um benefício, para a escola e para os docentes.

A dimensão da escola também foi mencionada como determinante para a existência de um ou dois coordenadores. Nas escolas grandes – com mais trabalho – poderiam justificar-se dois coordenadores, facto que não aconteceria nas mais pequenas. Foi considerado que o trabalho do Coordenador de Estabelecimento está agora mais facilitado em termos burocráticos, pelo facto de muitos dos assuntos terem passado para a escola sede do Agrupamento.

No caso do grupo focal realizado, o processo de tratamento e análise dos dados decorreu da mesma forma que nas entrevistas individuais. Após a transcrição da entrevista foram igualmente seleccionadas as frases significativas, agrupadas segundo os objectivos da investigação e divididas segundo categorias e subcategorias. Sempre que possível, adoptou-se a mesma categoria e subcategoria já mencionadas em relação à análise de conteúdo das entrevistas individuais. Esta fase do trabalho está documentada em anexo (anexos XVIII a XX), transcrevendo-se para os quadros seguintes as frases mais significativas de cada categoria e subcategoria. Igualmente em anexo (anexo XXI) apresentam-se as grelhas de observação preenchidas durante a realização do grupo focal pelo moderador assistente.

Tal como foi feito em relação às entrevistas individuais, começará por se apresentar um quadro síntese das categorias correspondentes a cada um dos objectivos.

Quadro 21 – Categorias encontradas para cada objectivo de investigação, no grupo focal

OBJECTIVO	CATEGORIA
1- Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO ANTES DA EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO
2- Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	ALTERAÇÕES NO CONSELHO PEDAGÓGICO APÓS A EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO CONSEQUÊNCIAS DA ENTRADA EM AGRUPAMENTO PODER DE DECISÃO TEMÁTICAS ABORDADAS NAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO SENTIMENTOS DOS DOCENTES DO 2º E 3º CICLO SOBRE A PASSAGEM A AGRUPAMENTO
3- Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	EXPECTATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À MUDANÇA EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO DO AGRUPAMENTO
4- Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP
5- Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP
6- Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	FACTORES POSITIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP FACTORES NEGATIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP

Apresentam-se em seguida os quadros referentes a cada um dos objectivos da investigação, nos quais se colocam as frases significativas de cada uma das subcategorias determinadas, indicando para cada uma delas o número de unidades de enumeração respectivo.

Quadro 22 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 1

OBJECTIVO 1: Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas		
CATEGORIA: Estrutura do Conselho Pedagógico antes da existência do Agrupamento Vertical de Escolas		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Representação dos grupos disciplinares através dos delegados de grupo	735. “(...) uma que é a situação muito mais antiga que se falava, em que nós tínhamos os delegados ou representantes do grupo, isso eram Conselhos Pedagógicos que eram presididos pelo Presidente da Escola, na altura do Conselho Directivo e havia todos os representantes de grupo de... isso era... também era pesado.” [E12]	3 EU
Representação dos grupos disciplinares através dos chefes / coordenadores de departamento	733. “(...) nós termos perdido a figura do delegado para um coordenador, houve realmente perda de informação e de identidade dos grupos.” [E11] 738. “(...) nova situação (...) dos Departamentos (...) houve uma diminuição do número... ao haver uma diminuição do número de elementos facilitou o trabalho do Conselho Pedagógico.” [E12] 751. “(...) o coordenador do departamento ia ao Pedagógico, o coordenador depois reunia com os... fazia uma reunião com os delegados e depois os delegados reuniam a nível de... de grupo disciplinar e portanto é evidente que se podia perder alguma informação,” [E13]	7 EU
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Preparação da reunião do Conselho Pedagógico	648. “(...) tinha uma ordem de trabalhos mais restrita.” [E8]	3 EU
Temáticas abordadas nas reuniões	645. “Anteriormente, os assuntos eram claros, eram da escola, iam ao grupo, depois traziam ... havia já uma rotina,” [E9]	3 EU
Dinâmica da reunião do Conselho Pedagógico [em relação à altura dos delegados no CP]	698. “(...) havia realmente uma dinâmica enorme porque a comunicação era mais rápida, a dinâmica era muito mais eficaz.” [E6] 737. “(...) cada uma representava um grupo restrito de pessoas mas também era complicado;” [E12]	5 EU

Continua

Continuação

OBJECTIVO 1: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas</i>		
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Dinâmica da reunião do Conselho Pedagógico [em relação à altura dos chefes / coordenadores de departamento no CP]	720. “(...) ficávamos muito entre nós e resolvíamos realmente tudo. Tínhamos tempo.” [E11] 739. “(...) havia menos gente a dar as opiniões, as opiniões acabam por poderem ser mais debatidas porque havia menos gente” [E12] 753. “(...) praticamente toda a gente gosta de acrescentar mais qualquer coisa e portanto isto às vezes leva a que as coisas se prolonguem e não... não sejam muito eficientes.” [E13]	6 EU

Os docentes que constituíram o grupo focal referiram duas realidades anteriores à formação do Agrupamento Azul. A primeira, correspondente a uma fase mais antiga (nos primeiros dois anos de funcionamento da escola), em que o CP integrava os delegados de cada um dos grupos disciplinares, que levavam para as reuniões os assuntos concretos de cada grupo, debatidos em reunião disciplinar. Esta realidade permitia o debate dos temas e assuntos directamente relacionados com o funcionamento da escola, o que por vezes implicava a extensão da reunião, tornando-a “*pesada*”.

A escola foi entretanto reorganizada em departamentos (a partir do ano lectivo de 1993/94), passando a estar no CP os coordenadores de cada um dos departamentos (cinco departamentos, nos quais se incluía o departamento de formação). Esta situação permitiu a redução do número de elementos do CP mas obrigou a uma readaptação da dinâmica das reuniões, passando a existir uma ordem de trabalhos mais restrita e mais tempo para o debate, que nem sempre foi visto como sendo positivo, pois permitia que as pessoas se alongassem em considerações, nem sempre conducentes a uma maior eficácia.

Foi igualmente referido que se sentiu alguma perda de identidade ao nível do grupo disciplinar e alguma perda de informação, resultante do alongar da cadeia de transmissão – coordenador de departamento, delegado de grupo, restantes docentes do grupo disciplinar.

Existia no entanto uma rotina já interiorizada, as temáticas eram debatidas ao nível do grupo disciplinar e existia uma preparação prévia dos assuntos para que o delegado os levasse ao CP. Existia mais tempo para as reuniões em que essa preparação era feita, pois os horários permitiam reduções para o efeito.

Em qualquer das situações privilegiava-se o debate dos problemas diários surgidos na escola e no grupo, servindo as reuniões do CP para que as pessoas pudessem também partilhar preocupações e aliviar algum stress acumulado.

Quadro 23 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 2

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Alterações no Conselho Pedagógico após a existência do Agrupamento vertical de escolas		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Constituição do Conselho Pedagógico	872. “(...) nós temos representantes de todas as escolas e do JI” [E11]	4UE
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Integração dos docentes do ensino pré-escolar e 1º ciclo (1º ano)	742. “(...) nós continuávamos a ter muito mais que dizer e a falar muito mais e tínhamos sempre muito mais problemas e nós é que tínhamos que falar” [E12] 918. “(...) embora no início as colegas se sentiam um bocadinho magoadas.” [sobre as trocas de nomenclatura feitas pelos docentes do 2º e 3º ciclo] [E13]	8UE
Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	641. “Quando vimos para Conselho Pedagógico, já anteriormente as escolas do 1º ciclo trataram em Conselho Escolar as temáticas deles.” [E9] 759. “(...) começámos a fazer reuniões prévias dos Coordenadores de Departamento.” [E13] 783. “(...) quando leva as coisas, leva-as já organizadas, leva-as pensadas e diz o que tem e prepara previamente.” [E7]	7UE
Estabelecimento de uma ordem de trabalhos	705. “Com estes problemas todos, com esta carga de trabalhos enorme, com uma ordem de trabalhos que é absolutamente ... nem sei qual é o adjectivo que posso aplicar” [E6]	2UE
Principais diferenças assinaladas	639. “(...) trata de assuntos desde o Jardim ... o pré-escolar ao nosso.” [E9] 661. “(...) há mais problemáticas,” [E7] 684. “Tudo vai a Pedagógico para ser aprovado! E tudo isto vezes seis escolas!” [E7] 909. “(...) quando vivi a experiência do Agrupamento foram colocadas exigências um bocadinho diferentes” [E10] 913. “(...) é sempre uma luta entre aquilo que se quer e aquilo que se consegue e aquilo que se pode ter ... e é sempre difícil.” [E11] 917. “Era um bocado ...é um bocado o ter que ter cuidado com alguma linguagem. (...) por exemplo, eu dizia “educadora infantil”, (risos) o “ensino primário”,” [E13]	18UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Organização das reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Estratégias utilizadas durante a reunião do CP	726. “(...) aquilo vai lá e reflectimos e pensamos e discutimos.” [E11] 836. “(...) não há aquela coisa de dizer assim: tratam-se só coisas do 3º ciclo e eles ficam para o fim meia horinha. Não é o caso, porque tudo aquilo que se está a tratar é intervenção total.” [E7] 850. “(...) depois comecei a alternar e às vezes pergunto: então, da outra vez as avaliações, começámos pelo 1º ciclo ou começámos pelo 2º e 3º?” [E7]	10UE
Interacção entre os docentes dos vários ciclos	714. “(...) tínhamos que pensar também um bocadinho ou muito segundo a perspectiva do outro,” [E10] 745. “(...) nós podemos todos trabalhar em conjunto” [E12]	6UE
Duração temporal de cada reunião do CP	693. “(...) se nós quiséssemos cumprir o horário de um Conselho Pedagógico, nem sequer tínhamos possibilidade de os fazer como deve ser.” [E7] 757. “(...) tivemos pedagógicos a terminar às onze e tal da noite.” [E13]	5UE
Falta de tempo útil de preparação, debate e decisão	687. “(...) a articulação, de facto, pedagógica ... não há tempo.” [E7] 690. “Onde é que está o espaço ... o espaço!! ... para podermos reunir em coordenadores de departamento (...) para podermos pensar seja o que for?” [E7]	6UE
CATEGORIA: Consequências da entrada em Agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Uniformização	842. “(...) os critérios de avaliação, das escolhas dos manuais, os formulários – que parecendo que é um papel, mas eles vão sendo cada vez mais uniformizados.” [E7] 843. “(...) depois adequado ao 1º ciclo, eles fazem os deles mas a preocupação é a mesma.” [E7]	4UE
Maior complexidade	677. “(...) somos também representantes daquilo que vem dos vários clubes e que é dito no nosso departamento, sobre as substituições, sobre os documentos que foram aprovados,” [E7] 711. “As exigências que são necessárias para preparar actualmente o Conselho Pedagógico, para gerir intervenções, para ultimar documentos ... não tenho dúvida que deve ser realmente quase que uma missão titânica,” [E10] 718. “(...) a pessoa que presidia à reunião teria que ser muito mais eficaz e muito mais organizada, gerir já mesmo na altura uma outra complexidade e é diferente.” [E10] 721. “No depois, conhecemos o outro, introduziram-se novas temáticas, novas problemáticas, novas realidades, mais temas, mais dificuldades e as coisas complexaram-se.” [E11] 730. “(...) uma escola que tem muitos alunos” [E11]	13UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Consequências da entrada em Agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Dificuldade na gestão da dinâmica do CP	637. “(...) basta mudar os membros do Conselho Pedagógico para mudar a dinâmica.” [E9] 686. “(...)É difícil para nós digerir (riu-se) ... difícil de gerir e digerir!” [E7] 732. “Todas estas mudanças, todas estas mobilidades implicam um amadurecimento e para amadurecer é preciso reflectir, é preciso tempo para reflectir, é preciso introduzir muitas dinâmicas diferentes.” [E11]	6UE
Desempenho dos docentes do 2º e 3º ciclo no CP	900. “(...) a minha postura actualmente é tentar com a realidade, vivenciando no dia-a-dia, produzir melhor, servindo o grupo e a escola e o Agrupamento.” [E9] 901. “(...) a minha posição pautou-se sempre por ... por tentar participar o melhor possível, sempre de uma forma positiva e com uma posição de partilha com os colegas que fazem parte do Conselho Pedagógico.” [E8]	6UE
Dificuldade de comunicação e transmissão de informação / decisões vindas do CP	701. “Perde-se muita informação. Perde-se muito tempo a discutir muita coisa.” [E6]	3UE
Maior responsabilidade e responsabilização	773. “(...) o próprio Ministério da Educação, que cada vez manda para baixo as responsabilidades.” [E7] 780. “São mais as responsabilidades e menos a autonomia.” [E7]	4UE
Solicitações múltiplas – exigência de rapidez	697. “(...) aquilo é para levar amanhã ao Ministério da Educação” [E7]	3UE
CATEGORIA: Poder de decisão		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Falta de autonomia real	725. “(...) não temos nenhuma decisão sobre isso, mas o que é certo é que isso vai a Pedagógico e nós reflectimos e pensamos e falamos.” [E11] 775. “(...) eles continuam-nos a impor as coisas e portanto é uma democraticidade falsa.” [E7] 920. “(...) o Conselho Pedagógico, que depois tem que gerir e aplicar aquilo que nos é imposto,” [E7]	10UE
CATEGORIA: Temáticas abordadas nas reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Assuntos decorrentes da entrada em Agrupamento	692. “(...) em cada Conselho Pedagógico nós chegamos a aprovar dez e doze visitas de estudo ... onde vamos analisar intervenientes, objectivos, locais, orçamentos” [E7] 722. “(...) houve mudanças necessárias à escola. O Projecto Educativo teve que ser alargado, modificado. Houve um Plano de Actividades, o Projecto Curricular, em que realmente tudo é novo. Tudo é modificado, o Regulamento Interno” [E11]	6UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 2: <i>Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Temáticas abordadas nas reuniões do Conselho Pedagógico		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Assuntos decorrentes de decisões internas	669. “A avaliação externa implicou o repensar de situações, implicou depois o reflectir sobre a avaliação externa, implicou as sugestões sobre essa avaliação externa ... tudo isto foram meses.” [E7] 845. “(...) o balanço das avaliações ... e depois, claro, a tal avaliação externa que houve, ou os TEIP,” [E7]	5UE
Assuntos decorrentes de decisões / intervenções externas	653. “(...) houve alterações tão significativas em termos legislativos que estão ligados ao ensino que obrigou o Conselho Pedagógico a ter ... a tomar posições muitas vezes sem ter tempo suficiente para ... para reflectir efectivamente sobre aquilo que se está efectivamente a passar e a resposta que será mais correcta dar, e que nos é exigido que se dê rapidamente.” [E8] 673. “(...) reformas que vieram a nível ministerial: tivemos a reforma na avaliação – tivemos que fazer documentos novos, tivemos que fazer planificações novas, tivemos que alterar documentos, etc – na distribuição da carga horária – e porque há carga do tempo não lectivo, e porque há que distribuir, e porque há que ver.” [E7]	7UE
Assuntos sem relação directa com a entrada em Agrupamento	671. “E depois são as propostas e as informações e as reformulações e as sugestões. E vai à base e volta acima, e volta acima e faz propostas e vai à base e volta acima.” [E7] 674. “(...) a análise dos relatórios e das propostas e dos projectos para os vários espaços.” [E7] 835. “(...) os planos de acompanhamento, os planos de recuperação, as fichas novas, etc, que eles também tinham.” [E7]	7UE
CATEGORIA: Sentimentos dos docentes do 2º e 3º ciclo sobre a passagem a Agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Falta de espaço próprio de discussão e debate	640. “(...) quem ficou a perder – se é que alguém perde aqui – foi a escola sede porque deixou de ter um Conselho Pedagógico próprio para tratamento das questões próprias da escola.” [E9] 703. “(...) nós temos muitos problemas na realidade e que têm que ser debatidos, têm que ser resolvidos (...) e não conseguimos debatê-los.” [E6] 769. “(...) quantas vezes não gostaria de reunir só com as pessoas da escola – mas sinto algum constrangimento” [E7]	8UE
Dificuldades de adaptação à mudança	634. “Com o alargar, no depois, do raio de acção, da temática (...) torna-se um bocadinho mais disperso, mais difícil de se perceber qual é a natureza dos trabalhos que têm que se fazer agora.” [E9] 647. “(...) estamos a adaptar-nos. A ver se tiramos vantagens daquilo.” [E9] 651. “(...) ainda estamos um bocadinho, digamos, em estado quase que de choque em relação às coisas novas que vão surgindo constantemente.” [E8] 664. “(...) nós ainda estamos no início de tudo isto” [E7]	12UE
Expectativas quanto ao futuro	636. “Provavelmente para o próximo ano como estas matérias já estarão devidamente tratadas outras virão” [E9]	2UE

Após a formação deste Agrupamento Vertical de Escolas o Conselho Pedagógico passou a ter a presença dos representantes do 1º ciclo e dos jardins-de-infância. Foi considerado que a sua integração não foi fácil, não tendo igualmente sido facilitada. Nos primeiros tempos a sua participação e as suas intervenções eram reduzidas, ficando grande parte do tempo apenas a ouvir os docentes e os assuntos do 2º e 3º ciclo. Esse aspecto foi-se atenuando com o esforço mútuo de integração e aprendizagem.

No entanto, a adaptação à mudança está ainda a decorrer, uma vez que causas externas e internas foram avolumado o número de solicitações e alterações a que os docentes do CP foram sujeitos, que se juntaram àquela que seria a ordem normal de trabalhos.

Durante o período de tempo que decorreu desde a formação do Agrupamento até hoje, houve que construir numerosos documentos comuns necessários ao seu funcionamento – Regulamento Interno, Projecto Educativo do Agrupamento, Projecto Curricular do Agrupamento, Plano Anual de Actividades – documentos novos previstos na legislação entretanto aprovada – planos de recuperação e de acompanhamento – e outros documentos como critérios de avaliação e escolha de manuais ou formulários diversos respeitantes a visitas de estudo, projectos, relatórios ou outras actividades.

Para preparar o CP e para que o mesmo não se prolongue ainda mais – uma vez que as ordens de trabalho foram muito extensas e obrigaram a muito mais horas de reunião do que as que estariam previstas – muito trabalho foi feito previamente, em Departamento ou em Conselho de Docentes. No primeiro ano de funcionamento do Agrupamento as coordenadoras de departamento reuniam em conjunto para preparar documentos e propostas e para acertar ideias quanto aos assuntos da ordem de trabalhos do CP, mas deixaram de o fazer uma vez que as mudanças que ocorreram ao nível dos horários e da distribuição das horas (lectivas e não lectivas) sobrecarregaram o horário dos docentes. Continua a ser feita uma preparação prévia de documentos, mas de forma isolada por parte de cada um dos coordenadores.

As principais diferenças encontradas entre o actual CP e o anterior relacionam-se com as temáticas abordadas, com a existência de diferentes níveis de ensino e com a necessidade de adaptação às várias realidades, apesar da procura de uniformização ao nível burocrático, pedagógico e de funcionamento.

Ao nível dos assuntos abordados nas reuniões, os mesmos passaram pela preparação de todos os documentos necessários, pela análise e aprovação das visitas de estudo e outras actividades propostas por qualquer das escolas do Agrupamento, pela análise de toda a nova legislação que foi aprovada e que veio determinar mudanças e reajustamentos consecutivos, pelo balanço periódico das avaliações dos alunos, pela preparação, avaliação e reflexão da avaliação externa solicitada pelo Conselho Executivo, pela procura de soluções para as solicitações provenientes do ME e pela análise de propostas diversas, reformulações, sugestões e informações constantes que vão sendo agendadas, exigindo normalmente uma resposta rápida, o que levou à tomada de decisões sem possibilidade de uma reflexão mais profunda sobre as várias temáticas.

A complexidade dos assuntos tem sido crescente, foi atribuída uma maior responsabilidade na tomada de decisões que não costumavam pertencer às escolas, sem que lhes fossem dados os meios adequados para o fazer. Estes factores influenciaram o trabalho e a dinâmica do CP, levaram a um aumento do número de reuniões e não permitiram o espaço necessário ao debate e troca de opiniões de forma mais sistemática e reflexiva.

Apesar de tudo aquilo que é solicitado, o Agrupamento acabou por não ter grande autonomia na tomada de decisão, e nem sempre as decisões que os elementos do CP são forçados a tomar face às decisões e exigências exteriores foram bem compreendidas pelos outros docentes das escolas. Por vezes surgiram dificuldades na transmissão da informação proveniente do CP.

A condução da reunião do CP tem vindo a procurar gerir o tempo disponível para que todos tenham possibilidade de intervir e participar, tentando não deixar os assuntos do 1º ciclo sempre para a fase final da reunião, como acontecia no início. Os docentes têm vindo a trabalhar em conjunto na procura das respostas mais adequadas e de alguma uniformização, respeitando as especificidades de cada nível de ensino.

Os docentes da EB2,3 consideraram que perderam o seu espaço próprio de discussão, reflexão e debate e que todas as alterações que têm vindo a ser impostas na sua vida profissional condicionaram o seu trabalho no CP, pois não lhes deixaram tempo livre necessário trabalhar como anteriormente.

Consideraram estar ainda num processo de adaptação, que não tem sido fácil pelo excesso de trabalho a que foram e são sujeitos, mas esperam que o novo sentimento de identidade que

está a aparecer, fruto do trabalho conjunto de todos, venha a desenvolver-se. Pensam que algumas temáticas estarão proximamente concluídas, para que um novo tipo de assuntos possa ter a atenção que, neste momento, não conseguem ter.

Ao nível do seu desempenho enquanto membros do CP não perceberam grandes alterações, continuando a trabalhar numa perspectiva positiva, construtiva e de partilha com os outros elementos do CP.

Quadro 24 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 3

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Expectativas sobre a formação do agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Ausência de opinião formada	440. “Sei que poderiam advir desse agrupamento, dessa junção, aspectos positivos mas também alguns negativos, mas não tinha assim muito uma opinião muito formada” [E11]	1UE
Melhoria para a escola e/ou os alunos	439. “(...) fiquei convencida que de facto poderia ser uma experiência positiva, enriquecedora no sentido de articular vários... várias maneiras de ver e de encarar o aluno em perspectivas realmente etárias e em perspectivas educativas, portanto, que atravessam o aluno e que passam pelo aluno ao longo de vários anos de escolaridade.” [E10]	3UE
Recusa e pressão para formar Agrupamento	442. “Portanto não foi por vontade das pessoas da escola nem da gestão da altura passarmos a Agrupamento. E por isso tinha havido uma reunião geral em que não se concordou. Em que não houve acordo, portanto, para... para fazê-lo. Só posteriormente penso que foi o Ministério que praticamente nos obrigou a entrar neste Agrupamento.” [E12] 443. “Mais do que concordar foi ceder.” [E13] 466. “(...) como estava na Gestão na altura, e nós sabíamos o peso que era ter os alunos que já tínhamos nesta escola e pensar que iríamos ter muito mais alunos e muito mais escolas, portanto o peso - quer a nível administrativo quer a nível de recursos - ia ser muito grande e essa foi a questão que nos... que não nos motivou para aceitar de imediato,” [E12]	7UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Expectativas sobre a formação do agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Reticências quanto à formação do Agrupamento	445. “(...) a minha perspectiva pessoal era de hesitação mas... sendo que não estava inteiramente contra na medida em que no início, numa reunião em que houve uma reunião com representantes da DREL, do Ministério, aquilo que nos foi dito é que se nós entrássemos digamos sem ser... na primeira fase nós não esperássemos mesmo até à saída do decreto-lei, que iríamos ter algumas vantagens em termos de condições que têm que ser facultadas para a sua realização” [E13]	4UE
Agrupamento de menor dimensão	474. “(...) fez sentido na minha mente (...) que era uma proposta de Agrupamento com a escola ao lado.” [E10]	3UE
Infirmação das expectativas	448. “Nunca me passou pela cabeça efectivamente é que... íamos ser, digamos, que obrigados a formar um Agrupamento onde iríamos ter tantas escolas do primeiro ciclo e jardins de infância, ou seja, eu pensei sempre que nos iam dar a hipótese de nós podermos optar,” [E8] 458. “(...) realmente as condições que acabaram por nos ser propiciadas foram nulas,” [E13]	5UE
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Natureza pedagógica dos factores positivos	527. “(...) é implementada uma reforma que toda ela encerra objectivos positivos, a articulação dos níveis de ensino, da comunidade educativa, estabelecimento de oportunidades similares, ou seja, a mesma comunidade educativa tem os mesmos objectivos, as mesmas oportunidades, a articulação curricular estratégica e pedagógica, pronto.” [E7]	3UE
Turmas de CEF e/ou Percursos Alternativos: rentabilização de aprendizagens	580. “(...) um benefício, pontual é verdade, (...) que é sobre as turmas dos CEF’s que temos (...) na nossa escola agora e que acabaram (...) aqui a sua formação e que, alguns deles, vão fazer formação e dar ... aliás, vão dar formação aos professores do 1º ciclo e aos meninos do 1º ciclo. (...) penso que é, um grande benefício para a escola e para as crianças.” [E6]	2UE
Benefícios para todas as escolas do Agrupamento	459. “(...) há uma certa riqueza da parte das pessoas quer... dos professores e até se calhar dos miúdos que... em que todas acabaram, na minha perspectiva, por ganhar um pouco.” [E13] 481. “(...) todas terão beneficiado em relação àquilo que já foi dito sobretudo à partilha de anseios, de dúvidas, de perspectivas, de experiências pedagógicas. Aí todos terão beneficiado.” [E10] 541. “(...) é muito positivo haver neste momento uma maior abertura a nível de contacto entre as várias escolas” [E8]	7UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Benefícios para a EB2,3	508. “(...) esta junção com as escolas do 1º ciclo abriu muito mais os nossos horizontes particularmente em termos pedagógicos.” [E8]	3UE
Benefícios para as EB1	463. “E as outras escolas mais afastadas eu penso que em termos de recursos, até de recursos, que estariam em desvantagem em relação a esta que está aqui mais próxima. Portanto, provavelmente devem ter ganho alguma coisa com isso.” [E12] 490. “(...) porque as escolas funcionavam muito isoladamente e nota-se aqui uma articulação, mais até que vertical, uma articulação horizontal.” [E7] 506. “(...) esta entrada neste Agrupamento acabou por ser uma mais valia efectivamente para o 1º ciclo.” [E8]	14UE
Benefícios para os JI	480. “(...) o jardim-de-infância, que acaba sempre por ser, na minha perspectiva, um bocadinho o parente... o parente pobre da educação. Se calhar teve uma visibilidade, para nós que trabalhamos com crianças e com jovens já bem mais crescidos, se calhar foi bem mais notado, notório e notável, não é, fez-se notar, do que propriamente o 1º ciclo ou os últimos anos do 1º ciclo.” [E10]	1UE
Melhor conhecimento dos alunos que chegam à EB2,3	509. “E até permitiu agora compreendermos melhor alguns problemas que nós detectávamos nos alunos e também encontrar através do diálogo com estas colegas a solução... ou procurar a solução para alguns destes problemas que nós detectamos.” [E8]	3UE
Continuidade de projectos anteriores	462. “(...) com esta escola (...) já havia algumas situações de contacto, algumas situações em que os alunos ou vinham à escola ou alguns professores chegaram a ter um projecto a irem à outra escola.” [em relação à escola vermelha] [E12]	1UE
Proximidade geográfica	514. “Penso que por uma questão de proximidade geográfica aqui, aparentemente, quem beneficiará mais é aqui a escola do lado.” [E9]	3UE
Partilha de experiências entre níveis de ensino	469. “Em relação aos contactos que nós temos com os professores do 1º ciclo e do jardim-de-infância, temos realmente... há uma... há uma percepção diferente daquilo que eles fazem, daquilo que nós fazemos, e das dificuldades que eles têm, e das aprendizagens que os... que os alunos deles fazem e não fazem, que... que... que nós desconhecíamos e eles se calhar também a mesma coisa em relação a nós.” [E11] 520. “(...) agora há uma troca de experiências que antes não havia mesmo. Nós não fazíamos ideia de que... de que... dos conteúdos programáticos que nós damos aqui ou não damos, se seriam lá abordados ou não.” [E6] 903. “(...) agora fazem parte deste Conselho Pedagógico colegas que vinham de uma realidade que eu efectivamente não conhecia e que agora estou a conhecer” [E8] 923. “(...) nós podermos trabalhar sem estar no Pedagógico, em outros projectos com colegas do 1º ciclo ...” [E12]	14UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Partilha de experiências entre escolas do 1º ciclo	516. “(...) eu vi as colegas fazerem actividades conjuntas, preparar actividades, preparar materiais, portanto, reuniões, etc,” [E6]	2UE
Empenho por parte dos docentes	537. “(...) este Agrupamento e falo por este, só funciona porque de facto as pessoas que estão envolvidas na sua construção são empenhadas e há sempre... no ensino sempre houve este amor à camisola, e vamos fazer, e vamos trabalhar fora de horas, e vamos reunir e articular,” [E7]	1UE
Continuidade entre ciclos	488. “A transversalidade a nível por exemplo dos conteúdos programáticos também foi um benefício importante para mim, que sou de Língua Portuguesa, porque conseguimos portanto ver os programas que por vezes esquecemos o que é que eles dão no 1º ciclo depois passar para o 2º, passar para o 3º, começámos a ter uma linha de continuidade que não tínhamos até aqui.” [E6]	3UE
Processo de unificação / coesão no Agrupamento	491. “(...) as escolas pelo facto de estarem juntas nos vários órgãos, e neste caso no Conselho Pedagógico, podem uniformizar critérios, articular estratégias, escolha de manuais,” [E7] 505. “(...) estamos a fazer um esforço para que haja um diálogo constante com todas as escolas do 1º ciclo e entre as escolas do 1º ciclo,” [E8] 546. “(...) a grande vantagem positiva deste... da constituição deste Agrupamento tem a ver com a possibilidade que foi criada de haver uma perspetivação, uma possibilidade de deixar de se funcionar parcialmente de escola a escola,” [E9] 621. “(...) nós achamos que, de facto, é mais importante o colectivo, é mais importante construirmos, é mais importante a responsabilização conjunta, por exemplo, de todos nós. Tudo isso é positivo,” [E10]	16UE
Construção de uma identidade colectiva	504. “Quando passaram a fazer parte do Agrupamento houve uma perda dessa identidade individual mas também com o passar vão construir uma identidade colectiva. E eu acho que isso, provavelmente, é mais importante.” [E8] 605. “(...) não deixámos de ser o “eu” mas passámos a ser o “nós,”” [E10] 908. “(...) fazemos parte de algo maior, algo que é ... que é nosso ... da nossa comunidade, e que estamos a preparar um caminho que, penso eu, vamos melhorar.” [E6]	10UE
Possibilidade de gerir recursos humanos	534. “(...) se falta uma funcionária num outro estabelecimento de ensino, a gestão pode... gerir os funcionários daqui... pegar num deles e mandá-lo nesse dia.” [E7]	3UE
Enriquecimento pessoal / aprendizagem por parte dos docentes da EB2,3	902. “(...) com o Agrupamento, aquilo que eu sinto é talvez a possibilidade de aprender um pouco mais.” [E8] 929. “Acho que melhorei, também, com este contacto ...acho que melhorei como ser humano.” [E8]	6UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores positivos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Reconhecimento do valor do 1º ciclo	926. “(...) fui descobrindo que efectivamente estava um bocadinho deslocada porque, digamos que valorizava demais o nosso papel aqui no 2º e no 3º ciclo e não dava efectivamente – ou não valorizava como devia – o trabalho espectacular que os colegas do Jardim-de-Infância e do 1º ciclo têm que fazer.” [E8]	3UE
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Falta de meios e recursos para atingir objectivos positivos	532. “(...) os objectivos são positivos, o esforço que se faz nesse sentido é positivo, mas depois aquilo que é exigido para que esses objectivos sejam concretizados é que torna às vezes esses objectivos aparentemente negativos “ [E7] 558. “(...) uma potencialidade (...) que depois foi cortada por falta de recursos que já existiam e que nos tinham sido prometidos mas que, foram só promessas,” [E13] 619. “(...) é exigir, exigir, exigir e depois apoiar – ou não apoiar de modo algum – apoiar o mínimo,” [E10]	10UE
Falta de meios financeiros	545. “Os negativos, volto a reforçar, penso que efectivamente têm a ver mais com a parte económica, a estrutura económica, porque não temos, e aqui sente-se efectivamente a crise, não temos os meios financeiros para por em prática todas as ideias.” [E8] 551. “(...) a questão financeira. Não se pode fazer “ <i>omoletas sem ovos</i> ”. É o caso. Somos dotados parcamente de recursos, temos que inventar e não podemos. Quando assim é, por algum lado vai sair mal.” [E9]	5UE
Falta de tempo	599. “(...) o tempo para as reuniões é difícil” [E7] 624. “(...) o tempo que não nos dão para reunir, o tempo que não nos dão para reflectir, para pensar ... o tempo que nem nos dão para conversarmos uns com os outros e desabafarmos uns com os outros sobre aquilo que está a correr bem ou a correr mal, ou que nos está a preocupar.” [E10]	5UE
Dimensão do Agrupamento	530. “(...) a área que este Agrupamento cobre é uma área muito grande, as escolas estão muito longe,” [E7] 568. “Portanto, em relação às dificuldades, passam muito pelo número de alunos.” [E12] 594. “(...) deve trazer muitas dificuldades a quem está na gestão ... gerir todos estes professores e todos estes alunos” [E11]	10UE
Dificuldade de gestão dos recursos	482. “(...) penso que se prende com a tal complexidade de gestão, desde recursos humanos, recursos materiais que envolvem de facto um grande número de alunos, um grande número de profissionais que de facto trabalham nas escolas do Agrupamento.” [E10] 535. “(...) era preciso que estes aqui fossem suficientes para poder disponibilizar para outra escola. O pior é que se vai para outra escola, falta aqui e aqui já são de menos.” [E7]	5UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas		
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Perda de autonomia das EB1	470. “(...) em termos de gestão de recursos e a nível burocrático, eu tenho ouvido com frequência alguns professores do 1º ciclo, se calhar mais no ano anterior, dizerem que antigamente podiam decidir alguns aspectos burocráticos, sei lá, tirar fotocópias e comprar material.” [E11] 630. “(...) há aquela dependência da escola sede que é capaz, de facto, de custar um bocadinho.” [E10]	14UE
Causas externas	554. “(...) agravadas quase em simultâneo por todas as outras reformas que ocorreram especialmente no nosso estatuto” [E13] 618. “(...) uma sucessão abrupta de reformas e das exigências que elas acarretam e que é quase proporcional ao não apoio por parte do Ministério.” [E10]	5UE
Acréscimo de trabalho	557. “Mas com um acréscimo, que foi grande no nosso trabalho, onde é que vamos buscar tempo para o fazer?” [E13] 602. “(...) toda a carga necessária – que é necessário trabalhar em departamento: desde as articulações, desde as programações, desde as avaliações, etc – e com a carga de trabalho que nos foi dada, não permite o passo em frente que seria a experiência adquirida nos órgãos passar à restante comunidade.” [E7]	4UE
Maior complexidade e grau de exigência	620. “(...) temos que continuamente abraçar situações complexas” [E10] 622. “(...) depois esbarra com a complexidade e com o facto de não nos darem apoios.” [E10]	6UE
Diferenças de visão do Agrupamento entre docentes que fazem parte dos órgãos e aqueles que não fazem	597. “(...) eu acho que os aspectos positivos são sentidos fundamentalmente por quem está nos órgãos e não tenho a certeza se esses aspectos positivos descem – passe o termo – descem à restante comunidade.” [E7] 631. “(...) o comum dos professores que está sem ter acento num órgão pedagógico não sabe o que é ... não tem a perspectiva que nós estamos aqui a veicular sobre o que é que é um agrupamento.” [E9]	5UE
Impossibilidade de partilha e trabalho conjunto de forma contínua	562. “Na prática, só pontualmente... partilhamos realmente uma experiência... algumas experiências comuns e... essas realmente, quando existem são positivas” [E13] 573. “(...) só basicamente em situações pontuais. Mas quando acontecem é bom.” [E12]	4UE
Distância à escola sede	472. “(...) quando a escola é longe, ao contrário desta que é aqui perto, quando a escola se situa longe da sede, torna difícil esse pedido de autorização e essa compra de alguns materiais. Eu penso que isso não é um benefício, é um prejuízo.” [E11]	4UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 3: <i>Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas</i>		
CATEGORIA: Factores negativos resultantes da formação de agrupamentos		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Perda de identidade das EB1	503. “Por um lado o isolamento por vezes também pode ser bom porque lhes permitia que elas tivessem uma identidade própria.” [E8]	1UE
Dificuldade de articulação	494. “(...) muitas vezes não são as distâncias que os impedem, porque mesmo num mesmo edifício de uma escola de 2º e 3º ciclos e as articulações às vezes não se fazem e nós vivemos sempre como escolas de 2º e 3º ciclo e é um edifício só e as articulações não se fazem.” [E7]	2UE
CATEGORIA: Processo de adaptação à mudança		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Necessidade de aprendizagem	513. “(...) depois das pessoas aprenderem a efectivamente conseguir tirar benefícios desta associação que existe, que deixou de fazer com que determinadas escolas trabalhassem sozinhas, viradas sobre si próprias, aí sim poderão advir benefícios tanto para eles como para a escola sede, neste caso.” [E9] 838. “(...) isto é um processo, de aprendizagem de todos nós.” [E7]	4UE
Dificuldade na avaliação da transição para Agrupamento	523. “(...) não consigo identificar assim nenhum aspecto negativo.” [E6]	1UE
Reorganização da forma de gestão	578. “(...)Talvez algumas das dificuldades possam ser superadas se houver uma organização ou uma gestão, principalmente uma gestão, diferente.” [E12]	3UE
CATEGORIA: Expectativas quanto ao futuro do agrupamento		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Próximos passos a dar	924. “(...) estarmos em Agrupamento tem trazido isso e espero que continue e até aumente. Que aumente, porque é extremamente enriquecedor nós podermos trabalhar com os colegas do 1º ciclo.” [E12] 931. “(...) é que isso depois se reflecta naquilo ... naqueles a quem depois nós servimos, que são os nossos alunos. Dentro da medida da nossa possibilidade.” [E7]	5UE
Melhoria de condições para melhores desempenhos e resultados	932. “Eu gostava de vivenciar esta experiência com outras condições a nível de estruturas (...) nas salas, número de alunos e turnos de funcionamento ...” [E9]	2UE

Nesta questão, e apesar dela ser geral, os docentes ao revelarem as suas percepções focaram a sua atenção no Agrupamento de que fazem parte, pelo que as suas respostas se reportam ao mesmo.

Foram abordadas as expectativas existentes na altura da formação do Agrupamento, foram apresentados vários aspectos positivos e negativos resultantes da sua formação, falou-se da necessidade de adaptação à mudança e de algumas expectativas quanto ao futuro do Agrupamento.

Os docentes lembraram a recusa inicial de formação do Agrupamento e a obrigatoriedade da sua aceitação em moldes que não eram os expectáveis quanto à dimensão. A estrutura imposta foi considerada grande e complexa, com muitos alunos, professores e funcionários, sendo difícil a sua gestão. Na altura foram prometidos alguns apoios que não chegaram e as escolas foram deixadas entregues a si próprias.

O processo de formação do Agrupamento não terá sido cabalmente debatido e explicado, existindo docentes que anteviam aspectos positivos que resultariam numa melhoria para as escolas e os alunos e outros que revelavam reticências quanto a todo o processo, até pela forma como era imposto pelo ME. Muitas das expectativas criadas acabaram por não ser concretizadas.

Os factores positivos resultantes da formação do Agrupamento são de natureza pedagógica, com possibilidade de reflexo nas aprendizagens dos alunos e no trabalho dos docentes. Todas as escolas envolvidas terão beneficiado, pela partilha que se tem estabelecido, pela possibilidade de uniformização de documentos e formas de trabalhar comuns, pelo maior e melhor conhecimento das respectivas realidades, que levam à compreensão de dificuldades sentidas pelos alunos (e seu acompanhamento ao longo de todo o ensino básico) e pelos docentes.

A EB2,3 terá beneficiado de um alargamento dos horizontes pedagógicos por ficar a conhecer melhor a realidade das escolas do 1º ciclo de onde são provenientes os seus alunos e as EB1 passaram a estar mais integradas, diminuindo o isolamento e abrindo-se a possibilidade de trabalharem em conjunto de forma transversal. Também os JI terão adquirido uma maior visibilidade. Os alunos da escola geograficamente mais próxima da EB2,3 têm maior possibilidade de se deslocar e usufruir de algumas facilidades e de participarem em algumas

actividades comuns. Com esta escola – *Escola Vermelha* – já existiam alguns projectos comuns aos quais se tem procurado dar continuidade. Em relação às outras escolas, a localização geográfica funciona de forma negativa, pois impede a realização de mais actividades em comum. Este é um facto apontado como negativo, pois as actividades em conjunto são ainda pontuais, não existindo ainda a possibilidade de um trabalho contínuo que, quando existe, se revela positivo.

O maior conhecimento das particularidades de cada nível de ensino, a partilha de experiências, dificuldades e conhecimentos, o querer aprender com o outro e o empenho dos docentes poderão suscitar melhorias na qualidade do ensino praticado e permitir uma continuidade pedagógica entre ciclos. Há uma aprendizagem mútua e uma procura conjunta de mecanismos de unificação e coesão, que passam pelas estruturas, pela planificação de actividades, pela elaboração de documentação comum, pelos critérios de avaliação, pela definição dos mesmos objectivos ou pelo balanço das avaliações.

Ocorreu uma valorização dos docentes do 1º ciclo e do trabalho por si realizado, porque se passou a conhecer melhor o que faziam e as dificuldades existentes.

No entanto, é percepção dos docentes do Conselho Pedagógico que este sentido de união e de partilha de experiências e conhecimentos, este sentir de que se está a construir algo em comum e a procurar uma identidade colectiva que una todas as escolas do Agrupamento (sem que cada uma perca as suas características) não é extensível a todos os docentes do Agrupamento mas apenas àqueles que desempenham funções nos cargos. Há dificuldades de comunicação, o Agrupamento é muito grande, há falta de tempo para todas as solicitações e reuniões obrigatórias que vão surgindo, o horário dos docentes tem vindo a ser sobrecarregado em função das mudanças legislativas introduzidas pelo poder central e a autonomia anunciada e preconizada é facilmente subjugada pelas restrições e imposições colocadas às escolas.

Foram mencionadas uma falta de recursos monetários, uma falta de tempo útil para trabalhar, reflectir e pensar, uma falta de apoio por parte da tutela, que aumentou a exigência e a responsabilidade e alterou substancialmente a própria carreira docente e as condições de trabalho dos professores, que têm contribuído para uma maior dificuldade de trabalho dos órgãos, pelo aumento do volume e complexidade das constantes solicitações a que são

sujeitos. Estes factores negativos não derivam directamente da formação do Agrupamento, mas o aumento de dimensões multiplica por seis todas as dificuldades sentidas.

De facto, a formação do Agrupamento coincidiu com uma série de alterações legislativas, estruturais (de funcionamento) e organizativas que intensificaram as dificuldades inerentes ao processo da sua constituição.

De forma negativa foram ainda mencionadas as dificuldades de gestão de recursos pertencentes às escolas e que passaram a ser do Agrupamento, porque essa gestão implica alterar hábitos existentes. Todos os docentes presentes no grupo focal consideraram a existência de uma perda de autonomia das escolas do 1º ciclo, que passaram a estar dependentes da EB2,3 para adquirirem materiais, realizarem actividades ou visitas de estudo.

A formação do Agrupamento foi considerada ainda recente, sendo necessária uma aprendizagem para poder usufruir dos benefícios que dela podem surgir. Provavelmente, será necessário reorganizar a forma de gestão das escolas para poder dar um *"passo em frente"* na melhoria da prestação educativa, colmatando dificuldades que se fazem sentir, para benefício dos alunos e da comunidade educativa.

No entanto, foi considerado que para esta experiência ter mais hipótese de sucesso, as condições teriam que melhorar, ao nível das instalações, número de alunos por turma e funcionamento dos turnos.

Quadro 25 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 4

OBJECTIVO 4: <i>Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades sentidas pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Sentimento de dependência	795. "(...) nem sempre eles são muito visíveis." [E10]	2UE
Adaptação a uma nova realidade	857. "(...) eles, com outros problemas, outras perspectivas, outra maneira de viver e de fazer as coisas" [E6]	2UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 4: <i>Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades sentidas pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Indicação de pessoas para os cargos	801. “(...) todos os professores do 1º ciclo que estavam lá o ano passado representados, que representavam as suas escolas no Conselho Pedagógico, este ano não está lá nenhum.” [E11] 816. “(...) ver quem é que está em condições de ter um horário que lhe permita vir e portanto eu penso que havia a certa altura essa questão – não eleger a pessoa ideal mas eleger a pessoa possível.” [E13]	5UE
Representatividade nos órgãos	830. “(...) de facto não é dado mais tempo ao 2º e 3º ciclos. Só de facto porque estão lá mais representantes só da escola... da escola mãe.” [E7]	2UE
Maior enfoque em assuntos da EB2,3 durante as reuniões de CP	794. “(...) grande parte dos trabalhos – ou da ordem de trabalhos – se dirigia, apesar de tudo, à escola B2,3.” [E10] 828. “(...) essa realidade progressivamente vai desaparecendo,” [E7]	5UE
Adequação do horário das reuniões	813. “O Pedagógico fazia-se a uma determinada hora e teve que ser mudado” [E13]	4UE
Deslocação a um diferente espaço físico	854. “(...) eles sentem que são eles que têm que vir, que estão aqui quase: por favor deixem-me entrar que eu agora cheguei e pertenço a isto, (...) isto agora lentamente vai desaparecendo.” [E7]	4UE
CATEGORIA: Benefícios sentidos pelas escolas do 1º ciclo por integrarem o CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Participar na discussão e na tomada de decisões no Agrupamento	787. “(...) o primeiro benefício é o facto de eles poderem também ouvir e tomar parte da nossa organização de escola e da nossa problemática,” [E10] 809. “E o facto de estarmos todos juntos e no mesmo órgão e a discutir as mesmas coisas, mesmo que timidamente no início, que nos uniu.” [E12]	6UE
Partilha e aprendizagem entre docentes	789. “É poder ouvir o outro, poder enriquecer a nossa experiência pedagógica ouvindo o outro.” [E10] 820. “(...) foi alargar os horizontes destes professores ou seja eles começaram a ter contacto com outras realidades,” [E8]	4UE
Eliminação de sentimentos de diferença entre ser professor de cada um dos ciclos	805. “(...) houve uma vantagem muito grande que foi a aproximação dos professores,” [E12] 810. “Achavam que nós tínhamos uma outra perspectiva de todos assuntos,” [E13] 825. “(...) foi-se perdendo a pouco e pouco um certo “tabu” que existia entre o 1º ciclo e depois a escola... a nossa escola de 2º e 3º ciclo.” [E8]	6UE
Facilidade burocrática	826. “(...) existir secretaria para as escolas do 1º ciclo, para elas foi uma grande vantagem que não foi aqui referida. Tinham que ir às Delegações Escolares.” [E9]	1UE

Na percepção dos docentes presentes no grupo focal, as escolas do 1º ciclo obtiveram benefícios e sentiram dificuldades por se integrarem no Agrupamento.

As principais dificuldades ter-se-ão relacionado com a perda de autonomia e a necessidade de adaptação a uma nova realidade. Um dos problemas terá sido o da eleição dos representantes nos órgãos, em especial nas escolas mais pequenas, devido ao facto de existirem turnos e nem todos os professores serem elegíveis. Também a sobrecarga no horário poderá ter constituído um obstáculo na eleição dos representantes.

Foi também referida a representatividade no CP e a diferença entre o número de elementos do 1º ciclo e dos restantes. A diferenciação de tempo atribuído é determinada pelo número de representantes e não por se pretender atribuir mais tempo a um nível do que a outro. Apesar disso, foi dito que muito tempo das reuniões do CP era ocupado a debater e decidir assuntos directamente relacionados com o 2º e 3º ciclo, o que tem vindo progressivamente a desaparecer.

Foi ainda considerado que o facto de serem os docentes do 1º ciclo a deslocar-se poderia ter criado constrangimentos no início, que progressivamente foram desaparecendo.

As escolas do 1º ciclo também terão sentido benefícios por pertencerem ao Agrupamento. Puderam conhecer as diferentes problemáticas dos vários níveis de ensino, puderam discutir e participar nas decisões, tendo contacto com uma outra realidade. Houve uma partilha de ideias, experiências e conhecimentos, com o respectivo enriquecimento pedagógico. Tudo isto terá contribuído para a quebra de barreiras e “tabus” existentes entre docentes dos vários ciclos, aproximando-os através do contacto e conhecimento mútuo.

Um benefício citado foi a existência de alguma desburocratização, pois os assuntos que tinham que ser resolvidos na Delegação Escolar passaram a ser tratados na secretaria do Agrupamento, o que corresponderá a uma vantagem e um ganho de tempo.

Quadro 26 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 5

OBJECTIVO 5: <i>Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Dificuldades para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Tomar decisões representando a sua escola	878. “(...) dificuldade de decidir pelos outros quando é necessário.” [E7]	3UE
Sacrifícios pessoais	803. “(...) terem que tirar do horário deles - e eles têm um horário pesado - 25 horas suponha eu, mono docência, num horário muito seguido,” [E12]	3UE
Responsabilidade na representação da escola no CP	871. “(...) era a responsabilidade de os vir representar e a responsabilidade de lhes transmitir o que era focado e tratado no Conselho Pedagógico.” [E12]	3UE
Adaptação inicial à nova realidade	855. “(...) primeiro ano, (...) os colegas estavam perfeitamente intimidados ao chegarem à nossa escola e sentarem, pronto, à nossa mesa. Completamente intimidados” [E6]	3UE
Participar de forma activa nas reuniões do CP	792. “(...) os colegas do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância estavam em silêncio, a escutar, mais do que a participar, falando, comentando ou dando uma opinião.” [E10] 799. “(...) foi estarem horas a ouvir-nos.” [E11]	5UE
CATEGORIA: Benefícios para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Aumento da participação nas reuniões	837. “(...) cada vez eles estão mais inteirados das coisas e, portanto, participam e opinam e votam de uma forma mais elucidada.” [E7] 861. “(...) as colegas ultrapassaram essa primeira dificuldade da pressão e que agora ... sim, que estão a caminhar.” [E6]	4UE
Contacto com uma nova realidade	859. “(...) foi um mundo completamente novo que se abriu.” [E6]	1UE
Aumento da autonomia	880. “(...) os colegas do 1º ciclo, a pouco e pouco, com a convivência no Conselho Pedagógico foram ganhando outra ... uma outra autonomia” [E8]	1UE
Existência de vontade de aprender e participar	884. “(...) eram pessoas com uma capacidade de trabalho excepcional, que se empenhavam a fundo nas coisas,” [E8]	3UE
Aumento da auto-confiança	865. “(...) que realmente estavam à vontade para mostrar todo um processo que vigorava nas suas escolas e, portanto, cada vez mais o revelam e sentem ... ganham confiança naturalmente.” [E13]	2UE

Continua

Continuação

OBJECTIVO 5: <i>Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento</i>		
CATEGORIA: Benefícios para o professor representante do 1º ciclo no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Reconhecimento do seu próprio valor	881. “(...) começaram a reconhecer e a valorizar mais o seu trabalho e a sua capacidade de trabalho.” [E8]	3UE
Orgulho no trabalho desenvolvido	873. “(...) eu acho que eles quiseram, gostaram de mostrar grandes responsabilidades, de facto, e de estar à altura.” [E10]	3UE
Reconhecimento do seu valor pelos outros docentes	882. “Porque esse trabalho foi reconhecido pelos outros elementos do Conselho Pedagógico.” [E8]	2UE
Sentimento de unidade	866. “(...) já nem sentem tanto que é o nosso espaço (...) mas já sentem também um pouco esse espaço como deles” [E13] 867. “(...) que alguns colegas já sentem, tanto que já se sentam connosco na sala de professores.” [E12]	5UE

Os docentes do 1º ciclo, na percepção dos elementos presentes no grupo focal, terão tido dificuldades e benefícios por serem representantes da sua escola no CP.

As dificuldades terão estado relacionadas com os sacrifícios pessoais feitos, nomeadamente no que se refere ao acréscimo do seu horário por estarem presentes nas reuniões de CP, e na responsabilidade sentida por estarem a representar a sua escola e a decidir em seu nome, por vezes sem possibilidade de consulta prévia dos seus pares.

No início do Agrupamento, a sua presença nas reuniões começou por ser “envergonhada”, limitando-se muitas vezes a ouvir os representantes do 2º e 3º ciclo. Com o passar do tempo esta situação foi-se atenuando e a sua participação e confiança foram aumentando. Ganharam uma nova autonomia pessoal e começaram a tomar consciência do seu valor individual, que foi igualmente reconhecido por todos os membros do CP. Passaram a participar de forma mais activa e a revelar o trabalho feito em cada uma das escolas. Para isto, para além da sua vontade de aprender, partilhar e participar, terão igualmente contribuído os laços pessoais que se foram estabelecendo. Estes docentes começam a sentir a escola sede como sendo também sua, integrando-se com os restantes nas conversas e nos espaços.

Quadro 27 – Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objetivo 6

OBJECTIVO 6: <i>Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento</i>		
CATEGORIA: Factores positivos decorrentes da existência de um Coordenador de Estabelecimento e de um representante no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Democratização da participação	896. “(...) é uma medida de liberalizar ou mesmo democratizar a participação num órgão ... ou nos vários órgãos.” [E8]	1UE
Autonomia de desempenho de funções	897. “(...) há efectivamente funções diferenciadas e penso que o coordenador do estabelecimento está muito mais ligado ao poder executivo, enquanto que os elementos que participam no Conselho Pedagógico estarão muito mais ligados a um poder legislativo,” [E8]	2UE
CATEGORIA: Factores negativos decorrentes da existência de um Coordenador de Estabelecimento e de um representante no CP		
SUBCATEGORIA	FRASES SIGNIFICATIVAS	
Maior dificuldade na transmissão e coordenação de informação	889. “(...) não sendo a mesma pessoa é capaz de haver uma dispersão de informação,” [E11] 891. “(...) havia alguma dificuldade depois de comunicação, daquilo que se passava no Pedagógico passar para o coordenador, que depois por sua vez iria passar ao Conselho de Docentes.” [E12] 898. “(...) a coordenação da informação.” [E7]	6UE
Gestão da divisão de funções	888. “(...) deve ser difícil porque o coordenador de estabelecimento – da escola – deve ter uma visão tão alargada da complexidade de gestão da escola e, se calhar, poderia representar com mais facilidade, porque domina, de facto, essa gestão.” [E10]	2UE
Hipótese de conflito	895. “(...) às vezes pode haver algum choque,” [E13]	1UE

Face à questão da existência de um Coordenador de Estabelecimento em cada escola do 1º ciclo diferente do seu representante no CP, a percepção dos docentes do grupo focal direcciona-se mais no sentido de que esse facto será negativo, existindo alguns docentes que não percebem porque razão isso acontece.

Os únicos factores positivos que essa situação pode representar relacionam-se com uma maior democratização ao nível da participação, uma vez que as funções desempenhadas pelas duas pessoas são diferentes.

De forma negativa, é percebida alguma perda de informação e dificuldade na coordenação entre os dois coordenadores – do estabelecimento e pedagógico – na transmissão da informação aos colegas e na preparação do Conselho de Docentes.

A gestão da divisão de funções poderá constituir uma dificuldade, podendo conduzir a algum tipo de conflito. Foi referida a percepção de que o coordenador de estabelecimento terá uma visão mais abrangente da escola do 1º ciclo, estando melhor preparado para a representar.

5.2 – DISCUSSÃO DOS DADOS

Na discussão dos dados obtidos e anteriormente apresentados, a metodologia utilizada consistirá na abordagem de cada um dos objectivos de forma sequencial, confrontando as categorias consideradas na análise de conteúdo das entrevistas individuais com as categorias determinadas em relação ao grupo focal, complementando os resultados ou realçando aspectos convergentes ou divergentes. No final será feita uma síntese global daquilo que for considerado mais relevante. Serão trazidas à discussão frases significativas proferidas pelos vários entrevistados e, sempre que possível, serão estabelecidas relações com duas outras investigações feitas sobre Agrupamentos de Escolas, da autoria de Manuel Flores (2005) e Graça Simões (2005).

No que concerne ao 1º objectivo – **Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas** – as categorias consideradas foram as mesmas. Os docentes – do 2º e 3º ciclo – referiram-se à estrutura do CP e à organização das reuniões. Os representantes do 1º ciclo não abordaram esta questão, uma vez que anteriormente não estavam presentes no órgão.

Antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas o CP era constituído conforme estabelecido pela legislação. As temáticas abordadas também estavam de acordo com o que a lei previa, através do Decreto-Lei nº 172/91, que determinava, entre outras funções, a elaboração e acompanhamento do plano de formação dos docentes e não docentes, a

elaboração de propostas e emissão de pareceres quanto à gestão dos currículos, programas e actividades de complemento curricular ou a orientação, acompanhamento e avaliação dos alunos e a gestão dos apoios educativos, através da emissão de pareceres sobre matérias de natureza pedagógica. A este respeito E1 afirmou que *“(...) as principais temáticas são as das questões pedagógicas (...) as questões da avaliação e dos resultados dos alunos (...) as questões dos apoios educativos dos meninos com necessidades educativas especiais (...) as questões dos currículos alternativos (...) das turmas com um regime diferenciado, com características e com um percurso diferenciado”, “E também o Projecto Educativo quando ele era feito (...) o plano anual de actividades e os projectos curriculares de turma” e “(...) a formação teve muita importância nessa altura”.*

Nesta escola, durante os dois anos lectivos correspondentes ao início de funcionamento, os grupos disciplinares faziam-se representar no CP pelo delegado de grupo, facto que se alterou a partir do ano lectivo de 1993/94, quando essa representação passou a ser feita pelos chefes de departamento (hoje denominados coordenadores).

Segundo E8 *“(...) nós começámos logo a sentir uma grande diferença quando foi ... quando deixaram de estar representados no Pedagógico os delegados de grupo e passou a estar o chefe de departamento. (...) Isso foi já uma primeira revolução na escola,”*, o que implicou alterações da dinâmica da reunião.

Por um lado, o número de elementos diminuiu, permitindo que houvesse, nas palavras de E12 *“(...) menos gente a dar as opiniões, as opiniões acabam por poderem ser mais debatidas porque havia menos gente”* o que nem sempre foi visto de forma positiva, pois por vezes as pessoas estendiam-se em considerações, acabando por prolongar a reunião sem que se notasse uma maior eficácia nos resultados obtidos. Levou também a alguma *“(...) perda de informação e de identidade dos grupos.”* como referiu E11 e obrigou à existência de maior número de reuniões, porque *“(...) o coordenador do departamento ia ao Pedagógico, o coordenador depois reunia com os... fazia uma reunião com os delegados e depois os delegados reuniam a nível de... de grupo disciplinar e portanto é evidente que se podia perder alguma informação,”* (E13).

Por outro lado, apesar do peso excessivo causado pelo número de elementos presentes no CP na altura dos delegados de grupo, esse facto *“(...) permitia realmente uma dinâmica enorme porque a comunicação era mais rápida, a dinâmica era muito mais eficaz.”* (E6) mas levava

a que fossem “(...) *muitas ideias, muitas cabeças.*” o que “(...) *também era complicado;*” (E12)

A docente E1, que desempenhou o cargo de presidente do CP antes de ser presidente do CE (primeiro da escola, depois do Agrupamento) considera que “(...) *a dinâmica da reunião depende da dinâmica de cada um dos presidentes.*” e que a duração da reunião não depende apenas da dimensão da ordem de trabalhos ou do tempo disponível, mas da reflexão e aprofundamento dos assuntos que for feita. Como referiu E13 “(...) *praticamente toda a gente gosta de acrescentar mais qualquer coisa e portanto isto às vezes leva a que as coisas se prolonguem e não... não sejam muito eficientes.*” o que vem confirmar as palavras de E1 quando disse que “(...) *se aprofundava muito mais, demorava-se ...*”.

A nova legislação produzida – como aconteceu com a entrada em vigor do Decreto-Lei nº 115-A/98 – era analisada e debatida nas reuniões do CP e por isso quando “(...) *nós entramos no projecto da gestão flexível do currículo e, (...) todo ele abordado, “mastigado” dentro do Pedagógico.*” (E1) o que levou ao prolongar das reuniões e permitiu, como disse E13, que “(...) *sempre houve(ss) uma certa agitação.*”

Também SIMÕES (2005, p.82) refere este aspecto dizendo que “*As acções são encetadas ao ritmo das saídas de novas orientações ou propostas ministeriais ...*”, o que permite perceber que continua presente um domínio do poder central sobre as escolas e a sua dinâmica.

Todos concordam no facto da existência de ordens de trabalho mais restritas, dirigidas para as realidades e problemas da EB2,3 e com a possibilidade de poder preparar, discutir e reflectir de forma mais prolongada as várias questões, tanto ao nível dos grupos disciplinares como ao nível do CP, existindo condições para o fazer, pois, como diz E7 “(...) *as pessoas tinham reduções para efectivamente fazerem essas reuniões de trabalho.*”.

Relativamente ao objectivo 2 – **Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento** – todos os docentes se pronunciaram, mesmo tendo diferentes perspectivas, uma vez que nem todos tinham hipótese de comparar com o que acontecia anteriormente. As categorias determinadas não foram as mesmas, uma vez que as percepções transmitidas diferiram em alguns aspectos. Em qualquer dos casos foi dado relevo à organização das reuniões do CP e à participação dos docentes nessas mesmas reuniões.

Quanto à constituição do CP, todos referiram a presença de docentes dos vários níveis de ensino, desde o Pré-escolar até ao 3º ciclo, num total de vinte elementos. Entre os docentes existe um representante de cada uma das quatro escolas do 1º ciclo e uma representante do ensino Pré-escolar, bem como sete coordenadores de departamento, a coordenadora da Biblioteca Escolar e duas coordenadoras dos directores de turma, para além da presidente do Conselho Executivo.

Excluindo a presidente do CE, existe o dobro de docentes do 2º e 3º ciclo relativamente aos restantes níveis, o que poderia levar a situações como aquela que é referida por E3 ao dizer “(...) *se tivesse que haver, sei lá, isto para dar um exemplo, alguma votação em que o 2º e o 3º ciclo estivesse todo com uma opinião e o 1º ciclo estivesse com outra nunca iríamos a lado nenhum porque, pronto, porque em termos numéricos somos muito menos.*” No entanto, a mesma docente (E3) reconhece que “(...) *nunca notei que tivéssemos sido prejudicados em relação a isso,*” assim como a impossibilidade legal desse número aumentar, pois implicaria a saída de algum dos actuais membros do CP.

Esta diferença numérica terá levado a que, no início, os docentes do 1º ciclo tivessem tido alguma dificuldade de integração, conforme foi expresso por vários dos docentes do 2º e 3º ciclo presentes no grupo focal: “(...) *nós continuávamos a ter muito mais que dizer e a falar muito mais e tínhamos sempre muito mais problemas e nós é que tínhamos que falar*” enquanto que eles “(...) *ficavam ali o tempo todo a olhar para nós e a ouvir-nos*” (E12).

É preciso não esquecer que se estava numa fase inicial em que, como disse E1 “(...) *para além de gerir e tentar perceber, (...) todos no primeiro ano ... como é que todos nos íamos tentar perceber uns aos outros – pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º – houve também a construção, portanto, desta ... desta dinâmica.*”, uma vez que os membros do CP eram provenientes de diferentes realidades organizacionais, habituados a diferentes formas de agir e pensar e sem possuírem um conhecimento aprofundado do que acontecia em cada um dos outros ciclos ou níveis de ensino.

A propósito das diferenças entre docentes dos vários ciclos, SIMÕES (2005, p.32) lembra que

«No caso dos agrupamentos “verticais”, não contando com as “identidades de escola”, que não poderão ser uma variável generalizada na maioria das escolas do 1º Ciclo, é de contar com as “identidades de nível de ensino”, tão vincadas no passado pelos processos de formação e de socialização

profissional, esta feita em contextos organizacionais tão díspares, como os que se conhecem para o pré-escolar, o 1º Ciclo e os outros ciclos.»

Também FLORES (2005, p.158) se refere a estas diferenças, através da citação de um dos seus entrevistados: *«(...) Como é sabido, a relação entre os professores do 1º ciclo e do 2º e 3º é do género: "tu estás aí e eu estou aqui" e pronto a ideia foi durante muito tempo assim.»*

Na percepção de E1, no primeiro ano de funcionamento do Agrupamento *“(...) enquanto que o 2º e o 3º ciclo estava habituado a ter aquele órgão, não era novidade, o 1º ciclo veio ávido de um órgão que era ... ver o que aquilo é.” e “As pessoas do 2º e 3º ciclo, na minha ... agora já não tanto (...) porque se conheciam – sempre estiveram no Pedagógico – portanto, mais à vontade, não tiveram a mesma postura de aprendizagem das colegas do 1º ciclo.”*

Essa postura talvez possa ser explicada pelo sentimento de perda expresso pelos docentes da EB2,3, tal como foi dito, por exemplo, por E6 *“(...) deixámos realmente de ter um espaço nosso, para debater os nossos problemas.”* Este sentimento poderá ter condicionado a postura inicial de recepção dos novos membros do CP, tal como a timidez e receios que acompanhavam esses novos elementos.

Com o passar do tempo a integração foi acontecendo e os actuais representantes do 1º ciclo, apesar de considerarem, como E3, que *“(...) se calhar devíamos ser mais. (...) Mais representantes do 1º ciclo.”* também dizem, como E5, que *“O 1º ciclo também... também tem o seu tempo para intervir se necessário.”* apesar de ainda sentir que *“E em certas coisas nós parece que estamos um bocadinho mais... mais à parte.”* Continua, por isso, a existir um processo de aprendizagem em relação à nova situação e a procurar-se mecanismos facilitadores e integradores, como já acontece em relação à ordenação das intervenções durante a reunião do CP.

A docente E7, que preside à reunião, diz que *“(...) depois comecei a alternar e às vezes pergunto: então, da outra vez as avaliações, começámos pelo 1º ciclo ou começámos pelo 2º e 3º?”* uma vez que anteriormente *“(...) tinha a tendência ... porque ... de começar pelos departamentos e que o 1º ciclo ficava para o fim.”*

Esta evolução terá contribuído para que a dinâmica das reuniões se fosse alterando e para que possa ser possível dizer, como E2, que *“Acaba por haver uma boa dinâmica entre todas as*

peçoas que estão presentes. Praticamente todas as peçoas participam, dão sugestões independentemente se o assunto é do departamento X, Y ou da escola A, B ou C do 1º ciclo.”

Outro aspecto focado, quase em jeito de caricatura, relaciona-se com o uso da linguagem. E13 diz que *«Era um bocado ...é um bocado o ter que ter cuidado com alguma linguagem. (...) por exemplo, eu dizia “educadora infantil”, (risos) o “ensino primário”»* o que poderia magoar as docentes recém chegadas ao CP, sem que existisse nesse facto qualquer intenção mas apenas a emergência de uma determinada cultura enraizada em hábitos anteriores.

Uma vez que as ordens de trabalho são muito extensas e que as reuniões se prolongam para além do previamente estabelecido, como foi reconhecido por todos os participantes, é necessário que haja muito trabalho anterior, tanto da parte dos coordenadores de departamento como dos representantes do 1º ciclo.

Inicialmente os coordenadores de departamento reuniam para debater os assuntos da ordem de trabalho. Na percepção de E13, essas reuniões serviriam para *«(...) preparar as coisas, mostrar que há alguma coerência entre nós para não irmos para ali realmente “lavar a roupa suja” em frente às nossas colegas»*, uma vez que o alargamento do CP não permitia a mesma cumplicidade anterior, quando todos se conheciam bem e abordavam as mesmas temáticas e viviam as mesmas situações e os mesmos problemas. Depois, com todas as imposições externas que levaram ao aumento do número de horas que os docentes têm que passar na escola ao abrigo da “componente não lectiva do estabelecimento” e com o excesso de reuniões existentes, essa preparação deixou de ser feita. Como refere E7 *“(...) são reuniões de departamento, são reuniões de grupo, são reuniões de directores de turma, são reuniões dos espaços, são reuniões dos órgãos a que pertencemos – mil e uns – ... onde é que está a possibilidade mensal ... mensal!”* ou *“Onde é que está o espaço ... o espaço!! ... para podermos reunir em coordenadores de departamento (...) para podermos pensar seja o que for?”*

No 1º ciclo parece ter acontecido o contrário. Como resultado do trabalho horizontal e da troca de experiências, começou a existir uma preparação conjunta dos temas ou documentos necessários para o CP e, como disse E4 *“(...) acho que é bom quando nós chegamos ao Pedagógico a nível do 1º ciclo já termos ideias definidas acerca das coisas.”*

Este foi um percurso de aprendizagem e partilha entre os docentes presentes no CP, o que na opinião de E1 em muito se deve “(...) *as duas presidentes de Pedagógico que estiveram durante os meus mandatos (...) foram bem eleitas dentro do Pedagógico porque eram de facto as pessoas que maiores capacidades tinham. Têm uma grande capacidade de organização, de autonomia e de resposta.*” que permitem que “(...) *o 1º ciclo leva a documentação preparada, porque há um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas do 1º ciclo. Há depois também um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas dos departamentos, portanto, as coisas ... as coisas já vão adiantadas. Muito adiantadas. Portanto, praticamente ali é só comparar e aprovar*”. Para esta evolução também contribuiu a postura que os representantes do 1º ciclo têm vindo assumir e que é apontada por E1 da seguinte forma: “*Mas a maneira como eles estão é numa maneira de tentar participar de igual para igual com o 2º e o 3º, dizendo: nós estamos aqui e nós fazemos como vocês!*”

Outro aspecto consensual para todos os entrevistados prende-se com a referência à duração excessiva de cada CP, causada por extensas ordens de trabalho, determinadas por um aumento da complexidade dos assuntos, por numerosas alterações internas – ao nível da documentação e de projectos específicos, como a avaliação externa e os TEIP – e por condicionalismos externos determinados por legislações e normas impostas pelo poder central. Este é um contra-senso da formação dos agrupamentos, pois se por um lado a legislação aponta para uma maior autonomia das escolas – “*A autonomia das escolas e a descentralização constituem aspectos fundamentais de uma nova organização da educação, com o objectivo de concretizar na vida da escola a democratização, a igualdade de oportunidades e a qualidade do serviço público de educação.*” (Decreto-Lei nº 115-A/98) – por outro lado continua a querer controlar o funcionamento das escolas, pois, como disse E7 “(...) *eles continuam-nos a impor as coisas e portanto é uma democraticidade falsa.*”

No seu estudo sobre um agrupamento de escolas SIMÕES (2005, p.130) afirma que «*Já foram referidas as pressões “administrativas” tanto externas como internas, características do período de “reorganização” vivido. Isto mesmo se salienta pelas extensas ordens de trabalho e pelas horas compridas de reunião – entre três a quatro horas*», o que corresponde ao mesmo tipo de situação vivido no Agrupamento Arco-íris, como parece demonstrado pelas afirmações feitas pelos docentes no decurso das entrevistas quando se referem ao tempo de duração do CP e aos vários assuntos debatidos.

Falando do tempo que demora uma reunião do CP, E1 diz que “(...) continuo a achar que ainda é longo ...” enquanto que E4 acrescenta que “(...) apesar das reuniões serem longas o tempo é curto.”, sendo que “(...) o grande problema (...) todas as alterações que vieram do exterior. Umas vindas do exterior por imposição, outras criadas no interior também impostas.” (E12)

Apesar da extensão das reuniões e do cansaço provocado, o espaço para o debate de ideias não é grande e as decisões têm muitas vezes que ser tomadas sem tempo para as aprofundar, como foi mencionado por E8:

“(...) houve alterações tão significativas em termos legislativos que estão ligados ao ensino que obrigou o Conselho Pedagógico a ter ... a tomar posições muitas vezes sem ter tempo suficiente para ... para reflectir efectivamente sobre aquilo que se está efectivamente a passar e a resposta que será mais correcta dar, e que nos é exigido que se dê rapidamente.”

Outro aspecto que é igualmente percepcionado por todos é o acréscimo de trabalho motivado por todos os documentos que têm que ser reformulados ou criados, o que é também mencionado nos estudos feitos por FLORES e SIMÕES, ambos em 2005.

SIMÕES (2005, p.80) refere a este propósito que ocorreu “(...) a intensificação do trabalho docente e o efeito do acréscimo de mais reuniões às já muitas calendarizadas. A «pressão do documento» e a «pressão do tempo» terão afastado a possibilidade de uma maior reflexão”

Este é um sentir comum, com reflexos prováveis na qualidade do trabalho efectuado pelos docentes presentes nos órgãos e dificulta a passagem da informação aos restantes docentes do Agrupamento, que nem sempre compreendem as decisões que são tomadas nesses mesmos órgãos.

Em síntese, o novo Conselho Pedagógico alargado teve que adaptar a sua dinâmica de funcionamento à nova realidade imposta pelo ME, com todas as alterações de comportamentos e hábitos que essa adaptação causou, com o peso causado pelo excesso de trabalho provocado pela criação do Agrupamento – documentos, pressões externas e pressões internas – e com a diminuição do tempo de reflexão e debate, apesar da duração de cada reunião, que se prolonga por muitas horas, tendo muitas vezes que ter continuidade num segundo dia.

Ocorreu uma procura de uniformização através da partilha e da construção conjunta de instrumentos e documentos comuns, que parece ser um comportamento típico quando ocorrem situações como aquela que levou à constituição deste Agrupamento. Este mesmo comportamento foi descrito pelos docentes entrevistados por Simões no decurso do seu trabalho de investigação, conforme expressa na seguinte afirmação: “*Vimos a azáfama em torno destes normativos e em torno da produção de instrumentos de observação e registo de dados, numa linha de uniformização inscrita numa lógica gestionária.*” (In: SIMÕES, 2005, p.77)

Apesar desta realidade e dos constrangimentos que provocou, os docentes consideram estar a fazer um bom trabalho, como foi dito por E4: “*(...) eu acho que temos estado a aproveitar bem, mesmo assim temos estado a aproveitar bem.*” Também os docentes que já tinham estado anteriormente no Conselho Pedagógico consideram que não ocorreram mudanças na sua postura, continuando a trabalhar e a dar o seu melhor, numa perspectiva positiva e de construção. O docente E9 analisa a sua prestação referindo que “*(...) a minha postura actualmente é tentar com a realidade, vivenciando no dia-a-dia, produzir melhor, servindo o grupo e a escola e o Agrupamento.*”

No caso do 1º ciclo o trabalho prévio de cada um dos representantes no CP – individual, entre pares ou com a presidente do CP – tem vindo a permitir uma integração mais plena pois, como disse E5 “*As pessoas já estão um bocado a perceber que é preciso entregar as coisas com a devida antecedência.*” e planificam as suas actividades e os seus assuntos atempadamente para que possam ser incluídos na ordem de trabalhos da reunião. Antes de pertencerem ao Agrupamento, a dinâmica própria de cada escola permitia decisões no momento, face às necessidades momentâneas ou às oportunidades que iam surgindo, mas hoje essa dinâmica teve que sofrer alterações.

Este facto conduz-nos ao objectivo 3 – **Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas** – e às percepções manifestadas pelos docentes entrevistados sobre os factores positivos e negativos que, na sua opinião, decorreram do processo de formação do Agrupamento Arco-íris.

Inicialmente a questão foi colocada a um nível mais geral, mas os docentes não a entenderam assim e centraram a sua reflexão e as suas respostas na sua própria realidade, ainda muito

recente e muito presente. Para esta interpretação também terá contribuído o facto de lhes ter sido solicitada uma reflexão sobre a temática sem grande preparação anterior, exactamente para tentar não condicionar as suas respostas no sentido do “*politicamente correcto*” e para se obterem as reais percepções sobre as questões colocadas.

Relativamente a este objectivo obtiveram-se as mesmas categorias nas entrevistas individuais e no grupo focal, tendo neste último caso sido acrescentadas três outras que se relacionaram com as expectativas anteriores à formação do Agrupamento e ao seu futuro, bem como ao processo de adaptação à mudança que ocorreu.

Começando pelas expectativas dos docentes em relação à formação do Agrupamento, não foi expressa uma opinião consensual. Ou essas expectativas não existiam por não estar ainda formada nenhuma opinião concreta sobre o que de positivo ou negativo daí poderia advir, ou passavam por vários cambiantes, desde a recusa à aceitação, esta última na esperança de que surgissem ganhos para os intervenientes, em especial os alunos.

E6 afirmou a este propósito que “(...) *quando surgiu a ideia achei que a experiência poderia valer a pena, pronto, achar que... se punha a hipótese de poder melhorar alguma coisa...*” mas que “(...) *assustou-me um bocadinho realmente, o número das escolas e o número de jardins de infância envolvidos, e as consequências e os problemas que traria para a nossa escola já que ela por si era... é, continua a ser problemática e o número de escolas que nós conseguimos agregar iria com certeza tornar esses problemas ainda maiores.*”

A posição assumida começou por ser de recusa, como disse E12:

“(...) *como estava na Gestão na altura, e nós sabíamos o peso que era ter os alunos que já tínhamos nesta escola e pensar que iríamos ter muito mais alunos e muito mais escolas, portanto o peso - quer a nível administrativo quer a nível de recursos - ia ser muito grande e essa foi a questão que nos... que não nos motivou para aceitar de imediato,*”

Depois ocorreu a imposição da vontade do ME, que começou por dar a entender que as escolas iriam ter a possibilidade de fazer opções, como referiu E7 – “(...) *no início também foi dito que se aderíssemos mais cedo seria melhor e que, portanto, havia a possibilidade de negociação e no final vimos que as escolas que recebemos são aquelas da população escolar que sempre vinha para aqui.*” – que agora reconhece que “(...) *não houve grande mudança nem vejo grande benefício pelo facto de termos começado mais cedo.*”

Em relação às expectativas FLORES (2005, p.154) cita Barroso & Almeida (2001) afirmando:

«Contudo, foram criadas algumas expectativas por parte de alguns actores educativos em torno das potencialidades da constituição do Agrupamento que, de algum modo, favoreciam o desenvolvimento do processo, nomeadamente a “vontade de mudar”, a sinergia de esforços, o combate ao isolamento das escolas do 1º ciclo e a melhoria de recursos e condições de trabalho, ressaltando, assim, um “aparente consenso quanto às vantagens”»

No entanto, o mesmo autor acaba por concluir referindo que:

“Contudo, as expectativas iniciais (pelo menos por parte de alguns dos entrevistados), que iam no sentido de potenciar dinâmicas locais, não chegaram a concretizar-se, uma vez que, na prática, não se registaram mudanças (positivas) designadamente no que concerne a uma maior capacidade de decisão e de participação, em parte devido à forma como todo o processo decorreu – imposição política –, o que contribuiu para acentuar posições críticas e de alguma desconfiança.” (In: FLORES, 2005, p.236)

Também no Agrupamento Arco-íris ocorreu a *imposição política* que impediu que a decisão tomada democraticamente por opinião expressa de todos os órgãos – e suportada pela Associação de Pais – fosse respeitada, tendo-se chegado à situação em que, como disse E13 *“Mais do que concordar foi ceder.”*

No entanto as promessas não se cumpriram e ocorreu uma infirmação das expectativas, patente na afirmação de E8 *“Nunca me passou pela cabeça efectivamente é que... íamos ser, digamos, que obrigados a formar um Agrupamento onde iríamos ter tantas escolas do primeiro ciclo e jardins de infância, ou seja, eu pensei sempre que nos iam dar a hipótese de nós podermos optar,”*

A imposição da formação do Agrupamento acabou por ser uma decisão política em que, como escreve NATÉRCIO AFONSO no prefácio ao livro de GRAÇA SIMÕES (2005, p.9):

“Com a mudança do governo em 2002, a questão tornou-se ainda mais relevante pois os novos dirigentes do Ministério da Educação, numa estratégia de recentralização agressiva, adoptaram uma orientação mais autoritária, impondo a constituição de agrupamentos verticais (envolvendo escolas de diversos níveis do Ensino Básico) à revelia das dinâmicas locais existentes e apesar das reticências ou resistências dos actores directamente envolvidos.”.

Também Flores (2005, p.235) apresenta conclusões nesse sentido. Por um lado confirma a *“tradição fortemente centralizadora do Estado”* e, por outro lado, constata que: *«(...) a operacionalização da proposta prevista no Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, ficou*

marcada por um processo eminentemente hierárquico em que prevaleceu a lógica da imposição administrativa a partir do centro do “sistema educativo”, e também da indução política local/autárquica, em detrimento dos próprios actores.»

Esta dicotomia entre a Lei – que acena com a descentralização e a autonomia – e a acção – que procura recentralizar e controlar – vai igualmente contra as recomendações feitas pelo relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI quanto ao papel político nas opções educativas: *“A Comissão preconiza a adopção de medidas que permitam associar os diferentes actores sociais às tomadas de decisão em matéria educativa; pensa que a descentralização administrativa e a autonomia das escolas pode levar, na maior parte dos casos, ao desenvolvimento e generalização da inovação.”* (In: DELORS et al, 2001, p.167)

Apesar da imposição e das hesitações, o Agrupamento acabou por ser constituído e, segundo E1 *“(...) eu deixei que... as coisas continuassem a ser como eram até aí e devagarinho, devagarinho, devagarinho então, mudando conforme elas estão abertas a essa mudança. Eu acho portanto que foi uma transição”*, o que fez com que muitos documentos necessários fossem construídos ao ritmo que essa transição permitiu. Para a sua presidente, este facto contribuiu para que o Agrupamento Arco-íris fosse *“(...) um agrupamento especial. E é um agrupamento especial porque eu acho que respeitou ... respeitou cada uma – numa primeira fase – e deixou que as mudanças fossem progressivas. Se calhar ainda não temos o Projecto Curricular do Agrupamento exactamente por causa disso.”* (E1)

No entanto, E5 refere que *“Inicialmente eu penso que os factores não foram positivos.”* e E4 continua a pensar que *“É o período de adaptação que não está tão fácil assim.”* apesar de agora já terem a percepção de factores positivos resultantes da formação do Agrupamento. Também já sentem que a sua presença é importante, tanto ao nível da própria escola, como diz E2 *“E o facto também das escolas do 1º ciclo ao estarem representadas na tomada de... de decisões, o papel importante que elas também acabam por ter no Agrupamento,”* como individualmente, tal como é reforçado por E3 *“Para já porque no Pedagógico também se decidem e se valorizam coisas que acontecem no 1º ciclo, portanto acho que aí a nossa opinião e os nossos votos são... são importantes.”*

Como já foi mencionado, os docentes do 2º e 3º ciclo sentiram a perda do seu espaço próprio, de trabalho, reflexão e diálogo, ao serem confrontados com outras realidades e problemas. Os

docentes do 1º ciclo possuem também o mesmo sentimento de perda, este em relação à autonomia que possuíam e acabaram por deixar de ter.

Foram frequentes as referências à falta de autonomia, patentes em afirmações proferidas pelos representantes do 1º ciclo no CP, como por exemplo *“Perde-se alguma autonomia que a escola tinha no 1º ciclo, ou seja, havia assuntos que eram tratados muito mais rapidamente na própria escola e que agora acaba por ser uma decisão do agrupamento e portanto a escola acaba por perder um pouco essa autonomia que tinha anteriormente.”* (E2), *“(…) acho que as escolas do 1º ciclo ficaram a perder um bocadinho porque não têm autonomia para praticamente nada. As escolas do 2º e 3º ciclo também não têm mas penso que nesse aspecto não notaram tanto a diferença como as escolas do primeiro ciclo.”* (E3), *“É que nós geríamos as coisas mais facilmente, porque é assim: havia qualquer coisa a determinar quase de um dia para o outro e nós podíamos fazê-lo, (...) Ao nível de actividades, essencialmente.”* (E4) e *“(…) sempre que queremos ter alguma despesa há uma grande burocracia a nível de papéis para conseguirmos esses recursos financeiros que são dados pelos meninos no início do ano.”* (E5).

Os docentes do 2º e 3º ciclo corroboram estas afirmações, pois também é sua percepção que este foi um facto decorrente da formação do Agrupamento *“(…) em termos de gestão de recursos e a nível burocrático, eu tenho ouvido com frequência alguns professores do 1º ciclo, se calhar mais no ano anterior, dizerem que antigamente podiam decidir alguns aspectos burocráticos, sei lá, tirar fotocópias e comprar material.”* (E11)

Esta falta de autonomia não se reflecte tanto nas práticas pedagógicas da sala de aula mas na gestão financeira das verbas atribuídas – que passaram a estar sob a responsabilidade da EB2,3 – na aquisição de materiais ou na preparação de actividades e visitas de estudo. Este é um facto que surge na percepção de todos os docentes ouvidos, independentemente do nível de ensino a que pertencem.

Curiosamente, E1 não partilha da ideia de que esta alteração ao nível do controlo das verbas seja negativa para as escolas do 1º ciclo, pois *“A conta é nossa mas para cada escola, para cada estabelecimento, há um livro próprio. Portanto, elas sabem exactamente quanto é que têm e quanto é que não têm, quanto é que podem gastar e quanto é que não podem.”* Esta docente assume implicitamente que tudo passará por uma questão de planificação e por uma alteração de comportamentos e hábitos, o que colide com as afirmações de E4 que afirmou

“(...) ou é de mim própria, a minha mentalidade, porque de facto, não é, foram muitos anos a trabalhar da mesma maneira.” e não é fácil a alteração de costumes já interiorizados.

Esta perda sentida pelos docentes das escolas do 1º ciclo verificou-se igualmente no agrupamento estudado por SIMÕES (2005, p.32) *“O inicial receio de perda de poder com a não gestão directa das verbas atribuídas, aqui “confessado” por uma docente ...”*.

Um outro factor referido por E1 foi o da diferença de tutelas entre o ensino pré-escolar e o 1º ciclo e a EB2,3, que dificulta a gestão como fica patente na seguinte afirmação:

“É que enquanto as escolas do 1º ciclo dependem da Câmara ... portanto, eu, para introduzir qualquer coisa no 1º ciclo tenho que falar com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra ... nós – 2º e 3º ciclo – dependemos do ... directamente do Ministério da Educação, não é? Por exemplo se eu quiser ... mesmo em termos de recursos, para as escolas do 1º ciclo peço a quem? À Junta de Freguesia e à Câmara. Para o 2º e 3º ciclo a quem é que eu peço? Ao Ministério da Educação.”

Talvez pelo facto deste assunto dizer respeito de forma directa à gestão das escolas, o mesmo não foi abordado pelos restantes intervenientes, com excepção dos representantes do 1º ciclo, que se referiram à autarquia quando se lamentaram pela perda da gestão das verbas que a mesma lhes atribui.

Relacionando-se com esta diferença de tutelas, que colocava as escolas do 1º ciclo numa posição distinta das escolas dos 2º e 3º ciclo na relação estabelecida com o Ministério da Educação, SIMÕES (2005, p.113) diz: *“Referimo-nos, sobretudo, ao Pré-escolar e 1º Ciclo, que são, de facto, o alvo principal e prioritário das acções de gestão, incluindo-os na rede de controle a que antes escapariam. A acomodação à nova estrutura formal, com a definição de regulamentos e regimentos e a aferição de procedimentos, capta a maior parte do tempo e das atenções.”*

No discurso dos intervenientes neste processo de investigação destacam-se também alguns factores positivos: a procura de coesão e unificação, a partilha de experiências entre os diferentes níveis de ensino e entre as várias escolas do 1º ciclo, a natureza pedagógica dos factores positivos e a procura de uma identidade comum. Todos consideram que as várias escolas obtiveram algumas consequências positivas da formação do Agrupamento, mas para os docentes do 2º e 3º ciclo essas consequências positivas fizeram-se sentir mais para as

escolas do 1º ciclo do que para a sua própria escola, ao nível de um menor isolamento e uma maior partilha e visibilidade.

A continuidade entre ciclos, que se pretendia melhorar com a formação dos agrupamentos de escolas, é referida mas não é o factor mais mencionado.

No seu estudo, também SIMÕES (2005, p.76) refere este objectivo inerente à formação de agrupamentos verticais de escolas, dizendo que *“A articulação curricular, na perspectiva de concretizar, no terreno, os princípios da unidade e sequencialidade do Ensino Básico, seria a grande vantagem dos agrupamentos verticais quando, como este, incluíssem todos os estabelecimentos, entre os quais se faz o percurso escolar dos alunos.”* No entanto, e como o próprio tempo verbal utilizado dá a entender, também aí não se verificaram resultados que o confirmem.

Num e no outro agrupamento ocorrem experiências positivas, que são pontuais e não generalizáveis. No entanto, as experiências e aprendizagens em comum são benéficas para todos – como tem acontecido ao nível da Matemática, da Língua Portuguesa ou da Educação Física – e os docentes do 1º ciclo gostariam que estas se estendessem a outras áreas, como as Ciências, a História ou a Geografia.

No caso específico da representante da escola do 1º ciclo que se localiza mais perto da EB2,3 foi mencionado um sentimento de perda, porque entre estas duas escolas já existiam algumas parcerias e actividades comuns, cuja intensidade terá diminuído com a formação do Agrupamento. Particularmente nesta escola o sentimento de desmotivação por parte dos docentes parece ter-se feito sentir, estando neste momento a procurar retomar-se o ritmo anterior, adaptado às novas circunstâncias e dimensões.

A dimensão do Agrupamento, a falta de meios para concretizar objectivos e a falta de tempo para trabalhar e articular horizontal e verticalmente foram três dos factores mencionados pelos docentes, que funcionam de forma negativa em relação às expectativas existentes.

Para o objectivo 4 – **Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento** – foram consideradas apenas duas categorias, uma englobando as dificuldades e outra os benefícios percebidos pelos docentes. Neste caso, os representantes do 1º ciclo no CP estavam a referir-se à sua própria realidade enquanto que os restantes docentes estavam a revelar as suas percepções sobre

outrem, o que consideraram mais difícil. Apesar disso as respostas dadas foram bastante coincidentes, o que estará relacionado com a própria experiência do Agrupamento e com o maior conhecimento que tem vindo a ser obtido por todos, fruto do trabalho conjunto e da partilha de experiências, anteriormente referidas.

O factor que foi por todos referido como mais negativo foi a indicação de pessoas para os cargos. Os actuais representantes do CP vieram substituir os anteriores, conforme referido por E11 “(...) *todos os professores do 1º ciclo que estavam lá o ano passado representados, que representavam as suas escolas no Conselho Pedagógico, este ano não está lá nenhum.*” e confirmado por E3 “*A colega que estava o ano passado no Pedagógico que supostamente iria continuar, portanto que ainda estava dentro do período dela, quis sair*”, que acaba por contar como foi “eleita “ para o cargo “*Votámos, portanto, entre nós, fizemos uma pequena eleição e portanto eu era a nova (risos) e calhou-me a mim.*” Este episódio é demonstrativo da pouca vontade existente por parte dos docentes do 1º ciclo para assumirem cargos nos órgãos comuns do Agrupamento, assim como da dificuldade na sua eleição pois nem todos são igualmente elegíveis em função do seu horário lectivo.

Outro factor negativo apontado relaciona-se com o número de docentes do 1º ciclo no CP, que é proporcionalmente inferior ao número dos restantes docentes, assim como ao volume de temas relacionados com o 2º e 3º ciclo. Como já foi mencionado, o tempo atribuído a cada elemento do CP não pode ser muito, devido ao tamanho das ordens de trabalho e à quantidade de documentos que têm que ser elaborados ou reformulados, mas tenta-se que todos tenham oportunidade de se expressar e de transmitir as opiniões, dúvidas e sugestões provenientes de cada escola ou departamento.

Também SIMÕES (2005, p.76) encontrou essa problemática, que se encontra expressa na afirmação “(...) *com o já habitual labor de “reformatização” interna, decorrente da necessidade de adaptação aos normativos.*”

Para os docentes do 1º ciclo, a adaptação à nova realidade também passou pela planificação das actividades, com maior antecipação, para poderem ser aprovadas em reunião de CP. Consideram igualmente que essa dependência conduz à perda de algumas oportunidades, devido à calendarização das reuniões, o que mais uma vez imbrica na perda de autonomia das escolas do 1º ciclo, já referida. Os docentes da EB2,3 focam ainda a necessidade de serem os docentes do 1º ciclo a deslocar-se, o que pode ser conotado como negativo pois deixam o seu

ambiente normal e têm que se adaptar também a uma nova estrutura física, o que se tornará mais difícil se a pessoa em causa for mais tímida ou inexperiente.

A partilha, a aprendizagem mútua e o poder participar nas decisões que afectam a vida do agrupamento são factores considerados positivos. Há uma valorização do papel do 1º ciclo “*E o facto também das escolas do 1º ciclo ao estarem representadas na tomada de... de decisões, o papel importante que elas também acabam por ter no Agrupamento,*” (E2), tanto na percepção dos próprios como dos restantes elementos do CP: “*(...) também tinham uma posição a tomar, também nas decisões que... que até então eram só do conhecimento e só tinha importância para o 2º e para o 3º ciclos*” (E8)

As escolas do 1º ciclo também terão beneficiado pelo facto de trabalharem em conjunto, como foi dito por E2 “*A mim parece-me que há um trabalho mais conjunto agora mesmo... dentro das próprias escolas do 1º ciclo do que havia anteriormente*”.

Há uma tentativa de uniformização ao nível de documentos, critérios de avaliação, nomenclatura utilizada e procedimentos, que facilitará o entendimento entre todos, pois do conhecimento derivará o entendimento. Isso mesmo é dito pelos docentes da EB2,3 que consideraram que as escolas do 1º ciclo também beneficiam por ver atenuadas as diferenças entre professores dos vários níveis de ensino, que passam a ter um olhar diferente sobre a dinâmica de uma escola de maiores dimensões e com outra realidade, sendo o inverso igualmente verdadeiro. A tradicional conversa que se ouve muitas vezes nas escolas que atribui ao outro nível de ensino a “culpa” dos problemas sentidos, começa agora a fazer menos sentido, pelo menos para os docentes que se encontram nos diferentes órgãos, porque aumentaram o seu conhecimento sobre a realidade, dificuldades e virtudes de cada nível de ensino.

Mais uma vez o paralelismo pode ser estabelecido com a investigação de SIMÕES (2005, p.97), que aborda esta questão segundo a mesma perspectiva: “*(...) de facto, o desconhecimento mútuo do trabalho entre os docentes será um impedimento a qualquer construção conjunta.*”

Depois de pedir aos docentes que descrevessem dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no CP foi-lhes solicitado o mesmo em relação aos próprios docentes, tal como se pretendia com a formulação do objectivo 5 – **Descrever dificuldades e**

benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento.

A resposta na primeira pessoa indica que a principal dificuldade se relaciona com a preparação da reunião do CP, enquanto que a percepção dos docentes do 2º e 3º ciclo aponta para a participação nessas mesmas reuniões, principalmente no início da formação do Agrupamento.

Foi também considerado negativo que sejam os docentes recém chegados ao Agrupamento os eleitos para representar as escolas nos órgãos, nomeadamente no CP, pois o seu desconhecimento da realidade dificultará o seu desempenho, pelo menos numa fase inicial, como se depreende das palavras de E5 *“Ainda por cima sabendo que a escola estava inserida num meio tão complicado fiquei um pouco assustada com o que é que poderia acontecer por não conhecer a escola.”*

A responsabilidade de representar a escola respectiva e o facto de ter que tomar decisões em seu nome, muitas vezes sem a possibilidade de uma discussão prévia sobre a temática em causa, foram aspectos negativos mencionados tanto pelos docentes da EB2,3 – *“(…) era a responsabilidade de os vir representar e a responsabilidade de lhes transmitir o que era focado e tratado no Conselho Pedagógico.”* (E12) – como pelos próprios – *“(…) é um bocadinho de responsabilidade porque, é assim, nem sempre é fácil conseguir transmitir, não é, poder fazer prevalecer certas opiniões do Conselho de Docentes, (...) No Pedagógico,”* (E4). As informações provenientes do CP tinham que ser transmitidas no Conselho de Docentes e as solicitações ou opiniões dele provenientes tinham que ser defendidos em CP. No entanto, estas dificuldades puderam ser supridas pela vontade de fazer e aprender revelada pelos docentes do 1º ciclo, pela partilha de experiências e pelo reconhecimento feito, tanto a nível pessoal como ao nível do trabalho realizado nas escolas. Na percepção dos docentes do 2º e 3º ciclo, os seus colegas *“(…) quiseram, gostaram de mostrar grandes responsabilidades, de facto, e de estar à altura.”*, facto que obteve o merecido reconhecimento *“(…) o seu trabalho era ali valorizado e que ele era, efectivamente, um trabalho que era ... que se podia perfeitamente equiparar ao trabalho que nós fazíamos no 2º e no 3º ciclo,”* (E8).

Foi necessário criar laços entre os vários elementos que constituem o CP e quebrar um afastamento inicial – não esquecendo que o Agrupamento se iniciou por imposição e contra a

vontade de muitos dos docentes das várias escolas que hoje o constituem – para que o trabalho conjunto e a partilha de experiências começasse a acontecer. E10 referiu, relativamente a esta necessidade de reconhecimento natural da condição humana que *“Houve muitas vezes intervenções nesse sentido e à espera até da nossa receptividade, da nossa adesão, do nosso aplauso, mesmo ... perante aquilo que eles nos estavam a mostrar.”*, o que aconteceu.

Também SIMÕES (2005, p.77) encontrou na sua investigação uma atitude semelhante, que se traduz pela seguinte expressão *“(...) alguns docentes vão procurar “quebrar barreiras”, encontrar seguranças com a partilha das suas experiências, mas só depois de se sentirem como sucessos.”*

Tal como foi referido pela docente E13, as reuniões prévias feitas entre os coordenadores de departamento tinham, entre outros, o objectivo de limar arestas e permitir passar aos outros – os que estavam de novo na reunião do CP – uma imagem positiva, associada também ao receber bem aqueles que ainda se sentiam como “convidados”. Essas barreiras do desconhecimento e da adaptação a uma nova situação foram quebradas com a participação de todos, e os factores positivos foram-se sobrepondo aos negativos.

Os docentes do 1º ciclo valorizaram a aprendizagem feita e a melhoria de desempenho que ela lhes proporcionou, o poderem estar presentes na decisão e o facto de passarem a possuir uma percepção mais abrangente da realidade escolar. Para os docentes da EB2,3 os principais benefícios que esses professores recolheram por estar presentes relacionaram-se com aprendizagens – que foram feitas porque esses docentes *“(...) eram pessoas com uma capacidade de trabalho excepcional, que se empenhavam a fundo nas coisas,”* (E8) – e com o facto de deixarem de se sentir “hóspedes” em casa alheia e passarem a ver-se como mais um “membro da família”, empenhados na construção de uma identidade e de um projecto comum. Reconhecem também que estes docentes fizeram um sacrifício pessoal, pois contrariamente aos docentes do 2º e 3º ciclo retiram do seu tempo livre as horas – muitas – das reuniões de CP, como foi sublinhado por E12: *“(...) terem que tirar do horário deles - e eles têm um horário pesado - 25 horas suponho eu, mono docência, num horário muito seguido,”*.

Uma das dificuldades que os docentes do 1º ciclo sentiram relaciona-se com a comunicação e transmissão da informação, facto que conduz ao 6º e último objectivo da investigação – **Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do**

representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

Em relação a este objectivo existem duas categorias comuns – uma que engloba os factores positivos e outra que considera os factores negativos – e uma terceira categoria apenas considerada pelos docentes do 1º ciclo, respeitante aos factores que poderiam apontar para a hipótese de existência de um só coordenador.

Entre os docentes do 2º e 3º ciclo a maioria não conseguiu encontrar nada de positivo nesta situação, pois consideram que a mesma só conduz a uma maior dificuldade na transmissão e coordenação da informação, tendo até sido levantada a questão sobre qual o motivo que terá ditado esta decisão. As únicas justificações com carácter positivo referidas prendem-se com um aumento de democraticidade conseguido – *“(…) é uma medida de liberalizar ou mesmo democratizar a participação num órgão ... ou nos vários órgãos.”* (E8) – uma vez que o poder e o controlo da informação ficam mais dispersos, e com o facto de poder existir uma divisão entre as funções pedagógica e executiva, tal como uma vez mais foi mencionado por E8: *“(…) há efectivamente funções diferenciadas e penso que o coordenador do estabelecimento está muito mais ligado ao poder executivo, enquanto que os elementos que participam no Conselho Pedagógico estarão muito mais ligados a um poder legislativo”*.

Para os docentes do 1º ciclo a principal vantagem desta situação situa-se na divisão do trabalho e na partilha de informações, apesar da necessidade de articulação e da dificuldade em transmitir essas informações aos colegas durante o Conselho de Docentes. Aparentemente a situação só será vantajosa se existir uma boa relação entre as duas coordenadoras – *“Traz benefícios porque há uma relação muito boa entre mim e a Coordenadora.”* (E5) – pois a situação inversa poderá conduzir ao conflito ou à perda de informação. E4 disse que *“(…) tem que haver realmente uma boa coordenação entre as duas pessoas não é, para que as coisas funcionem. Se isso não existir pode eventualmente haver choque e causar alguma coisa menos positiva.”* apesar de actualmente, na sua escola, *“(…) nós já estamos a preparar mais em conjunto porque entretanto entrou uma Coordenadora nova”*, o que permite deduzir que essa partilha e trabalho em conjunto não existia anteriormente, constituindo uma dificuldade para o funcionamento da escola, tal como também deveria acontecer na escola de E2, uma vez que mencionou que *“(…) este ano não tem havido essa, essa situação de um apresentar uma informação e outro apresentar uma informação diferente.”*

Na percepção de E1, que detém um maior conhecimento da realidade de cada uma das escolas que constituem o Agrupamento devido à função que nele desempenha, considera que “(...) *as vantagens superam as dificuldades – acho que é preferível trabalhar assim. É mais ... acho que as pessoas assim sentem que não é tudo uma jogada, que não é tudo uma questão de poder, que alguém está a “endrominar”, a tentar (...) Manipular! Pronto. É isso que eu quero dizer.*” apesar de reconhecer que “*A desvantagem é eventualmente a questão da articulação. Se calhar era mais fácil, porque aqui tem que haver uma articulação. Portanto era mais fácil ter uma pessoa e pronto. Essa pessoa prepara a reunião, orienta, acabou, ponto final, não é? Aqui assim tem que haver alguma articulação.*”

Parece pois existir uma coincidência de opiniões entre os vários intervenientes relativamente às principais desvantagens decorrentes da existência de dois coordenadores, sendo que são os próprios docentes do 1º ciclo que conseguem apontar mais vantagens em relação à actual situação. No entanto, não deixam de referir que o papel a desempenhar por cada um dos coordenadores deveria estar mais interiorizado, pois não basta estar legislado para que aconteça e é difícil conseguir “cortar” com velhos hábitos e formas de trabalhar, uma vez que, como disse E4 referindo-se à anterior coordenadora de estabelecimento “*Ela já vinha de Directora em que havia realmente uma acumular de funções totais, não é, portanto, a pessoa fazia tudo, acumulava tudo e depois aparece-lhe um outro elemento que é um representante de... (...) Portanto, é talvez uma dificuldade de adaptar a essa nova situação,*”.

Também defendem que existem situações em que a existência de dois coordenadores se justifica – quando a escola é de maiores dimensões e/ou o coordenador de estabelecimento tem que leccionar uma turma – e outras em que a vantagem seria maior se fosse uma só pessoa a assegurar os dois cargos pois neste momento grande parte da burocracia que era da responsabilidade de cada escola se transferiu para a secretaria do Agrupamento (o que diminuiu consideravelmente o trabalho) e assim se evitaria alguma perda de informação que possa existir actualmente.

Não será demais voltar a referir que, tal como aconteceu em relação à dinâmica do CP, também as escolas do 1º ciclo se encontram numa fase de adaptação à nova realidade, numa gestão de perdas e ganhos, que talvez seja mais sentida neste nível de ensino do que na EB2,3. Nesta, porque as dimensões são diferentes e o tipo de trabalho é também distinto – não há mono docência, os alunos têm diferentes características em função da sua faixa etária e as dinâmicas de trabalho na sala de aula são diferentes – as diferenças encontram-se mais

diluídas e são mais sentidas ao nível do trabalho desenvolvido nos órgãos e nas estruturas organizacionais da escola.

Resumindo, vive-se neste momento uma fase de mudança e adaptação, envolvendo os vários níveis de ensino e as várias escolas que se juntaram neste Agrupamento Vertical, em que muitos se empenham e dão o seu melhor em prol dos alunos, da escola e do Agrupamento – como foi mencionado por E9 – mas que não envolveu ainda toda a comunidade educativa da mesma forma.

Foi um processo de transição que tem sido intensificado por todas as mudanças que lhe são exteriores mas que nele se reflectem, nomeadamente as alterações legislativas em vários domínios – que implicaram inúmera inovações e readaptações em documentos – e a mudança de estatuto da carreira docente que alterou hábitos e sobrecarregou os docentes com trabalho e mais horas dentro da escola, mais reuniões e mais responsabilidades, sem que os meios disponíveis acompanhassem essas novas exigências.

Por imposição e decisão política o Agrupamento formou-se, com uma autonomia mais anunciada que sentida, o Conselho Pedagógico reajustou-se com a entrada dos docentes do pré-escolar e do 1º ciclo, que tiveram que se adaptar e, de alguma forma, conquistar o seu lugar nesse órgão, tendo conseguido a integração e o reconhecimento do seu trabalho. Mas este é um processo que ainda está a decorrer, na procura de construção de uma identidade comum, ou, como foi dito por E10: *“(…) o grande aspecto positivo é por si só (...) o nós estarmos a construir um projecto comum. (...) não deixámos de ser o “eu” mas passámos a ser o “nós” (...) “E começámos a pensar de uma outra maneira e começámos a tentar conhecer-nos, não como uma colectividade mas como um colectivo.”*

6 – CONCLUSÕES

Este trabalho de investigação teve início a partir da formulação de uma pergunta inicial – *Qual a percepção dos professores do Conselho Pedagógico sobre a formação do Agrupamento Vertical de Escolas e as alterações decorrentes da sua constituição?* – tendo sido desenvolvido de forma a ir ao encontro dos objectivos de investigação estabelecidos:

1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas.
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento.
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas.
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento.
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento.
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

Sendo um estudo inserido no paradigma qualitativo, de carácter exploratório e descritivo, que utilizou a entrevista – individual e grupo focal – como instrumento de recolha de dados, obteve um número considerável de frases significativas, que foram assinaladas, enquadradas com os objectivos e categorizadas, através de um processo de análise de conteúdo realizado segundo MORGAN (1993).

Depois de analisados e discutidos os dados, e de acordo com a pergunta e os objectivos de investigação, torna-se possível chegar a algumas conclusões, que se apresentam em seguida.

Relativamente à dinâmica do CP antes de existir o Agrupamento Vertical de Escolas, foi considerada a existência de dois períodos, correspondendo o primeiro à representação dos docentes no CP através dos delegados disciplinares e o segundo à sua representação através dos chefes / coordenadores de departamento.

No primeiro caso existia uma grande interação e as temáticas abordadas eram muito específicas, porque provenientes de pequenos grupos. Existiam mais elementos no CP, o que aumentava o tempo de cada reunião pois todos participavam, reflectiam e opinavam, o que nem sempre coincidia com uma maior eficácia e produtividade.

No segundo caso ocorreu uma diminuição do número de participantes o que permitiu reflectir de forma mais prolongada as questões, fazendo com que o tempo de duração de cada reunião de CP não sofresse grandes alterações. No entanto, foi considerado que existia uma maior dificuldade na transmissão de informações e que conduzia à existência de mais reuniões, uma vez que o chefe / coordenador de departamento tinha que reunir com os delegados de grupo, que por sua vez reuniam com os elementos do grupo disciplinar.

Em qualquer dos casos, a dinâmica da reunião dependia das pessoas que integravam o CP e da forma como a presidente a preparava e conduzia. As ordens de trabalho eram mais restritas. Os assuntos debatidos relacionavam-se com a vivência da escola, com a produção de todos os documentos internos necessários – RI, PEE, PAA, PCE, entre outros – com a análise da legislação, com a formação dos docentes e com os problemas e questões pedagógicas e comportamentais relacionadas com os alunos da escola.

Com a formação do Agrupamento Vertical de Escolas o número de elementos do CP aumentou, as ordens de trabalho tornaram-se maiores, as reuniões mais prolongadas, os temas mais diversificados, complexos e abrangentes. Foi necessária uma maior preparação prévia de documentos e de assuntos a abordar e o tempo de discussão e debate diminuiu. Houve necessidade de adaptar formas de trabalhar, de procurar entender realidades distintas e de alterar ou criar inúmeros documentos. Foi também necessário colocar de lado algumas ideias preconcebidas sobre os diferentes níveis de ensino, para permitir uma maior partilha, compreensão e aprendizagem. Este início mostrou-se muito atribulado ao nível da enorme extensão das ordens de trabalho e da duração temporal das reuniões (que se desenrolavam ao longo de várias horas e, por vezes, tinham que ter continuidade na semana seguinte) principalmente por três motivos: o tempo necessário para que cada docente pudesse intervir

na representação da sua escola ou departamento; a necessidade de elaborar documentos comuns e de procurar alguma coesão e unidade ao nível dos procedimentos e estratégias; as grandes alterações externas que se fizeram sentir através da produção de muita legislação com reflexo no funcionamento e organização das escolas, no trabalho dos docentes e na sua carreira profissional.

Este Agrupamento, imposto pelo ME, contou com muitas resistências à sua implementação por parte dos docentes das escolas do 1º ciclo – que teriam preferido agrupar horizontalmente – e dos docentes e órgãos da EB2,3 – que revelavam desconhecimento quanto à sua viabilidade financeira, técnica e humana, receavam a rapidez que era imposta para a sua formação, o aumento do número de alunos e professores, o maior peso administrativo e a dificuldade de gestão dos recursos. A Associação de Pais e Encarregados de Educação posicionou-se ao lado dos docentes na recusa inicial da formação do Agrupamento, o mesmo acontecendo com a Câmara Municipal de Sintra, que se sentiu posta de lado na fase inicial do processo.

A formação do Agrupamento conduziu ao aparecimento de factores positivos e negativos. Entre os factores positivos sobressai a possibilidade de aprendizagem e de partilha mútua de experiências, estratégias e dificuldades, na procura de coesão organizativa e documental e de uma identidade comum, que não seja sinónimo de perda da identidade individual de cada escola. A existência de actividades globais, envolvendo todas as escolas, é também um factor positivo (apesar de ainda pontual), tal como o melhor conhecimento dos programas disciplinares e conteúdos leccionados, das características dos alunos que vão do 1º ciclo para a EB2,3 e das suas dificuldades e potencialidades. Ainda de forma positiva pode apontar-se a maior unidade entre docentes, que através da experiência e do trabalho em conjunto podem perceber melhor o outro, valorizá-lo e deixar que ele partilhe o seu bom trabalho e as suas dúvidas.

Este sentimento de unidade, partilha e aprendizagem que é percebido pelos docentes do CP entrevistados não é, na sua opinião, extensível a todos os docentes do Agrupamento. O envolvimento no processo de construção do Agrupamento não é igual por parte de todos os membros da comunidade educativa, sendo mais efectivo para as pessoas que estão nos vários órgãos ou grupos de trabalho, mas mais distante para os restantes elementos das escolas.

Este é um dos vários aspectos negativos resultantes da constituição do Agrupamento que foram mencionados pelos docentes. Acresce que, no 1º ciclo, as escolas tiveram um sentimento de perda da autonomia financeira e da capacidade de decisão enquanto que no 2º e 3º ciclo se sentiu a perda de um espaço próprio de debate e reflexão. Cada ciclo percebe que houve ganhos e perdas, mas considera que os ganhos foram maiores para o outro ciclo e menores para si próprio. Todos mencionaram a falta de meios para atingir objectivos, a falta de tempo para reflectir e trabalhar e o excesso do número de alunos, com todos os problemas que daí decorrem.

A gestão dos recursos financeiros e materiais, principalmente no caso das escolas do 1º ciclo, é considerada como bastante negativa. Há unanimidade em considerar que estas escolas perderam autonomia de decisão – necessitam da autorização do CP para a realização de actividades e visitas de estudo – e de gestão das verbas que lhes são atribuídas pela respectiva tutela (a Autarquia), tendo que solicitar à escola sede que esta compre os materiais de que necessita, apesar da factura ser paga com a verba respectiva. Para a gestão do Agrupamento, esta diferença de tutelas entre ciclos é um factor que dificulta os procedimentos e decisões.

Um outro factor negativo percebido pelos docentes relaciona-se com o aumento de trabalho e do número de reuniões em que têm que estar presentes

Em síntese, e relativamente ao objectivo três, os docentes percebem vários aspectos positivos e negativos, maioritariamente de forma unânime e esporadicamente com divergência de opiniões quanto ao peso que lhes atribuem em cada um dos ciclos. É ainda muito notória no discurso a utilização do “nós” e “eles”, revelando que está ainda a procurar-se uma identidade e uma unidade mais efectiva entre todos. Apesar de todas as dificuldades mencionadas – dimensão do Agrupamento, falta de meios, distribuição dos recursos, excesso de trabalho, necessidade de adaptação e de mudança de hábitos ou distância entre escolas – da recusa inicial em formar-se o Agrupamento e do cansaço que as palavras por vezes deixam transparecer, parece no entanto que é possível concluir que estes docentes consideram a experiência positiva e pretendem dar-lhe continuidade, enfrentando os novos desafios e contrariedades que vão surgindo, procurando sempre o benefício pedagógico dos seus alunos.

O próximo passo, na sua percepção, passará por estender a todos esta partilha e esta procura de identidade, para começar a recolher dividendos para os alunos, aumentando os projectos e

iniciativas comuns a todas as escolas e envolvendo neles todos os membros da comunidade educativa.

Para além de factores positivos e negativos resultantes da formação do Agrupamento, identificaram-se também benefícios e dificuldades para as escolas do 1º ciclo por terem que se fazer representar no CP, tal como para os respectivos representantes pedagógicos.

As escolas do 1º ciclo começaram por ter dificuldade na eleição dos seus representantes. Ao contrário do que acontece na EB2,3, em que a elaboração dos horários dos docentes pode libertar o espaço necessário para a presença na reunião do Conselho Pedagógico, esse facto não pode ser contemplado nos horários do 1º ciclo, cujos professores leccionam em monodocência e podem ter um horário duplo (da manhã ou tarde) ou normal. Neste caso, nem todos eram igualmente disponíveis, pelo que as eleições foram, em algumas escolas, apenas o resultado da verificação de quem poderia estar presente no CP. Este facto agravou-se quando a escolha recaiu num docente recém-chegado à escola, que por esse motivo teria mais dificuldades em a representar.

A um outro nível, como já foi mencionado, as escolas sentiram as limitações de decisão relativas a assuntos que passaram a ser aprovados em CP e não apenas no Conselho de Docentes e as limitações financeiras decorrentes do facto de as suas compras passarem sempre pelas escola sede, que gere as verbas atribuídas. Este facto originou a necessidade de alterar procedimentos anteriores, que para muitos docentes eram já o reflexo de uma prática de muitos anos de profissão, o que nem sempre foi fácil e que começou a causar alguma desmotivação, que só agora começa a ser ultrapassada.

Outra dificuldade relaciona-se com o facto das decisões terem por vezes que ser tomadas pelos representantes das escolas do 1º ciclo nos órgãos sem que antes tenha sido possível discutir os assuntos dentro da própria escola (sendo este um problema extensível aos coordenadores de departamento). Igualmente negativo foi, no ano inicial, o maior enfoque que era colocado nas questões da EB2,3 durante as reuniões do CP, que relegava para a parte final – quando o cansaço já se fazia sentir devido ao prolongar do tempo da reunião – os assuntos do 1º ciclo.

De forma positiva, encarada como benefício para as escolas do 1º ciclo, a possibilidade de diminuir algum isolamento e de poder planificar, partilhar e trabalhar em conjunto, tanto ao

nível horizontal como vertical. Também pode ser considerado positivo o maior protagonismo que assumem nas decisões relacionadas com o Agrupamento – apesar de considerarem que estão em minoria numérica no CP – e a maior visibilidade que adquirem ao revelar as suas experiências educativas e as actividades que desenvolvem em prol dos seus alunos.

Quanto aos representantes pedagógicos das escolas do 1º ciclo no CP, também foram identificadas as percepções existentes quanto aos benefícios ou dificuldades que encontram no exercício do cargo.

Os principais benefícios situam-se na aprendizagem conseguida através da partilha, conducente a um crescimento e a uma evolução pessoal e profissional, pois conseguem possuir uma visão mais abrangente das escolas e dos vários assuntos que com elas se relacionam. Passaram a estar mais atentos à legislação ou aos documentos produzidos, apercebendo-se de situações de que não tinham conhecimento anteriormente, porque a informação não chegava ou não era considerada relevante.

As maiores dificuldades prendem-se com a preparação da reunião do CP, com a responsabilidade de representarem a escola e decidirem por ela e com o processo de obtenção do seu próprio espaço dentro do órgão. Conquistaram, por mérito próprio, o espaço, o respeito e o protagonismo que lhes foi dificultado no início, através das suas características pessoais, do seu desempenho e da vontade que revelaram em se afirmar de forma igualitária com os docentes do 2º e 3º ciclo.

Existiram dificuldades internas às escolas do 1º ciclo, que dificultaram o processo da sua integração e dos seus representantes no CP, relacionadas com as perdas sentidas, com o abandonar de “velhos” hábitos emergentes da situação anterior – em que existia uma directora nas escolas do 1º ciclo – ou com as características pessoais das pessoas. O representante do 1º ciclo no CP teve igualmente que conseguir estabelecer uma situação de trabalho em parceria com o coordenador do estabelecimento, tanto na preparação do CP como das reuniões do Conselho de Docentes, onde inicialmente se verificaram alguns “atropelos” e dificuldades na transmissão de informações provenientes do CP – por falta de tempo atribuído pela coordenadora de estabelecimento ou por existência de informações não convergentes. Foi necessário que os dois coordenadores de cada escola passassem a ter algum trabalho de preparação prévio, antes de cada Conselho de Docentes.

O representante no CP tem ainda que conciliar o seu horário lectivo com a presença nas reuniões de Conselho Pedagógico, que constituem muitas horas dadas à escola, sem nenhum tipo de contrapartida.

As várias dificuldades têm vindo a ser atenuadas ao longo do tempo, pois o processo de construção do Agrupamento – de formação recente – ainda está a decorrer e a ser desenvolvido, principalmente ao nível dos docentes que ocupam cargos nos órgãos das escolas.

Finalmente, e em relação ao último objectivo de investigação, foram percepcionados mais aspectos negativos decorrentes da existência de um coordenador de estabelecimento no 1º ciclo e de um coordenador pedagógico a representar a escola no CP, em especial por parte dos docentes do 2º e 3º ciclo.

De forma positiva, esta situação permite a divisão de papéis a desempenhar, a possibilidade de uma maior democratização e de uma divisão no acesso à informação e ao poder, ao nível da decisão.

De forma negativa, foi percepcionada a maior dificuldade de coordenar e transmitir informações aos docentes de cada uma das escolas – por nem sempre existir coincidência – as resistências que um dos coordenadores pode oferecer ao outro, originando algum conflito, a necessidade de uma preparação conjunta das reuniões do Conselho de Docentes e a gestão da divisão dos papéis a desempenhar por cada um dos coordenadores. Existem situações – quando a escola é mais pequena ou o coordenador de estabelecimento não tem turma atribuída – em que parece ser consensual que existiria maior benefício se existisse um único coordenador em cada escola do 1º ciclo.

Em síntese, e respondendo à questão colocada – *Qual a percepção dos professores do Conselho Pedagógico sobre a formação do Agrupamento Vertical de Escolas e as alterações decorrentes da sua constituição?* – os professores do Conselho Pedagógico percepcionam que esta foi uma situação imposta e não desejada, que originou múltiplas alterações ao nível das estruturas de gestão, do funcionamento dos órgãos e dos documentos internos das escolas, estando a trabalhar-se no sentido de construir um projecto e uma identidade comuns, no respeito pelas especificidades de cada uma das escolas e níveis de ensino que constituem o Agrupamento.

A estrutura e a dinâmica das reuniões do CP alterou-se, as reuniões tornaram-se mais prolongadas e o debate e a reflexão mais superficiais, os problemas aumentaram e tornaram-se mais complexos. O processo é ainda muito recente e as alterações e adaptações estão a ser implementadas, faltando alargar muito do trabalho e da partilha feita ao nível dos órgãos aos restantes membros da comunidade educativa. Já há projectos comuns que deverão ser ampliados e acrescentados e todas as dificuldades que já surgiram e vão ainda surgir irão contar com a disponibilidade e profissionalismo dos docentes – apesar de todas as alterações feitas pelo ME nos últimos tempos, com repercussões no seu desempenho profissional – na tentativa de melhorar a qualidade do serviço educativo oferecido aos alunos do Agrupamento.

Como referiu E7 “(...) *este Agrupamento, e falo por este, só funciona porque de facto as pessoas que estão envolvidas na sua construção são empenhadas e há sempre... no ensino sempre houve este amor à camisola, e vamos fazer, e vamos trabalhar fora de horas, e vamos reunir e articular,*”.

As escolas do 1º ciclo, por intermédio dos seus docentes, estão envolvidas em todo este processo de uma forma construtiva e com uma postura de partilha e aprendizagem, que os tem vindo a caracterizar, pelo menos no que diz respeito aos representantes nos órgãos. Este facto tem sido facilitador do processo, apesar de todas as reticências e dúvidas iniciais, de todas as dificuldades de adaptação e de todas as alterações e perdas descritas.

Foram igualmente descritas vantagens e aspectos positivos e, apesar de não estarem reunidas as condições ideais e desejáveis para um maior sucesso educativo dos alunos, manifestou-se a vontade de continuar a trabalhar, partilhar, ensinar e aprender.

6.1 – IMPLICAÇÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

6.1.1 – Implicações do Estudo

O estudo realizado, como qualquer outro estudo exploratório descritivo, permitiu conhecer melhor uma determinada realidade. Dele não se esperam generalizações ou conclusões extensíveis a uma escala mais abrangente. No entanto, caso sejam realizadas outras investigações semelhantes noutros pontos do país, poderão juntar-se e comparar-se as

respectivas conclusões, aumentando os conhecimentos sobre uma nova experiência no sistema de ensino, permitindo que se retirem ilações e conclusões sobre a mesma.

A um nível mais restrito, se o próprio Agrupamento assim o entender, poderá permitir que determinados aspectos considerados negativos possam ser alterados e estender a reflexão aos outros docentes e membros da comunidade educativa.

Já permitiu, conforme mencionado pelos próprios, que alguns elementos pensassem sobre as questões colocadas o que anteriormente não tinham feito. O exercício de tentar colocar-se no lugar dos outros não é feito com frequência e a reflexão sobre as práticas e as alterações delas decorrentes ou que nelas se reflectem também não é uma prática comum.

6.1.2 – Limitações Sentidas

As principais limitações encontradas na realização desta investigação prenderam-se com a inexperiência da investigadora e com a limitação temporal para a conclusão da mesma.

O volume de dados obtido através das entrevistas individuais e do grupo focal foi muito grande pelo que dificultou a fase de determinação de frases significativas – com toda a subjectividade que lhe foi inerente – e respectiva análise de conteúdo, apesar da sua valiosa e pertinente contribuição para encontrar resposta para a questão inicialmente colocada, traduzida pela apresentação de conclusões relacionadas com cada um dos objectivos de investigação.

Terá sido um factor limitativo a não utilização de nenhum dos programas informáticos existentes que permitem proceder à análise de conteúdo dos dados recolhidos. Estes poderiam ter simplificado o processo de categorização e levado à obtenção de diferentes designações para as categorias encontradas. No entanto, face ao enorme volume de dados recolhidos e ao facto de se ter iniciado de imediato a sua análise – começando por sucessivas leituras atentas, seguidas do sublinhar com diferentes cores das frases relativas a cada uma das perguntas de investigação, iniciando-se o seu agrupamento segundo o significado – a opção foi a de fazer a análise sem recorrer a nenhum “*software*” apropriado. O tempo que seria necessário para utilizar correctamente um dos programas existentes tinha já sido dispendido na análise cuidada dos dados obtidos. Aqui, a pouca experiência do investigador fez-se sentir, uma vez

que se este dominasse a utilização de algum do “*software*” disponível poderia ter recorrido ao mesmo sem que isso significasse a necessidade de mais tempo. Não basta apenas dispor de uma ferramenta para que esta permita a obtenção imediata de resultados, há que saber utilizá-la correctamente para potenciar os resultados obtidos.

Durante o grupo focal, o moderador deixou que todos os docentes intervissem livremente, expressando o que pensavam sobre cada questão, o que por vezes se revestiu de alguma dificuldade, pela tendência para dispersar as suas considerações por outros aspectos que surgiam de forma associada ao que estavam a referir e reflectir.

O estudo pretendeu conhecer as percepções dos docentes entrevistados relativamente a cada um dos objectivos da investigação. As percepções de cada um em relação às questões formuladas e o significado que lhes atribuíram condicionaram a imagem mental formada e a forma como foi expressa e descrita. Como processo mental e afectivo, ligado à memória cognitiva mas também às emoções, a selecção e importância relativa de tudo o que foi dito sofreu o condicionamento inerente à individualidade de cada um.

Pelo facto de ser uma investigação académica decorrente da elaboração de uma tese de mestrado, não existiu disponibilidade temporal para alargar o número de entrevistados, apesar de existirem no Agrupamento muitos outros docentes cuja audição poderia revelar-se pertinente e enriquecedora.

Como já foi mencionado, tempo disponível, ou a falta dele, foi igualmente factor de pressão. Todo o processo de investigação se desenrolou em simultâneo com a actividade profissional da investigadora, que teve que conciliar as elevadas exigências profissionais a que é submetida diariamente com o encontrar o tempo necessário para pesquisar, ler, reflectir, planificar e executar todos os procedimentos necessários à conclusão deste trabalho.

6.1.3 – Sugestões

Uma investigação exploratória descritiva não tem o objectivo de extrapolar conclusões e de as generalizar a todo o universo em estudo. Através desta investigação procurou saber-se mais sobre o tema abordado, sendo os resultados obtidos apresentados de forma descritiva.

Ouvindo os participantes atentamente e analisando as suas palavras foram tiradas algumas conclusões, já apresentadas.

Partindo da análise efectuada, surgem algumas variantes que poderiam ser estudadas, com o intuito de recolher informação pertinente e que possa interessar aos docentes do Agrupamento estudado ou de qualquer outro que possua condições semelhantes.

Um dos aspectos aflorados pelos docentes relacionou-se com o ensino pré-escolar e a sua integração no Agrupamento, bem como com a forma como a sua representatividade nos órgãos é efectuada. Esta temática poderia ser investigada, para identificar as questões mais relevantes para as educadoras e encontrar mecanismos de resposta às mesmas, dentro dos Agrupamentos de Escolas, e atendendo às especificidades próprias deste nível de ensino.

Outra das questões levantadas relacionou-se com as condições que não são dadas aos agrupamentos para funcionar com autonomia efectiva, ao nível estrutural, funcional e pedagógico. A dependência do Agrupamento relativamente ao poder central e das escolas do 1º ciclo em relação à escola sede é apontada como motivo que leva à não realização de actividades e à não concretização de objectivos. Este assunto poderia igualmente ser alvo de investigação, na detecção das principais dificuldades sentidas pelos agrupamentos (no maior número possível de casos) e na recolha e divulgação de iniciativas, projectos ou estratégias utilizadas que permitam obviar e/ou solucionar essas dificuldades. Muitas vezes, a não divulgação das boas práticas a nível local, regional ou nacional impede a sua adopção por outros agrupamentos e escolas, perdendo os alunos os benefícios que delas poderiam obter.

Também não foi possível confrontar as percepções dos docentes pertencentes ao Conselho Pedagógico com as de outros membros da comunidade educativa, nomeadamente os restantes docentes, os alunos, encarregados de educação, funcionários administrativos e auxiliares de acção educativa. Durante as entrevistas feitas foram apontadas várias pistas que importaria explorar: percepção dos docentes dos vários níveis de ensino sobre as vantagens e desvantagens da formação do Agrupamento e os benefícios e/ou dificuldades que esse facto lhes causou; percepção dos alunos sobre a formação do Agrupamento e a(s) forma(s) como isso os afectou; percepção dos EE sobre vantagens e/ou desvantagens que o processo teve na educação e formação dos seus educandos; percepção dos funcionários administrativos sobre as repercussões da nova estrutura na sua dinâmica de trabalho; percepções dos auxiliares de acção educativa sobre as consequências da mobilidade dentro do Agrupamento.

Existem ainda muitas questões em aberto e o tempo de vida do Agrupamento é ainda curto, pelo que a avaliação mais concreta das mudanças e das suas implicações para todos os envolvidos só poderá acontecer com o passar do tempo, com a criação de mecanismos e estruturas de acompanhamento e monitorização dessas avaliações e com o envolvimento efectivo de todos na dinamização das mudanças em curso e naquelas que ainda irão surgir.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Mário – **Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares – sugestões para a estruturação da escrita**. 5ª Ed. 2006. Lisboa: Universidade Católica Editora. ISBN: 972-54-0140-9.
- BALANCHO, Mª José; COELHO, Filomena – **Motivar os Alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas**. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editores, 2005. 96p. ISBN: 972-47-1720-8
- BELL, Judith – **Como realizar um Projecto de Investigação**. Coleção Trajectos nº 38. 1ª Ed. Lisboa: Gradiva, 1997. 212p. ISBN 972-662-524-6.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari – **Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto Editora, Lda., 1994. 336p. ISBN: 972-0-34112-2.
- BROMLEY, D. B. – **Reputation, Image and Impression Management**. Chichester, New York, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley&Sons, 1993. 300p. ISBN: 972-22-2010-1.
- CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela – **Metodologia da Investigação: Guia para Auto-aprendizagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998. 353p. ISBN: 972-674-231-5
- CRESWELL, John W. – **Research Design – Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Second Edition. Sage Publications. 2003. 245p. ISBN: 0-7619-2442-6.
- DELORS, Jacques *et al* – **Educação – um tesouro a descobrir**. Coleção perspectivas actuais / educação. 7ª ed. Edições ASA, 2001. 256p. ISBN: 972-41-1775-8.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. – **Strategies of Qualitative Inquiry**. United States of America: Sage Publications, Inc. 1988. ISBN: 0-7619-1435-8.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. – **Handbook of Qualitative Research**. 2nd ed. Sage Publications, 2000. 1.46p. ISBN: 0-7619-1512-5.
- FESTINGER, Leon – **A theory of cognitive dissonance**. Evanston, IL: Row Peterson, 1957.
- FESTINGER, Leon; CARLSMITH, J. M. (1959) - *Journal of Abnormal and Social Psychology*. **Cognitive consequences of forced compliance.**, 58, 203 – 210.

- FLORES, Manuel – **AGRUPAMENTO DE ESCOLAS – Indução Política e Participação.** Coleção de Ciências da Educação e Pedagogia. Coimbra: Edições Almedina, 2005. 269p. ISBN 972-40-2617-5
- FORRESTER, Michael – **Psychology of the Image.** London: TJ International Ltd, Padstow, Cornwall, 2000. 208p. ISBN: 0-415-16515-6.
- FORTIN, Marie-Fabienne – **O Processo de Investigação: da concepção à realização.** Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda., 1999. 388p. ISBN: 972-8383-10-X.
- GAUTHIER, Benoit – **Investigação Social - da problemática à recolha de dados.** Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda, 2004. ISBN: 972-838355-X.
- GOODE, William J. & HATT, Paul K. – **Métodos em Pesquisa Social.** 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968. 488 p.
- GRBICH, Carol – **Qualitative Research in Health – An Introduction.** Sage Publications, Inc, 1999. 312p. ISBN: 0-7619-6103-8.
- HAMMELL, Karen Whalley; CARPENTER, Christine; DYCK, Isabel – **Using Qualitative Research – A Practical Introduction for Occupational and Physical Therapists.** China: Elsevier Science Limited, 2002. ISBN: 0-443-06232-3.
- HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew – **Investigação por Questionário.** 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, Lda, 2002. 377p. ISBN: 972-618-273-5.
- KETELE, Jean-Marie; ROEGIERS, Xavier – **Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos.** Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. 258p. ISBN: 972-771-074-3.
- KREUGER, Richard A.; CASEY, Mary Anne – **FOCUS GROUPS - A Practical Guide for Applied Research.** 3rd ed. Sage Publications, Inc, 2000. 215p. ISBN: 0-7619-2071-4.
- MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. – **Designing Qualitative Research.** 3rd Edition. Sage Publications, Inc, 1999. 224p. ISBN: 0-7619-1340-8.
- MASON, Jennifer – **Qualitative Researching.** 2nd edition. Sage Publications, Inc, 2002. 223p. ISBN: 0-7619-7428-8.
- MYERS, David – **Social Psychology.** International / fifth edition. MacGraw-Hill, 1996. ISBN: 0-07044-3777.

- MORALES, Francisco J. et al. – **Psicologia Social**. Spain: McGraw-Hill, 1996. 982p. ISBN: 84-481-1929-0.
- MORGAN, David, L. – **Focus Groups as Qualitative Research**. Qualitative Research Methods Series. SAGE Publications, Inc, 1988. Volume 16. 83p. ISBN: 0-8039-3209-X.
- MORGAN, David L. – **Successful Focus Groups – Advancing the State of the Art**. California: SAGE Publications, Inc, 1993. 271 p. ISBN: 0-8039-4874-3.
- OLIVEIRA, Sílvio Luiz de – **Tratado de Metodologia Científica – Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**. 3ª reimpr da 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. 320p. ISBN : 85-221-0070-5.
- POPE, Catherine; MAYS Nicholas – **Qualitative Research in Health Care**. Second Edition. BMJ Publishing Group, 2000. ISBN: 0-7279-1396-4.
- POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernardet – **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem** (tradução de Regina Garcês). 3ª Ed. Porto Alegre: Editora Artes Gráficas, 1995. 391p. ISBN: 0-7817-2557-7.
- PATTON, Michael Quinn - **How to use Qualitative Methods in Evaluation**. Second Edition. Sage Publications, Inc, 1987. 176p. ISBN : 0-8039-3129-8.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan – **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Colecção Trajectos. 2ª Ed. Lisboa: Gradiva, 1998. 282p. ISBN 972-662-275-1
- RICE, Pranee Liamputtong; EZZY, Douglas – **Qualitative Research Methods – A Health Focus**. Oxford – New York. Oxford University Press, 2000. ISBN: 0-19-550610-3.
- ROSSMAN, Gretchen. B.; RALLIS, Sharon. F. – **Learning in the Field: An introduction to qualitative research**. Sage Publications, Inc, 2003. 368p. ISBN: 0-7619-2651-8.
- SCHLENKER, Barry R. – **Impression Management – The Self-Concept, Social Identity, and Interpersonal Relations**. San Diego, California: Brooks/Cole Publishing Company, 1980. 344p. ISBN: 0-8185-0398-X.
- SIMÕES, Graça Mª – **Organização e gestão do agrupamento vertical de escolas – A teia das lógicas de acção**. Colecção em foco. 1ª Ed. Edições ASA, 2005. 256p. ISBN:972-41-40-91-1.
- STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona R. – **Investigação Qualitativa em Enfermagem – Avançando o Imperativo Humanista**. 2ª Ed. Lisboa: Lusociência, 2002. 383p. ISBN: 972-8383-29-0.

DISSERTAÇÕES

- MENDES, Luís, 2002, “Os professores e a participação em contexto escolar”, **Dissertação para Obtenção de Grau de Mestre em Administração e Gestão Educacional**, Lisboa, Universidade Aberta

DIÁRIOS DA REPÚBLICA

- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 735-A/74 de 21 de Dezembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 769-A/76 de 23 de Outubro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Portaria nº 679/77 de 08 de Novembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 519-T1/79 de 29 de Dezembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 376/80 de 12 de Setembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Portaria nº 970/80 de 12 de Novembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 211-B/86 de 31 de Julho.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 43/89 de 03 de Fevereiro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho 8/SERE/89 de 08 de Fevereiro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 172/91 de 10 de Maio.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho nº 37-A/SEEI/96 de 05 de Setembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto-Lei nº 115-A/98 de 04 de Maio.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho nº 147-B/ME/96 de 08 de Julho.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho Conjunto nº 73/SEAE/SEEI/96 de 03 de Setembro.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho Conjunto nº 188/97 de 04 de Agosto.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Despacho Normativo nº 27/97 de 02 de Junho.
- **DIÁRIO DA REPÚBLICA** – Decreto Regulamentar nº 12/2000 de 29 de Agosto.



UNIVERSIDADE ABERTA

**MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VOLUME 2

A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS
O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra

**Orientadora: Professora Doutora Lúdia da Conceição
Grave-Resendes**

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VOLUME 2

A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS

O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra

Orientadora: Professora Doutora Lúdia da Conceição
Grave-Resendes

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

INDICE

	<i>Pag.</i>
0 - INTRODUÇÃO	1
1 - OBJECTO DA INVESTIGAÇÃO	6
1.1 - PROBLEMA	6
1.2 - RELEVÂNCIA	8
1.3 - LIMITAÇÕES	10
1.4 - QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	11
2 - REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO	13
2.2 - PERCEPÇÃO	29
2.2.1 - <u>A auto-percepção</u>	35
3 - ABORDAGEM METODOLÓGICA	39
3.1 - PESQUISA QUALITATIVA	39
3.2 - RECOLHA DE DADOS	45
3.2.1 - <u>Entrevista Exploratória</u>	46
3.2.2 - <u>Entrevista</u>	51
3.2.3 - <u>Focus Groups</u>	54
3.2.4 - <u>Aspectos Éticos</u>	57
3.3 - ACTIVIDADES A DESENVOLVER	59
3.3.1 - <u>Seleção dos participantes</u>	59
3.3.2 - <u>Questões</u>	60
3.4 - ANÁLISE DOS DADOS	63

	<i>Pag.</i>
4 - O AGRUPAMENTO E AS SUAS ESCOLAS	68
4.1 - DIRECÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DAS ESCOLAS	68
4.2 - FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO	72
4.3 - BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO AGRUPAMENTO	84
4.3.1 - <u>Escola Básica do 2º e 3º Ciclo – Sede do Agrupamento (Escola Azul)</u>	88
4.3.2 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Verde)</u>	90
4.3.3 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo (Escola Amarela)</u>	90
4.3.4 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo/ Jardim-de-Infância (Escola Vermelha)</u>	91
4.3.5 - <u>Escola Básica do 1º Ciclo/ Jardim-de-Infância (Escola Laranja)</u>	91
4.3.6 - <u>Jardim-de-Infância (Escola Violeta)</u>	92
4.4 - AVALIAÇÃO EXTERNA DO AGRUPAMENTO	92
4.5 - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO	96
 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	 104
5.1 - ANÁLISE DOS DADOS	105
5.2 - DISCUSSÃO DOS DADOS	154
 6 - CONCLUSÕES	 176
6.1 - IMPLICAÇÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES	183
6.1.1 - <u>Implicações do Estudo</u>	183
6.1.2 - <u>Limitações Sentidas</u>	184
6.1.3 - <u>Sugestões</u>	185
 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 188

ÍNDICE DE QUADROS

	<i>Pag.</i>
Quadro 1 – <u>Enquadramento das Questões de Investigação</u>	11
Quadro 2 – <u>Atribuições do CP constantes da Portaria nº 679/77</u>	15
Quadro 3 – <u>Atribuições do CP constantes da Portaria nº 970/80</u>	18
Quadro 4 – <u>Composição e competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 172/91</u>	21
Quadro 5 – <u>Competências do CP, segundo o Decreto-Lei nº 115-A/98</u>	23
Quadro 6 – <u>Síntese da Legislação sobre a constituição e funções do CP</u>	24
Quadro 7 – <u>Preparação para o guião da entrevista exploratória</u>	48
Quadro 8 – <u>Racional das Questões</u>	50
Quadro 9 – <u>Preparação para o guião das entrevistas</u>	53
Quadro 10 – <u>Organigrama da Escola Azul de 1993 a 1998</u>	70
Quadro 11 – <u>Organigrama da Escola Azul de 1998/1999</u>	70
Quadro 12 – <u>Organigrama do Agrupamento em 2004/05</u>	71
Quadro 13 – <u>Síntese da avaliação externa do Agrupamento</u>	93
Quadro 14 – <u>Categorias encontradas para cada objectivo de investigação</u>	105
Quadro 15 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 1</u>	106
Quadro 16 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 2</u>	108
Quadro 17 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 3</u>	113
Quadro 18 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 4</u>	120
Quadro 19 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 5</u>	123
Quadro 20 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – objectivo 6</u>	126
Quadro 21 – <u>Categorias encontradas para cada objectivo de investigação, no grupo focal</u>	130
Quadro 22 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 1</u>	131
Quadro 23 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 2</u>	133
Quadro 24 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 3</u>	139
Quadro 25 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 4</u>	148
Quadro 26 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 5</u>	151
Quadro 27 – <u>Apresentação das categorias e subcategorias – grupo focal: objectivo 6</u>	153

ÍNDICE DE GRÁFICOS

	<i>Pag.</i>
Gráfico 1 – <u>Variação do número de alunos</u>	86
Gráfico 2 – <u>Variação do número de alunos no 1º Ciclo</u>	86
Gráfico 3 – <u>Variação da % de insucesso na <i>Escola Azul</i></u>	87
Gráfico 4 – <u>Variação da % de insucesso no 1º Ciclo</u>	87
Gráfico 5 – <u>Sexo</u>	98
Gráfico 6 – <u>Idade</u>	99
Gráfico 7 – <u>Nº de Anos de Actividade Profissional</u>	99
Gráfico 8 – <u>Nº de Anos na Escola Actual</u>	100
Gráfico 9 – <u>Formação Académica</u>	100
Gráfico 10 – <u>Situação Profissional</u>	101
Gráfico 11– <u>Nível de Ensino que Lecciona</u>	101
Gráfico 12– <u>Cargo(s) Actualmente Desempenhados no Agrupamento</u>	102
Gráfico 13– <u>Cargo(s) já Desempenhados na Escola</u>	102
Gráfico 14– <u>Formação Realizada ao Nível da Gestão e Administração Escolar</u>	103

ÍNDICE DE ANEXOS

	<i>Pag.</i>
Anexo I - Guião para a Entrevista Exploratória	2
Anexo II - Guião para as Entrevistas aos Docentes do 1º ciclo	6
Anexo III - Guião para o Grupo Focal	10
Anexo IV - Grelha de Observação do Grupo Focal	15
Anexo V - Carta Explicativa para o Consentimento Informado	17
Anexo VI - Termo do Consentimento Informado (Entrevista Individual)	21
Anexo VII - Termo do Consentimento Informado (Grupo Focal)	25
Anexo VIII - Ficha de Caracterização da População em Estudo	29
Anexo IX - Pedido de Realização do Grupo Focal na EB 2,3	34
Anexo X - Transcrição da Entrevista Exploratória	37
Anexo XI - Enquadramento entre as frases significativas da Entrevista Exploratória e os Objectivos da Investigação	63
Anexo XII - Transcrição da Entrevista 2	75
Anexo XIII - Transcrição da Entrevista 3	85
Anexo XIV - Transcrição da Entrevista 4	96
Anexo XV - Transcrição da Entrevista 5	108
Anexo XVI - Enquadramento entre as frases significativas das Entrevistas Individuais e os Objectivos da Investigação	118
Anexo XVII - Categorização das Frases Significativas	134
Anexo XVIII - Transcrição do Grupo Focal	173
Anexo XIX - Enquadramento entre as frases significativas do Grupo Focal e os Objectivos da Investigação	209
Anexo XX - Categorização das Frases Significativas do Grupo Focal	234
Anexo XXI - Observação do Grupo Focal	272

INDICE DE ANEXOS

Anexo I
Guião para a Entrevista Exploratória



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL

Ano lectivo 2006/2008

Guião da Entrevista Exploratória

Elsa Maria M. L. P. Serra

2007

GUIÃO DA ENTREVISTA

I – Legitimação da Entrevista

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável, pelo papel activo que desempenhou no processo de constituição do Agrupamento e pela posição privilegiada que detém decorrente do cargo que ocupa. É muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

II	1. Antes da formação do agrupamento, como era constituído o Conselho Pedagógico? 2. Quais eram as principais temáticas abordadas nas reuniões de Conselho Pedagógico? 3. Quais as estratégias de trabalho utilizadas no decurso da reunião de Conselho Pedagógico? 4. Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 5. Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico? (...)
III	6. De que forma se alterou a constituição do Conselho Pedagógico após a formação do agrupamento? 7. Surgiram novas temáticas para abordar nas reuniões de Conselho Pedagógico? 8. As estratégias de trabalho utilizadas durante as reuniões de Conselho Pedagógico mantiveram-se ou foram alteradas? De que forma? 9. Qual a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 10. Qual o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico? (...)
IV	11. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? 12. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? (...)
IV	13. Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 14. Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? (...)
V	15. Qual a sua percepção sobre as dificuldades que o(a) professor(a) do 1º ciclo possa sentir por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? 16. Qual a sua percepção sobre os benefícios que o(a) professor(a) do 1º ciclo possa sentir por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? (...)
VI	17. Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? 18. Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? (...)
VII	19. Que comentário ou reflexão final gostaria de fazer sobre o tema em estudo, acrescentando algo a tudo o que já disse?

(...) Agradeço a sua atenção, disponibilidade, empenho e simpatia. Sem o seu contributo o estudo que estou a realizar não teria qualquer interesse ou hipótese de sucesso.

Obrigada pela sua presença e colaboração.

Lisboa, ____ de _____ de 2007

Anexo II
Guião para as Entrevistas aos Docentes do 1º ciclo



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL

Ano lectivo 2006/2008

Guia^{IN} de Entrevista

Elsa Maria M. L. P. Serra

2007

GUIÃO DA ENTREVISTA

I – Legitimação da Entrevista

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

II	20. Acompanhou o processo de formação deste Agrupamento Vertical de Escolas? 21. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? 22. A formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Quais? (...)
III	23. Qual a sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 24. Qual a sua percepção sobre as vantagens que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representadas no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 25. A sua escola distingue-se das restantes escolas do 1º ciclo, ao nível das dificuldades ou benefícios que possa sentir, por algum motivo particular? Qual? (...)
IV	26. Como ocorreu a sua escolha como representante da escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento? 27. Na sua percepção, sentiu dificuldades por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? Quais? 28. Na sua percepção, sentiu benefícios por ser o(a) representante da sua escola no Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Escolas? Quais? (...)
V	29. Quais as vantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? 30. Quais as desvantagens para o funcionamento da escola do 1º ciclo provenientes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser Coordenador de Estabelecimento? (...)
VI	31. Qual a sua percepção sobre a dinâmica entre os membros do Conselho Pedagógico, durante as reuniões do mesmo? 32. Qual a sua percepção sobre o tempo médio de duração de cada reunião de Conselho Pedagógico e a sua distribuição?
VI	33. Que comentário ou reflexão final gostaria de fazer sobre o tema em estudo, acrescentando algo a tudo o que já disse?

(...)

Agradeço a sua atenção, disponibilidade, empenho e simpatia. Sem o seu contributo o estudo que estou a realizar não teria qualquer interesse ou hipótese de sucesso.

Obrigada pela sua presença e colaboração.

Lisboa, ____ de _____ de 2007

Anexo III
Guião para o Grupo Focal



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL

Ano lectivo 2006/2008

Guiaão do Grupo Focal

Elsa Maria M. L. P. Serra

2007

GUIÃO DO GRUPO FOCAL

I – Legitimação da Entrevista

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a vossa presença, bem como a disponibilidade que revelaram ao aceder ao convite para participarem nesta investigação.

A vossa colaboração foi solicitada no âmbito de uma dissertação de mestrado subordinada ao título **“A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento no Concelho de Sintra, na percepção dos docentes”**. Peço-lhes que partilhem comigo as vossas percepções e opiniões em relação às questões que lhes colocar.

Como sabem, pretende-se conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação deste Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir foi entrevistada a presidente do Conselho Executivo do Agrupamento e os representantes das escolas do 1º ciclo no Conselho Pedagógico.

A carta explicativa para o consentimento informado que lhes foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O vosso contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refiram claramente aquilo que pensam e sentem relativamente às questões que lhes irão ser colocadas, independentemente de considerarem que o que vão dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a vossa percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. Estão na posição privilegiada de terem pertencido ao Conselho Pedagógico antes e depois da formação do Agrupamento Vertical de Escolas, tendo conhecido duas realidades distintas. Por isso o que disserem será fundamental para o sucesso da investigação, o que desde já agradeço. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-los atentamente.

Prevê-se uma duração de duas horas, durante as quais todos terão oportunidade de se expressar. Peço-vos que não usem da palavra em simultâneo pois, conforme vossa autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho

académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhes-á facultada, no intuito de a validarem.

Se em qualquer momento quiserem interromper ou ausentar-se, estão à vontade para o fazer.

(...)

II <i>Questões de abertura</i>	34. Acompanhou o processo de formação deste Agrupamento Vertical de Escolas? 35. Concordou com a formação deste tipo de Agrupamento? Porquê?
III <i>Questões introdutórias</i>	36. Na sua percepção, quais as escolas que o constituem que mais beneficiaram com a formação do Agrupamento?
IV <i>Questões de transição</i>	37. Considera que a formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos e/ou negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? 38. Quais são esses factores? [comecemos pelos positivos; depois relembrar a questão para os factores negativos, se necessário]
V <i>Questões chave</i>	39. Como descreveria a dinâmica das reuniões do Conselho Pedagógico antes da existência do Agrupamento? [temáticas, estratégias de preparação, estratégias de funcionamento, interacções estabelecidas, duração temporal] 40. Como descreveria a dinâmica das reuniões do Conselho Pedagógico depois da existência do Agrupamento? [temáticas, estratégias de preparação, estratégias de funcionamento, interacções estabelecidas, duração temporal – semelhanças e diferenças] 41. Em relação às escolas do 1º ciclo, quais terão sido as principais dificuldades e benefícios para se fazerem representar no Conselho Pedagógico do Agrupamento? [comecemos pelas dificuldades; depois relembrar a questão para os benefícios, se necessário] 42. Na sua percepção, que dificuldades e que benefícios terão sentido os representantes das escolas do 1º ciclo por estarem a representar a sua escola no Conselho Pedagógico?

(continua)

(continuação)

	43. O representante do 1º ciclo no Conselho Pedagógico não é o Coordenador de Estabelecimento. Que factores positivos e/ou negativos poderão resultar desse facto? 44. Em relação a si, que diferenças e/ou semelhanças identifica entre o seu desempenho e participação no Conselho Pedagógico antes da constituição do Agrupamento e depois dela?
VI <i>Questões finais</i>	45. Que comentário ou reflexão final gostaria de fazer sobre o tema em estudo, acrescentando ou realçando algo em relação a tudo o que já disse?

(...)

Agradeço a vossa atenção, disponibilidade, empenho e simpatia. Sem o vosso contributo este estudo não teria qualquer interesse ou hipótese de sucesso.

Obrigado pela vossa presença e colaboração.

Lisboa, ____ de _____ de 2007

Anexo IV
Grelha de Observação do Grupo Focal

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DO GRUPO FOCAL

Hora de início: _____

Nº de participantes: ____

Interveniente	Hora	Ideia(s) principal(ais)

Anexo V

Carta Explicativa para o Consentimento Informado



UNIVERSIDADE ABERTA

**MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008**

Carta Explicativa do Consentimento Informado

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

2007

1. TÍTULO:

A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento no Concelho de Sintra, na percepção dos docentes.

2. AUTORA:

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra, presentemente a frequentar o Mestrado em Administração e Gestão Escolar na *Universidade Aberta*.

3. ORIENTADORA:

Professora Doutora Lídia Graves-Resende, Professora Associada da Universidade Aberta

4. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO:

-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
-  Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

5. PARTICIPAÇÃO

A escolha de participar ou não no estudo é voluntária. Caso decida não participar neste estudo continuará a ser tratado/a da mesma forma e com o mesmo respeito. Se decidir participar neste estudo, tem o direito, se assim o entender, de desistir/retirar-se a qualquer momento, sem que isso traga algum prejuízo para si.

6. CONFIDENCIALIDADE

Todos os dados e informações que estiver disposto a ceder para o estudo serão tratados de forma confidencial, ficando guardados num local seguro à responsabilidade da autora. As informações por si cedidas ser-lhe-ão apresentadas pela autora após a sua transcrição, para se ter a certeza de que foram bem compreendidas e para que possa validá-las. A sua identidade nunca será revelada ou reconhecida, a não ser pela própria autora.

Anexo VI
Termo do Consentimento Informado (Entrevista Individual)



UNIVERSIDADE ABERTA

**MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008**

Termo do Consentimento Informado

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

2007

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TÍTULO DA PESQUISA

“A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento no Concelho de Sintra, na percepção dos docentes”

1. OBJECTIVOS:

-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
-  Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

2. INSTRUMENTO DE COLHEITA DE DADOS:

A colheita de dados será efectuada mediante uma entrevista gravado em sistema áudio, efectuada pela investigadora, que utilizará um **“Guião de Entrevista semi-estruturado”** constituído por perguntas chave, que procurarão obter resposta para os objectivos enunciados.

Eu, _____ declaro
que fui informado(a) dos objectivos e metodologia da pesquisa intitulada
“A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra, na percepção dos docentes”

Estou consciente da minha participação nesta pesquisa e que poderei em qualquer momento recusar continuar ou ser informado(a) acerca da mesma, sem nenhum prejuízo para a minha pessoa. Sei também que os dados da entrevista em que participo serão usados somente para fins científicos e destruídos pelos investigadores após o estudo. Aquando do tratamento dos dados, estes serão codificados mantendo assim o anonimato. Fui informado(a) de que não terei nenhum tipo de despesas nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela participação nesta pesquisa.

Depois do anteriormente referido, concordo voluntariamente em participar no estudo em causa.

Participante:

Data: ____/____/____

Autora:

Elsa M^a. Pereira Serra

Contacto da autora:

Telemóvel : (...)

Morada: (...)

Anexo VII

Termo do Consentimento Informado (Grupo Focal)



UNIVERSIDADE ABERTA

**MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008**

***Termo do
Consentimento Informado***

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

2007

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TÍTULO DA PESQUISA

“A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento no Concelho de Sintra, na percepção dos docentes”

3. OBJECTIVOS:

-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
-  Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
-  Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do agrupamento;
-  Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

4. INSTRUMENTO DE COLHEITA DE DADOS:

A colheita de dados será efectuada mediante um debate orientado, gravado em sistema audio a um “*grupo focal*” de 8 pessoas. Será um debate orientado pelo “*mediador*” e que utilizará um “**Guião de Debate**” constituído por perguntas chave, e onde estará presente mais uma pessoa, que desempenhará o papel de Assistente.

Eu, _____ declaro
que fui informado(a) dos objectivos e metodologia da pesquisa intitulada “**A integração do 1º ciclo no Agrupamento Vertical de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra, na percepção dos docentes**”

Estou consciente da minha participação nesta pesquisa e que poderei em qualquer momento recusar continuar ou ser informado(a) acerca da mesma, sem nenhum prejuízo para a minha pessoa. Sei também que os dados do debate em que participo serão usados somente para fins científicos e destruídos pelos investigadores após o estudo. Aquando do tratamento dos dados, estes serão codificados mantendo assim o anonimato. Fui informado(a) de que não terei nenhum tipo de despesas nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela participação nesta pesquisa.

Depois do anteriormente referido, concordo voluntariamente em participar no estudo em causa.

Participante:

Data: ____/____/____

Autora:

Elsa Mª Pereira Serra

Contacto da autora:

Telemóvel : (...)

Morada: (...)

Anexo VIII
Ficha de Caracterização da População em Estudo



UNIVERSIDADE ABERTA

MESTRADO EM
ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL
Ano lectivo 2006/2008

Caracterização da População em Estudo

Elsa Maria Mecha Louro Pereira Serra

2007

TEMA

“A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS – o funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra”.

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO EM ESTUDO

(anexo à Carta Explicativa do Consentimento Informado)

OBJECTIVO: Recolha de informação destinada à caracterização da amostra.

NOTA: Os dados recolhidos destinam-se exclusivamente ao objectivo e estudo em causa. A confidencialidade dos mesmos será totalmente respeitada.

Em cada questão, por favor assinale com X a(s) situação(ões) que corresponde(m) ao seu caso :

1. Sexo:

Masculino	☐
Feminino	☐

2. Idade:

De 25 a 29	☐	De 45 a 49	☐
De 30 a 34	☐	De 50 a 54	☐
De 35 a 39	☐	De 55 a 60	☐
De 40 a 44	☐	> 60	☐

3. N.º de anos de actividade profissional: ____ anos

4. N.º de anos na escola actual: ____ anos

5. Formação Académica:

Bacharelato	☐
Licenciatura	☐
Mestrado	☐
Doutoramento	☐

6. Situação Profissional:

Quadro Nomeação Definitiva	☐
Quadro de Zona Pedagógica	☐
Contratado	☐

7. Nível de ensino que lecciona:

1º Ciclo	☐
2º Ciclo	☐
3º Ciclo	☐

8. Cargo(s) **actualmente** desempenhado(s) no Agrupamento:

Presidente/Membro do Conselho Executivo	☐
Presidente do Conselho Pedagógico	☐
Presidente / Membro da Assembleia	☐
Coordenador(a) de Estabelecimento	☐
Assessor(a) do Conselho Executivo	☐
Coordenador(a) de Departamento	☐
Coordenador(a) dos Directores de Turma	☐
Coordenador(a) de Ano	☐
Representante do 1º ciclo no Conselho Pedagógico	☐
Outro(s):	

9. Cargo(s) já desempenhado(s) na Escola:

Presidente/Membro do Conselho Executivo	☐
Presidente do Conselho Pedagógico	☐
Presidente / Membro da Assembleia	☐
Director(a) de Escola / Coordenador(a) de Estabelecimento (1º Ciclo)	☐
Assessor(a) do Conselho Executivo	☐
Coordenador(a) de Departamento	☐

Coordenador(a) dos Directores de Turma

☐

Coordenador(a) de Ano

☐

Representante do 1º ciclo no Conselho Pedagógico

☐

Outro(s):

10. Formação realizada ao nível da gestão e administração escolar:

Nenhuma

☐

Acção de Formação Contínua

☐

Curso de Especialização

☐

Outra(s):

Anexo IX

Pedido de Realização do Grupo Focal na EB 2,3

**Exm^a Sr^a Presidente do Conselho Executivo
do Agrupamento de Escolas (...)**

Assunto: Pedido de autorização para a realização de um “*Grupo Focal*” nas instalações da Escola Básica 2,3 (...).

Elsa Maria M. L. Pereira Serra, professora de nomeação definitiva do quadro deste Agrupamento de Escolas, presentemente a elaborar a sua Dissertação de Mestrado, pela Universidade Aberta, vem por este meio solicitar a V. Ex^a. a autorização para contactar os professores do Conselho Pedagógico do Agrupamento para solicitar a sua participação em entrevistas individuais e em grupo, inseridas num estudo de investigação intitulado “***A INTEGRAÇÃO DO 1º CICLO NOS AGRUPAMENTOS VERTICAIS DE ESCOLAS – o funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento do Concelho de Sintra***”.

Para a elaboração do estudo estabeleceu os seguintes objectivos de investigação:

1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas;
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento;
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas;
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento;
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento.

O estudo insere-se no âmbito académico, contribuindo para a realização da dissertação de mestrado, possuindo interesses pessoais e académicos. Face ao tema em estudo e ao problema a investigar, realiza-se um estudo exploratório de cariz descritivo, utilizando uma metodologia de investigação inserida no paradigma qualitativo.

A escolha deste tema prende-se com o conhecimento directo de duas dinâmicas distintas no funcionamento do Conselho Pedagógico, antes e depois do Agrupamento Vertical de Escolas em estudo ter sido homologado, em Junho de 2004. Para além das alterações no número de participantes, também ao nível dos assuntos tratados, da articulação entre diferentes realidades, do tempo necessário para executar cada ordem de trabalhos e da dinâmica de funcionamento do próprio órgão ocorreram alterações. O ano de instalação do Agrupamento – 2004/2005 – foi um período de aprendizagem colectiva e de adaptação a uma dinâmica distinta de trabalho em equipa. Através da observação e do diálogo estabelecido com colegas dos diferentes estabelecimentos de ensino, existe a percepção de que as alterações decorrentes desta mudança estrutural se fizeram sentir mais para as escolas do 1º ciclo (e Jardins-de-Infância), uma vez que passaram a ter uma menor liberdade de decisão individual, tendo que articular estratégias e procedimentos entre si e com a escola sede de Agrupamento.

Deste modo, solicito a V. Ex.^a autorização para me deslocar ao Agrupamento de Escolas e para utilizar as suas instalações para a realização de um “*grupo focal*”, constituído por oito docentes, com o objectivo de recolher os dados necessários à investigação. A data e hora da sua realização serão acordadas posteriormente.

Este estudo será efectuado mediante a aceitação de participação através do consentimento informado expresso num documento escrito e assinado por cada um dos participantes, cujo exemplar se anexa, bem como a carta explicativa para obter esse mesmo consentimento.

Desde já estabeleço o compromisso de respeitar o direito à autodeterminação, à intimidade, à confidencialidade, o direito à protecção de dados e a um tratamento justo e equitativo.

Atenciosamente, solicito deferimento

A Investigadora

Mem Martins, ____ de _____ de 2007

Anexo X
Transcrição da Entrevista Exploratória

ENTREVISTA 1

FRASES SIGNIFICATIVAS

Entrevista 1

21 de Abril de 2007

Antecedendo a gravação da entrevista, foi efectuado o agradecimento pela presença, bem como pela disponibilidade revelada ao aceder ao convite. Foi referido o nome da investigadora – Elsa Serra – e o facto de esta ser professora do Agrupamento em estudo. Foi então lembrado que a colaboração foi solicitada no âmbito da dissertação de mestrado e pedido que a entrevistada partilhasse as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe fossem colocadas. Foram ainda lembrados os objectivos referidos na carta para o consentimento informado anteriormente entregue – conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação – e os restantes entrevistados – os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. Esclareceu-se que o contributo da entrevistada tem um valor inestimável, pelo papel activo que desempenhou no processo de constituição do Agrupamento e pela posição privilegiada que detém decorrente do cargo que ocupa, sendo muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo, uma vez que a entrevista pretende exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. Finalmente, foi lembrado que, conforme autorização prévia, a entrevista iria ser gravada em áudio, para que nenhuma informação relevante se perdesse, e que todos os dados recolhidos seriam transcritos e analisados, garantindo-se a confidencialidade dos mesmos e a sua utilização exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente e a transcrição facultada, no intuito de ser validada. Foi ainda dito à entrevistada que, se em qualquer momento quisesse interromper ou ausentar-se, estaria à vontade para o fazer.

(...)

Elsa – *Então, relativamente ao primeiro bloco de questões a primeira pergunta é: antes do agrupamento ser constituído, como era constituído o Conselho Pedagógico?*

E1 – Boa pergunta. (risos) Antes do agrupamento ser constituído o Conselho Pedagógico era constituído como é hoje, sem 1º ciclo e sem o pré-escolar e sem o representante dos pais, das associações de pais, do 1º ciclo. Isto é, era constituído pela presidente do Conselho Executivo, pelo representante do Serviços de Psicologia e Orientação, pela coordenadora das auxiliares de acção educativa, por um elemento dos apoios educativos, por chefes de departamento¹ – que eu agora, assim de cor, não sei exactamente quantos são – mas pelo departamento de Ciências Físico-Naturais, pelo departamento de Educação Física, pelo departamento de ... não, a Educação Física estava nas Expressões, penso eu ... (alguma hesitação). Desde que nós passámos a agrupamento que houve uma mudança, eu penso que foi nessa altura ... não estou bem certa, mas era Educação Física ... portanto, o departamento de Expressões tinha Educação Física, acho eu ... ou não ... já não estou certa. Portanto, era o departamento de Educação Física, o departamento de Português, de Línguas Estrangeiras, o departamento de Ciências Humanas e Sociais ... e pronto, e os restantes departamentos que estão no Regulamento Interno são esses. Portanto, o Conselho Pedagógico era constituído por estes elementos e acrescentando um membro ou dois² – que às vezes apareciam dois – da Associação de Pais da Escola.²

Elsa – *E nessas reuniões de Conselho Pedagógico antes do agrupamento estar formado quais eram as principais temáticas abordadas?*

E1 – Antes do agrupamento estar formado, a lógica e as principais temáticas são as das questões pedagógicas³ ... portanto, abordávamos as questões da avaliação, abordávamos as

questões da avaliação e dos resultados dos alunos,³ abordávamos as questões dos apoios educativos dos meninos com necessidades educativas especiais,³ abordávamos ... portanto ... as questões dos currículos alternativos,³ portanto, das turmas com um regime diferenciado, com características e com um percurso diferenciado³ ... portanto, todas as questões pedagógicas, não é? E também o Projecto Educativo quando ele era feito⁴ ... o projecto ... o plano anual de actividades e os projectos curriculares de turma.⁴ Portanto, assim por alto, e tendo a certeza que falha aqui muita coisa, ...

Elsa – *Eram esses os assuntos?*

E1 – Eram.

Elsa – *E no decurso das reuniões quais eram as estratégias de trabalho que eram implementadas? ... No decurso de cada reunião do Conselho Pedagógico ...*

E1 – É assim ... durante ... em termos de animação da reunião?

Elsa – *Sim. Em termos da dinâmica ...*

E1 – Eu posso falar do momento em que eu era presidente do Pedagógico ... mas, portanto ... há uma coisa que tem que ser dita. É que o presidente do Pedagógico, ao contrário de muitas escolas, não era o presidente do Conselho Executivo.⁵ Em muitas escolas, portanto, o presidente do Conselho Executivo acumula a função de presidente do Conselho Pedagógico, uma vez que o Conselho Pedagógico é um órgão consultivo. Na nossa escola, desde que eu lá estou, nunca foi assim e, portanto, a dinâmica da reunião depende da dinâmica de cada um dos presidentes.⁶ Portanto, do que eu conheço, a estratégia de dinâmica de reunião é a ordem de trabalhos, absolutamente normal,⁶ com aquela ordem de trabalhos, de uma maneira geral, nunca é dada ... portanto, é marcada a reunião e é afixada^{6a)} – e sempre foi assim – agora, se calhar, com um pouquinho mais de tempo de antecedência por causa de sermos agrupamento⁷, mas era afixada a ordem de trabalhos, isto é, não havia muito porque não havia tempo de preparação da própria reunião⁸ ... e portanto é uma ordem de trabalhos que é seguida, em que ... tradicionalmente começa-se com o ponto das informações e depois cada um dos pontos – 3, 4 pontos, às vezes mais⁹ – o Pedagógico às vezes seguia ... mas houve tempos em que não havia mais de 3 ou 4 questões¹⁰ ... e 3 ou 4 questões que não eram ... portanto ... como eu disse, algumas vezes não eram tratadas pela rama, eram de facto aprofundadas.¹⁰

Elsa – *Mais aprofundadas ...*

E1 – Mais aprofundadas. Por isso o Pedagógico demorava muito tempo¹¹. Lembro-me ... há bocadinho não disse ... mas as questões da indisciplina e da disciplina eram também muito tratadas, as questões das regras e do regulamento interno¹², portanto ... tudo isso eram temáticas ... eram e continuam a ser ... temáticas do Pedagógico. Não há ... não há ... o nosso Pedagógico ... durante muito tempo não reunia à parte em termos de secções do Pedagógico, e ainda hoje nós temos dificuldade em nos organizarmos de acordo com essa tradição,¹³ quando é necessário então os departamentos reúnem como preparação do Pedagógico, as coordenadoras reúnem¹⁴ ... como também ... as coordenadoras dos directores de turma, como preparação do Pedagógico mas, normalmente, uma vez que há reuniões a mais, não acontece. Nós, na nossa escola, temos dificuldade em trabalhar por secções.¹⁵

Elsa – *Mas, uma vez que o presidente do Conselho Pedagógico e o presidente do Conselho Executivo não são, na nossa escola, a mesma pessoa, há uma reunião prévia entre os dois presidentes para prepararem ...*

E1 – Não.

Elsa – ... *por exemplo a ordem de trabalhos* ...

E1 – Normalmente ...

Elsa – ... *ou as informações que são dadas?*

E1 – Desde que eu sou presidente do Conselho Executivo, portanto, passaram, penso eu, dois presidentes do Pedagógico. Portanto, em fases anteriores e com outros presidentes, era sempre preparado o Conselho Pedagógico e havia até quem criticasse que as coisas já iam “cozinhas”.¹⁶ Eu fixei sempre esta questão do “cozinhar” e ... eu penso que tem que haver um encontro¹⁷ ... portanto, um encontro ... não muito formal mas um encontro, uma troca de impressões, de ver o que é que há a acrescentar.¹⁷ Portanto, neste momento ... portanto, o que é que eu faço enquanto presidente do Conselho Executivo com a presidente do Pedagógico? Portanto, a presidente do Pedagógico apresenta-me a ordem de trabalhos e, portanto, vemos rapidamente se há alguma coisa a acrescentar ou não. E como as coisas a acrescentar, normalmente, são no âmbito do Conselho Executivo¹⁸ ... portanto ... acabo, se houver alguma coisa a acrescentar, fazê-lo na própria reunião.¹⁸ Isto porquê? Porque há um empenho muito grande, por parte da presidente em, na preparação da reunião¹⁹ e, portanto, naqueles momentos que ela tem da componente não lectiva para, como presidente do Pedagógico, ela está a preparar a reunião e está a prepará-la muitas vezes sozinha²⁰ e eu ando sempre para trás e para a frente com muitas coisas que fazer. E também está a preparar um longo ... um longo documento ... que é o Projecto Curricular do Agrupamento²¹ e, portanto ... que não ...

Elsa – *Mas isso é mais tarde?*

E1 – Não. Desde o princípio do ano que ela vem trabalhando com os diferentes grupos da comunidade educativa, com o 1º ciclo, com o pré-escolar, etc, para fazer este projecto ...²²

Elsa – *Mas isso é no pós formação do Agrupamento?*

E1 – No pós formação do agrupamento ... e portanto dificulta um bocado esse encontro. Portanto, eu raramente me encontro formalmente para preparar o Pedagógico.²³

Elsa – *Tanto agora como antes do Agrupamento?*

E1 – Enquanto presidente nunca fiz questão²⁴ de ... ao contrário de outros presidentes ... de reunir formalmente para preparar a reunião do Pedagógico.²⁴ Formalmente, no sentido de dizer ...

Elsa – *Nem quando era presidente do Pedagógico?*

E1 – Quando eu era presidente do Pedagógico era chamada e ia prepará-la com o presidente do Conselho Executivo da altura. Mas era eu que preparava.²⁵

Ocorreu uma breve interrupção da gravação

E1 – Como eu ia dizendo ... portanto ... eu estou tranquila por esse lado porque as duas presidentes de Pedagógico que estiveram durante os meus mandatos²⁶ – e os meus mandatos têm cinco anos, dois enquanto EB 2,3 (...) e três enquanto Agrupamento (...) – que efectivamente foram bem eleitas dentro do Pedagógico porque eram de facto as pessoas que

maiores capacidades tinham. Têm uma grande capacidade de organização, de autonomia e de resposta.²⁶ É evidente que, se fosse eu ... se fosse eu presidente, as coisas não seriam assim. Porquê? Porque cada um de nós transporta para aquilo que faz as suas características pessoais.²⁷ Por exemplo, eu quando fui presidente do Pedagógico transportava para dentro do Pedagógico uma reflexão muito mais aprofundada.²⁸ Às vezes as pessoas chateavam-se por estar ali tanto tempo. As reuniões eram semanais e infundáveis²⁹ ... mas eu ... era assim a minha maneira de trabalhar, portanto, antes de decidir aprofundava.³⁰

Elsa – *Acabava por existir um maior número de reuniões antes, do que as que existem agora?*

E1 – Quando eu era presidente do Pedagógico nós reuníamos praticamente todas as semanas ... era imenso.³¹ Neste momento aquilo que estamos a tentar fazer,³² até porque ... talvez pelo desgaste dessa altura ... é que não se ultrapasse a reunião mensal.³² Porque ... é preciso reunir o Conselho de Docentes, é preciso reunir os departamentos, é preciso reunir ... é preciso reunir “n” coisas e o agrupamento é muito grande e só há uma 4ª feira com redução do horário lectivo dos miúdos para que possam existir reuniões. Isto na EB 2,3, porque o 1º ciclo e o pré-escolar reúnem depois das 18h30m.³³ Portanto, há aqui que ter algum cuidado em que as coisas realmente não ultrapassem determinados limites porque a carga horária do professor aumentou substancialmente nestes últimos anos³⁴, o que não acontecia anteriormente. Há cinco anos atrás não era assim. Pronto. As presidentes,³⁵ como eu estava a dizer, que existiram durante os meus mandatos são absolutamente ... elas coordenam comigo. Coordenam, mas não é preciso muito porque estamos absolutamente em sintonia³⁵, porque, por exemplo, ainda este anos, os grandes ... as grandes opções ... foram reflectidas em conjunto entre quem? Entre a presidente da Assembleia, comigo e com a presidente do Pedagógico. E que grandes opções são estas? Foi a forma de lançar a reflexão e a participação maioritária, portanto, do PEE¹ que tinha que ser aprovado ... do Projecto Educativo do Agrupamento ... foi a questão da avaliação externa, foi a questão do projecto TEIP² – o projecto TEIP foi bastante reflectido – e do projecto da autonomia ... portanto ... que foi aos departamentos, que teve reflexão dos departamentos, que veio para cima, mas que depois foi trabalhado praticamente por este grupo mais ...

Elsa – ... *mais restrito ...*

E1 – ... *mais restrito de presidentes, com uma assessora do Conselho Executivo para os projectos.*

Elsa – *Em relação, portanto, ao Conselho Pedagógico actual, depois do agrupamento estar formado, o número de elementos sofreu alteração?*

E1 – É um bocadinho maior. O número de elementos é um bocadinho maior.³⁶ Eu penso que nós éramos talvez uns dezoito ... quinze, dezasseis ...³⁷ já não me lembro. Neste momento nós somos vinte, sendo que a coordenadora das auxiliares nunca vai³⁸ e nem nós fazemos força para ela ir ... é uma falha ... porque eu preciso dela para trabalhar, não é verdade ... e se ela for eu tenho que lhe dar ... horas porque as pessoas não vão, de facto “à borla”. Portanto ela está presente ... as auxiliares ... portanto, o pessoal não docente estão presentes na Assembleia. Quando há necessidade do Pedagógico reflectir sobre alguma temática em particular que diga ... portanto, ela estará presente e será chamada.³⁸ Mas de facto o Pedagógico, pela opção que fizemos em Regulamento Interno, que eu considero que foi a

¹ PEE – Projecto Educativo de Escola

² TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária

melhor opção na altura, que foi ter um membro ... nós não temos um representante do 1º ciclo, ao contrário de muitos agrupamentos. Nós temos um representante por escola ...³⁹

Elsa – ... *de cada escola* ...

E1 – ... por cada estabelecimento de ensino e, portanto, isto faz com que o Pedagógico seja moroso. E depois também não temos um representante de Associações de Pais. Temos da (...) do 2º e 3º ciclo e temos o representante do 1º ciclo,⁴⁰ que no caso é da (...). Portanto, há de facto aqui uma ...

Elsa – ... *um acréscimo* ...

E1 – ... um acréscimo. Aliás, que não temos espaço para reunir⁴¹ e que me obriga por exemplo a... obriga-nos a ... possivelmente vou comprar ... já mandei, encomendei ... uma mesa. Uma mesa para pôr noutra sala porque o espaço é muito pequenino e cria algum atrito. Aquele espaço cria algum atrito e alguma forma de estar ...⁴²

Elsa – *Cria tensões entre as pessoas?*

E1 – ... tensões entre as pessoas, porque estamos todos completamente apertados e atrás uns dos outros.⁴³

Elsa – *E, para além destas tensões derivadas do aumento do número de elementos ...*

E1 – ... e da falta de espaço⁴⁴ ...

Elsa – ... *e da falta de espaço, em termos dos temas, das temáticas abordadas, que alterações existiram?*

E1 – As alterações ... portanto, não nos podemos esquecer que no primeiro ano do agrupamento o que teve que ... o que teve que ser feito era a instalação do agrupamento. Isso foi o primeiro ano. Portanto, o Conselho Executivo não acabou o seu mandato e, portanto, teve que passar ... não é ... a uma Comissão Instaladora do Agrupamento, que tinha que fazer avançar a discussão e uma reflexão sobre o Regulamento Interno e aprovar um Regulamento Interno do Agrupamento, que foi para homologação, e que tinha que preparar eleições para ...

Elsa – ... *para os órgãos* ...

E1 – ... para os órgãos ... Portanto, para além de gerir e tentar perceber,⁴⁵ não é, como é que ... todos ... todos no primeiro ano ... como é que todos nos íamos tentar perceber uns aos outros – pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º – houve também a construção, portanto, desta ... desta dinâmica.⁴⁵ E como é que isto se fazia. Como é que se fazia ... se as matriculas eram feitas em cada escola, se não eram ... portanto, toda uma maneira de trabalhar que foi repensada nesse primeiro ano.⁴⁶ Portanto, o primeiro ano foi para isso. No segundo ano, já como agrupamento instalado, portanto, tratou-se de elaborar o Projecto Educativo, que depois se atrasou um bocadinho porque nós quisemos que tivesse uma grande⁴⁷ _pa ...

Elsa – ... *participação* ...

E1 – ... participação.⁴⁷ E que até fomos um bocadinho penalizadas por não termos, na altura da avaliação externa ... não estava aprovado, não estava concluído ... e fomos penalizados um bocadinho por isso. Como falta de orientação e de rumo da escola, que eu considero isso

um bocadinho indecente, não é ... não, mas não reclamei porque de facto eu acho que às vezes nós não sabemos muito bem para onde vamos... quem souber que o diga mas acho que fomos um bocadinho penalizadas por isso, portanto, depois dessa fase de instalação portanto veio aquela fase da construção do PEE.⁴⁸ Foi o ano passado, portanto e este ano nós estamos na fase⁴⁹ que já também estamos... continuamos a estar atrasados, de ter os Projectos Curriculares de Agrupamento, bocadinho a bocadinho são aprovados em cada Pedagógico⁴⁹... e pronto e de fazer com que o agrupamento, devagarinho devagarinho, seja, tenha uma identidade e seja, e seja um todo... mais coeso.

Elsa – *E em relação às temáticas, também acabaram por se incluídas outras temáticas mais directamente relacionadas com os outros níveis de ensino...*

E1 – Sim... portanto, num Pedagógico o que é que acontecia? Acontece que o 2º e o 3º ciclo quando fala, quando pensa, pensa na sua escola, no 2º e 3º ciclo e, portanto o 1º ciclo, portanto... agora não se sente tanto, agora falha um bocadinho por exemplo o pré-escolar. O 1º ciclo já está mais integrado, o pré-escolar ... às vezes nós esquecemo-nos.⁵⁰ Nós, sede, nós professores da (...), e portanto são os colegas do 1º ciclo que dizem nós estamos aqui presentes, e trazem, não é, os documentos iguaizinhos aos nossos e ... e pronto, nota-se realmente que já há uma maior coesão.⁵¹ E já agora em relação ao agrupamento deixa-me dizer-te que também a forma como foi criado o agrupamento, penso eu, mas depois as pessoas dirão, não é muito parecida com outras maneiras de criar o agrupamento, portanto a forma que de lidar... havia o medo das pessoas perderem... o 1º ciclo perder a autonomia, perder poder, perder... não poder fazer isto e aquilo e portanto aquilo⁵² que, que... isto não tem muito a ver com o pedagógico, tem mais a ver com um órgão de gestão, aquilo que eu fazia era reuniões com as coordenadoras de estabelecimento e antes de ... as contas, portanto tudo, teve sempre tudo sempre à parte, cada uma tem as suas contas, cada uma tem... e portanto se as matrículas são aqui portanto eu deixei que... as coisas continuassem a ser como eram até aí e devagarinho, devagarinho, devagarinho então, mudando conforme elas estão abertas a essa mudança. Eu acho portanto que foi uma transição⁵³ que no princípio houve ali uns... atritos, mas não foi atritos por causa do agrupamento, eu acho que foi atritos por causa das componentes não lectivas, essencialmente isto. Que depois também teve a ver com o agrupamento, mas foi essencialmente por causa da componente não lectiva.

Elsa – *Mas isso relaciona-se com alterações que não têm propriamente ...*

E1 – São externas ...

Elsa – *... a ver com o agrupamento.*

E1 – ... mas que depois se reflectem dentro do agrupamento. Mas penso que é um agrupamento que... portanto, que têm calma ... e penso que há alguma ... pronto ... vai andando. Sim.

Elsa – *Em relação ao tempo das reuniões do Pedagógico, e sem compararmos com a altura em que era presidente do Pedagógico – já disse que fazia reuniões quase semanalmente – o tempo de duração das reuniões do Pedagógico agora, após o agrupamento, alterou-se em função do número de pessoas e dos assuntos tratados ou ...*

E1 – Não. Alterou-se, aliás, em menos tempo. O Pedagógico consegue praticamente reunir uma vez por mês,⁵⁴ coisa que ... em momentos de ... por exemplo, de aprovação de matrizes, ou de preparação de exames, ou de ... era difícil. Ou por exemplo, reflectir sobre a disciplina e a indisciplina, em momentos de pico ... era ...era difícil porque a recensão alongava-se.⁵⁵

Era quase como que uma espécie de formação.⁵⁶ Enquanto que, portanto, neste Pedagógico, aquilo que eu noto é que não há grande possibilidade de preparação e de debate ...⁵⁷

Elsa – *Quer dizer que a preparação tem que ser prévia?*

E1 – Exactamente. Há todo um trabalho preparado antes.⁵⁸ Portanto, neste Pedagógico, actualmente, com vinte e duas pessoas, a documentação vai toda praticamente ... já meia preparada. A apresentação já vai, já vai ... meia não, quase totalmente.⁵⁹ Portanto, fica muito pouco lá para dentro. Porque, de facto, o 1º ciclo leva a documentação preparada, porque há um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas do 1º ciclo. Há depois também um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas dos departamentos, portanto, as coisas ... as coisas já vão adiantadas. Muito adiantadas. Portanto, praticamente ali é só comparar e aprovar⁶⁰ ... portanto, podem ser longas uma vez por mês,⁶¹ mas não podemos esquecer que enquanto o Pedagógico antigamente, se calhar, reunia a partir das duas e meia, porque era só EB 2,3, agora não, é a partir das três e meia. Portanto, é uma hora mais tarde, porque as colegas do 1º ciclo que têm turno único só podem a partir das três e meia e ... portanto, podemos estar um bocadinho até às sete e meia, oito horas,⁶² mas não mais do que isso. Eu continuo a achar que ainda é longo ...⁶³

Elsa – *Salvo em situações excepcionais?*

E1 – Mas de qualquer das maneiras, eu penso que neste momento há uma preparação muito grande prévia, e que se não for assim ... se não fosse assim, tinha que prolongar-se.⁶⁴

Ocorreu uma breve interrupção da gravação

Elsa – *Então, comparando os dois Pedagógicos, o antes e o depois do agrupamento, e até a função que neles desempenhou – agora como presidente do conselho Executivo, antes como presidente do Conselho Pedagógico – que diferenças maiores encontra ao nível de toda a dinâmica – temas, tempos, ... portanto, ao nível do funcionamento e da dinâmica do Conselho Pedagógico?*

E1 – As dinâmicas de trabalho dependem de “n” factores, há variáveis diversas, mas também dependem das dinâmicas da própria pessoa. Portanto, há sempre um cunho pessoal que as pessoas dão às coisas.⁶⁵ Portanto, no tempo em que eu estava no Pedagógico – há bocadinho eu dizia que se aprofundava muito mais, demorava-se ...⁶⁶ as reuniões, tínhamos muitas reuniões ...⁶⁷ mas estou-me a recordar que, por exemplo, nessa altura, houve o lançamento, por exemplo, do projecto da gestão flexível do currículo, que depois veio a dar na Reforma. Ora, esse projecto ... nós entrámos no projecto da gestão flexível do currículo⁶⁸ e, portanto ... foi todo, todo ele abordado, “mastigado” dentro do Pedagógico.⁶⁸ Em termos de cargas horárias para cada disciplina,⁶⁹ que anos é que entravam. Depois o alargamento, etc. Depois a formação que era necessária,⁶⁹ porque era necessário mudar, portanto, passar das horas ... dos 50 minutos para os blocos de 45 / 90 ... as novas áreas de currículo⁶⁹ que eram Estudo Acompanhado, a Área de Projecto – que era o Projecto Interdisciplinar, na altura – o Estudo Acompanhado ... etc. Portanto, tudo isto era, foi muito reflectido nesse Pedagógico⁶⁹, e eu nesse Pedagógico, portanto, o cargo que eu desempenhava – que não existe actualmente – era chefe do departamento de formação e, portanto, a formação teve muita importância nessa altura⁷⁰, a formação era essencialmente dos professores ... fizemos pequenas formações com funcionários ... mas era essencialmente de professores e era essencialmente auto-formação, ou se eu puder dizer, a formação na própria escola, feita pelos professores da escola, com a colaboração do Centro de Formação – portanto, o Centro de Formação dava os créditos – e nós fazíamos entre nós formações de partilha, exactamente nas novas áreas do currículo, que

era a Formação Cívica – na altura Educação para a Cidadania – Estudo Acompanhado e o Projecto Interdisciplinar. Isto para quê? Para que as pessoas pudessem transformar alguma coisa nas salas de aula e, portanto, pudessem dar essas disciplinas, não é ... essas áreas curriculares não disciplinares, com um suporte por trás. Portanto, nós fizemos isto durante dois anos. Portanto, tudo isto, o Pedagógico debruçava-se sobre estas questões ...

Elsa – *E daí ...*

E1 – ... e daí o tempo ser maior ... ser mais tempo para reuniões.⁷¹ Portanto, isto tudo era muito aprofundado.⁷² Hoje é muito mais gente, portanto, é muito mais ... eu não diria mais, mas é mais e com representações muito diversas, não é? Portanto, enquanto era 2º e 3º ciclo, era uma escola, agora são cinco escolas que estão ali ... são cinco ...⁷³ portanto, é a sede, são depois quatro estabelecimentos com 1º ciclo, de entre os quais dois têm pré-escolar, e depois há um pré-escolar isolado, que por acaso – o pré-escolar isolado que é só uma sala – é a colega que representa todo pré-escolar no Pedagógico. Portanto, todo este conjunto não permite que ... não permite. E portanto as coisas têm que ser – também tem muito a ver com a presidente actual, é a forma dela trabalhar⁷⁴ – e, portanto, ela leva tudo, tudo preparado. Leva, não ela ... ela faz com que as pessoas preparem antes. Portanto, ela dirige-se aos professores do 1º ciclo e diz-lhes que têm que fazer isto ... e eles encontram-se e preparam. Dirige-se aos professores do departamento – aos coordenadores do departamento – e preparam. Dirige-se ao SPO, e o SPO, se for preciso, prepara.⁷⁵ Portanto, quer dizer que as coisas vão todas preparadas e muitas das vezes, não é, as reuniões são muito tempo de apresentação de *Power Point*, de muita avaliação feita. De muita avaliação feita, sobretudo nos finais de período.^{75a)}

Elsa – *Então em relação, portanto, à formação do agrupamento vertical de escolas ...*

E1 – Dizia eu, desculpa, hoje não existe departamento de formação. Não é porque ele não fosse importante, é porque realmente as dinâmicas dependem das pessoas que estão à frente das coisas⁷⁶ ... muito. E também pelo tamanho, não é, pela quantidade de pessoas que estão no Pedagógico, este departamento, não é, acabou por ser aquele que depois ... em termos de Regulamento Interno, saiu. Saiu ... não sei se bem se mal, saiu porque era mais uma pessoa que lá estava dentro.⁷⁷ Assim, quem é que assume a formação? A própria presidente, o próprio Conselho, no seu todo.⁷⁸

Elsa – *Então, como eu estava a perguntar, formou-se o agrupamento vertical de escolas e isso, com certeza, levou ao aparecimento de factores positivos e, eventualmente, de factores também negativos para as várias escolas que constituem o agrupamento. Qual é a sua percepção em relação a esses factores, positivos e/ou negativos, que tenham aparecido, resultantes da formação do agrupamento?*

E1 – Os factores positivos são todos eles pedagógicos.⁷⁹ Tudo o que, penso eu, do ponto de vista pedagógico, não há nada que eu possa assim de repente recordar-me que possa ser negativo.⁸⁰ Aliás, a lei dizia que para a constituição de agrupamentos eram factores pedagógicos que deviam estar à cabeça. Embora depois, na realidade, nós sabemos que não foi isso. São factores económicos que estão por trás da formação dos agrupamentos. Portanto, do ponto de vista positivo, toda a partilha, todo o trabalho pedagógico, toda a aferição ... que mesmo com dificuldade tem sido feita ... que é uma das áreas que nós sentimos que devemos fazer mais ... é articular e aferir sobretudo, portanto, os ciclos, não é, o pré-escolar com o 1º ciclo⁸¹ e o ... embora aqui haja já aferição porque o pré-escolar está dentro do estabelecimento do 1º ciclo, nota-se essencialmente a necessidade de aferição e de junção, não é, entre o 2º ciclo e o 1º ciclo. Isto para fazer as pontes ...⁸² Voltando atrás, repete lá que eu perdi-me ...

Elsa – *Portanto, quais eram os factores ...*

E1 – Ah! Factores positivos ... portanto, e isto é positivo. Estes são os factores positivos. São os factores pedagógicos. As formas de trabalhar, as formas de ... de actividades, o próprio plano anual de actividades que começa, devagarinho, devagarinho, as escolas a terem actividades comuns anuais.⁸³ Portanto, cada uma tem as suas, mas depois também há algumas que são comuns, como por exemplo a Marcha Solidária, que eu tenho que referir porque foi um sucesso, não é, foi um sucesso que uniu o agrupamento. Todo o agrupamento participou excepto o pré-escolar por uma questão das idades dos alunos ... e funcionou muito bem ... até com a comunidade exterior⁸⁴ ... Pronto, esta é a parte positiva. As partes negativas ... é que tudo o que é recurso, não é, e que existia ... eu considero isto negativo. Podem-me chamar egoísta, mas é que tu agora tens os recursos e quanto aos recursos, aquilo que querem é que os recursos que tu tens, ou que tinhas na EB 2,3, portanto, têm que ser recursos que são geridos, não é, ao nível do agrupamento.⁸⁵

Elsa – *Do agrupamento ...*

E1 – Sim. Estamos a falar, por exemplo, de funcionárias. É sempre difícil gerir. Estamos a falar, por exemplo, de gerir recursos humanos ... por exemplo, para as provas de aferição agora, não é? Se não chegarem os professores do 1º ciclo, vamos ter que mandar professores do 2º e do 3º.⁸⁶ O que é que acontece? Isto é um aspecto positivo? ... Quer dizer ... é assim ... é um aspecto, se calhar, que as pessoas podem não aceitar muito bem, não é? Agora, têm que sair do seu local de trabalho e ter que ir fazer noutro.⁸⁷ Se calhar até vão aceitar ... sem problema ... mas poderão não ... não ... não aceitar bem. Isto é, portanto, com os mesmos recursos, gerir isto tudo.⁸⁸ E em termos de funcionárias, é preciso mandar ... Falta uma funcionária no 1º ciclo ... mando funcionárias do 2º e 3º. Isto quando, na sede, já há falta de funcionárias.⁸⁹ Mas isto para quê? Para não fechar as escolas.⁹⁰

Elsa – *Há mobilidade do pessoal não docente?*

E1 – Há mobilidade de ... Legalmente, neste momento, legalmente, pode haver mobilidade de todo o pessoal.⁹⁰

Elsa – *Docente e não docente?*

E1 – O que está no agrupamento. Aliás, como sabes, estão-se a preparar ... portanto, os quadros não vão ser de escola. Vão ser quadros de agrupamento. Portanto, isto quer dizer que os recursos são geridos ao nível do agrupamento e ao nível de cada escola. E chegar aqui é um percurso difícil, porque as pessoas têm medo do que vem por aí.⁹¹ De qualquer das maneiras, portanto, nós ... bem, eu. Aqui já não é bem o Pedagógico. Esta parte é a parte de ... portanto, do ponto de vista pedagógico eu, para mim, acho que é tudo positivo, porque se aprende, porque se conhece como é que é que os outros trabalham, se conhece quais são, portanto, as componentes do pré-escolar, se conhece qual é o currículo do 1º ciclo ... e o 1º ciclo conhece qual é o do 2º e 3º e vê como é que se trabalha. Portanto, há aqui uma aprendizagem ... inter-aprendizagem por parte de todos, e isto é muito positivo.⁹² Depois, o que é que é negativo? Por exemplo, sei lá ... por exemplo, antigamente as coordenadoras resolviam os problemas – as coordenadoras de estabelecimento – os problemas de disciplina, resolviam-nos lá, não é? Hoje, se for preciso, chamam-me ... à presidente para ir resolver os problemas de indisciplina ou focos de indisciplina graves que possa haver⁹³ ... Já tenho sido chamada. Sou chamada para ir resolver, por exemplo, focos de conflito entre funcionárias.⁹³ Já fui chamada para resolver ... sim. Portanto, negativo é, não tendo muitas vezes muitos recursos, não é, ter que os gerir assim.⁹³

Elsa – *E ao nível do trabalho burocrático em termos de secretaria? Revelou-se positiva a junção? Negativa?*

E1 – É assim ... A nossa secretaria ... eu costumo dizer que, portanto ... nesse aspecto foi impecável. Porque devagarinho, devagarinho ... mesmo as matrículas do 1º ciclo eram feitas nas escolas. Cada uma fazia as suas. Neste momento, ao nível do 1º ano, elas são feitas na secretaria.⁹⁴

Elsa – *E isso é facilitador?*

E1 – São feitas na secretaria ... porquê? São feitas na secretaria porque ... no sentido de gerir as vagas.⁹⁴ Porque é assim ...

Elsa – *As vagas são do agrupamento?*

E1 – Exactamente. Do agrupamento. Portanto, eu posso ter menos ... as distâncias não são muito grandes ... e, por exemplo, no pré-escolar ... se os pais vêm eu posso ... assim sei que as inscrições não são só daquele Jardim-de-Infância. É daquele Jardim-de-Infância, mas se eu tiver vaga noutra eu digo ao pai – olhe, tenho vaga em tal sítio. Se o pai entender que pode ser, a criança vai para ... E, portanto, é gerido assim ao nível do 1º ano.

Elsa – *Para os encarregados de educação ...*

E1 – Facilita a vida dos encarregados de educação.⁹⁴ Dificulta a vida da secretaria, mas o trabalho administrativo tem que ser feito na secretaria.⁹⁵ É assim que eu entendo e, de facto, a secretaria teve – a secretaria e não só a secretaria. Portanto, toda a gente, ao nível dos órgãos, teve um acréscimo de trabalho. Portanto, os órgãos – o Pedagógico teve um acréscimo de trabalho, o Conselho Executivo teve um acréscimo de trabalho. É um “fim do mundo” de acréscimo de trabalho. E a secretaria teve também um acréscimo de trabalho tremendo ... a Assembleia ... teve, no sentido de pensar.⁹⁶ etc, mas continua a reunir uma vez trimestralmente e sempre que é necessário. Portanto, acrécimo de trabalho mesmo, mesmo, mesmo é Pedagógico – porque há muito mais reflexão para fazer, porque engloba vários ciclos e, portanto, várias realidades. Porque a indisciplina no 2º e 3º não é exactamente a mesma coisa, não é, que no 1º.⁹⁷ A forma de ... portanto, nós, por exemplo, temos processos disciplinares no 2º e 3º. No 1º ciclo, não é, não existe ... não existe isso. Portanto, há outra forma de estar ...

Elsa – *Mas, por exemplo, a sinalização dos alunos com problemas a qualquer um dos níveis – de aprendizagem ou de comportamento – ficou facilitada pelo facto de se ter constituído o agrupamento?*

E1 – Não, isso já existia. Nós já fazíamos isso nessa parte. Antes de sermos agrupamento nós já fazíamos a ponte com as escolas, essencialmente no final do ano. Fazíamos a ponte com as escolas do 1º ciclo das quais recebíamos alunos. No final do ano os apoios educativos e o SPO faziam um trabalho com os professores da educação especial e com os professores do regular, das turmas do 4º ano, e faziam esse levantamento. Fazíamos reuniões. E fazíamos também a integração dos miúdos, que era no final do ano. Os miúdos do 4º ano visitavam a nossa escola, para irem vendo a escola para onde eles iam. Isto antes de sermos agrupamento. Isto é, nós antes de sermos agrupamento treinávamos ser agrupamento. Até porque antes de sermos agrupamento – e foi no 1º ano em que foi lançada a ideia do agrupamento – já tinha havido reflexão antes. E, de comum acordo, decidimos não avançar para agrupamento. Portanto, nós avançámos para agrupamento quando fomos obrigados. Nós, as escolas todas.

Elsa – *Agora, falando mais concretamente nas escolas do 1º ciclo e na sua percepção sobre a integração deles no Conselho Pedagógico. Que dificuldades é que acha que as escolas do 1º ciclo – e que vantagens – eles sentiram por se terem que ... por terem que estar representados no Conselho Pedagógico? Ou seja, pelo facto das escolas do 1º ciclo terem que vir integrar o Conselho Pedagógico do Agrupamento, isso ter-lhes-á causado dificuldades ou vantagens, na sua percepção?*

E1 – Há vantagens e desvantagens. Por exemplo, sei lá, há um Regulamento Interno comum⁹⁸ – por exemplo, nós temos 3 ... temos 5 ... não, nós temos dois estabelecimentos que são relativamente pequenos ... Portanto, ... por exemplo, estou a pensar nas visitas de estudo ... que o nosso Regulamento aprovado para o agrupamento é rígido, e nós estamos com alguma rigidez a esse nível. Portanto ... a esse nível as escolas do 1º ciclo não precisavam de autorização de um Pedagógico nem de um Conselho Executivo,⁹⁹ não é ... isto é, de autorização não, de pedir que as visitas sejam aprovadas em Pedagógico e de ter que ter o aval do Conselho Executivo para se poderem realizar. E, portanto, há visitas de estudo que, efectivamente, se calhar nós não deixamos, não permitimos porque não há o número suficiente de acompanhantes ou porque prejudica a vida ... o dia-a-dia ... aquele dia na escola, e eles não vão. Isto quando anteriormente se calhar não tinham esse problema e, portanto, a escola decidia por si. E isto, penso que será uma dificuldade para eles.¹⁰⁰ Vantagens ... vantagens ... eu acho que há uma aprendizagem muito grande da parte das pessoas relativamente a questões pedagógicas, a questões de formas, também, de dar aulas e sobretudo, sobretudo, em relação à avaliação e a modelos, a modelos que a lei preconiza,¹⁰¹ como por exemplo esta ... esta Lei 50 ... com os planos ... as crianças que têm ...

Elsa – *... planos de recuperação ...*

E1 – Sim, os planos de recuperação com as crianças que têm três ou mais níveis negativos têm que ter plano de recuperação ... portanto, os modelos são únicos ao nível do agrupamento todo. Portanto, eu penso que ... eu acho que enriquece mais do que dificulta.¹⁰² Embora ... embora pense que ... é assim: quanto mais pequenas fossem as unidades, mais em família, mais fácil se torna gerir as coisas e fazer as coisas ...¹⁰³

Elsa – *Ao nível da comunicação, por exemplo?*

E1 – Ao nível da comunicação. A todos os níveis. Por exemplo, numa escola pequena as pessoas vêm-se ... sempre. Basta a conversa. No agrupamento é preciso fax, é preciso telefone, é preciso comunicar com este e com aquele, trocar ... Portanto, a comunicação é um dos factores talvez mais problemáticos ... porque é difícil, porque somos muitos, porque é muita gente, porque são muitas escolas. E depois tem que ser uma comunicação dos órgãos, entre os vários órgãos, entre as escolas. Porque depois a comunicação também tem que ser bem feita, não é? Porque senão às vezes passa uma informação que não é exactamente assim.¹⁰⁴ E depois estão a telefonar para lá a saber afinal como é que é. Pronto.

Elsa – *Foi fácil – porque acompanhou o processo – foi fácil a escolha dos elementos que viriam representar as suas escola no Conselho Pedagógico?*

E1 – É assim ... eu não tive influência nenhuma ... foi fácil, mas ...

Elsa – *Mas tem a percepção do que terá acontecido?*

E1 – Tenho a percepção de que ... não é fácil. Tenho a percepção de que não é fácil, mas não é no 1º ciclo. É no pré-escolar.¹⁰⁵ Porque ... portanto ... eu por acaso não acho muito bem ...

eu penso que o pré-escolar tem que ter representação. Tem que ter representação, mas não acho bem que cinco salas do pré-escolar tenham uma representação em todos os órgãos, como se fossem ... Pronto, ok. Mas são cinco salas de pré-escolar e ... e ... também não sei propor outra coisa, mas o pré-escolar tem que ter ... tem que estar no Conselho Executivo, tem que estar no Conselho Pedagógico e tem que estar na Assembleia. Ora, nós temos cinco educadoras¹⁰⁶ ... certo ... são cinco salas, cinco educadoras ...

Elsa – ... *num total de ...*

E1 – ... de três órgãos. Portanto, só não temos duas em órgãos. De resto, três educadoras estão em órgãos.¹⁰⁶ certo? Neste caso são seis. Porque há uma ... porque a do Conselho Executivo, portanto, neste momento está destacada e está sem turma, não é? Mas ...

Elsa – *Mas em relação ao número total de professores do agrupamento é um número muito pequeno?*

E1 – Muito. Sim. No conjunto do número total de professores do 2º e ... dos outros ciclos – 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo – o pré-escolar ... isto é uma insignificância. É importante que esteja o pré-escolar, mas eu não sei se com tanta ... E isto, para ver, é uma dificuldade. Porquê? Porque quando forem as eleições, quando houver eleições, elas não querem ... não querem rodar. Portanto, vamos esgotar o pré-escolar. Quer dizer que nesta 1ª fase ainda temos pré-escolar em todos os órgãos, mas eu estou à espera que numa 2ª fase o pré-escolar vai-se recusar ... penso eu ... porque serão sempre as mesmas pessoas ... ad eternum¹⁰⁷

Elsa – *Então, acha que em relação ao 1º ciclo isso será mais fácil?*

E1 – Não ... há sempre. Há muitos professores do 1º ciclo.¹⁰⁸

Elsa – *Os professores que são representantes no Conselho Pedagógico, quer sejam do 1º ciclo quer do pré-escolar têm que pertencer aos quadros de ...*

E1 – Têm. Têm que pertencer.

Elsa – ... *das escolas?*

E1 – Das escolas respectivas. Faz parte do Regulamento Interno. Preferencialmente, sim. Só se não houvesse. Mas havendo, têm que pertencer.

Elsa – *Portanto, também terão que rodar entre si os professores que ...*

E1 – Sim, mas no 1º ciclo ... nós temos muitos professores do 1º ciclo. Porque nós temos ... agora não sei ... mas temos seis turmas de um lado, mais três, mais dezoito, mais dezasseis ... portanto isto dá no total quase tantas como as 42 da (...)

Elsa – *Por isso, haverá ...*

E1 – Exactamente ... 43 professores do 1º ciclo ... há muito por onde ...

Elsa – *Não se põe então o problema da rotatividade no caso do ...*

E1 – Não. Penso eu.

Elsa – *E em relação – continuando a ser a sua percepção – em relação ao docente que está no Conselho Pedagógico, à representação da sua escola no Pedagógico, mas referentes ao próprio docente, que dificuldades ou que benefícios é que esse professor sente, ou poderá sentir por estar no Pedagógico?*

E1 – A sensação que eu tenho sobre os professores do 1º ciclo – todos eles, os que passaram pelo Conselho Pedagógico – eu penso que passaram com muito agrado. E também penso que deram uma muito boa contribuição ao Conselho Pedagógico. E eu, ainda hoje, acho isso. Acho que os professores dão importância, porque eles são eleitos.¹⁰⁹ Portanto, não é o coordenador – da mesma maneira que não é o presidente do Conselho Executivo que vai ao Pedagógico – não é o coordenador de estabelecimento que vai ao Conselho Pedagógico. É outro. Portanto, é como se o coordenador do estabelecimento está perto do Conselho Executivo, e depois tem alguém que o ajuda, que é o coordenador pedagógico. E esse coordenador é eleito pelo Conselho de Docentes e é eleito para ir exactamente a Pedagógico.¹¹⁰ Portanto, aquilo que se passa entre o Conselho Executivo e o Pedagógico, passa-se também – e isto também pode ter vantagens e desvantagens, porque às vezes já se tem posto a questão afinal de contas ... como é que nós preparamos ... quem é que prepara o Conselho de Docentes, quem é que coordena o Conselho de Docentes,¹¹¹ não é?

Elsa – *E então qual é a prática actual ...*

E1 – Eu costumo dizer que preparem os dois em conjunto.

Elsa – *Em conjunto? Ou seja, obriga a uma reunião prévia ou a um encontro prévio entre ambos?*

E1 – Sim, entre ambos.

Elsa – *Mas e quais são então as vantagens ... tanto para o professor como para ... Portanto, no Conselho Pedagógico está um representante pedagógico das escolas do 1º ciclo, que não é o coordenador de estabelecimento ...*

E1 – Que não é o coordenador do estabelecimento.

Elsa – *E o facto de não haver essa coincidência terá, como já disse, aspectos positivos e negativos. Mas quais são esses aspectos então?*

E1 – É a autonomia ... os órgãos são consultivos e, portanto, são consultivos e quer dizer que podem expressar opiniões próprias. Eu acho que esta independência é muito positiva.¹¹² Tem desvantagens, mas eu acho que as vantagens são ... eu acho que as vantagens são superiores às desvantagens. Portanto, uma desvantagem poderia ser ... portanto ... eu, como presidente poderia – presidente do Conselho Executivo – aquilo que eu preciso é de consultar o Pedagógico sobre determinada coisa e levo esse assunto a Pedagógico e consulto. Como sou presidente do Conselho Executivo³, consulto, está consultado, e depois decido com o Conselho Executivo se é assim ou se não é. Ora bem, ao haver aqui uma certa independência ... eu acho que o 115º apontava, não dizia. Portanto, anteriormente ... no decreto-lei existente anteriormente no tempo dos Conselhos Directivos, isto era mesmo assim. O presidente do Pedagógico era o presidente ... era o presidente do Conselho Directivo.

Elsa – *Obrigatoriamente?*

³ Por lapso da entrevistada, esta trocou o seu cargo, tendo sido feita a respectiva correcção na transcrição.

E1 – Obrigatoriamente. Era assim. E, portanto, uma parte dos Conselhos Executivos – eu penso que vem dessa altura – manteve-se assim, achando que é vantajoso, não é? A nossa escola, porque fez a experiência do 172º com o Director Executivo e depois passou ao 115º, não é, manteve a partir do 172º esta independência – porque o 172º com o Director Executivo apontava para que, efectivamente, o presidente do Pedagógico não tinha que ser e não deveria ser ... portanto, não deveria acumular. Portanto, os órgãos – e essa é a minha opinião – não deve haver acumulação de poderes na mesma pessoa, nos órgãos. Quer seja Assembleia, quer seja Pedagógico, quer seja Conselho de Docentes.¹¹³ quer seja ...

Elsa – *Mas então as vantagens terão a ver com essa autonomia que o representante tem ao poder expressar as opiniões que trás dos seus pares?*

E1 – É.

Elsa – *E a desvantagem? Ou as desvantagens?*

E1 – A desvantagem é eventualmente a questão da articulação. Se calhar era mais fácil, porque aqui tem que haver uma articulação. Portanto era mais fácil ter uma pessoa e pronto. Essa pessoa prepara a reunião, orienta, acabou, ponto final, não é? Aqui assim tem que haver alguma articulação.¹¹⁴ Mas também não tem que haver muita, porque eu pessoalmente acho que o presidente do Pedagógico tem toda a autonomia, não é, sem que eu ... tem toda a autonomia para preparar a reunião e depois ... Porque é assim que eu faço. A Presidente do Pedagógico faz assim comigo. Pergunta se há alguma coisa aqui, se acho que é isto ou isto, se quero acrescentar alguma coisa ... e eu, os pontos que quero acrescentar, eu acrescento.

Elsa – *Mas isso é em relação ao presidente do Pedagógico ...*

E1 – A mesma coisa acontece com o Conselho de Docentes.

Elsa – *E com o representante ...*

E1 – Certo. Eu não vejo ... Isto é assim. É mais complicado. Mas eu acho que é – as vantagens superam as dificuldades – acho que é preferível trabalhar assim. É mais ... acho que as pessoas assim sentem que não é tudo uma jogada, que não é tudo uma questão de poder, que alguém está a “endrominar”, a tentar ...¹¹⁵

Elsa – *... manipular? ...*

E1 – Manipular! Pronto. É isso que eu quero dizer.¹¹⁵

Elsa – *Mas enquanto presidente do Conselho Executivo acaba por ter que reunir algumas vezes com os coordenadores de estabelecimento, ou não?*

E1 – Sim. Só por questões administrativas.

Elsa – *Só com os coordenadores de estabelecimento?*

E1 – Sim. Ou para questões que por exemplo ... sim.

Elsa – *E nessas reuniões não estão presentes os representantes ...*

E1 – Não. Nem têm nada que estar. Falo de dinheiros, falo de matrículas, falo ...

Elsa – *Então o papel desempenhado por um e por outro é diferente?*

E1 – É.

Elsa – *E não se cruzam?*

E1 – Poderão cruzar-se. Mas, à partida, não cruzam muito. Por exemplo, sei lá ... marcar prazos de matrículas ... ver, por exemplo ... fazer turmas, ou controlar como é que as turmas estão a ser feitas ... deixa cá ver mais ... organizar, por exemplo, do Plano Anual de Actividades, as questões para enviar para a Câmara, para irmos à “Feira das Escolas – que agora não se chama assim mas eu não me estou a lembrar – portanto, mostrar, fazer uma mostra das actividades. Porque a Câmara dá o dinheiro para as escolas perante o Plano Anual de Actividades do conjunto do agrupamento e de cada escola e o número de alunos. Portanto ... e as necessidades de recursos materiais, eventualmente. Fazer o balanço de como é que está o enriquecimento curricular, se as coisas estão a funcionar ou não. Por exemplo, se temos salas ou não para fazer o enriquecimento curricular em algumas escolas do 1º ciclo ... tudo isto eu faço com as coordenadoras.

Elsa – *Mas falou de dinheiro. Esse dinheiro que vem da Câmara e que anteriormente ao agrupamento vinha directo para as várias escolas, agora entra na sede do agrupamento?*

E1 – O dinheiro ... sim. A única entidade administrativa é a sede do agrupamento.¹¹⁶

Elsa – *E é a sede do agrupamento que faz a distribuição ...*

E1 – Que paga.

Elsa – ... pelas escolas?

E1 – Não. É a própria Câmara.

Elsa – *Já vem determinado ...*

E1 – Já vem determinado. Por cada escola um X.¹¹⁷ E portanto ... e eu respeito isso. Portanto, em termos de verbas, cada escola sabe. E as escolinhas sabem que aquela que tem aquela verba, e gastam aquela verba.¹¹⁷

Elsa – *Mas, de qualquer forma ...*

E1 – E não podem gastar mais do que aquela. Porque aquela é a delas.¹¹⁸

Elsa – *Por exemplo, se elas precisarem de comprar materiais ou qualquer outra coisa ...*

E1 – Vamos supor papel higiénico. Imagina que ...

Elsa – ... têm que pedir a quem?

E1 – Não. Têm que pedir a quem? Imagina ... não, não pedem. Elas sabem o dinheiro e governam-se com aquilo que têm.¹¹⁹ Mas imagina que ...

Elsa – *Portanto, não têm que fazer uma requisição, por exemplo?*

E1 – Fazem sim.

Elsa – *À escola sede?*

E1 – Fazem a requisição à escola sede. Mas a requisição é do ... a requisição é feita na escola sede mas das coisas delas.¹²⁰

Elsa – *Da verba que já lhes foi atribuída?*

E1 – Pois. Delas. Que lhes foi atribuída. E que elas têm, por exemplo, de contribuições de pais. Aquilo que o pai contribui não é para o 1º ciclo em geral. É para o 1º ciclo daquela escola. A verba do pré-escolar daquela escola e daquele pré-escolar é para aquele pré-escolar. Ponto final parágrafo. Não há, como às vezes ouvimos dizer, que a escola sede retira às escolas e depois dá. Não. Portanto elas ...

Elsa – *Então, em termos financeiros, não perderam autonomia, não estão dependentes para poder decidir que a verba é para aquilo?*

E1 – Não, não. A conta é nossa mas para cada escola, para cada estabelecimento, há um livro próprio. Portanto, elas sabem exactamente quanto é que têm e quanto é que não têm, quanto é que podem gastar e quanto é que não podem.¹²¹ Agora é assim: se necessitarem, por exemplo – imagina – de ... por exemplo, sei lá ... eu agora com o enriquecimento curricular ... eu tenho verba ... ganhámos dinheiro. Há uma mais valia que é para quê? Que tem que ser investido em materiais para ... ligados ao enriquecimento curricular. E agora onde é que há o enriquecimento curricular? Só em duas escolas. Portanto, só as duas escolas é que poderão usufruir. Mas também depende do material. Porque se eu comprar ... sei lá ... se apostar em determinado tipo de material. Por exemplo, agora comprei material para educação musical e para educação física. Mas poderei pensar, por exemplo, em Inglês. Certo? Portanto, quer dizer que as escolas que o tiverem poderão usufruir destes materiais. Mas poderei pensar, por exemplo ... sei lá ... em aparelhos de som. O aparelho de som pode ser usado no enriquecimento curricular. Mas o aparelho de som eu posso depois fazer, gerir ... mas ainda é pouco, pronto. De qualquer das maneiras, se elas precisarem destas coisas, elas sabem que nós na sede temos e pedem. Já não é a primeira vez.¹²² Sim ... elas não costumam fazer muito isso ... mas se não têm sabem que se nós tivermos disponível podem requisitar e usar.¹²²

Elsa – *Essa capacidade, então, por exemplo, de requisitar materiais que pertenceriam à escola sede acaba por ser uma vantagem ...*

E1 – Mas que é muito pouco usada. Elas não usam muito, porque não precisam.¹²³

Elsa – *Porque não precisam ou porque, como não é hábito, nem se lembram?*

E1 – Não usam. Ainda não aprenderam. É toda uma fase de aprendizagem.¹²³ E porque não usam, sabes? Mesmo com os próprios computadores, não é, elas usam pouco. Está um por sala mas aquilo é uma confusão. Aquilo é uma confusão, porque aquilo tem um programa instalado mas que não funciona e é da responsabilidade da Câmara. Portanto, olha ... esta é outra dificuldade com o agrupamento. É que enquanto as escolas do 1º ciclo dependem da Câmara ... portanto, eu, para introduzir qualquer coisa no 1º ciclo tenho que falar com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra ... nós – 2º e 3º ciclo – dependemos do ... directamente do Ministério da Educação, não é? Por exemplo se eu quiser ... mesmo em termos de recursos, para as escolas do 1º ciclo peço a quem? À Junta de Freguesia e à Câmara. Para o 2º e 3º ciclo a quem é que eu peço? Ao Ministério da Educação.¹²⁴ Embora eu

pense que, a nossa escola sendo uma escola até ao 9º ano, portanto ... a prazo, todo o ensino básico vai passar para a Câmara. Não é agora porque as Câmaras ... não há Orçamento de Estado para dar às Câmaras para poderem depois gerir. Mas muitas coisas ... portanto ... isto também é diferente, esta gestão, percebes? Mais coisas ... Não sei se eu estou realmente ... há de facto coisas diferentes que eu me vou lembrando, como esta dependência, por exemplo. É diferente. Por exemplo, ainda uma outra diferença, com o agrupamento ... por exemplo, tu tens enriquecimento curricular no 1º ciclo, certo? Num 2º e 3º tens aquelas actividades que eu posso dizer – que não se chamam de enriquecimento curricular - mas que eu também posso chamar, que são as actividades de substituição, podes ter os clubes, podes ter o desporto escolar.¹²⁵ podes ter ... etc. As actividades de enriquecimento curricular dependem do Ministério da Educação, anualmente, da verba que é contratualizada ... tem sido, foi o ano passado contratualizada com a Câmara, e depois ... portanto, a Câmara é que assumiu ... a Câmara de Sintra assumiu ... depois chega a nós o dinheiro e os professores que vão ... os monitores que vão trabalhar nestas áreas, que são escolhidos por nós.

Elsa – *E existem constrangimentos em termos das dimensões das escolas e do número de alunos?*

E1 – Existem sim. Só duas, as escolas mais pequeninas. Uma, só uma das nossas escolas é que tem turno único e pode ter enriquecimento curricular. A outra escola pequenina tem duas turmas ... portanto, andamos a fabricar espaços para que todas as turmas tenham, mas que cria problemas em termos de conflito e de indisciplina, porque aquilo desorganiza aquele espaço, que é um espaço muito pequenino para ter tanta coisa. Nas outras duas gera conflito com os pais porque os pais querem que, pelo menos, os miúdos tenham Inglês, e os miúdos não têm nada. Porque eu ... eu, onde é que os vou pôr a ter Inglês? A Câmara também não encontra ... portanto, nessas duas escolas que são as maiores não há enriquecimento curricular. Só há o apoio ao estudo. O pré-escolar, por sua vez, não tem nada disto, porque tem uma outra orgânica. Porque remete para um acordo com as Câmaras, os próprios pais teriam que pagar e remete para ... Portanto, são formas de trabalhar diferentes e isto, isto é complicado.¹²⁵ Portanto, aqui são as desvantagens, porque as maneiras de trabalhar são muito diferentes¹²⁶ e as tutelas também são diferentes.¹²⁷

Elsa – *O que cria dificuldades?*

E1 – Algumas. Bastantes.

Elsa – *Porque aquela mobilidade de que falou há pouco entre os vários membros das escolas – porque assim como pode haver para os auxiliares de acção educativa, pode haver para ...*

E1 – Mas para o pré-escolar já não. Porquê? Porque o pré-escolar tem uma educadora e uma auxiliar, e a auxiliar é da dependência da Câmara Municipal de Sintra, da Educa. No caso do 1º ciclo, já é da dependência do Ministério da Educação. Portanto, eu rodo ... posso rodar, em termos das auxiliares que dizem respeito ao Ministério da Educação.¹²⁸

Elsa – *Mas essa possibilidade de rotação não pode acontecer, por exemplo, ao nível dos docentes da Língua Estrangeira, para que vão eles à escola?*

E1 – No enriquecimento curricular não. E não pode porquê? Porque o enriquecimento curricular é um protocolo e é pago. É pago por pacote. E, portanto, não podem ser os professores da escola a assumir estas funções. São empresas.

Elsa – *Portanto, essa é uma opção que não passa pelo agrupamento?*

E1 – Não passa pelo agrupamento. Passa pelo Ministério. Foi assim que ele decretou.

Elsa – *Portanto, não há qualquer autonomia nem qualquer possibilidade de o agrupamento ...*

E1 – Não ... Poder, pode haver, mas um trabalho paralelo. Por exemplo, é aquilo que dizíamos ainda no outro dia no Pedagógico, que é: as escolas que não têm enriquecimento curricular, portanto, que não têm aulas de Inglês – que são dadas através de um colégio, não é, particular ... não é pelos professores da escola – que haja algumas actividades pontuais e sistemáticas, pelo menos uma vez por período, para que os miúdos tenham algum contacto com o Inglês, isto para colmatar esta ansiedade que os pais têm porque os alunos não têm Inglês. Pronto, essencialmente é o Inglês.

Elsa – *Isso implicaria a deslocação dos alunos à sede?*

E1 – Ou dos professores às escolas.

Elsa – *Dentro do seu horário lectivo?*

E1 – Da componente não lectiva, por exemplo. Poderia ser arranjada aqui alguma ...

Elsa – *E essa seria uma decisão a ser tomada pelo Conselho Executivo ou ...*

E1 – Mas repara, aqui pode ser.

Elsa – *... ou por decisão do Conselho Pedagógico?*

E1 – A decisão é do Conselho executivo, porque quem faz a gestão dos recursos humanos é sempre ... mas sob proposta de ... pode ser avaliado. Agora, mas, por exemplo ... eu não posso lá ter, não é ... vou mandar um professor para o 1º ciclo, por exemplo, duas horas por semana, fazer o quê? Não tem espaço ...

Elsa – *Porque o que quer que seja, tinha que ser feito na sala de aula?*

E1 – Pois claro! Não tem. E que sala de aula? Não posso tirar espaço para dar Inglês ao currículo ... ao currículo normal. Portanto não, não pode ser. Tinha que ser extracurricular, percebes?

Elsa – *E aí há o problema do espaço, da falta de espaço?*

E1 – Portanto quer dizer que só em pequenas actividades. Por exemplo, fazer um pequeno ... uma vez por mês ou de mês em mês e meio, fazer uma pequena actividade, e isto não ... pronto ... é uma questão dos departamentos se organizarem e de rodarem. Da mesma maneira que fazem actividades para a sede, não é? Essa actividade ... um vai a um sítio, outro faz na sede, outro faz ... estás a ver? Rodar. Ou então trazer os miúdos à sede.

Elsa – *O que no caso das escolas que ficam mais afastadas ...*

E1 – É complicado.

Elsa – *... constitui um problema?*

E1 – É.

Elsa – *Não sei se ... eu terminei as minhas questões ... não sei se dentro desta temática que foi abordada da inclusão das escolas do 1º ciclo no agrupamento vertical e a sua integração no Conselho Pedagógico – tudo o que com isso se relaciona – não sei se quer dizer alguma coisa que não tenha dito até agora, que não tenha sido abrangida pelas questões colocadas ...*

E1 – Eu penso que ... é assim. Eu sinto ... é assim que eu vejo. Eu acho que o agrupamento coincidiu com uma fase ... uma fase infeliz de toda a política educativa. Infeliz no sentido de que os professores reagiram mal, não é, ... às alterações.¹²⁹ E portanto, eu costumo dizer até que eu “comi” com tudo. “Comi” com o agrupamento, “comi” com ... pronto, “comi” com as coisas novas todas ... sem ter experiência de gestão. Portanto ... eu costumo dizer isto. De qualquer das maneiras, e depois ... devagarinho, devagarinho, devagarinho, devagarinho ... portanto, embora ainda haja algumas fricções relativamente às componentes não lectivas, às substituições, se pode faltar ou não ... mas quer dizer, as pessoas perceberam que não era eu, não sou eu ... são as leis, não tem a ver comigo, nem com o agrupamento ... tem a ver com uma política nacional geral. Portanto, tem a ver com factores externos ... e, portanto, as pessoas vêem isso com o estatuto que foi aprovado, não é? Portanto, mesmo em relação ao faltar ou não faltar, etc, etc, etc. E, portanto, eu acho que ... que as pessoas do pri ... pronto ... se ... as pessoas do 1º ciclo estão felizes ... eu acho ... acho que é com agrado que estão no agrupamento, é com agrado que participam. Aliás, com maior disponibilidade do que os ... se calhar ... do 2º e 3º ciclo. Uma outra postura. Parecem-me mais ... mais abertos. Porquê? Porque é uma experiência nova, não é? ... Portanto, estão a “beber” toda uma nova experiência ... portanto, estão a fazer toda uma nova aprendizagem, porque eles não tinham este tipo de órgãos assim, desta maneira. Até o fazer as actas,¹³⁰ aquilo é tudo ... não é? ... Portanto, há aqui um aprender ... Por exemplo, no outro dia, dei-me conta como é que faziam as actas. E, portanto, neste momento, aquilo que ... portanto ... eu perguntei-lhes ... vamos também, devagarinho, devagarinho ... portanto, eles vão começando a utilizar as coisas que nós utilizamos. Porque nós já fazemos as actas em computador.¹³¹ No início do ano diziam-me ... uns já tinham começado a fazer no livro, e todos os professores do 1º ciclo assinam aquela acta. É assim. E eu disse: então se já começaram, para o ano fazemos a experiência, não é? Então para o ano, se calhar, toda a gente começa a fazer a computador. Portanto, e tudo isto ... devagarinho, devagarinho, devagarinho, vai entrando.¹³¹ E eu noto que eles querem fazer, portanto ... e entrar ... e entrar ... entrar e entrar bem. Onde eu sinto muito maior dificuldade é no pré-escolar. Desde logo, no primeiro momento, sempre senti o pré-escolar com maior dificuldade. E maior dificuldade porque ... é assim: mesmo ao nível geral ... para já porque são cinco salas ... depois, ao nível geral, não é considerado ensino básico. É o pré-escolar!¹³² Mas o pré-escolar é muito importante para ...

Elsa – ... na preparação ...

E1 – ... na preparação para o 1º ciclo. Simplesmente os nossos alunos só estão um ano, porque os nossos alunos ... os nossos alunos ... não recebem toda a população, só recebem, entram ... só há vagas ... cinco anos.

Elsa – *Voltamos a falar no excesso populacional?*

E1 – Exactamente! Só conseguem entrar os miúdos de cinco anos e ... se calhar nem todos. Mas é a prioridade. E, portanto, entram todos os ... Por exemplo, foi isso que nós fizemos este ano. Por exemplo, se calhar no JI de (...) – o que está isolado – entravam meninos de três e de quatro. Este ano já não entraram. Porquê? Porque nós demos prioridade aos de cinco

anos que não cabiam nos outros para entrar ali. Porquê? Porque nós queremos que todos quando entrarem no 1º ano, não é, tenham passado por um ano, pelo menos, de pré-escolar para terem alguma preparação.¹³³ O pré-escolar é complicado, é aquele que pior se integra, porque dentro, por exemplo ... nós temos várias realidades.¹³⁴ Temos um pré-escolar que é uma sala sozinha, é um estabelecimento – é uma sala no r/c de um prédio – temos um pré-escolar que já era quase que agrupamento dentro da escola do 1º ciclo em que estava inserido, que é a escola nº (...). Portanto, não havia ... a coordenadora ... não havia separação entre o pré-escolar e o ... e o ... e o 1º ciclo. Porque o nome da escola já apontava EB1/JI de (...). Enquanto que a nº (...) não. Só recentemente ... e aí penso que foi já depois, e foi com o agrupamento ... portanto, elas tinham uma “doença”. O pré-escolar era o pré-escolar e o 1º ciclo era o 1º ciclo. E portanto, a partir do momento em que foi agrupamento é que passaram a fazer reuniões conjuntas e com grande atrito, penso eu ... houve ali alguma ... entre o pré-escolar e o 1º ciclo.¹³⁵ Entretanto elas passaram a fazer parte do Conselho de Docentes e vão ao Conselho de Docentes, mas fizeram questão em reunir separadamente enquanto pré-escolar durante muito tempo¹³⁶ porque queriam que o agrupamento ... e isso veio algumas vezes a Pedagógico – aprovasse um calendário ... um calendário, para os miúdos, igual aos outros. Portanto, elas queriam ser iguais aos outros. E portanto, aquilo que eu dizia, é que não podiam ser iguais aos outros porque o calendário não é estipulado pelo Pedagógico. É estipulado por uma lei ... por um decreto. E, portanto, elas tinham que ... tinham que ser diferentes, pá. Não dependia de nós. E isto, portanto, durante ... houve ali uns atritos. E ainda hoje eu sinto que ... tem que vir para cima, o pré-escolar. Tem que se ter mais em atenção o pré-escolar. Tem que se ir ao pré-escolar e ver como é que aquilo está, porque é o elemento ... porque como não entra nem nas provas de aferição, nem nesses ... não entra nestas questões, fica um bocadinho para trás.¹³⁷ E era importante nós irmos lá agarrá-lo, mesmo ao nível do Pedagógico. Esquecemo-nos frequentemente ...¹³⁸

Elsa – *Essa seria uma atribuição, ou um ponto, em que o Pedagógico necessitará de mudar a sua dinâmica?*

E1 – ... a sua dinâmica. Mas também é de dizer que a colega que está a representar o pré-escolar, por eleição, foi aquela que não é do agrupamento, foi aquela que é a primeira vez que está no agrupamento ...

Elsa – ... mas não é do agrupamento ...?

E1 – Não conhecia ... não conhecia o agrupamento. Portanto, a professora que estava no JI reformou-se e veio esta colega. E foi esta nova que as colegas puseram no Pedagógico, que é um órgão tão importante, não é? Portanto, resultado, é também muito inexperiente e não tem muita sapiência para fazer aportar as questões do pré-escolar ali.¹³⁹ Portanto, eu sinto que é ... que é o nível ... é o ciclo, é o nível que está com maior dificuldade.

Elsa – *Há pouco disse que os docentes do 1º ciclo teriam sido aqueles que aderiram com mais vontade ao agrupamento. Isso significa que ao nível do 2º e 3º ciclo houve mais reticências e mais ... e menos vontade?*

E1 – As pessoas do 2º e 3º ciclo, na minha ... agora já não tanto¹⁴⁰ ... mas também fruto da tal ... da tal legislação da componente não lectiva e porque se conheciam – sempre estiveram no Pedagógico – portanto, mais à vontade,¹⁴⁰ manifestaram sempre, na minha opinião ... não tiveram a mesma postura de aprendizagem das colegas do 1º ciclo.¹⁴⁰

Elsa – *E isso teve repercussões na dinâmica ...*

E1 – Isto é,

Elsa – ... *do próprio funcionamento do Pedagógico?*

E1 – Eu acho que a nossa maneira de estar ...¹⁴¹

Elsa – *Ou seja, dificultou a integração?*

E1 – Não dificultou a integração do 1º ciclo. Dificulta o trabalho de todo o Pedagógico ... todo! Como um todo,¹⁴¹ e depois também a maneira como se aporta para os departamentos as informações. Porque uma coisa é ... se eu estou bem, uhm. Outra coisa é eu ter que transportar uma coisa que eu sou absolutamente contra ou que eu sinto que ... o que é que eu estou aqui a fazer?¹⁴² Não é? O que é que eu estou aqui a fazer? Portanto, é um bocadinho isto. Algumas pessoas do Pedagógico, numa primeira fase, eu acho que é o que é que eu estou aqui a fazer? E portanto, isto passa!¹⁴³ Mesmo que eu não queira, quando eu não sei bem o que é que estou ali a fazer e tenho alguma ... acho que não era aquilo ...que devia ser. Portanto, isto depois passa ... Passa ali, mas passa depois essencialmente para o departamento com quem eu vou trabalhar¹⁴⁴ ... penso eu!

Elsa – *Ao nível do 2º e 3º ciclo?*

E1 – Claro! Penso eu, não é? Porque é a minha visão das coisas. Portanto eu, se é a minha visão das coisas, eu faço transparecer isto. Portanto, eu ... portanto, enquanto que o 2º e o 3º ciclo estava habituado a ter aquele órgão, não era novidade, o 1º ciclo veio ávido de um órgão que era ... ver o que aquilo é. E tem tido uma postura,¹⁴⁵ eu acho ... também são jovens, alguns deles,¹⁴⁶ não é? ... Pronto, ia-te perguntar a tua opinião, mas eu acho ... a maneira como está (...), a maneira como está ... eu não os conheço muito bem! Mas a maneira como eles estão é numa maneira de tentar participar de igual para igual com o 2º e o 3º, dizendo: nós estamos aqui e nós fazemos como vocês!¹⁴⁷

Elsa – *E o facto de eles serem mais novos poderá facilitar? Ou seja, se tivessem sido docentes ...*

E1 – Não!

Elsa – ... *com mais anos de serviço teriam tido mais dificuldade...*

E1 – Não!! Depende da pessoa. Não tem nada a ver¹⁴⁶

Elsa – *Mais uma vez está a falar das características do indivíduo?*

E1 – Das pessoas!¹⁴⁸ É, é. Por exemplo, a pessoa mais velha ali, que é a colega que representa a nº (...), em idade, não é, se calhar é aquela que é mais tímida, também tem a ver com uma postura, não é?¹⁴⁸ Por exemplo, a (...) e (...) têm uma postura mais aberta,¹⁴⁸ ou não? Têm uma postura mais aberta ... eu acho!

Elsa – *E isso facilita a integração no trabalho?*

E1 – Facilita!

Elsa – *Por exemplo, ao nível ... quando se têm que tomar decisões que dizem directamente respeito mais a um dos ciclos, por exemplo, e quando as outras pessoas do outro ciclo têm*

que, no fundo, dar a sua opinião sobre questões que não estão directamente relacionadas com o seu ciclo, isso teve algum tipo de influência nessas tomadas de decisão?

E1 – Numa primeira fase notava-se que, quer uns quer outros – e acho que fizeram muito bem – e hoje, se não souberem bem como é que funcionam, deixam que seja o 1º ciclo, não é? ... Quando, portanto, há uma opinião ou há alguma reflexão sobre qualquer coisa do 1º ciclo, o 2º e o 3º ciclo deixam que o 1º ciclo entre logo ali. E depois então, dão a sua opinião. Mas, e se for ao contrário – o 2º e o 3º – conta muito a opinião do 2º e do 3º, para que o 1º vá atrás.¹⁴⁹

Elsa – *Portanto, não há ali uma tentativa de bloquear ou ...*

E1 – Não.

Elsa – ... *de dificultar?*

E1 – Não. Nada. Nenhuma. Eu acho que estão bem entrosados.¹⁵⁰

Elsa – *Então, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que considere relevante ...*

E1 – (sorriso) Ah, quero! Quero dizer que o nosso agrupamento ... (riso) ... é um agrupamento especial ... Não, estou a rir mas estou a falar a sério. É um agrupamento especial. E é um agrupamento especial porque eu acho que respeitou ... respeitou cada uma – numa primeira fase – e deixou que as mudanças fossem progressivas. Se calhar ainda não temos o Projecto Curricular do Agrupamento exactamente por causa disso.¹⁵¹

Elsa – *Porque não houve uma imposição?*

E1 – Porque não houve uma imposição.¹⁵² E agora é assim, não é? E agora é assim, e acabou! Não... Foi-se fazendo, está tudo atrasado ... mas vai-se fazendo. E vai-se fazendo e, portanto, com partilha.¹⁵³ E isso faz com que as pessoas não sintam que ... que não estão a participar. Eu acho que as pessoas se sentem a participar.¹⁵⁴ Eu acho ... Acho eu ... Não sei se ... pronto. As outras pessoas depois dirão. Mas eu acho que as pessoas se sentem a participar numa construção. Naquilo que é essencial.¹⁵⁵

Elsa – *E isso resulta benéfico para todos os intervenientes?*

E1 – Eu acho que sim.

Elsa – *Em última instância para os próprios alunos? Uma vez que tudo aquilo que resulte do parecer do Conselho Pedagógico reflectirá ...*

E1 – E sobretudo para a identidade do agrupamento. Portanto, vai-se reflectir nos próprios alunos. Porque quanto mais nós conseguirmos esta construção – nós ainda não temos ... nós já temos alguma identidade.¹⁵⁶ Mas não temos assim muita, muita, muita. Temos identidade onde? Nos órgãos. Temos identidade nalgumas actividades ainda pontuais. Certo? E, portanto, os miúdos começam a sentir também que fazem parte de um todo, que é um agrupamento.¹⁵⁷

Elsa – *Até porque ...*

E1 – Eu, por exemplo, vou às escolas do 1º ciclo. Eu entro nas salas. E, por exemplo, há colegas que fazem questão de dizer: Esta é a ... E eles olham e dizem – o meu irmão anda lá. E isto é giro. Portanto, os miúdos começam a sentir que ...

Elsa – *Também há uma facilidade depois na integração deles na escola?*

E1 – Sim. Eles sentem que fazem parte de um todo. Devagarinho, devagarinho ... devagarinho, os miúdos também ...¹⁵⁸ Por exemplo, com a marcha. Todo o agrupamento. Eles começam a ouvir falar nisto. Os pais ouvem falar no agrupamento. Portanto, já há noção de que aquilo ... é um todo.¹⁵⁹ Agora, a identidade do todo faz-se aonde, ainda? É nos órgãos, é nos documentos, certo? Os documentos são comuns, os órgãos são para participação de todos, e depois em actividades pontuais.¹⁶⁰ Em actividades pontuais ainda ... que ainda são pontuais. Porque mesmo no dia da escola há ainda uma grande dificuldade em sentir o dia do (...) como o dia daquela comunidade toda.¹⁶¹ Por exemplo, o final – o fecho do ano lectivo – é-nos difícil fechar o ano lectivo como um todo. É escola a escola.¹⁶²

Elsa – *Porque também ...*

E1 – Eu não ...

Elsa – ... *tem a ver com as especificidades de cada escola?*

E1 – Nós não temos ... somos muitos e não temos espaço para fazer uma grande ...¹⁶² só se for à noite, percebes? Eu este ano quero ver se faço uma grande actividade com todos. Mas é difícil. Porque nós somos 2000. 2000 miúdos, não é?¹⁶³

Elsa – *O factor espaço e disponibilidade temporal constituem constrangimentos?*

E1 – Sim. O factor espaço, exactamente, e o factor número de pessoas para aquele espaço. É um constrangimento muito grande, a todos os níveis. Aliás, é o maior de todos ... a todos os níveis.¹⁶⁴ A todos, a todos, a todos ... quer ao nível da indisciplina¹⁶⁵ ... de tudo, de tudo. De tudo, de orgânica, pedagógica,¹⁶⁵ ... de tudo. Não é? Mesmo até do aproveitamento.¹⁶⁵

Elsa – *Tudo está interligado?*

E1 – Está interligado (alguma tristeza). E pronto, olha ... eu considero-me feliz por estar naquele agrupamento, acho que são todos uns queridos.¹⁶⁶ Sou muito bem recebida em todas as escolas ... acho até engraçado ... mas pronto. Vamos construindo. Ainda está longe de ser uma unidade, mas já se deu um passo.¹⁶⁷

Elsa – *Já há passos nesse sentido?*

E1 – E passos em que eu acho que as pessoas estão a construir e a participar.¹⁶⁸

Elsa – *Então, eu agradeço a participação e ... obrigada.*

Anexo XI
*Enquadramento entre as frases significativas da Entrevista
Exploratória e os Objectivos da Investigação*

ENTREVISTA 1

QUADRO 1 – FRASES SIGNIFICATIVAS

Entrevista 1 – À presidente do Conselho Executivo (membro do CP)

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	1. “Antes do agrupamento ser constituído o Conselho Pedagógico era constituído como é hoje, sem 1º ciclo e sem o pré-escolar e sem o representante dos pais, das associações de pais, do 1º ciclo. Isto é, era constituído pela presidente do Conselho Executivo, pelo representante do Serviços de Psicologia e Orientação, pela coordenadora das auxiliares de acção educativa, por um elemento dos apoios educativos, por chefes de departamento” 2. “(...) acrescentando um membro ou dois (...) da Associação de Pais da Escola.” 3. “(...) as principais temáticas são as das questões pedagógicas (...) as questões da avaliação e dos resultados dos alunos (...) as questões dos apoios educativos dos meninos com necessidades educativas especiais (...) as questões dos currículos alternativos (...) das turmas com um regime diferenciado, com características e com um percurso diferenciado” 4. “E também o Projecto Educativo quando ele era feito (...) o plano anual de actividades e os projectos curriculares de turma” 5. “(...) o presidente do Pedagógico, ao contrário de muitas escolas, não era o presidente do Conselho Executivo” 6. “(...) a dinâmica da reunião depende da dinâmica de cada um dos presidentes.” 6º) “Portanto, do que eu conheço, a estratégia de dinâmica de reunião é a ordem de trabalhos, absolutamente normal (...) é marcada a reunião e é afixada” 8. “(...) porque não havia tempo de preparação da própria reunião” 10. “(...) o Pedagógico às vezes seguia ... mas houve tempos em que não havia mais de 3 ou 4 questões (...) algumas vezes não eram tratadas pela rama, eram de facto aprofundadas.” 11. “(...) o Pedagógico demorava muito tempo” 12. “(...) as questões da indisciplina e da disciplina eram também muito tratadas, as questões das regras e do regulamento interno” 13. “(...) durante muito tempo não reunia à parte em termos de secções do Pedagógico, e ainda hoje nós temos dificuldade em nos organizarmos de acordo com essa tradição” 16. «(...) em fases anteriores e com outros presidentes, era sempre preparado o Conselho Pedagógico e havia até quem criticasse que as coisas já iam “cozinhas”» 25. “Quando eu era presidente do Pedagógico era chamada e ia prepará-la com o presidente do Conselho Executivo da altura. Mas era eu que preparava.” 28. “(...) eu quando fui presidente do Pedagógico transportava para dentro do Pedagógico uma reflexão muito mais aprofundada.” 29. “Às vezes as pessoas chateavam-se por estar ali tanto tempo. As reuniões eram semanais e infundáveis” 30. “(...) antes de decidir aprofundava.” 31. “(...) nós reuníamos praticamente todas as semanas ... era imenso.” 37. “Eu penso que nós éramos talvez uns dezoito ... quinze, dezasseis ...” 55. “(...) em momentos de ... por exemplo, de aprovação de matrizes, ou de preparação de exames, ou de ... era difícil. Ou por exemplo, reflectir sobre a disciplina e a indisciplina, em momentos de pico ... era ...era difícil porque a recensão alongava-se.” 56. “Era quase como que uma espécie de formação.” 66. “(...) se aprofundava muito mais, demorava-se ...” 67. “(...) as reuniões, tínhamos muitas reuniões ...” 68. “(...) nós entrámos no projecto da gestão flexível do currículo e, (...) todo ele abordado, “mastigado” dentro do Pedagógico.” 69. “(...) cargas horárias para cada disciplina (...) a formação que era necessária (...) passar das horas ... dos 50 minutos para os blocos de 45 / 90 (...) as novas áreas de currículo (...) tudo isto era, foi muito reflectido nesse Pedagógico” 70. “(...) a formação teve muita importância nessa altura” 71. “(...) e daí o tempo ser maior ... ser mais tempo para reuniões.” 72. “(...) tudo era muito aprofundado.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	7. “(...) agora, se calhar, com um pouquinho mais de tempo de antecedência por causa de sermos agrupamento” 9. “(...) tradicionalmente começa-se com o ponto das informações e depois cada um dos pontos – 3, 4 pontos, às vezes mais” 14. “(...) quando é necessário então os departamentos reúnem como preparação do Pedagógico, as coordenadoras reúnem” 15. ” (...) normalmente, uma vez que há reuniões a mais, não acontece. Nós, na nossa escola, temos dificuldade em trabalhar por secções.” 17. “(...) eu penso que tem que haver um encontro (...) não muito formal mas, um encontro, uma troca de impressões, de ver o que é que há a acrescentar.” 18. “(...) a presidente do Pedagógico apresenta-me a ordem de trabalhos e, portanto, vemos rapidamente se há alguma coisa a acrescentar ou não. E como as coisas a acrescentar, normalmente, são no âmbito do Conselho Executivo (...) acabo, se houver alguma coisa a acrescentar, fazê-lo na própria reunião.” 19. ” (...) há um empenho muito grande, por parte da presidente em, na preparação da reunião” 20. “(...) como presidente do Pedagógico, ela está a preparar a reunião e está a prepará-la muitas vezes sozinha” 21. “E também está a preparar um longo ... um longo documento ... que é o Projecto Curricular do Agrupamento” 22. “Desde o princípio do ano que ela vem trabalhando com os diferentes grupos da comunidade educativa, com o 1º ciclo, com o pré-escolar, etc, para fazer este projecto ...” 23. “(...) eu raramente me encontro formalmente para preparar o Pedagógico.” 24. “(...) nunca fiz questão (...) de reunir formalmente para preparar a reunião do Pedagógico.” 26. “(...) as duas presidentes de Pedagógico que estiveram durante os meus mandatos (...) foram bem eleitas dentro do Pedagógico porque eram de facto as pessoas que maiores capacidades tinham. Têm uma grande capacidade de organização, de autonomia e de resposta.” 27. “Porque cada um de nós transporta para aquilo que faz as suas características pessoais.” 32. “Neste momento aquilo que estamos a tentar fazer (...) é que não se ultrapasse a reunião mensal.” 33. “(...) é preciso reunir o Conselho de Docentes, é preciso reunir os departamentos, é preciso reunir ... é preciso reunir “n” coisas e o agrupamento é muito grande e só há uma 4ª feira com redução do horário lectivo dos miúdos para que possam existir reuniões. Isto na EB 2,3, porque o 1º ciclo e o pré-escolar reúnem depois das 18h30m.” 34. “(...) a carga horária do professor aumentou substancialmente nestes últimos anos” 35. “As presidentes, (...) elas coordenam comigo. Coordenam, mas não é preciso muito porque estamos absolutamente em sintonia” 36. “O número de elementos é um bocadinho maior.” 38. “Neste momento nós somos vinte, sendo que a coordenadora das auxiliares nunca vai (...) Quando há necessidade do Pedagógico reflectir sobre alguma temática em particular que diga ... portanto, ela estará presente e será chamada.” 39. “(...) nós não temos um representante do 1º ciclo, ao contrário de muitos agrupamentos. Nós temos um representante por escola ...” 40. “(...) por cada estabelecimento de ensino e, portanto, isto faz com que o Pedagógico seja moroso. E depois também não temos um representante de Associações de Pais. Temos da (...) do 2º e 3º ciclo e temos o representante do 1º ciclo” 41. “(...) não temos espaço para reunir” 42. “(...) o espaço é muito pequenino e cria algum atrito. Aquele espaço cria algum atrito e alguma forma de estar ...” 43. “(...) tensões entre as pessoas, porque estamos todos completamente apertados e atrás uns dos outros.” 44. “(...) e da falta de espaço”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	45. “(...) para além de gerir e tentar perceber, (...) todos no primeiro ano ... como é que todos nos fámos tentar perceber uns aos outros – pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º – houve também a construção, portanto, desta ... desta dinâmica.” 46. “(...) toda uma maneira de trabalhar que foi repensada nesse primeiro ano.” 47. “(...) portanto, tratou-se de elaborar o Projecto Educativo, que depois se atrasou um bocadinho porque nós quisemos que tivesse uma grande participação.” 48. “(...) depois dessa fase de instalação portanto veio aquela fase da construção do PEE.” 49. “(...) estamos na fase (...) de ter os Projectos Curriculares de Agrupamento, bocadinho a bocadinho são aprovados em cada Pedagógico” 50. “Acontece que o 2º e o 3º ciclo quando fala, quando pensa, pensa na sua escola, no 2º e 3º ciclo e, portanto” 50^a) “(...) o 1º ciclo, portanto... agora não se sente tanto, agora falta um bocadinho por exemplo o pré-escolar. O 1º ciclo já está mais integrado,” 50^b) “(...) o pré-escolar ... às vezes nós esquecemo-nos.” 54. “Alterou-se, aliás, em menos tempo. O Pedagógico consegue praticamente reunir uma vez por mês” 57. “(...) neste Pedagógico, aquilo que eu noto é que não há grande possibilidade de preparação e de debate ...” 58. “Há todo um trabalho preparado antes.” 59. “(...) a documentação vai toda praticamente ... já meia preparada. A apresentação já vai, já vai ... meia não, quase totalmente.” 60. “(...) o 1º ciclo leva a documentação preparada, porque há um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas do 1º ciclo. Há depois também um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas dos departamentos, portanto, as coisas ... as coisas já vão adiantadas. Muito adiantadas. Portanto, praticamente ali é só comparar e aprovar” 61. “(...) podem ser longas uma vez por mês” 63. “(...) continuo a achar que ainda é longo ...” 64. “(...) neste momento há uma preparação muito grande prévia, e que se não for assim ... se não fosse assim, tinha que prolongar-se.” 65. “As dinâmicas de trabalho dependem de “n” factores, há variáveis diversas, mas também dependem das dinâmicas da própria pessoa. Portanto, há sempre um cunho pessoal que as pessoas dão às coisas.” 74. “(...) também tem muito a ver com a presidente actual, é a forma dela trabalhar” 75. “(...) ela leva tudo, tudo preparado. Leva, não ela ... ela faz com que as pessoas preparem antes. Portanto, ela dirige-se aos professores do 1º ciclo e diz-lhes que têm que fazer isto ... e eles encontram-se e preparam. Dirige-se aos professores do departamento – aos coordenadores do departamento – e preparam. Dirige-se ao SPO, e o SPO, se for preciso, prepara.” 75^a) “Portanto, quer dizer que as coisas vão todas preparadas e muitas das vezes, não é, as reuniões são muito tempo de apresentação de <i>Power Point</i>, de muita avaliação feita. De muita avaliação feita, sobretudo nos finais de período.” 76. “(...) hoje não existe departamento de formação. Não é porque ele não fosse importante, é porque realmente as dinâmicas dependem das pessoas que estão à frente das coisas” 77. “(...) saiu porque era mais uma pessoa que lá estava dentro.” 78. “(...) quem é que assume a formação? A própria presidente, o próprio Conselho, no seu todo.” 138. “E era importante nós irmos lá agarrá-lo, mesmo ao nível do Pedagógico. Esquecemo-nos frequentemente ...” (em relação ao pré-escolar) 140. “As pessoas do 2º e 3º ciclo, na minha ... agora já não tanto (...) porque se conheciam – sempre estiveram no Pedagógico – portanto, mais à vontade, não tiveram a mesma postura de aprendizagem das colegas do 1º ciclo.” 141. “(...) acho que a nossa maneira de estar (...) Não dificultou a integração do 1º ciclo. Dificulta o trabalho de todo o Pedagógico ... todo! Como um todo,”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	142. “(...) a maneira como se aporta para os departamentos as informações. Porque uma coisa é ... se eu estou bem, uhm. Outra coisa é eu ter que transportar uma coisa que eu sou absolutamente contra ou que eu sinto que ... o que é que eu estou aqui a fazer?” 143. “Algumas pessoas do Pedagógico, numa primeira fase, eu acho que é o que é que eu estou aqui a fazer? E portanto, isto passa!” 144. “Passa ali, mas passa depois essencialmente para o departamento com quem eu vou trabalhar” 145. “(...) enquanto que o 2º e o 3º ciclo estava habituado a ter aquele órgão, não era novidade, o 1º ciclo veio ávido de um órgão que era ... ver o que aquilo é. E tem tido uma postura,” 146. “(...) também são jovens, alguns deles, (...) Depende da pessoa. Não tem nada a ver” 147. “Mas a maneira como eles estão é numa maneira de tentar participar de igual para igual com o 2º e o 3º, dizendo: nós estamos aqui e nós fazemos como vocês!” 148. “Das pessoas! (...) se calhar é aquela que é mais tímida, também tem a ver com uma postura, não é? (...) têm uma postura mais aberta,” 149. “(...) portanto, há uma opinião ou há alguma reflexão sobre qualquer coisa do 1º ciclo, o 2º e o 3º ciclo deixam que o 1º ciclo entre logo ali. E depois então, dão a sua opinião. Mas, e se for ao contrário – o 2º e o 3º – conta muito a opinião do 2º e do 3º, para que o 1º vá atrás.” 150. “Eu acho que estão bem entrosados.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS 51. “(...) são os colegas do 1º ciclo que dizem nós estamos aqui presentes, e trazem, não é, os documentos iguaizinhos aos nossos e ... e pronto, nota-se realmente que já há uma maior coesão.” 53. “(...) eu deixei que... as coisas continuassem a ser como eram até aí e devagarinho, devagarinho, devagarinho então, mudando conforme elas estão abertas a essa mudança. Eu acho portanto que foi uma transição” 79. “Os factores positivos são todos eles pedagógicos.” 80. “(...) do ponto de vista pedagógico, não há nada que eu possa assim de repente recordar-me que possa ser negativo.” 81. “(...) do ponto de vista positivo, toda a partilha, todo o trabalho pedagógico, toda a aferição ... que mesmo com dificuldade tem sido feita ... que é uma das áreas que nós sentimos que devemos fazer mais ... é articular e aferir sobretudo, portanto, os ciclos, não é, o pré-escolar com o 1º ciclo” 83. “São os factores pedagógicos. As formas de trabalhar, as formas de ... de actividades, o próprio plano anual de actividades que começa, devagarinho, devagarinho, as escolas a terem actividades comuns anuais.” 84. “(...) também há algumas que são comuns, como por exemplo a Marcha Solidária, que eu tenho que referir porque foi um sucesso, não é, foi um sucesso que uniu o agrupamento. Todo o agrupamento participou excepto o pré-escolar por uma questão das idades dos alunos ... e funcionou muito bem ... até com a comunidade exterior” 90. “Mas isto para quê? Para não fechar as escolas. (...) legalmente, pode haver mobilidade de todo o pessoal.” 92. “(...) do ponto de vista pedagógico eu, para mim, acho que é tudo positivo, porque se aprende, porque se conhece como é que é que os outros trabalham, se conhece quais são, portanto, as componentes do pré-escolar, se conhece qual é o currículo do 1º ciclo ... e o 1º ciclo conhece qual é o do 2º e 3º e vê como é que se trabalha. Portanto, há aqui uma aprendizagem ... inter-aprendizagem por parte de todos, e isto é muito positivo.” 94. “(...) as matrículas do 1º ciclo eram feitas nas escolas. Cada uma fazia as suas. Neste momento, ao nível do 1º ano, elas são feitas na secretaria. (...) no sentido de gerir as vagas. (...) Facilita a vida dos encarregados de educação.” 116. “A única entidade administrativa é a sede do agrupamento.” 117. “Já vem determinado. Por cada escola um X. (...) em termos de verbas, cada escola sabe. E as escolinhas sabem que aquela que tem aquela verba, e gastam aquela verba.” 118. “E não podem gastar mais do que aquela. Porque aquela é a delas.” 119. “Elas sabem o dinheiro e governam-se com aquilo que têm.” 120. “(...) a requisição é feita na escola sede mas das coisas delas.” 121. “A conta é nossa mas para cada escola, para cada estabelecimento, há um livro próprio. Portanto, elas sabem exactamente quanto é que têm e quanto é que não têm, quanto é que podem gastar e quanto é que não podem.” 122. “De qualquer das maneiras, se elas precisarem destas coisas, elas sabem que nós na sede temos e pedem. Já não é a primeira vez. (...) mas se não têm sabem que se nós tivermos disponível podem requisitar e usar.” (em relação a recursos materiais) 131. “(...) eles vão começando a utilizar as coisas que nós utilizamos. Porque nós já fazemos as actas em computador. (...) Então para o ano, se calhar, toda a gente começa a fazer a computador. Portanto, e tudo isto ... devagarinho, devagarinho, devagarinho, vai entrando.” 133. “(...) se calhar no JI de (...) – o que está isolado – entravam meninos de três e de quatro. Este ano já não entraram. Porquê? Porque nós demos prioridade aos de cinco anos que não cabiam nos outros para entrar ali. Porquê? Porque nós queremos que todos quando entrarem no 1º ano, não é, tenham passado por um ano, pelo menos, de pré-escolar para terem alguma preparação.” 151. “É um agrupamento especial. E é um agrupamento especial porque eu acho que respeitou ... respeitou cada uma – numa primeira fase – e deixou que as mudanças fossem progressivas. Se calhar ainda não temos o Projecto Curricular do Agrupamento exactamente por causa disso.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS 152. “(...) não houve uma imposição.” 153. “Foi-se fazendo, está tudo atrasado ... mas vai-se fazendo. E vai-se fazendo e, portanto, com partilha.” 156. “(...) vai-se reflectir nos próprios alunos. Porque quanto mais nós conseguirmos esta construção – nós ainda não temos ... nós já temos alguma identidade.” (em relação à participação de todos) 157. “Temos identidade onde? Nos órgãos. Temos identidade nalgumas actividades ainda pontuais. Certo? E, portanto, os miúdos começam a sentir também que fazem parte de um todo, que é um agrupamento.” 158. “Eles sentem que fazem parte de um todo. Devagarinho, devagarinho ... devagarinho, os miúdos também ...” 159. “(...) com a marcha. Todo o agrupamento. Eles começam a ouvir falar nisto. Os pais ouvem falar no agrupamento. Portanto, já há noção de que aquilo ... é um todo.” 160. “(...) a identidade do todo faz-se aonde, ainda? É nos órgãos, é nos documentos, certo? Os documentos são comuns, os órgãos são para participação de todos, e depois em actividades pontuais.” 166. “(...) eu considero-me feliz por estar naquele agrupamento, acho que são todos uns queridos.” 67. “Vamos construindo. Ainda está longe de ser uma unidade, mas já se deu um passo”
	FACTORES NEGATIVOS 52. “(...) havia o medo das pessoas perderem..._o 1º ciclo perder a autonomia, perder poder, perder... não poder fazer isto e aquilo e portanto aquilo” 62. “(...) enquanto o Pedagógico antigamente, se calhar, reunia a partir das duas e meia, porque era só EB 2,3, agora não, é a partir das três e meia. Portanto, é uma hora mais tarde, porque as colegas do 1º ciclo que têm turno único só podem a partir das três e meia e ... portanto, podemos estar um bocadinho até às sete e meia, oito horas” 73. “Enquanto era 2º e 3º ciclo, era uma escola, agora são cinco escolas que estão ali ... são cinco ...” 82. “(...) nota-se essencialmente a necessidade de aferição e de junção, não é, entre o 2º ciclo e o 1º ciclo. Isto para fazer as pontes ...” 85. “(...) agora tens os recursos e quanto aos recursos, aquilo que querem é que os recursos que tu tens, ou que tinhas na EB 2,3, portanto, têm que ser recursos que são geridos, não é, ao nível do agrupamento.” 86. “Estamos a falar, por exemplo, de funcionárias. É sempre difícil gerir. Estamos a falar, por exemplo, de gerir recursos humanos ... por exemplo, para as provas de aferição agora, não é? Se não chegarem os professores do 1º ciclo, vamos ter que mandar professores do 2º e do 3º.” 87. “(...) é um aspecto, se calhar, que as pessoas podem não aceitar muito bem, não é? Agora, têm que sair do seu local de trabalho e ter que ir fazer noutro” 88. “(...) com os mesmos recursos, gerir isto tudo.” 89. “Falta uma funcionária no 1º ciclo ... mando funcionárias do 2º e 3º. Isto quando, na sede, já há falta de funcionárias.” 91. “(...) os quadros não vão ser de escola. Vão ser quadros de agrupamento. Portanto, isto quer dizer que os recursos são geridos ao nível do agrupamento e ao nível de cada escola. E chegar aqui é um percurso difícil, porque as pessoas têm medo do que vem por aí” 93. “(...) antigamente as coordenadoras resolviam os problemas – as coordenadoras de estabelecimento – os problemas de disciplina, resolviam-nos lá, não é? Hoje, se for preciso, chamam-me ... à presidente para ir resolver os problemas de indisciplina ou focos de indisciplina graves que possa haver (...) Sou chamada para ir resolver, por exemplo, focos de conflito entre funcionárias. (...) Portanto, negativo é, não tendo muitas vezes muitos recursos, não é, ter que os gerir assim.” 95. “Dificulta a vida da secretaria, mas o trabalho administrativo tem que ser feito na secretaria.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES NEGATIVOS 96. “(...) toda a gente, ao nível dos órgãos, teve um acréscimo de trabalho. Portanto, os órgãos – o Pedagógico teve um acréscimo de trabalho, o Conselho Executivo teve um acréscimo de trabalho. É um “fim do mundo” de acréscimo de trabalho. E a secretaria teve também um acréscimo de trabalho tremendo ... a Assembleia ... teve, no sentido de pensar,” 97. “(...) acréscimo de trabalho mesmo, mesmo, mesmo é Pedagógico – porque há muito mais reflexão para fazer, porque engloba vários ciclos e, portanto, várias realidades. Porque a indisciplina no 2º e 3º não é exactamente a mesma coisa, não é, que no 1º.” 105. “Tenho a percepção de que não é fácil, mas não é no 1º ciclo. É no pré-escolar.” (a escolha do representante no CP) 106. “(...) nós temos cinco educadoras (...) só não temos duas em órgãos. De resto, três educadoras estão em órgãos,” 107. “E isto, para ver, é uma dificuldade. Porquê? Porque quando forem as eleições, quando houver eleições, elas não querem ... não querem rodar. Portanto, vamos esgotar o pré-escolar. Quer dizer que nesta 1ª fase ainda temos pré-escolar em todos os órgãos, mas eu estou à espera que numa 2ª fase o pré-escolar vai-se recusar ... penso eu ... porque serão sempre as mesmas pessoas ... <i>ad eternum</i>” 123. “Mas que é muito pouco usada. Elas não usam muito, porque não precisam. (...) Não usam. Ainda não aprenderam. É toda uma fase de aprendizagem.” (em relação a recursos materiais) 124. “É que enquanto as escolas do 1º ciclo dependem da Câmara ... portanto, eu, para introduzir qualquer coisa no 1º ciclo tenho que falar com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra ... nós – 2º e 3º ciclo – dependemos do ... directamente do Ministério da Educação, não é? Por exemplo se eu quiser ... mesmo em termos de recursos, para as escolas do 1º ciclo peço a quem? À Junta de Freguesia e à Câmara. Para o 2º e 3º ciclo a quem é que eu peço? Ao Ministério da Educação.” 125. “(...) com o agrupamento ... por exemplo, tu tens enriquecimento curricular no 1º ciclo, certo? Num 2º e 3º tens aquelas actividades que eu posso dizer – que não se chamam de enriquecimento curricular - mas que eu também posso chamar, que são as actividades de substituição, podes ter os clubes, podes ter o desporto escolar, (...) são formas de trabalhar diferentes e isto, isto é complicado.” 126. “(...) porque as maneiras de trabalhar são muito diferentes” 127. “(...) as tutelas também são diferentes.” 128. “(...) o pré-escolar tem uma educadora e uma auxiliar, e a auxiliar é da dependência da Câmara Municipal de Sintra, da Educa. No caso do 1º ciclo, já é da dependência do Ministério da Educação. Portanto, eu rodo ... posso rodar, em termos das auxiliares que dizem respeito ao Ministério da Educação.” 129. “Eu acho que o agrupamento coincidiu com uma fase ... uma fase infeliz de toda a política educativa. Infeliz no sentido de que os professores reagiram mal, não é, ... às alterações.” 132. “Desde logo, no primeiro momento, sempre senti o pré-escolar com maior dificuldade. E maior dificuldade porque ... é assim: mesmo ao nível geral ... para já porque são cinco salas ... depois, ao nível geral, não é considerado ensino básico. É o pré-escolar!” 134. “O pré-escolar é complicado, é aquele que pior se integra, porque dentro, por exemplo ... nós temos várias realidades.” 135. “(...) elas tinham uma “doença”. O pré-escolar era o pré-escolar e o 1º ciclo era o 1º ciclo. E portanto, a partir do momento em que foi agrupamento é que passaram a fazer reuniões conjuntas e com grande atrito, penso eu ... houve ali alguma ... entre o pré-escolar e o 1º ciclo.” 136. “Entretanto elas passaram a fazer parte do Conselho de Docentes e vão ao Conselho de Docentes, mas fizeram questão em reunir separadamente enquanto pré-escolar durante muito tempo”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	137. “Tem que se ter mais em atenção o pré-escolar. Tem que se ir ao pré-escolar e ver como é que aquilo está, porque é o elemento ... porque como não entra nem nas provas de aferição, nem nesses ... não entra nestas questões, fica um bocadinho para trás” 161. “Em actividades pontuais ainda ... que ainda são pontuais. Porque mesmo no dia da escola há ainda uma grande dificuldade em sentir o dia do (...) como o dia daquela comunidade toda.” 162. “(...) o final – o fecho do ano lectivo – é-nos difícil fechar o ano lectivo como um todo. É escola a escola. (...) somos muitos e não temos espaço para fazer uma grande ...” 163. “Eu este ano quero ver se faço uma grande actividade com todos. Mas é difícil. Porque nós somos 2000. 2000 miúdos, não é?” 164. “O factor espaço, exactamente, e o factor número de pessoas para aquele espaço. É um constrangimento muito grande, a todos os níveis. Aliás, é o maior de todos ... a todos os níveis.” 165. “(...) quer ao nível da indisciplina (...) de orgânica, pedagógica, (...) Mesmo até do aproveitamento.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES 99. “(...) por exemplo, estou a pensar nas visitas de estudo ... que o nosso Regulamento aprovado para o agrupamento é rígido, e nós estamos com alguma rigidez a esse nível. Portanto ... a esse nível as escolas do 1º ciclo não precisavam de autorização de um Pedagógico nem de um Conselho Executivo” 100. “(...) há visitas de estudo que, efectivamente, se calhar nós não deixamos, não permitimos porque não há o número suficiente de acompanhantes ou porque prejudica a vida ... o dia-a-dia ... aquele dia na escola, e eles não vão. Isto quando anteriormente se calhar não tinham esse problema e, portanto, a escola decidia por si. E isto, penso que será uma dificuldade para eles.” 103. “(...) é assim: quanto mais pequenas fossem as unidades, mais em família, mais fácil se torna gerir as coisas e fazer as coisas ...” 104. “(...) numa escola pequena as pessoas vêm-se ... sempre. Basta a conversa. No agrupamento é preciso fax, é preciso telefone, é preciso comunicar com este e com aquele, trocar ... Portanto, a comunicação é um dos factores talvez mais problemáticos ... porque é difícil, porque somos muitos, porque é muita gente, porque são muitas escolas. E depois tem que ser uma comunicação dos órgãos, entre os vários órgãos, entre as escolas. Porque depois a comunicação também tem que ser bem feita, não é? Porque senão às vezes passa uma informação que não é exactamente assim.” BENEFÍCIOS 98. “(...) há um Regulamento Interno comum” 101. “(...) há uma aprendizagem muito grande da parte das pessoas relativamente a questões pedagógicas, a questões de formas, também, de dar aulas e sobretudo, sobretudo, em relação à avaliação e a modelos, a modelos que a lei preconiza,” 102. “(...) os modelos são únicos ao nível do agrupamento todo. Portanto, eu penso que ... eu acho que enriquece mais do que dificulta” 108. “Há muitos professores do 1º ciclo.” (em relação à rotatividade na representação no CP)

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES 139. “(...) veio esta colega. E foi esta nova que as colegas puseram no Pedagógico, que é um órgão tão importante, não é? Portanto, resultado, é também muito inexperiente e não tem muita sapiência para fazer aportar as questões do pré-escolar ali”
	BENEFÍCIOS 109. “A sensação que eu tenho sobre os professores do 1º ciclo – todos eles, os que passaram pelo Conselho Pedagógico – eu penso que passaram com muito agrado. E também penso que deram uma muito boa contribuição ao Conselho Pedagógico. E eu, ainda hoje, acho isso.” 109ª) “Acho que os professores dão importância, porque eles são eleitos.” 110. “(...) não é o coordenador de estabelecimento que vai ao Conselho Pedagógico. É outro. Portanto, é como se o coordenador do estabelecimento está perto do Conselho Executivo, e depois tem alguém que o ajuda, que é o coordenador pedagógico. E esse coordenador é eleito pelo Conselho de Docentes e é eleito para ir exactamente a Pedagógico.” 130. “(...) as pessoas do 1º ciclo estão felizes ... eu acho ... acho que é com agrado que estão no agrupamento, é com agrado que participam. Aliás, com maior disponibilidade do que os ... se calhar ... do 2º e 3º ciclo. Uma outra postura. Parecem-me mais ... mais abertos. Porquê? Porque é uma experiência nova, não é? ... Portanto, estão a “beber” toda uma nova experiência ... portanto, estão a fazer toda uma nova aprendizagem, porque eles não tinham este tipo de órgãos assim, desta maneira. Até o fazer as actas” 154. “E isso faz com que as pessoas não sintam que ... que não estão a participar. Eu acho que as pessoas se sentem a participar.” 155. “Mas eu acho que as pessoas se sentem a participar numa construção. Naquilo que é essencial.”

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	ASPECTOS POSITIVOS 112. “É a autonomia ... os órgãos são consultivos e, portanto, são consultivos e quer dizer que podem expressar opiniões próprias. Eu acho que esta independência é muito positiva.” 113. “(...) não deve haver acumulação de poderes na mesma pessoa, nos órgãos. Quer seja Assembleia, quer seja Pedagógico, quer seja Conselho de Docentes,” 115. “(...) as vantagens superam as dificuldades – acho que é preferível trabalhar assim. É mais ... acho que as pessoas assim sentem que não é tudo uma jogada, que não é tudo uma questão de poder, que alguém está a “endrominar”, a tentar (...) Manipular! Pronto. É isso que eu quero dizer.”
	ASPECTOS NEGATIVOS 111. “(...) porque às vezes já se tem posto a questão afinal de contas ... como é que nós preparamos ... quem é que prepara o Conselho de Docentes, quem é que coordena o Conselho de Docentes,” 114. “A desvantagem é eventualmente a questão da articulação. Se calhar era mais fácil, porque aqui tem que haver uma articulação. Portanto era mais fácil ter uma pessoa e pronto. Essa pessoa prepara a reunião, orienta, acabou, ponto final, não é? Aqui assim tem que haver alguma articulação.”

Anexo XII
Transcrição da Entrevista 2

ENTREVISTA 2

23 DE ABRIL DE 2007

HORA LOCAL: 14H

Entrevista 2

23 de Abril de 2007 – 14 horas

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

Elsa – *Acompanhou o processo de formação deste agrupamento vertical de escolas?*

E2 – A formação em si não. Eu quando vim para esta escola foi o ano anterior e portanto já estávamos em agrupamento, portanto, o processo não acompanhei.

Elsa – *Mas, apesar de não ter acompanhado o processo considera que a formação do agrupamento conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das várias escolas que constituem o agrupamento?*

E2 – Na minha opinião acaba sempre por haver pontos positivos, nunca trabalhei também em nenhuma escola em agrupamento a não ser quando cheguei aqui. Portanto, não sei como é que se trabalha ao certo noutros agrupamentos mas acaba sempre por ser positivo mais que não seja poder ir retirar ao 2º e 3º ciclo aspectos que consideramos vantajosos e que ainda não são utilizados ao nível do 1º ciclo e portanto essa interacção entre o 1º ciclo e o 2º e o 3º acaba por ser bastante positivo.¹⁶⁹

Elsa – *E em relação a factores negativos que possam ter aparecido também em função da formação do agrupamento?*

E2 – Perde-se alguma autonomia que a escola tinha no 1º ciclo, ou seja, havia assuntos que eram tratados muito mais rapidamente na própria escola e que agora acaba por ser uma decisão do agrupamento e portanto a escola acaba por perder um pouco essa autonomia que tinha anteriormente.¹⁷⁰

Elsa – *Ao nível dos assuntos só, portanto, essa...*

E2 – Em termos de burocracia, portanto, há um... acabou por não ser uma decisão exclusiva da escola ao nível de vários, de vários aspectos, portanto não é só em termos de assuntos... é a nível geral. A Escola acaba por perder alguma autonomia.¹⁷¹ Por exemplo... dando um exemplo de visitas de estudo... uma pessoa agora tem sempre que levar as visitas de estudo a pedagógico. Antigamente a própria escola aprovava e a visita de estudo realizava-se; autorizações para, para algumas actividades... tem que haver sempre um consentimento do, do agrupamento.¹⁷² em termos financeiros a mesma coisa: antes uma pessoa tinha o dinheiro entregue na escola, ia fazer compras, automaticamente recebia a quantia. Agora o processo é mais, é mais prolongado, ou seja, uma pessoa tem que entregar a factura, a factura vai até ao agrupamento, depois é que volta, portanto, neste, neste percurso entre uma escola e depois a sede do agrupamento, acaba sempre por haver ali algumas situações em que há alguma perda de autonomia da escola do 1º ciclo.¹⁷³

Elsa – *E em relação às dificuldades que as escolas do Primeiro Ciclo possam sentir por terem que se fazer representar no Conselho Pedagógico? Tem percepção que há dificuldades, que não há, que há só vantagens?*

E2 – Não... obviamente há muitas vantagens. Em termos de desvantagens é por vezes nós termos que tomar uma decisão que a própria escola em si possa não ter ainda abordado essa questão, ou seja, acaba quase por ser uma decisão do representante que acaba por não ser uma decisão da escola do 1º ciclo.¹⁷⁴ No entanto acaba por ser uma decisão em conjunto dos vários professores que estão presentes no pedagógico, mas há um pouco essa situação.

Elsa – *Portanto, no próprio Conselho Pedagógico ter que decidir algo que não foi discutido e debatido...*

E2 – ... exactamente, exactamente...

Elsa – *Portanto e isso à partida será uma dificuldade, uma desvantagem...*

E2 – ... claramente...

Elsa – ... *que a escola sente porque...*

E2 – ... sim, que a escola sente e que eu próprio por vezes também sinto.¹⁷⁵ Mas em termos de escola sim, a escola por vezes sente muito o facto de serem tomadas algumas decisões que a própria escola acabou por não... não... não... não ser levada em conta anteriormente.¹⁷⁶

Elsa – *Portanto isso é em termos das dificuldades. E em termos de vantagens? Que vantagens é que advêm da escola estar representada no Conselho Pedagógico?*

E2 – Lá está é... é um pouco aquilo que eu... que eu inicie, ou seja, em que nós acabamos por ver como é que outras escolas presentes no Pedagógico estão a trabalhar determinados aspectos do dia-a-dia, quer pedagógicos quer mesmo do funcionamento geral da escola.¹⁷⁷ O mesmo também se passa com o 2º e o 3º ciclo em que há situações que não ocorriam nas escolas do 1º ciclo e falando até mesmo nesta, mesmo pelas escolas por onde eu já passei anteriormente e que uma pessoa acaba sempre por tirar essa vantagem. Há... há... há documentos, há formas de abordar as situações que são feitas de uma... de uma certa forma pelo 2º e 3º ciclo e que agora também nós, no 1º ciclo, podemos passar a fazer e portanto isso é vantajoso, claramente.¹⁷⁸

Elsa – *Quando fala nós, no 1º ciclo está-se a referir às várias escolas do 1º ciclo do Agrupamento?*

E2 – Sim. Sim! E pelas várias escolas por onde eu também já passei, ou seja, vendo aquilo que sempre fui fazendo e aquilo que acabo por fazer agora numa escola em agrupamento.¹⁷⁹

Elsa – *Mas o trabalho entre as escolas do 1º ciclo do Agrupamento que se faz neste momento é maior do que aquele que se fazia anteriormente?*

E2 – A mim parece-me...

Elsa – *A sua percepção obviamente...*

E2 – Exactamente. A mim parece-me que há um trabalho mais conjunto agora mesmo... dentro das próprias escolas do 1º ciclo do que havia anteriormente¹⁸⁰ embora não seja ainda um trabalho global em que se possa dizer: isto é igual em todas as escolas do 1º ciclo. Isso também ainda não ocorre.¹⁸¹ Mas há uma maior ligação que se calhar anteriormente não existiria.¹⁸²

Elsa – *E essa ligação faz-se sentir ao nível de...*

E2 – Ao nível de por exemplo na preparação de... dos vários assuntos que se vão tratando em Pedagógico.¹⁸³ Nós, 1º ciclo, tentamos também criar estratégias e documentos comuns a todas as escolas. Por exemplo ao nível dos planos de recuperação, a grelha do 1º ciclo é igual ou vai passar a ser igual em todas as escolas, a ficha para a avaliação desse... desse plano de recuperação vai passar a ser igual, coisa que não era até agora.¹⁸⁴ Portanto é um exemplo que eu posso estar a dar... agora ao nível por exemplo de planificações semanais... não, não ocorre essa planificação igual em todas as escolas do 1º ciclo nem a mim sequer me parece muito vantajoso.¹⁸⁵

Elsa – *Nem ao nível das actividades?*

E2 – Nem ao nível das actividades. Acho que também deve haver essa... aquela autonomia que eu falava que se tinha perdido um pouco... também não criar tudo, tudo, tudo igual.¹⁸⁶ Acho que cada escola também deve de acordo com o seu meio, com os seus alunos, com os seus professores criar as suas estratégias e as suas actividades.¹⁸⁷

Elsa – *Em relação à sua escola concretamente há algum factor que a faça distinguir das restantes escolas do 1º ciclo ao nível das facilidades ou das dificuldades que se possam por na representação no Conselho Pedagógico?*

E2 – Não, não isso...

Elsa – *Podia haver alguma especificidade...*

E2 – Não, não.

Elsa – *Em relação à sua eleição como representante da escola ao Conselho Pedagógico do Agrupamento como é que ela decorreu?*

E2 – No ano anterior estava uma colega a exercer o cargo e ela tinha... trabalhava no turno da tarde, com o horário duplo da tarde. Coincidia com as reuniões à sexta-feira... de Pedagógico. E então este ano, como a colega continua com esse horário de duplo da tarde teve que se eleger um novo representante mas que... que ocupasse... que tivesse como carga lectiva o horário duplo da manhã.¹⁸⁸ E a colega acabou por sugerir o meu nome, avançou então a votação, por sugestão dela, o meu nome,¹⁸⁹ e não houve mais ninguém a oferecer-se vá, para desempenhar esse cargo¹⁹⁰ e então por... se não me engano por unanimidade foi... foi aprovado o meu nome.¹⁸⁹

Elsa – *Ao ser o representante da escola no Conselho Pedagógico e agora não ao nível de escola mas individualmente que dificuldades ou que benefícios para si próprio encontrou em estar representado?*

E2 – Em termos de benefícios... ou seja, é um estar mais próximo da discussão dos assuntos e portanto uma pessoa consegue aproveitar sempre momentos positivos, até mesmo para evoluir, até mesmo no partilhar de algumas experiências que... que os colegas vão apresentando,¹⁹¹ uma pessoa acaba sempre por tentar tirar algum proveito para... para si próprio... e ao nível da organização, acima de tudo acaba também por ser bastante vantajoso.¹⁹²

Elsa – *E dificuldades, não sentiu nenhuma?*

E2 – Dificuldades... ao nível da... da... da organização também, da reunião, ou seja, do... do Pedagógico.¹⁹³ Nós aqui por exemplo acabamos por receber a convocatória à quarta-feira, da parte da tarde, tendo Pedagógico à sexta¹⁹⁴ e por vezes acaba por aparecer algum ponto na ordem de trabalhos que nós não estaríamos a contar e então acaba por haver essa dificuldade de depois conseguir ainda organizar trabalho para apresentar em Conselho Pedagógico. Acaba por ser mais essa a dificuldade que surge.¹⁹⁵

Elsa – *Mas não existem nenhuma reuniões prévias quando há assuntos mais concretos a serem debatidos em Pedagógico?*

E2 – Reuniões com quem?

Elsa – *Ou seja, com a presidente do Conselho Pedagógico, com alguém, ou entre os coordenadores do 1º ciclo?*

E2 – Por norma não.¹⁹⁶ Quando se está a trabalhar no... no Projecto Curricular do Agrupamento, aí sim, já houve algumas reuniões quer entre membros do 1º ciclo, quer também com a presidente do Pedagógico.¹⁹⁷ E aí sim, aí acaba por facilitar bastante também o trabalho, porque deu para ver situações que estavam ainda a faltar, situações... para completar e...¹⁹⁸ e portanto nesse aspecto houve reuniões mas não é uma regra geral...¹⁹⁹

Elsa – *...não é uma situação normal...*

E2 – Exactamente.

Elsa – *É representante ao nível do Conselho Pedagógico mas não é o coordenador do estabelecimento...*

E2 – Não.

Elsa – *O facto destes dois papeis serem desempenhados por pessoas diferentes trás vantagens ou desvantagens e quais?*

E2 – Ainda... ainda há pouco tempo, há pouquíssimos dias, tive uma conversa em relação a isso mesmo, em que na minha opinião, a partir do momento em que o coordenador de estabelecimento... coordenador de estabelecimento não tem turma, parece-me que deveria ser conveniente acumular as duas funções, coordenação de estabelecimento e coordenação pedagógica.²⁰⁰ Se ambos tiverem turma então acho que sim, que deve ser distribuído por duas pessoas.²⁰¹ Agora, por exemplo, no caso da nossa escola, a coordenadora de estabelecimento não tem turma, e portanto, parece-me que poderia ser mais vantajoso, embora este ano não tenha existido nada que pudesse afectar o desempenhar de ambas as funções, ou seja, as informações que... que eu transmito, vindas de Pedagógico, depois em Conselho de Docentes, em nada chocam com informações que ela também acaba por fornecer aos docentes.²⁰² O ano passado por vezes ocorria isso, pronto, e portanto daí eu pensar que por vezes seria melhor ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.²⁰³ O ano passado acontecia vir uma informação de Pedagógico e entretanto ao... com o decorrer da semana até ao nosso Conselho de Docentes, já vinha outra informação e portanto estava o coordenador do Pedagógico a dar a informação A e o coordenador de estabelecimento sobre a mesma situação já dava a informação B.²⁰⁴ Portanto, havia por vezes ali em que se ficava na dúvida qual era então a informação digamos actualizada, pronto.²⁰⁵

Elsa – *Isso significa que o Conselho de Docentes não é preparado em conjunto?*

E2 – Pois, exactamente. Se calhar também pode ser de facto essa um pouco uma falha.²⁰⁶ Mas, este ano tal ainda não... ainda não ocorreu ... também não há um... um preparar de Conselho de Docentes muito, muito específico.²⁰⁶ Apenas vai havendo um conversar de forma bastante informal, em que eu com a coordenadora de estabelecimento vamos falando... olha, tenho isto, isto, isto e isto para... para falar, e portanto acaba por ser uma pessoa só a dar as informações.²⁰⁷ O Conselho de Docentes é... é... como é que eu hei-de dizer... é gerido pelo coordenador pedagógico, ou seja, quem faz a ordem de trabalhos, quem apresenta e quem gere toda a reunião é o coordenador pedagógico.²⁰⁸ Depois no fim há então o ponto, sempre, dos outros assuntos em que então há assuntos mais do estabelecimento, não tanto de Pedagógico, que são apresentados depois pela... pela coordenadora de estabelecimento.²⁰⁹ Portanto, este ano não tem havido essa, essa situação de um apresentar uma informação e outro apresentar uma informação diferente.²¹⁰

Elsa – *Portanto, o coordenador de estabelecimento tem um conjunto de funções, o coordenador de pedagógico tem outro conjunto de funções...*

E2 – ... exactamente...

Elsa – ... que não cruzam...

E2 – ...que não cruzam...²¹¹

Elsa – ... *que são distintas...*

E2 – ... exactamente, e que está mesmo por lei determinado e mesmo no regulamento interno estão definidas claramente quais são as funções de um e quais são as funções do outro.²¹¹

Elsa – *A desvantagem então pode vir do facto de serem duas pessoas, tem a ver então com esta...*

E2 – ...às vezes...

Elsa – ... *às vezes com dificuldades de comunicação...*

E2 – ... exactamente. E lá está, até pode ser mesmo por uma falha das duas pessoas não reunirem a preparar esse Conselho de Docentes.²¹² Agora, também me parece que, havendo uma pessoa sem turma, se calhar será mais fácil... poder exercer os dois cargos do que um professor com turma ainda acumular a função de representante no Pedagógico.²¹³ Havendo esta possibilidade é óptimo. Agora eu sinceramente não considero que não esteja a desenvolver como deve ser o meu trabalho por ter turma. Não, antes pelo contrário. Acho que em tudo procuro... também fazer aquilo que... que é esperado depois para um Pedagógico.²¹⁴ Mas, parece-me que... que havendo essa situação de uma das pessoas não ter turma, possa ser mais vantajoso ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.²¹⁵

Elsa – *Por uma questão de disponibilidade temporal? Só?*

E2 – Por uma questão de disponibilidade temporal e até mesmo por uma questão de ser a mesma pessoa a gerir todo o funcionamento da escola.²¹⁶

Elsa – *Tanto ao nível pedagógico como burocrático...*

E2 – ...exactamente, exactamente.

Elsa – *Agora falando mais concretamente na sua presença no Conselho Pedagógico, que percepção é que tem sobre a dinâmica existente entre os vários membros do Conselho pedagógico durante as reuniões? Ou seja, reformulando a pergunta e fazendo-a de outra forma. No Conselho Pedagógico estão membros dos vários ciclos, estão os coordenadores dos Directores de Turma e os representantes dos vários departamentos. A pergunta é se considera, e porque o agrupamento já tem neste momento três anos, penso eu, se considera que houve alterações ao nível da dinâmica ao longo destes três anos como é que caracterizaria ou falaria dessa dinâmica?*

E2 – Pronto, aquilo que de facto me parece e que cada vez mais se vai procurando fazer é que exista uma cooperação e uma ligação entre os vários departamentos e falando no nosso caso mais específico com o 1º ciclo.²¹⁷ Pronto. Já existe situações em que há grande ligação com o departamento de Educação Física e com o departamento de Matemática²¹⁸ e neste momento está-se a procurar de facto alargar isto aos restantes departamentos.²¹⁹ Procurar que o departamento das Ciências possa vir ao 1º ciclo ou preparar actividades em que as escolas do 1º ciclo possam ir à sede do agrupamento realizar algumas actividades com o departamento de História, Geografia de Língua Portuguesa,²²⁰ ou seja, procurar fazer aquilo que já e faz mais com o departamento de... de Educação Física e de Matemática, procurar alargar a todos os outros departamentos. Portanto, tentar criar esta ligação entre todos o... ou seja, entre todas as áreas vá, com as escolas do 1º ciclo.²²¹ Não sei se era nessa perspectiva a pergunta... se é no meu relacionamento...

Elsa – *Era também dentro... não só ao nível destas parcerias que se possam, se assim se podem chamar, se possam fazer entre as várias escolas e os vários ciclos, mas dentro do próprio Conselho Pedagógico. Portanto, a gestão da dinâmica da própria reunião, em termos por exemplo de “timings”, de assuntos... portanto, a dinâmica que se cria ali no trabalho entre as pessoas que fazem parte do grupo.*

E2 – Não, exactamente. Acaba por haver uma boa dinâmica entre todas as pessoas que estão presentes. Praticamente todas as pessoas participam, dão sugestões independentemente se o assunto é do departamento X, Y ou da escola A, B ou C do 1º ciclo.²²² Portanto, todas as pessoas procuram participar e dar sugestões o que me parece, lá está, vantajoso.²²³

Elsa – *E em relação ao tempo que dura cada reunião do Conselho Pedagógico?*

E2 – Boa pergunta. É complicado, é complicado. Por vezes é muito mais vantajoso de facto chega à hora que está previsto terminar e dar mesmo por encerrada a reunião e marcar-se uma nova reunião na semana seguinte.²²⁴ Agora, por vezes, também se calhar por mais uma hora, acaba por não ser... por não se justificar interromper a reunião e passar para... para uma sessão na semana seguinte.²²⁵ Agora, é uma realidade com o prolongar, com o passar das horas, há um cansaço muito maior nas pessoas²²⁶ até mesmo para... para abordar alguns assuntos em que uma pessoa já... já procura abordar de uma forma, se calhar muito mais objectiva, tendo em conta mesmo o cansaço que se verifica nas pessoas.²²⁷

Elsa – *Quando refere de uma forma mais objectiva está a querer dizer por exemplo que não há tanta discussão, tanta reflexão?*

E2 – Também, também. Como também não há por vezes o fugir para um outro assunto paralelo a esse. As pessoas acabam por... por se fixar mais... e procurar ser mais rápidos em algumas tomadas de decisões,²²⁸ ou seja, não... não andar muito... muito... muito tempo à volta sobre... do mesmo assunto.

Elsa – *Para terminar, eu gostaria de lhe pedir ou de sugerir que fizesse algum comentário ou alguma reflexão final sobre este tema, portanto, sobre a integração das escolas do 1º ciclo no Conselho Pedagógico que no fundo considere importante e não tenha referido ainda ao longo da entrevista.*

E2 – Não, acaba só por ser o reforçar dos aspectos positivos que... que daí surgiram. O facto das escolas poderem estar mais próximas umas das outras, de se poder retirar vantagens do funcionamento de outras escolas²²⁹ que quando a escola não estava em agrupamento acabam... acabavam por ser decisões daquele corpo docente apenas e assim permite receber opiniões e estratégias e actividades de outras escolas e de outros departamentos. Portanto, isso é claramente vantajoso.²³⁰ E o facto também das escolas do 1º ciclo ao estarem representadas na tomada de... de decisões, o papel importante que elas também acabam por ter no Agrupamento,²³¹ e portanto parece-me de facto ideal referir vantagens. Em termos de desvantagens acabam por ser ultrapassadas e procura-se também de facto olhar pelo melhor e portanto não vou referir mais desvantagens do que aquilo que já foi dito anteriormente. De facto parece-me importante é realçar as vantagens que temos tirado já que este momento é o caminho que tem que ser seguido. É o caminho em agrupamento e portanto parece-me de facto importante ligar a isso.²³²

Elsa – *Vou pegar só nas suas palavras para terminar. É o caminho que tem que ser seguido. Se não tivesse que ser, mas fosse opção, continuaria a fazer a opção de Agrupamento?*

E2 – Numa opinião pessoal, sim. Mantinha. Mantinha. Lá está, de acordo com aquelas vantagens que eu já enumerei, mantinha de facto... esta escola, pelo menos, do 1º ciclo em agrupamento.²³³

Elsa – *Então eu agradeço a sua atenção, a disponibilidade, o empenho e simpatia. Sem o seu contributo o estudo não poderia realizar-se e não teria hipótese de qualquer sucesso.*

E2 – Obrigado.

Elsa – *Obrigada.*

Anexo XIII
Transcrição da Entrevista 3

ENTREVISTA 3

23 DE ABRIL DE 2007

HORA LOCAL: 15H

Entrevista 3

23 de Abril de 2007 – 15 horas

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

Elsa – *E a minha primeira questão é: acompanhou o processo de formação deste agrupamento vertical de gestão das escolas?*

E3 – Não, porque ainda não estava cá colocada.

Elsa – *Portanto, não fazia parte ainda de nenhuma escola do agrupamento. De qualquer forma e apesar de não ter acompanhado, pensa que pelo facto de se ter formado este agrupamento vertical de escolas isso terá conduzido ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das várias escolas que constituem esse agrupamento?*

E3 – Eu acho que em certos... em certos aspectos há vantagens. Portanto... o trabalharmos todos em conjunto e partilharmos... algumas ideias e algumas regras e isso eu acho vantajoso,²³⁴ mas por outro aspecto acho que as escolas do 1º ciclo ficaram a perder um bocadinho porque não têm autonomia para praticamente nada. As escolas do 2º e 3º ciclo também não têm mas penso que nesse aspecto não notaram tanto a diferença como as escolas do primeiro ciclo.²³⁵

Elsa – *Aquilo que eu lhe ia pedir é que concretizasse um bocadinho mais em termos do que é que é positivo e o que é que é negativo.*

E3 – Para mim o único aspecto negativo é este. Em termos financeiros nós não temos... as escolas não têm dinheiro para nada.²³⁶ Se faltar uma resma de folhas, aliás isso está a acontecer na nossa escola, nós requisitámos, há não sei quanto tempo, resmas de folhas de papel branco para tirar fotocópias, para... para o trabalho da escola e não temos nada.²³⁷

Elsa – *Quando diz requisitaram... requisitaram a...?*

E3 – Ao agrupamento, porque agora tudo o que é... tudo... tudo o que é da escola tem que ser requisitado ao agrupamento. E o agrupamento compra e envia para as escolas.²³⁸

Elsa – *Portanto, pensa que o grande factor negativo tem a ver com essa perda de autonomia financeira no sentido em que têm que pedir autorização para poder comprar?*

E3 – Nem é pedir autorização. É pedir para nos comprarem. O problema... aí é que eu acho que as coisas funcionam um bocadinho mal. Portanto, se pudéssemos entrar num esquema do género a escola compra e manda a factura para o agrupamento, por exemplo...²³⁹

Elsa – *Não é a escola que compra. A escola faz o pedido, a escola sede compra e depois...*

E3 – ...envia para cá.

Elsa – *E em termos então dos factores positivos pelo facto tanto de se ter formado o agrupamento... não estou a falar...*

E3 – Não, acho... acho positivo... estas trocas de, de... quando se participa em alguma coisa participarmos todos juntos porque para todos os efeitos a comunidade é toda a mesma não é,²⁴⁰ e os miúdos conviverem com os seus colegas daqui e conviverem com os outros e isso acho óptimo até porque os alunos que nós começamos a ter no jardim de infância são os mesmos que nós vamos ter ao longo dos ciclos todos. E aí acho importante que... que haja este... esta continuidade.²⁴¹ E depois pronto, tentar aproximar os trabalhos para... no fundo quando eles chegam ao nível seguinte haver algum conhecimento daquilo que eles eram antes, que aí eu acho que se perdia um bocadinho e agora com os agrupamentos seja mais fácil continuar.²⁴²

Elsa – *Há pouco disse-me que não estava cá quando este agrupamento se formou mas já esteve noutros agrupamentos?*

E3 – Trabalhei sempre em agrupamentos.

Elsa – *E considera que há diferenças deste em relação aos anteriores?*

E3 – Há. Há muitas.

Elsa – *Se puder concretizar um pouco...*

E3 – Em termos de funcionamento de secretaria, por exemplo, tenho... acho que... eu já trabalhei em cinco agrupamentos diferentes, ou seis, e em todos funcionava de maneira diferente.²⁴³ Não penso que este funcione melhor ou que funcione pior. Faz-me um bocado confusão todos os anos, pronto, eu ainda estou nesta situação de andar todos os anos a mudar,

mas todos os anos temos que nos adaptar a... a funcionamentos diferentes porque ainda não entrei em dois que funcionassem da mesma maneira.²⁴⁴

Elsa – *E isso é negativo?*

E3 – Penso que sim. Penso que sim porque há uma discrepância muito grande. O que é regra num não é regra noutro, o que não se pode fazer num pode-se fazer noutro, o que se pode fazer nuns não se pode fazer nos outros.²⁴⁵ é muito... há discrepâncias muito grandes.

Elsa – *Que dependerão dos regulamentos internos dos próprios agrupamentos?*

E3 – Pois, possivelmente.

Elsa – *De qualquer forma, e porque tem uma experiência grande em termos de vários agrupamentos, peço-lhe que nos centremos na experiência neste agrupamento. Em relação ao facto de agora as escolas do 1º ciclo terem que estar representadas no Conselho Pedagógico qual é a sua percepção relativamente às dificuldades que as escolas sentem e, por outro lado, às vantagens, se é que as escolas sentem vantagens e sentem desvantagens. Agora não estou a falar do agrupamento mas sim da sua presença no Pedagógico.*

E3 – Sim, sim. Eu pessoalmente acho... acho... que não há desvantagens em o 1º ciclo estar representado no Pedagógico. Pelo contrário. Eu acho que só temos é vantagens. A dificuldade que eu acho que encontramos é como é uma coisa muito recente às vezes não sabemos muito bem... quando nos pedem alguma coisa não sabemos muito bem o que é que havemos de levar, ou às vezes achamos... não sabemos muito bem o que é que estamos lá a fazer.²⁴⁶ Mas eu acho que temos toda a vantagem. Aliás, se eu for avaliar... se formos avaliar o número de alunos do 1º ciclo e o número de alunos do 2º se calhar até estamos mal representados porque em termos de proporcionalidade há muito mais professores do 2º e 3º ciclo do que 1º.²⁴⁷

Elsa – *Na constituição do Pedagógico?*

E3 – Sim.

Elsa – *Mas disse-me que acha que há várias vantagens. Eu vou mais uma vez pedir-lhe que concretize então quais são essas vantagens para a escola por estar no Pedagógico.*

E3 – Para já porque no Pedagógico também se decidem e se valorizam coisas que acontecem no 1º ciclo, portanto acho que aí a nossa opinião e os nossos votos são... são importantes.²⁴⁸ E depois lá está porque acho que estamos sempre a aprender qualquer coisa.²⁴⁹ Este ano fui assim um bocadinho forçada...²⁵⁰ (risos) fui um bocadinho forçada. Acho que estou a aprender²⁵¹ e... lá está, há coisas que se transferem do 2º e 3º ciclo para o 1º... modos de trabalhar... modos de avaliar, modos de... pronto, de organizar que se estão a transferir para o 1º ciclo e eu acho que aí é positivo.²⁵²

Elsa – *E em relação... agora são quatro escolas do 1º ciclo que estão representadas... mas agora em relação à sua escola em concreto. Acha que há alguma especificidade nesta escola que torne mais fácil ou mais difícil, que cause mais ou menos dificuldades na integração no Pedagógico? Falou-me ao nível global mas podia haver em termos de escola alguma especificidade...*

E3 – Acho que não.

Elsa – *Portanto, em pé de igualdade com qualquer uma das outras?*

E3 – Acho que sim. Pronto, somos menos pessoas, como a escola mais pequena do... do agrupamento, temos menos alunos... portanto em determinados aspectos para nós as coisas até nos são mais fáceis porque quando há mais alunos há mais complicações,²⁵³ penso eu.

Elsa – *Já começou quase por me responder a esta pergunta, mas disse-me há pouco que foi quase forçada a ser a representante da escola no Pedagógico. Eu ia exactamente perguntar como é que foi feita a sua selecção?*

E3 – É assim. A colega que estava o ano passado no Pedagógico que supostamente iria continuar, portanto que ainda estava dentro do período dela, quis sair.²⁵⁴ E só havia duas pessoas possíveis para... para eleger cá na escola porque uma é coordenadora não pode ser representante, outra é da portaria 296 não pode. Só sobrávamos duas.²⁵⁵ Votámos, portanto, entre nós, fizemos uma pequena eleição e portanto eu era a nova (risos) e calhou-me a mim.²⁵⁶

Elsa – *Foi esse o motivo? Por ser a mais nova na escola?*

E3 – Foi um bocado. Era a única... era a única e pronto.²⁵⁷

Elsa – *Então agora eu vou pedi-lhe a sua percepção em relação às dificuldades e aos benefícios que sentiu e agora não em termos de escola mas em termos pessoais por ser exactamente a representante do Pedagógico. Que dificuldades ou constrangimentos sente, ou sentiu e ao mesmo tempo que vantagens ou benefícios podem vir daí?*

E3 – Uma das grandes dificuldades que eu acho é o dia, porque tenho dificuldade,²⁵⁸ portanto, a hora a que termina... eu nunca consigo ficar até ao fim porque não tenho quem vá buscar a minha filha... tenho sempre que sair. Portanto isso para mim é uma dificuldade... o horário...²⁵⁹

Elsa – ... o horário próprio de funcionamento...

E3 – ... exacto. De resto assim grandes dificuldades, acho que não tenho. Prende-se um bocado com aquilo que já tinha dito antes que é às vezes, pedem-nos qualquer coisa que nós não sabemos bem o que é, mas acho que... que já estamos bem encaminhados.²⁶⁰

Elsa – *Quando diz que “pedem-nos qualquer coisa” está a referir na própria reunião ou anteriormente à reunião?*

E3 – Normalmente pedem com antecedência, mas posso dar o exemplo do... do... do 1º período quando pediram a avaliação de... do 1º período, eu levei uma coisa assim muito... (risos)²⁶¹

Elsa – *Está a falar em termos das formas de apresentação?*

E3 – Exactamente e dos conteúdos que são para levar...

Elsa – *E benefícios? Sente alguns benefícios por ser a representante?*

E3 – Sim, porque para já acho que estou a aprender bastante,²⁶² lá está naquelas... aquelas coisas que eu dizia que a escola tem benefícios em participar no pedagógico... pessoalmente

acho que também estou a aprender bastante e depois pronto é ... uma... uma pequena formação informal.²⁶³

Elsa – *Pensa que há vantagens e desvantagens, e em qualquer dos casos porquê, no facto de ser coordenador do Pedagógico e a escola ter um coordenador de estabelecimento, ou seja, o facto de não ser a mesma pessoa? Na sua opinião tem vantagens ou tem desvantagens ou ambas as coisas? E porquê?*

E3 – Por um lado há vantagens porque penso que não centralizar as funções todas e os conhecimentos todos numa pessoa só, é uma vantagem²⁶⁴ Não ser sempre a mesma pessoa a saber tudo, porque a informação às vezes perde-se, não é?²⁶⁵ Ao transmitir-se a informação perde-se. E haver mais do que uma pessoa dentro do funcionamento... como é que eu hei-de dizer... da organização vá, do... do agrupamento, penso que é uma vantagem.²⁶⁶ A desvantagem é que supostamente a coordenadora é a pessoa que tem mais conhecimento de tudo o que se passa na escola e às vezes pedem-nos... portanto, nós não sendo coordenadores às vezes não temos algumas informações que nos pedem lá.²⁶⁷ Se não nos pedirem com antecedência há coisas a que nós não sabemos responder...²⁶⁸

Elsa – *Quando são na altura? Quando surgem no momento?*

E3 – Exacto. Quando são pedidos antecipadamente, portanto, falamos com a coordenadora e pedimos as informações que forem necessárias.²⁶⁹ Se for uma coisa do momento há coisas que nós não sabemos responder e que se fosse a coordenadora provavelmente teria que saber.²⁷⁰

Elsa – *Isso ao nível das informações. E das decisões?*

E3 – (silêncio)

Elsa – *Quando tem que votar...*

E3 – Das decisões... aí... portanto eu acho que aí não é, não é uma desvantagem porque... penso eu, qualquer professor do 1º ciclo tem... capacidade...²⁷¹

Ocorreu uma breve interrupção da gravação

Elsa – *Retomando a questão. Pelo facto de não se coordenadora do estabelecimento e representar “apenas” o Conselho Pedagógico não considera que isso possa criar algum tipo de constrangimento na altura da votação?*

E3 – Eu pessoalmente não me sinto... constrangida. Estou lá, elas elegeram-me, portanto para todos os efeitos eu sou quem tem a legitimidade para tomar decisões.²⁷¹ Percebo se calhar que essas decisões possam não ser depois completamente aceites mas... se houver tempo para discutir as decisões elas são discutidas, senão houver a minha decisão tem que ser “aquela”.²⁷²

Elsa – *Em relação agora ao relacionamento do próprio Conselho Pedagógico. Que percepção é que tem sobre a dinâmica da própria reunião? Nas relações que se vão estabelecendo entre as pessoas... tudo o que tenha a ver com a dinâmica de funcionamento do próprio Conselho Pedagógico, da própria reunião... qual é a sua percepção?*

E3 – Eu acho que... que... temos feito um bom trabalho... temos... tem sido positivo...²⁷³ penso que tem sido positivo. Penso que se calhar às vezes não é tão positivo porque sei que as reuniões são muito extensas²⁷⁴ e... e acredito que chega a uma altura que as pessoas já não

estão com... com muita capacidade para continuar... mas... mas penso que temos feito aquilo que nos é possível.²⁷⁵

Elsa – *Eu ia-lhe colocar a questão em relação ao tempo, portanto já tenho a resposta a essa questão. Mas em relação á questão à forma como a reunião é organizada, como a ordem de trabalhos é feita, parece-lhe bem, parece-lhe mal...*

E3 – Se calhar vou voltar um bocadinho ao tempo. Acho que tendo em conta o tempo que nós supostamente temos para a reunião, porque há um tempo independentemente de a gente o ultrapassar ou não, a reunião é programada para um tempo e penso que por vezes a ordem de trabalhos... penso que antecipadamente já se sabe que não se vai conseguir cumprir aquela ordem de trabalhos²⁷⁶ porque nós às vezes quando a recebemos temos a percepção que vai ser quase impossível cumprir aquilo tudo. Portanto aí penso que se calhar, eu sei que as coisas têm que ser feitas e portanto têm que ser programadas, mas se calhar aí podia haver um bocadinho mais de ponderação.²⁷⁷ Mas acho que a reunião é bem organizada...²⁷⁸

Elsa – *Mas quando fala de ponderação, no sentido de diminuir o número de assuntos ou de desdobrar logo a reunião em duas?*

E3 – Vai... vai... penso que vai dar um bocadinho ao mesmo porque se diminuirmos o número de assuntos de uma reunião obrigatoriamente, entre aspas, iremos ter que fazer outra a não ser que o assunto dê para ser adiado tanto tempo que passe para o Pedagógico do mês seguinte,²⁷⁹ mas se forem coisas que realmente têm que ser decididas eu penso... bom aí já é mesmo a minha opinião, eu penso que é mais proveitoso fazer-se duas reuniões logo... pensar-se logo em duas reuniões²⁸⁰ porque no fundo vamos fazer... acabamos por fazer sempre duas reuniões porque se não conseguirmos cumprir passa sempre para a semana seguinte, dali a 15 dias, seja quando for.²⁸¹

Elsa – *Eu vou voltar um bocadinho atrás. Há pouco, quando estávamos a falar do facto de existir um coordenador do estabelecimento e outro coordenador representante do pedagógico, depois ao nível das reuniões de Conselho de Docentes, como é que se organizam?*

E3 – Pronto. O Conselho de Docentes normalmente começa com as informações do Pedagógico. Eu dou as informações, aquelas mais... que nos dizem respeito mais directamente.²⁸² Há outras que... que não influenciam minimamente aqui o nosso funcionamento, portanto algumas falo nelas quando acho que são realmente importantes para dizer, há outras que nem sequer digo. Mas normalmente as reuniões começam por aí. Dá-se as informações que deram do Pedagógico e depois... fala-se em outros assuntos da ordem de trabalhos.²⁸³ E aí já é a coordenadora que... a coordenadora da escola que... que dirige.²⁸⁴

Elsa – *E preparam antecipadamente o que cada uma vai dizer em conjunto ou é na altura que cada uma...*

E3 – Sim, normalmente vamos falando aqui mesmo...

Elsa – ... informalmente...

E3 - ... informalmente, vamos falando. Eu digo se tenho muitas ou poucas informações para dar... e pronto, vai-se organizando por aí.²⁸⁵

Elsa – *E em relação ao facto de estarem representadas quatro escolas do 1º ciclo no Agrupamento... isso tem vantagens pelo facto de estarem os quatro, ou seja, será que poderia haver apenas um representante para as escolas todas...?*

E3 – Acho que não. Acho que tinha mesmo que haver um representante por cada escola porque, lá está, se eu digo que não sei informações sobre a minha escola muito mais dificilmente iria saber se tivesse que representar as quatro.²⁸⁶ Aí implicava um trabalho... penso que era um esforço muito maior daquela pessoa que tivesse a representar o 1º ciclo porque ia ter que trabalhar pelas escolas todas. Ia ter provavelmente que reunir com as coordenadoras todas e...

Elsa – *E em relação agora aos quatro representantes que estão? Vocês costumam trabalhar em conjunto? Se sim em que circunstâncias...*

E3 – Sim, normalmente... normalmente não são muito frequentes mas tentamos que... há coisas que tentamos fazer igual, iguais para as escolas todas.²⁸⁷ Quando é assim reunimos no dia que marcamos entre nós os quatro, no dia em que nos dê jeito e discutimos aqueles assuntos que achamos que são mais importantes e que têm que ser realmente em comum com as escolas todas.²⁸⁸

Elsa – *E em relação por exemplo a um outro membro qualquer do Conselho Pedagógico. Fazem algum tipo de reunião?*

E3 – Já chegámos a reunir uma vez com a Presidente para... que era um assunto... para... para... para o Projecto Curricular do Agrupamento²⁸⁹ e como era uma coisa que ia demorar bastante tempo e que só dizia respeito ao 1º ciclo porque tinha a ver com horários e com a organização das actividades extracurriculares, para não se estar a levar esse assunto para o pedagógico porque ia realmente levar imenso tempo, combinámos um dia, nós os quatro com a Presidente e estivemos ali a acertar umas...²⁹⁰

Elsa – *Com isto está-me a dizer que em determinadas circunstâncias tem que haver uma preparação prévia bastante consistente do que vai ao Pedagógico?*

E3 – Exacto, ela informou-nos com antecedência as informações que queria.²⁹¹ Aliás essas informações foram-lhe passadas mesmo durante o Pedagógico, mas depois pronto havia ali qualquer coisa que não... que não estava a bater certo e para esclarecer dúvidas e pronto para ficar tudo alinhado, combinámos essa reunião.²⁹²

Elsa – *O facto das escolas estarem em agrupamento também tem como positivo esta partilha entre as escolas e esta produção em conjunto...?*

E3 – Acho que sim. Aliás, essa para mim é a grande vantagem dos agrupamentos.[a partilha]²⁹³

Elsa – *Aquilo que eu lhe vou pedir em seguida, e para terminarmos, e tendo em conta o tema “A Integração das Escolas do 1º ciclo nos agrupamentos e em particular no Conselho Pedagógico do Agrupamento”, eu gostaria que comentasse ou que fizesse uma declaração final sobre esta temática, dizendo algo que não lhe tinha sido perguntado, por exemplo e que considera relevante, ou dando um maior ênfase àquilo que considera importante em relação à entrada das escolas do 1º ciclo nos agrupamentos, por um lado, e à participação dessas escolas no Conselho Pedagógico.*

E3 – Se calhar vou-me repetir um bocadinho mas... pronto, acho que realmente há a vantagem nas escolas do 1º ciclo pertencerem ao agrupamento naquele sentido de... de... mesmo dentro do 1º ciclo de haver trocas de experiências porque antes disso cada escola era uma escola e ninguém contactava com ninguém praticamente.²⁹⁴ Havia sempre conhecimentos entre professores e assim mas não... não havia tanta troca como há agora, como... tem que haver agora.²⁹⁵ Em relação ao Pedagógico penso que por sermos parte integrante do agrupamento só temos mesmo que estar representados nos órgãos que... que o constituem.²⁹⁶ Acho que temos vantagem nisso e se calhar devíamos ser mais.²⁹⁷

Elsa – *Mais representantes do 1º ciclo?*

E3 – Mais representantes do 1º ciclo.²⁹⁷

Elsa – *Isto porque está a referir-se ao número total de professores que há nos vários ciclos e depois ao tipo de representatividade...*

E3 – Não digo tanto ao total de professores que há nos vários ciclos porque, pronto, havendo várias disciplinas no 2º e 3º ciclo obrigatoriamente tem que haver mais ...

Elsa – *...ao nível das turmas, do número de turma.*

E3 – Pronto, mais... mais referente ao número de alunos. Penso que em proporção do número de alunos que existe no 1º ciclo, pelo menos neste, ao número de alunos que existe no 2º e no 3º se calhar estamos um bocadinho mal representados.²⁹⁸ Penso que ainda não houve nada em que realmente isso nos tivesse prejudicado, mesmo em termos das coisas que são decididas e que são votadas...²⁹⁹ até agora não tenho visto... não... não... não... nunca notei que tivéssemos sido prejudicados em relação a isso,³⁰⁰ mas como é uma coisa em que eu já pensei...

Elsa – *Estamos então um bocadinho naquela pergunta que tem a ver com a dinâmica de funcionamento. Não nota que o 1º ciclo de alguma forma tenha... seja discriminado.*

E3 – Não. Não noto que sejamos discriminados. [durante o CPI]³⁰¹

Elsa – *Ou que a vossa opinião não seja tido em conta?*

E3 – Não. Isso não sinto. Lá está, ainda nunca se colocou uma situação em que realmente a nossa desvantagem em termos numéricos se manifestasse muito, mas se tivesse que haver, sei lá, isto para dar um exemplo, alguma votação em que o 2º e o 3º ciclo estivesse todo com uma opinião e o 1º ciclo estivesse com outra nunca iríamos a lado nenhum porque, pronto, porque em termos numéricos somos muito menos.³⁰² Nunca vamos ser mais. Nem nunca acho que devêssemos ser mais, porque é quase impossível.³⁰³ Em termos de, mesmo levando a proporcionalidade dos alunos, é muito difícil, penso eu, haver um agrupamento em que as escolas do 1º ciclo conseguem juntar mais alunos do que no 2º e 3º.

Elsa – *Até porque a lei limita o número de elementos que constituem o Pedagógico.*

E3 – Pois é é obvio que no 2º e 3º ciclo há mais... há mais disciplinas... há mais... há mais grupos de professores... de áreas. Há mais áreas. Portanto aí é óbvio que tem que haver mais representação do 2º e 3º ciclo do que o 1º.³⁰⁴ Mas mesmo assim...

Elsa – *Mas acha que o trabalho, o tipo de actividade, as estratégias, a forma de trabalhar no Pedagógico faz separação entre grupos, ou seja, que não se funciona como um todo?*

E3 – Não. Não... penso que não. Pelo menos o que se tem trabalhado até agora. Claro que há coisas que é impossível juntar, não é, as avaliações que se fazem³⁰⁵ ou... pronto, há coisas que é impossível. Mas acho que até... pelo menos ao que me é dado a ver acho que até estamos bem integrados e que estamos a trabalhar bem como um conjunto e não como o professor dali ou o professor dali.³⁰⁶

Elsa – *Não sei se quer dizer mais alguma coisa que considere pertinente...*

E3 – Não, acho que já disse tudo.

Elsa – *Então eu agradeço a sua atenção, a disponibilidade, o empenho e a simpatia revelados. Não poderia concretizar o meu estudo sem o seu contributo e por isso agradeço. Muito obrigada.*

E3 – De nada.

Anexo XIV
Transcrição da Entrevista 4

ENTREVISTA 4

23 DE ABRIL DE 2007

HORA LOCAL: 16.30H

Entrevista 4

23 de Abril de 2007 – 16.30 horas

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

Elsa – *Então, eu vou começar por lhe perguntar se acompanhou o processo de formação deste Agrupamento de escolas?*

E4 – Sim.

Elsa – *Porque já era professora de uma das escolas?*

E4 – Já era professora cá na escola.

Elsa – *E relativamente ao acompanhamento desse processo e à posterior concretização da formação do Agrupamento, o que é que pensa que esta formação do Agrupamento possa ter de positivo, e/ou de negativo em relação ao funcionamento global das várias escolas que constituem o Agrupamento?*

E4 – É assim. Isto está tudo muito no começo não é? De positivo há-de ter, não é, porque ainda se está no começo, ainda há muita coisa a limar, ainda há muita coisa que acho que

precisa realmente de várias mudanças mas pelo menos a cooperação entre as várias escolas, a troca e o intercâmbio, tudo isso acho que é positivo,³⁰⁷ não é, portanto... embora é assim. Na nossa escola ali, nós já antes do Agrupamento nós funcionávamos muito bem aqui com a (...).³⁰⁸ Eu acho que isto é muito bom. Porque é assim, nós já tínhamos muitas actividades em comum, já... ao nível da Educação Física sempre, não é.³⁰⁹ Depois era assim, houve uma época em que professores daqui, tipo francês, expressões, iam dar ali aulas, nós vínhamos aqui dar apoio de Português, portanto nós já funcionávamos assim antes.³¹⁰

Elsa – *Por ser a escola que fisicamente está mais perto?*

E4 – Pronto, e nós funcionávamos de facto muito bem. Por exemplo, ao nível dos computadores, com o professor (...) na altura ... eu por exemplo aprendi a mexer as primeiras coisinhas com ele, pronto. Portanto, nós já tínhamos assim muito esse intercâmbio não é? Isto sem sermos Agrupamento, e acho que funcionava muito bem. Depois houve ali uma quebra durante um determinado tempo, houve ali assim uma quebrzinha e, portanto, agora assim que se voltou a ser Agrupamento está-se outra vez a tentar ... que as coisas entrem outra vez, não é? Mas, portanto, nós já funcionámos quase melhor – isto é aquilo que eu sinto, não é – quase melhor em Agrupamento antes que depois.³¹¹ Houve ali uma época em que, de facto, acho que houve ali assim algum trabalho.

Elsa – *Mas aqui quando está a referir “nós”, está a referir “nós”, a sua escola?*

E4 – “Nós” escola. “Nós” escola.

Elsa – *Mas ... mais à frente ir-lhe-ei perguntar em relação à escola. Mas eu aqui estava a falar ao nível das várias escolas, portanto, esquecendo a sua em particular ...*

E4 – Em relação às escolas? Acho que sim, que tem de positivo muitos intercâmbios que estamos a fazer³¹² ... sei lá ... acho que sim, no nivelamento de certas coisas,³¹² acho que tem, tem ...

Elsa – *O intercâmbio com as outras escolas do 1º ciclo?*

E4 – Com as outras escolas do 1º ciclo,³¹² exactamente.

Elsa – *E em relação ao ...*

E4 – ... ao Agrupamento? Acho que ainda há muita coisa a fazer, mas que está a ser positivo, está. Talvez ali no começo não. Eu senti até muita coisa negativa. Sinceramente senti, porque acho que perdemos muito a nossa autonomia³¹³ ali e coisas que nós estávamos habituados a fazer, portanto ... estávamos mais motivados e acho que se perdeu um bocadinho certa motivação.³¹⁴ Acho que nos sentimos assim um bocadinho ... nem sei a palavra correcta, mas, pronto ... acho que perdemos um bocadinho aquela liberdade de fazer e aquela motivação de fazer certas coisas.³¹⁵ Porque nós, tudo o que fazíamos – coisas até simples, básicas, coisinhas que talvez possam não parecer importantes ...

Elsa – *Podia precisar, exemplificar ...*

E4 – Sei lá, por exemplo: nós fazíamos muitas festinhas e muitas coisinhas, por exemplo, para angariar fundos,³¹⁶ porque é assim ... Nós há dias até nos ríamos aqui por causa da salita da televisão e do vídeo. Mas aquela televisão e aquele vídeo foram comprados à custa de muito sacrifício, porque ninguém nos dá nada, não é? E, portanto, nós sentíamos-nos motivados a

fazer muita coisa, actividades para conseguir ... para ... coisas engraçadas!³¹⁷ Depois agora, como nós já não gerimos praticamente nada, acho que houve ali uma quebra, pronto. Já não é a mesma coisa, senti um bocadinho ... houve ali uma época em que nos sentimos um bocadinho desmotivadas para fazer certas coisas.³¹⁸ Agora eu acho que com o tempo é natural que ... a tal perda de autonomia, um bocadinho, da própria escola, acho que, não foi benéfica.³¹⁹

Elsa – *Mas essa perda de autonomia tem a ver com que aspectos, concretamente?*

E4 – Eu sei lá! É que nós geríamos as coisas mais facilmente, porque é assim: havia qualquer coisa a determinar quase de um dia para o outro e nós podíamos fazê-lo,³²⁰ não é? Pronto ...

Elsa – *Ao nível de actividades?*

E4 – Ao nível de actividades, tudo. Ao nível de actividades, essencialmente,³²⁰ Agora não. Agora estamos um bocadinho limitadas,³²¹ não é? Portanto há sempre aquela coisa de – porque sabemos que temos que levar ao Pedagógico, temos que ter autorização,³²¹ sabemos que não sei quê – há uma quebra, por exemplo. E outras coisas. Por exemplo, materiais. Eu lembro-me que, por exemplo, quando geria até o próprio dinheiro que os pais das crianças contribuíam³²² – que não é obrigatório, mas aquela contribuição que eles davam – de um dia para o outro eu comprava³²² ... pronto. Olha, amanhã preciso de “ataches” – eu lembrei-me disto porque estive hoje a utilizar para fazer uns relógiosinhos ... Aqui não, porque se eu estou a pedir, se estou à espera, se eu não sei o quê ... quer dizer. O ano passado – o ano passado não, há dois anos – passei um tempão enorme à espera de barro porque tinha uma actividade programada. Acabei por não fazer a actividade, porque o barro não aparecia.³²³ Quer dizer, são coisinhas muito simples.

Elsa – *Ou seja, tem que requisitar ou que solicitar os materiais com muita antecedência?*

E4 – Com antecedência e, portanto, e isso requer um grande planeamento da nossa parte,³²⁴ Só que com os miúdos pequenos, às vezes as coisas surgem. Surgem ... naturalmente, não é?

Elsa – *Não são planificáveis?*

E4 – A gente ... é isso. E nós depois podemos fazer uma adaptação. Podemos centrar-nos nas matérias planificadas mas depois tentar ir de encontro aos interesses deles, não é? E há esta quebra, porque nem sempre se pode porque ... pronto. Ou compramos do nosso bolso como eu faço muita vez. (riso)³²⁵

Elsa – *E de positivo? ... Assim a nível mais global porque depois nós vamos especificar em termos da sua escola.*

E4 – Pronto, a nível global ... Quer dizer, vamos lá a ver ... os benefícios hão-de começar assim a surgir, não é? Mas ... (alguma hesitação)

Ocorreu uma breve interrupção da gravação.

Elsa – *Então, relativamente aos aspectos positivos que tenham resultado da formação do Agrupamento ...*

E4 – Pronto. É esse intercâmbio de experiências que nós já estamos a fazer de facto,³²⁶ e agora o acertar, por exemplo de, sei lá a nível de conteúdos, a nível de programações, a nível

de haver um trabalho mais igual,³²⁷ não é? Portanto, eu acho que esse nivelamento também pode ser útil,³²⁸ não é? Portanto, até ao nível das escolas aqui da zona, sabermos que não trabalhamos assim tão diferentes uns dos outros,³²⁹ não é?

Elsa – *Para poderem comparar?*

E4 – Para podermos comparar, para podermos de facto ter um trabalho semelhante. É capaz de ser bom para nós e para as crianças,³³⁰ não é?

Elsa – *Relativamente ao facto, agora, das escolas do 1º ciclo terem que estar representadas no Conselho Pedagógico, e em relação à própria escola, que vantagens ou desvantagens isso poderá trazer?*

E4 – Ah, claro, isso trás imensas. Para já, lá está, há um conhecimento maior do que se passa em cada nível de ensino.³³¹ Por exemplo, eu notei muito no início que – eu acho que notei isso mais em relação a vocês [2º e 3º ciclo] que a nós [1º ciclo] – que estavam completamente perdidas em relação ao que se passava no 1º ciclo.³³² Eu notei isto mais, talvez porque eu já trabalhei no 2º ciclo. Não sei se foi também isso, se também teve influência. Mas é assim: eu pessoalmente achei que estava completamente por fora – e então como estavam duas professoras de apoio ali [1º ciclo], que são vossas [2º e 3º ciclo], eu então, no início, achei que elas estavam completamente perdidas, porque não faziam ideia de como é que se desenvolvia o trabalho no 1º ciclo, não é? E, portanto, eu acho que isto aqui também enriquece, porque no fundo é trazido para aqui as coisas que se fazem. Tal como nós também. Muita coisa eu não percebia do que se estava a passar aqui no 2º e 3º ciclo,³³³ não é? Realmente isto enriquece-nos a todos, nesse aspecto, porque sabemos qual é o trabalho que vocês estão a desenvolver, vocês sabem o trabalho que nós desenvolvemos ... e acho que isso é bom.³³⁴

Elsa – *Quando fala de enriquecimento, ele é pessoal ou profissional?*

E4 – Em todos os aspectos, exacto.

Elsa – *E aspectos negativos que tenham vindo do facto de terem que estar representados no Pedagógico?*

E4 – Não, isso aí não estou a notar assim nada...

Elsa – *Não houve nada de negativo em relação ao facto de terem que estar ...*

E4 – Não, isso não.

Elsa – *E agora em relação à sua escola e às restantes escolas do 1º ciclo, a sua distingue-se das outras por algumas particularidades, em relação a esta integração?*

E4 – Pronto, lá está. É o facto de estar aqui perto, não é, a localização da escola já de si é logo uma ... pronto ... distingue e de que maneira. Porque facilita, não é? Facilita. ... A pergunta?...

Elsa – *A pergunta era se há alguma coisa que a distinga das restantes, portanto, nesta relação com o Agrupamento e com a presença no Conselho Pedagógico.*

E4 – Eu acho que essencialmente é, de facto, a nível de espaço físico, de estar aqui perto, não é? Portanto eu acho que a localização da escola facilita muito.³³⁵

Elsa – *Então, nesse caso, é facilitador?*

E4 – É.

Elsa – *Em relação à sua presença como representante no Conselho Pedagógico, como é que foi feita a sua selecção?*

E4 – Foi por eleição.

Elsa – *Foi por eleição entre pares?*

E4 – Eleição ao nível do Conselho de Docentes.

Elsa – *E sente, na sua percepção, dificuldades para exercer esse papel? Sente benefícios? Sente ambas as coisas?*

E4 – Bem, eu acho que é um bocadinho de responsabilidade porque, é assim, nem sempre é fácil conseguir transmitir, não é, poder fazer prevalecer certas opiniões do Conselho de Docentes,³³⁶ não é? Mas eu acho que ...

Elsa – *Fazer prevalecer no Pedagógico?*

E4 – No Pedagógico,³³⁶ exactamente. Pronto, porque é natural. É natural porque nós temos que seguir legislação e coisas do género ... por causa das visitas ... e por aí fora. Mas acho que ... que ... era em relação a mim, não era?

Elsa – *Em relação a si, sim. Portanto ... em relação às dificuldades que sente por estar no Pedagógico e às facilidades que possa sentir, ou aos benefícios que possa colher pelo facto de lá estar.*

E4 – Isso, os benefícios colho sempre. A nível pessoal, pelo menos, é a tal história ... colho, sem dúvidas. Ouvir os outros, aprender ... porque aprende-se muito também,³³⁷ não é? Eu acho que sim Eu acho que tem mais benefícios. Ao nível da vida, ou isso, não acho que tenha assim aspectos negativos, não estou a ver.

Elsa – *Relativamente ao facto da Coordenadora de Estabelecimento ser uma pessoa e a Coordenadora Pedagógica ser outra, na sua opinião traz vantagens? Quais? Ou se traz desvantagens? E, da mesma forma, quais?*

E4 – Se fosse uma escola pequena, eu sinceramente acho que a pessoa deveria ser a mesma. Acho que só traz vantagens.³³⁸ Porque às vezes há coisas que se perdem,³³⁹ porque isto é mesmo assim... Em relação ali à Coordenadora, é uma escola grande e acho que justifica... justifica.³⁴⁰ Mas mesmo assim às vezes por mais que se tente, como eu dou aulas e às vezes há horários... pronto, e nem sempre dá para a gente às vezes conversar dos assuntos e às vezes há coisas que podem ficar pelo caminho eventualmente.³⁴¹ Nas escolas pequenas eu acho que sinceramente não se justifica serem duas pessoas diferentes.³⁴² Isto é a minha opinião, como é o caso da escolinha (...) e da (...). Eu para mim acho que o ideal seria ser a mesma pessoa. Só tinham a ganhar. Só tinha vantagens.³⁴³

Elsa – *O que é que poderiam ganhar, e nesse caso o que é que estão a perder?*

E4 – Porque é assim. Acho que não se justifica, um tipo de trabalho destes, numa escola pequena, acho que pode muito bem ser gerido só por uma pessoa, porque é assim... não há um trabalho tão grande assim.³⁴⁴ há uns anos atrás haveria porque havia um cantina a gerir havia uma série de coisas. Agora não é o caso. Portanto é mais ao nível do Pedagógico; administrativo como é feito aqui a grande maioria das coisas no Agrupamento, porquê, não é... repare... isto há um tempo atrás tudo... tudo passava pelo 1º ciclo, desde as matrículas, desde a gestão da cantina, desde... tudo... pessoal, tudo, tudo, tudo.³⁴⁵ Portanto, aí justificava e de que maneira que de facto... quase uma pessoa a tempo inteiro para isso. Agora não, porque se é o Agrupamento que faz, se é a secretaria que faz a maior parte das coisas ou o executivo que orienta a maior parte das coisas, o que justifica mais até em relação à Coordenadora e ao Pedagógico ser a mesma,³⁴⁶ não é? Portanto, eu estava a dizer que há informações que se perdem,³⁴⁷ há, portanto é muito complicado. E outra coisa que eu às vezes sinto e que não estão ou não foram... as pessoas não foram bem informadas... eu sei que está no papel, não é que não esteja, mas ao fim e ao cabo o papel de cada um está definido mas as coisas é assim: às vezes há tradições,³⁴⁸ não é, que vêm; a Directora de escola mantém, não sei quê, e portanto ela... eu senti isso ali um bocadinho na minha escola. Portanto, havia a Directora, a Directora estava habituada a fazer um determinado tipo de coisas e depois às vezes é difícil perceberem até onde é que vai o seu papel e onde começa o papel da outra.³⁴⁹

Elsa – *E isso dificulta por exemplo em termos de...?*

E4 – Dificultou-me. As reuniões... de início dificultou-me bastante.³⁵⁰ Por acaso agora não é a mesma Coordenadora, e lá está, vícios que se criam... por exemplo, era horrível uma pessoa começar por exemplo às seis e meia uma reunião para acabar às oito e meia o Pedagógico e não ter aberto a boca. Isso aconteceu-me sucessivamente³⁵⁰ ... aconteceu com as... com as... é quase uma confidência, aconteceu com as de trás, com as duas representantes antes e inicialmente começou a acontecer comigo e eu acho que é incrível chegar ao fim de uma reunião e não se ter...

Elsa – *Uma reunião de Conselho de Docentes?*

E4 – Sim, de Conselho de Docentes, não é, isto aconteceu-me sucessivamente.

Elsa – *Porque essa reunião não era preparada em conjunto?*

E4 – Isto é assim. Isto aconteceu com as duas anteriores. Também foi pouco tempo porque felizmente... mas não é uma questão de não ser preparada. Havia um certo domínio...

Elsa – *Portanto, está-me a dizer que a própria pessoa que ocupa o lugar condiciona...*

E4 – Não, agora não. Agora nós já estamos a preparar mais em conjunto porque entretanto entrou uma Coordenadora nova,³⁵¹ não é, portanto a coisa está... não quer dizer que não aconteça mas já é uma coisa mais... já é diferente. Estamos de facto... mas eu senti isto, portanto, é a tal tradição. Já vinha do Director, não é, e depois havia... realmente era horrível. Portanto, não havia quase espaço para a representante daqui ter...

Elsa – *E neste momento?*

E4 – As coisas estão melhor, felizmente. Há outra Coordenadora e as coisas estão melhor. Mas mesmo assim eu acho que... estão muito melhor, não tem nada a ver, mas devia ser bem definido o papel de cada um.³⁵²

Elsa – *Mas quando há um Conselho de Docentes, cada um fala daquilo que lhe diz respeito?*

E4 – Fala a sua parte. Sim, agora... agora já fazemos isso. Não é que não se fizesse mas estava tudo... quer dizer, acabava por ficar cinco, dez minutos para cada representante... era muito complicado.

Elsa – *No fundo está-me a dizer que uma desvantagem também tem a ver com a própria pessoa que estiver a ocupar o lugar?*

E4 – Também, embora ali a culpa talvez não fosse dela como eu estou a dizer, porque é assim. Ela já vinha de Directora em que havia realmente uma acumular de funções totais, não é, portanto, a pessoa fazia tudo, acumulava tudo e depois aparece-lhe um outro elemento que é um representante de...³⁵³ não é e que não havia porque antes do Agrupamento isso não existia, não é. Portanto, é talvez uma dificuldade de adaptar a essa nova situação,³⁵⁴ não é. Houve talvez essa dificuldade. E talvez não tenha havido ali um delinear de quem é que faz o quê quem é que... apesar de estar no papel,³⁵⁵ tudo bem, está no papel, quem é que...

Elsa – *Quer dizer que uma coisa está no papel e outra coisa é a prática...*

E4 – Exactamente, mas depois outra coisa é a prática. Portanto criou-se, acho, um bocadinho isso. Foi isso que eu senti... Vi sentir isso nas outras colegas e senti essa dificuldade inicialmente. Mas agora não. Entretanto a Coordenadora mudou e acertei logo esses bocadinhos. Tem que ser um bocadinho para ti e um bocadinho para mim porque senão é complicado.³⁵⁶

Elsa – *Então, no desempenho dos diferentes papéis, os tais papéis que estão no papel mas que não estão tão assimilados quanto isso, será um factor que cause algum...?*

E4 – Portanto, tem que haver realmente uma boa coordenação entre as duas pessoas não é, para que as coisas funcionem. Se isso não existir pode eventualmente haver choque e causar alguma coisa menos positiva.³⁵⁷ Neste momento não se passa. A escola está a funcionar bem.

Elsa – *Em relação ao próprio Conselho Pedagógico e às reuniões do Conselho Pedagógico, qual é a sua percepção sobre a forma como a reunião é dinamizada?*

E4 – O que é que eu posso dizer? É que de facto estou aqui há muito pouco tempo, não é, a experiência em relação ao Pedagógico é muito pouca, mas aquilo que estou a ver tenho gostado. Acho é que apesar das reuniões serem longas o tempo é curto.³⁵⁸ Às vezes sinto que há essa limitação de tempo e já sentimos muito cansaço porque de facto... do trabalho... para estar aqui tardes inteiras... é cansativo de facto.³⁵⁹ Mas mesmo assim acho que... por vezes ainda sentimos falta de tempo. Porque por vezes não há tempo sequer para opiniões.³⁶⁰ Não há. Muitas vezes não há, porque há que por as propostas, há que as votar, mas às vezes não nos podemos alargar muito porque o tempo não chega. Os assuntos são imensos.³⁶¹ Porquê? Talvez porque estamos no começo ainda do agrupamento, não é, as coisas... eu estou convencida que daqui a mais uns aninhos, mais uns tempos em que as coisas estejam mais estáveis, que será muito mais fácil, já temos esse maior diálogo, mais ideias. Podemos realmente ter outro tipo... organizar de outra forma, porque agora há que fazer. Porque há muita coisa que ainda não está feita. E há que fazer.³⁶² Há que andar, não é? E portanto não há tempo para outro tipo de... de outras coisas. Podia eventualmente fazer as coisas mais profundas. Mas não há ainda tempo para isso.³⁶³ Porquê? Porque não pode mesmo ser. Agora têm que ser as coisas práticas, não é? E portanto temos muito que avançar.³⁶⁴ As horas que estamos aqui às vezes é pouco.³⁶⁵

Elsa – *Mas por exemplo, em relação à sua participação ao nível do Conselho Pedagógico, requer que tenha uma preparação prévia?*

E4 – Há coisas que sim, não é, porque... Por exemplo. Vamos falar das avaliações, não é? Portanto tive que preparar³⁶⁶ claro, peço ajuda evidentemente. Elas estão... o trabalho é a parte delas e depois eu tenho que organizar tudo o resto.³⁶⁷ Portanto, antes de ir para o pedagógico há que haver uma preparação.³⁶⁸

Elsa – *Se não houvesse essa preparação prévia, se calhar como está a dizer, em termos de tempo...*

E4 – Há, então seria bem pior, não é? Porque eu chegaria aqui e depois como é que seria, não é? Portanto eu tenho que preparar antes. Evidentemente. Há coisas que requerem uma reflexão.³⁶⁹

Elsa – *Eu penso que há pouco referiu que haviam determinados documentos que preparava em conjunto com os colegas das outras escolas...*

E4 – Sim. Por exemplo, o caso do... que tivemos a preparar... temos vindo também com os do 1º ciclo... o caso do... aí... projecto curricular. Já tivemos várias reuniões e preparámos em conjunto. Eu acho que está a ser muito benéfico.³⁷⁰ Pronto. Foi coisa que não se fazia antes. É um dos benefícios, não é? Portanto, estamos a trabalhar de facto agora em agrupamento. Coisas que, cada um trabalhava para o seu lado.³⁷¹

Elsa – *Se essas reuniões não existissem a dinâmica do Pedagógico ficaria comprometida?*

E4 – Ficaria. Ficaria porque é assim. Se eu venho para aqui com a opinião da minha escola, se a escola (...) vem com outra opinião, a (...) com outra opinião diferente, esta diversidade acabava por... seria bem complicado. Lá está, acho que é bom quando nós chegamos ao Pedagógico a nível do 1º ciclo já termos ideias definidas acerca das coisas.³⁷² Pelo menos... ideias bem definidas. Será bom. Acho que é bom para todos. Todos ficamos a ganhar, não é?

Elsa – *Já falou do tempo, que é a minha questão seguinte, pensa então que este tempo médio de duração dos Pedagógicos apesar de longo resulta curto?*

E4 – Resulta curto porque neste momento acho que os assuntos são ainda imensos³⁷³ para... a quantidade de reuniões ainda são imensos. Estamos atrasadas em algumas coisas, não é?³⁷⁴

Elsa – *E qual seria a solução?*

E4 – É assim, é complicado porque todos trabalhamos já imenso e todos temos o horário mais que cheio, não é?³⁷⁵ Portanto é complicado. Não vejo assim grande solução porque aumentar as reuniões não sei se até depois não teria o efeito contrário – o cansaço³⁷⁶ – não é? Pronto, é irmos andando, e aproveitarmos bem os períodos que temos... eu acho que temos estado a aproveitar bem, mesmo assim temos estado a aproveitar bem.³⁷⁷ E aproveitar sempre o melhor possível.

Elsa – *A gestão do tempo e dos assuntos acaba por, apesar de tudo...*

E4 – ... acho que está a ser bem aproveitado apesar de tudo. Nós não temos assim grandes tempos mortos. É sempre a andar. Os assuntos é que são imensos.³⁷⁸

Elsa – *Para terminar, aquilo que eu lhe iria pedir e até, dado à sua experiência porque acompanhou o processo de formação do Agrupamento e tem estado a acompanhar estes poucos anos em que somos Agrupamento, peço que faça um comentário, uma reflexão, algo que já tenha dito e que queira reforçar, que não tenha sido perguntado, mas que considere importante em relação à introdução das escolas do 1º ciclo no Agrupamento e num órgão que é o Conselho Pedagógico.*

E4 – Portanto é assim. Eu... (risos) eu como Agrupamento não tenho experiência porque é a primeira vez, enquanto há colegas que já trabalharam em Agrupamento noutros estabelecimentos, eu é a primeira vez que estou a trabalhar em Agrupamento. Se me perguntar antes e agora, se calhar é muito difícil dizer porque é assim: lá está, como há bocadinho estava a dizer, trabalhamos de muito boas vontades, o 1º ciclo o trabalho é sempre assim, de... pronto, mesmo de querer dar de si. Não por obrigação.³⁷⁹ Mas é porque a pessoa quer dar de si. Dá sempre mais que aquilo que... e eu volta e meia eu acho que as pessoas se desmotivaram um bocadinho quando entrámos em Agrupamento. Achei desmotivação da parte de algumas pessoas³⁸⁰ e isso no fundo não foi assim tão benéfico como isso, pronto. Agora acho que as coisas estão outra vez a começar a encaixar, estão a melhorar, mas vai levar tempo.³⁸¹ Estas coisas não são coisas... não se trabalha uma vida inteira, não é, no meu caso que tenho para vinte e sete anos de serviço quase... uma vida inteira quase... a gerir... pronto, um trabalho de escola totalmente diferente, depois não é num ano ou dois que se muda tudo isto assim... uma mentalidade, não é?³⁸² As coisas levam tempo, não é? E pronto, é como digo, é a primeira vez que estou e acho que os benefícios hão-de vir mas por enquanto não se vêm assim³⁸³ tão, tão, tanto... ou é de mim própria, a minha mentalidade, porque de facto, não é, foram muitos anos a trabalhar da mesma maneira.³⁸⁴

Elsa – *Quer dizer que se pudesse escolher voltaria ao tempo antes do Agrupamento?*

E4 – Eu não sei se voltaria antes,³⁸⁵ porque há coisas que não têm volta (risos). Porque... vamos lá a ver, a nível do tal intercâmbio de escolas, do tal dar a conhecer, do tal... eu acho que isso é muito bom...³⁸⁵

Elsa - ... a nível pedagógico.

E4 – A nível pedagógico eu acho que isso é óptimo.³⁸⁶ Eu acho que o problema às vezes é administrativo. Aí é que às vezes a gente sente a tal dificuldade,³⁸⁷ não tanto a nível... porque a pedagógico eu acho que só tem vantagens. Acho que só tem vantagens.³⁸⁸ A nível administrativo, às vezes não é fácil, não é fácil porque... para gerirmos aquele... parece que estamos sempre tão dependentes³⁸⁹ que acabamos por ficar... sei lá, às vezes não sei se podíamos fazer melhor, mas a gente às vezes sente que se calhar as coisas sempre a mudar... e às vezes parece que tão ali...

Elsa – *Porque tem, por exemplo, a ver com o ter que esperar pela próxima reunião?*

E4 – Exactamente. Também tem a ver com isso. Tem a ver... não só, porque há coisas que são do Executivo, não são aqui da... do Pedagógico. Pronto, a gente às vezes sente que parece que estamos sempre muito dependentes.³⁹⁰ E pronto, não funcionávamos assim. E a nossa escola foi sempre uma escola muito activa, muito dinâmica... e às vezes sinto que estamos assim um bocadinho... temos que voltar outra vez a encontrar aquilo que perdemos. Acho que se perdeu um bocadinho.³⁹¹

Elsa – *Mas essa perda de dinamismo em termos de escola, teve a ver com a formação do Agrupamento ou também há outras causas?*

E4 – Teve. Eu acho que... Bem, é assim. Não só. Também tem outras causas. Porque é assim: nós também tivemos ali um problema que foi o constante mudar de professores, não é? O pessoal docente constantemente a mudar eu acho que também não trás assim tantas vantagens, não é? Porque quando estamos a começar a desenvolver um trabalho, vem outro professor que quebra constantemente... acho que isto não é benéfico para ninguém, não é? Também tem a ver com esse aspecto. E acho que depois a própria entrada... porque isto depois... ficámos ali um bocadinho... será que podemos, será que não podemos, agora temos que, agora... quer dizer, está sempre muito dependente de... de... pronto, de outros. Isto é mesmo assim porque nós ali agora não podemos ao fim ao cabo gerir nada, decidir nada,³⁹² sem... não é? E portanto isto sempre nos... como nós estamos habituados a uma dinâmica totalmente diferente, isto agora... vai com o tempo.

Elsa - *Que é o período de adaptação...*

E4 – É o período de adaptação que não está tão fácil assim.³⁹³ Pronto, vamos com o tempo. Acho que depois poderá trazer benefícios. Mas por enquanto acho que precisamos de tempo. Estamos a precisar é de tempo.³⁹⁴

Elsa – *Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa...*

E4 – Não. (risos). Pronto, é isso, é esperarmos. É dar tempo. Eu acho que tudo se consegue com boa vontade. É fundamental, não é, porque nestas coisas tem que ser. Trabalhar tudo para o mesmo fim. (risos)

Elsa – *Então eu agradeço a atenção, a disponibilidade, o empenho e a simpatia que demonstrou. Sem o seu contributo e dos restantes entrevistados eu não teria qualquer hipótese de realizar o meu trabalho. Agradeço a sua colaboração. Obrigado.*

Anexo XV
Transcrição da Entrevista 5

ENTREVISTA 5

27 DE ABRIL DE 2007

HORA LOCAL: 14.30 H

Entrevista 5

27 de Abril de 2007 – 14.30 horas

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a sua presença, bem como a disponibilidade que revelou ao aceder ao meu convite.

O meu nome é Elsa Serra e sou professora deste Agrupamento. Solicitei a sua colaboração no âmbito da minha dissertação de mestrado, e peço-lhe que partilhe comigo as suas percepções e opiniões em relação às questões que lhe colocar.

Como sabe, procuro conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação do Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir irei entrevistar os elementos do Conselho Pedagógico do 1º ciclo e aqueles que possuem a experiência de trabalho no CP antes e depois da formação do Agrupamento. A carta explicativa para o consentimento informado que lhe foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O seu contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refira claramente aquilo que pensa e sente relativamente às questões que lhe irão ser colocadas, independentemente de considerar que o que vai dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a sua percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-la atentamente.

Conforme a sua autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhe-á facultada, no intuito de a validar.

Se em qualquer momento quiser interromper ou ausentar-se, está à vontade para o fazer.

(...)

Elsa – *Vou começar por lhe perguntar se acompanhou o processo de formação deste Agrupamento Vertical de Escolas.*

E5 – Sim.

Elsa – *Em relação a essa formação do Agrupamento pensa que ele conduziu ao aparecimento de factores positivos para o funcionamento global das escolas que o constituem e se sim, quais?*

E5 – Inicialmente eu penso que os factores não foram positivos.³⁹⁵ Não consigo encontrar quais os factores que foram positivos visto que no meu caso na escola do 1º ciclo perdemos autonomia a nível de gestão financeira porque os recursos ficaram todos presos no agrupamento³⁹⁶ e sempre que queremos ter alguma despesa há uma grande burocracia a nível de papéis para conseguirmos esses recursos financeiros que são dados pelos meninos no início do ano.³⁹⁷

Elsa – *É só em relação aos recursos dados pelos meninos ou em relação aos que vêm...*

E5 – Não. Não. Porque os da... os da Câmara que vêm dos projectos estão a conseguir libertá-los. Agora a nível do... por exemplo, ao fazer alguma compra, não é, estamos mais limitados³⁹⁸ a nível... eu é que guardava o dinheiro dos meninos. Ia gerindo aquele dinheiro à medida que... pronto, era preciso tal por causa dos dias festivos, era preciso para a prenda para o dia da mãe, para a prenda do dia do pai, para a Páscoa, eu é que comprava o material e debitava e ia descontando no dinheiro que eu tinha logo no início do ano, dos donativos dos meninos.³⁹⁹ Agora não. Agora tem que vir tudo para a (...) e só ao fim de dois três meses é que me é devolvido esse... esse dinheiro.⁴⁰⁰

Elsa – *Então isso implica o quê em termos de planificação, por exemplo?*

E5 – Exactamente. Em termos de planificação é tudo com muita antecedência, a nível depois também de fotocópias.⁴⁰¹ Ao fim de semana é que eu organizava a minha semana, não é, e não posso sequer tirar fotocópias ao fim de semana porque o Agrupamento não paga essas fotocópias.⁴⁰² É durante a semana que tenho que me deslocar a um “Office Center” ou a uma lojinha de fotocópias porque não posso ao fim de semana ir tirar fotocópias. Todo o material que adquira ao fim de semana ou feriados não é pago pelo Agrupamento, enquanto que naquela altura eu gerindo o dinheiro poderia ter uma organização diferente.⁴⁰³ Aquilo que eu noto mais é a nível de gestão financeira.⁴⁰⁴ E acho que a nível da escola, a escola perdeu um bocado a autonomia que nós tínhamos. Agora deixámos de ter. Qualquer coisa, precisamos de autorização.⁴⁰⁵

Elsa – *Esse é o aspecto negativo...*

E5 - ... negativo...

Elsa – *Quando começou a sua resposta começou por dizer que de início não havia nada de positivo. E agora?*

E5 – Agora sim. Agora sim. Acho que a nível de... dos projectos, a ligação que há, como foi a Marcha Solidária e tudo, acho que é muito importante.⁴⁰⁶ O dia do... do livro, a semana da leitura, acho que a interacção que está a começar a existir, porque é assim acho que agora é estamos a começar a trabalhar como Agrupamento. Inicialmente não.⁴⁰⁷ Agora estamos a começar a trabalhar em Agrupamento coisa que nós não sabíamos.⁴⁰⁸ E agora começam-se a ver alguns aspectos positivos tanto... principalmente nas principais áreas. A Língua Portuguesa, a Matemática, está a haver uma interacção do 1º ciclo com o 2º ciclo o que é muito bom para os nossos meninos que vêm depois para esta escola.⁴⁰⁹ A nível pedagógico, não é, neste caso.⁴¹⁰

Elsa – *Relativamente à sua percepção sobre as dificuldades que as escolas do 1º ciclo possam sentir por estarem representados no Conselho Pedagógico do Agrupamento, pensa que houve dificuldade por parte das escolas do 1º ciclo para se fazerem representar no Conselho Pedagógico de Agrupamento ou não?*

E5 – Não. Dificuldade não. Mas noto é que muitos dos assuntos que são tratados, basicamente são do 2º ciclo.⁴¹¹ E em certas coisas nós parece que estamos um bocadinho mais... mais à parte.⁴¹²

Elsa – *Isso ao nível dos assuntos tratados em Pedagógico. Mas a minha questão era em relação às dificuldades que a escola sente por ter que vir ao Pedagógico que não sentia antes quando não estava cá representada. Dificuldades ou benefícios.*

E5 – Então eu penso que é assim. Ao nível das dificuldades que a escola possa... possa sentir é o facto de alguns assuntos terem que ter autorização do... do... do Pedagógico,⁴¹³ em vez de poderem ser decididos, porque podem surgir coisas à escola para serem decididas logo, de imediato, e porque tem tudo que vir aqui à aprovação para nós torna-se mais complicado não termos uma decisão imediata⁴¹⁴ e não terem que vir aqui o... os assuntos.

Elsa – *E esse facto faz com que, por exemplo, alguma coisa que vocês gostassem de fazer ou planificar deixe de ser feito?*

E5 – Exactamente. Certas actividades que às vezes nos propõem, como não há... não há tempo para poderem vir a Pedagógico,⁴¹⁵ por causa da... do... pronto, da marcação do... do Pedagógico... porque não há tempo de virem cá e de serem aceites há certas actividades que se vão... que se vão perdendo⁴¹⁶ porque não temos autonomia para poder... não temos o poder de decisão. Tem que passar por... por aqui, pelo Pedagógico.⁴¹⁷

Elsa – *E alguma vantagem que possa advir do facto das escolas do 1º ciclo estarem representadas no Conselho Pedagógico?*

E5 – Mais nenhuma.

Elsa – *Em relação à sua escola e comparando-a com as outras escolas do 1º ciclo, haverá algum motivo que a distinga das restantes e que possa com isso fazer com que para essa escola em particular haja mais benefício?*

E5 – Há. Há. A minha escola está inserida num meio sócio-cultural muito baixo. É uma zona muito carenciada e por essa razão foi nomeada uma animadora cultural que ficou na... na escola,⁴¹⁸ pronto, onde... onde eu estou, por causa dos problemas a nível culturais. Porque a escola do Agrupamento é uma das escolas do 1º ciclo que mais precisa de trabalhar a socialização, de trabalhar as regras. Nós beneficiámos dessas animadora por causa de onde está a escola inserida.

Elsa – *E teriam beneficiado da mesma forma se não estivessem em Agrupamento?*

E5 – Nós temos tido... temos conseguido ter sempre uma animadora porque temos feito sempre o concurso. Mas não... não temos a certeza. Mas... mas notou-se que a Presidente ao fazer a escolha da animadora que teve esse cuidado em seleccionar as escolas, no caso onde está a minha, porque está inserida numa zona... tão baixa, a nível tanto cultural como económica.⁴¹⁹

Elsa – *Então isso poderá considerar-se um...*

E5 - ... um aspecto positivo...

Elsa - ... um aspecto positivo?

E5 – Exacto.

Elsa – *Em relação à sua escolha como representante da escola no Conselho Pedagógico, como é que ela decorreu?*

E5 – Eu fiquei efectiva nesta... nesta escola e quando cheguei à escola só haviam duas efectivas. Uma era a coordenadora... tinha sido eleita coordenadora de estabelecimento, a outra efectiva estava à espera que chegassem os papéis da reforma. Isto no início de Setembro. Chegariam por volta de Novembro. Não iria sequer terminar o 1º período. E então, como eu fiquei efectiva e estava no regulamento interno que só poderiam ser coordenadoras do Pedagógico professoras do quadro, então foi uma imposição, que depois teve que ser feita a eleição.⁴²⁰

Elsa – *Mas uma eleição com um...*

E5 – Imposta...

Elsa – *Imposta?*

E5 – Imposta. Porque nem sequer conhecia a realidade das coisas da escola, não conhecia as colegas, não conhecia rigorosamente nada, e... e então foi uma eleição... imposta.⁴²¹

Elsa – *Isso significa que, o que acabou de referir de não conhecer a escola e as colegas, constituíram uma dificuldade...*

E5 - ... muito grande.

Elsa - ... *no exercício do cargo...*

E5 - ... muito grande. Ainda por cima sabendo que a escola estava inserida num meio tão complicado fiquei um pouco assustada com o que é que poderia acontecer por não conhecer a escola.⁴²² Mas... mas pronto. Correu tudo bem.

Elsa – *A grande dificuldade então na sua percepção relaciona-se com...*

E5 - ... o não conhecer a escola, não conhecer as colegas e ir para um cargo que iria representar uma coisa que eu não conhecia. Logo à partida não tinha conhecimento da... da realidade daquela escola.⁴²³

Elsa – *Isso foi logo no início. E neste momento? Continua a sentir essa dificuldade...?*

E5 – Não, não, não...

Elsa - ... *já sente benefícios? E se sim quais?*

E5 – Sim, neste momento sim. Neste momento já não existe... já não existe essa... essa dificuldade, já tive tempo suficiente para... para conhecer a realidade da escola.⁴²⁴ A escola também tem sido apoiada por um Observatório que pertence à... à... à Santa Casa da Misericórdia, o que tem ajudado muito em alguns casos de meninos que nós temos passado para... para observação. Pronto, e todos estes aspectos se têm tornado agora positivos e pronto, eu tenho vindo a conhecer para depois poder representar.⁴²⁵

Elsa – *Quando está presente no Conselho Pedagógico, estou a falar já no decurso das reuniões, sente benefícios ou sente alguma dificuldade nesse seu papel de membro efectivo do Conselho Pedagógico, durante o decurso das reuniões?*

E5 – Não. Durante o decurso das reuniões são abordados os assuntos, sempre que haja alguma coisa faz-se a intervenção correcta na altura para haver um esclarecimento, e os assuntos que a minha escola trás, se houver alguma situação, são sempre abordados na altura.⁴²⁶

Elsa – *Portanto, aí não sente dificuldades?*

E5 – Não, não, não.

Elsa – *Considera que beneficia alguma coisa na sua prática, no seu dia-a-dia, o que quer que seja, pelo facto de estar no Pedagógico, ou seja, se não estivesse no Pedagógico perderia com isso em relação a algumas coisas?*

E5 – Sim. Penso que sim. Penso que sim, porque ao estar no Pedagógico a informação passa primeiro por mim e depois eu é que a transmito às colegas. Então eu fico informada primeiramente do que... do que os outros, e acho que isso também é bom.⁴²⁷ Serve... porque penso que às vezes se não estivesse como representante no Pedagógico se calhar alguns assuntos não iriam chegar até mim ou poderiam chegar mas eu não lhes iria dar a devida importância.⁴²⁸ Agora penso que é um bocadinho diferente.

Elsa – *Isso significa que os horizontes com que olha para a escola, para a actividade, se modificam pelo facto de estar no Pedagógico?*

E5 – Sim, sim, sim, sim. E acho que é uma... é uma vantagem... pronto, e todos os colegas deveriam de... de poder também... também estar para... para saberem. Porque há certas coisas que nos passam um bocado no dia-a-dia e que estando... estando aqui temos uma percepção um bocado... um bocado diferente.⁴²⁹

Elsa – *E consegue precisar algumas dessas coisas? Exemplificar?*

E5 – Basicamente... Eu sinto pelo facto de estar como representante do 1º ciclo no Pedagógico sinto benefício, principalmente a nível legal,⁴³⁰ porque consigo ter a percepção das coisas, porque vejo pelas minhas colegas quando fazemos o Conselho de Docentes, que muitas das vezes quando eu estou a dar certo tipo de informações, como não são coisas que estão assim a fazer-lhes tanta falta não há tanta atenção. Portanto quanto àquilo que por vezes eu possa estar... enquanto que eu fico informada de algo que também se calhar se estivesse na situação delas não estaria com tanta atenção.⁴³¹

Elsa – *Quando prepara a reunião de Conselho de Docentes é a responsável pela condução da reunião, ou não?*

E5 – A primeira parte. A primeira parte da reunião sou eu que inicio a reunião e começo por falar de todos os pontos.⁴³² Alguns pontos do que se passa no Conselho Pedagógico, há certas coisas que eu vejo que não nos diz tanto respeito a nível do 1º ciclo... Só informo. Não exploro tanto. E há outros assuntos que não.

Elsa – *Isto porque o Coordenador de Estabelecimento é outra pessoa?*

E5 – Exactamente. Exactamente.

Elsa – *Pelo acto de existir um Coordenador de Pedagógico, que vem às reuniões de Conselho Pedagógico, e depois existir um Coordenador de Estabelecimento, esse facto faz com que haja maior dificuldade no tratamento dos assuntos, ou pelo contrário traz benefícios?*

E5 – Não. Traz benefícios. Traz benefícios porque há uma relação muito boa entre mim e a Coordenadora.⁴³³ Sempre que eu tenho... sempre que eu levo as informações, primeiro falo com a Coordenadora. Reunimos um bocadinho as duas e eu digo-lhe quais foram os assuntos⁴³⁴ e muitas das vezes há assuntos que são aqui tratados em Pedagógico que ela também já teve a nível de informações... no ponto das informações e dos outros assuntos que são tratados no Pedagógico. Alguns deles a Coordenadora também já tem conhecimento. Então, quando eu estou a informar os colegas em Conselho de Docentes a Coordenadora depois também acrescenta mais uma ou outra coisa... relativamente. Por isso penso que é muito positivo... pronto.⁴³⁵ O que nós fazemos eu e a Coordenadora, as duas coordenadoras, que é... fazemos primeiro uma análise dos dados⁴³⁶ e depois então...

Elsa – *Portanto, complementam as informações...*

E5 - ... sim, sim. Exactamente. Exactamente. Uma à outra.

Elsa – *E não vê nada de negativo pelo facto dos cargos serem ocupados por pessoas diferentes?*

E5 – Não, não, não. Até pelo contrário, porque acho que como Coordenadora do Estabelecimento, a nível de carga, já... já... de trabalho... já é demasiado.⁴³⁷

Elsa – *Aquilo que vos compete em termos de funções é diferente?*

E5 – Muito diferente. Muito diferente. Tem uma carga de trabalho muito, muito diferente. A nível de qualquer tipo de responsabilidade.⁴³⁸ Eu, basicamente, é controlar os projectos, pronto, que também o faço com a ajuda dela e de outros colegas e trazer as informações, sempre que há algum tipo de informações. O levar a informação e o trazer a informação. A Coordenadora tem muito mais trabalho. Sem dúvida algum.

Elsa – *Em relação agora ao Pedagógico e à forma como decorrem as reuniões, qual é a sua percepção sobre a forma como as reuniões decorrem, sobre o dinamismo que se imprime durante uma reunião do Pedagógico? Como é que caracteriza esse dinamismo?*

E5 – Eu penso que às vezes perde-se um bocadinho os assuntos. Começa-se a falar, a falar, a falar e às vezes perde-se um bocadinho.⁴³⁹ Mas também me apercebi que existe uma... uma... uma... uma ordem de trabalhos e que às vezes essa ordem de trabalhos está programada pela Presidente do Conselho Pedagógico⁴⁴⁰ e que por vezes tem que ser alterada porque existem outros assuntos que não estavam nessa ordem porque não foram dados com o tempo devido para ela inserir na hora. E por essa razão é que muitas das vezes a dinâmica... estende-se tanto.⁴⁴¹

Elsa – *Está a falar em termos do tempo de duração do Pedagógico?*

E5 – Exacto.

Elsa – *Em relação ao tempo que demora o Pedagógico ele é adequado, não é adequado, se sim, se não, porquê?*

E5 – Ultimamente tem sido. No início penso que não. Penso que se demorava um pouco... um pouco demais.⁴⁴² Agora penso que já se está a conseguir uma... uma... uma ordem um bocadinho diferente. As pessoas já estão um bocadinho a perceber que é preciso entregar as coisas com a devida antecedência.⁴⁴³

Elsa – *Está-me a dizer que a dinâmica da reunião por um lado passa por aquilo que se possa fazer com antecedência em relação...?*

E5 – Exactamente. Às informações que têm que ser dadas e que são dadas em cima da hora. Enquanto que a Presidente já programou a sua... a sua ordem de trabalhos e depois vai ter que acrescentar.⁴⁴⁴ E nessa ordem de trabalhos não estava as coisas que são dadas em cima da hora. Eu penso que é isso que está então a alargar...

Elsa – *E por isso, isso é algo que prejudica a dinâmica da própria reunião?*

E5 – Sim, sim.

Elsa – *Disse que neste momento a duração dos Pedagógicos já começa a ser menor. Isso deve-se apenas ao facto das pessoas já trazerem antecipadamente as coisas mais preparadas?*

E5 – Eu acho que sim. Eu acho que sim.

Elsa – *Isso implicou no vosso caso, 1º ciclo, o quê?*

E5 – Dizemos às colegas a nível também das visitas de estudo que não era no dia que eu tenho a reunião...⁴⁴⁵ que tenho a reunião às três e meia da tarde e que me entregam a visita de estudo à uma, para eu poder dar essa informação. E que sim, que têm que me entregar a visita de estudo no início da semana para eu durante a semana deixar no dossier da Presidente do Conselho Pedagógico.⁴⁴⁵

Elsa – *E em relação ainda ao decurso das reuniões e portanto à forma como as coisas são abordadas. O que é que lhe apetece dizer sobre isso?*

E5 – Pronto. Eu penso que a organização da reunião em si, tem uma organização correcta.⁴⁴⁶ O 1º ciclo também... também tem o seu tempo para intervir se necessário.⁴⁴⁷ Por vezes podia-se começar alguns assuntos pelo 1º ciclo e não sempre começar pelos assuntos do 2º ciclo.⁴⁴⁸ Mas penso que qualquer... a própria estrutura que estará... que estará correcta. Os assuntos.

Elsa – *Mas alguma vez sentiu que pelo facto dos assuntos do 1º ciclo estarem calendarizados na ordem de trabalho mais tarde isso terá prejudicado o 1º ciclo em alguma coisa?*

E5 – Prejudicado não. Mas... mas inicialmente começa sempre pelo 2º ciclo. É sempre o 2º ciclo e não o 1º ciclo. Mas prejudicado penso que não.⁴⁴⁹

Elsa – *Neste momento aquilo que lhe iria pedir e caso considere importante era que faça um comentário ou uma reflexão final, no fundo sobre este tema, sobre a formação dos Agrupamentos e a integração do 1º ciclo no Agrupamento, nomeadamente ao nível do*

Conselho Pedagógico. Alguma coisa que não tenha dito ou se quiser reforçar algo do que disse em relação a esta temática alguma coisa de importante que considere...

E5 – Eu continuo a pensar como dei a primeira resposta. A nível da gestão que para nós foi mais complicado porque as escolas do 1º ciclo perderam bastante autonomia.⁴⁵⁰ Pronto. No entanto já... existem já vantagens pelo facto de estarmos a... a pertencer a um Agrupamento. Só que o Agrupamento foi formado há poucos anos e agora está em fase de crescimento e temos todos que crescer um bocadinho também.⁴⁵¹ Acho que agora vai ser dar mais um bocadinho o tempo ao tempo para ver como é que as coisas vão... vão... vão crescendo, vão-se desenvolvendo.⁴⁵²

Elsa – *Isso implicaria por exemplo algum tipo de atitudes por parte das pessoas, dos órgãos?*

E5 – Não. Eu acho que todas as pessoas que têm agora este tipo de cargos que já estão a perceber a dinâmica de funcionamento e acho que as coisas pouco a pouco estão a melhorar.⁴⁵³

Elsa – *E com que reflexos?*

E5 – Positivos.

Elsa – *Para...*

E5 – Para ambas as escolas. Penso que sim.

Elsa – *Então, eu agradeço a sua atenção, a sua simpatia. Sem o seu contributo não teria qualquer hipótese de realizar o estudo que estou a fazer e por isso agradeço mais uma vez a sua presença e colaboração.*

Anexo XVI
*Enquadramento entre as frases significativas das Entrevistas
Individuais e os Objectivos da Investigação*

ENQUADRAMENTO ENTRE AS FRASES SIGNIFICATIVAS DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E OS OBJECTIVOS DA
INVESTIGAÇÃO

Entrevistas 2 a 5 – Aos docentes do 1º ciclo que representam a sua escola na CP

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	217. “(...) aquilo que de facto me parece e que cada vez mais se vai procurando fazer é que exista uma cooperação e uma ligação entre os vários departamentos e falando no nosso caso mais específico com o 1º ciclo.” [E2] 218. “Já existe situações em que há grande ligação com o departamento de Educação Física e com o departamento de Matemática” [E2] 219. “(...) neste momento está-se a procurar de facto alargar isto aos restantes departamentos.” [E2] 220. “Procurar que o departamento das Ciências possa vir ao 1º ciclo ou preparar actividades em que as escolas do 1º ciclo possam ir à sede do agrupamento realizar algumas actividades com o departamento de História, Geografia de Língua Portuguesa,” [E2] 221. “(...) tentar criar esta ligação entre todos o... ou seja, entre todas as áreas vá, com as escolas do 1º ciclo” [E2] 222. “Acaba por haver uma boa dinâmica entre todas as pessoas que estão presentes. Praticamente todas as pessoas participam, dão sugestões independentemente se o assunto é do departamento X, Y ou da escola A, B ou C do 1º ciclo.” [E2] 223. “Portanto, todas as pessoas procuram participar e dar sugestões o que me parece, lá está, vantajoso.” [E2] 224. “Por vezes é muito mais vantajoso de facto chega à hora que está previsto terminar e dar mesmo por encerrada a reunião e marcar-se uma nova reunião na semana seguinte.” [E2] 225. “Agora, por vezes, também se calhar por mais uma hora, acaba por não ser... por não se justificar interromper a reunião e passar para... para uma sessão na semana seguinte.” [E2] 226. “(...) com o prolongar, com o passar das horas, há um cansaço muito maior nas pessoas” [E2] 227. “(...) alguns assuntos em que uma pessoa já... já procura abordar de uma forma, se calhar muito mais objectiva, tendo em conta mesmo o cansaço que se verifica nas pessoas.” [E2] 228. “Como também não há por vezes o fugir para um outro assunto paralelo a esse. As pessoas acabam por... por se fixar mais... e procurar ser mais rápidos em algumas tomadas de decisões,” [E2] 273. “(...) temos feito um bom trabalho... temos... tem sido positivo...” [E3] 274. “(...) às vezes não é tão positivo porque sei que as reuniões são muito extensas” [E3] 275. “(...) acredito que chega a uma altura que as pessoas já não estão com... com muita capacidade para continuar... mas... mas penso que temos feito aquilo que nos é possível.” [E3] 276. “(...) a reunião é programada para um tempo e penso que por vezes a ordem de trabalhos... penso que antecipadamente já se sabe que não se vai conseguir cumprir aquela ordem de trabalhos” [E3] 277. “(...) se calhar, eu sei que as coisas têm que ser feitas e portanto têm que ser programadas, mas se calhar aí podia haver um bocadinho mais de ponderação.” [E3] 278. “Mas acho que a reunião é bem organizada...” [E3] 279. “(...) porque se diminuirmos o número de assuntos de uma reunião obrigatoriamente, entre aspas, iremos ter que fazer outra a não ser que o assunto dê para ser adiado tanto tempo que passe para o Pedagógico do mês seguinte,” [E3] 280. “(...) se forem coisas que realmente têm que ser decididas eu penso... bom aí já é mesmo a minha opinião, eu penso que é mais proveitoso fazer-se duas reuniões logo... pensar-se logo em duas reuniões” [E3] 281. “(...) acabamos por fazer sempre duas reuniões porque se não conseguirmos cumprir passa sempre para a semana seguinte, dali a 15 dias, seja quando for.” [E3]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	286. “Acho que tinha mesmo que haver um representante por cada escola porque, lá está, se eu digo que não sei informações sobre a minha escola muito mais dificilmente iria saber se tivesse que representar as quatro” [E3] 289. “Já chegámos a reunir uma vez com a Presidente para... que era um assunto... para... para... para o Projecto Curricular do Agrupamento” [E3] 290. “(...) era uma coisa que ia demorar bastante tempo e que só dizia respeito ao 1º ciclo porque tinha a ver com horários e com a organização das actividades extracurriculares, para não se estar a levar esse assunto para o pedagógico porque ia realmente levar imenso tempo, combinámos um dia, nós os quatro com a Presidente e estivemos ali a acertar umas...” [E3] 291. “(...) ela informou-nos com antecedência as informações que queria.” [a presidente do CP] [E3] 292. “(...) para esclarecer dúvidas e pronto para ficar tudo alinhado, combinámos essa reunião.” [E3] 297. “(...) se calhar devíamos ser mais. (...) Mais representantes do 1º ciclo.” [E3] 298. “Penso que em proporção do número de alunos que existe no 1º ciclo, pelo menos neste, ao número de alunos que existe no 2º e no 3º se calhar estamos um bocadinho mal representados.” [E3] 299. “Penso que ainda não houve nada em que realmente isso nos tivesse prejudicado, mesmo em termos das coisas que são decididas e que são votadas...” [E3] 300. “(...) nunca notei que tivéssemos sido prejudicados em relação a isso,” [E3] 301. “Não noto que sejamos discriminados. [durante o CP]” [E3] 302. “(...) se tivesse que haver, sei lá, isto para dar um exemplo, alguma votação em que o 2º e o 3º ciclo estivesse todo com uma opinião e o 1º ciclo estivesse com outra nunca iríamos a lado nenhum porque, pronto, porque em termos numéricos somos muito menos.” [E3] 303. “Nem nunca acho que devêssemos ser mais, porque é quase impossível.” [E3] 304. “Há mais áreas. Portanto aí é óbvio que tem que haver mais representação do 2º e 3º ciclo do que o 1º.” [E3] 305. “(...) há coisas que é impossível juntar, não é, as avaliações que se fazem” [E3] 306. “(...) acho que até estamos bem integrados e que estamos a trabalhar bem como um conjunto e não como o professor dali ou o professor dali” [E3] 358. “Acho é que apesar das reuniões serem longas o tempo é curto.” [E4] 359. “Às vezes sinto que há essa limitação de tempo e já sentimos muito cansaço porque de facto... do trabalho... para estar aqui tardes inteiras... é cansativo de facto.” [E4] 360. “(...) por vezes ainda sentimos falta de tempo. Porque por vezes não há tempo sequer para opiniões.” [E4] 361. “Muitas vezes não há, porque há que pôr as propostas, há que as votar, mas às vezes não nos podemos alargar muito porque o tempo não chega. Os assuntos são imensos.” [E4] 362. “(...) agora há que fazer. Porque há muita coisa que ainda não está feita. E há que fazer.” [E4] 363. “Podia eventualmente fazer as coisas mais profundas. Mas não há ainda tempo para isso.” [E4] 364. “Agora têm que ser as coisas práticas, não é? E portanto temos muito que avançar.” [E4] 365. “As horas que estamos aqui às vezes é pouco.” [E4] 372. “(...) acho que é bom quando nós chegamos ao Pedagógico a nível do 1º ciclo já termos ideias definidas acerca das coisas.” [E4] 373. “Resulta curto porque neste momento acho que os assuntos são ainda imensos” [E4] 374. “(...) a quantidade de reuniões ainda são imensos. Estamos atrasadas em algumas coisas, não é?” [E4] 375. “(...) é complicado porque todos trabalhamos já imenso e todos temos o horário mais que cheio, não é?” [E4]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	376. “(...) aumentar as reuniões não sei se até depois não teria o efeito contrário – o cansaço” [E4] 377. “(...) eu acho que temos estado a aproveitar bem, mesmo assim temos estado a aproveitar bem.” [E4] 378. “Nós não temos assim grandes tempos mortos. É sempre a andar. Os assuntos é que são imensos.” [E4] 411. “Mas noto é que muitos dos assuntos que são tratados, basicamente são do 2º ciclo.” [E5] 412. “E em certas coisas nós parece que estamos um bocadinho mais... mais à parte.” [E5] 426. “Durante o decurso das reuniões são abordados os assuntos, sempre que haja alguma coisa faz-se a intervenção correcta na altura para haver um esclarecimento, e os assuntos que a minha escola trás, se houver alguma situação, são sempre abordados na altura.” [E5] 439. “(...) penso que às vezes perde-se um bocadinho os assuntos. Começa-se a falar, a falar, a falar e às vezes perde-se um bocadinho.” [E5] 440. “(...) uma ordem de trabalhos e que às vezes essa ordem de trabalhos está programada pela Presidente do Conselho Pedagógico” [E5] 441. “(...) por vezes tem que ser alterada porque existem outros assuntos que não estavam nessa ordem porque não foram dados com o tempo devido para ela inserir na hora. E por essa razão é que muitas das vezes a dinâmica... estende-se tanto.” [E5] 442. “Penso que se demorava um pouco... um pouco demais.” [E5] 443. “As pessoas já estão um bocado a perceber que é preciso entregar as coisas com a devida antecedência.” [E5] 444. “Às informações que têm que ser dadas e que são dadas em cima da hora. Enquanto que a Presidente já programou a sua... a sua ordem de trabalhos e depois vai ter que acrescentar.” [E5] 446. “Eu penso que a organização da reunião em si, tem uma organização correcta.” [E5] 447. “O 1º ciclo também... também tem o seu tempo para intervir se necessário.” [E5] 448. “Por vezes podia-se começar alguns assuntos pelo 1º ciclo e não sempre começar pelos assuntos do 2º ciclo.” [E5] 449. “Mas... mas inicialmente começa sempre pelo 2º ciclo. É sempre o 2º ciclo e não o 1º ciclo. Mas prejudicado penso que não.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS 169. “(...) acaba sempre por ser positivo mais que não seja poder ir retirar ao 2º e 3º ciclo aspectos que consideramos vantajosos e que ainda não são utilizados ao nível do 1º ciclo e portanto essa interacção entre o 1º ciclo e o 2º e o 3º acaba por ser bastante positivo.” [E2] 232. “(...) parece-me importante é realçar as vantagens que temos tirado já que este momento é o caminho que tem que ser seguido. É o caminho em agrupamento e portanto parece-me de facto importante ligar a isso.” [E2] 233. “(...) de acordo com aquelas vantagens que eu já enumerei, mantinha de facto... esta escola, pelo menos, do 1º ciclo em agrupamento.” [em relação às vantagens enumeradas para as escolas pertencentes ao Agrupamento] [E2] 234. “(...) o trabalharmos todos em conjunto e partilharmos... algumas ideias e algumas regras e isso eu acho vantajoso,” [E3] 240. “(...) acho positivo... estas trocas de, de... quando se participa em alguma coisa participarmos todos juntos porque para todos os efeitos a comunidade é toda a mesma não é,” [E3]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS 241. “(...) os miúdos conviverem com os seus colegas daqui e conviverem com os outros e isso acho ótimo até porque os alunos que nós começamos a ter no jardim de infância são os mesmos que nós vamos ter ao longo dos ciclos todos. E aí acho importante que... que haja este... esta continuidade.” [E3] 242. “(...) tentar aproximar os trabalhos para... no fundo quando eles chegam ao nível seguinte haver algum conhecimento daquilo que eles eram antes, que aí eu acho que se perdia um bocadinho e agora com os agrupamentos seja mais fácil continuar.” [E3] 287. “(...) normalmente não são muito frequentes mas tentamos que... há coisas que tentamos fazer igual, iguais para as escolas todas.” [E3] 288. “(...) reunimos no dia que marcamos entre nós os quatro, no dia em que nos dê jeito e discutimos aqueles assuntos que achamos que são mais importantes e que têm que ser realmente em comum com as escolas todas.” [E3] 293. “Aliás, essa para mim é a grande vantagem dos agrupamentos. [a partilha]” [E3] 294. “(...) mesmo dentro do 1º ciclo de haver trocas de experiências porque antes disso cada escola era uma escola e ninguém contactava com ninguém praticamente.” [E3] 295. “Havia sempre conhecimentos entre professores e assim mas não... não havia tanta troca como há agora, como... tem que haver agora.” [E3] 296. “(...) por sermos parte integrante do agrupamento só temos mesmo que estar representados nos órgãos que... que o constituem.” [E3] 307. “(...) a cooperação entre as várias escolas, a troca e o intercâmbio, tudo isso acho que é positivo,” [E4] 312. “(...) tem de positivo muitos intercâmbios que estamos a fazer (...) no nivelamento de certas coisas, (...) Com as outras escolas do 1º ciclo,” [E4] 326. “É esse intercâmbio de experiências que nós já estamos a fazer de facto,” [E4] 327. “(...) o acertar, por exemplo de, sei lá a nível de conteúdos, a nível de programações, a nível de haver um trabalho mais igual,” [E4] 328. “(...) eu acho que esse nivelamento também pode ser útil,” [E4] 329. “(...) até ao nível das escolas aqui da zona, sabermos que não trabalhamos assim tão diferentes uns dos outros,” [E4] 330. “Para podermos comparar, para podermos de facto ter um trabalho semelhante. É capaz de ser bom para nós e para as crianças,” [E4] 345. “(...) há um tempo atrás tudo... tudo passava pelo 1º ciclo, desde as matrículas, desde a gestão da cantina, desde... tudo... pessoal, tudo, tudo, tudo.” [E4] 370. “(...) temos vindo também com os do 1º ciclo... o caso do... aí... projecto curricular. Já tivemos várias reuniões e preparámos em conjunto. Eu acho que está a ser muito benéfico.” [E4] 371. “Portanto, estamos a trabalhar de facto agora em agrupamento. Coisas que, cada um trabalhava para o seu lado.” [E4] 381. “Agora acho que as coisas estão outra vez a começar a encaixar, estão a melhorar, mas vai levar tempo.” [E4] 385. “Eu não sei se voltaria antes, (...) a nível do tal intercâmbio de escolas, do tal dar a conhecer, do tal... eu acho que isso é muito bom...” [E4] 386. “A nível pedagógico eu acho que isso é ótimo.” [E4] 388. “(...) porque a pedagógico eu acho que só tem vantagens. Acho que só tem vantagens” [E4] 406. “(...) a nível de... dos projectos, a ligação que há, como foi a Marcha Solidária e tudo, acho que é muito importante.” [E5] 407. “O dia do... do livro, a semana da leitura, acho que a interacção que está a começar a existir, porque é assim acho que agora é estamos a começar a trabalhar como Agrupamento. Inicialmente não.” [E5] 408. “Agora estamos a começar a trabalhar em Agrupamento coisa que nós não sabíamos.” [E5] 409. “A Língua Portuguesa, a Matemática, está a haver uma interacção do 1º ciclo com o 2º ciclo o que é muito bom para os nossos meninos que vêm depois para esta escola.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES POSITIVOS 410. “A nível pedagógico, não é, neste caso.” [E5] 418. “É uma zona muito carenciada e por essa razão foi nomeada uma animadora cultural que ficou na... na escola,” [E5] 419. “Mas... mas notou-se que a Presidente ao fazer a escolha da animadora que teve esse cuidado em seleccionar as escolas, no caso onde está a minha, porque está inserida numa zona... tão baixa, a nível tanto cultural como económica.” [E5] 452. “(...) agora vai ser dar mais um bocadinho o tempo ao tempo para ver como é que as coisas vão... vão... vão crescendo, vão-se desenvolvendo.” [E5] 453. “Eu acho que todas as pessoas que têm agora este tipo de cargos que já estão a perceber a dinâmica de funcionamento e acho que as coisas pouco a pouco estão a melhorar.” [E5] FACTORES NEGATIVOS 170. “Perde-se alguma autonomia que a escola tinha no 1º ciclo, ou seja, havia assuntos que eram tratados muito mais rapidamente na própria escola e que agora acaba por ser uma decisão do agrupamento e portanto a escola acaba por perder um pouco essa autonomia que tinha anteriormente.” [E2] 171. “Em termos de burocracia (...) acabou por não ser uma decisão exclusiva da escola ao nível de vários, de vários aspectos, portanto não é só em termos de assuntos... é a nível geral. A Escola acaba por perder alguma autonomia.” [E2] 172. “(...) uma pessoa agora tem sempre que levar as visitas de estudo a pedagógico. Antigamente a própria escola aprovava e a visita de estudo realizava-se; autorizações para, para algumas actividades... tem que haver sempre um consentimento do, do agrupamento;” [E2] 173. “(...) em termos financeiros a mesma coisa: antes uma pessoa tinha o dinheiro entregue na escola, ia fazer compras, automaticamente recebia a quantia. Agora o processo é mais, é mais prolongado, ou seja, uma pessoa tem que entregar a factura, a factura vai até ao agrupamento, depois é que volta, portanto, neste, neste percurso entre uma escola e depois a sede do agrupamento, acaba sempre por haver ali algumas situações em que há alguma perda de autonomia da escola do 1º ciclo.” [E2] 188. “(...) este ano, como a colega continua com esse horário de duplo da tarde teve que se eleger um novo representante mas que... que ocupasse... que tivesse como carga lectiva o horário duplo da manhã” [E2] 235. “(...) acho que as escolas do 1º ciclo ficaram a perder um bocadinho porque não têm autonomia para praticamente nada. As escolas do 2º e 3º ciclo também não têm mas penso que nesse aspecto não notaram tanto a diferença como as escolas do primeiro ciclo.” [E3] 236. “Em termos financeiros nós não temos... as escolas não têm dinheiro para nada.” [E3] 237. “Se faltar uma resma de folhas, aliás isso está a acontecer na nossa escola, nós requisitámos, há não sei quanto tempo, resmas de folhas de papel branco para tirar fotocópias, para... para o trabalho da escola e não temos nada.” [E3] 238. “(...) tudo o que é da escola tem que ser requisitado ao agrupamento. E o agrupamento compra e envia para as escolas.” [E3] 239. “Nem é pedir autorização. É pedir para nos comprarem. O problema... aí é que eu acho que as coisas funcionam um bocadinho mal. Portanto, se pudéssemos entrar num esquema do género a escola compra e manda a factura para o agrupamento, por exemplo...” [E3]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES NEGATIVOS 243. “Em termos de funcionamento de secretaria, por exemplo, tenho... acho que... eu já trabalhei em cinco agrupamentos diferentes, ou seis, e em todos funcionava de maneira diferente” [E3] 244. “(...) temos que nos adaptar a... a funcionamentos diferentes porque ainda não entrei em dois que funcionassem da mesma maneira.” [E3] 245. “(...) há uma discrepância muito grande. O que é regra num não é regra noutro, o que não se pode fazer num pode-se fazer noutro, o que se pode fazer nuns não se pode fazer nos outros” [E3] 308. “(...) nós já antes do Agrupamento nós funcionávamos muito bem aqui com a (...)” [E4] 309. “(...) nós já tínhamos muitas actividades em comum, já... ao nível da Educação Física sempre, não é.” [E4] 310. “(...) houve uma época em que professores daqui, tipo francês, expressões, iam dar ali aulas, nós vínhamos aqui dar apoio de Português, portanto nós já funcionávamos assim antes.” [E4] 311. “(...) nós já funcionamos quase melhor – isto é aquilo que eu sinto, não é – quase melhor em Agrupamento antes que depois.” [E4] 313. “Talvez ali no começo não. Eu senti até muita coisa negativa. Sinceramente senti, porque acho que perdemos muito a nossa autonomia” [E4] 314. “(...) estávamos mais motivados e acho que se perdeu um bocadinho certa motivação.” [E4] 315. “(...) acho que perdemos um bocadinho aquela liberdade de fazer e aquela motivação de fazer certas coisas.” [E4] 316. “(...) nós fazíamos muitas festinhas e muitas coisinhas, por exemplo, para angariar fundos,” [E4] 317. “(...) nós sentíamo-nos motivados a fazer muita coisa, actividades para conseguir ... para ... coisas engraçadas!” [E4] 318. “Depois agora, como nós já não gerimos praticamente nada, acho que houve ali uma quebra, pronto. Já não é a mesma coisa, senti um bocadinho ... houve ali uma época em que nos sentimos um bocadinho desmotivadas para fazer certas coisas.” [E4] 319. “(...) a tal perda de autonomia, um bocadinho, da própria escola, acho que, não foi benéfica.” [E4] 320. “É que nós geríamos as coisas mais facilmente, porque é assim: havia qualquer coisa a determinar quase de um dia para o outro e nós podíamos fazê-lo, (...) Ao nível de actividades, essencialmente.” [E4] 321. “Agora estamos um bocadinho limitadas, (...) temos que levar ao Pedagógico, temos que ter autorização,” [E4] 322. “(...) quando geria até o próprio dinheiro que os pais das crianças contribuam (...) de um dia para o outro eu comprava” [E4] 323. “(...) passei um tempão enorme à espera de barro porque tinha uma actividade programada. Acabei por não fazer a actividade, porque o barro não aparecia.” [E4] 324. “Com antecedência e, portanto, e isso requer um grande planeamento da nossa parte.” [E4] 325. “Ou compramos do nosso bolso como eu faço muita vez. (riso)” [E4] 379. “(...) trabalhamos de muito boas vontades, o 1º ciclo o trabalho é sempre assim, de... pronto, mesmo de querer dar de si. Não por obrigação.” [E4] 380. “(...) eu acho que as pessoas se desmotivaram um bocadinho quando entrámos em Agrupamento. Achei desmotivação da parte de algumas pessoas” [E4] 382. “(...) não se trabalha uma vida inteira, não é, no meu caso que tenho para vinte e sete anos de serviço quase... uma vida inteira quase... a gerir... pronto, um trabalho de escola totalmente diferente, depois não é num ano ou dois que se muda tudo isto assim... uma mentalidade, não é?” [E4] 383. “(...) acho que os benefícios hão-de vir mas por enquanto não se vêm assim” [E4]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	FACTORES NEGATIVOS 384. “(...) ou é de mim própria, a minha mentalidade, porque de facto, não é, foram muitos anos a trabalhar da mesma maneira.” [E4] 387. “Eu acho que o problema às vezes é administrativo. Aí é que às vezes a gente sente a tal dificuldade” [E4] 389. “A nível administrativo, às vezes não é fácil, não é fácil porque... para gerirmos aquele... parece que estamos sempre tão dependentes” [E4] 391. “E a nossa escola foi sempre uma escola muito activa, muito dinâmica... e às vezes sinto que estamos assim um bocadinho... temos que voltar outra vez a encontrar aquilo que perdemos. Acho que se perdeu um bocadinho.” [E4] 392. “Isto é mesmo assim porque nós ali agora não podemos ao fim ao cabo gerir nada, decidir nada” [E4] 393. “É o período de adaptação que não está tão fácil assim.” [E4] 394. “Acho que depois poderá trazer benefícios. Mas por enquanto acho que precisamos de tempo. Estamos a precisar é de tempo.” [E4] 395. “Inicialmente eu penso que os factores não foram positivos.” [E5] 396. “(...) na escola do 1º ciclo perdemos autonomia a nível de gestão financeira porque os recursos ficaram todos presos no agrupamento” [E5] 397. “(...) sempre que queremos ter alguma despesa há uma grande burocracia a nível de papéis para conseguirmos esses recursos financeiros que são dados pelos meninos no início do ano.” [E5] 398. “Agora a nível do... por exemplo, ao fazer alguma compra, não é, estamos mais limitados” [E5] 399. “Ia gerindo aquele dinheiro à medida que... pronto, era preciso tal por causa dos dias festivos, era preciso para a prenda para o dia da mãe, para a prenda do dia do pai, para a Páscoa, eu é que comprava o material e debitava e ia descontando no dinheiro que eu tinha logo no início do ano, dos donativos dos meninos.” [E5] 400. “Agora tem que vir tudo para a (...) e só ao fim de dois três meses é que me é devolvido esse... esse dinheiro.” [E5] 401. “Em termos de planificação é tudo com muita antecedência, a nível depois também de fotocópias.” [E5] 402. “Ao fim de semana é que eu organizava a minha semana, não é, e não posso sequer tirar fotocópias ao fim de semana porque o Agrupamento não paga essas fotocópias.” [E5] 403. “Todo o material que adquira ao fim de semana ou feriados não é pago pelo Agrupamento, enquanto que naquela altura eu gerindo o dinheiro poderia ter uma organização diferente.” [E5] 404. “Aquilo que eu noto mais é a nível de gestão financeira.” [E5] 405. “E acho que a nível da escola, a escola perdeu um bocado a autonomia que nós tínhamos. Agora deixámos de ter. Qualquer coisa, precisamos de autorização.” [E5] 450. “A nível da gestão que para nós foi mais complicado porque as escolas do 1º ciclo perderam bastante autonomia.” [E5] 451. “Só que o Agrupamento foi formado há poucos anos e agora está em fase de crescimento e temos todos que crescer um bocadinho também.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES 176. “(...) a escola por vezes sente muito o facto de serem tomadas algumas decisões que a própria escola acabou por não... não... não... não ser levada em conta anteriormente.” [E2] 181. “(...) embora não seja ainda um trabalho global em que se possa dizer: isto é igual em todas as escolas do 1º ciclo. Isso também ainda não ocorre.” [E2] 189. “E a colega acabou por sugerir o meu nome, avançou então a votação, por sugestão dela, o meu nome,(...) e então por... se não me engano por unanimidade foi... foi aprovado o meu nome.” [E2] 190. “(...) e não houve mais ninguém a oferecer-se vá, para desempenhar esse cargo” [E2] 246. “A dificuldade que eu acho que encontramos é como é uma coisa muito recente às vezes não sabemos muito bem... quando nos pedem alguma coisa não sabemos muito bem o que é que havemos de levar, ou às vezes achamos... não sabemos muito bem o que é que estamos lá a fazer.” [E3] 247. “(...) se formos avaliar o número de alunos do 1º ciclo e o número de alunos do 2º se calhar até estamos mal representados porque em termos de proporcionalidade há muito mais professores do 2º e 3º ciclo do que 1º.” [E3] 250. “Este ano fui assim um bocadinho forçada...” [E3] 254. “A colega que estava o ano passado no Pedagógico que supostamente iria continuar, portanto que ainda estava dentro do período dela, quis sair” [E3] 255. “E só havia duas pessoas possíveis para... para eleger cá na escola porque uma é coordenadora não pode ser representante, outra é da portaria 296 não pode. Só sobrávamos duas.” [E3] 256. “Votámos, portanto, entre nós, fizemos uma pequena eleição e portanto eu era a nova (risos) e calhou-me a mim.” [E3] 257. “Era a única... era a única e pronto.” [E3] 390. “Pronto, a gente às vezes sente que parece que estamos sempre muito dependentes.” [E4] 413. “Ao nível das dificuldades que a escola possa... possa sentir é o facto de alguns assuntos terem que ter autorização do... do... do Pedagógico,” [E5] 414. “(...) podem surgir coisas à escola para serem decididas logo, de imediato, e porque tem tudo que vir aqui à aprovação para nós torna-se mais complicado não termos uma decisão imediata” [E5] 415. “Certas actividades que às vezes nos propõem, como não há... não há tempo para poderem vir a Pedagógico,” [E5] 416. “(...) não há tempo de virem cá e de serem aceites há certas actividades que se vão... que se vão perdendo” [E5] 417. “(...) não temos autonomia para poder... não temos o poder de decisão. Tem que passar por... por aqui, pelo Pedagógico.” [E5] 420. “E então, como eu fiquei efectiva e estava no regulamento interno que só poderiam ser coordenadoras do Pedagógico professoras do quadro, então foi uma imposição, que depois teve que ser feita a eleição.” [E5] 445. “Dizemos às colegas a nível também das visitas de estudo que não era no dia que eu tenho a reunião (...) têm que me entregar a visita de estudo no início da semana para eu durante a semana deixar no dossier da Presidente do Conselho Pedagógico.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	BENEFÍCIOS 177. “(...) nós acabamos por ver como é que outras escolas presentes no Pedagógico estão a trabalhar determinados aspectos do dia-a-dia, quer pedagógicos quer mesmo do funcionamento geral da escola.” [E2] 178. “Há... há... há documentos, há formas de abordar as situações que são feitas de uma... de uma certa forma pelo 2º e 3º ciclo e que agora também nós, no 1º ciclo, podemos passar a fazer e portanto isso é vantajoso, claramente.” [E2] 180. “A mim parece-me que há um trabalho mais conjunto agora mesmo... dentro das próprias escolas do 1º ciclo do que havia anteriormente” [E2] 182. “Mas há uma maior ligação que se calhar anteriormente não existiria.” [E2] 183. “(...) na preparação de... dos vários assuntos que se vão tratando em Pedagógico.” [E2] 184. “Nós, 1º ciclo, tentamos também criar estratégias e documentos comuns a todas as escolas. Por exemplo ao nível dos planos de recuperação, a grelha do 1º ciclo é igual ou vai passar a ser igual em todas as escolas, a ficha para a avaliação desse... desse plano de recuperação vai passar a ser igual, coisa que não era até agora.” [E2] 185. “(...) ao nível por exemplo de planificações semanais... não, não ocorre essa planificação igual em todas as escolas do 1º ciclo nem a mim sequer me parece muito vantajoso.” [E2] 186. “Nem ao nível das actividades. Acho que também deve haver essa... aquela autonomia que eu falava que se tinha perdido um pouco... também não criar tudo, tudo, tudo igual.” [E2] 187. “Acho que cada escola também deve de acordo com o seu meio, com os seus alunos, com os seus professores criar as suas estratégias e as suas actividades.” [E2] 229. “O facto das escolas poderem estar mais próximas umas das outras, de se poder retirar vantagens do funcionamento de outras escolas” [E2] 230. “(...) quando a escola não estava em agrupamento acabam... acabavam por ser decisões daquele corpo docente apenas e assim permite receber opiniões e estratégias e actividades de outras escolas e de outros departamentos. Portanto, isso é claramente vantajoso.” [E2] 231. “E o facto também das escolas do 1º ciclo ao estarem representadas na tomada de... de decisões, o papel importante que elas também acabam por ter no Agrupamento,” [E2] 248. “Para já porque no Pedagógico também se decidem e se valorizam coisas que acontecem no 1º ciclo, portanto acho que aí a nossa opinião e os nossos votos são... são importantes.” [E3] 249. “(...) porque acho que estamos sempre a aprender qualquer coisa.” [E3] 252. “(...) há coisas que se transferem do 2º e 3º ciclo para o 1º... modos de trabalhar... modos de avaliar, modos de... pronto, de organizar que se estão a transferir para o 1º ciclo e eu acho que aí é positivo.” [E3] 253. “(...) somos menos pessoas, como a escola mais pequena do... do agrupamento, temos menos alunos... portanto em determinados aspectos para nós as coisas até nos são mais fáceis porque quando há mais alunos há mais complicações,” [E3] 331. “(...) há um conhecimento maior do que se passa em cada nível de ensino.” [E4] 332. “(...) eu notei muito no início que – eu acho que notei isso mais em relação a vocês [2º e 3º ciclo] que a nós [1º ciclo] – que estavam completamente perdidas em relação ao que se passava no 1º ciclo.” [E4] 333. “(...) isto aqui também enriquece, porque no fundo é trazido para aqui as coisas que se fazem. Tal como nós também. Muita coisa eu não percebia do que se estava a passar aqui no 2º e 3º ciclo,” [E4] 334. “Realmente isto enriquece-nos a todos, nesse aspecto, porque sabemos qual é o trabalho que vocês estão a desenvolver, vocês sabem o trabalho que nós desenvolvemos ... e acho que isso é bom.” [E4] 335. “Eu acho que essencialmente é, de facto, a nível de espaço físico, de estar aqui perto, não é? Portanto eu acho que a localização da escola facilita muito.” [E4]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	DIFICULDADES 174. “(...) por vezes nós termos que tomar uma decisão que a própria escola em si possa não ter ainda abordado essa questão, ou seja, acaba quase por ser uma decisão do representante que acaba por não ser uma decisão da escola do 1º ciclo.” [E2] 175. “(...) que eu próprio por vezes também sinto.” [quando tem que decidir no CP, no momento] [E2] 193. “Dificuldades... ao nível da... da... da organização também, da reunião, ou seja, do... do Pedagógico.” [E2] 194. “(...) acabamos por receber a convocatória à quarta-feira, da parte da tarde, tendo Pedagógico à sexta” [E2] 195. “(...) por vezes acaba por aparecer algum ponto na ordem de trabalhos que nós não estaríamos a contar e então acaba por haver essa dificuldade de depois conseguir ainda organizar trabalho para apresentar em Conselho Pedagógico. Acaba por ser mais essa a dificuldade que surge.” [E2] 196. “Por norma não.” (em relação à existência de qualquer reunião de preparação para o CP, com o coordenador de estabelecimento ou presidente do CP) [E2] 199. “(...) nesse aspecto houve reuniões mas não é uma regra geral...” [E2] 258. “Uma das grandes dificuldades que eu acho é o dia, porque tenho dificuldade,” [E3] 259. “(...) a hora a que termina... eu nunca consigo ficar até ao fim porque não tenho quem vá buscar a minha filha... tenho sempre que sair. Portanto isso para mim é uma dificuldade... o horário...” [E3] 260. “(...) às vezes, pedem-nos qualquer coisa que nós não sabemos bem o que é, mas acho que... que já estamos bem encaminhados.” [E3] 261. “Normalmente pedem com antecedência, mas posso dar o exemplo do... do... do 1º período quando pediram a avaliação de... do 1º período, eu levei uma coisa assim muito... (risos)” [E3] 268. “Se não nos pedirem com antecedência há coisas a que nós não sabemos responder...” [E3] 269. “Quando são pedidos antecipadamente, portanto, falamos com a coordenadora e pedimos as informações que forem necessárias.” [E3] 336. “(...) é um bocadinho de responsabilidade porque, é assim, nem sempre é fácil conseguir transmitir, não é, poder fazer prevalecer certas opiniões do Conselho de Docentes, (...) No Pedagógico,” [E4] 366. “Vamos falar das avaliações, não é? Portanto tive que preparar” [E4] 367. “Elas estão... o trabalho é a parte delas e depois eu tenho que organizar tudo o resto.” [E4] 368. “(...) antes de ir para o pedagógico há que haver uma preparação.” [E4] 369. “Portanto eu tenho que preparar antes. Evidentemente. Há coisas que requerem uma reflexão.” [E4] 421. “Imposta. Porque nem sequer conhecia a realidade das coisas da escola, não conhecia as colegas, não conhecia rigorosamente nada, e... e então foi uma eleição... imposta.” [E5] 422. “Ainda por cima sabendo que a escola estava inserida num meio tão complicado fiquei um pouco assustada com o que é que poderia acontecer por não conhecer a escola.” [E5] 423. “(...) o não conhecer a escola, não conhecer as colegas e ir para um cargo que iria representar uma coisa que eu não conhecia. Logo à partida não tinha conhecimento da... da realidade daquela escola.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	BENEFÍCIOS 179. “(...) vendo aquilo que sempre fui fazendo e aquilo que acabo por fazer agora numa escola em agrupamento.” [E2] 191. “(...) é um estar mais próximo da discussão dos assuntos e portanto uma pessoa consegue aproveitar sempre momentos positivos, até mesmo para evoluir, até mesmo no partilhar de algumas experiências que... que os colegas vão apresentando,” [E2] 192. “(...) uma pessoa acaba sempre por tentar tirar algum proveito para... para si próprio... e ao nível da organização, acima de tudo acaba também por ser bastante vantajoso.” [E2] 197. “Quando se está a trabalhar no... no Projecto Curricular do Agrupamento, aí sim, já houve algumas reuniões quer entre membros do 1º ciclo, quer também com a presidente do Pedagógico.” [E2] 198. “E aí sim, aí acaba por facilitar bastante também o trabalho, porque deu para ver situações que estavam ainda a faltar, situações... para completar e...” [E2] 214. “Agora eu sinceramente não considero que não esteja a desenvolver como deve ser o meu trabalho por ter turma. Não, antes pelo contrário. Acho que em tudo procuro... também fazer aquilo que... que é esperado depois para um Pedagógico.” [E2] 251. “Acho que estou a aprender” [E3] 262. “(...) acho que estou a aprender bastante” [E3] 263. “(...) pessoalmente acho que também estou a aprender bastante e depois pronto é ... uma... uma pequena formação informal.” [E3] 337. “A nível pessoal, pelo menos, é a tal história ... colho, sem dúvidas. Ouvir os outros, aprender ... porque aprende-se muito também” [E4] 424. “(...) já tive tempo suficiente para... para conhecer a realidade da escola.” [E5] 425. “(...) eu tenho vindo a conhecer para depois poder representar.” [E5] 427. “(...) ao estar no Pedagógico a informação passa primeiro por mim e depois eu é que a transmito às colegas. Então eu fico informada primeiramente do que... do que os outros, e acho que isso também é bom.” [E5] 428. “(...) penso que às vezes se não estivesse como representante no Pedagógico se calhar alguns assuntos não iriam chegar até mim ou poderiam chegar mas eu não lhes iria dar a devida importância.” [E5] 429. “Porque há certas coisas que nos passam um bocado no dia-a-dia e que estando... estando aqui temos uma percepção um bocado... um bocado diferente.” [E5] 430. “Eu sinto pelo facto de estar como representante do 1º ciclo no Pedagógico sinto benefício, principalmente a nível legal” [E5] 431. “(...) eu fico informada de algo que também se calhar se estivesse na situação delas [as colegas do Conselho de Docentes] não estaria com tanta atenção.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	ASPECTOS POSITIVOS 201. “Se ambos tiverem turma então acho que sim, que deve ser distribuído por duas pessoas.” [E2] 207. “Apenas vai havendo um conversar de forma bastante informal, em que eu com a coordenadora de estabelecimento vamos falando... olha, tenho isto, isto, isto e isto para... para falar, e portanto acaba por ser uma pessoa só a dar as informações.” [E2] 208. “O Conselho de Docentes é... é... como é que eu hei-de dizer... é gerido pelo coordenador pedagógico, ou seja, quem faz a ordem de trabalhos, quem apresenta e quem gere toda a reunião é o coordenador pedagógico.” [E2] 209. “Depois no fim há então o ponto, sempre, dos outros assuntos em que então há assuntos mais do estabelecimento, não tanto de Pedagógico, que são apresentados depois pela... pela coordenadora de estabelecimento.” [E2]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	ASPECTOS POSITIVOS 210. “Portanto, este ano não tem havido essa, essa situação de um apresentar uma informação e outro apresentar uma informação diferente.” [E2] 211. “...que não cruzam..... exactamente, e que está mesmo por lei determinado e mesmo no regulamento interno estão definidas claramente quais são as funções de um e quais são as funções do outro.” (em relação aos papéis desempenhados pelo coordenador do estabelecimento e o coordenador pedagógico) [E2] 264. “(...) penso que não centralizar as funções todas e os conhecimentos todos numa pessoa só, é uma vantagem” [E3] 265. “Não ser sempre a mesma pessoa a saber tudo, porque a informação às vezes perde-se, não é?” [E3] 266. “E haver mais do que uma pessoa dentro do funcionamento... como é que eu hei-de dizer... da organização vá, do... do agrupamento, penso que é uma vantagem.” [E3] 271. “(...) penso eu, qualquer professor do 1º ciclo tem... capacidade... (...) Eu pessoalmente não me sinto... constrangida. Estou lá, elas elegeram-me, portanto para todos os efeitos eu sou quem tem a legitimidade para tomar decisões.” [E3] 282. “O Conselho de Docentes normalmente começa com as informações do Pedagógico. Eu dou as informações, aquelas mais... que nos dizem respeito mais directamente.” [E3] 283. “Mas normalmente as reuniões começam por aí. Dá-se as informações que deram do Pedagógico e depois... fala-se em outros assuntos da ordem de trabalhos” [E3] 284. “E aí já é a coordenadora que... a coordenadora da escola que... que dirige.” [E3] 285. “(...) ... informalmente, vamos falando. Eu digo se tenho muitas ou poucas informações para dar... e pronto, vai-se organizando por aí.” [E3] 340. “(...) é uma escola grande e acho que justifica... justifica.” [E4] 351. “(...) nós já estamos a preparar mais em conjunto porque entretanto entrou uma Coordenadora nova” [E4] 356. “Entretanto a Coordenadora mudou e acertei logo esses bocadinhos. Tem que ser um bocadinho para ti e um bocadinho para mim porque senão é complicado.” [E4] 432. “A primeira parte da reunião sou eu que inicio a reunião e começo por falar de todos os pontos.” [E5] 433. “Traz benefícios porque há uma relação muito boa entre mim e a Coordenadora.” [E5] 434. “(...) sempre que eu levo as informações, primeiro falo com a Coordenadora. Reunimos um bocadinho as duas e eu digo-lhe quais foram os assuntos” [E5] 435. “(...) quando eu estou a informar os colegas em Conselho de Docentes a Coordenadora depois também acrescenta mais uma ou outra coisa... relativamente. Por isso penso que é muito positivo... pronto.” [E5] 436. “O que nós fazemos eu e a Coordenadora, as duas coordenadoras, que é... fazemos primeiro uma análise dos dados” [E5] 437. “(...) acho que como Coordenadora do Estabelecimento, a nível de carga, já... já... de trabalho... já é demasiado.” [E5] 438. “Tem uma carga de trabalho muito, muito diferente. A nível de qualquer tipo de responsabilidade.” [E5]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	ASPECTOS NEGATIVOS 200. “(...) na minha opinião, a partir do momento em que o coordenador de estabelecimento... coordenador de estabelecimento não tem turma, parece-me que deveria ser conveniente acumular as duas funções, coordenação de estabelecimento e coordenação pedagógica.” [E2] 202. “(...) este ano não tenha existido nada que pudesse afectar o desempenhar de ambas as funções, ou seja, as informações que... que eu transmito, vindas de Pedagógico, depois em Conselho de Docentes, em nada chocam com informações que ela também acaba por fornecer aos docentes.” [E2] 203. “O ano passado por vezes ocorria isso, pronto, e portanto daí eu pensar que por vezes seria melhor ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.” (em relação às diferenças nas informações transmitidas) [E2] 204. “O ano passado acontecia vir uma informação de Pedagógico e entretanto ao... com o decorrer da semana até ao nosso Conselho de Docentes, já vinha outra informação e portanto estava o coordenador do Pedagógico a dar a informação A e o coordenador de estabelecimento sobre a mesma situação já dava a informação B.” [E2] 205. “Portanto, havia por vezes ali em que se ficava na dúvida qual era então a informação digamos actualizada, pronto.” [E2] 206. “Se calhar também pode ser de facto essa um pouco uma falha. (...) também não há um... um preparar de Conselho de Docentes muito, muito específico.” [E2] 212. “E lá está, até pode ser mesmo por uma falha das duas pessoas não reunirem a preparar esse Conselho de Docentes.” [E2] 213. “Agora, também me parece que, havendo uma pessoa sem turma, se calhar será mais fácil... poder exercer os dois cargos do que um professor com turma ainda acumular a função de representante no Pedagógico.” [E2] 215. “(...) havendo essa situação de uma das pessoas não ter turma, possa ser mais vantajoso ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.” [E2] 216. “Por uma questão de disponibilidade temporal e até mesmo por uma questão de ser a mesma pessoa a gerir todo o funcionamento da escola.” (em relação à existência de um só coordenador, sem turma) [E2] 267. “A desvantagem é que supostamente a coordenadora é a pessoa que tem mais conhecimento de tudo o que se passa na escola e às vezes pedem-nos... portanto, nós não sendo coordenadores às vezes não temos algumas informações que nos pedem lá.” [E3] 270. “Se for uma coisa do momento há coisas que nós não sabemos responder e que se fosse a coordenadora provavelmente teria que saber.” [E3] 272. «Percebo se calhar que essas decisões possam não ser depois completamente aceites mas... se houver tempo para discutir as decisões elas são discutidas, senão houver a minha decisão tem que ser “aquela”.» [E3] 338. “Se fosse uma escola pequena, eu sinceramente acho que a pessoa deveria ser a mesma. Acho que só traz vantagens” [E4] 339. “(...) às vezes há coisas que se perdem” [E4] 341. “Mas mesmo assim às vezes por mais que se tente, como eu dou aulas e às vezes há horários... pronto, e nem sempre dá para a gente às vezes conversar dos assuntos e às vezes há coisas que podem ficar pelo caminho eventualmente.” [E4] 342. “Nas escolas pequenas eu acho que sinceramente não se justifica serem duas pessoas diferentes.” [E4] 343. “(...) o ideal seria ser a mesma pessoa. Só tinham a ganhar. Só tinha vantagens.” [E4] 344. “Acho que não se justifica, um tipo de trabalho destes, numa escola pequena, acho que pode muito bem ser gerido só por uma pessoa, porque é assim... não há um trabalho tão grande assim” [E4] 346. “(...) se é o Agrupamento que faz, se é a secretaria que faz a maior parte das coisas ou o executivo que orienta a maior parte das coisas, o que justifica mais até em relação à Coordenadora e ao Pedagógico ser a mesma,” [E4] 347. “(...) há informações que se perdem” [E4]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	ASPECTOS NEGATIVOS 348. “(...) as pessoas não foram bem informadas... eu sei que está no papel, não é que não esteja, mas ao fim e ao cabo o papel de cada um está definido mas as coisas é assim: às vezes há tradições” [E4] 349. “(...) às vezes é difícil perceberem até onde é que vai o seu papel e onde começa o papel da outra.” [E4] 350. “As reuniões... de início dificultou-me bastante. (...) por exemplo, era horrível uma pessoa começar por exemplo às seis e meia uma reunião para acabar às oito e meia o Pedagógico e não ter aberto a boca. Isso aconteceu-me sucessivamente” [E4] 352. “(...) mas devia ser bem definido o papel de cada um.” [E4] 353. “Ela já vinha de Directora em que havia realmente uma acumular de funções totais, não é, portanto, a pessoa fazia tudo, acumulava tudo e depois aparece-lhe um outro elemento que é um representante de...” [E4] 354. “Portanto, é talvez uma dificuldade de adaptar a essa nova situação,” [E4] 355. “E talvez não tenha havido ali um delinear de quem é que faz o quê quem é que... apesar de estar no papel” [E4] 357. “(...) tem que haver realmente uma boa coordenação entre as duas pessoas não é, para que as coisas funcionem. Se isso não existir pode eventualmente haver choque e causar alguma coisa menos positiva.” [E4]

Anexo XVII
Categorização das Frases Significativas

ENTREVISTA 1

CATEGORIAS – QUADRO 1

OBJECTIVO 1 – Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO ANTES DA EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Constituição do Conselho Pedagógico	1. “Antes do agrupamento ser constituído o Conselho Pedagógico era constituído como é hoje, sem 1º ciclo e sem o pré-escolar e sem o representante dos pais, das associações de pais, do 1º ciclo. Isto é, era constituído pela presidente do Conselho Executivo, pelo representante do Serviços de Psicologia e Orientação, pela coordenadora das auxiliares de acção educativa, por um elemento dos apoios educativos, por chefes de departamento” [E1] 2. “(...) acrescentando um membro ou dois (...) da Associação de Pais da Escola.” [E1] 37. “Eu penso que nós éramos talvez uns dezoito... quinze, dezasseis ...” [E1]	3
ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Temáticas abordadas nas reuniões	3. “(...) as principais temáticas são as das questões pedagógicas (...) as questões da avaliação e dos resultados dos alunos (...) as questões dos apoios educativos dos meninos com necessidades educativas especiais (...) as questões dos currículos alternativos (...) das turmas com um regime diferenciado, com características e com um percurso diferenciado” [E1] 4. “E também o Projecto Educativo quando ele era feito (...) o plano anual de actividades e os projectos curriculares de turma” [E1] 12. “(...) as questões da indisciplina e da disciplina eram também muito tratadas, as questões das regras e do regulamento interno” [E1] 68. “(...) nós entrámos no projecto da gestão flexível do currículo e, (...) todo ele abordado, “mastigado” dentro do Pedagógico.” [E1] 69. “(...) cargas horárias para cada disciplina (...) a formação que era necessária (...) passar das horas ... dos 50 minutos para os blocos de 45 / 90 (...) as novas áreas de currículo (...) tudo isto era, foi muito reflectido nesse Pedagógico” [E1] 70. “(...) a formação teve muita importância nessa altura” [E1]	6

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Papel desempenhado pela presidente do Conselho Pedagógico	5. “(...) o presidente do Pedagógico, ao contrário de muitas escolas, não era o presidente do Conselho Executivo” [E1] 6. “(...) a dinâmica da reunião depende da dinâmica de cada um dos presidentes.” [E1] 28. “(...) eu quando fui presidente do Pedagógico transportava para dentro do Pedagógico uma reflexão muito mais aprofundada.” [E1]	3
	Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	6^a) “Portanto, do que eu conheço, a estratégia de dinâmica de reunião é a ordem de trabalhos, absolutamente normal (...) é marcada a reunião e é afixada” [E1] 8. “(...) porque não havia tempo de preparação da própria reunião” [E1] 13. “(...) durante muito tempo não reunia à parte em termos de secções do Pedagógico, e ainda hoje nós temos dificuldade em nos organizarmos de acordo com essa tradição” [E1] 16. «(...) em fases anteriores e com outros presidentes, era sempre preparado o Conselho Pedagógico e havia até quem criticasse que as coisas já iam “cozinhadas”» [E1] 25. “Quando eu era presidente do Pedagógico era chamada e ia prepará-la com o presidente do Conselho Executivo da altura. Mas era eu que preparava.” [E1]	5
	Estratégias utilizadas durante a reunião do Conselho Pedagógico	30. “(...) antes de decidir aprofundava.” [E1] 55. “(...) em momentos de ... por exemplo, de aprovação de matrizes, ou de preparação de exames, ou de ... era difícil. Ou por exemplo, reflectir sobre a disciplina e a indisciplina, em momentos de pico ... era ...era difícil porque a recensão alongava-se.” [E1] 56. “Era quase como que uma espécie de formação.” [E1] 66. “(...) se aprofundava muito mais, demorava-se ...” [E1] 72. “(...) tudo era muito aprofundado.” [E1]	5
	Duração temporal de cada reunião do Conselho Pedagógico	10. “(...) o Pedagógico às vezes seguia ... mas houve tempos em que não havia mais de 3 ou 4 questões (...) algumas vezes não eram tratadas pela rama, eram de facto aprofundadas.” [E1] 11. “(...) o Pedagógico demorava muito tempo” [E1] 29. “Às vezes as pessoas chateavam-se por estar ali tanto tempo. As reuniões eram semanais e infundáveis” [E1] 31. “(...) nós reuníamos praticamente todas as semanas ... era imenso.” [E1] 67. “(...) as reuniões, tínhamos muitas reuniões ...” [E1] 71. “(...) e daí o tempo ser maior ... ser mais tempo para reuniões.” [E1]	6

OBJECTIVO 2 – Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO APÓS A EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Constituição do Conselho Pedagógico	36. “O número de elementos é um bocadinho maior.” [E1] 38. “Neste momento nós somos vinte, sendo que a coordenadora das auxiliares nunca vai (...) Quando há necessidade do Pedagógico reflectir sobre alguma temática em particular que diga ... portanto, ela estará presente e será chamada.” [E1] 39. “(...) nós não temos um representante do 1º ciclo, ao contrário de muitos agrupamentos. Nós temos um representante por escola ...” [E1] 40. “(...) por cada estabelecimento de ensino e, portanto, isto faz com que o Pedagógico seja moroso. E depois também não temos um representante de Associações de Pais. Temos da (...) do 2º e 3º ciclo e temos o representante do 1º ciclo” [E1] 76. “(...) hoje não existe departamento de formação. Não é porque ele não fosse importante, é porque realmente as dinâmicas dependem das pessoas que estão à frente das coisas” [E1] 77. “(...) saiu porque era mais uma pessoa que lá estava dentro.” [E1] 286. “Acho que tinha mesmo que haver um representante por cada escola porque, lá está, se eu digo que não sei informações sobre a minha escola muito mais dificilmente iria saber se tivesse que representar as quatro” [E3] 303. “Nem nunca acho que devêssemos ser mais, porque é quase impossível.” [E3]	8
	Relação entre o número de elementos do CP e o número de docentes do 1º ciclo	298. “Penso que em proporção do número de alunos que existe no 1º ciclo, pelo menos neste, ao número de alunos que existe no 2º e no 3º se calhar estamos um bocadinho mal representados.” [E3] 299. “Penso que ainda não houve nada em que realmente isso nos tivesse prejudicado, mesmo em termos das coisas que são decididas e que são votadas...” [E3] 300. “(...) nunca notei que tivéssemos sido prejudicados em relação a isso,” [E3] 301. “Não noto que sejamos discriminados. [durante o CP]” [E3] 302. “(...) se tivesse que haver, sei lá, isto para dar um exemplo, alguma votação em que o 2º e o 3º ciclo estivesse todo com uma opinião e o 1º ciclo estivesse com outra nunca iríamos a lado nenhum porque, pronto, porque em termos numéricos somos muito menos.” [E3] 304. “Há mais áreas. Portanto aí é óbvio que tem que haver mais representação do 2º e 3º ciclo do que o 1º.” [E3]	6

(Continua)

(Continuação)

ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO APÓS A EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Sugestões quanto à constituição do Conselho Pedagógico	297. “(...) se calhar devíamos ser mais. (...) Mais representantes do 1º ciclo.” [E3]	1
PAPEL DESEMPENHADO PELA PRESIDENTE DO CONSELHO PEDAGÓGICO NA PREPARAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Componente de trabalho individual	19. “ (...) há um empenho muito grande, por parte da presidente em, na preparação da reunião” [E1] 20. “(...) como presidente do Pedagógico, ela está a preparar a reunião e está a prepará-la muitas vezes sozinha” [E1] 21. “E também está a preparar um longo ... um longo documento ... que é o Projecto Curricular do Agrupamento” [E1] 278. “Mas acho que a reunião é bem organizada...” [E3] 446. “Eu penso que a organização da reunião em si, tem uma organização correcta.” [E5]	5
	Relação com a presidente do Conselho Executivo	17. “(...) eu penso que tem que haver um encontro (...) não muito formal mas, um encontro, uma troca de impressões, de ver o que é que há a acrescentar.” [E1] 18. “(...) a presidente do Pedagógico apresenta-me a ordem de trabalhos e, portanto, vemos rapidamente se há alguma coisa a acrescentar ou não. E como as coisas a acrescentar, normalmente, são no âmbito do Conselho Executivo (...) acabo, se houver alguma coisa a acrescentar, fazê-lo na própria reunião.” [E1] 23. “(...) eu raramente me encontro formalmente para preparar o Pedagógico.” [E1] 24. “(...) nunca fiz questão (...) de reunir formalmente para preparar a reunião do Pedagógico.” [E1] 35. “As presidentes, (...) elas coordenam comigo. Coordenam, mas não é preciso muito porque estamos absolutamente em sintonia” [E1]	5

(Continua)

(Continuação)

PAPEL DESEMPENHADO PELA PRESIDENTE DO CONSELHO PEDAGÓGICO NA PREPARAÇÃO DA REUNIÃO DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Relação com os outros membros do Conselho Pedagógico	22. “Desde o princípio do ano que ela vem trabalhando com os diferentes grupos da comunidade educativa, com o 1º ciclo, com o pré-escolar, etc, para fazer este projecto ...” [E1] 60. “(...) o 1º ciclo leva a documentação preparada, porque há um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas do 1º ciclo. Há depois também um trabalho da presidente do Pedagógico com os colegas dos departamentos, portanto, as coisas ... as coisas já vão adiantadas. Muito adiantadas. Portanto, praticamente ali é só comparar e aprovar” [E1] 75. “(...) ela leva tudo, tudo preparado. Leva, não ela ... ela faz com que as pessoas preparem antes. Portanto, ela dirige-se aos professores do 1º ciclo e diz-lhes que têm que fazer isto ... e eles encontram-se e preparam. Dirige-se aos professores do departamento – aos coordenadores do departamento – e preparam. Dirige-se ao SPO, e o SPO, se for preciso, prepara.” [E1] 289. “Já chegámos a reunir uma vez com a Presidente para... que era um assunto... para... para... para o Projecto Curricular do Agrupamento” [E3] 290. “(...) era uma coisa que ia demorar bastante tempo e que só dizia respeito ao 1º ciclo porque tinha a ver com horários e com a organização das actividades extracurriculares, para não se estar a levar esse assunto para o pedagógico porque ia realmente levar imenso tempo, combinámos um dia, nós os quatro com a Presidente e estivemos ali a acertar umas...” [E3]	5
ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	7. “(...) agora, se calhar, com um pouquinho mais de tempo de antecedência por causa de sermos agrupamento” [E1] 14. “(...) quando é necessário então os departamentos reúnem como preparação do Pedagógico, as coordenadoras reúnem” [E1] 15. “ (...) normalmente, uma vez que há reuniões a mais, não acontece. Nós, na nossa escola, temos dificuldade em trabalhar por secções.” [E1] 58. “Há todo um trabalho preparado antes.” [E1] 59. “(...) a documentação vai toda praticamente ... já meia preparada. A apresentação já vai, já vai ... meia não, quase totalmente.” [E1] 280. “(...) se forem coisas que realmente têm que ser decididas eu penso... bom aí já é mesmo a minha opinião, eu penso que é mais proveitoso fazer-se duas reuniões logo... pensar-se logo em duas reuniões” [E3] 291. “(...) ela informou-nos com antecedência as informações que queria.” [a presidente do CP] [E3] 292. “(...) para esclarecer dúvidas e pronto para ficar tudo alinhado, combinámos essa reunião.” [E3]	8

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Estabelecimento prévio de uma ordem de trabalhos	440. “(...) uma ordem de trabalhos e que às vezes essa ordem de trabalhos está programada pela Presidente do Conselho Pedagógico” [E5]	1
	Estratégias utilizadas durante a reunião do Conselho Pedagógico	9. “(...) tradicionalmente começa-se com o ponto das informações e depois cada um dos pontos – 3, 4 pontos, às vezes mais” [E1] 49. “(...) estamos na fase (...) de ter os Projectos Curriculares de Agrupamento, bocadinho a bocadinho são aprovados em cada Pedagógico” [E1] 75ª) “Portanto, quer dizer que as coisas vão todas preparadas e muitas das vezes, não é, as reuniões são muito tempo de apresentação de <i>Power Point</i>, de muita avaliação feita. De muita avaliação feita, sobretudo nos finais de período.” [E1] 149. “(...) portanto, há uma opinião ou há alguma reflexão sobre qualquer coisa do 1º ciclo, o 2º e o 3º ciclo deixam que o 1º ciclo entre logo ali. E depois então, dão a sua opinião. Mas, e se for ao contrário – o 2º e o 3º – conta muito a opinião do 2º e do 3º, para que o 1º vá atrás.” [E1] 222. “Acaba por haver uma boa dinâmica entre todas as pessoas que estão presentes. Praticamente todas as pessoas participam, dão sugestões independentemente se o assunto é do departamento X, Y ou da escola A, B ou C do 1º ciclo.” [E2] 223. “Portanto, todas as pessoas procuram participar e dar sugestões o que me parece, lá está, vantajoso.” [E2] 449. “Mas... mas inicialmente começa sempre pelo 2º ciclo. É sempre o 2º ciclo e não o 1º ciclo. Mas prejudicado penso que não.” [E5]	7
	Construção da interacção com as escolas do 1º ciclo	217. “(...) aquilo que de facto me parece e que cada vez mais se vai procurando fazer é que exista uma cooperação e uma ligação entre os vários departamentos e falando no nosso caso mais específico com o 1º ciclo.” [E2] 218. “Já existe situações em que há grande ligação com o departamento de Educação Física e com o departamento de Matemática” [E2] 219. “(...) neste momento está-se a procurar de facto alargar isto aos restantes departamentos.” [E2] 220. “Procurar que o departamento das Ciências possa vir ao 1º ciclo ou preparar actividades em que as escolas do 1º ciclo possam ir à sede do agrupamento realizar algumas actividades com o departamento de História, Geografia de Língua Portuguesa,” [E2] 221. “(...) tentar criar esta ligação entre todos o... ou seja, entre todas as áreas vá, com as escolas do 1º ciclo” [E2]	5

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Construção da interacção com as escolas do 1º ciclo	306. “(...) acho que até estamos bem integrados e que estamos a trabalhar bem como um conjunto e não como o professor dali ou o professor dali” [E3] 372. “(...) acho que é bom quando nós chegamos ao Pedagógico a nível do 1º ciclo já termos ideias definidas acerca das coisas.” [E4] 426. “Durante o decurso das reuniões são abordados os assuntos, sempre que haja alguma coisa faz-se a intervenção correcta na altura para haver um esclarecimento, e os assuntos que a minha escola trás, se houver alguma situação, são sempre abordados na altura.” [E5] 447. “O 1º ciclo também... também tem o seu tempo para intervir se necessário.” [E5]	4
	Duração temporal de cada reunião do Conselho Pedagógico	32. “Neste momento aquilo que estamos a tentar fazer (...) é que não se ultrapasse a reunião mensal.” [E1] 54. “Alterou-se, aliás, em menos tempo. O Pedagógico consegue praticamente reunir uma vez por mês” [E1] 61. “(...) podem ser longas uma vez por mês” [E1] 63. “(...) continuo a achar que ainda é longo ...” [E1] 64. “(...) neste momento há uma preparação muito grande prévia, e que se não for assim ... se não fosse assim, tinha que prolongar-se.” [E1] 224. “Por vezes é muito mais vantajoso de facto chega à hora que está previsto terminar e dar mesmo por encerrada a reunião e marcar-se uma nova reunião na semana seguinte.” [E2] 225. “Agora, por vezes, também se calhar por mais uma hora, acaba por não ser... por não se justificar interromper a reunião e passar para... para uma sessão na semana seguinte.” [E2] 226. “(...) com o prolongar, com o passar das horas, há um cansaço muito maior nas pessoas” [E2] 276. “(...) a reunião é programada para um tempo e penso que por vezes a ordem de trabalhos... penso que antecipadamente já se sabe que não se vai conseguir cumprir aquela ordem de trabalhos” [E3] 281. “(...) acabamos por fazer sempre duas reuniões porque se não conseguirmos cumprir passa sempre para a semana seguinte, dali a 15 dias, seja quando for.” [E3] 358. “Acho é que apesar das reuniões serem longas o tempo é curto.” [E4]	11

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Duração temporal de cada reunião do Conselho Pedagógico	359. “Às vezes sinto que há essa limitação de tempo e já sentimos muito cansaço porque de facto... do trabalho... para estar aqui tardes inteiras... é cansativo de facto.” [E4] 376. “(...) aumentar as reuniões não sei se até depois não teria o efeito contrário – o cansaço” [E4]	2
	Temáticas abordadas nas reuniões	78. “(...) quem é que assume a formação? A própria presidente, o próprio Conselho, no seu todo.” [E1] 411. “Mas noto é que muitos dos assuntos que são tratados, basicamente são do 2º ciclo.” [E5]	2
	Qualidade do trabalho produzido no CP	273. “(...) temos feito um bom trabalho... temos... tem sido positivo...” [E3] 377. “(...) eu acho que temos estado a aproveitar bem, mesmo assim temos estado a aproveitar bem.” [E4] 378. “Nós não temos assim grandes tempos mortos. É sempre a andar. Os assuntos é que são imensos.” [E4] 439. “(...) penso que às vezes perde-se um bocadinho os assuntos. Começa-se a falar, a falar, a falar e às vezes perde-se um bocadinho.” [E5]	4
	Sugestões para a preparação do CP	277. “(...) se calhar, eu sei que as coisas têm que ser feitas e portanto têm que ser programadas, mas se calhar aí podia haver um bocadinho mais de ponderação.” [em relação ao tempo de duração] [E3] 448. “Por vezes podia-se começar alguns assuntos pelo 1º ciclo e não sempre começar pelos assuntos do 2º ciclo.” [E5]	2
FACTORES CONDICIONANTES DA DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Início da actividade do Conselho Pedagógico do Agrupamento	45. “(...) para além de gerir e tentar perceber, (...) todos no primeiro ano ... como é que todos nos íamos tentar perceber uns aos outros – pré-escolar, 1º ciclo, 2º e 3º – houve também a construção, portanto, desta ... desta dinâmica.” [E1] 46. “(...) toda uma maneira de trabalhar que foi repensada nesse primeiro ano.” [E1] 47. “(...) portanto, tratou-se de elaborar o Projecto Educativo, que depois se atrasou um bocadinho porque nós quisemos que tivesse uma grande participação.” [E1] 48. “(...) depois dessa fase de instalação portanto veio aquela fase da construção do PEE.” [E1] 362. “(...) agora há que fazer. Porque há muita coisa que ainda não está feita. E há que fazer.” [E4] 364. “Agora têm que ser as coisas práticas, não é? E portanto temos muito que avançar.” [E4] 373. “Resulta curto porque neste momento acho que os assuntos são ainda imensos” [E4] 374. “(...) a quantidade de reuniões ainda são imensos. Estamos atrasadas em algumas coisas, não é?” [E4]	8

(Continua)

(Continuação)

FACTORES CONDICIONANTES DA DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Características individuais das pessoas	26. “(...) as duas presidentes de Pedagógico que estiveram durante os meus mandatos (...) foram bem eleitas dentro do Pedagógico porque eram de facto as pessoas que maiores capacidades tinham. Têm uma grande capacidade de organização, de autonomia e de resposta.” [E1] 27. “Porque cada um de nós transporta para aquilo que faz as suas características pessoais.” [E1] 65. “As dinâmicas de trabalho dependem de “n” factores, há variáveis diversas, mas também dependem das dinâmicas da própria pessoa. Portanto, há sempre um cunho pessoal que as pessoas dão às coisas.” [E1] 74. “(...) também tem muito a ver com a presidente actual, é a forma dela trabalhar” [E1] 76. “(...) hoje não existe departamento de formação. Não é porque ele não fosse importante, é porque realmente as dinâmicas dependem das pessoas que estão à frente das coisas” [E1] 146. “(...) também são jovens, alguns deles, (...) Depende da pessoa. Não tem nada a ver” [E1] 148. “Das pessoas! (...) se calhar é aquela que é mais tímida, também tem a ver com uma postura, não é? (...) têm uma postura mais aberta,” [E1]	7
	Grande número de solicitações e/ou actividades dos docentes	33. “(...) é preciso reunir o Conselho de Docentes, é preciso reunir os departamentos, é preciso reunir ... é preciso reunir “n” coisas e o agrupamento é muito grande e só há uma 4ª feira com redução do horário lectivo dos miúdos para que possam existir reuniões. Isto na EB 2,3, porque o 1º ciclo e o pré-escolar reúnem depois das 18h30m.” [E1] 34. “(...) a carga horária do professor aumentou substancialmente nestes últimos anos” [E1] 375. “(...) é complicado porque todos trabalhamos já imenso e todos temos o horário mais que cheio, não é?” [E4]	3
	Falta de tempo útil de reunião	57. “(...) neste Pedagógico, aquilo que eu noto é que não há grande possibilidade de preparação e de debate ...” [E1] 227. “(...) alguns assuntos em que uma pessoa já... já procura abordar de uma forma, se calhar muito mais objectiva, tendo em conta mesmo o cansaço que se verifica nas pessoas.” [E2] 228. “Como também não há por vezes o fugir para um outro assunto paralelo a esse. As pessoas acabam por... por se fixar mais... e procurar ser mais rápidos em algumas tomadas de decisões,” [E2] 274. “(...) às vezes não é tão positivo porque sei que as reuniões são muito extensas” [E3] 275. (...) acredito que chega a uma altura que as pessoas já não estão com... com muita capacidade para continuar... mas... mas penso que temos feito aquilo que nos é possível.” [E3]	5

(Continua)

(Continuação)

FACTORES CONDICIONANTES DA DINÂMICA DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Falta de tempo útil de reunião	279. “(...) porque se diminuirmos o número de assuntos de uma reunião obrigatoriamente, entre aspas, iremos ter que fazer outra a não ser que o assunto dê para ser adiado tanto tempo que passe para o Pedagógico do mês seguinte,” [E3] 360. “(...) por vezes ainda sentimos falta de tempo. Porque por vezes não há tempo sequer para opiniões.” [E4] 361. “Muitas vezes não há, porque há que por as propostas, há que as votar, mas às vezes não nos podemos alargar muito porque o tempo não chega. Os assuntos são imensos.” [E4] 363. “Podia eventualmente fazer as coisas mais profundas. Mas não há ainda tempo para isso.” [E4] 365. “As horas que estamos aqui às vezes é pouco.” [E4]	5
	Entrega não atempada dos assuntos a abordar	441. “(...) por vezes tem que ser alterada porque existem outros assuntos que não estavam nessa ordem porque não foram dados com o tempo devido para ela inserir na hora. E por essa razão é que muitas das vezes a dinâmica... estende-se tanto.” [E5] 442. “Penso que se demorava um pouco... um pouco demais.” [E5] 443. “As pessoas já estão um bocado a perceber que é preciso entregar as coisas com a devida antecedência.” [E5] 444. “Às informações que têm que ser dadas e que são dadas em cima da hora. Enquanto que a Presidente já programou a sua... a sua ordem de trabalhos e depois vai ter que acrescentar.” [E5]	4
	Condições físicas do local da reunião	41. “(...) não temos espaço para reunir” [E1] 42. “(...) o espaço é muito pequenino e cria algum atrito. Aquele espaço cria algum atrito e alguma forma de estar ...” [E1] 43. “(...) tensões entre as pessoas, porque estamos todos completamente apertados e atrás uns dos outros.” [E1] 44. “(...) e da falta de espaço” [E1] 77. “(...) saiu porque era mais uma pessoa que lá estava dentro.” [E1]	5
DIFERENÇAS ENTRE FORMAS DE SER E DE ESTAR DOS REPRESENTANTES DOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO	Postura em relação aos docentes do pré-escolar e 1º ciclo	50^b “(...) o pré-escolar ... às vezes nós esquecemo-nos.” [E1] 138. “E era importante nós irmos lá agarrá-lo, mesmo ao nível do Pedagógico. Esquecemo-nos frequentemente ...” (em relação ao pré-escolar) [E1] 412. “E em certas coisas nós parece que estamos um bocadinho mais... mais à parte.” [E5]	3

(Continua)

(Continuação)

DIFERENÇAS ENTRE FORMAS DE SER E DE ESTAR DOS REPRESENTANTES DOS VÁRIOS NÍVEIS DE ENSINO	Postura dos docentes do 1º ciclo	50ª). “(...) o 1º ciclo, portanto... agora não se sente tanto, agora falha um bocadinho por exemplo o pré-escolar. O 1º ciclo já está mais integrado,” [E1] 145. “(...) enquanto que o 2º e o 3º ciclo estava habituado a ter aquele órgão, não era novidade, o 1º ciclo veio ávido de um órgão que era ... ver o que aquilo é. E tem tido uma postura,” [E1] 147. “Mas a maneira como eles estão é numa maneira de tentar participar de igual para igual com o 2º e o 3º, dizendo: nós estamos aqui e nós fazemos como vocês!” [E1] 150. “Eu acho que estão bem entrosados.” [E1]	4
	Postura dos docentes do 2º e 3º ciclo	50. “Acontece que o 2º e o 3º ciclo quando fala, quando pensa, pensa na sua escola, no 2º e 3º ciclo e, portanto” [E1] 140. “As pessoas do 2º e 3º ciclo, na minha ... agora já não tanto (...) porque se conheciam – sempre estiveram no Pedagógico – portanto, mais à vontade, não tiveram a mesma postura de aprendizagem das colegas do 1º ciclo. [E1]” 141. “(...) acho que a nossa maneira de estar (...) Não dificultou a integração do 1º ciclo. Dificulta o trabalho de todo o Pedagógico ... todo! Como um todo,” [E1] 142. “(...) a maneira como se aporta para os departamentos as informações. Porque uma coisa é ... se eu estou bem, uhm. Outra coisa é eu ter que transportar uma coisa que eu sou absolutamente contra ou que eu sinto que ... o que é que eu estou aqui a fazer?” [E1] 143. “Algumas pessoas do Pedagógico, numa primeira fase, eu acho que é o que é que eu estou aqui a fazer? E portanto, isto passa!” [E1] 144. “Passa ali, mas passa depois essencialmente para o departamento com quem eu vou trabalhar” [E1]	6
	Especificidades de cada ciclo	305. “(...) há coisas que é impossível juntar, não é, as avaliações que se fazem” [E3]	1

OBJECTIVO 3 – Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Processo de transição para Agrupamento	53. “(...) eu deixei que... as coisas continuassem a ser como eram até aí e devagarinho, devagarinho, devagarinho então, mudando conforme elas estão abertas a essa mudança. Eu acho portanto que foi uma transição” [E1] 151. “É um agrupamento especial. E é um agrupamento especial porque eu acho que respeitou ... respeitou cada uma – numa primeira fase – e deixou que as mudanças fossem progressivas. Se calhar ainda não temos o Projecto Curricular do Agrupamento exactamente por causa disso.” [E1] 152. “(...) não houve uma imposição:” [E1] 381. “Agora acho que as coisas estão outra vez a começar a encaixar, estão a melhorar, mas vai levar tempo.” [E4]	4
	Alterações no funcionamento	94. “(...) as matrículas do 1º ciclo eram feitas nas escolas. Cada uma fazia as suas. Neste momento, ao nível do 1º ano, elas são feitas na secretaria. (...) no sentido de gerir as vagas. (...) Facilita a vida dos encarregados de educação.” [E1] 116. “A única entidade administrativa é a sede do agrupamento.” [E1] 131. “(...) eles vão começando a utilizar as coisas que nós utilizamos. Porque nós já fazemos as actas em computador. (...)Então para o ano, se calhar, toda a gente começa a fazer a computador. Portanto, e tudo isto ... devagarinho, devagarinho, devagarinho, vai entrando.” [E1] 133. “(...) se calhar no JI de (...) – o que está isolado – entravam meninos de três e de quatro. Este ano já não entraram. Porquê? Porque nós demos prioridade aos de cinco anos que não cabiam nos outros para entrar ali. Porquê? Porque nós queremos que todos quando entrarem no 1º ano, não é, tenham passado por um ano, pelo menos, de pré-escolar para terem alguma preparação” [E1] 345. “(...) há um tempo atrás tudo... tudo passava pelo 1º ciclo, desde as matrículas, desde a gestão da cantina, desde... tudo... pessoal, tudo, tudo, tudo.” [E4]	5
	Sentimento de bem estar	166. “(...) eu considero-me feliz por estar naquele agrupamento, acho que são todos uns queridos.” [E1]	1

(Continua)

(Continuação)

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Vontade de continuar	232.“(…) parece-me importante é realçar as vantagens que temos tirado já que este momento é o caminho que tem que ser seguido. É o caminho em agrupamento e portanto parece-me de facto importante ligar a isso.” [E2] 233. “(…) de acordo com aquelas vantagens que eu já enumerei, mantinha de facto... esta escola, pelo menos, do 1º ciclo em agrupamento.” (em relação às vantagens enumeradas para as escolas pertencentes ao Agrupamento) [E2] 385. “Eu não sei se voltaria antes, (...) a nível do tal intercâmbio de escolas, do tal dar a conhecer, do tal... eu acho que isso é muito bom...” [E4] 452. “(…) agora vai ser dar mais um bocadinho o tempo ao tempo para ver como é que as coisas vão... vão... vão crescendo, vão-se desenvolvendo.” [E5]	4
	Procura de unificação / coesão no Agrupamento	51. “(…) são os colegas do 1º ciclo que dizem nós estamos aqui presentes, e trazem, não é, os documentos iguaizinhos aos nossos e ... e pronto, nota-se realmente que já há uma maior coesão.” [E1] 83. “São os factores pedagógicos. As formas de trabalhar, as formas de ... de actividades, o próprio plano anual de actividades que começa, devagarinho, devagarinho, as escolas a terem actividades comuns anuais.” [E1] 84. “(…) também há algumas que são comuns, como por exemplo a Marcha Solidária, que eu tenho que referir porque foi um sucesso, não é, foi um sucesso que uniu o agrupamento. Todo o agrupamento participou excepto o pré-escolar por uma questão das idades dos alunos ... e funcionou muito bem ... até com a comunidade exterior” [E1] 153. “Foi-se fazendo, está tudo atrasado ... mas vai-se fazendo. E vai-se fazendo e, portanto, com partilha.” [E1] 156. “(…) vai-se reflectir nos próprios alunos. Porque quanto mais nós conseguirmos esta construção – nós ainda não temos ... nós já temos alguma identidade.” (em relação à participação de todos) [E1] 157. “Temos identidade onde? Nos órgãos. Temos identidade nalgumas actividades ainda pontuais. Certo? E, portanto, os miúdos começam a sentir também que fazem parte de um todo, que é um agrupamento.” [E1] 158. “Eles sentem que fazem parte de um todo. Devagarinho, devagarinho ... devagarinho, os miúdos também ...” [E1] 159. “(…) com a marcha. Todo o agrupamento. Eles começam a ouvir falar nisto. Os pais ouvem falar no agrupamento. Portanto, já há noção de que aquilo ... é um todo.” [E1] 160. “(…) a identidade do todo faz-se aonde, ainda? É nos órgãos, é nos documentos, certo? Os documentos são comuns, os órgãos são para participação de todos, e depois em actividades pontuais.” [E1]	9

(Continua)

(Continuação)

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Procura de unificação / coesão no Agrupamento	167. “Vamos construindo. Ainda está longe de ser uma unidade, mas já se deu um passo” [E1] 168. “E passos em que eu acho que as pessoas estão a construir e a participar.” [E1] 240. “(...) acho positivo... estas trocas de, de... quando se participa em alguma coisa participarmos todos juntos porque para todos os efeitos a comunidade é toda a mesma não é,” [E3] 241. “(...) os miúdos conviverem com os seus colegas daqui e conviverem com os outros e isso acho ótimo até porque os alunos que nós começamos a ter no jardim de infância são os mesmos que nós vamos ter ao longo dos ciclos todos. E aí acho importante que... que haja este... esta continuidade.” [E3] 242. “(...) tentar aproximar os trabalhos para... no fundo quando eles chegam ao nível seguinte haver algum conhecimento daquilo que eles eram antes, que aí eu acho que se perdia um bocadinho e agora com os agrupamentos seja mais fácil continuar.” [E3] 287. “(...) normalmente não são muito frequentes mas tentamos que... há coisas que tentamos fazer igual, iguais para as escolas todas.” [E3] 288. “(...) reunimos no dia que marcamos entre nós os quatro, no dia em que nos dê jeito e discutimos aqueles assuntos que achamos que são mais importantes e que têm que ser realmente em comum com as escolas todas.” [E3]] 312. “(...) tem de positivo muitos intercâmbios que estamos a fazer (...) no nivelamento de certas coisas, (...) Com as outras escolas do 1º ciclo,” [E4] 327. “(...) o acertar, por exemplo de, sei lá a nível de conteúdos, a nível de programações, a nível de haver um trabalho mais igual,” [E4] 328. “(...) eu acho que esse nivelamento também pode ser útil,” [E4] 370. “(...) temos vindo também com os do 1º ciclo... o caso do... aí... projecto curricular. Já tivemos várias reuniões e preparámos em conjunto. Eu acho que está a ser muito benéfico.” [E4] 371. “Portanto, estamos a trabalhar de facto agora em agrupamento. Coisas que, cada um trabalhava para o seu lado.” [E4] 406. “(...) a nível de... dos projectos, a ligação que há, como foi a Marcha Solidária e tudo, acho que é muito importante.” [E5] 407. “O dia do... do livro, a semana da leitura, acho que a interacção que está a começar a existir, porque é assim acho que agora é estamos a começar a trabalhar como Agrupamento. Inicialmente não.” [E5]	14

(Continua)

(Continuação)

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Procura de unificação / coesão no Agrupamento	408. “Agora estamos a começar a trabalhar em Agrupamento coisa que nós não sabíamos.” [E5] 409. “A Língua Portuguesa, a Matemática, está a haver uma interacção do 1º ciclo com o 2º ciclo o que é muito bom para os nossos meninos que vêm depois para esta escola.” [E5]	2
	Participação nos órgãos	296. “(...) por sermos parte integrante do agrupamento só temos mesmo que estar representados nos órgãos que... que o constituem.” [E3] 453. “Eu acho que todas as pessoas que têm agora este tipo de cargos que já estão a perceber a dinâmica de funcionamento e acho que as coisas pouco a pouco estão a melhorar.” [E5]	2
	Natureza pedagógica dos factores positivos	79. “Os factores positivos são todos eles pedagógicos.” [E1] 80. “(...) do ponto de vista pedagógico, não há nada que eu possa assim de repente recordar-me que possa ser negativo.” [E1] 81. “(...) do ponto de vista positivo, toda a partilha, todo o trabalho pedagógico, toda a aferição ... que mesmo com dificuldade tem sido feita ... que é uma das áreas que nós sentimos que devemos fazer mais ... é articular e aferir sobretudo, portanto, os ciclos, não é, o pré-escolar com o 1º ciclo” [E1] 92. “(...) do ponto de vista pedagógico eu, para mim, acho que é tudo positivo, porque se aprende, porque se conhece como é que é que os outros trabalham, se conhece quais são, portanto, as componentes do pré-escolar, se conhece qual é o currículo do 1º ciclo ... e o 1º ciclo conhece qual é o do 2º e 3º e vê como é que se trabalha. Portanto, há aqui uma aprendizagem ... inter-aprendizagem por parte de todos, e isto é muito positivo.” [E1] 386. “A nível pedagógico eu acho que isso é óptimo.” [E4] 388. “(...) porque a pedagógico eu acho que só tem vantagens. Acho que só tem vantagens” [E4] 410. “A nível pedagógico, não é, neste caso.” [E5]	7
	Gestão das verbas	117. “Já vem determinado. Por cada escola um X. (...) em termos de verbas, cada escola sabe. E as escolinhas sabem que aquela que tem aquela verba, e gastam aquela verba.” [E1] 118. “E não podem gastar mais do que aquela. Porque aquela é a delas.” [E1] 119. “Elas sabem o dinheiro e governam-se com aquilo que têm.” [E1] 120. “(...) a requisição é feita na escola sede mas das coisas delas.” [E1] 121. “A conta é nossa mas para cada escola, para cada estabelecimento, há um livro próprio. Portanto, elas sabem exactamente quanto é que têm e quanto é que não têm, quanto é que podem gastar e quanto é que não podem.” [E1]	5

(Continua)

(Continuação)

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Partilha de recursos	90. “Mas isto para quê? Para não fechar as escolas. (...) legalmente, pode haver mobilidade de todo o pessoal.” [E1] 122. “De qualquer das maneiras, se elas precisarem destas coisas, elas sabem que nós na sede temos e pedem. Já não é a primeira vez. (...) mas se não têm sabem que se nós tivermos disponível podem requisitar e usar.” (em relação a recursos materiais) [E1] 418. “É uma zona muito carenciada e por essa razão foi nomeada uma animadora cultural que ficou na... na escola.” [E5] 419. “Mas... mas notou-se que a Presidente ao fazer a escolha da animadora que teve esse cuidado em seleccionar as escolas, no caso onde está a minha, porque está inserida numa zona... tão baixa, a nível tanto cultural como económica.” [E5]	4
	Partilha de conhecimentos	169. “(...) acaba sempre por ser positivo mais que não seja poder ir retirar ao 2º e 3º ciclo aspectos que consideramos vantajosos e que ainda não são utilizados ao nível do 1º ciclo e portanto essa interacção entre o 1º ciclo e o 2º e o 3º acaba por ser bastante positivo.” [E2] 234. “(...) o trabalharmos todos em conjunto e partilharmos... algumas ideias e algumas regras e isso eu acho vantajoso.” [E3] 293. “Aliás, essa para mim é a grande vantagem dos agrupamentos. [a partilha]” [E3] 294. “(...) mesmo dentro do 1º ciclo de haver trocas de experiências porque antes disso cada escola era uma escola e ninguém contactava com ninguém praticamente.” [E3] 295. “Havia sempre conhecimentos entre professores e assim mas não... não havia tanta troca como há agora, como... tem que haver agora.” [E3] 307. “(...) a cooperação entre as várias escolas, a troca e o intercâmbio, tudo isso acho que é positivo,” [E4] 326. “É esse intercâmbio de experiências que nós já estamos a fazer de facto,” [E4] 329. “(...) até ao nível das escolas aqui da zona, sabermos que não trabalhamos assim tão diferentes uns dos outros,” [E4] 330. “Para podermos comparar, para podermos de facto ter um trabalho semelhante. É capaz de ser bom para nós e para as crianças,” [E4]	9

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Receios anteriores à mudança	52. “(...) havia o medo das pessoas perderem..._o 1º ciclo perder a autonomia, perder poder, perder... não poder fazer isto e aquilo e portanto aquilo” [E1] 129. “Eu acho que o agrupamento coincidiu com uma fase ... uma fase infeliz de toda a política educativa. Infeliz no sentido de que os professores reagiram mal, não é, ... às alterações.” [E1]	2
	Dificuldade na adaptação à mudança	382. “(...) não se trabalha uma vida inteira, não é, no meu caso que tenho para vinte e sete anos de serviço quase... uma vida inteira quase... a gerir... pronto, um trabalho de escola totalmente diferente, depois não é num ano ou dois que se muda tudo isto assim... uma mentalidade, não é?” [E4] 383. “(...) acho que os benefícios hão-de vir mas por enquanto não se vêm assim” [E4] 384. “(...) ou é de mim própria, a minha mentalidade, porque de facto, não é, foram muitos anos a trabalhar da mesma maneira.” [E4] 392. “Isto é mesmo assim porque nós ali agora não podemos ao fim ao cabo gerir nada, decidir nada” [E4] 393. “É o período de adaptação que não está tão fácil assim.” [E4] 394. “Acho que depois poderá trazer benefícios. Mas por enquanto acho que precisamos de tempo. Estamos a precisar é de tempo.” [E4] 395. “Inicialmente eu penso que os factores não foram positivos.” [E5] 402. “Ao fim de semana é que eu organizava a minha semana, não é, e não posso sequer tirar fotocópias ao fim de semana porque o Agrupamento não paga essas fotocópias.” [E5]	8
	Sentimento de perda em relação ao que já existia	308. “(...) nós já antes do Agrupamento nós funcionávamos muito bem aqui com a (...)” [E4] 309. “(...) nós já tínhamos muitas actividades em comum, já... ao nível da Educação Física sempre, não é.” [E4] 310. “(...) houve uma época em que professores daqui, tipo francês, expressões, iam dar ali aulas, nós vínhamos aqui dar apoio de Português, portanto nós já funcionávamos assim antes.” [E4] 311. “(...) nós já funcionámos quase melhor – isto é aquilo que eu sinto, não é – quase melhor em Agrupamento antes que depois.” [E4] 314. “(...) estávamos mais motivados e acho que se perdeu um bocadinho certa motivação.” [E4]	5

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Sentimento de perda em relação ao que já existia	315. “(...) acho que perdemos um bocadinho aquela liberdade de fazer e aquela motivação de fazer certas coisas.” [E4] 317. “(...) nós sentíamos-nos motivados a fazer muita coisa, actividades para conseguir ... para ... coisas engraçadas!” [E4] 391. “E a nossa escola foi sempre uma escola muito activa, muito dinâmica... e às vezes sinto que estamos assim um bocadinho... temos que voltar outra vez a encontrar aquilo que perdemos. Acho que se perdeu um bocadinho.” [E4]	3
	Perda da capacidade de gestão das verbas por parte das EB1	173. “(...) em termos financeiros a mesma coisa: antes uma pessoa tinha o dinheiro entregue na escola, ia fazer compras, automaticamente recebia a quantia. Agora o processo é mais, é mais prolongado, ou seja, uma pessoa tem que entregar a factura, a factura vai até ao agrupamento, depois é que volta, portanto, neste, neste percurso entre uma escola e depois a sede do agrupamento, acaba sempre por haver ali algumas situações em que há alguma perda de autonomia da escola do 1º ciclo.” [E2] 236. “Em termos financeiros nós não temos... as escolas não têm dinheiro para nada.” [E3] 237. “Se faltar uma resma de folhas, aliás isso está a acontecer na nossa escola, nós requisitámos, há não sei quanto tempo, resmas de folhas de papel branco para tirar fotocópias, para... para o trabalho da escola e não temos nada.” [E3] 238. “(...) tudo o que é da escola tem que ser requisitado ao agrupamento. E o agrupamento compra e envia para as escolas.” [E3] 239. “Nem é pedir autorização. É pedir para nos comprarem. O problema... aí é que eu acho que as coisas funcionam um bocadinho mal. Portanto, se pudessemos entrar num esquema do género a escola compra e manda a factura para o agrupamento, por exemplo...” [E3] 316. “(...) nós fazíamos muitas festinhas e muitas coisinhas, por exemplo, para angariar fundos,” [E4] 322. “(...) quando geria até o próprio dinheiro que os pais das crianças contribuíam (...) de um dia para o outro eu comprava” [E4] 323. “(...) passei um tempão enorme à espera de barro porque tinha uma actividade programada. Acabei por não fazer a actividade, porque o barro não aparecia.” [E4] 325. “Ou compramos do nosso bolso como eu faço muita vez. (riso)” [E4] 396. “(...) na escola do 1º ciclo perdemos autonomia a nível de gestão financeira porque os recursos ficaram todos presos no agrupamento” [E5]	10

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Perda da capacidade de gestão das verbas por parte das EB1	397. “(...) sempre que queremos ter alguma despesa há uma grande burocracia a nível de papéis para conseguirmos esses recursos financeiros que são dados pelos meninos no início do ano.” [E5] 398. “Agora a nível do... por exemplo, ao fazer alguma compra, não é, estamos mais limitados” [E5] 399. “Ia gerindo aquele dinheiro à medida que... pronto, era preciso tal por causa dos dias festivos, era preciso para a prenda para o dia da mãe, para a prenda do dia do pai, para a Páscoa, eu é que comprava o material e debitava e ia descontando no dinheiro que eu tinha logo no início do ano, dos donativos dos meninos.” [E5] 400. “Agora tem que vir tudo para a (...) e só ao fim de dois meses é que me é devolvido esse... esse dinheiro.” [E5] 403. “Todo o material que adquira ao fim de semana ou feriados não é pago pelo Agrupamento, enquanto que naquela altura eu gerindo o dinheiro poderia ter uma organização diferente.” [E5] 404. “Aquilo que eu noto mais é a nível de gestão financeira.” [E5]	6
	Sentimento de perda de autonomia pedagógica por parte das EB1	170. “Perde-se alguma autonomia que a escola tinha no 1º ciclo, ou seja, havia assuntos que eram tratados muito mais rapidamente na própria escola e que agora acaba por ser uma decisão do agrupamento e portanto a escola acaba por perder um pouco essa autonomia que tinha anteriormente.” [E2] 171. “Em termos de burocracia (...) acabou por não ser uma decisão exclusiva da escola ao nível de vários, de vários aspectos, portanto não é só em termos de assuntos... é a nível geral. A Escola acaba por perder alguma autonomia.” [E2] 172. “(...) uma pessoa agora tem sempre que levar as visitas de estudo a pedagógico. Antigamente a própria escola aprovava e a visita de estudo realizava-se; autorizações para, para algumas actividades... tem que haver sempre um consentimento do, do agrupamento;” [E2] 235. “(...) acho que as escolas do 1º ciclo ficaram a perder um bocadinho porque não têm autonomia para praticamente nada. As escolas do 2º e 3º ciclo também não têm mas penso que nesse aspecto não notaram tanto a diferença como as escolas do primeiro ciclo.” [E3] 313. “Talvez ali no começo não. Eu senti até muita coisa negativa. Sinceramente senti, porque acho que perdemos muito a nossa autonomia” [E4] 318. “Depois agora, como nós já não gerimos praticamente nada, acho que houve ali uma quebra, pronto. Já não é a mesma coisa, senti um bocadinho ... houve ali uma época em que nos sentimos um bocadinho desmotivadas para fazer certas coisas.” [E4]	6

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Sentimento de perda de autonomia pedagógica por parte das EB1	319. “(...) a tal perda de autonomia, um bocadinho, da própria escola, acho que, não foi benéfica.” [E4] 320. “É que nós geríamos as coisas mais facilmente, porque é assim: havia qualquer coisa a determinar quase de um dia para o outro e nós podíamos fazê-lo, (...) Ao nível de actividades, essencialmente.” [E4] 321. “Agora estamos um bocadinho limitadas, (...) temos que levar ao Pedagógico, temos que ter autorização,” [E4] 379. “(...) trabalhamos de muito boas vontades, o 1º ciclo o trabalho é sempre assim, de... pronto, mesmo de querer dar de si. Não por obrigação.” [E4] 380. “(...) eu acho que as pessoas se desmotivaram um bocadinho quando entrámos em Agrupamento. Achei desmotivação da parte de algumas pessoas” [E4] 405. “E acho que a nível da escola, a escola perdeu um bocado a autonomia que nós tínhamos. Agora deixámos de ter. Qualquer coisa, precisamos de autorização.” [E5] 450. “A nível da gestão que para nós foi mais complicado porque as escolas do 1º ciclo perderam bastante autonomia.” [E5]	7
	Dependência administrativa	387. “Eu acho que o problema às vezes é administrativo. Aí é que às vezes a gente sente a tal dificuldade” [E4] 389. “A nível administrativo, às vezes não é fácil, não é fácil porque... para gerirmos aquele... parece que estamos sempre tão dependentes” [E4]	2
	Coordenação de horários	62. “(...) enquanto o Pedagógico antigamente, se calhar, reunia a partir das duas e meia, porque era só EB 2,3, agora não, é a partir das três e meia. Portanto, é uma hora mais tarde, porque as colegas do 1º ciclo que têm turno único só podem a partir das três e meia e ... portanto, podemos estar um bocadinho até às sete e meia, oito horas” [E1] 73. “Enquanto era 2º e 3º ciclo, era uma escola, agora são cinco escolas que estão ali ... são cinco ...” [E1] 188. “(...) este ano, como a colega continua com esse horário de duplo da tarde teve que se eleger um novo representante mas que... que ocupasse... que tivesse como carga lectiva o horário duplo da manhã” [E2]	3

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Dificuldades de coordenação entre níveis de ensino	82. “(...) nota-se essencialmente a necessidade de aferição e de junção, não é, entre o 2º ciclo e o 1º ciclo. Isto para fazer as pontes ...” [E1] 132. “Desde logo, no primeiro momento, sempre senti o pré-escolar com maior dificuldade. E maior dificuldade porque ... é assim: mesmo ao nível geral ... para já porque são cinco salas ... depois, ao nível geral, não é considerado ensino básico. É o pré-escolar!” [E1] 134. “O pré-escolar é complicado, é aquele que pior se integra, porque dentro, por exemplo ... nós temos várias realidades.” [E1] 135. “(...) elas tinham uma “doença”. O pré-escolar era o pré-escolar e o 1º ciclo era o 1º ciclo. E portanto, a partir do momento em que foi agrupamento é que passaram a fazer reuniões conjuntas e com grande atrito, penso eu ... houve ali alguma ... entre o pré-escolar e o 1º ciclo.” [E1] 136. “Entretanto elas passaram a fazer parte do Conselho de Docentes e vão ao Conselho de Docentes, mas fizeram questão em reunir separadamente enquanto pré-escolar durante muito tempo” [E1] 137. “Tem que se ter mais em atenção o pré-escolar. Tem que se ir ao pré-escolar e ver como é que aquilo está, porque é o elemento ... porque como não entra nem nas provas de aferição, nem nesses ... não entra nestas questões, fica um bocadinho para trás” [E1]	6
	Dificuldade na gestão de recursos humanos	85. “(...) agora tens os recursos e quanto aos recursos, aquilo que querem é que os recursos que tu tens, ou que tinhas na EB 2,3, portanto, têm que ser recursos que são geridos, não é, ao nível do agrupamento.” [E1] 86. “Estamos a falar, por exemplo, de funcionárias. É sempre difícil gerir. Estamos a falar, por exemplo, de gerir recursos humanos ... por exemplo, para as provas de aferição agora, não é? Se não chegarem os professores do 1º ciclo, vamos ter que mandar professores do 2º e do 3º.” [E1] 87. “(...) é um aspecto, se calhar, que as pessoas podem não aceitar muito bem, não é? Agora, têm que sair do seu local de trabalho e ter que ir fazer noutro” [E1] 88. “(...) com os mesmos recursos, gerir isto tudo.” [E1] 89. “Falta uma funcionária no 1º ciclo ... mando funcionárias do 2º e 3º. Isto quando, na sede, já há falta de funcionárias” [E1]” 91. “(...) os quadros não vão ser de escola. Vão ser quadros de agrupamento. Portanto, isto quer dizer que os recursos são geridos ao nível do agrupamento e ao nível de cada escola. E chegar aqui é um percurso difícil, porque as pessoas têm medo do que vem por aí.” [E1]	6

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Dificuldade na gestão de recursos humanos	93. “(...)antigamente as coordenadoras resolviam os problemas – as coordenadoras de estabelecimento – os problemas de disciplina, resolviam-nos lá, não é? Hoje, se for preciso, chamam-me ... à presidente para ir resolver os problemas de indisciplina ou focos de indisciplina graves que possa haver (...) Sou chamada para ir resolver, por exemplo, focos de conflito entre funcionárias. (...) Portanto, negativo é, não tendo muitas vezes muitos recursos, não é, ter que os gerir assim.” [E1]	1
	Acréscimo de trabalho para as estruturas e órgãos	95. “Dificulta a vida da secretaria, mas o trabalho administrativo tem que ser feito na secretaria.” [E1] 96. “(...) toda a gente, ao nível dos órgãos, teve um acréscimo de trabalho. Portanto, os órgãos – o Pedagógico teve um acréscimo de trabalho, o Conselho Executivo teve um acréscimo de trabalho. É um “fim do mundo” de acréscimo de trabalho. E a secretaria teve também um acréscimo de trabalho tremendo ... a Assembleia ... teve, no sentido de pensar,” [E1] 97. “(...) acréscimo de trabalho mesmo, mesmo, mesmo é Pedagógico – porque há muito mais reflexão para fazer, porque engloba vários ciclos e, portanto, várias realidades. Porque a indisciplina no 2º e 3º não é exactamente a mesma coisa, não é, que no 1º.” [E1]	3
	Integração do pré-escolar	105. “Tenho a percepção de que não é fácil, mas não é no 1º ciclo. É no pré-escolar.” (a escolha do representante no CP) [E1] 106. “(...) nós temos cinco educadoras (...) só não temos duas em órgãos. De resto, três educadoras estão em órgãos,” [E1] 107. “E isto, para ver, é uma dificuldade. Porquê? Porque quando forem as eleições, quando houver eleições, elas não querem ... não querem rodar. Portanto, vamos esgotar o pré-escolar. Quer dizer que nesta 1ª fase ainda temos pré-escolar em todos os órgãos, mas eu estou à espera que numa 2ª fase o pré-escolar vai-se recusar ... penso eu ... porque serão sempre as mesmas pessoas ... <i>ad eternum</i>” [E1]	3
	Necessidade de aprendizagem para superar dificuldades	123. “Mas que é muito pouco usada. Elas não usam muito, porque não precisam. (...) Não usam. Ainda não aprenderam. É toda uma fase de aprendizagem.” (em relação a recursos materiais) [E1] 451. “Só que o Agrupamento foi formado há poucos anos e agora está em fase de crescimento e temos todos que crescer um bocadinho também.” [E5]	2

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Diferença de tutelas	124. “É que enquanto as escolas do 1º ciclo dependem da Câmara ... portanto, eu, para introduzir qualquer coisa no 1º ciclo tenho que falar com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra ... nós – 2º e 3º ciclo – dependemos do ... directamente do Ministério da Educação, não é? Por exemplo se eu quiser ... mesmo em termos de recursos, para as escolas do 1º ciclo peço a quem? À Junta de Freguesia e à Câmara. Para o 2º e 3º ciclo a quem é que eu peço? Ao Ministério da Educação.” [E1] 127. “(...) as tutelas também são diferentes.” [E1] 128. “(...) o pré-escolar tem uma educadora e uma auxiliar, e a auxiliar é da dependência da Câmara Municipal de Sintra, da Educa. No caso do 1º ciclo, já é da dependência do Ministério da Educação. Portanto, eu rodo ... posso rodar, em termos das auxiliares que dizem respeito ao Ministério da Educação.” [E1]	3
	Dificuldades de organização pedagógica	125. “ (...) com o agrupamento ... por exemplo, tu tens enriquecimento curricular no 1º ciclo, certo? Num 2º e 3º tens aquelas actividades que eu posso dizer – que não se chamam de enriquecimento curricular - mas que eu também posso chamar, que são as actividades de substituição, podes ter os clubes, podes ter o desporto escolar, (...) são formas de trabalhar diferentes e isto, isto é complicado.” [E1] 126. “(...) porque as maneiras de trabalhar são muito diferentes” [E1] 165. “(...) quer ao nível da indisciplina (...) de orgânica, pedagógica, (...) Mesmo até do aproveitamento.” [E1] 324. “Com antecedência [a planificação das actividades e compras/fotocópias necessárias] e, portanto, e isso requer um grande planeamento da nossa parte.” [E4] 401. “Em termos de planificação é tudo com muita antecedência, a nível depois também de fotocópias.” [E5]	5
	Falta de sentido de unidade	161. “Em actividades pontuais ainda ... que ainda são pontuais. Porque mesmo no dia da escola há ainda uma grande dificuldade em sentir o dia do (...) como o dia daquela comunidade toda.” [E1]	1
	Falta de homogeneidade entre agrupamentos	243. “Em termos de funcionamento de secretaria, por exemplo, tenho... acho que... eu já trabalhei em cinco agrupamentos diferentes, ou seis, e em todos funcionava de maneira diferente” [E3] 244. “(...) temos que nos adaptar a... a funcionamentos diferentes porque ainda não entrei em dois que funcionassem da mesma maneira.” [E3] 245. “(...) há uma discrepância muito grande. O que é regra num não é regra noutro, o que não se pode fazer num pode-se fazer noutro, o que se pode fazer nuns não se pode fazer nos outros” [E3]	3

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Dimensão do Agrupamento	162. “(...) o final – o fecho do ano lectivo – é-nos difícil fechar o ano lectivo como um todo. É escola a escola. (...) somos muitos e não temos espaço para fazer uma grande ...” [E1] 163. “Eu este ano quero ver se faço uma grande actividade com todos. Mas é difícil. Porque nós somos 2000. 2000 miúdos, não é?” [E1] 164. “O factor espaço, exactamente, e o factor número de pessoas para aquele espaço. É um constrangimento muito grande, a todos os níveis. Aliás, é o maior de todos ... a todos os níveis.” [E1]	3

OBJECTIVO 4 – Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Planificação das actividades	99. “(...) por exemplo, estou a pensar nas visitas de estudo ... que o nosso Regulamento aprovado para o agrupamento é rígido, e nós estamos com alguma rigidez a esse nível. Portanto ... a esse nível as escolas do 1º ciclo não precisavam de autorização de um Pedagógico nem de um Conselho Executivo” [E1] 100. “(...) há visitas de estudo que, efectivamente, se calhar nós não deixamos, não permitimos porque não há o número suficiente de acompanhantes ou porque prejudica a vida ... o dia-a-dia ... aquele dia na escola, e eles não vão. Isto quando anteriormente se calhar não tinham esse problema e, portanto, a escola decidia por si. E isto, penso que será uma dificuldade para eles.” [E1] 181. “(...) embora não seja ainda um trabalho global em que se possa dizer: isto é igual em todas as escolas do 1º ciclo. Isso também ainda não ocorre.” [E2] 413. “Ao nível das dificuldades que a escola possa... possa sentir é o facto de alguns assuntos terem que ter autorização do... do... do Pedagógico,” [E5] 445. “Dizemos às colegas a nível também das visitas de estudo que não era no dia que eu tenho a reunião (...) têm que me entregar a visita de estudo no início da semana para eu durante a semana deixar no dossier da Presidente do Conselho Pedagógico.” [E5]	5
	Sentimento de dependência	390. “Pronto, a gente às vezes sente que parece que estamos sempre muito dependentes.” [E4] 417. “(...) não temos autonomia para poder... não temos o poder de decisão. Tem que passar por... por aqui, pelo Pedagógico.” [E5]	2
	Comunicação dificultada	103. “(...) é assim: quanto mais pequenas fossem as unidades, mais em família, mais fácil se torna gerir as coisas e fazer as coisas ...” [E1] 104. “(...) numa escola pequena as pessoas vêem-se ... sempre. Basta a conversa. No agrupamento é preciso fax, é preciso telefone, é preciso comunicar com este e com aquele, trocar ... Portanto, a comunicação é um dos factores talvez mais problemáticos ... porque é difícil, porque somos muitos, porque é muita gente, porque são muitas escolas. E depois tem que ser uma comunicação dos órgãos, entre os vários órgãos, entre as escolas. Porque depois a comunicação também tem que ser bem feita, não é? Porque senão às vezes passa uma informação que não é exactamente assim.” [E1]	2

(Continua)

(Continuação)

DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Falta de tempo para tomar decisões	176. “(...) a escola por vezes sente muito o facto de serem tomadas algumas decisões que a própria escola acabou por não... não... não... não ser levada em conta anteriormente.” [E2] 414. “(...) podem surgir coisas à escola para serem decididas logo, de imediato, e porque tem tudo que vir aqui à aprovação para nós torna-se mais complicado não termos uma decisão imediata” [E5] 415. “Certas actividades que às vezes nos propõem, como não há... não há tempo para poderem vir a Pedagógico,” [E5] 416. “(...) não há tempo de virem cá e de serem aceites há certas actividades que se vão... que se vão perdendo” [E5]	4
	Indicação de pessoas para os cargos	189. “E a colega acabou por sugerir o meu nome, avançou então a votação, por sugestão dela, o meu nome,(...) e então por... se não me engano por unanimidade foi... foi aprovado o meu nome.” [E2] 190. “(...) e não houve mais ninguém a oferecer-se vá, para desempenhar esse cargo” [E2] 250. “Este ano fui assim um bocadinho forçada...” [E3] 254. “A colega que estava o ano passado no Pedagógico que supostamente iria continuar, portanto que ainda estava dentro do período dela, quis sair” [E3] 255. “E só havia duas pessoas possíveis para... para eleger cá na escola porque uma é coordenadora não pode ser representante, outra é da portaria 296 não pode. Só sobrávamos duas.” [E3] 256. “Votámos, portanto, entre nós, fizemos uma pequena eleição e portanto eu era a nova (risos) e calhou-me a mim.” [E3] 257. “Era a única... era a única e pronto.” [E3] 420. “E então, como eu fiquei efectiva e estava no regulamento interno que só poderiam ser coordenadoras do Pedagógico professoras do quadro, então foi uma imposição, que depois teve que ser feita a eleição.” [E5]	8
	Recente formação do Agrupamento	246. “A dificuldade que eu acho que encontramos é como é uma coisa muito recente às vezes não sabemos muito bem... quando nos pedem alguma coisa não sabemos muito bem o que é que havemos de levar, ou às vezes achamos... não sabemos muito bem o que é que estamos lá a fazer.” [E3]	1
	Representatividade nos órgãos	247. “(...) se formos avaliar o número de alunos do 1º ciclo e o número de alunos do 2º se calhar até estamos mal representados porque em termos de proporcionalidade há muito mais professores do 2º e 3º ciclo do que 1º.” [E3]	1

(Continua)

(Continuação)

BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Organização ao nível dos documentos internos	98. “(...) há um Regulamento Interno comum” [E1] 102. “(...) os modelos são únicos ao nível do agrupamento todo. Portanto, eu penso que ... eu acho que enriquece mais do que dificulta” [E1] 178. “Há... há... há documentos, há formas de abordar as situações que são feitas de uma... de uma certa forma pelo 2º e 3º ciclo e que agora também nós, no 1º ciclo, podemos passar a fazer e portanto isso é vantajoso, claramente.” [E2] 184. “Nós, 1º ciclo, tentamos também criar estratégias e documentos comuns a todas as escolas. Por exemplo ao nível dos planos de recuperação, a grelha do 1º ciclo é igual ou vai passar a ser igual em todas as escolas, a ficha para a avaliação desse... desse plano de recuperação vai passar a ser igual, coisa que não era até agora.” [E2]	4
	Partilha e aprendizagem com colegas de outros ciclos	101. “(...) há uma aprendizagem muito grande da parte das pessoas relativamente a questões pedagógicas, a questões de formas, também, de dar aulas e sobretudo, sobretudo, em relação à avaliação e a modelos, a modelos que a lei preconiza,” [E1] 177. “(...) nós acabamos por ver como é que outras escolas presentes no Pedagógico estão a trabalhar determinados aspectos do dia-a-dia, quer pedagógicos quer mesmo do funcionamento geral da escola.” [E2] 249. “(...) porque acho que estamos sempre a aprender qualquer coisa.” [E3] 252. “(...) há coisas que se transferem do 2º e 3º ciclo para o 1º... modos de trabalhar... modos de avaliar, modos de... pronto, de organizar que se estão a transferir para o 1º ciclo e eu acho que aí é positivo.” [E3] 331. “(...) há um conhecimento maior do que se passa em cada nível de ensino.” [E4] 332. “(...) eu notei muito no início que – eu acho que notei isso mais em relação a vocês [2º e 3º ciclo] que a nós [1º ciclo] – que estavam completamente perdidas em relação ao que se passava no 1º ciclo.” [E4] 333. “(...) isto aqui também enriquece, porque no fundo é trazido para aqui as coisas que se fazem. Tal como nós também. Muita coisa eu não percebia do que se estava a passar aqui no 2º e 3º ciclo,” [E4] 334. “Realmente isto enriquece-nos a todos, nesse aspecto, porque sabemos qual é o trabalho que vocês estão a desenvolver, vocês sabem o trabalho que nós desenvolvemos ... e acho que isso é bom.” [E4]	8

(Continua)

(Continuação)

BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Partilha e aprendizagem entre escolas do 1º ciclo	180. “A mim parece-me que há um trabalho mais conjunto agora mesmo... dentro das próprias escolas do 1º ciclo do que havia anteriormente” [E2] 182. “Mas há uma maior ligação que se calhar anteriormente não existiria.” [E2] 183. “(...) na preparação de... dos vários assuntos que se vão tratando em Pedagógico.” [E2] 229. “O facto das escolas poderem estar mais próximas umas das outras, de se poder retirar vantagens do funcionamento de outras escolas” [E2] 230. “(...) quando a escola não estava em agrupamento acabam... acabavam por ser decisões daquele corpo docente apenas e assim permite receber opiniões e estratégias e actividades de outras escolas e de outros departamentos. Portanto, isso é claramente vantajoso.” [E2]	5
	Manutenção de autonomia pedagógica de cada escola	185. “(...) ao nível por exemplo de planificações semanais... não, não ocorre essa planificação igual em todas as escolas do 1º ciclo nem a mim sequer me parece muito vantajoso.” [E2] 186. “Nem ao nível das actividades. Acho que também deve haver essa... aquela autonomia que eu falava que se tinha perdido um pouco... também não criar tudo, tudo, tudo igual.” [E2] 187. “Acho que cada escola também deve de acordo com o seu meio, com os seus alunos, com os seus professores criar as suas estratégias e as suas actividades.” [E2]	3
	Facilidade na eleição de representantes aos órgãos	108. “Há muitos professores do 1º ciclo.” (em relação à rotatividade na representação no CP) [E1]	1
	Características da escola do 1º ciclo	253. “(...) somos menos pessoas, somo a escola mais pequena do... do agrupamento, temos menos alunos... portanto em determinados aspectos para nós as coisas até nos são mais fáceis porque quando há mais alunos há mais complicações.” [E3] 335. “Eu acho que essencialmente é, de facto, a nível de espaço físico, de estar aqui perto, não é? Portanto eu acho que a localização da escola facilita muito.” [E4]	2
	Aumento da importância das EB1	231. “E o facto também das escolas do 1º ciclo ao estarem representadas na tomada de... de decisões, o papel importante que elas também acabam por ter no Agrupamento,” [E2] 248. “Para já porque no Pedagógico também se decidem e se valorizam coisas que acontecem no 1º ciclo, portanto acho que aí a nossa opinião e os nossos votos são... são importantes.” [E3]	2

OBJECTIVO 5 – Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Ser recente no Agrupamento	139. “(...) veio esta colega. E foi esta nova que as colegas puseram no Pedagógico, que é um órgão tão importante, não é? Portanto, resultado, é também muito inexperiente e não tem muita sapiência para fazer aportar as questões do pré-escolar ali” [E1] 421. “Imposta. Porque nem sequer conhecia a realidade das coisas da escola, não conhecia as colegas, não conhecia rigorosamente nada, e... e então foi uma eleição... imposta.” [E5] 422. “Ainda por cima sabendo que a escola estava inserida num meio tão complicado fiquei um pouco assustada com o que é que poderia acontecer por não conhecer a escola.” [E5] 423. “(...) o não conhecer a escola, não conhecer as colegas e ir para um cargo que iria representar uma coisa que eu não conhecia. Logo à partida não tinha conhecimento da... da realidade daquela escola.” [E5]	4
	Tomar decisões não analisadas na sua escola	174. “(...) por vezes nós termos que tomar uma decisão que a própria escola em si possa não ter ainda abordado essa questão, ou seja, acaba quase por ser uma decisão do representante que acaba por não ser uma decisão da escola do 1º ciclo.” [E2] 175. “(...) que eu próprio por vezes também sinto.” (quando tem que decidir no CP, no momento) [E2]	2
	Horário da reunião	258. “Uma das grandes dificuldades que eu acho é o dia, porque tenho dificuldade,” [E3] 259. “(...) a hora a que termina... eu nunca consigo ficar até ao fim porque não tenho quem vá buscar a minha filha... tenho sempre que sair. Portanto isso para mim é uma dificuldade... o horário...” [E3]	2
	Responsabilidade na representação da escola no CP	336. “(...) é um bocadinho de responsabilidade porque, é assim, nem sempre é fácil conseguir transmitir, não é, poder fazer prevalecer certas opiniões do Conselho de Docentes, (...) No Pedagógico,” [E4]	1

(Continua)

(Continuação)

DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Preparação da reunião do CP	193. “Dificuldades... ao nível da... da... da organização também, da reunião, ou seja, do... do Pedagógico.” [E2] 194. “(...) acabamos por receber a convocatória à quarta-feira, da parte da tarde, tendo Pedagógico à sexta” [E2] 195. “(...) por vezes acaba por aparecer algum ponto na ordem de trabalhos que nós não estaríamos a contar e então acaba por haver essa dificuldade de depois conseguir ainda organizar trabalho para apresentar em Conselho Pedagógico. Acaba por ser mais essa a dificuldade que surge.” [E2] 196. “Por norma não.” (em relação à existência de qualquer reunião de preparação para o CP, com o coordenador de estabelecimento ou presidente do CP) [E2] 199. “(...) nesse aspecto houve reuniões mas não é uma regra geral...” [E2] 260. “(...) às vezes, pedem-nos qualquer coisa que nós não sabemos bem o que é, mas acho que... que já estamos bem encaminhados.” [E3] 261. “Normalmente pedem com antecedência, mas posso dar o exemplo do... do... do 1º período quando pediram a avaliação de... do 1º período, eu levei uma coisa assim muito... (risos)” [E3] 268. “Se não nos pedirem com antecedência há coisas a que nós não sabemos responder...” [E3] 269. “Quando são pedidos antecipadamente, portanto, falamos com a coordenadora e pedimos as informações que forem necessárias.” [E3] 366. “Vamos falar das avaliações, não é? Portanto tive que preparar” [E4] 367. “Elas estão... o trabalho é a parte delas e depois eu tenho que organizar tudo o resto.” [E4] 368. “(...) antes de ir para o pedagógico há que haver uma preparação.” [E4] 369. “Portanto eu tenho que preparar antes. Evidentemente. Há coisas que requerem uma reflexão.” [E4]	13

(Continua)

(Continuação)

BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Poder participar nas decisões e aprender	109. “A sensação que eu tenho sobre os professores do 1º ciclo – todos eles, os que passaram pelo Conselho Pedagógico – eu penso que passaram com muito agrado. E também penso que deram uma muito boa contribuição ao Conselho Pedagógico. E eu, ainda hoje, acho isso.” [E1] 130. “(...) as pessoas do 1º ciclo estão felizes ... eu acho ... acho que é com agrado que estão no agrupamento, é com agrado que participam. Aliás, com maior disponibilidade do que os ... se calhar ... do 2º e 3º ciclo. Uma outra postura. Parecem-me mais ... mais abertos. Porquê? Porque é uma experiência nova, não é? ... Portanto, estão a “beber” toda uma nova experiência ... portanto, estão a fazer toda uma nova aprendizagem, porque eles não tinham este tipo de órgãos assim, desta maneira. Até o fazer as actas” [E1] 154. “E isso faz com que as pessoas não sintam que ... que não estão a participar. Eu acho que as pessoas se sentem a participar.” [E1] 155. “Mas eu acho que as pessoas se sentem a participar numa construção. Naquilo que é essencial.” [E1] 191. “(...) é um estar mais próximo da discussão dos assuntos e portanto uma pessoa consegue aproveitar sempre momentos positivos, até mesmo para evoluir, até mesmo no partilhar de algumas experiências que... que os colegas vão apresentando,” [E2] 192. “(...) uma pessoa acaba sempre por tentar tirar algum proveito para... para si próprio... e ao nível da organização, acima de tudo acaba também por ser bastante vantajoso.” [E2] 251. “Acho que estou a aprender” [E3] 262. “(...) acho que estou a aprender bastante” [E3] 263. “(...) pessoalmente acho que também estou a aprender bastante e depois pronto é ... uma... uma pequena formação informal.” [E3] 337. “A nível pessoal, pelo menos, é a tal história ... colho, sem dúvidas. Ouvir os outros, aprender ... porque aprende-se muito também” [E4]	10
	Diferente percepção sobre os assuntos das escolas	427. “(...) ao estar no Pedagógico a informação passa primeiro por mim e depois eu é que a transmito às colegas. Então eu fico informada primeiramente do que... do que os outros, e acho que isso também é bom.” [E5] 428. “(...) penso que às vezes se não estivesse como representante no Pedagógico se calhar alguns assuntos não iriam chegar até mim ou poderiam chegar mas eu não lhes iria dar a devida importância.” [E5] 429. “Porque há certas coisas que nos passam um bocado no dia-a-dia e que estando... estando aqui temos uma percepção um bocado... um bocado diferente.” [E5]	3

(Continua)

(Continuação)

BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Diferente percepção sobre os assuntos das escolas	430. “Eu sinto pelo facto de estar como representante do 1º ciclo no Pedagógico sinto benefício, principalmente a nível legal” [E5] 431. “(...) eu fico informada de algo que também se calhar se estivesse na situação delas [as colegas do Conselho de Docentes] não estaria com tanta atenção.” [E5]	2
	Melhorar o desempenho	179. “(...) vendo aquilo que sempre fui fazendo e aquilo que acabo por fazer agora numa escola em agrupamento.” [E2] 214. “Agora eu sinceramente não considero que não esteja a desenvolver como deve ser o meu trabalho por ter turma. Não, antes pelo contrário. Acho que em tudo procuro... também fazer aquilo que... que é esperado depois para um Pedagógico.” [E2] 424. “(...) já tive tempo suficiente para... para conhecer a realidade da escola.” [E5] 425. “(...) eu tenho vindo a conhecer para depois poder representar.” [E5]	4
	Ser escolhido pelos pares	109ª) “Acho que os professores dão importância, porque eles são eleitos.” [E1] 110. “(...) não é o coordenador de estabelecimento que vai ao Conselho Pedagógico. É outro. Portanto, é como se o coordenador do estabelecimento está perto do Conselho Executivo, e depois tem alguém que o ajuda, que é o coordenador pedagógico. E esse coordenador é eleito pelo Conselho de Docentes e é eleito para ir exactamente a Pedagógico.” [E1]	2
	Preparação em conjunto de determinados documentos	197. “Quando se está a trabalhar no... no Projecto Curricular do Agrupamento, aí sim, já houve algumas reuniões quer entre membros do 1º ciclo, quer também com a presidente do Pedagógico.” [E2] 198. “E aí sim, aí acaba por facilitar bastante também o trabalho, porque deu para ver situações que estavam ainda a faltar, situações... para completar e...” [E2]	2

OBJECTIVO 6 – Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
FACTORES POSITIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Autonomia de desempenho de funções	112. “É a autonomia ... os órgãos são consultivos e, portanto, são consultivos e quer dizer que podem expressar opiniões próprias. Eu acho que esta independência é muito positiva.” [E1] 113. “(...) não deve haver acumulação de poderes na mesma pessoa, nos órgãos. Quer seja Assembleia, quer seja Pedagógico, quer seja Conselho de Docentes,” [E1] 211. “...que não cruzam..... exactamente, e que está mesmo por lei determinado e mesmo no regulamento interno estão definidas claramente quais são as funções de um e quais são as funções do outro.” (em relação aos papéis desempenhados pelo coordenador do estabelecimento e o coordenador pedagógico) [E2] 271. “(...) penso eu, qualquer professor do 1º ciclo tem... capacidade... (...) Eu pessoalmente não me sinto... constrangida. Estou lá, elas elegeram-me, portanto para todos os efeitos eu sou quem tem a legitimidade para tomar decisões.” [E3]	4
	Partilha dos conhecimentos e do poder	115. “(...) as vantagens superam as dificuldades – acho que é preferível trabalhar assim. É mais ... acho que as pessoas assim sentem que não é tudo uma jogada, que não é tudo uma questão de poder, que alguém está a “endrominar”, a tentar (...) Manipular! Pronto. É isso que eu quero dizer.” [E1] 264. “(...) penso que não centralizar as funções todas e os conhecimentos todos numa pessoa só, é uma vantagem” [E3] 266. “E haver mais do que uma pessoa dentro do funcionamento... como é que eu hei-de dizer... da organização vá, do... do agrupamento, penso que é uma vantagem.” [E3]	3
	Divisão do trabalho a realizar	201. “Se ambos tiverem turma então acho que sim, que deve ser distribuído por duas pessoas.” [E2] 208. “O Conselho de Docentes é... é... como é que eu hei-de dizer... é gerido pelo coordenador pedagógico, ou seja, quem faz a ordem de trabalhos, quem apresenta e quem gere toda a reunião é o coordenador pedagógico.” [E2] 209. “Depois no fim há então o ponto, sempre, dos outros assuntos em que então há assuntos mais do estabelecimento, não tanto de Pedagógico, que são apresentados depois pela... pela coordenadora de estabelecimento.” [E2] 282. “O Conselho de Docentes normalmente começa com as informações do Pedagógico. Eu dou as informações, aquelas mais... que nos dizem respeito mais directamente.” [E3]	4

(Continua)

(Continuação)

FACTORES POSITIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Divisão do trabalho a realizar	283. “Mas normalmente as reuniões começam por aí. Dá-se as informações que deram do Pedagógico e depois... fala-se em outros assuntos da ordem de trabalhos” [E3] 284. “E aí já é a coordenadora que... a coordenadora da escola que... que dirige.” [E3] 340. “(...) é uma escola grande e acho que justifica... justifica.” [E4] 432. “A primeira parte da reunião sou eu que inicio a reunião e começo por falar de todos os pontos.” [E5] 437. “(...) acho que como Coordenadora do Estabelecimento, a nível de carga, já... já... de trabalho... já é demasiado.” [E5] 438. “Tem uma carga de trabalho muito, muito diferente. A nível de qualquer tipo de responsabilidade.” [E5]	6
	Boa relação entre as coordenadoras (pedagógica e de estabelecimento)	433. “Traz benefícios porque há uma relação muito boa entre mim e a Coordenadora.” [E5]	1
	Partilha de informações na preparação do Conselho de Docentes	207. “Apenas vai havendo um conversar de forma bastante informal, em que eu com a coordenadora de estabelecimento vamos falando... olha, tenho isto, isto, isto e isto para... para falar, e portanto acaba por ser uma pessoa só a dar as informações.” [E2] 210. “Portanto, este ano não tem havido essa, essa situação de um apresentar uma informação e outro apresentar uma informação diferente.” [E2] 265. “Não ser sempre a mesma pessoa a saber tudo, porque a informação às vezes perde-se, não é?” [E3] 285. “(...) ... informalmente, vamos falando. Eu digo se tenho muitas ou poucas informações para dar... e pronto, vai-se organizando por aí.” [E3] 351. “(...) nós já estamos a preparar mais em conjunto porque entretanto entrou uma Coordenadora nova” [E4] 356. “Entretanto a Coordenadora mudou e acertei logo esses bocadinhos. Tem que ser um bocadinho para ti e um bocadinho para mim porque senão é complicado.” [E4] 434. “(...) sempre que eu levo as informações, primeiro falo com a Coordenadora. Reunimos um bocadinho as duas e eu digo-lhe quais foram os assuntos” [E5] 435. “(...) quando eu estou a informar os colegas em Conselho de Docentes a Coordenadora depois também acrescenta mais uma ou outra coisa... relativamente. Por isso penso que é muito positivo... pronto.” [E5] 436. “O que nós fazemos eu e a Coordenadora, as duas coordenadoras, que é... fazemos primeiro uma análise dos dados” [E5]	9

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Necessidade de articulação	111. “(...) porque às vezes já se tem posto a questão afinal de contas ... como é que nós preparamos ... quem é que prepara o Conselho de Docentes, quem é que coordena o Conselho de Docentes,” [E1] 114. “A desvantagem é eventualmente a questão da articulação. Se calhar era mais fácil, porque aqui tem que haver uma articulação. Portanto era mais fácil ter uma pessoa e pronto. Essa pessoa prepara a reunião, orienta, acabou, ponto final, não é? Aqui assim tem que haver alguma articulação.” [E1] 206. “Se calhar também pode ser de facto essa um pouco uma falha. (...) também não há um... um preparar de Conselho de Docentes muito, muito específico.” [E2] 212. “E lá está, até pode ser mesmo por uma falha das duas pessoas não reunirem a preparar esse Conselho de Docentes.” [E2] 350. “As reuniões... de início dificultou-me bastante. (...) por exemplo, era horrível uma pessoa começar por exemplo às seis e meia uma reunião para acabar às oito e meia o Pedagógico e não ter aberto a boca. Isso aconteceu-me sucessivamente” [E4] 357. “(...) tem que haver realmente uma boa coordenação entre as duas pessoas não é, para que as coisas funcionem. Se isso não existir pode eventualmente haver choque e causar alguma coisa menos positiva.” [E4]	6
	Maior dificuldade na transmissão de informação	202. “(...) este ano não tenha existido nada que pudesse afectar o desempenhar de ambas as funções, ou seja, as informações que... que eu transmito, vindas de Pedagógico, depois em Conselho de Docentes, em nada chocam com informações que ela também acaba por fornecer aos docentes.” [E2] 203. “O ano passado por vezes ocorria isso, pronto, e portanto daí eu pensar que por vezes seria melhor ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.” (em relação às diferenças nas informações transmitidas) [E2] 204. “O ano passado acontecia vir uma informação de Pedagógico e entretanto ao... com o decorrer da semana até ao nosso Conselho de Docentes, já vinha outra informação e portanto estava o coordenador do Pedagógico a dar a informação A e o coordenador de estabelecimento sobre a mesma situação já dava a informação B.” [E2] 205. “Portanto, havia por vezes ali em que se ficava na dúvida qual era então a informação digamos actualizada, pronto.” [E2] 339. “(...) às vezes há coisas que se perdem” [E4] 341. “Mas mesmo assim às vezes por mais que se tente, como eu dou aulas e às vezes há horários... pronto, e nem sempre dá para a gente às vezes conversar dos assuntos e às vezes há coisas que podem ficar pelo caminho eventualmente.” [E4] 347. “(...) há informações que se perdem” [E4]	7

(Continua)

(Continuação)

FACTORES NEGATIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Maior dificuldade de domínio da informação	267. “A desvantagem é que supostamente a coordenadora é a pessoa que tem mais conhecimento de tudo o que se passa na escola e às vezes pedem-nos... portanto, nós não sendo coordenadores às vezes não temos algumas informações que nos pedem lá.” [E3] 270. “Se for uma coisa do momento há coisas que nós não sabemos responder e que se fosse a coordenadora provavelmente teria que saber.” [E3]	2
	Desconhecimento do papel a desempenhar	348. “(...) as pessoas não foram bem informadas... eu sei que está no papel, não é que não esteja, mas ao fim e ao cabo o papel de cada um está definido mas as coisas é assim: às vezes há tradições” [E4] 349. “(...) às vezes é difícil perceberem até onde é que vai o seu papel e onde começa o papel da outra.” [E4] 352. “(...) mas devia ser bem definido o papel de cada um.” [E4] 355. “E talvez não tenha havido ali um delinear de quem é que faz o quê quem é que... apesar de estar no papel” [E4]	4
	Dificuldade de adaptação	353. “Ela já vinha de Directora em que havia realmente uma acumular de funções totais, não é, portanto, a pessoa fazia tudo, acumulava tudo e depois aparece-lhe um outro elemento que é um representante de...” [E4] 354. “Portanto, é talvez uma dificuldade de adaptar a essa nova situação,” [E4]	2
	Tomada de decisões	272. «Percebo se calhar que essas decisões possam não ser depois completamente aceites mas... se houver tempo para discutir as decisões elas são discutidas, senão houver a minha decisão tem que ser “aquela”.» [E3]	1
FACTORES QUE APONTARIAM PARA A EXISTÊNCIA DE UM SÓ COORDENADOR	Dimensão da escola	338. “Se fosse uma escola pequena, eu sinceramente acho que a pessoa deveria ser a mesma. Acho que só traz vantagens” [E4] 342. “Nas escolas pequenas eu acho que sinceramente não se justifica serem duas pessoas diferentes.” [E4] 343. “(...) o ideal seria ser a mesma pessoa. Só tinham a ganhar. Só tinha vantagens.” [E4] 344. “Acho que não se justifica, um tipo de trabalho destes, numa escola pequena, acho que pode muito bem ser gerido só por uma pessoa, porque é assim... não há um trabalho tão grande assim” [E4]	4

(Continua)

(Continuação)

FACTORES QUE APONTARIAM PARA A EXISTÊNCIA DE UM SÓ COORDENADOR	Coordenador de Estabelecimento sem turma	200. “(...) na minha opinião, a partir do momento em que o coordenador de estabelecimento... coordenador de estabelecimento não tem turma, parece-me que deveria ser conveniente acumular as duas funções, coordenação de estabelecimento e coordenação pedagógica.” [E2] 213. “Agora, também me parece que, havendo uma pessoa sem turma, se calhar será mais fácil... poder exercer os dois cargos do que um professor com turma ainda acumular a função de representante no Pedagógico.” [E2] 215. “(...) havendo essa situação de uma das pessoas não ter turma, possa ser mais vantajoso ser a mesma pessoa a desempenhar os dois cargos.” [E2] 216. “Por uma questão de disponibilidade temporal e até mesmo por uma questão de ser a mesma pessoa a gerir todo o funcionamento da escola.” (em relação à existência de um só coordenador, sem turma) [E2]	4
	Menor trabalho burocrático	346. “(...) se é o Agrupamento que faz, se é a secretaria que faz a maior parte das coisas ou o executivo que orienta a maior parte das coisas, o que justifica mais até em relação à Coordenadora e ao Pedagógico ser a mesma,” [E4]	1

Anexo XVIII
Transcrição do Grupo Focal

FOCUS GROUP

23 DE MAIO DE 2007

HORA LOCAL: 18.30H

Focus Group

23 de Maio de 2007 – 18.30 horas

Boa tarde. Gostaria de começar por agradecer a vossa presença, bem como a disponibilidade que revelaram ao aceder ao convite para participarem nesta investigação.

A vossa colaboração foi solicitada no âmbito de uma dissertação de mestrado subordinada ao título **“A integração do 1º ciclo nos Agrupamentos Verticais de Escolas: O funcionamento do Conselho Pedagógico de um Agrupamento no Concelho de Sintra, na percepção dos docentes”**. Peço-lhes que partilhem comigo as vossas percepções e opiniões em relação às questões que lhes colocar.

Como sabem, pretende-se conhecer e descrever a mudança de realidade criada pelas alterações de gestão e de funcionamento dos órgãos das diferentes escolas, decorrentes da criação deste Agrupamento Vertical de Escolas, que motivaram um conjunto de adaptações à nova situação. Para o conseguir foi entrevistada a presidente do Conselho Executivo do Agrupamento e os representantes das escolas do 1º ciclo no Conselho Pedagógico.

A carta explicativa para o consentimento informado que lhes foi entregue referia os grandes objectivos desta investigação. O vosso contributo tem um valor inestimável e é muito importante que refiram claramente aquilo que pensam e sentem relativamente às questões que lhes irão ser colocadas, independentemente de considerarem que o que vão dizer é positivo ou negativo. O objectivo desta entrevista é exactamente conhecer a vossa percepção em relação ao tema proposto. Não há opiniões certas ou erradas e todas as respostas e comentários são relevantes. Estão na posição privilegiada de terem pertencido ao Conselho Pedagógico antes e depois da formação do Agrupamento Vertical de Escolas, tendo conhecido duas realidades distintas. Por isso o que disserem será fundamental para o sucesso da investigação, o que desde já agradeço. O meu papel será o de colocar as questões e ouvi-los atentamente.

Prevê-se uma duração de duas horas, durante as quais todos terão oportunidade de se expressar. Peço-vos que não usem da palavra em simultâneo pois, conforme vossa autorização prévia, esta entrevista irá ser gravado em áudio, para que nenhuma informação relevante seja perdida. Todos os dados recolhidos serão transcritos e analisados, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos. Serão utilizados exclusivamente no âmbito do trabalho académico em curso, sendo as gravações destruídas posteriormente. A transcrição ser-lhes-á facultada, no intuito de a validarem.

Se em qualquer momento quiserem interromper ou ausentar-se, estão à vontade para o fazer.

Moderador (Mod.)- *Vamos então dar início às questões. Começava aqui pela minha direita. São as questões de abertura a esta entrevista e a este grupo focal. Acompanhou o processo de formação deste Agrupamento Vertical de Escolas?*

E6 – Sim.

E7 – Sim.

E8 – Sim.

E9 – Acompanhei.

E13 – Também.

E12 – Eu também.

E11 – Eu também.

E10 – Sim.

Mod. – *Concordou com a formação deste tipo de Agrupamento? Porquê?*

E10 – Concordei. Concordei. Porque após uma reunião geral onde o tema foi abordado pela presidente, na altura presidente executivo da escola, e depois também de uma intervenção de um colega de agrupamento de escolas aqui do Concelho, fiquei convencida que de facto poderia ser uma experiência positiva, enriquecedora no sentido de articular vários... várias maneiras de ver e de encarar o aluno em perspectivas realmente etárias e em perspectivas educativas, portanto, que atravessam o aluno e que passam pelo aluno ao longo de vários anos de escolaridade.⁴³⁹ Portanto, por isso achei logo à partida positivo.

E11 – Houve realmente aquela reunião, eu não tinha nenhuma opinião formada, desconhecia por completo o tipo de organização e aquilo a que seria obrigada em termos de gestão, se haveria ou não grandes mudanças. Tinha essa ideia. Sei que poderiam advir desse agrupamento, dessa junção, aspectos positivos mas também alguns negativos, mas não tinha assim muito uma opinião muito formada⁴⁴⁰ como... o aspecto de concordar ou não... estava muito indecisa. Sabia que havia as duas vertentes...

E12 – É assim. Eu penso que não houve um acordo logo no início porque inicialmente até houve um desacordo. Este... o facto de entrarmos num Agrupamento não foi de imediato. Houve inicialmente até a hipótese de não o fazermos.⁴⁴¹ Portanto, houve uma reunião geral em que havia realmente uma escola, uma das escolas primárias que teria vontade de fazer parte... uma ou duas escolas... e aquela, aquela que nós achávamos que poderia querer fazer agrupamento connosco era aqui a escola do lado... não concordou. Portanto inicialmente não houve acordo. Eu tenho esta ideia, embora com aquilo que as colegas disseram fiquei na dúvida, mas eu tinha a ideia que isto tinha sido imposto, que não foi propriamente por nossa vontade. Portanto não foi por vontade das pessoas da escola nem da gestão da altura passarmos a Agrupamento. E por isso tinha havido uma reunião geral em que não se concordou. Em que não houve acordo, portanto, para... para fazê-lo. Só posteriormente penso que foi o Ministério que praticamente nos obrigou a entrar neste Agrupamento.⁴⁴²

Mod. - *Muito bem. Senhora doutora...*

E13 – Mais do que concordar foi ceder.⁴⁴³ Foi realmente uma perspectiva de... era inevitável e foi-nos colocada como uma posição com a qual também não discordei abertamente. Se era necessário pois havia de ter que... ter que nos organizar de forma a entrar nesse modelo de gestão. Mas realmente à partida sentia algumas... algumas reticências, porque achava que ia ser um processo difícil. Mas também reconhecia, como a E10, algumas potencialidades.⁴⁴⁴ Dependia da forma como as coisas se concretizassem, das condições que fossem dadas para a sua realização. Lembro-me que aquilo que me fez não... não estar à partida contra o processo, portanto não sentir, enfim, realmente um processo mais ou menos imposto, mas em que eu podia estar numa atitude mais negativa ou mais positiva. Eu estava ali com hesitações... a minha perspectiva pessoal era de hesitação mas... sendo que não estava inteiramente contra na medida em que no início, numa reunião em que houve uma reunião com representantes da DREL, do Ministério, aquilo que nos foi dito é que se nós entrássemos digamos sem ser... na primeira fase nós não esperássemos mesmo até à saída do decreto-lei, que iríamos ter algumas vantagens em termos de condições que têm que ser facultadas para a sua realização⁴⁴⁵ e portanto, digamos que eu aí fiquei a pensar que talvez valesse mais entrar então no ano anterior à imposição total. No ano seguinte ia ser então uma imposição por decreto, tal como acabou por ser realmente.

Mod – *Sr. doutor...*

E9 – Não concordei.⁴⁴⁶ E porquê? Porque achei que de certa maneira houve uma certa forma de pressão por parte das entidades superiores hierárquicas no sentido de nos obrigarem a tomar... a dar esse passo que na altura não nos pareceu... pelo menos a mim, pessoalmente... estarmos preparados, nem querermos com as condições que nos eram veiculadas na altura aceder à formação do Agrupamento.⁴⁴⁶

Mod – *Muito bem. Senhora doutora...*

E8 – Em relação a esta situação eu, talvez por uma questão de feitio e de forma de estar na vida também, sou por norma uma pessoa que está sempre aberta a tudo o que é de novo, e às inovações, e àquilo que aparece e que nos é proposto, e que possa significar uma alteração do dia a dia e do nosso quotidiano, inclusive aqui nas escolas. Não tive, nunca tive, uma posição contrária a esta... a esta alteração, mas achei efectivamente que se calhar ela foi forçada demais. Não devia ser... porque senti efectivamente que acabava por haver uma imposição e que nós teríamos que dar uma resposta o mais rápido possível,⁴⁴⁷ não é? No entanto, parece-me... ou melhor, pareceu-me na altura que talvez fosse uma alternativa viável. Nunca me passou pela cabeça efectivamente é que... íamos ser, digamos, que obrigados a formar um Agrupamento onde iríamos ter tantas escolas do primeiro ciclo e jardins de infância, ou seja, eu pensei sempre que nos iam dar a hipótese de nós podermos optar,⁴⁴⁸ já que havia, digamos, que uma imposição que o Agrupamento teria que ser vertical, que nós poderíamos ter alguma hipótese de escolher com é que nos íamos agregar. Efectivamente depois aquilo que aconteceu e que nos foi imposto é que teríamos que nos juntar a todas estas escolas e que acaba por ser um colectivo muito pesado.⁴⁴⁹ Mas...

Mod – *Teremos certamente oportunidade de falar um pouco mais para a frente sobre esses pontos. Senhora doutora...*

E7 – No meu caso participei como outros colegas mas foi uma participação mais da recepção da imposição que foi feita.⁴⁵⁰ Portanto, no início também foi dito que se aderíssemos mais cedo seria melhor e que, portanto, havia a possibilidade de negociação e no final vimos que as escolas que recebemos são aquelas da população escolar que sempre vinha para aqui.⁴⁵¹

Portanto, não houve grande mudança nem vejo grande benefício pelo facto de termos começado mais cedo.⁴⁵²

E6 – Eu não tinha uma opinião formada na altura. A colega disse há bocadito sobre o Agrupamento... portanto não tinha muito bem pensado sobre o assunto, mas quando surgiu a ideia achei que a experiência poderia valer a pena, pronto, achar que... se punha a hipótese de poder melhorar alguma coisa...⁴⁵³ assustou-me um bocadinho realmente, o número das escolas e o número de jardins de infância envolvidos, e as consequências e os problemas que traria para a nossa escola já que ela por si era... é, continua a ser problemática e o número de escolas que nós conseguimos agregar iria com certeza tornar esses problemas ainda maiores.⁴⁵⁴

Mod. – *Muito obrigado. Eu vou começar agora pela senhora doutora e vamos começar a enquadrar mais o nosso tema e ir um pouco mais fundo nas questões. Mesmo assim, ainda uma questão introdutória à temática, para depois passarmos às questões seguintes. Na sua percepção, quais as escolas que o constituem que mais beneficiaram com a formação do Agrupamento?*

E13 – Eu penso que todas. O benefício foi idêntico para todas.⁴⁵⁵ De alguma forma a nossa beneficiou de uma certa experiência, do contacto com os colegas do primeiro ciclo e do jardim-de-infância que eu penso que tem tido, na minha perspectiva, alguns aspectos positivos...⁴⁵⁶ elas também beneficiaram.⁴⁵⁷ Portanto, todas... todas acabámos por, com muita dificuldade... eu penso que realmente as condições que acabaram por nos ser propiciadas foram nulas,⁴⁵⁸ mas que há uma certa riqueza da parte das pessoas quer... dos professores e até se calhar dos miúdos que... em que todas acabaram, na minha perspectiva, por ganhar um pouco.⁴⁵⁹ Não há uma escola que tenha saído beneficiada por certo particularmente. Todas acabámos por ganhar um bocadinho dessa... dos contactos que têm sido possíveis entre nós.⁴⁶⁰

Mod. – *Senhora doutora...*

E12 – Eu penso que houve algumas vantagens em relação a algumas escolas, principalmente as escolas mais afastadas e que... afastadas aqui da nossa, que não teriam contacto tão próximo com esta,⁴⁶¹ como acontecia com a (--) que está aqui mesmo à nossa beira. Portanto, com esta escola (--) já havia algumas situações de contacto, algumas situações em que os alunos ou vinham à escola ou alguns professores chegaram a ter um projecto a irem à outra escola.⁴⁶² E as outras escolas mais afastadas eu penso que em termos de recursos, até de recursos, que estariam em desvantagem em relação a esta que está aqui mais próxima. Portanto, provavelmente devem ter ganho alguma coisa com isso.⁴⁶³ As mais... as mais afastadas. Em termos de troca de experiências, em termos de nós também percebermos às vezes o percurso que os alunos e que os nossos colegas fazem desde a pré-primária até chegarem aqui, eu penso que foi importante.⁴⁶⁴ Portanto, um conhecimento que nós muitas vezes só conhecíamos pelas nossas experiências pessoais, com os nossos filhos, e não propriamente com os colegas... com os colegas que trabalham com os mesmos alunos que nós mais tarde também acabamos por trabalhar. Nessa perspectiva eu acho que todos tiramos vantagem, assim como os colegas do 1º ciclo e da pré-primária que também passaram a conhecer-nos e ao nosso trabalho aqui, e aquilo que nós... as nossas expectativas em relação aos... aos alunos que vinham... que nos chegavam cá.⁴⁶⁵ Eu há bocadinho, eu não sei se posso dizer, não cheguei a dar a minha opinião pessoal em relação ao Agrupamento...

Mod. – *Podem reformular algumas ideias...*

E12 – Em relação ao Agrupamento eu falei só no geral. Portanto, em relação à minha opinião sobre a formação do Agrupamento, porque tal como a E8 disse eu também gosto de experiências novas e estar aberta a coisas... a inovações. No entanto, eu como estava na Gestão na altura, e nós sabíamos o peso que era ter os alunos que já tínhamos nesta escola e pensar que iríamos ter muito mais alunos e muito mais escolas, portanto o peso - quer a nível administrativo quer a nível de recursos - ia ser muito grande e essa foi a questão que nos... que não nos motivou para aceitar de imediato,⁴⁶⁶ portanto foi a reticência que nós tínhamos. E pensámos sempre,⁴⁶⁷ tal como também penso que foi a E8 que o disse, que poderíamos escolher a escola, e a escola que nos parecia estar mais apta e com a qual nós poderíamos trabalhar melhor seria com a (--) que é a que estava próxima.⁴⁶⁷ Era aquela em que só era preciso atravessar a estrada, aquela com que tem mais... à partida o ideal seria até esta escola só receber alunos daquela escola e as outras deveriam ir “desaguar” a uma outra escola que não existe.⁴⁶⁸ Portanto, durante muito tempo falou-se muito neste aspecto, que era a existência de uma outra escola básica que pudesse receber os outros alunos das outras três, quatro escolas que nós temos... na altura eram três e agora são quatro. Portanto, eu penso que cresceu uma no entretanto.

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora...*

E11 – Então! Benefícios, se calhar podíamos dividi-los em dois aspectos. Em relação aos contactos que nós temos com os professores do 1º ciclo e do jardim-de-infância, temos realmente... há uma... há uma percepção diferente daquilo que eles fazem, daquilo que nós fazemos, e das dificuldades que eles têm, e das aprendizagens que os... que os alunos deles fazem e não fazem, que... que... que nós desconhecíamos e eles se calhar também a mesma coisa em relação a nós.⁴⁶⁹ Por outro lado, em termos de gestão de recursos e a nível burocrático, eu tenho ouvido com frequência alguns professores do 1º ciclo, se calhar mais no ano anterior, dizerem que antigamente podiam decidir alguns aspectos burocráticos, sei lá, tirar fotocópias e comprar material.⁴⁷⁰ Neste momento têm que pedir autorização aqui à gestão⁴⁷¹ e quando... quando a escola é longe, ao contrário desta que é aqui perto, quando a escola se situa longe da sede, torna difícil esse pedido de autorização e essa compra de alguns materiais. Eu penso que isso não é um benefício, é um prejuízo.⁴⁷²

Mod. – *Muito obrigado.*

E10 – Eu antes de responder a esta questão queria dizer que quando eu disse que à partida sim, concordei, aceitei, em termos de princípios aquilo que de facto nos foi exposto era aliciente.⁴⁷³ Obviamente que eu tinha consciência que havia sempre problemas, dificuldades que tinham que ser enfrentadas, mas mais fez sentido na minha mente,⁴⁷⁴ portanto eu falei só a título pessoal, que era uma proposta de Agrupamento com a escola ao lado.⁴⁷⁴ Escola que já vinha sendo, não era a única, mas já vinha sendo uma escola com a qual nós tínhamos já contactos. Por exemplo, já tínhamos experiência de reuniões com professores do quarto ano quando da elaboração dos critérios de elaboração das turmas do quinto.⁴⁷⁵ Portanto, já havia um trabalho anterior mesmo sem haver realmente uma imposição e de facto uma directriz superior.⁴⁷⁶ Portanto, fazia todo o sentido de facto com a (--). Em relação depois às restantes escolas eu concordo com aquilo que alguns colegas já disseram porque me parece uma situação bem mais complexa de gerir, e bem mais difícil e bem mais pesada⁴⁷⁷ do que ser só um Agrupamento com a escola que está aqui ao lado. Em relação à questão dos benefícios, eu penso que há benefícios que todas as escolas do 1º ciclo... eu penso que irão beneficiar igualmente.⁴⁷⁸ Não estou neste momento... não tenho facilidade em equacionar isso porque também acho que passou pouco tempo e também só estive num órgão, no Conselho Pedagógico um ano com este... a viver esta mudança, portanto não tenho realmente dados que me permitam dizer se foi mais uma ou e foi mais outra. Não tenho essa ideia. Penso que a

beneficiar todas terão beneficiado.⁴⁷⁹ A única coisa que me parece que se calhar tinha sido mais interessante é que o jardim-de-infância, que acaba sempre por ser, na minha perspectiva, um bocadinho o parente... o parente pobre da educação. Se calhar teve uma visibilidade, para nós que trabalhamos com crianças e com jovens já bem mais crescidos, se calhar foi bem mais notado, notório e notável, não é, fez-se notar, do que propriamente o 1º ciclo ou os últimos anos do 1º ciclo.⁴⁸⁰ Nesse aspecto... mas pronto, penso que todas terão beneficiado em relação àquilo que já foi dito sobretudo à partilha de anseios, de dúvidas, de perspectivas, de experiências pedagógicas. Aí todos terão beneficiado.⁴⁸¹ Em relação a aspectos negativos, seguramente haverá mas eu penso que... não sei precisar agora quais serão, mas penso que se prende com a tal complexidade de gestão, desde recursos humanos, recursos materiais que envolvem de facto um grande número de alunos, um grande número de profissionais que de facto trabalham nas escolas do Agrupamento.⁴⁸²

Mod. – *Vamos ter oportunidade de poder falar um pouco mais à frente, um pouco mais profundamente, sobre essa matéria. Relativamente a esta questão...*

E6 – Eu penso que as escolas do 1º ciclo, de uma maneira geral, beneficiaram com o Agrupamento porque elas estavam realmente isoladas.⁴⁸³ Penso que trabalhavam muito isoladamente e tiveram aqui a oportunidade de se juntar e de... de alguma coerência penso ao nível da estrutura de todas as escolas.⁴⁸⁴ Portanto, cada uma funcionava de uma maneira diferente e eu penso que a junção a nível do Conselho Pedagógico... portanto houve uma uniformidade de critérios que penso que ajudou na organização da... dessas escolas.⁴⁸⁵ A que beneficiou mais, penso que continua a ser sempre esta que está aqui mais próxima de nós porque também são sempre aqueles que vêm sempre cá mais do que os outros.⁴⁸⁶ Sem dúvida nenhuma. Penso eu que continua a ser assim. Os que estão mais longe com certeza que não vêm tanto porque é difícil.⁴⁸⁷ Às vezes os pequeninos... para aqui... e a responsabilidade é imensa como sabem. A transversalidade a nível por exemplo dos conteúdos programáticos também foi um benefício importante para mim, que sou de Língua Portuguesa, porque conseguimos portanto ver os programas que por vezes esquecemos o que é que eles dão no 1º ciclo depois passar para o 2º, passar para o 3º, começámos a ter uma linha de continuidade que não tínhamos até aqui.⁴⁸⁸

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora...*

E7 – No caso dos benefícios eu considero que os benefícios foram mais para o 1º ciclo do que para o 2º e para o 3º.⁴⁸⁹ E foram mais para o 1º ciclo não só porque, como a colega disse, não só porque as escolas funcionavam muito isoladamente e nota-se aqui uma articulação, mais até que vertical, uma articulação horizontal.⁴⁹⁰ Ou seja, as escolas pelo facto de estarem juntas nos vários órgãos, e neste caso no Conselho Pedagógico, podem uniformizar critérios, articular estratégias, escolha de manuais,⁴⁹¹ ou seja, de facto isso depois, à posteriori, é que será uma mais valia para o 2º e 3º ciclo porque vai preparar toda uma comunidade educativa numa mesma plataforma,⁴⁹² porque se a articulação se desse só verticalmente o que aconteceria era cada escola estaria na mesma só ligada à escola mãe e não haveria a articulação horizontal e portanto para que a comunidade educativa funcione nesta uniformidade que se pretende com um projecto comum, com objectivos comuns, etc, tem que haver também um encontro entre os vários níveis de ensino⁴⁹³ que muitas vezes não são as distâncias que os impedem, porque mesmo num mesmo edifício de uma escola de 2º e 3º ciclos e as articulações às vezes não se fazem e nós vivemos sempre como escolas de 2º e 3º ciclo e é um edifício só e as articulações não se fazem.⁴⁹⁴ Portanto mais do que... primeiro do que a articulação vertical é esta articulação horizontal.⁴⁹⁵ Depois também na... na troca de experiências, mas não só na troca de experiências, no sentido de haver aquela articulação vertical, evidentemente que se passa ao mesmo tempo que a horizontal, que permite por um

lado o 2º e 3º ciclo saber, conhecer previamente não só a nível curricular, como a nível de estratégias pedagógicas, os alunos que vamos receber,⁴⁹⁶ independentemente até da comunidade a que eles pertencem, quase ao nível ministerial, porque isso era quase desconhecido para nós, a nível dos programas, a nível das estratégias aplicadas...⁴⁹⁷

Mod. – ...vamos ter oportunidade de falar nisso...

E7 - ...portanto as vantagens são... eu acho que nos dois sentidos,⁴⁹⁸ apesar de que no primeiro caso é uma vantagem horizontal. Aqueles que mais beneficiam de facto são aqueles que estão mais perto porque a nível de actividades é mais fácil dirigirem-se aqui.⁴⁹⁹ As outras escolas continuam um bocadinho longe, não há transporte, etc.⁵⁰⁰ A dificuldade que se nota eu acho que é mais administrativa ou de gestão.⁵⁰¹ De facto.

Mod. – *Vamos ter oportunidade de falar um pouco mais pormenorizadamente. Senhora doutora, relativamente a esta questão...*

E8 – Em relação a esta questão eu penso também que as escolas do 1º ciclo beneficiaram ao entrar no nosso Agrupamento porque acho que elas efectivamente estavam muito isoladas.⁵⁰² Por um lado o isolamento por vezes também pode ser bom porque lhes permitia que elas tivessem uma identidade própria.⁵⁰³ Quando passaram a fazer parte do Agrupamento houve uma perda dessa identidade individual mas também com o passar vão construir uma identidade colectiva. E eu acho que isso, provavelmente, é mais importante.⁵⁰⁴ Concorro também que apesar de nós... penso que estamos a fazer um esforço para que haja um diálogo constante com todas as escolas do 1º ciclo e entre as escolas do 1º ciclo,⁵⁰⁵ em que nós, escola sede, escola mãe deste Agrupamento, continuam a rejeitar ter uma política de uma maior aproximação aqui com a (--) Porque é uma coisa logística e aquilo, como os colegas disseram anteriormente, é muito mais fácil nós termos esta relação com eles e eles connosco. Vejo... no geral, eu penso que esta entrada neste Agrupamento acabou por ser uma mais valia efectivamente para o 1º ciclo.⁵⁰⁶ Mais para o 1º ciclo do que propriamente para nós,⁵⁰⁷ apesar de também achar que esta junção com as escolas do 1º ciclo abriu muito mais os nossos horizontes particularmente em termos pedagógicos.⁵⁰⁸ E até permitiu agora compreendermos melhor alguns problemas que nós detectávamos nos alunos e também encontrar através do diálogo com estas colegas a solução... ou procurar a solução para alguns destes problemas que nós detectamos.⁵⁰⁹ Por isso penso que... que acabámos por todos ganhar com esta... este trabalho agora mais colectivo e qualitativo,⁵¹⁰ de construir esta tal identidade colectiva.⁵¹¹

Mod. – *Muito bem. Senhor doutor...*

E9 – Eu relativamente a esta questão ainda não consigo ter uma percepção muito nítida de quem é que... qual a escola que mais benefícios colheu disto.⁵¹² Penso que, num espaço que pode durar entre dois, três anos, aí sim, depois das pessoas aprenderem a efectivamente conseguir tirar benefícios desta associação que existe, que deixou de fazer com que determinadas escolas trabalhassem sozinhas, viradas sobre si próprias, aí sim poderão advir benefícios tanto para eles como para a escola sede, neste caso.⁵¹³ Penso que por uma questão de proximidade geográfica aqui, aparentemente, quem beneficiará mais é aqui a escola do lado.⁵¹⁴ Não sei mas isto é assim uma coisa logo à partida de ... adorava pensar que é assim que vai... que está a acontecer. Basicamente é isto.

Mod. - *Eu lembro que, se porventura sentirem que entre as questões que vão sendo formuladas vão surgindo ideias relativas a questões anteriores, estão à vontade para reformular. Estejam à vontade para voltar a intervir novamente sobre questões já formuladas. É natural que, com o decorrer desta entrevista, surjam novas ideias e questões*

que agora se vão tornando mais claras durante a conversa que estamos a ter. Vamos começar agora com a questão seguinte, que é já uma questão de transição. Considera que a formação deste Agrupamento Vertical de Escolas conduziu ao aparecimento de factores positivos e/ou negativos para o funcionamento global das escolas que o constituem? Se sim ou não, se são positivos ou não e quais são esses factores, identificando-os...

E6 - Eu penso que esta questão está relacionada com a questão anterior...

Mod. - ... anterior, sim. Esta é uma sequência de questões que vão entrosando umas nas outras.

E6 – Eu vou bater novamente no tal isolamento que penso que realmente as escolas primárias tinham e que agora deixaram de ter⁵¹⁵ porque eu... portanto, eu vi as colegas fazerem actividades conjuntas, preparar actividades, preparar materiais, portanto, reuniões, etc.⁵¹⁶ coisas... coisas que elas nunca estariam...

Mod. – *Está a falar-me de factores positivos...*

E6 – Positivos. Positivos, que não estariam até à altura... nunca lhes tinham solicitado essa atenção.⁵¹⁷ Portanto, esse é um factor realmente positivo para as colegas, sobretudo a nível das escolas do 1º ciclo.⁵¹⁸ Depois a nível de... digamos de nós, portanto escolas do 1º ciclo e a nossa escola, também tinha referido há pouco a transversalidade, portanto, a nível de conteúdos,⁵¹⁹ porque realmente... há realmente um... agora há uma troca de experiências que antes não havia mesmo. Nós não fazíamos ideia de que... de que... dos conteúdos programáticos que nós damos aqui ou não damos, se seriam lá abordados ou não.⁵²⁰ Portanto agora tendo... só quem tinha filhos no 1º ciclo é que poderia estar dentro do assunto.⁵²¹ Mas se não tivéssemos filhos no 1º ciclo não sabíamos o que é que eles... o que é que eles estavam nas... nas... nas diferentes disciplinas, e eu falo mais na Língua Portuguesa porque realmente é uma disciplina extremamente importante como é evidente e penso que o contacto com todos... com toda a cadeia, digamos assim, beneficia certamente os alunos.⁵²²

Mod. – *E aspectos negativos. Consegue identificar em toda esta experiência que tem tido, apesar de não ser muito longa? Consegue identificar aspectos negativos?*

E6 – Os aspectos negativos... eu não consigo identificar assim nenhum aspecto negativo.⁵²³ Eu acho que ainda temos pouco tempo de experiência,⁵²⁴ não é, mas penso realmente que vai... que estamos no caminho... se calhar estamos no caminho... quanto a mim estamos no caminho certo e... e que vai... que vai beneficiar toda a comunidade.⁵²⁵

Mod. – *Muito obrigado. Senhora doutora...*

E7 – Eu encontro mais aspectos positivos do que negativos. Aliás, eu acho que os negativos são a impossibilidade de praticarmos os positivos,⁵²⁶ ou seja é implementada uma reforma que toda ela encerra objectivos positivos, a articulação dos níveis de ensino, da comunidade educativa, estabelecimento de oportunidades similares, ou seja, a mesma comunidade educativa tem os mesmos objectivos, as mesmas oportunidades, a articulação curricular estratégica e pedagógica, pronto.⁵²⁷ Portanto, os objectivos são todos eles positivos e o esforço da comunidade educativa é nesse sentido.⁵²⁸ O que é depois negativo é não serem dadas as condições para praticar os objectivos que se pretendem⁵²⁹ porque de facto a área que este Agrupamento cobre é uma área muito grande, as escolas estão muito longe,⁵³⁰ e de facto quando se diz que há uma gestão dos recursos, como é que uma escola do 1º ciclo que está não sei onde, longe, vêm os meninos aqui consultar o centro de recursos e a informática e a

biblioteca⁵³¹ e não sei o quê! Não podem. Implica então que os pais paguem a camioneta para eles virem, ou implica que a Junta de Freguesia tenha a camioneta disponível... Portanto, os objectivos são positivos, o esforço que se faz nesse sentido é positivo, mas depois aquilo que é exigido para que esses objectivos sejam concretizados é que torna às vezes esses objectivos aparentemente negativos⁵³² porque... Por exemplo uma coisa positiva é a gestão por exemplo dos recursos humanos.⁵³³ Não há dúvida nenhuma que se falta uma funcionária num outro estabelecimento de ensino, a gestão pode... gerir os funcionários daqui... pegar num deles e mandá-lo nesse dia.⁵³⁴ Ora, isso era preciso que estes aqui fossem suficientes para poder disponibilizar para outra escola. O pior é que se vai para outra escola, falta aqui e aqui já são de menos.⁵³⁵ Portanto, a gestão... aquilo que é imposto, ou aquilo que é dado, melhor ainda, aquilo que é dado para atingir os objectivos que eles em si são positivos é que é negativo.⁵³⁶ De resto o esforço, e eu acho que estes... este Agrupamento e falo por este, só funciona porque de facto as pessoas que estão envolvidas na sua construção são empenhadas e há sempre... no ensino sempre houve este amor à camisola, e vamos fazer, e vamos trabalhar fora de horas, e vamos reunir e articular,⁵³⁷ mas de facto as condições não são, não são dadas.⁵³⁸

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora...*

E8 – Pois, eu encontro efectivamente imensos aspectos positivos e penso que os negativos estão efectivamente ligados à questão dos recursos existentes e a alguma falta de meios para por em prática ideias que eu considero que são efectivamente óptimas e que estavam subjacentes à criação do próprio Agrupamento.⁵³⁹ à estrutura de Agrupamento. Penso que em factores positivos estamos todos a tentar caminhar para, em termos de Agrupamento, todos falarmos uma mesma linguagem quando o público-alvo são os estudantes.⁵⁴⁰ Outro... penso também que é muito positivo haver neste momento uma maior abertura a nível de contacto entre as várias escolas⁵⁴¹ o que está... o que nos permite criar documentação que passa a ser uniformizada entre os vários níveis de ensino e entre as várias escolas.⁵⁴² Por isso penso efectivamente que no dia-a-dia estamos a tentar começar... estamos a tentar todos falar uma mesma linguagem, todos conhecermos também o que dizemos.⁵⁴³ independentemente de tentarmos, isso também penso que é importante, de continuarmos a ser... a ter a tal nossa identidade.⁵⁴⁴ Os negativos, volto a reforçar, penso que efectivamente têm a ver mais com a parte económica, a estrutura económica, porque não temos, e aqui sente-se efectivamente a crise, não temos os meios financeiros para por em prática todas as ideias.⁵⁴⁵

Mod. - *Muito bem. Senhor doutor...*

E9 – Para mim a grande vantagem positiva deste... da constituição deste Agrupamento tem a ver com a possibilidade que foi criada de haver uma perspetivação, uma possibilidade de deixar de se funcionar parcialmente de escola a escola.⁵⁴⁶ melhorando em termos pedagógicos, fundamentalmente nessa base. Com tudo o que traz atrás: fichas, documentos. Educação a esse nível em todas as escolas.⁵⁴⁷ Aspectos negativos: número de escolas envolvidas.⁵⁴⁸ a distribuição geográfica.⁵⁴⁹ o número de alunos.⁵⁵⁰ E aquilo que as minhas colegas aqui também disseram, a questão financeira. Não se pode fazer “omoletas sem ovos”. É o caso. Somos dotados parcamente de recursos, temos que inventar e não podemos. Quando assim é, por algum lado vai sair mal.⁵⁵¹

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora...*

E13 – Eu penso que... vou na mesma linha dos meus colegas, pensar que o que foi positivo foi esta possibilidade de uma planificação das actividades da gestão conjunta dos recursos e portanto isso foi positivo.⁵⁵² Negativo, é realmente falta de recursos para pôr essas

potencialidades em prática,⁵⁵³ ainda por cima agravadas quase em simultâneo por todas as outras reformas que ocorreram especialmente no nosso estatuto⁵⁵⁴ e que implicaram um acréscimo enorme de trabalho.⁵⁵⁵ Por exemplo, aquela questão da potencialidade de nós podermos gerir o currículo em conjunto e darmos alguma coerência a toda essa gestão.⁵⁵⁶ Mas com um acréscimo, que foi grande no nosso trabalho, onde é que vamos buscar tempo para o fazer?⁵⁵⁷ Portanto, eu penso que foi uma potencialidade⁵⁵⁸ que se viu ali, que nós todos se calhar conhecemos, mas que depois foi cortada por falta de recursos que já existiam e que nos tinham sido prometidos mas que, foram só promessas,⁵⁵⁸ e ainda agravada porque entretanto toda a nossa vida foi severamente agravada.⁵⁵⁹ E portanto nós dizemos: é muito bonito, é excelente, quase que ficámos numa carta de intenções. Era excelente!⁵⁶⁰ Fazemos um trabalho de conjunto, mas como não temos tempo, continuamos.⁵⁶¹ Na prática, só pontualmente... partilhamos realmente uma experiência... algumas experiências comuns e... essas realmente, quando existem são positivas⁵⁶² e nós que temos semanalmente um trabalho conjunto com colegas de outras escolas, eu e aqui a minha colega... (risos) eu penso que temos uma perspectiva positiva.⁵⁶³ Mas realmente é assim. Essas potencialidades acabam por ficar um bocadinho no ar. Não se concretizam... realmente...⁵⁶⁴

E9 – Só um bocadinho atrás. Só queria... Há outra coisa que acho que... parece-me, é uma vaga sensação que eu tenho, que as escolas do 1º ciclo perderam um bocado a autonomia.⁵⁶⁵ Ou seja, deixaram de pensar por elas próprias e passaram a depender muito em termos de fazer das decisões da escola... da escola mãe.⁵⁶⁶ Para fazer alguma coisa, perguntam, recorrem cá acima.⁵⁶⁷ Pareceu-me, não sei se não é. Mas é uma ideia que eu tenho.

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora, voltamos a si...*

E12 – Acho que muito daquilo que eu tinha em mente já foi dito. Portanto, em relação às dificuldades, passam muito pelo número de alunos.⁵⁶⁸ A distância ... nós aqui achamos que eles estão distantes mas quando pensarmos em outros agrupamentos que existem aqui muito perto de nós, em que as escolas não estão a dois ou três quilómetros mas estão às vezes até a dez e mais, portanto a nossa... nesse sentido nós achamos muito longe e há outras que estão bem pior.⁵⁶⁹ mas não é disso que nós estamos aqui a falar. Em relação portanto a desvantagens, eu principalmente eu sinto que é o número de... o número de alunos, portanto o número de... o peso, o grande peso que tem...⁵⁷⁰

Mod. – *...como um factor negativo...*

E12 - ... como um factor negativo. Portanto, eu continuo a achar que realmente era necessário aqui na nossa zona uma outra escola para que a nossa pudesse funcionar, esta aqui pudesse funcionar melhor e funcionar mesmo em Agrupamento pleno.⁵⁷¹ Porque tem muitas virtualidades, portanto tudo aquilo que nós dissemos praticamente são só vantagens mas realmente pô-las em prática tem sido extremamente difícil.⁵⁷² E isso só basicamente em situações pontuais. Mas quando acontecem é bom.⁵⁷³ Portanto, penso que isso nos faz pensar que isto pode realmente ainda ser muito melhor.⁵⁷⁴ Portanto, em termos de pensarmos em futuro e se conseguirmos colmatar algumas das dificuldades provavelmente isto será bastante melhor...⁵⁷⁵

Mod. – *Essas dificuldades também passam pelas condições financeiras?*

E12 – Pelas financeiras⁵⁷⁶ mas também provavelmente pela gestão. Pela organização da escola e pela gestão da escola.⁵⁷⁷ Talvez algumas das dificuldades possam ser superadas se houver uma organização ou uma gestão, principalmente uma gestão, diferente.⁵⁷⁸ Isto é um suponhamos porque certezas... certezas não existem, não é, mas quando eu ouço aqui dizer...

e eu neste momento... há dois anos que não tenho tanto contacto com... com colegas... com outras colegas a não ser esta todas as semanas, mas com as colegas do 1º ciclo das várias escolas não tenho tido realmente grande contacto, não estou no Pedagógico, portanto, mas quando ouço aqui algumas das minhas colegas dizerem que as colegas dizem que têm muita dificuldades em conseguir isto e aquilo, talvez algumas dessas dificuldades pudessem ser superadas.⁵⁷⁹ Portanto, e se isso fosse conseguido provavelmente teríamos ainda mais vantagens e seria muito mais bem sucedido este... este Agrupamento.

Mod. – *Muito bem, voltamos aqui então...*

E6 – Eu estava a lembrar-me de um benefício, pontual é verdade,⁵⁸⁰ mas que na realidade existe e que se calhar vale a pena referir – e há aqui uma colega presente que até pode falar melhor que eu sobre isso – que é sobre as turmas dos CEF's que temos⁵⁸⁰ ... as duas turmas dos CEF's que temos na nossa escola ... na nossa escola agora e que acabaram⁵⁸⁰ – vão acabar esta semana – aqui a sua formação e que, alguns deles, vão fazer formação e dar ... aliás, vão dar formação aos professores do 1º ciclo e aos meninos do 1º ciclo.⁵⁸⁰ Portanto, é ... penso que é, um grande benefício para a escola e para as crianças.⁵⁸⁰ Um factor muito positivo, penso eu. Tanto para os nossos alunos, que vão pôr em prática aquilo que aprenderam ao longo destes anos e vão transmitir esses conhecimentos aos professores que têm nomeadamente carências ao nível da informática porque não têm formação. A formação, como sabem, é reduzida e eles, se calhar, até têm menos formação que nós a esse nível e também vão ajudar os alunos ... os próprios alunos. E também ao nível da manutenção, principalmente do material.

Mod. – *Vamos aqui agora, vamos ainda seguir com a questão*

E11 – E portanto, aspectos positivos. Todos positivos. Eu penso que é nós conhecermos de forma mais sistemática e mais real as realidades deles⁵⁸¹ – se é que as duas palavras não soam assim um bocadinho mal – há troca de experiências,⁵⁸² não é? Nós ficamos a saber as dificuldades que os professores têm, os alunos – as problemáticas que os alunos têm – e acabamos por perceber que afinal eles ... nós também temos as mesmas e eles também têm aquilo que nós depois⁵⁸³ ... os miúdos trazem já para aqui muitas coisas que eles já têm no 1º ciclo – problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, problemas com as famílias (ou não) – já está tudo presente no 1º ciclo.⁵⁸⁴ E eles sofrem isso no 1º ciclo e depois nós sofremos no 2º e no 3º e continua. Outro factor positivo é a uniformização de alguma papelada e de alguns critérios de avaliação.⁵⁸⁵ Lembro-me que num dos anos havia uma diferença em termos de avaliação muito, muito ... muito forte.⁵⁸⁶ Penso que havia uma escola que falava em satisfaz a partir dos 40% e que, para nós, só fazia sentido satisfaz a partir dos 50. E isso foi reformulado, foi discutido⁵⁸⁶ e isso é, penso, um aspecto positivo. A apresentação dos balanços, em finais de período, no Conselho Pedagógico é muito bom. Faz-nos pensar que as dificuldades já têm assim ... já vêm ao longo do tempo e algumas são colmatadas e outras não.⁵⁸⁷ Portanto, a articulação curricular já foi falada, há mesmo os objectivos que tendem a ser muito semelhantes.⁵⁸⁸ Aspectos negativos ... portanto, em termos de pedagogia eu penso que foi bom, que foi bom.⁵⁸⁹ Em termos de autonomia e de gestão eu penso que o 1º ciclo perdeu muita autonomia com o Agrupamento.⁵⁹⁰ Isso porque eu conheço alguns professores, pessoalmente, do 1º ciclo, e todos eles se queixam do facto de terem sempre que pedir autorização à sede para tirarem isto, para fazerem isto, para comprarem aquilo,⁵⁹¹ para isto ... Eles eram mais autónomos. Agora, penso que é mais difícil.⁵⁹² O número de alunos ... o nosso Agrupamento é muito grande.⁵⁹³ Eu penso que deve trazer muitas dificuldades a quem está na gestão ... gerir todos estes professores e todos estes alunos⁵⁹⁴ ... e agora com a mudança no nosso estatuto, com o enriquecimento curricular, com mais os alunos do português não materno,⁵⁹⁵ e com mais isto, e com mais aquilo ... eu penso que

não deve ser nada fácil fazer a gestão disso tudo.⁵⁹⁵ Outro aspecto positivo ... a minha colega falou nos CEF e eu lembrei-me que nos percursos alternativos nós temos uma aluna que está a fazer formação todas as sextas-feiras num Jardim-de-Infância do nosso Agrupamento.⁵⁹⁶ Isso é outro aspecto muito positivo. Não me lembro de mais.

Mod. – *Quer salientar mais os aspectos negativos, factores negativos ...*

E11 – Não.

Mod. – *Vamos voltar aqui então, a dar a palavra a ...*

E7 – É o seguinte: todos os aspectos positivos de que nós falámos, eu penso que serão um bocadinho viciados pelas pessoas que estão a ser entrevistadas aqui. Porque eu acho que os aspectos positivos são sentidos fundamentalmente por quem está nos órgãos e não tenho a certeza se esses aspectos positivos descem – passe o termo – descem à restante comunidade.⁵⁹⁷ A articulação é muito difícil.⁵⁹⁸ o tempo para as reuniões é difícil⁵⁹⁹ e portanto, nós perspectivamos as experiências, o conhecimento real e sistemático⁶⁰⁰ – como a colega disse – troca de experiências e de problemáticas, porque estamos nos órgãos.⁶⁰⁰ Essa realidade ... e somos uma minoria.⁶⁰⁰ Essa realidade não é depois partilhada ... é uma informação que não passa.⁶⁰¹ Poder-se-á dizer: bom, mas então não estamos a representar de facto os nossos departamentos e, portanto, não estamos a fazer passar. Só que, também toda a carga necessária – que é necessário trabalhar em departamento: desde as articulações, desde as programações, desde as avaliações, etc – e com a carga de trabalho que nos foi dada, não permite o passo em frente que seria a experiência adquirida nos órgãos passar à restante comunidade.⁶⁰² Portanto, eu não sei se a restante comunidade tem a noção das mais valias que nós temos.⁶⁰³

Mod. – *Penso que ficou clara a sua ideia. Senhora doutora ...*

E10 – Eu não me vou alongar porque, de facto, tudo aquilo que aqui foi dito me parece muito importante e relevante e eu estou de acordo praticamente com tudo o que foi aqui dito. Vou só dizer que, de facto, o grande aspecto positivo é por si só⁶⁰⁴ – tal como a professora (--) já disse – o nós estarmos a construir um projecto comum.⁶⁰⁴ Portanto, não deixámos de ser o “eu” mas passámos a ser o “nós”,⁶⁰⁵ não é? E começámos a pensar de uma outra maneira e começámos a tentar conhecer-nos, não como uma colectividade mas como um colectivo.⁶⁰⁶ Este será o grande aspecto positivo, com tudo o que tem, porque traz a construção de um Projecto Educativo comum e de todos os outros documentos importantes que dele advêm⁶⁰⁷ e estão, portanto, ligados e dependentes do Projecto Educativo. Agora, fazer isto é difícil, é complexo, é demorado⁶⁰⁸ e nós temos – eu penso que, realmente, tal como já dissemos – nós temos, de facto, como grandes factores negativos o tempo que nos é dado ... ou o tempo que não nos é dado, portanto, a nossa distribuição horária.⁶⁰⁹ E isso passa realmente pela organização do sistema e pelas instâncias – pelo Ministério.⁶¹⁰ Portanto, a falta de tempo,⁶¹¹ a sobrecarga de um trabalho para além do nosso trabalho de professores dentro da sala de aula,⁶¹² toda uma série de solicitações e de exigências cada vez maiores⁶¹³ – já aqui foi dito. Há uma complexidade enorme⁶¹⁴ e depois o querer, realmente, cada vez ser alguém que constrói da melhor maneira possível este colectivo.⁶¹⁵ É muito complicado.⁶¹⁶ É quase um contra-senso. Eu tinha aqui, a certa altura, escrito que é quase proporcional a exigência ... as exigências que nos têm feito, a partir até destas reformas sucessivas que não têm inclusivamente ... não nos têm deixado tempo para maturar e para depois tirar conclusões e ver se foi realmente importante ou não.⁶¹⁷ Portanto, uma sucessão abrupta de reformas e das exigências que elas acarretam e que é quase proporcional ao não apoio por parte do Ministério.⁶¹⁸ Portanto, é exigir, exigir, exigir e depois apoiar – ou não apoiar de modo algum

– apoiar o mínimo,⁶¹⁹ mas nós temos que continuamente abraçar situações complexas⁶²⁰ e que, ainda por cima, são realidades às quais nós, à partida, em termos humanos, vamos aderir porque elas são humanas, porque elas são de facto ... porque em termos humanos nós achamos que, de facto, é mais importante o colectivo, é mais importante construirmos, é mais importante a responsabilização conjunta, por exemplo, de todos nós. Tudo isso é positivo,⁶²¹ mas depois esbarra com a complexidade e com o facto de não nos darem apoios.⁶²² Aqui falou-se muito dos recursos económicos e eu acho que são muitos os condicionalismos económicos,⁶²³ mas depois todos os outros recursos: o tempo que não nos dão para reunir, o tempo que não nos dão para reflectir, para pensar ... o tempo que nem nos dão para conversarmos uns com os outros e desabafarmos uns com os outros sobre aquilo que está a correr bem ou a correr mal, ou que nos está a preocupar.⁶²⁴ Nós nem esse tempo, às vezes, temos. Portanto, quando há bocado a (--) dizia que duvida que a comunidade esteja a sentir isto assim com esta ... com esta intensidade e, se calhar, ...

Mod. – *Podem referir os nomes, porque depois não são citados. Estejam à vontade.*

E10 – É que é difícil ... Depois a questão da falta de autonomia do 1º ciclo.⁶²⁵ Penso que sim, que terá sido um factor negativo. Não será assim tão pesado como os outros que foram aqui referidos⁶²⁶ mas penso que sim. Sobretudo em termos de hábitos instalados.⁶²⁷ As pessoas não precisavam de recorrer à escola sede para fazer uma série de actividades.⁶²⁸ Eram um pouco mais autónomos, eu sei, nesse aspecto da realização de visitas de estudo, na realização de actividades para o exterior.⁶²⁹ e agora, de facto, há aquela dependência da escola sede que é capaz, de facto, de custar um bocadinho.⁶³⁰ Mas eu não penso que seja por aí, porque esta falta de autonomia até poderia ser diluída se, de facto, todos os outros aspectos positivos fossem cada vez mais apoiados, para serem cada vez mais eficazes.

E9 – Se puder, eu ainda queria complementar ...

Mod. – *Com certeza.*

E9 – O que queria dizer para finalizar esta questão é que o comum dos professores que está sem ter acento num órgão pedagógico não sabe o que é ... não tem a perspectiva que nós estamos aqui a veicular sobre o que é que é um agrupamento.⁶³¹ Quer vir cá, dar as suas aulinhas e vamos embora. Também estão afastados de ... eu sei que há piores ... 10 Km ou mais ...

E12 – Pois, mas se nós compararmos ali com o (--) ou (--) ou assim, tu não imaginas ... é um raio de trinta e tal quilómetros. É uma aldeia.

E7 - Eu lembro-me ...

Mod. – *Muito bem, vamos então dar sequência às nossas questões. Vamos começar por si agora. Vamos entrar nas questões chave e eu vou colocar duas questões em simultâneo. Se houver dúvidas eu reformulo. Certamente não haverá mas ... porque elas se enquadram uma na outra, portanto, a sexta e a sétima questão. Centrar-nos-íamos aqui nas respostas neste grupo de questões que vos coloco agora. Como descreveria a dinâmica das reuniões do Conselho Pedagógico antes da existência do Agrupamento? E depois, exactamente o oposto da questão: Como descreveria a dinâmica das reuniões do Conselho Pedagógico depois da existência do Agrupamento? ... Eu posso dar exemplos: relativamente às temáticas, estratégias de preparação, estratégias de funcionamento, interações estabelecidas ... já aqui foi falada a questão da duração temporal ... outros aspectos que se lembrem e que queiram realçar.*

E9 – Eu acho que ... Vamos ao antes.

Mod. – *Exacto.*

E9 – Eu acho que as coisas eram muito mais preparadas⁶³² porque ... o anterior delegado, que era o que representava os grupos disciplinares, trazia os assuntos correntes e que eram muito trabalhados em grupo.⁶³³ Isto na minha perspectiva. Com o alargar, no depois, do raio de acção, da temática⁶³⁴ – no âmbito da problemática – tudo isto ... até porque estamos no início deste processo todo em que é preciso acertar documentação de registo, fichas⁶³⁵ e por aí ... torna-se um bocadinho mais disperso, mais difícil de se perceber qual é a natureza dos trabalhos que têm que se fazer agora.⁶³⁴ Provavelmente para o próximo ano como estas matérias já estarão devidamente tratadas outras virão⁶³⁶ e, provavelmente, poderá ser mais rentável.

Mod. – *Permita-me reformular, para clarificar, a questão. Na sua perspectiva, antes, a dinâmica deste Conselho – tendo em conta estarmos num “timing” de transição, digamos assim, há aqui uma fase significativa em termos de evolução das vossas reuniões – a dinâmica anteriormente era mais eficaz, era ...?*

E9 – Não consigo ter essa percepção. Até porque basta mudar os membros do Conselho Pedagógico para mudar a dinâmica.⁶³⁷ não é? Isso é logo a primeira coisa. Eram realidades diferentes. Eu penso que nesta altura aquilo que ... onde eu noto mais diferença é a temática que é lá abordada.⁶³⁸ porque se trata de assuntos desde o Jardim ... o pré-escolar ao nosso.⁶³⁹ Eu acho que a este nível quem ficou a perder – se é que alguém perde aqui – foi a escola sede porque deixou de ter um Conselho Pedagógico próprio para tratamento das questões próprias da escola.⁶⁴⁰ Quando vimos para Conselho Pedagógico, já anteriormente as escolas do 1º ciclo trataram em Conselho Escolar as temáticas deles.⁶⁴¹ Nós não. Perdemos isso.⁶⁴² Provavelmente se existisse essa possibilidade, quando fossemos a um Conselho de Agrupamento os assuntos já estariam mais trabalhados⁶⁴³ e mais facilmente ... ou seria mais produtivo o Conselho Pedagógico do Agrupamento do que ... Não quer dizer que não esteja a ser produtivo. Estamos é a ter dificuldades.⁶⁴⁴ Talvez por causa disso, não sei. O caminho ... logo nos indicará uma porta de saída. Mas neste momento está a acontecer isto. Anteriormente, os assuntos eram claros, eram da escola, iam ao grupo, depois traziam ... havia já uma rotina.⁶⁴⁵ não é? Como há uma mudança, quem perdeu fomos nós⁶⁴⁶ ... estamos a adaptar-nos. A ver se tiramos vantagens daquilo.⁶⁴⁷

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora, por favor ...relativamente a esta questão*

E8 – Antes de fazermos parte do Agrupamento o Conselho Pedagógico, digamos, que tinha uma ordem de trabalhos mais restrita.⁶⁴⁸ Não quer dizer que não desse muito trabalho e não houvesse muitas coisas para trabalhar e para produzir, mas era num âmbito muito mais restrito, porque era a nossa própria escola e era também a nossa vivência do dia-a-dia.⁶⁴⁹ Agora com o Agrupamento o raio de acção é muito maior, o que nos tem criado várias dificuldades⁶⁵⁰ como seria natural que assim surgisse, não é? E penso que, também, ainda estamos um bocadinho, digamos, em estado quase que de choque em relação às coisas novas que vão surgindo constantemente.⁶⁵¹ Por outro lado também, não só ... os problemas residem agora nesta maior abrangência⁶⁵² mas também muito particularmente, e em relação a este ano, houve alterações tão significativas em termos legislativos que estão ligados ao ensino que obrigou o Conselho Pedagógico a ter ... a tomar posições muitas vezes sem ter tempo suficiente para ... para reflectir efectivamente sobre aquilo que se está efectivamente a passar e a resposta que será mais correcta dar, e que nos é exigido que se dê rapidamente.⁶⁵³ Penso que em relação a alguns dos aspectos que o meu colega disse anteriormente, isto também ...

nós começámos logo a sentir uma grande diferença quando foi ... quando deixaram de estar representados no Pedagógico os delegados de grupo e passou a estar o chefe de departamento,⁶⁵⁴ ou coordenador de departamento. Isso foi já uma primeira revolução na escola,⁶⁵⁵ e aí penso que, pelo menos numa primeira fase, as pessoas sentiram aí uma ... alguma perda de informação, porque quando estava representado o delegado de grupo, penso que a comunicação era mais rápida e poderia ser ... poderia ser mais eficaz.⁶⁵⁶ Com a existência de um coordenador de departamento e com o desaparecimento efectivamente dos delegados de grupo passou a ser mais complicado, mais complexo, fazer passar essa comunicação.⁶⁵⁷ Particularmente quando um departamento é composto ... é muito grande, tem muitos elementos.⁶⁵⁸ E penso que isto também pode ser um factor que ... prejudicou ou que poderá prejudicar os próprios trabalhos do Conselho Pedagógico.⁶⁵⁹

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora ...*

E7 – Aquilo que se nota de diferença é, de facto, a carga de trabalho que o próprio Conselho Pedagógico tem com o facto de ser Agrupamento,⁶⁶⁰ não é? Portanto, há mais problemáticas,⁶⁶¹ há mais níveis de ensino⁶⁶² ... e não é só níveis de ensino. São depois as problemáticas dos espaços em si, porque uma escola – apesar de ser do 1º ciclo, como a outra escola é do 1º ciclo e a outra também – mas depois têm realidades diferentes a nível dos espaços, a nível dos serviços, a nível da escola.⁶⁶³ Mas para além disso, nós ainda estamos no início de tudo isto⁶⁶⁴ e se nós formos reparar – e eu até assentei aqui – se nós formos reparar que com isto de Agrupamento e com estas situações, há um Projecto Educativo de Agrupamento que, apesar de ser da, enfim, da responsabilidade do Conselho Executivo, há depois que ser analisado, avaliado no Conselho Pedagógico.⁶⁶⁵ E isso são ler documentos, reformular, participar.⁶⁶⁶ Depois o Projecto Curricular de Agrupamento que ... isso então ... como é o Projecto Curricular de Agrupamento que envolve tudo o que é curricular⁶⁶⁷ – e isso passa muito mais pelos currículos – demora muito tempo também,⁶⁶⁷ pronto. Depois temos o Plano Anual de Actividades que começamos logo ou no final de um ano lectivo ou mais no início do outro ano lectivo. Só a apresentação do Plano Anual de Actividades dos vários departamentos e das escolas do 1º ciclo é, só isso, horas e horas infindáveis.⁶⁶⁸ Por outro lado, esta escola passou por situações como foi a avaliação externa. A avaliação externa implicou o repensar de situações, implicou depois o reflectir sobre a avaliação externa, implicou as sugestões sobre essa avaliação externa ... tudo isto foram meses.⁶⁶⁹ Depois a proposta para os TEIP.⁶⁷⁰ E depois são as propostas e as informações e as reformulações e as sugestões. E vai à base e volta acima, e volta acima e faz propostas e vai à base e volta acima.⁶⁷¹ Depois ... (risos dos outros participantes) ... não, é para se perceber um bocadinho, quer dizer, como é que isto é uma imensidade para além do que é normal.⁶⁷² É assim, para além das reformas que vieram a nível ministerial: tivemos a reforma na avaliação – tivemos que fazer documentos novos, tivemos que fazer planificações novas, tivemos que alterar documentos, etc – na distribuição da carga horária – e porque há carga do tempo não lectivo, e porque há que distribuir, e porque há que ver.⁶⁷³ Depois são a análise dos relatórios e das propostas e dos projectos para os vários espaços.⁶⁷⁴ Depois a questão das substituições, e os clubes, e os projectos da sala de estudo⁶⁷⁵ ... e porque vem este, e depois altera, e depois não está de acordo e depois vem ... Portanto, somos representantes dos departamentos, não é, mas depois em cada departamento são as pessoas dos vários espaços, dos vários clubes, das várias coisas, e quando nós chegamos ao Conselho Pedagógico não somos apenas representantes no aspecto curricular⁶⁷⁶ – tipo HGP, História e Geografia – somos também representantes daquilo que vem dos vários clubes e que é dito no nosso departamento, sobre as substituições, sobre os documentos que foram aprovados,⁶⁷⁷ sobre ... bom, e tudo isto ...

Mod. – *Mas a dinâmica aumentou ou diminuiu relativamente a isso ... ou está associada essencialmente à carga de trabalho...*

E7 – É assim, a carga de trabalho ... é assim, fomos apanhados com a mudança para Agrupamento que traz logo a criação de dinâmicas novas, como são o Regulamento Interno, como são os Projectos Educativos, como são Planos Anuais de Actividades, como é o Projecto Curricular de Agrupamento,⁶⁷⁸ ... pronto. Depois fomos apanhados por situações em que a própria escola se meteu nelas, apesar de não ... enfim, de não sermos directamente responsáveis por isso – directamente, o Conselho Pedagógico – como foi a entrada na avaliação externa, o que isso implicou. E depois o que veio da avaliação externa e o que implicou a avaliação da avaliação externa ... fomos avaliados internamente da avaliação da avaliação, por causa da avaliação,⁶⁷⁹ bom ... (risos). Depois a questão dos TEIP, que implicam também alterações, e que há sempre informações a dar,⁶⁸⁰ e que são reuniões, e que não sei o quê ... O próprio Ministério da Educação que ... é uma sobrecarga grande a nível da gestão, porque marca reuniões,⁶⁸¹ e para isto, e para aquilo, para estas alterações ... E agora são as provas de aferição que são obrigatórias todos os anos⁶⁸² e que agora há que fazer não sei o quê, e porque há uma comissão, e porque traz informações, e que leva a Pedagógico, e são as listas, e são os horários, e são as salas ... e tudo vai a Pedagógico para ser aprovado⁶⁸³ ... Tudo vai a Pedagógico para ser aprovado! E tudo isto vezes seis escolas!⁶⁸⁴ ...

Mod. – *Isso interfere com a dinâmica do Conselho de forma ...*

E7 – ... de forma a que é um peso imenso⁶⁸⁵ e pode impedir ... é um peso tal, não sei se fui clara? (risos de todos os participantes) e fui esclarecedora ... (mais risos) ... mas é um peso tal que é completamente ... é difícil! É difícil para nós digerir (riu-se) ... difícil de gerir e digerir!⁶⁸⁶ (riso geral) Gerir e digerir, sim ... e depois outras coisas que podia ser a articulação, de facto, pedagógica ... não há tempo.⁶⁸⁷ Depois também aqui este pormenor, que é assim: de facto nós poderíamos – como o colega referiu, o Conselho Pedagógico passou a ser de várias escolas e deixou de ser só da nossa escola,⁶⁸⁸ e isso poderia ter ... Enfim, o advogado do diabo poderia responder assim: bom, mas podem-se sempre reunir os coordenadores do departamento e portanto já passa a ser só da vossa escola. Só que, são reuniões de departamento, são reuniões de grupo, são reuniões de directores de turma, são reuniões dos espaços, são reuniões dos órgãos a que pertencemos – mil e uns – ... onde é que está a possibilidade mensal ... mensal!⁶⁸⁹ Porque tudo isto praticamente é mensal, à excepção dos directores de turma, não é? (risos e sorrisos). Onde é que está o espaço ... o espaço!! ... para podermos reunir em coordenadores de departamento⁶⁹⁰ (mais risos, até da própria) para podermos pensar seja o que for?⁶⁹⁰ É assim, podem desligar aqui o motor, mas de facto ... (muitos risos, função do que estava a ser dito e do ritmo acelerado e entusiasmado a que estava a ser dito) ... é muito difícil!⁶⁹¹ Portanto ... e muito mais teria que dizer. Quer dizer, em cada Conselho Pedagógico nós chegamos a aprovar dez e doze visitas de estudo ... onde vamos analisar intervenientes, objectivos, locais, orçamentos⁶⁹² ... bem, quer dizer ... para cada visita de estudo! Não é?... Daí, de facto, ser “por amor à camisola” – e eu digo “por amor à camisola” porquê? Porque de facto se nós quiséssemos cumprir o horário de um Conselho Pedagógico, nem sequer tínhamos possibilidade de os fazer como deve ser.⁶⁹³ Portanto, muitas vezes é “por amor à camisola” que estamos – enfim, não estou aqui a ausência prolongada do lar de algumas pessoas (risos) mas de facto acabam às dez da noite, porque tudo é para amanhã.⁶⁹⁴ As visitas de estudo são para a semana,⁶⁹⁵ os projectos são para implementar,⁶⁹⁶ aquilo é para levar amanhã ao Ministério da Educação⁶⁹⁷ ... quer dizer, pronto ...

Mod. – *A sua ideia ficou claríssima. Senhora doutora, relativamente a esta questão – o antes e o depois do Agrupamento, em termos de dinâmica do Conselho Pedagógico ...*

E6 – Eu agora tenho pouco a acrescentar (risos) ... mas tenho uma visão mais simples do que a da minha colega já que ela disse ali ...

Mod. – Mas o objectivo é mesmo o de partilharmos essas diferenças ...

E6 – Exactamente. Voltando um bocadinho atrás como o colega fez, e na qualidade de delegada em que estive também no Conselho Pedagógico, havia realmente uma dinâmica enorme porque a comunicação era mais rápida, a dinâmica era muito mais eficaz.⁶⁹⁸ Sem dúvida nenhuma! Penso que a nível dos delegados, eles levavam para Pedagógico questões concretas, que eram ali debatidas e que eram ... e que davam um dinamismo, e que se resolviam e que faziam andar a escola.⁶⁹⁹ Depois a nível do departamento, os coordenadores – e porque muitas vezes os departamentos têm muitas disciplinas – perdem-se. Perde-se muita informação.⁷⁰⁰ Perde-se muita informação. Perde-se muito tempo a discutir muita coisa.⁷⁰¹ E há uma coisa que eu também acho que perdemos e que a colega referiu: deixámos realmente de ter um espaço nosso, para debater os nossos problemas.⁷⁰² Porque nós temos muitos problemas na realidade e que têm que ser debatidos, têm que ser resolvidos⁷⁰³ – como o problema da indisciplina, que é uma das coisas que este ano, por exemplo, me está a afligir verdadeiramente – e não conseguimos debatê-los.⁷⁰³ Provavelmente não vamos conseguir sequer resolver nada em relação a ele, e para além destes nossos problemas vêm os outros todos.⁷⁰⁴ Pronto, se quisermos chamar dinamismo a isso, ai! Agora então, é um dinamismo enorme. Sem dúvida nenhuma. Com estes problemas todos, com esta carga de trabalhos enorme, com uma ordem de trabalhos que é absolutamente ... nem sei qual é o adjectivo que posso aplicar⁷⁰⁵ ... mas acho que perdemos muito em deixar de ter um espaço nosso,⁷⁰⁶ onde realmente resolvíamos e transmitíamos preocupações, e transmitíamos experiências e às vezes até ... servia até como um confessionário para certas pessoas⁷⁰⁷ e em que havia um aliviar de alguma tensão⁷⁰⁸ e que agora não. Penso que agora, no Pedagógico alargado, não há esse ...⁷⁰⁹

Mod. - ... esse espaço.

E6 – Esse espaço.⁷⁰⁹

Mod. – Senhora doutora ...

E10 – Eu também tenho uma visão realmente muito parcial porque apenas experimentei isto um ano. Estive vários anos no Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento e depois apenas o ano do lançamento. O ano do lançamento disto tudo, e realmente apercebi-me de mudanças. Mas foram mudanças que não têm nada a ver com aquilo que já foi aqui transmitido e que foi bastante elucidativo. Tem sido uma complexidade de ficar “esmagado”,⁷¹⁰ não é? As exigências que são necessárias para preparar actualmente o Conselho Pedagógico, para gerir intervenções, para ultimar documentos ... não tenho dúvida que deve ser realmente quase que uma missão titânica,⁷¹¹ mesmo. Mas nesta altura eu senti apenas... de facto as temáticas eram mais variadas, diversas,⁷¹² com perspectivas diferentes de vários níveis de ensino e como tal menos simples,⁷¹³ tínhamos que pensar também um bocadinho ou muito segundo a perspectiva do outro,⁷¹⁴ o outro também, obviamente, iria estar atento, tomar conhecimento, mais que não fosse a situações problemáticas no 2º ciclo, no 3º ciclo⁷¹⁵ da escola sede. Depois na altura também achei que tínhamos que já analisar mais documentação e até produzir documentos, não muitos, mas produzir documentos já com outra complexidade e com outras exigências também.⁷¹⁶ Mas tirando isso não... não... não me pareceu que fosse assim muito... tão diferente como... como... como... suponho que será... que será agora. Em termos de estratégias de preparação com que realmente... em termos do cargo que ocupava não senti grande mudança⁷¹⁷ mas obviamente que penso que a pessoa que presidia à reunião teria que ser muito mais eficaz e muito mais organizada, gerir já mesmo na altura uma outra complexidade e é diferente.⁷¹⁸

E11 – Então... Eu penso que no antes nós estávamos muito centradas em nós, portanto, na nossa realidade, nos nossos temas, nas nossas problemáticas e realmente resolvíamos tudo entre o Pedagógico e o departamento ou o grupo⁷¹⁹ e portanto ficávamos muito entre nós e resolvíamos realmente tudo. Tínhamos tempo.⁷²⁰ Tínhamos tempo. No depois, conhecemos o outro, introduziram-se novas temáticas, novas problemáticas, novas realidades, mais temas, mais dificuldades e as coisas complexaram-se.⁷²¹ Por outro lado, nesta mudança entre o antes e o depois, houve mudanças necessárias à escola. O Projecto Educativo teve que ser alargado, modificado. Houve um Plano de Actividades, o Projecto Curricular, em que realmente tudo é novo. Tudo é modificado, o Regulamento Interno⁷²² também me lembro que foi, que veio, que tal e tal. Para além disso a acrescentar a estas mudanças porque isto é obrigatório, não é, na nossa realidade, houve mudanças legislativas que obrigaram a introduzir outras... a nos habituarmos a outra maneira de trabalhar.⁷²³ Os planos de recuperação, os planos de acompanhamento, o gerir as aulas de substituição, o decidir quem é que vai para aonde,⁷²⁴ quem é o que vai o quê, o que se faz aqui, como é que fazemos, como é que não fazemos porque... talvez nós não temos nenhuma decisão, nenhuma, não temos nenhuma decisão sobre isso, mas o que é certo é que isso vai a Pedagógico e nós reflectimos e pensamos e falamos.⁷²⁵ Depois a gestão fará... fará a organização que entender, mas aquilo vai lá e reflectimos e pensamos e discutimos.⁷²⁶ O 2º e 3º ciclo, por outro lado eu penso que a nossa realidade é muito mais complexa do que do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância,⁷²⁷ porque não somos... não é mono docência e portanto temos que trabalhar todos em conjunto, temos que nos reunir, temos os departamentos. É uma dinâmica muito mais complexa,⁷²⁸ associada à falta de tempo,⁷²⁹ associada a uma escola que tem muitos alunos⁷³⁰ e portanto é impossível nós reunirmos, a não ser naqueles dois tempos ao fim à quarta-feira que não chegam para nada,⁷³¹ como aqui a minha colega disse, portanto isto é um acréscimo... Todas estas mudanças, todas estas mobilidades implicam um amadurecimento e para amadurecer é preciso reflectir, é preciso tempo para reflectir, é preciso introduzir muitas dinâmicas diferentes.⁷³² Em relação àquilo que a minha colega há bocadinho disse sobre o facto do delegado, de deixar de ter a ver... de nós termos perdido a figura do delegado para um coordenador, houve realmente perda de informação e de identidade dos grupos.⁷³³ Mas eu penso, eu sinto pelo menos, pode ser errado, que neste momento já estamos a conseguir readquirir uma nova identidade em termos de coordenação, em termos de grupo⁷³⁴ ... já estamos a construir uma nova...

Mod. – *Senhora doutora, relativamente a esta questão...*

E12 – Eu em relação a esta nova dinâmica também não tenho uma grande experiência a nível do Pedagógico, também só estive no lançamento como a colega já falou. Portanto, e em relação à... É assim, eu acho que temos aqui três situações: uma que é a situação muito mais antiga que se falava, em que nós tínhamos os delegados ou representantes do grupo, isso eram Conselhos Pedagógicos que eram presididos pelo Presidente da Escola, na altura do Conselho Directivo e havia todos os representantes de grupo de... isso era... também era pesado.⁷³⁵ Na altura porque era muita gente, era muito... eram muitas ideias, muitas cabeças.⁷³⁶ Está bem que cada uma representava um grupo restrito de pessoas mas também era complicado;⁷³⁷ Veio depois uma nova situação⁷³⁸ que são a dos Departamentos⁷³⁸ e com essa experiência, eu parece-me, que houve uma diminuição do número... ao haver uma diminuição do número de elementos facilitou o trabalho do Conselho Pedagógico.⁷³⁸ Portanto em termos de... de... de... porque havia menos gente a dar as opiniões, as opiniões acabam por poderem ser mais debatidas porque havia menos gente;⁷³⁹ mas ainda isto não estava bem amadurecido e lá vem o Agrupamento e é... e é aqui que eu acho que... que estas alterações são complicadas, porque nós ainda não estávamos adaptados a uma nova vivência e já estamos a viver uma nova situação.⁷⁴⁰ E em relação ao Agrupamento e ao alargar às escolas do 1º ciclo... Eu como estive no primeiro ano eu devo confessar que até achei muita graça, até achei que era muito

engraçado saber o que é que os colegas do 1º ciclo e do pré... da pré, falavam, o que é que tinham para dizer, embora a maior parte das vezes eu... eu via que eles estavam mais a ouvir-nos⁷⁴¹ porque nós continuávamos a ter muito mais que dizer e a falar muito mais e tínhamos sempre muito mais problemas e nós é que tínhamos que falar⁷⁴² e eles ficavam às vezes o restinho do... ficavam ali o tempo todo a olhar para nós e a ouvir-nos⁷⁴³ e depois deixávamos às vezes meia hora para eles poderem falar.⁷⁴⁴ Mas eu no início eu confesso que achava aquilo interessante porque era uma experiência também nova, nós tínhamos ali colegas novos, e eu até cheguei a comentar “afinal os colegas do 1º ciclo até são porreiros e são simpáticos e até têm ideias (risos) e afinal nós podemos todos trabalhar em conjunto”.⁷⁴⁵ (risos) Mas reconheço que... que o grande problema⁷⁴⁶ que surgiu e que nós na actualidade estamos a viver não passa pelo facto de ser o Agrupamento a estar representado no Pedagógico mas sim todas as alterações que vieram do exterior. Umas vindas do exterior por imposição, outras criadas no interior também impostas.⁷⁴⁶ E tudo isto, toda esta amálgama de situações penso que deve ter vindo a complicar a vida do Conselho Pedagógico. Isto é a perspectiva de quem está do lado de fora, portanto e daquilo que eu vou ouvindo das colegas que lá estão, porque... porque eu estou a viver cá fora mais... mais aquilo... o peso do Ministério mas em relação à minha actividade lectiva e não lectiva e não propriamente em tomadas de decisões. E se para nós já é complicado, deve ser muito complicado estar no Pedagógico nesta altura com tantos problemas e com tantas situações para debater e para decidir e para tomar posições.⁷⁴⁷

Mod. – *Muito bem. Por fim, senhora doutora, relativamente a esta questão...*

E13 – Eu estive no Pedagógico imediatamente... nos últimos Pedagógicos que funcionaram a nível de escola e no ano a seguir a termos funcionado em Agrupamento. Eu penso que o caos existia antes⁷⁴⁸ e que continuou a existir depois.⁷⁴⁹ Evidentemente que antes era o nosso caos⁷⁴⁸ e depois passou a ser o caos que... que... passou a ser com várias realidades.⁷⁴⁹ Mas temos que reconhecer que sempre houve uma certa agitação.⁷⁵⁰ Antes o que é que acontecia? Realmente os delegados, os coordenadores é que tinham acento no Pedagógico e já nem falo nesse Pedagógico que... que... que nesta escola... quando eu entrei nesta escola, penso que já... já não... já nem... funcionou por pouco tempo. Acontecia que o coordenador do departamento ia ao Pedagógico, o coordenador depois reunia com os... fazia uma reunião com os delegados e depois os delegados reuniam a nível de... de grupo disciplinar e portanto é evidente que se podia perder alguma informação,⁷⁵¹ ganhava-se a dinâmica da... do Pedagógico em si. Era mais dinâmico na medida em que havia realmente, como já alguém disse, menos gente a tomar decisões, a intervir⁷⁵² ... Todos nós nem que... isto é uma coisa que acontecia num e noutro, nem que a questão não tenha muito... não tenhamos nada de novo para dizer, praticamente toda a gente gosta de acrescentar mais qualquer coisa e portanto isto às vezes leva a que as coisas se prolonguem e não... não sejam muito eficientes.⁷⁵³ Após o Agrupamento tivemos que passar a gerir realmente uma situação em que era muito mais gente a participar no Pedagógico,⁷⁵⁴ portanto era um pedagógico que se tornou muito mais pesado⁷⁵⁵ e com toda a gente a querer dizer qualquer coisinha⁷⁵⁶ isto, às vezes, realmente... lembro-me que tivemos pedagógicos a terminar às onze e tal da noite.⁷⁵⁷ Agora a questão... e realmente às vezes temos a noção de que não podemos ir para ali com a nossa intervenção individual, que a coisa ficava um bocadinho complicada.⁷⁵⁸ Eu lembro-me que... penso que também estarias nessa altura em que nós começámos a fazer reuniões prévias dos Coordenadores de Departamento.⁷⁵⁹ Portanto, os Coordenadores de Departamento desta escola reuniam antes do Pedagógico,⁷⁶⁰ para quê? Para levarmos de alguma forma uma ideia comum,⁷⁶¹ porque realmente nos primeiros Pedagógicos começámos a perceber... mas que confusão, quer dizer... cada um de nós levava a opinião do seu Departamento e a coisa tornava-se pesada.⁷⁶² Os outros colegas às vezes diziam ... realmente ... nós nem os deixávamos muitas vezes falar, não era muito positivo,⁷⁶³ era realmente muito negativo,

porque nós éramos muitos e falávamos, falávamos, cada um de nós... e cada um tinha a sua opinião... Eles coitados. Quando chegava a vez deles às vezes realmente a coisa... eles não sabiam o que é que haviam de dizer.⁷⁶⁴ Alguns falavam só para não estar calados e nós... nós por sua vez também falávamos às vezes qualquer coisa. Então... não sei se te lembrás que começámos a reunir previamente,⁷⁶⁵ de alguma forma, às vezes até para não dizermos assim olha... não sei se posso dizer porque isto aqui “lavar a roupa suja” ali na reunião. Era um bocadinho, vamos preparar as coisas, mostrar que há alguma coerência entre nós para não irmos para ali realmente “lavar a roupa suja” em frente às nossas colegas⁷⁶⁶ que não têm nada que saber... que saber ou que ter que aturar algumas “questõezitas” entre nós, e portanto... e pronto, adoptámos essa maneira. São estratégias. Agora, realmente depois desse primeiro ano então tem sido a... calculo que é a catástrofe com a quantidade de questões para debater.⁷⁶⁷ Já não é o caos, já é... já... já... nem sei como classificar.

Mod. – *Vamos aqui terminar a questão então com um último apontamento...*

E7 – Relativamente às reuniões prévias queria só lembrar que também toda essa situação em que se fazia esse tal Pedagógico passou-se na altura em que todas as pessoas, os seus cargos, pertenciam à sua componente lectiva e portanto as pessoas tinham reduções para efectivamente fazerem essas reuniões de trabalho.⁷⁶⁸ Hoje em dia eu sinto um certo constrangimento – quantas vezes não gostaria de reunir só com as pessoas da escola – mas sinto algum constrangimento⁷⁶⁹ porque, de facto os Pedagógicos são vários por mês,⁷⁷⁰ muitas vezes, e se vamos fazer reuniões de preparação não é tanto o que se poupa no Pedagógico, é mais uma tarde em que as pessoas não estão na sua componente não lectiva, em que as pessoas não estão a preparar os seus materiais e que não estão a trabalhar. Portanto, o peso que é dado na escola não permite depois essa flexibilidade de trabalho.⁷⁷¹ Portanto, não concordarei tanto que seja uma questão de estratégia mas consequência da imposição e da forma como isto tudo se organizou. Portanto é muito difícil.⁷⁷² (ocorreram manifestações de concordância por parte de alguns elementos) Outra situação é que o peso no Conselho Pedagógico não tem só a ver com a orgânica, o facto de sermos Agrupamento, etc, é também o próprio Ministério da Educação, que cada vez manda para baixo as responsabilidades.⁷⁷³ E eu dou só este exemplo: critérios de contratação de professores. É o Conselho Pedagógico que tem que decidir⁷⁷⁴ quais são os critérios ... é por proposta do Conselho Executivo,⁷⁷⁴ é verdade, mas eles têm que ir ... ocupou três horas.⁷⁷⁴ Porque os critérios são estes, e porque são estes, e porque cada departamento pensou, e quais são os melhores. Critérios de contratação de professores, que era uma coisa que pertencia ao Ministério da Educação. Evidentemente que há sempre aquela situação de dizer assim: descer às bases é uma maior participação. É mentira! É mentira, porque de facto eles continuam-nos a impor as coisas e portanto é uma democraticidade falsa.⁷⁷⁵ Vão é pôr para baixo as responsabilidades,⁷⁷⁶ não dando opinião ... porque quando há reformulações eles não as permitem⁷⁷⁷ se sair daquela margenzinha que eles pretendem. Portanto, mas podia-se pensar: bom, mas se fazem as escolas, isto parece que é uma autonomia da escola. Não é.⁷⁷⁸ Porque a autonomia de escola é muito restrita.⁷⁷⁹ São mais as responsabilidades e menos a autonomia.⁷⁸⁰ E, portanto, as responsabilidades crescem as decisões,⁷⁸¹ até em contratação de professores ... que leva horas a discutir,⁷⁸² porque é a legislação e porque é não sei o quê. Portanto, de facto ... e mesmo não se tendo a situação que a colega estava a dizer de as pessoas dizerem e gostarem muito de se ouvir. A experiência que eu tenho é de ... nesta posição em que estou agora ... é de um Conselho Pedagógico que até, porque exigência da orgânica e de tanta coisa, quando leva as coisas, leva-as já organizadas, leva-as pensadas e diz o que tem e prepara previamente.⁷⁸³ Portanto, eu noto que não há muito ... as pessoas dizem as suas opiniões,⁷⁸⁴ muitas vezes ... quando deixo as pessoas falar ... porque as pessoas também têm que falar, não é? E não pode ser assim: olha, tens cinco minutos e não podes dizer mais nada porque entretanto temos dez coisas para tratar.⁷⁸⁵ Às vezes também sinto esse tal constrangimento. Mas depois, cá

está. Se deixo a pessoa falar ... porque de facto ela também tem que dizer a sua opinião e expressar-se um bocadinho ... estarei se calhar a agradar a uns e outros a dizer: olha lá, que eu às tantas (**apontou para o relógio**) tenho que sair e portanto tu cala-me mas é aquele. Portanto, é assim: ou de facto se gere tudo isto assim – não fales, não fales, não fales ... a tua opinião qual é? ... votou ... alguém vota contra? Um, dois, três, acabou o prazo ... e pronto. Ou é assim ou de facto se deixamos um bocadinho as pessoas falarem seriam Pedagógicos intermináveis. Portanto, gerir esta situação é ... são agendas de trabalho muito, muito, muito pesadas.⁷⁸⁶

Mod. – *Eu ... e porque já vamos um bocadinho avançados em termos de tempo ... pedia-vos a maior brevidade nas restantes questões, a máxima brevidade possível, até porque vamos agora voltar a uma questão que é importante colocar nesta fase, porque já foi aflorada de alguma forma por vós. Mas se quiserem acrescentar algum elemento ou reforçar alguma ideia, estejam à vontade para o fazer. Em relação às escolas do 1º ciclo, tema já aqui abordado ... e vou começar por si agora ... Em relação às escolas do 1º ciclo quais terão sido as principais dificuldades e benefícios para se fazerem representar no Conselho Pedagógico do Agrupamento? Eu sei que já aqui foi abordado, de alguma forma, mas não sei se quer fazer alguma síntese ...*

E10 – Para as escolas se fazerem representar? No processo de escolha dos representantes?

Mod. – *Em relação às escolas, quais terão sido as principais dificuldades ou os principais benefícios para se fazerem representar no Conselho Pedagógico? Já aqui foram, inclusive, dados alguns exemplos de algumas dificuldades ...*

E10 – Em relação a esta questão eu não tenho muitas ideias porque acho que a pergunta deve ter sido dirigida aos colegas do 1º ciclo. Mas a minha visão como colega do 2º ciclo e tendo estado um ano a viver esta experiência no Conselho Pedagógico alargado, portanto, eu acho que o primeiro benefício é o facto de eles poderem também ouvir e tomar parte da nossa organização de escola e da nossa problemática,⁷⁸⁷ não é? Porque quando se discute uma problemática que envolve sobretudo questões pedagógicas que têm a ver com os nossos alunos que são o alvo preferencial para quem nós trabalhamos, eu acho que o grande benefício é esse.⁷⁸⁸ É poder ouvir o outro, poder enriquecer a nossa experiência pedagógica ouvindo o outro.⁷⁸⁹ O grande benefício é este. As dificuldades, penso que poderão ser essa falta de autonomia⁷⁹⁰ e também aquilo que há bocadito já foi dito, que é ... no início, muitas vezes nós discutíamos alongadamente questões nossas – do 2º e do 3º ciclo⁷⁹¹ – e realmente, como aqui já foi referido, os colegas do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância estavam em silêncio, a escutar, mais do que a participar, falando, comentando ou dando uma opinião.⁷⁹² Nesse aspecto eram mais ouvintes do que propriamente pessoas que expunham as suas ideias,⁷⁹³ porque grande parte dos trabalhos – ou da ordem de trabalhos – se dirigia, apesar de tudo, à escola B2,3.⁷⁹⁴ E realmente não deve ser fácil estar num órgão em que, pronto ... nem sempre eles são muito visíveis.⁷⁹⁵ Eles ainda não têm muito que repartir, não é? Penso eu que talvez tenha sido uma dificuldade. De qualquer modo, como se criou um clima – eu pelo menos apercebi-me disso – há medida que os meses iam passando, criou-se uma certa empatia entre nós,⁷⁹⁶ não é? Também não me pareceu que esse mau estar fosse assim tão, tão, tão pesado, como é evidente, mas realmente eles ... entraram um bocadinho, se calhar, de mansinho. Um bocadinho timidamente.⁷⁹⁷ Talvez tenha sido assim.

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora ...*

E11 – Então, eu acho que um dos benefícios – e vou voltar ao mesmo – eu acho que é o facto de eles nos conhecerem. Passarem a conhecer as nossas dificuldades, as nossas mais valias e

desvantagens.⁷⁹⁸ sei lá. Uma dificuldade foi aquilo que a minha colega do lado disse e foi estarem horas a ouvir-nos.⁷⁹⁹ E realmente foram muitas. Penso que este ano não é tanto assim – pelo menos é essa a percepção que eu tenho. Já falam um pouco mais.⁸⁰⁰ O outro aspecto que eu queria salientar – e eu não sei se isso é uma consequência, se é fruto da mudança de escolas – mas sei que todos os professores do 1º ciclo que estavam lá o ano passado representados, que representavam as suas escolas no Conselho Pedagógico, este ano não está lá nenhum.⁸⁰¹ Não sei se isso é só fruto de ... não me lembro ...

Mod. – *Senhora doutora ...*

E12 – Começando talvez pelas dificuldades. Eu penso que para além dessa dificuldade de eles estarem muitas horas a ouvir-nos,⁸⁰² penso que uma dificuldade que eles devem ter tido foi o facto de terem que tirar do horário deles - e eles têm um horário pesado - 25 horas suponho eu, mono docência, num horário muito seguido,⁸⁰³ e terem que... naquela altura ainda não havia o... a componente não lectiva, actualmente já existe e eles não a tinham, portanto... e no entanto eles tinham que estar na escola, tinham que vir mais umas quantas horas para a escola.⁸⁰⁴ Uma da... uma outra desvantagem que naquela altura me... era porque é que estavam a representar as escolas, não os...

E11 – Os níveis?

E12 – Não, não eram os níveis, eram os... os coordenadores. Os coordenadores. Havia ali uma situação que me fazia um bocadinho de confusão.

Mod. – *Vamos falar nisso. Há uma questão sobre esse ponto, logo em seguida, na sequência desta questão.*

E12 – Depois... vantagens. Eu penso que houve uma vantagem muito grande que foi a aproximação dos professores,⁸⁰⁵ porque nós temos às vezes um bocadinho... eu vou dizer só o seguinte: eu vim de uma escola secundária, passei por uma escola básica e havia muito aquela coisa que os do secundário olham-nos de uma maneira, depois os do 3º ciclo olham de outra maneira para os do 2º, e os do 2º depois já olham de outro modo para os do 1º e por aí fora.⁸⁰⁶ E acho que o facto de nos juntarmos todos passamos todos a olhar-nos como professores iguais.⁸⁰⁷ O que é que me interessa se ele é do 1º, se é do 3º ou do 2º? Esta parece-me que foi uma das vantagens. Nós olhamo-nos, não só nós a eles mas eles a nós, a não acharem que nós somos superiores a eles porque eu acho que às vezes eles achavam que nós pensávamos ser superiores a eles.⁸⁰⁸ O que não é... o que na verdade penso que não era isso que acontecia. E o facto de estarmos todos juntos e no mesmo órgão e a discutir as mesmas coisas, mesmo que timidamente no início, que nos uniu.⁸⁰⁹ Uniu como? Enquanto docentes e esquecermos um bocadinho os ciclos, se é ciclo...

Mod. – *Senhora Doutora...*

E13 – Eu penso que as... a vantagem, a grande vantagem foi essa. Achavam que nós tínhamos uma outra perspectiva de todos assuntos,⁸¹⁰ somos dos vários níveis de ensino... a questão de... da possibilidade... das horas para as reuniões, lembro-me que foi um bocadinho problemático⁸¹¹ de tal forma que, por exemplo, nós tivemos que mudar o horário do... do Pedagógico.⁸¹² O Pedagógico fazia-se a uma determinada hora e teve que ser mudado⁸¹³ porque era difícil conciliar a questão burocrática de se eleger um professor que eles achassem que os deviam representar no Conselho Pedagógico para ser quase aquele que tem a possibilidade de vir porque o seu horário permite.⁸¹⁴ Portanto esta é... enquanto que no nosso caso, como funcionamos por tempos lectivos, é mais fácil organizar o nosso horário se for A,

B, C ou D eleito, então o seu horário é feito em função desse... dessa necessidade, no caso do 1º ciclo e do Jardim-de-infância, especialmente no Jardim-de-infância, porque no 1º ciclo, alguns em algumas escolas, seria mais fácil uma vez que a escola funcionava em turno duplo, mas nas escolas em que funcionava em turno único, por exemplo, é evidente que teve que se alterar o horário do Pedagógico,⁸¹⁵ noutros casos ver quem é que está em condições de ter um horário que lhe permita vir e portanto eu penso que havia a certa altura essa questão – não eleger a pessoa ideal mas eleger a pessoa possível.⁸¹⁶

Mod. – *Senhor Doutor. Relativamente à questão...*

E9 – Não me trate por Doutor...

Mod. – *Compreende que estamos num momento formal...*

E9 – Doutores é médicos (risos). Duas questões. Dificuldades. Primeira grande questão: a questão horária, a carga horária, 1º ciclo, Jardim-de-infância.⁸¹⁷ Segunda: quando se trata de assuntos que dizem directamente respeito à nossa escola, mais específicos, há o sacrifício de terem que votar e tomar posições de coisas que não lhe dizem respeito, nem sabem porque é nem para que é que servem.⁸¹⁸ Acho que é difícil... quando acontece o contrário eu também fico assim um bocado... pronto. Vantagens: a grande vantagem na minha opinião é o facto de ficarem com a percepção total do que é que cada um faz nas diferentes escolas.⁸¹⁹ Acho que essa é... que eu salientaria assim.

Mod. - *Muito bem.*

E8 – Penso também em termos de benefícios... foi alargar os horizontes destes professores ou seja eles começaram a ter contacto com outras realidades,⁸²⁰ neste caso a realidade que era a Escola (--) E também o poderem ou irem interiorizando... também tinham uma posição a tomar, também nas decisões que... que até então eram só do conhecimento e só tinha importância para o 2º e para o 3º ciclos⁸²¹ e que agora eles devem efectivamente intervir porque agora somos Agrupamento.⁸²² Assim como nós temos uma posição a tomar em relação a coisas que são específicas do 1º ciclo ou do Jardim-de-infância, eles agora também vão intervir nas coisas que têm a ver directamente com a escola do 2º e 3º ciclo.⁸²³ Em relação a algumas dificuldades penso que este aumento da carga horária ou dos colegas terem que disponibilizar mais tempo no seu tempo que... que não é lectivo,⁸²⁴ que não é retirado da sua componente lectiva para participar no Conselho Pedagógico pode ser encarado efectivamente como uma... uma dificuldade. Mas isso é para esses colegas e é para todos nós. Também penso que este é um benefício para os colegas do 1º ciclo porque houve... para os colegas do 1º ciclo e também para nós, porque passou a haver uma... foi-se perdendo a pouco e pouco um certo “tabu” que existia entre o 1º ciclo e depois a escola... a nossa escola de 2º e 3º ciclo.⁸²⁵ Por isso, dá-me a ideia que os aspectos serão mais positivos do que propriamente negativos, ou independentemente de haver algumas dificuldades.

Mod. – *Muito bem. Voltamos atrás para complementar uma ideia...*

E9 – Só queria voltar a uma outra questão que foi levantada há bocado, que é o facto de existir secretaria para as escolas do 1º ciclo, para elas foi uma grande vantagem que não foi aqui referida. Tinham que ir às Delegações Escolares.⁸²⁶ Isso eu acho que foi muito vantajoso para eles. Lembrei-me agora porque é um aspecto que a minha mulher refere como vantagem nesse aspecto.

Mod. – *Muito bem. Muito obrigado. Relativamente a este ponto...*

E7 – Relativamente a este ponto e às vantagens... só pegando naquilo que foi dito aqui, portanto que, a agenda muitas vezes seria mais pesada para o 2º e 3º ciclo e que o 1º ciclo estaria mais... enfim, ficaria para o fim, ou teria menos tempo.⁸²⁷ Eu penso que essa realidade progressivamente vai desaparecendo,⁸²⁸ apesar de que evidentemente são 5 pessoas, porque são 5 escolas, enquanto que os outros são... é um Departamento!⁸²⁹ Portanto se quisermos dar igualmente um espaço, não é, para representatividade, naturalmente que é mais tempo por pessoa. Pronto! Não... mas de facto não é dado mais tempo ao 2º e 3º ciclos. Só de facto porque estão lá mais representantes só da escola... da escola mãe.⁸³⁰ Mas se eu fizer um levantamento dos assuntos que são tratados colectivamente, como por exemplo as visitas de estudo⁸³¹ ... As visitas de estudo, as nossas votadas por eles, as deles votadas por nós.⁸³² Portanto, são trazidas lá e são tratadas colectivamente. As próprias actividades. Todas elas que são implementadas são trazidas, portanto eles participam.⁸³³ Legislação e sua aplicação,⁸³⁴ não é, em que muitas vezes é global, como foram os planos de acompanhamento, os planos de recuperação, as fichas novas, etc, que eles também tinham.⁸³⁵ Portanto, eu estou a dizer coisas que ... para eles e para nós, para eles e para nós, e portanto não há aquela coisa de dizer assim: tratam-se só coisas do 3º ciclo e eles ficam para o fim meia horinha. Não é o caso, porque tudo aquilo que se está a tratar é intervenção total.⁸³⁶ E eu noto que cada vez eles estão mais inteirados das coisas e, portanto, participam e opinam e votam de uma forma mais elucidada.⁸³⁷ Porque também isto é um processo, de aprendizagem de todos nós.⁸³⁸ A sistematização ... sistematizar, por exemplo, as avaliações – há um balanço das avaliações.⁸³⁹ Eu lembro-me que, quando se fez um balanço das avaliações nós fazíamos um tipo de gráficos, eles traziam uns gráficos que eram por turmas, outra escola trazia mas era por anos e outra escola não sei o quê. E cada uma ... mas passaram todas a fazer a mesma coisa, porque entretanto se reuniram.⁸⁴⁰ Portanto, aquilo que aprendem aqui entre eles e muito também connosco, e nós com eles, vai criando uma uniformização.⁸⁴¹ E, portanto, se isto se conseguir fazer descer à comunidade educativa pode ... poderá ser positivo. Portanto, os critérios de avaliação, das escolhas dos manuais, os formulários – que parecendo que é um papel, mas eles vão sendo cada vez mais uniformizados.⁸⁴² Uniformizados não quer dizer que os nossos sejam iguais aos do 1º ciclo. Mas as preocupações que nós pusemos num formulário, em que pusemos determinados objectivos, etc, depois adequado ao 1º ciclo, eles fazem os deles mas a preocupação é a mesma.⁸⁴³ Depois, claro, quando se discute um Projecto Educativo de Agrupamento, um Projecto Curricular de Agrupamento, de novo, um Projecto ... um Plano Anual de Actividades, tudo isto é com a intervenção de todos.⁸⁴⁴ Portanto, não se pode dizer ... o balanço das avaliações ... e depois, claro, a tal avaliação externa que houve, ou os TEIP,⁸⁴⁵ ou não sei o quê ... tudo isto mexe com todas as escolas. Portanto, eu não noto que haja aqui ... há é maior número de representatividade, porque somos muitos departamentos, no Conselho Pedagógico.⁸⁴⁶ Agora, todos têm as suas realidades e, cada vez mais, há maior participação.⁸⁴⁷ Tenta-se de facto é que – eu pelo menos tento fazer que – umas vezes determinadas coisas são abordadas começando pelo 1º ciclo, outras vezes...⁸⁴⁸ Isto, enfim, é uma situação muito comezinha. Mas no início reparei que tinha a tendência ... porque ... de começar pelos departamentos e que o 1º ciclo ficava para o fim.⁸⁴⁹ Não quer dizer que tivesse menos tempo porque, enfim, o tempo era dado igualmente e nós temos que respeitar aquilo. Mas, de facto, era ... e depois comecei a alternar e às vezes pergunto: então, da outra vez as avaliações, começámos pelo 1º ciclo ou começámos pelo 2º e 3º?⁸⁵⁰ ... Ah, ... então vamos começar pelo 1º ciclo. Portanto, tentar que essa situação, para dar a situação de igualdade. Porque, de facto, também ... só dizer isto também. Uma coisa que pode mexer aqui ... mexe com o ser humano ... é também a questão do espaço.⁸⁵¹ E isso depois é uma questão de hábito.⁸⁵² Mas é assim ... são eles que têm que vir ao nosso edifício, e parecendo que não, eles vêm ao nosso edifício, à nossa sala, às nossas mesas, às nossas cadeiras ...⁸⁵³ e isso, no início, parecendo que não ... eles sentem que são eles que têm que vir, que estão aqui quase: por favor deixem-me entrar que eu agora cheguei e pertença a isto,⁸⁵⁴ não é? Portanto, o

espaço ... e penso que isto agora lentamente vai desaparecendo.⁸⁵⁴ Eu acho que as vantagens são ... são grandes.

Mod. – *Por fim ...*

E6 – A minha visão é a do primeiro ano,⁸⁵⁵ porque só tenho essa visão do primeiro ano, em que me lembro perfeitamente ... ainda há bocado me estava aqui a lembrar da primeira sessão ... em que os colegas estavam perfeitamente intimidados ao chegarem à nossa escola e sentarem, pronto, à nossa mesa. Completamente intimidados⁸⁵⁵ (risos e sorrisos), completamente abismados com os assuntos e com a nossa ... sei lá ... pedalada,⁸⁵⁶ entre aspas, não é? Porque falávamos coisas que eles, com outros problemas, outras perspectivas, outra maneira de viver e de fazer as coisas⁸⁵⁷ ... essa foi realmente ... eu penso que eles ficaram um bocadinho assustados. Nos primeiros Pedagógicos eles ficaram, realmente, um bocadinho assustados com aquilo tudo.⁸⁵⁸ Aquilo foi um mundo completamente novo que se abriu.⁸⁵⁹ Depois, portanto, estas primeiras dificuldades, penso que foram sendo ultrapassadas e depois eles chegaram à conclusão que são professores como nós e que realmente ... e que os problemas acabam por ser os mesmos ... o produto é o mesmo ... o objectivo é o mesmo ... o caminho é um bocadinho diferente, mas ...⁸⁶⁰ E agora estou a ouvir as colegas que já têm outra perspectiva, portanto, uma perspectiva mais actual, e consigo perceber que elas ultrapassaram ... que as colegas ultrapassaram essa primeira dificuldade da pressão e que agora ... sim, que estão a caminhar.⁸⁶¹

Mod. – *Muito bem. Uma outra questão ... nós agora estamos a entrar numa fase final e pedia-vos uma maior brevidade nas respostas, porque estamos a chegar ao limite do nosso tempo. Relativamente ainda a esta questão, só uma outra questão para a qual vos peço uma resposta rápida, que tem a ver com muito do que já disseram, mas gostaria só que salientassem nas respostas, que salientassem as vossas ideias ... esta questão entronca na anterior e, certamente, terão aqui uma perspectiva de que se vão repetir. Mas gostaria que focassem, rapidamente, dois ou três aspectos sobre esta questão, que é: na vossa percepção, portanto ... na sua percepção, que dificuldades e que benefícios terão sentido estes mesmos representantes do 1º ciclo por estar a representar a sua escola no Conselho ... isto é, não como indivíduos mas como representantes da sua escola. Será que sentiram que eles ... Qual é a percepção que têm relativamente àquilo que eles sentem, fazendo-se representar não só individualmente mas tendo a responsabilidade de fazer representar a sua escola aqui, junto ... dentro do Agrupamento e, portanto, num espaço bem maior. Não sei se fui claro na questão? Quer acrescentar alguma ideia relativamente a isto? Tem alguma percepção?*

E13 – Eu, a ideia que tenho, é que as pessoas neste momento ... abordam completamente à vontade as questões⁸⁶² e, nesse sentido, mostram também o valor que têm.⁸⁶³ Porque eu penso que muitos deles nem vieram propriamente absinto⁴ e soltos, como já aqui foi dito. Eu penso que eles tinham ... muitos deles têm uma riqueza muito grande e tomaram consciência disso.⁸⁶⁴ De que realmente estavam à vontade para mostrar todo um processo que vigorava nas suas escolas e, portanto, cada vez mais o revelam e sentem ... ganham confiança naturalmente.⁸⁶⁵ O espaço, como disse a minha colega, é importante, e neste momento já nem colocava ... já nem sentem tanto que é o nosso espaço⁸⁶⁶ e já começam também a ter – por questões logísticas terá que ser aqui, penso eu ... não sei ... mas é mais fácil – mas já sentem também um pouco esse espaço como deles⁸⁶⁶ e ...

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora ...*

⁴ Com sentimento de amargura e tristeza

E12 – Só acrescentar um bocadinho. Eu acho que alguns colegas já sentem, tanto que já se sentam connosco na sala de professores.⁸⁶⁷ Portanto, e já conversam e integram as nossas conversas.⁸⁶⁸ Eu dá-me a ideia que os que vieram representar pela primeira vez as suas escolas, devem ter, com certeza, sentido uma grande responsabilidade.⁸⁶⁹ Algumas escolas são relativamente pequenas e não terão muitos professores, mas por exemplo a que está aqui perto de nós, é uma escola bastante grande e com muitos professores. Portanto, a responsabilidade deverá ser mais acrescida.⁸⁷⁰ Portanto, era a responsabilidade de os vir representar e a responsabilidade de lhes transmitir o que era focado e tratado no Conselho Pedagógico.⁸⁷¹ ... Esta pergunta agora traz-me alguma curiosidade de saber realmente o que é que eles pensavam sobre isto. O que é que lhes passou ... porque algumas destas questões – e principalmente estas duas últimas – é uma perspectiva de nós nos colocarmos na posição deles e foi coisa que, na realidade, eu não o fiz. Portanto é mesmo só o estar a pensar que deverá ser assim. Mas penso que passou por aí, passou por essa situação.

Mod – *A sua opinião ...*

E11 – Não sei. Não tenho ... lá está. Nunca pensei nisso do lado de lá, não é? Não faço ... não tenho assim uma ideia muito formada sobre isso. Só acho uma coisa um bocadinho estranha e que de vez em quando vou pensando e que é: nós temos representantes de todas as escolas e do JI⁸⁷² e temos lá uma colega que representa o JI mas que está integrada numa escola. Eu não consigo perceber esta organização. Portanto, não sei como é que a organização foi feita, como é que apareceu em Conselho Pedagógico, ... Portanto, ela representa os JI, mas cada JI faz parte de uma escola e essa escola é representada por um elemento ... sim, sim, este ano houve esta ... não sei, não percebi. Eu gostava muito de perceber...

E12 – Já existia ... desculpa lá ... no ano de início era assim que acontecia.

E11 – E era. Só que este ano ...

E7 – Daquilo que eu me lembro ...

E9 – Esta é a única escola ... o único Jardim-de-Infância que está isolado.

E11 – Certo. Mas o que nós ... mas o que nós ... mas ... mas ela não está isolada. Ela está ...

E9 – Está.

(alguma confusão; várias pessoas tentaram falar ao mesmo tempo)

E11 – Deixem-me só explicar. Ela está isolada fisicamente. Mas está agrupada a uma escola. Mas está agrupada ... (acenos de discordância de algumas das pessoas) ... segundo o que eu percebi ...

E13 – Participa no Conselho de Docentes de uma escola.

E11 – Não, ela é agrupada à escola em termos ...

E13 – Agrupada é à nossa ...

E11 – Não, não é não ...

E13 – Desculpa, ...

E11 – ... não foi isso ...

E13 – Acredita! Aquilo que se passa é que essa escola – o JI que está isolado – como era preciso ... os outros JI's estão em escolas de 1º ciclo e há o JI que funciona num espaço isolado. Como essa colega não tinha espaço ... ia reunir com quem, não é? Não era um Conselho de Docentes de um professor ... de um docente. E, portanto, essa docente reúne com o Conselho de Docentes de uma escola ... da escola que lhe está mais próxima. E que, portanto, é a única no Agrupamento ...

E11 – Mas não foi isso ... não foi isso ... não foi isso que eu percebi, que eu percebi. E, portanto ... Esta representatividade é um bocadinho estranha porque ... ou bem que a colega ... ou representa todos os JI ... ou ...

E9 – E representa ... e representa ...

E11 – Mas não...

E9 – Foi eleita pelas mesmas ...

(continuou algum burburinho, que motivou a intervenção do moderador, uma vez que esta discussão se estava a afastar dos objectivos do grupo focal⁵)

Mod. – *Vamos ter que adiantar ideias. Peço desculpa, mas vamos ouvir ... peço desculpa.*

E10 – Quando coloco a questão em termos de ...

Mod. – *Vamos ouvir, por favor. Peço desculpa.*

E10 – ... o que é que eles pensariam, o que é que eles achariam, eu para já não ponho aqui a questão das dificuldades. Os benefícios, um deles já foi dito, eu acho que eles quiseram, gostaram de mostrar grandes responsabilidades, de facto, e de estar à altura.⁸⁷³ Depois, orgulho por mostrarem o que se faz e como se faz.⁸⁷⁴ Houve muitas vezes intervenções nesse sentido e à espera até da nossa receptividade, da nossa adesão, do nosso aplauso, mesmo ... perante aquilo que eles nos estavam a mostrar.⁸⁷⁵ Vontade de querer estabelecer laços, também, connosco.⁸⁷⁶ À partida, penso que foi isso.

Mod. – Muito obrigado.

⁵ **Nota:** A representante dos Jardins-de-Infância no Conselho Pedagógico foi eleita pelas educadoras de todos os JI do Agrupamento e está presente no Conselho Pedagógico nessa condição. Por coincidência, é a educadora do único JI que está fisicamente isolado de uma escola do 1º ciclo. Como tal, assiste e participa nas reuniões de Conselho de Docentes da escola do 1º ciclo mais próxima. A confusão advém do facto de, por desconhecimento e por inexperiência, esta representante não reunir periodicamente com as outras educadoras, para que essa representação possa acontecer de forma efectiva. Essa ausência de reunião conjunta entre todas as educadoras tem feito com que os assuntos relativos aos Jardins-de-Infância tenham sido trazidos ao Conselho Pedagógico pelos representantes de cada uma das escolas do 1º ciclo que integram, no seu edifício e no seu Conselho de Docentes, as educadoras respectivas. Existe uma discrepância entre a legalidade e o efectivo desempenho de funções.

E6 – A minha opinião é exactamente igual à da minha colega que acabou de falar. Portanto, não vou acrescentar mais nada.

Mod – *Muito bem. Senhora doutora ...*

E7 – Eu ia só dizer isto da dificuldade ... eu ia só dizer isto. Eu acho que a dificuldade de representatividade relativamente às escolas é a mesma relativamente aos departamentos.⁸⁷⁷ Interessa é quem representamos e a dificuldade de decidir pelos outros quando é necessário.⁸⁷⁸ É assim, eles apenas estão num espaço diferente, mas há aqui departamentos que representam mais pessoas do que as escolas ali representadas. Portanto, se a dificuldade é quem representamos, é menos difícil representar três professores ... aliás quatro professores de uma escola, como é a número (--), que são só um por cada ano, do que representar um departamento, que são vinte e tal pessoas.⁸⁷⁹ Portanto, se é uma dificuldade de representatividade é tão difícil como representar o departamento.

Mod. – *Muito bem. Senhora doutora ...*

E8 – Eu penso que os colegas do 1º ciclo, a pouco e pouco, com a convivência no Conselho Pedagógico foram ganhando outra ... uma outra autonomia⁸⁸⁰ e também começaram a reconhecer e a valorizar mais o seu trabalho e a sua capacidade de trabalho.⁸⁸¹ Porque esse trabalho foi reconhecido pelos outros elementos do Conselho Pedagógico.⁸⁸² Isso eu penso que eles foram sentindo. Que o seu trabalho era ali valorizado e que ele era, efectivamente, um trabalho que era ... que se podia perfeitamente equiparar ao trabalho que nós fazíamos no 2º e no 3º ciclo,⁸⁸³ e que não tinham por isso que ter qualquer tipo de vergonha ou qualquer tipo de receio em o apresentar. Por outro lado, nós ... eu senti isso ... fui verificando que, pela experiência dos vários colegas do 1º ciclo que têm passado pelo Conselho Pedagógico, nestas duas fases, que eram pessoas com uma capacidade de trabalho excepcional, que se empenhavam a fundo nas coisas,⁸⁸⁴ que estavam ávidos de aprender e de fazer melhor,⁸⁸⁵ e estavam preparados efectivamente para partilhar as suas coisas connosco.⁸⁸⁶ E nós também. Fomos sentindo também essa necessidade de partilhar com eles coisas, e criamos depois algo que fosse comum.

Mod. – *Muito bem. Muito obrigado. Faz favor ...*

E9 – Concorro plenamente com o que aqui já foi dito. Não sei se têm algum benefício a nível monetário ou não, como antigamente havia só para os presidentes dos Conselhos Executivos, não faço ideia ... Mas penso que terão grandes sacrifícios a nível pessoal na representatividade da sua escola,⁸⁸⁷ como todos nós, quando vamos para estes cargos.

Mod. – *Muito bem, muito obrigado. Vamos então entrar na fase final das questões e pediam-vos, dentro do possível, uma resposta o mais telegráfica possível sendo que uma das questões vai ao encontro de algo que já foi aqui abordado anteriormente. E a questão, e vou começar por si novamente... e peço-vos então, sinceramente – já que estamos a chegar ao limite do nosso tempo – dentro do possível, uma resposta o mais telegráfica possível. Portanto, o representante – já aqui estávamos a falar há pouco – o representante do 1º ciclo no Conselho Pedagógico não é o coordenador do estabelecimento. Que factores positivos ou negativos poderão resultar desse facto?*

E10 – É assim, na altura eu tinha consciência de que não era, não era. Eu não tenho bem a noção, porque não domino bem, realmente, as competências dos cargos, mas parece-me que deve ser difícil porque o coordenador de estabelecimento – da escola – deve ter uma visão tão

alargada da complexidade de gestão da escola e, se calhar, poderia representar com mais facilidade, porque domina, de facto, essa gestão.⁸⁸⁸ Não sei dizer mais nada em relação a isso.

Mod. – *Muito obrigado.*

E11 – Eu penso que não sendo a mesma pessoa é capaz de haver uma dispersão de informação.⁸⁸⁹ não é, ou informação que se desconhece na passagem e na vinda.⁸⁹⁰ É a grande desvantagem.

E12 – Eu fiquei com essa ideia, nesse ano que eu estive no Pedagógico, que realmente havia alguma dificuldade depois de comunicação, daquilo que se passava no Pedagógico passar para o coordenador, que depois por sua vez iria passar ao Conselho de Docentes.⁸⁹¹ Eu penso que depois aí, nessa transmissão, que se perderia ... que se perdia com certeza alguma informação e também no contrário, no ... no ... na vinda das informações de um lado para o outro.⁸⁹² E foi essa a sensação com que fiquei. Mas é, muito sinceramente, isto já foi há três anos e é uma sensação mesmo. Mas pronto, já perdi um bocadinho esse contacto.

E13 – A minha impressão também já vem da mesma altura, mas eu penso que os problemas são os mesmos que nós temos, na contradição entre as decisões de carácter predominantemente pedagógico e as decisões de carácter predominantemente executivo.⁸⁹³ digamos assim, ou de gestão pura e dura. Porque ... e essa questão também se coloca aqui nesta escola. Ou seja, também muitas das vezes um órgão que é um órgão que toma ... que pode tomar decisões, que por exemplo não correspondam às decisões do Executivo. E o Conselho de Docentes tem um carácter mais pedagógico, o coordenador de estabelecimento tem um carácter que atende mais à questão da gestão pura.⁸⁹⁴ E, portanto, às vezes pode haver algum choque.⁸⁹⁵ como há aqui. Portanto, essa ... essa gestão ... os dois caracteres ... eu penso que não estão inteiramente resolvidas, nem num espaço nem no outro.

Mod. – *Muito obrigado.*

E9 – Estou de acordo com o que disse a minha colega e levanto a questão ... E porque é que não é? ...

Mod. – *Claro ...*

E8 – Eu para mim penso que isto é uma medida de liberalizar ou mesmo democratizar a participação num órgão ... ou nos vários órgãos.⁸⁹⁶ Eu penso que pode ser positivo, porque concordo com a colega que falou que há efectivamente funções diferenciadas e penso que o coordenador do estabelecimento está muito mais ligado ao poder executivo, enquanto que os elementos que participam no Conselho Pedagógico estarão muito mais ligados a um poder legislativo.⁸⁹⁷ se quisermos assim dizer.

E7 – Na dificuldade é mais a coordenação da informação.⁸⁹⁸ Não posso ... que por vezes pode acontecer. Não tenho percepcionado muito porque aquilo que sai do Conselho Pedagógico é, sem grande ... não temos tido “feedback” da dificuldade de implementação daquilo que vai do Conselho Pedagógico à coordenação do estabelecimento. E portanto, pode haver, às vezes, é dificuldade da informação chegar.⁸⁹⁹ Mas mesmo assim não é muito representativo.

E6 – Pois eu também ... eu logo no primeiro ano, nunca percebi porquê que não era o coordenador e era o representante e continuo com a mesma questão. Portanto, também não

vou acrescentar nada, porque também não consigo perceber porquê que não é o mesmo ... não é um e é outro.

Mod. – *Muito bem.*

E6 – Como também só estive um ano não deu para perceber como é que as coisas articulavam.

Mod. – *Então entramos mesmo na fase final deste grupo focal, com uma última questão, e vou começar agora por si. Em relação a si, que diferenças e/ou semelhanças identifica entre o seu desempenho e participação no Conselho Pedagógico antes da constituição do Agrupamento e depois da constituição do Agrupamento?*

E9 – Nunca pensei nisso. Prefiro pensar antes assim: o que foi, foi; o que está a ser é aquilo que interessa agora. Portanto, o que foi, foi naquela altura, fui obrigado agora a reflectir sobre estas questões que foram aqui levantadas. Porque, de facto, nunca tinha pensado nelas como aqui foi feito. E a minha postura actualmente é tentar com a realidade, vivenciando no dia-a-dia, produzir melhor, servindo o grupo e a escola e o Agrupamento.⁹⁰⁰

Mod. – *Muito bem ...*

E9 – É tão fácil como isto.

E8 – Eu ...há efectivamente alterações, mas também essas alterações poderão ter a ver com, também ... aquilo que eu represento no Conselho Pedagógico. Também, digamos que, fui representando coisas diferentes ao longo da minha passagem já de vários anos pelos ... por vários Conselhos Pedagógicos. Em termos de ... da actualidade, penso que quer antes, quer agora, neste momento, a minha posição pautou-se sempre por ... por tentar participar o melhor possível, sempre de uma forma positiva e com uma posição de partilha com os colegas que fazem parte do Conselho Pedagógico.⁹⁰¹ Por isso, a esse nível, acho que não há ... que não há qualquer diferença, não é? Aqui, agora, com o Agrupamento, aquilo que eu sinto é talvez a possibilidade de aprender um pouco mais.⁹⁰² Porque agora fazem parte deste Conselho Pedagógico colegas que vinham de uma realidade que eu efectivamente não conhecia e que agora estou a conhecer.⁹⁰³ e que considero que é muito, muito útil para melhorar os meus conhecimentos⁹⁰⁴ e também poder partilhar com eles as minhas experiências.⁹⁰⁵

Mod. – *Muito obrigado. Senhora doutora ...*

E7 – A diferença que eu sinto ... só isto: muito, muito, muito, muito mais trabalho!⁹⁰⁶ Não posso dizer mais nada. (risos)

Mod. – *Muito Obrigado. Senhora doutora ...*

E6 – Pronto ... eu antes preocupava-me mais ao nível da minha disciplina e centrava-me nos problemas da nossa escola.⁹⁰⁷ Agora, penso que com um grupo muito mais alargado, fazemos parte de algo maior, algo que é ... que é nosso ... da nossa comunidade, e que estamos a preparar um caminho que, penso eu, vamos melhorar.⁹⁰⁸ Que vamos melhorar!

E10 – Também não notei assim grandes ... portanto, em termos de diferenças e semelhanças ... apenas que realmente no ... portanto, quando vivi a experiência do Agrupamento foram colocadas exigências um bocadinho diferentes⁹⁰⁹ e eu tive que tentar ... pronto ... contactar

com novas competências, por exemplo, quando nós produzíamos documentos comuns, não é, todos em conjunto, daí que de facto as exigências eram outras e, obviamente, o meu desempenho deverá ... deveria ter, com certeza, outras “nuances”. Mas de resto, tentei de facto, se calhar na mesma ser competente ou igualmente competente, no antes e no depois.⁹¹⁰

Mod. – Obrigado.

E11 – Eu também tentei sempre fazer o melhor que sei, que sabia, dar sempre o máximo, numa perspectiva sempre construtiva, no sentido de melhorar⁹¹¹ ... de ... de ... positivamente. É claro que ... há sempre muitas dificuldades e nem sempre é fácil fazer a gestão daquilo que se decide lá,⁹¹² porque com as intenções e com as vontades de cada grupo – ou de cada departamento, não é, porque agora são mais pessoas – isto é sempre uma luta entre aquilo que se quer e aquilo que se consegue e aquilo que se pode ter ... e é sempre difícil.⁹¹³

E12 – Eu estava aqui na dúvida se era a minha participação enquanto professor do Pedagógico ou enquanto professor da escola ...

Mod. – *Enquanto membro do Pedagógico.*

E12 – No Pedagógico. Portanto, enquanto membro do Pedagógico e devido ao cargo que eu desempenhava ... portanto, penso que não trouxe grandes alterações na minha maneira de estar ou de actuar. Trouxe-me, sim, um enriquecimento porque me alargou realmente alguns horizontes e porque passei a conhecer como é que funcionava – pelo menos alguns aspectos – as escolas do 1º ciclo e da pré que eu não conhecia.⁹¹⁴ Muito honestamente, eu não sabia muito bem como é que eles funcionavam – por exemplo, eu estou a pensar ao nível da avaliação. Eu não fazia ideia que eles faziam Conselhos de Ano, que eles ... e isso enriqueceu-me. Portanto, fiquei a perceber melhor como é que eles funcionavam.⁹¹⁵ E foi por aí, especialmente, a diferença. Foi mais do conhecer do que, propriamente, alterar a minha atitude, o meu desempenho.

Mod. – *Por fim ...*

E13 – A nível do desempenho, procurei ter o melhor possível e o melhor que eu era capaz ...⁹¹⁶ só alguma coisa de anedótico. Era um bocado ... é um bocado o ter que ter cuidado com alguma linguagem.⁹¹⁷ Eu lembro-me que das coisas que primeiro – é quase anedótico – mas eu lembro-me ... por exemplo, eu dizia “educadora infantil”, (risos) o “ensino primário”,⁹¹⁷ ... realmente, por exemplo. E essas coisas que realmente são anedóticas, mas que ao mesmo tempo nos levam a pensar. Eu acho que nos enriqueceu, não foi, porque ... porque é assim ... realmente, mas que disparate! E eu achei que isso foi positivo (riu-se) embora no início as colegas se sentiam um bocadinho magoadas.⁹¹⁸ Lembro-me disso. (risos e sorrisos) Realmente nós dizíamos aquilo espontaneamente e era ... penso que na minha cabeça não se traduzia por conceitos diferentes, mas que realmente foi ter clarificar isso ... é ... é ... era por aí a mudança. E por isso achei que ...

Mod. – *Vamos entrar nos minutos finais ... quer dizer mais alguma coisa?*

E7 – Uma coisinha muito rápida, que é só para dizer que também se torna mais difícil a questão do Conselho Pedagógico hoje, não só por sermos Agrupamento mas também porque as medidas impostas a nível do Ministério da Educação são muito impopulares e são muito negativas para a classe dos professores.⁹¹⁹ E depois são os órgãos: a gestão – e a gestão falará por si – mas também o Conselho Pedagógico, que depois tem que gerir e aplicar aquilo que

nos é imposto.⁹²⁰ e portanto é mais difícil às vezes fazer – e volto outra vez a usar o termo descer, não é – implementar junto daqueles que nós representamos aquilo que o Conselho Pedagógico decidiu, mas decidiu face a uma obrigatoriedade legislativa ou ministerial.⁹²¹ E, portanto, muitas vezes ... aqui não é o mexilhão que paga (risos) mas é aquele que está no meio da “sanduíche”. Não é o Ministério da Educação porque esse nem cá está e não é o “mexilhão”, que é o que leva em cima. É quem está no meio, que é o primeiro a apanhar. É o primeiro a apanhar porque é o que está logo em cima. (manifestações de concordância por parte dos outros elementos) e portanto ... vocês decidiram! Por outro lado – isto é só uma dificuldade ao nível do Conselho Pedagógico, pronto. Outra coisa só a nível do meu desempenho, que eu há bocadinho falei do muito trabalho, só uma coisa que eu acho que se torna muito positivo também. É que temos mais a noção de escola, de Agrupamento, de realidade, de comunidade educativa.⁹²² E, portanto, isso no nosso trabalho ... o nosso trabalho altera-se nesse sentido, mesmo quando representamos os nossos colegas, ou quando estamos com eles ... não é?

E12 – Eu só queria aqui referir o aspecto de nós podermos trabalhar sem estar no Pedagógico, em outros projectos com colegas do 1º ciclo ...⁹²³

E13 – Exacto.

E12 – ... do 1º ciclo ou da pré. Mas ... porque isto, de facto, de estarmos em Agrupamento tem trazido isso e espero que continue e até aumente. Que aumente, porque é extremamente enriquecedor nós podermos trabalhar com os colegas do 1º ciclo.⁹²⁴

Mod. – *Muito bem, vocês inclusive já se adiantaram num apontamento final que eu, antes de terminar, punha à consideração de todos o quererem fazer um último apontamento ou um último comentário ou consideração final – que no fundo já aqui foram feitas – mas que gostariam de fazer sobre o tema em estudo – e que foi aqui abordado durante estas duas horas e dez minutos – acrescentando ou realçando algo a tudo em relação a tudo o que já se disse. Convido-vos, se quiserem, a dizer mais alguma coisa que não foi dita, deixarmos este momento final para ... ou já foi tudo dito e consideram que ... Eu sei que já estamos cansados e todos estão a pensar rapidamente ir para casa, mas se quiserem dizer um apontamento final ...*

E8 – Eu queria só reforçar esta questão do contacto com os colegas do 1º ciclo e dos Jardins-de-Infância, que para mim tem sido uma experiência efectivamente muito positiva,⁹²⁵ que me permitiu ... eu ... quando nós não participamos nas coisas, às vezes temos uma ideia diferente e depois, quando no Conselho Pedagógico começámos a ter que conviver com esta realidade, eu fui descobrindo que efectivamente estava um bocadinho deslocada porque, digamos que valorizava demais o nosso papel aqui no 2º e no 3º ciclo e não dava efectivamente – ou não valorizava como devia – o trabalho espectacular que os colegas do Jardim-de-Infância e do 1º ciclo têm que fazer.⁹²⁶ Não que eu alguma vez que eles ... que era algo menos importante, mas não estava, não tinha consciência plena, não só das dificuldades que eles têm,⁹²⁷ mas também do trabalho de grande valor que eles vão fazendo diariamente com os alunos que têm.⁹²⁸ E isso, para mim, digamos que é o aspecto mais positivo desde que nós nos transformámos em Agrupamento. Acho que melhorei, também, com este contacto ... acho que melhorei como ser humano.⁹²⁹

Mod. – *Muito obrigado.*

E7 – Só um último apontamento. É que tudo isto que nós falámos ... falámos em relação à nossa aprendizagem, falámos em relação a nós – na mudança como pessoa, como foi dito

aqui, ou outras situações. Agora eu acho que o passo seguinte – isto é o passo de quem está no início – o passo seguinte é alterar a nossa prestação educativa,⁹³⁰ que é para isso que estamos aqui. Ou seja, não é a alteração só nossa, é que isso depois se reflecta naquilo ... naqueles a quem depois nós servimos, que são os nossos alunos. Dentro da medida da nossa possibilidade.⁹³¹

Mod. – *Faz favor ...*

E9 – Eu gostava de vivenciar esta experiência com outras condições a nível de estruturas⁹³² *(acenos e palavras de concordância)* – nas salas, número de alunos e turnos de funcionamento ...⁹³²

E11 – Exacto ... eu também gostava!

E9 – Aí sim, penso que efectivamente aquilo que produziríamos e os efeitos que teria sobre o Agrupamento e a comunidade escolar seriam muito, mas muito, melhores.⁹³³

E11 – Estaríamos no paraíso. *(risos)*

E9 – Talvez! Mas essa era a experiência que eu gostava de fazer.

Mod. – *Muito bem. Mais algum apontamento? ... Então, nesse caso, agradeço a vossa atenção, a vossa disponibilidade, o vosso empenho e empatia ... e simpatia. Sem o vosso contributo este estudo não teria qualquer interesse ou hipótese de sucesso. Obrigado, então, pela vossa presença e pela vossa colaboração. Muito Obrigado.*

Anexo XIX
*Enquadramento entre as frases significativas do Grupo Focal
e os Objectivos da Investigação*

GRUPO FOCAL

ENQUADRAMENTO ENTRE AS FRASES SIGNIFICATIVAS DO GRUPO FOCAL E OS OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Grupo Focal – docentes que estiveram no CP antes e depois da formação do
Agrupamento Vertical de Escolas

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	632. “(...) as coisas eram muito mais preparadas” [E9] 633. “(...) o anterior delegado, que era o que representava os grupos disciplinares, trazia os assuntos correntes e que eram muito trabalhados em grupo.” [E9] 645. “Anteriormente, os assuntos eram claros, eram da escola, iam ao grupo, depois traziam ... havia já uma rotina,” [E9] 648. “(...) tinha uma ordem de trabalhos mais restrita.” [E8] 649. “(...) era num âmbito muito mais restrito, porque era a nossa própria escola e era também a nossa vivência do dia-a-dia.” [E8] 654. “(...) nós começámos logo a sentir uma grande diferença quando foi ... quando deixaram de estar representados no Pedagógico os delegados de grupo e passou a estar o chefe de departamento,” [E8] 655. “Isso foi já uma primeira revolução na escola,” [em relação aos delegados de grupo serem substituídos pelos chefes de departamento no CP] [E8] 656. “(...) as pessoas sentiram aí uma ... alguma perda de informação, porque quando estava representado o delegado de grupo, penso que a comunicação era mais rápida e poderia ser ... poderia ser mais eficaz.” [E8] 657. “(...) com o desaparecimento efectivamente dos delegados de grupo passou a ser mais complicado, mais complexo, fazer passar essa comunicação.” [E8] 698. “(...) havia realmente uma dinâmica enorme porque a comunicação era mais rápida, a dinâmica era muito mais eficaz.” [E6] 699. “(...) a nível dos delegados, eles levavam para Pedagógico questões concretas, que eram ali debatidas e que eram ... e que davam um dinamismo, e que se resolviam e que faziam andar a escola.” [E6] 707. “(...) onde realmente resolvíamos e transmitíamos preocupações, e transmitíamos experiências e às vezes até ... servia até como um confessionalário para certas pessoas” [E6] 708. “(...) havia um aliviar de alguma tensão” [E6] 719. “(...) no antes nós estávamos muito centradas em nós, portanto, na nossa realidade, nos nossos temas, nas nossas problemáticas e realmente resolvíamos tudo entre o Pedagógico e o departamento ou o grupo” [E11] 720. “(...) ficávamos muito entre nós e resolvíamos realmente tudo. Tínhamos tempo.” [E11] 733. “(...) nós termos perdido a figura do delegado para um coordenador, houve realmente perda de informação e de identidade dos grupos.” [E11] 735. “(...) uma que é a situação muito mais antiga que se falava, em que nós tínhamos os delegados ou representantes do grupo, isso eram Conselhos Pedagógicos que eram presididos pelo Presidente da Escola, na altura do Conselho Directivo e havia todos os representantes de grupo de... isso era... também era pesado.” [E12] 736. “(...) eram muitas ideias, muitas cabeças.” [E12] 737. “(...) cada uma representava um grupo restrito de pessoas mas também era complicado;” [E12] 738. “(...) nova situação (...) dos Departamentos (...) houve uma diminuição do número... ao haver uma diminuição do número de elementos facilitou o trabalho do Conselho Pedagógico.” [E12] 739. “(...) havia menos gente a dar as opiniões, as opiniões acabam por poderem ser mais debatidas porque havia menos gente” [E12] 748. “Eu penso que o caos existia antes (...) antes era o nosso caos” [E13] 750. “(...) sempre houve uma certa agitação.” [E13] 751. “(...) o coordenador do departamento ia ao Pedagógico, o coordenador depois reunia com os... fazia uma reunião com os delegados e depois os delegados reuniam a nível de... de grupo disciplinar e portanto é evidente que se podia perder alguma informação,” [E13]

Continua

Continuação

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
1. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas	752. “Era mais dinâmico na medida em que havia realmente, como já alguém disse, menos gente a tomar decisões, a intervir” [E13] 753. “(...) praticamente toda a gente gosta de acrescentar mais qualquer coisa e portanto isto às vezes leva a que as coisas se prolonguem e não... não sejam muito eficientes.” [E13] 768. “(...) as pessoas tinham reduções para efectivamente fazerem essas reuniões de trabalho.” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	634. “Com o alargar, no depois, do raio de acção, da temática (...) torna-se um bocadinho mais disperso, mais difícil de se perceber qual é a natureza dos trabalhos que têm que se fazer agora.” [E9] 635. “(...) estamos no início deste processo todo em que é preciso acertar documentação de registo, fichas” [E9] 636. “Provavelmente para o próximo ano como estas matérias já estarão devidamente tratadas outras virão” [E9] 637. “(...) basta mudar os membros do Conselho Pedagógico para mudar a dinâmica,” [E9] 638. “(...) onde eu noto mais diferença é a temática que é lá abordada,” [E9] 639. “(...) trata de assuntos desde o Jardim ... o pré-escolar ao nosso.” [E9] 640. “(...) quem ficou a perder – se é que alguém perde aqui – foi a escola sede porque deixou de ter um Conselho Pedagógico próprio para tratamento das questões próprias da escola.” [E9] 641. “Quando vimos para Conselho Pedagógico, já anteriormente as escolas do 1º ciclo trataram em Conselho Escolar as temáticas deles.” [E9] 642. “Nós não. Perdemos isso.” [em relação à possibilidade de reunir apenas a EB2,3] [E9] 643. “Provavelmente se existisse essa possibilidade, quando fôssemos a um Conselho de Agrupamento os assuntos já estariam mais trabalhados” [em relação à possibilidade de reunir apenas a EB2,3] [E9] 644. “Estamos é a ter dificuldades.” [E9] 646. “Como há uma mudança, quem perdeu fomos nós” [E9] 647. “(...) estamos a adaptar-nos. A ver se tiramos vantagens daquilo.” [E9] 650. “(...) o raio de acção é muito maior, o que nos tem criado várias dificuldades” [E8] 651. “(...) ainda estamos um bocadinho, digamos, em estado quase que de choque em relação às coisas novas que vão surgindo constantemente.” [E8] 652. “(...) os problemas residem agora nesta maior abrangência” [E8] 653. “(...) houve alterações tão significativas em termos legislativos que estão ligados ao ensino que obrigou o Conselho Pedagógico a ter ... a tomar posições muitas vezes sem ter tempo suficiente para ... para reflectir efectivamente sobre aquilo que se está efectivamente a passar e a resposta que será mais correcta dar, e que nos é exigido que se dê rapidamente.” [E8] 658. “(...) um departamento é composto ... é muito grande, tem muitos elementos.” [E8] 659. “(...) prejudicou ou que poderá prejudicar os próprios trabalhos do Conselho Pedagógico.” [o tamanho dos departamentos] [E8] 660. “(...) a carga de trabalho que o próprio Conselho Pedagógico tem com o facto de ser Agrupamento,” [E7] 661. “(...) há mais problemáticas,” [E7] 662. “(...) há mais níveis de ensino” [E7] 663. “São depois as problemáticas dos espaços em si, porque uma escola – apesar de ser do 1º ciclo, como a outra escola é do 1º ciclo e a outra também – mas depois têm realidades diferentes a nível dos espaços, a nível dos serviços, a nível da escola.” [E7] 664. “(...) nós ainda estamos no início de tudo isto” [E7] 665. “(...) há um Projecto Educativo de Agrupamento que, apesar de ser da, enfim, da responsabilidade do Conselho Executivo, há depois que ser analisado, avaliado no Conselho Pedagógico.” [E7]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	666. “(...) ler documentos, reformular, participar.” [E7] 667. “(...) o Projecto Curricular de Agrupamento que envolve tudo o que é curricular (...) demora muito tempo também,” [E7] 668. “Só a apresentação do Plano Anual de Actividades dos vários departamentos e das escolas do 1º ciclo é, só isso, horas e horas infindáveis.” [E7] 669. “A avaliação externa implicou o repensar de situações, implicou depois o reflectir sobre a avaliação externa, implicou as sugestões sobre essa avaliação externa ... tudo isto foram meses.” [E7] 670. “Depois a proposta para os TEIP.” [E7] 671. “E depois são as propostas e as informações e as reformulações e as sugestões. E vai à base e volta acima, e volta acima e faz propostas e vai à base e volta acima.” [E7] 672. “(...) é uma imensidade para além do que é normal.” [E7] 673. “(...) reformas que vieram a nível ministerial: tivemos a reforma na avaliação – tivemos que fazer documentos novos, tivemos que fazer planificações novas, tivemos que alterar documentos, etc – na distribuição da carga horária – e porque há carga do tempo não lectivo, e porque há que distribuir, e porque há que ver.” [E7] 674. “(...) a análise dos relatórios e das propostas e dos projectos para os vários espaços.” [E7] 675. “(...) a questão das substituições, e os clubes, e os projectos da sala de estudo” [E7] 676. “(...) somos representantes dos departamentos, não é, mas depois em cada departamento são as pessoas dos vários espaços, dos vários clubes, das várias coisas, e quando nós chegamos ao Conselho Pedagógico não somos apenas representantes no aspecto curricular” [E7] 677. “(...) somos também representantes daquilo que vem dos vários clubes e que é dito no nosso departamento, sobre as substituições, sobre os documentos que foram aprovados,” [E7] 678. “(...) fomos apanhados com a mudança para Agrupamento que traz logo a criação de dinâmicas novas, como são o Regulamento Interno, como são os Projectos Educativos, como são Planos Anuais de Actividades, como é o Projecto Curricular de Agrupamento,” [E7] 679. “(...) a entrada na avaliação externa, o que isso implicou. E depois o que veio da avaliação externa e o que implicou a avaliação da avaliação externa ... fomos avaliados internamente da avaliação da avaliação, por causa da avaliação,” [E7] 680. “Depois a questão dos TEIP, que implicam também alterações, e que há sempre informações a dar,” [E7] 681. “O próprio Ministério da Educação que ... é uma sobrecarga grande a nível da gestão, porque marca reuniões,” [E7] 682. “E agora são as provas de aferição que são obrigatórias todos os anos” [E7] 683. “(...) há uma comissão, e porque traz informações, e que leva a Pedagógico, e são as listas, e são os horários, e são as salas ... e tudo vai a Pedagógico para ser aprovado” [E7] 684. “Tudo vai a Pedagógico para ser aprovado! E tudo isto vezes seis escolas!” [E7] 685. “(...) é um peso imenso” [E7] 686. “(...)É difícil para nós digerir (riu-se) ... difícil de gerir e digerir!” [E7] 687. “(...) a articulação, de facto, pedagógica ... não há tempo.” [E7] 688. “(...) o Conselho Pedagógico passou a ser de várias escolas e deixou de ser só da nossa escola,” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	689. “(...) são reuniões de departamento, são reuniões de grupo, são reuniões de directores de turma, são reuniões dos espaços, são reuniões dos órgãos a que pertencemos – mil e uns – ... onde é que está a possibilidade mensal ... mensal!” [E7] 690. “Onde é que está o espaço ... o espaço!! ... para podermos reunir em coordenadores de departamento (...) para podermos pensar seja o que for?” [E7] 691. “(...) é muito difícil!” [E7] 692. “(...) em cada Conselho Pedagógico nós chegamos a aprovar dez e doze visitas de estudo ... onde vamos analisar intervenientes, objectivos, locais, orçamentos” [E7] 693. “(...) se nós quiséssemos cumprir o horário de um Conselho Pedagógico, nem sequer tínhamos possibilidade de os fazer como deve ser.” [E7] 694. “(...) acabam às dez da noite, porque tudo é para amanhã.” [E7] 695. “As visitas de estudo são para a semana,” [E7] 696. “(...) os projectos são para implementar,” [E7] 697. “(...) aquilo é para levar amanhã ao Ministério da Educação” [E7] 700. “(...) os coordenadores – e porque muitas vezes os departamentos têm muitas disciplinas – perdem-se. Perde-se muita informação.” [E6] 701. “Perde-se muita informação. Perde-se muito tempo a discutir muita coisa.” [E6] 702. “(...) deixámos realmente de ter um espaço nosso, para debater os nossos problemas.” [E6] 703. “(...) nós temos muitos problemas na realidade e que têm que ser debatidos, têm que ser resolvidos (...) e não conseguimos debatê-los.” [E6] 704. “(...) para além destes nossos problemas vêm os outros todos.” [E6] 705. “Com estes problemas todos, com esta carga de trabalhos enorme, com uma ordem de trabalhos que é absolutamente ... nem sei qual é o adjectivo que posso aplicar” [E6] 706. “(...) perdemos muito em deixar de ter um espaço nosso,” [E6] 709. “(...) no Pedagógico alargado, não há esse ... espaço.” [E6] 710. “Tem sido uma complexidade de ficar «esmagado»” [E10] 711. “As exigências que são necessárias para preparar actualmente o Conselho Pedagógico, para gerir intervenções, para ultimar documentos ... não tenho dúvida que deve ser realmente quase que uma missão titânica,” [E10] 712. “(...) as temáticas eram mais variadas, diversas,” [E10] 713. “(...) com perspectivas diferentes de vários níveis de ensino e como tal menos simples,” [E10] 714. “(...) tínhamos que pensar também um bocadinho ou muito segundo a perspectiva do outro,” [E10] 715. “(...) o outro também, obviamente, iria estar atento, tomar conhecimento, mais que não fosse a situações problemáticas no 2º ciclo, no 3º ciclo” [E10] 716. “(...) tínhamos que já analisar mais documentação e até produzir documentos, não muitos, mas produzir documentos já com outra complexidade e com outras exigências também.” [E10] 717. “(...) em termos do cargo que ocupava não senti grande mudança” [E10] 718. “(...) a pessoa que presidia à reunião teria que ser muito mais eficaz e muito mais organizada, gerir já mesmo na altura uma outra complexidade e é diferente.” [E10] 721. “No depois, conhecemos o outro, introduziram-se novas temáticas, novas problemáticas, novas realidades, mais temas, mais dificuldades e as coisas complexaram-se.” [E11] 722. “(...) houve mudanças necessárias à escola. O Projecto Educativo teve que ser alargado, modificado. Houve um Plano de Actividades, o Projecto Curricular, em que realmente tudo é novo. Tudo é modificado, o Regulamento Interno” [E11]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	723. “(...) houve mudanças legislativas que obrigaram a introduzir outras... a nos habituarmos a outra maneira de trabalhar.” [E11] 724. “Os planos de recuperação, os planos de acompanhamento, o gerir as aulas de substituição, o decidir quem é que vai para aonde,” [E11] 725. “(...) não temos nenhuma decisão sobre isso, mas o que é certo é que isso vai a Pedagógico e nós reflectimos e pensamos e falamos.” [E11] 726. “(...) aquilo vai lá e reflectimos e pensamos e discutimos.” [E11] 727. “(...) penso que a nossa realidade é muito mais complexa do que do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância,” [E11] 728. “(...) não é mono docência e portanto temos que trabalhar todos em conjunto, temos que nos reunir, temos os departamentos. É uma dinâmica muito mais complexa,” [E11] 729. “(...) falta de tempo,” [E11] 730. “(...) uma escola que tem muitos alunos” [E11] 731. “(...) é impossível nós reunirmos, a não ser naqueles dois tempos ao fim à quarta-feira que não chegam para nada,” [E11] 732. “Todas estas mudanças, todas estas mobilidades implicam um amadurecimento e para amadurecer é preciso reflectir, é preciso tempo para reflectir, é preciso introduzir muitas dinâmicas diferentes.” [E11] 734. “(...) neste momento já estamos a conseguir readquirir uma nova identidade em termos de coordenação, em termos de grupo” [E11] 740. “(...) nós ainda não estávamos adaptados a uma nova vivência e já estamos a viver uma nova situação.” [E12] 741. “(...) eles estavam mais a ouvir-nos” [E12] 742. “(...) nós continuávamos a ter muito mais que dizer e a falar muito mais e tínhamos sempre muito mais problemas e nós é que tínhamos que falar” [E12] 743. “(...) ficavam ali o tempo todo a olhar para nós e a ouvir-nos” [E12] 744. “(...) deixávamos às vezes meia hora para eles poderem falar.” [E12] 745. “(...) nós podemos todos trabalhar em conjunto” [E12] 746. “(...) o grande problema (...) todas as alterações que vieram do exterior. Umas vindas do exterior por imposição, outras criadas no interior também impostas.” [E12] 747. “(...) deve ser muito complicado estar no Pedagógico nesta altura com tantos problemas e com tantas situações para debater e para decidir e para tomar posições.” [E12] 749. “(...) e que continuou a existir depois. (...) depois passou a ser o caos que... que... passou a ser com várias realidades.” [E13] 754. “(...) tivemos que passar a gerir realmente uma situação em que era muito mais gente a participar no Pedagógico,” [E13] 755. “(...) muito mais pesado” [E13] 756. “(...) com toda a gente a querer dizer qualquer coisinha” [E13] 757. “(...) tivemos pedagógicos a terminar às onze e tal da noite.” [E13] 758. “(...) às vezes temos a noção de que não podemos ir para ali com a nossa intervenção individual, que a coisa ficava um bocadinho complicada.” [E13] 759. “(...) começámos a fazer reuniões prévias dos Coordenadores de Departamento.” [E13] 760. “(...) os Coordenadores de Departamento desta escola reuniam antes do Pedagógico,” [E13] 761. “Para levarmos de alguma forma uma ideia comum,” [E13] 762. “(...) cada um de nós levava a opinião do seu Departamento e a coisa tornava-se pesada.” [E13]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	763. “(...) nós nem os deixávamos muitas vezes falar, não era muito positivo,” [E13] 764. “(...) nós éramos muitos e falávamos, falávamos, cada um de nós... e cada um tinha a sua opinião... Eles coitados. Quando chegava a vez deles às vezes realmente a coisa... eles não sabiam o que é que haviam de dizer.” [E13] 765. “(...) começámos a reunir previamente,” [E13] 766. “(...) vamos preparar as coisas, mostrar que há alguma coerência entre nós para não irmos para ali realmente “lavar a roupa suja” em frente às nossas colegas” [E13] 767. “(...) calculo que é a catástrofe com a quantidade de questões para debater.” [E13] 769. “(...) quantas vezes não gostaria de reunir só com as pessoas da escola – mas sinto algum constrangimento” [E7] 770. “(...) os Pedagógicos são vários por mês,” [E7] 771. “(...) o peso que é dado na escola não permite depois essa flexibilidade de trabalho.” [E7] 772. “(...) é muito difícil.” [E7] 773. “(...) o próprio Ministério da Educação, que cada vez manda para baixo as responsabilidades.” [E7] 774. “(...) critérios de contratação de professores. É o Conselho Pedagógico que tem que decidir (...) por proposta do Conselho Executivo, (...) mas eles têm que ir ... ocupou três horas.” [E7] 775. “(...) eles continuam-nos a impor as coisas e portanto é uma democraticidade falsa.” [E7] 776. “Vão é pôr para baixo as responsabilidades,” [E7] 777. “(...) porque quando há reformulações eles não as permitem” [E7] 778. “(...) isto parece que é uma autonomia da escola. Não é.” [E7] 779. “Porque a autonomia de escola é muito restrita.” [E7] 780. “São mais as responsabilidades e menos a autonomia.” [E7] 781. “(...) as responsabilidades crescem as decisões,” [E7] 782. “(...) leva horas a discutir,” [E7] 783. “(...) quando leva as coisas, leva-as já organizadas, leva-as pensadas e diz o que tem e prepara previamente.” [E7] 784. “(...) as pessoas dizem as suas opiniões” [E7] 785. “E não pode ser assim: olha, tens cinco minutos e não podes dizer mais nada porque entretanto temos dez coisas para tratar.” [E7] 786. “(...) são agendas de trabalho muito, muito, muito pesadas.” [E7] 831. “(...) assuntos que são tratados colectivamente, como por exemplo as visitas de estudo” [E7] 832. “As visitas de estudo, as nossas votadas por eles, as deles votadas por nós. [E7] 833. “Todas elas que são implementadas são trazidas, portanto eles participam.” [E7] 834. “Legislação e sua aplicação,” [E7] 835. “(...) os planos de acompanhamento, os planos de recuperação, as fichas novas, etc, que eles também tinham.” [E7] 836. “(...) não há aquela coisa de dizer assim: tratam-se só coisas do 3º ciclo e eles ficam para o fim meia horinha. Não é o caso, porque tudo aquilo que se está a tratar é intervenção total.” [E7] 839. “(...) sistematizar, por exemplo, as avaliações – há um balanço das avaliações.” [E7] 840. “(...) nós fazíamos um tipo de gráficos, eles traziam uns gráficos que eram por turmas, outra escola trazia mas era por anos e outra escola não sei o quê. E cada uma ... mas passaram todas a fazer a mesma coisa, porque entretanto se reuniram.” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	842. “(...) os critérios de avaliação, das escolhas dos manuais, os formulários – que parecendo que é um papel, mas eles vão sendo cada vez mais uniformizados.” [E7] 843. “(...) depois adequado ao 1º ciclo, eles fazem os deles mas a preocupação é a mesma.” [E7] 844. “(...) quando se discute um Projecto Educativo de Agrupamento, um Projecto Curricular de Agrupamento, de novo, um Projecto ... um Plano Anual de Actividades, tudo isto é com a intervenção de todos.” [E7] 845. “(...) o balanço das avaliações ... e depois, claro, a tal avaliação externa que houve, ou os TEIP,” [E7] 846. “(...) há é maior número de representatividade, porque somos muitos departamentos, no Conselho Pedagógico.” [E7] 847. “(...) todos têm as suas realidades e, cada vez mais, há maior participação.” [E7] 848. “(...) umas vezes determinadas coisas são abordadas começando pelo 1º ciclo, outras vezes...” [E7] 849. “(...) no início reparei que tinha a tendência ... porque ... de começar pelos departamentos e que o 1º ciclo ficava para o fim.” [E7] 850. “(...) depois comecei a alternar e às vezes pergunto: então, da outra vez as avaliações, começámos pelo 1º ciclo ou começámos pelo 2º e 3º?” [E7] 872. “(...) nós temos representantes de todas as escolas e do JI” [E11] 900. “(...) a minha postura actualmente é tentar com a realidade, vivenciando no dia-a-dia, produzir melhor, servindo o grupo e a escola e o Agrupamento.” [E9] 01. “(...) a minha posição pautou-se sempre por ... por tentar participar o melhor possível, sempre de uma forma positiva e com uma posição de partilha com os colegas que fazem parte do Conselho Pedagógico.” [E8] 906. “A diferença que eu sinto ... só isto: muito, muito, muito, muito mais trabalho!” [E7] 907. “(...) eu antes preocupava-me mais ao nível da minha disciplina e centrava-me nos problemas da nossa escola.” [E6] 909. “(...) quando vivi a experiência do Agrupamento foram colocadas exigências um bocadinho diferentes” [E10] 910. “(...) tentei de facto, se calhar na mesma ser competente ou igualmente competente, no antes e no depois.” [E10] 911. “(...) tentei sempre fazer o melhor que sei, que sabia, dar sempre o máximo, numa perspectiva sempre construtiva, no sentido de melhorar” [E11] 912. “(...) nem sempre é fácil fazer a gestão daquilo que se decide lá,” [E11] 913. “(...) é sempre uma luta entre aquilo que se quer e aquilo que se consegue e aquilo que se pode ter ... e é sempre difícil.” [E11] 916. “(...) A nível do desempenho, procurei ter o melhor possível e o melhor que eu era capaz ...” [E13] 917. “Era um bocado ...é um bocado o ter que ter cuidado com alguma linguagem. (...) por exemplo, eu dizia “educadora infantil”, (risos) o “ensino primário”,” [E13] 918. “(...) embora no início as colegas se sentiam um bocadinho magoadas.” [sobre as trocas de nomenclatura feitas pelos docentes do 2º e 3º ciclo] [E13]

Continuação

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
2. Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento	919. “(...) também se torna mais difícil a questão do Conselho Pedagógico hoje, não só por sermos Agrupamento mas também porque as medidas impostas a nível do Ministério da Educação são muito impopulares e são muito negativas para a classe dos professores.” [E7] 920. “(...) o Conselho Pedagógico, que depois tem que gerir e aplicar aquilo que nos é imposto,” [E7] 921. “(...) é mais difícil às vezes fazer – e volto outra vez a usar o termo descer, não é – implementar junto daqueles que nós representamos aquilo que o Conselho Pedagógico decidiu, mas decidiu face a uma obrigatoriedade legislativa ou ministerial.” [E7] 922. “(...) temos mais a noção de escola, de Agrupamento, de realidade, de comunidade educativa.” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	439. “(...) fiquei convencida que de facto poderia ser uma experiência positiva, enriquecedora no sentido de articular vários... várias maneiras de ver e de encarar o aluno em perspectivas realmente éticas e em perspectivas educativas, portanto, que atravessam o aluno e que passam pelo aluno ao longo de vários anos de escolaridade.” [E10] 440. “Sei que poderiam advir desse agrupamento, dessa junção, aspectos positivos mas também alguns negativos, mas não tinha assim muito uma opinião muito formada” [E11] 441. “(...) o facto de entrarmos num Agrupamento não foi de imediato. Houve inicialmente até a hipótese de não o fazermos.” [E12] 442. “Portanto não foi por vontade das pessoas da escola nem da gestão da altura passarmos a Agrupamento. E por isso tinha havido uma reunião geral em que não se concordou. Em que não houve acordo, portanto, para... para fazê-lo. Só posteriormente penso que foi o Ministério que praticamente nos obrigou a entrar neste Agrupamento.” [E12] 443. “Mais do que concordar foi ceder.” [E13] 444. “Mas realmente à partida sentia algumas... algumas reticências, porque achava que ia ser um processo difícil. Mas também reconhecia, como a E10, algumas potencialidades.” [E13] 445. “(...) a minha perspectiva pessoal era de hesitação mas... sendo que não estava inteiramente contra na medida em que no início, numa reunião em que houve uma reunião com representantes da DREL, do Ministério, aquilo que nos foi dito é que se nós entrássemos digamos sem ser... na primeira fase nós não esperássemos mesmo até à saída do decreto-lei, que iríamos ter algumas vantagens em termos de condições que têm que ser facultadas para a sua realização” [E13] 446. “Não concordei. (...) houve uma certa forma de pressão por parte das entidades superiores hierárquicas no sentido de nos obrigarem a tomar... a dar esse passo que na altura não nos pareceu... pelo menos a mim, pessoalmente... estarmos preparados, nem querermos com as condições que nos eram veiculadas na altura aceder à formação do Agrupamento.” [E9] 447. “Não tive, nunca tive, uma posição contrária a esta... a esta alteração, mas achei efectivamente que se calhar ela foi forçada demais. Não devia ser... porque senti efectivamente que acabava por haver uma imposição e que nós teríamos que dar uma resposta o mais rápido possível” [E8] 448. “Nunca me passou pela cabeça efectivamente é que... íamos ser, digamos, que obrigados a formar um Agrupamento onde iríamos ter tantas escolas do primeiro ciclo e jardins de infância, ou seja, eu pensei sempre que nos iam dar a hipótese de nós podermos optar,” [E8] 449. “Efectivamente depois aquilo que aconteceu e que nos foi imposto é que teríamos que nos juntar a todas estas escolas e que acaba por ser um colectivo muito pesado.” [E8] 450. “(...) foi uma participação mais da recepção da imposição que foi feita.” [E7] 451. “(...) no início também foi dito que se aderíssemos mais cedo seria melhor e que, portanto, havia a possibilidade de negociação e no final vimos que as escolas que recebemos são aquelas da população escolar que sempre vinha para aqui.” [E7] 452. “(...) não houve grande mudança nem vejo grande benefício pelo facto de termos começado mais cedo.” [E7] 453. “(...) quando surgiu a ideia achei que a experiência poderia valer a pena, pronto, achar que... se punha a hipótese de poder melhorar alguma coisa...” [E6] 454. “(...) assustou-me um bocadinho realmente, o número das escolas e o número de jardins de infância envolvidos, e as consequências e os problemas que traria para a nossa escola já que ela por si era... é, continua a ser problemática e o número de escolas que nós conseguimos agregar iria com certeza tornar esses problemas ainda maiores.” [E6] 455. “O benefício foi idêntico para todas.” [E13] 456. “(...) a nossa beneficiou de uma certa experiência, do contacto com os colegas do primeiro ciclo e do jardim-de-infância que eu penso que tem tido, na minha perspectiva, alguns aspectos positivos...” [E13] 457. “(...) elas também beneficiaram.” [E13]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	458. “(...) realmente as condições que acabaram por nos ser propiciadas foram nulas,” [E13] 459. “(...) há uma certa riqueza da parte das pessoas quer... dos professores e até se calhar dos miúdos que... em que todas acabaram, na minha perspectiva, por ganhar um pouco.” [E13] 460. “Todas acabámos por ganhar um bocadinho dessa... dos contactos que têm sido possíveis entre nós.” [E13] 461. “Eu penso que houve algumas vantagens em relação a algumas escolas, principalmente as escolas mais afastadas e que... afastadas aqui da nossa, que não teriam contacto tão próximo com esta,” [E12] 462. “(...) com esta escola (...) já havia algumas situações de contacto, algumas situações em que os alunos ou vinham à escola ou alguns professores chegaram a ter um projecto a irem à outra escola.” [E12] 463. “E as outras escolas mais afastadas eu penso que em termos de recursos, até de recursos, que estariam em desvantagem em relação a esta que está aqui mais próxima. Portanto, provavelmente devem ter ganho alguma coisa com isso.” [E12] 464. “Em termos de troca de experiências, em termos de nós também percebermos às vezes o percurso que os alunos e que os nossos colegas fazem desde a pré-primária até chegarem aqui, eu penso que foi importante.” [E12] 465. “(...) todos tiramos vantagem, assim como os colegas do 1º ciclo e da pré-primária que também passaram a conhecer-nos e ao nosso trabalho aqui, e aquilo que nós... as nossas expectativas em relação aos... aos alunos que vinham... que nos chegavam cá.” [E12] 466. “(...) como estava na Gestão na altura, e nós sabíamos o peso que era ter os alunos que já tínhamos nesta escola e pensar que iríamos ter muito mais alunos e muito mais escolas, portanto o peso - quer a nível administrativo quer a nível de recursos - ia ser muito grande e essa foi a questão que nos... que não nos motivou para aceitar de imediato,” [E12] 467. “E pensámos sempre (...) que poderíamos escolher a escola, e a escola que nos parecia estar mais apta e com a qual nós poderíamos trabalhar melhor seria com a (--) que é a que estava próxima.” [E12] 468. “(...) o ideal seria até esta escola só receber alunos daquela escola e as outras deveriam ir “desaguar” a uma outra escola que não existe.” [E12] 469. “Em relação aos contactos que nós temos com os professores do 1º ciclo e do jardim-de-infância, temos realmente... há uma... há uma percepção diferente daquilo que eles fazem, daquilo que nós fazemos, e das dificuldades que eles têm, e das aprendizagens que os... que os alunos deles fazem e não fazem, que... que... que nós desconhecíamos e eles se calhar também a mesma coisa em relação a nós.” [E11] 470. “(...) em termos de gestão de recursos e a nível burocrático, eu tenho ouvido com frequência alguns professores do 1º ciclo, se calhar mais no ano anterior, dizerem que antigamente podiam decidir alguns aspectos burocráticos, sei lá, tirar fotocópias e comprar material.” [E11] 471. “Neste momento têm que pedir autorização aqui à gestão” [E11] 472. “(...) quando a escola é longe, ao contrário desta que é aqui perto, quando a escola se situa longe da sede, torna difícil esse pedido de autorização e essa compra de alguns materiais. Eu penso que isso não é um benefício, é um prejuízo.” [E11] 473. “(...) em termos de princípios aquilo que de facto nos foi exposto era aliciante.” [E10] 474. “(...) fez sentido na minha mente (...) que era uma proposta de Agrupamento com a escola ao lado.” [E10] 475. “(...) já vinha sendo uma escola com a qual nós tínhamos já contactos. Por exemplo, já tínhamos experiência de reuniões com professores do quarto ano quando da elaboração dos critérios de elaboração das turmas do quinto.” [E10] 476. “Portanto, já havia um trabalho anterior mesmo sem haver realmente uma imposição e de facto uma directriz superior.” [E10] 477. “Em relação depois às restantes escolas eu concordo com aquilo que alguns colegas já disseram porque me parece uma situação bem mais complexa de gerir, e bem mais difícil e bem mais pesada” [E10]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	478. “(...) penso que há benefícios que todas as escolas do 1º ciclo... eu penso que irão beneficiar igualmente.” [E10] 479. “Penso que a beneficiar todas terão beneficiado.” [E10] 480. “(...) o jardim-de-infância, que acaba sempre por ser, na minha perspectiva, um bocadinho o parente... o parente pobre da educação. Se calhar teve uma visibilidade, para nós que trabalhamos com crianças e com jovens já bem mais crescidos, se calhar foi bem mais notado, notório e notável, não é, fez-se notar, do que propriamente o 1º ciclo ou os últimos anos do 1º ciclo.” [E10] 481. “(...) todas terão beneficiado em relação àquilo que já foi dito sobretudo à partilha de anseios, de dúvidas, de perspectivas, de experiências pedagógicas. Aí todos terão beneficiado.” [E10] 482. “(...) penso que se prende com a tal complexidade de gestão, desde recursos humanos, recursos materiais que envolvem de facto um grande número de alunos, um grande número de profissionais que de facto trabalham nas escolas do Agrupamento.” [E10] 483. “Eu penso que as escolas do 1º ciclo, de uma maneira geral, beneficiaram com o Agrupamento porque elas estavam realmente isoladas.” [E6] 484. “(...) tiveram aqui a oportunidade de se juntar e de... de alguma coerência penso ao nível da estrutura de todas as escolas.” [E6] 485. “(...) cada uma funcionava de uma maneira diferente e eu penso que a junção a nível do Conselho Pedagógico... portanto houve uma uniformidade de critérios que penso que ajudou na organização da... dessas escolas.” [E6] 486. “A que beneficiou mais, penso que continua a ser sempre esta que está aqui mais próxima de nós porque também são sempre aqueles que vêm sempre cá mais do que os outros.” [E6] 487. “Os que estão mais longe com certeza que não vêm tanto porque é difícil.” [E6] 488. “A transversalidade a nível por exemplo dos conteúdos programáticos também foi um benefício importante para mim, que sou de Língua Portuguesa, porque conseguimos portanto ver os programas que por vezes esquecemos o que é que eles dão no 1º ciclo depois passar para o 2º, passar para o 3º, começámos a ter uma linha de continuidade que não tínhamos até aqui.” [E6] 489. “(...) eu considero que os benefícios foram mais para o 1º ciclo do que para o 2º e para o 3º.” [E7] 490. “(...) porque as escolas funcionavam muito isoladamente e nota-se aqui uma articulação, mais até que vertical, uma articulação horizontal.” [E7] 491. “(...) as escolas pelo facto de estarem juntas nos vários órgãos, e neste caso no Conselho Pedagógico, podem uniformizar critérios, articular estratégias, escolha de manuais,” [E7] 492. “(...) depois, à posteriori, é que será uma mais valia para o 2º e 3º ciclo porque vai preparar toda uma comunidade educativa numa mesma plataforma,” [E7] 493. “(...) se a articulação se desse só verticalmente o que aconteceria era cada escola estaria na mesma só ligada à escola mãe e não haveria a articulação horizontal e portanto para que a comunidade educativa funcione nesta uniformidade que se pretende com um projecto comum, com objectivos comuns, etc, tem que haver também um encontro entre os vários níveis de ensino” [E7] 494. “(...) muitas vezes não são as distâncias que os impedem, porque mesmo num mesmo edifício de uma escola de 2º e 3º ciclos e as articulações às vezes não se fazem e nós vivemos sempre como escolas de 2º e 3º ciclo e é um edifício só e as articulações não se fazem.” [E7] 495. “(...) primeiro do que a articulação vertical é esta articulação horizontal.” [E7] 496. “(...) na troca de experiências, mas não só na troca de experiências, no sentido de haver aquela articulação vertical, evidentemente que se passa ao mesmo tempo que a horizontal, que permite por um lado o 2º e 3º ciclo saber, conhecer previamente não só a nível curricular, como a nível de estratégias pedagógicas, os alunos que vamos receber” [E7] 497. “(...) a nível dos programas, a nível das estratégias aplicadas” [E7] 498. “(...)...portanto as vantagens são... eu acho que nos dois sentidos,” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	499. “Aqueles que mais beneficiam de facto são aqueles que estão mais perto porque a nível de actividades é mais fácil dirigirem-se aqui.” [E7] 500. “As outras escolas continuam um bocadinho longe, não há transporte, etc.” [E7] 501. “A dificuldade que se nota eu acho que é mais administrativa ou de gestão.” [E7] 502. “(...) as escolas do 1º ciclo beneficiaram ao entrar no nosso Agrupamento porque acho que elas efectivamente estavam muito isoladas.” [E8] 503. “Por um lado o isolamento por vezes também pode ser bom porque lhes permitia que elas tivessem uma identidade própria.” [E8] 504. “Quando passaram a fazer parte do Agrupamento houve uma perda dessa identidade individual mas também com o passar vão construir uma identidade colectiva. E eu acho que isso, provavelmente, é mais importante.” [E8] 505. “(...) estamos a fazer um esforço para que haja um diálogo constante com todas as escolas do 1º ciclo e entre as escolas do 1º ciclo,” [E8] 506. “(...) esta entrada neste Agrupamento acabou por ser uma mais valia efectivamente para o 1º ciclo.” [E8] 507. “Mais para o 1º ciclo do que propriamente para nós,” [E8] 508. “(...) esta junção com as escolas do 1º ciclo abriu muito mais os nosso horizontes particularmente em termos pedagógicos.” [E8] 509. “E até permitiu agora compreendermos melhor alguns problemas que nós detectávamos nos alunos e também encontrar através do diálogo com estas colegas a solução... ou procurar a solução para alguns destes problemas que nós detectamos.” [E8] 510. “(...) acabámos por todos ganhar com esta... este trabalho agora mais colectivo e qualitativo,” [E8] 511. “(...) construir esta tal identidade colectiva.” [E8] 512. “(...) não consigo ter uma percepção muito nítida de quem é que... qual a escola que mais benefícios colheu disto.” [E9] 513. “(...) depois das pessoas aprenderem a efectivamente conseguir tirar benefícios desta associação que existe, que deixou de fazer com que determinadas escolas trabalhassem sozinhas, viradas sobre si próprias, aí sim poderão advir benefícios tanto para eles como para a escola sede, neste caso.” [E9] 514. “Penso que por uma questão de proximidade geográfica aqui, aparentemente, quem beneficiará mais é aqui a escola do lado.” [E9] 515. “Eu vou bater novamente no tal isolamento que penso que realmente as escolas primárias tinham e que agora deixaram de ter” [E6] 516. “(...) eu vi as colegas fazerem actividades conjuntas, preparar actividades, preparar materiais, portanto, reuniões, etc,” [E6] 517. “(...) que não estariam até à altura... nunca lhes tinham solicitado essa atenção.” [em relação ao trabalho conjunto] [E6] 518. “(...) sobretudo a nível das escolas do 1º ciclo.” [em relação ao trabalho conjunto] [E6] 519. “(...) escolas do 1º ciclo e a nossa escola, também tinha referido há pouco a transversalidade, portanto, a nível de conteúdos,” [E6] 520. “(...) agora há uma troca de experiências que antes não havia mesmo. Nós não fazíamos ideia de que... de que... dos conteúdos programáticos que nós damos aqui ou não damos, se seriam lá abordados ou não.” [E6] 521. “(...) só quem tinha filhos no 1º ciclo é que poderia estar dentro do assunto.” [em relação aos programas/conteúdos disciplinares] [E6] 522. “(...) penso que o contacto com todos... com toda a cadeia, digamos assim, beneficia certamente os alunos.” [E6] 523. “(...) não consigo identificar assim nenhum aspecto negativo.” [E6] 524. “(...) ainda temos pouco tempo de experiência” [E6] 525. “(...) quanto a mim estamos no caminho certo e... e que vai... que vai beneficiar toda a comunidade.” [E6] 526. “(...)Aliás, eu acho que os negativos são a impossibilidade de praticarmos os positivos,” [E7]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	527. “(...) é implementada uma reforma que toda ela encerra objectivos positivos, a articulação dos níveis de ensino, da comunidade educativa, estabelecimento de oportunidades similares, ou seja, a mesma comunidade educativa tem os mesmos objectivos, as mesmas oportunidades, a articulação curricular estratégica e pedagógica, pronto.” [E7] 528. “Portanto, os objectivos são todos eles positivos e o esforço da comunidade educativa é nesse sentido.” [E7] 529. “O que é depois negativo é não serem dadas as condições para praticar os objectivos que se pretendem” [E7] 530. “(...) a área que este Agrupamento cobre é uma área muito grande, as escolas estão muito longe,” [E7] 531. “(...) quando se diz que há uma gestão dos recursos, como é que uma escola do 1º ciclo que está não sei onde, longe, vêm os meninos aqui consultar o centro de recursos e a informática e a biblioteca” [E7] 532. “(...) os objectivos são positivos, o esforço que se faz nesse sentido é positivo, mas depois aquilo que é exigido para que esses objectivos sejam concretizados é que torna às vezes esses objectivos aparentemente negativos “ [E7] 533. “(...) uma coisa positiva é a gestão por exemplo dos recursos humanos.” [E7] 534. “(...) se falta uma funcionária num outro estabelecimento de ensino, a gestão pode... gerir os funcionários daqui... pegar num deles e mandá-lo nesse dia.” [E7] 535. “(...) era preciso que estes aqui fossem suficientes para poder disponibilizar para outra escola. O pior é que se vai para outra escola, falta aqui e aqui já são de menos.” [E7] 536. “(...) aquilo que é dado para atingir os objectivos que eles em si são positivos é que é negativo.” [E7] 537. “(...) este Agrupamento e falo por este, só funciona porque de facto as pessoas que estão envolvidas na sua construção são empenhadas e há sempre... no ensino sempre houve este amor à camisola, e vamos fazer, e vamos trabalhar fora de horas, e vamos reunir e articular,” [E7] 538. “(...) mas de facto as condições não são, não são dadas.” [E7] 539. “(...) penso que os negativos estão efectivamente ligados à questão dos recursos existentes e a alguma falta de meios para por em prática ideias que eu considero que são efectivamente óptimas e que estavam subjacentes à criação do próprio Agrupamento,” [E8] 540. “(...) estamos todos a tentar caminhar para, em termos de Agrupamento, todos falarmos uma mesma linguagem quando o público-alvo são os estudantes.” [E8] 541. “(...) é muito positivo haver neste momento uma maior abertura a nível de contacto entre as várias escolas” [E8] 542. “(...) o que nos permite criar documentação que passa a ser uniformizada entre os vários níveis de ensino e entre as várias escolas.” [E8] 543. “(...) no dia-a-dia estamos a tentar começar... estamos a tentar todos falar uma mesma linguagem, todos conhecermos também o que dizemos,” [E8] 544. “(...) também penso que é importante, de continuarmos a ser... a ter a tal nossa identidade.” [E8] 545. “Os negativos, volto a reforçar, penso que efectivamente têm a ver mais com a parte económica, a estrutura económica, porque não temos, e aqui sente-se efectivamente a crise, não temos os meios financeiros para por em prática todas as ideias.” [E8] 546. “(...) a grande vantagem positiva deste... da constituição deste Agrupamento tem a ver com a possibilidade que foi criada de haver uma perspetivação, uma possibilidade de deixar de se funcionar parcialmente de escola a escola,” [E9] 547. “(...) melhorando em termos pedagógicos, fundamentalmente nessa base. Com tudo o que traz atrás: fichas, documentos. Educação a esse nível em todas as escolas.” [E9] 548. “(...) número de escolas envolvidas,” [E9] 549. “(...) a distribuição geográfica,” [E9] 550. “(...) o número de alunos.” [E9]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	551. “(...) a questão financeira. Não se pode fazer <i>“omoletas sem ovos”</i>. É o caso. Somos dotados parcamente de recursos, temos que inventar e não podemos. Quando assim é, por algum lado vai sair mal.” [E9] 552. “(...) possibilidade de uma planificação das actividades da gestão conjunta dos recursos e portanto isso foi positivo.” [E13] 553. “Negativo, é realmente falta de recursos para pôr essas potencialidades em prática,” [E13] 554. “(...) agravadas quase em simultâneo por todas as outras reformas que ocorreram especialmente no nosso estatuto” [E13] 555. “(...) um acréscimo enorme de trabalho.” [E13] 556. “(...) aquela questão da potencialidade de nós podermos gerir o currículo em conjunto e darmos alguma coerência a toda essa gestão.” [E13] 557. “Mas com um acréscimo, que foi grande no nosso trabalho, onde é que vamos buscar tempo para o fazer?” [E13] 558. “(...) uma potencialidade (...) que depois foi cortada por falta de recursos que já existiam e que nos tinham sido prometidos mas que, foram só promessas,” [E13] 559. “(...) entretanto toda a nossa vida foi severamente agravada.” [E13] 560. “(...) quase que ficámos numa carta de intenções. Era excelente!” [E13] 561. “Fazemos um trabalho de conjunto, mas como não temos tempo, continuamos.” [E13] 562. “Na prática, só pontualmente... partilhamos realmente uma experiência... algumas experiências comuns e... essas realmente, quando existem são positivas” [E13] 563. “(...) nós que temos semanalmente um trabalho conjunto com colegas de outras escolas, eu e aqui a minha colega... (risos) eu penso que temos uma perspectiva positiva.” [E13] 564. “Essas potencialidades acabam por ficar um bocadinho no ar. Não se concretizam... realmente...” [E13] 565. “(...) parece-me, é uma vaga sensação que eu tenho, que as escolas do 1º ciclo perderam um bocado a autonomia.” [E9] 566. “(...) deixaram de pensar por elas próprias e passaram a depender muito em termos de fazer das decisões da escola... da escola mãe.” [E9] 567. “Para fazer alguma coisa, perguntam, recorrem cá acima.” [E9] 568. “Portanto, em relação às dificuldades, passam muito pelo número de alunos.” [E12] 569. “(...) nesse sentido nós achamos muito longe e há outras que estão bem pior,” [E12] 570. “(...) o número de alunos, portanto o número de... o peso, o grande peso que tem...” [E12] 571. “(...) era necessário aqui na nossa zona uma outra escola para que a nossa pudesse funcionar, esta aqui pudesse funcionar melhor e funcionar mesmo em Agrupamento pleno.” [E12] 572. “(...) praticamente são só vantagens mas realmente pô-las em prática tem sido extremamente difícil.” [E12] 573. “(...) só basicamente em situações pontuais. Mas quando acontecem é bom.” [E12] 574. “Portando, penso que isso nos faz pensar que isto pode realmente ainda ser muito melhor.” [E12] 575. “Portanto, em termos de pensarmos em futuro e se conseguirmos colmatar algumas das dificuldades provavelmente isto será bastante melhor...” [E12] 576. “Pelas financeiras” [E12] 577. “(...) mas também provavelmente pela gestão. Pela organização da escola e pela gestão da escola.” [E12] 578. “(...)Talvez algumas das dificuldades possam ser superadas se houver uma organização ou uma gestão, principalmente uma gestão, diferente.” [E12]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	579. “(...) quando ouço aqui algumas das minhas colegas dizerem que as colegas dizem que têm muita dificuldades em conseguir isto e aquilo, talvez algumas dessas dificuldades pudessem ser superadas.” [E12] 580. “(...) um benefício, pontual é verdade, (...) que é sobre as turmas dos CEF’s que temos (...) na nossa escola agora e que acabaram (...) aqui a sua formação e que, alguns deles, vão fazer formação e dar ... aliás, vão dar formação aos professores do 1º ciclo e aos meninos do 1º ciclo. (...) penso que é, um grande benefício para a escola e para as crianças.” [E6] 581. “(...) nós conhecermos de forma mais sistemática e mais real as realidades deles” [E11] 582. “(...) há troca de experiências,” [E11] 583. “Nós ficamos a saber as dificuldades que os professores têm, os alunos – as problemáticas que os alunos têm – e acabamos por perceber que afinal eles ... nós também temos as mesmas e eles também têm aquilo que nós depois” [E11] 584. “(...) os miúdos trazem já para aqui muitas coisas que eles já têm no 1º ciclo – problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, problemas com as famílias (ou não) – já está tudo presente no 1º ciclo.” [E11] 585. “(...) a uniformização de alguma papelada e de alguns critérios de avaliação.” [E11] 586. “(...) num dos anos havia uma diferença em termos de avaliação muito, muito ... muito forte. (...) E isso foi reformulado, foi discutido” [E11] 587. “A apresentação dos balanços, em finais de período, no Conselho Pedagógico é muito bom. Faz-nos pensar que as dificuldades já têm assim ... já vêm ao longo do tempo e algumas são colmatadas e outras não.” 588. “(...) a articulação curricular já foi falada, há mesmo os objectivos que tendem a ser muito semelhantes” [E11] 589. “(...) em termos de pedagogia eu penso que foi bom, que foi bom.” [E11] 590. “Em termos de autonomia e de gestão eu penso que o 1º ciclo perdeu muita autonomia com o Agrupamento.” [E11] 591. “(...) todos eles se queixam do facto de terem sempre que pedir autorização à sede para tirarem isto, para fazerem isto, para comprarem aquilo,” [E11] 592. “Eles eram mais autónomos. Agora, penso que é mais difícil.” [E11] 593. “O número de alunos ... o nosso Agrupamento é muito grande.” [E11] 594. “(...) deve trazer muitas dificuldades a quem está na gestão ... gerir todos estes professores e todos estes alunos” [E11] 595. “(...) e agora com a mudança no nosso estatuto, com o enriquecimento curricular, com mais os alunos do português não materno, (...) eu penso que não deve ser nada fácil fazer a gestão disso tudo.” [E11] 596. “(...) nos percursos alternativos nós temos uma aluna que está a fazer formação todas as sextas-feiras num Jardim-de-Infância do nosso Agrupamento.” [E11] 597. “(...) eu acho que os aspectos positivos são sentidos fundamentalmente por quem está nos órgãos e não tenho a certeza se esses aspectos positivos descem – passe o termo – descem à restante comunidade.” [E7] 598. “A articulação é muito difícil,” [E7] 599. “(...) o tempo para as reuniões é difícil” [E7] 600. “(...) nós perspectivamos as experiências, o conhecimento real e sistemático (...) troca de experiências e de problemáticas, porque estamos nos órgãos. (...) e somos uma minoria.” [E7] 601. “Essa realidade não é depois partilhada ... é uma informação que não passa.” [E7] 602. “(...) toda a carga necessária – que é necessário trabalhar em departamento: desde as articulações, desde as programações, desde as avaliações, etc – e com a carga de trabalho que nos foi dada, não permite o passo em frente que seria a experiência adquirida nos órgãos passar à restante comunidade.” [E7] 603. “(...) não sei se a restante comunidade tem a noção das mais valias que nós temos.” [E7]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	604. “(...) o grande aspecto positivo é por si só (...) o nós estarmos a construir um projecto comum.” [E10] 605. “(...) não deixámos de ser o “eu” mas passámos a ser o “nós”,” [E10] 606. “E começámos a pensar de uma outra maneira e começámos a tentar conhecer-nos, não como uma colectividade mas como um colectivo.” [E10] 607. “(...) traz a construção de um Projecto Educativo comum e de todos os outros documentos importantes que dele advêm” [E10] 608. “(...) fazer isto é difícil, é complexo, é demorado” [E10] 609. “(...) nós temos, de facto, como grandes factores negativos o tempo que nos é dado ... ou o tempo que não nos é dado, portanto, a nossa distribuição horária.” [E10] 610. “(...) passa realmente pela organização do sistema e pelas instâncias – pelo Ministério.” [E10] 611. “(...) a falta de tempo,” [E10] 612. “(...) a sobrecarga de um trabalho para além do nosso trabalho de professores dentro da sala de aula,” [E10] 613. “(...) toda uma série de solicitações e de exigências cada vez maiores” [E10] 614. “Há uma complexidade enorme” [E10] 615. “(...) o querer, realmente, cada vez ser alguém que constrói da melhor maneira possível este colectivo.” [E10] 616. “É muito complicado.” [E10] 617. “(...) as exigências que nos têm feito, a partir até destas reformas sucessivas que não têm inclusivamente ... não nos têm deixado tempo para maturar e para depois tirar conclusões e ver se foi realmente importante ou não.” [E10] 618. “(...) uma sucessão abrupta de reformas e das exigências que elas acarretam e que é quase proporcional ao não apoio por parte do Ministério.” [E10] 619. “(...) é exigir, exigir, exigir e depois apoiar – ou não apoiar de modo algum – apoiar o mínimo,” [E10] 620. “(...) temos que continuamente abraçar situações complexas” [E10] 621. “(...) nós achamos que, de facto, é mais importante o colectivo, é mais importante construirmos, é mais importante a responsabilização conjunta, por exemplo, de todos nós. Tudo isso é positivo,” [E10] 622. “(...) depois esbarra com a complexidade e com o facto de não nos darem apoios.” [E10] 623. “(...) são muitos os condicionalismos económicos,” [E10] 624. “(...) o tempo que não nos dão para reunir, o tempo que não nos dão para reflectir, para pensar ... o tempo que nem nos dão para conversarmos uns com os outros e desabafarmos uns com os outros sobre aquilo que está a correr bem ou a correr mal, ou que nos está a preocupar.” [E10] 625. “(...) a questão da falta de autonomia do 1º ciclo.” [E10] 626. “Não será assim tão pesado como os outros que foram aqui referidos” [E10] 627. “Sobretudo em termos de hábitos instalados.” [E10] 628. “As pessoas não precisavam de recorrer à escola sede para fazer uma série de actividades.” [E10] 629. “Eram um pouco mais autónomos, eu sei, nesse aspecto da realização de visitas de estudo, na realização de actividades para o exterior,” [E10] 630. “(...) há aquela dependência da escola sede que é capaz, de facto, de custar um bocadinho.” [E10] 631. “(...) o comum dos professores que está sem ter acento num órgão pedagógico não sabe o que é ... não tem a perspectiva que nós estamos aqui a veicular sobre o que é que é um agrupamento.” [E9]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
3. Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas	838. “(...) isto é um processo, de aprendizagem de todos nós.” [E7] 841. “(...) aquilo que aprendem aqui entre eles e muito também connosco, e nós com eles, vai criando uma uniformização.” [E7] 902. “(...) com o Agrupamento, aquilo que eu sinto é talvez a possibilidade de aprender um pouco mais.” [E8] 903. “(...) agora fazem parte deste Conselho Pedagógico colegas que vinham de uma realidade que eu efectivamente não conhecia e que agora estou a conhecer” [E8] 904. “(...) muito útil para melhorar os meus conhecimentos” [E8] 905. “(...) também poder partilhar com eles as minhas experiências.” [E8] 908. “(...) fazemos parte de algo maior, algo que é ... que é nosso ... da nossa comunidade, e que estamos a preparar um caminho que, penso eu, vamos melhorar.” [E6] 914. “Trouxe-me, sim, um enriquecimento porque me alargou realmente alguns horizontes e porque passei a conhecer como é que funcionava – pelo menos alguns aspectos – as escolas do 1º ciclo e da pré que eu não conhecia.” [E12] 915. “(...) fiquei a perceber melhor como é que eles funcionavam.” [E12] 923. “(...) nós poderemos trabalhar sem estar no Pedagógico, em outros projectos com colegas do 1º ciclo ...” [E12] 924. “(...) estarmos em Agrupamento tem trazido isso e espero que continue e até aumente. Que aumente, porque é extremamente enriquecedor nós poderemos trabalhar com os colegas do 1º ciclo.” [E12] 925. “(...) contacto com os colegas do 1º ciclo e dos Jardins-de-Infância, que para mim tem sido uma experiência efectivamente muito positiva,” [E8] 926. “(...) fui descobrindo que efectivamente estava um bocadinho deslocada porque, digamos que valorizava demais o nosso papel aqui no 2º e no 3º ciclo e não dava efectivamente – ou não valorizava como devia – o trabalho espectacular que os colegas do Jardim-de-Infância e do 1º ciclo têm que fazer.” [E8] 927. “(...) não tinha consciência plena, não só das dificuldades que eles têm,” [E8] 928. “(...) do trabalho de grande valor que eles vão fazendo diariamente com os alunos que têm.” [E8] 929. “Acho que melhorei, também, com este contacto ...acho que melhorei como ser humano.” [E8] 930. “(...) eu acho que o passo seguinte – isto é o passo de quem está no início – o passo seguinte é alterar a nossa prestação educativa,” [E7] 931. “(...) é que isso depois se reflecta naquilo ... naqueles a quem depois nós servimos, que são os nossos alunos. Dentro da medida da nossa possibilidade.” [E7] 932. “Eu gostava de vivenciar esta experiência com outras condições a nível de estruturas (...) nas salas, número de alunos e turnos de funcionamento ...” [E9] 933. “(...) efectivamente aquilo que produziríamos e os efeitos que teria sobre o Agrupamento e a comunidade escolar seriam muito, mas muito, melhores.” [E9]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	787. “(...) o primeiro benefício é o facto de eles poderem também ouvir e tomar parte da nossa organização de escola e da nossa problemática,” [E10] 788. “(...) se discute uma problemática que envolve sobretudo questões pedagógicas que têm a ver com os nossos alunos que são o alvo preferencial para quem nós trabalhamos, eu acho que o grande benefício é esse.” [E10] 789. “É poder ouvir o outro, poder enriquecer a nossa experiência pedagógica ouvindo o outro.” [E10] 790. “(...) falta de autonomia” [E10] 791. “(...) muitas vezes nós discutíamos alongadamente questões nossas – do 2º e do 3º ciclo” [E10] 794. “(...) grande parte dos trabalhos – ou da ordem de trabalhos – se dirigia, apesar de tudo, à escola B2,3.” [E10] 795. “(...) nem sempre eles são muito visíveis.” [E10] 798. “(...) é o facto de eles nos conhecerem. Passarem a conhecer as nossas dificuldades, as nossas mais valias e desvantagens,” [E11] 801. “(...) todos os professores do 1º ciclo que estavam lá o ano passado representados, que representavam as suas escolas no Conselho Pedagógico, este ano não está lá nenhum.” [E11] 805. “(...) houve uma vantagem muito grande que foi a aproximação dos professores,” [E12] 806. “(...) eu vim de uma escola secundária, passei por uma escola básica e havia muito aquela coisa que os do secundário olham-nos de uma maneira, depois os do 3º ciclo olham de outra maneira para os do 2º, e os do 2º depois já olham de outro modo para os do 1º e por aí fora.” [E12] 807. “E acho que o facto de nos juntarmos todos passamos todos a olhar-nos como professores iguais.” [E12] 808. “Nós olhamo-nos, não só nós a eles mas eles a nós, a não acharem que nós somos superiores a eles porque eu acho que às vezes eles achavam que nós pensávamos ser superiores a eles.” [E12] 809. “E o facto de estarmos todos juntos e no mesmo órgão e a discutir as mesmas coisas, mesmo que timidamente no início, que nos uniu.” [E12] 810. “Achavam que nós tínhamos uma outra perspectiva de todos assuntos,” [E13] 811. “(...) a questão de... da possibilidade... das horas para as reuniões, lembro-me que foi um bocadinho problemático” [E13] 812. “(...) nós tivemos que mudar o horário do... do Pedagógico.” [E13] 813. “O Pedagógico fazia-se a uma determinada hora e teve que ser mudado” [E13] 814. “(...) era difícil conciliar a questão burocrática de se eleger um professor que eles achassem que os deviam representar no Conselho Pedagógico para ser quase aquele que tem a possibilidade de vir porque o seu horário permite.” [E13] 815. “(...) no 1º ciclo, alguns em algumas escolas, seria mais fácil uma vez que a escola funcionava em turno duplo, mas nas escolas em que funcionava em turno único, por exemplo, é evidente que teve que se alterar o horário do Pedagógico,” [E13] 816. “(...) ver quem é que está em condições de ter um horário que lhe permita vir e portanto eu penso que havia a certa altura essa questão – não eleger a pessoa ideal mas eleger a pessoa possível.” [E13] 817. “(...) a questão horária, a carga horária, 1º ciclo, Jardim-de-infância.” [E9] 818. “(...) quando se trata de assuntos que dizem directamente respeito à nossa escola, mais específicos, há o sacrifício de terem que votar e tomar posições de coisas que não lhe dizem respeito, nem sabem porque é nem para que é que servem.” [E9] 819. “(...) ficarem com a percepção total do que é que cada um faz nas diferentes escolas.” [E9] 820. “(...) foi alargar os horizontes destes professores ou seja eles começaram a ter contacto com outras realidades,” [E8] 821. “(...) também tinham uma posição a tomar, também nas decisões que... que até então eram só do conhecimento e só tinha importância para o 2º e para o 3º ciclos” [E8] 822. “(...) eles devem efectivamente intervir porque agora somos Agrupamento.” [E8]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
4. Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento	823. “(...) eles agora também vão intervir nas coisas que têm a ver directamente com a escola do 2º e 3º ciclo.” [E8] 824. “(...) este aumento da carga horária ou dos colegas terem que disponibilizar mais tempo no seu tempo que... que não é lectivo,” [E8] 825. “(...) foi-se perdendo a pouco e pouco um certo “tabu” que existia entre o 1º ciclo e depois a escola... a nossa escola de 2º e 3º ciclo.” [E8] 826. “(...) existir secretaria para as escolas do 1º ciclo, para elas foi uma grande vantagem que não foi aqui referida. Tinham que ir às Delegações Escolares.” [E9] 827. “(...) a agenda muitas vezes seria mais pesada para o 2º e 3º ciclo e que o 1º ciclo estaria mais... enfim, ficaria para o fim, ou teria menos tempo.” [E7] 828. “(...) essa realidade progressivamente vai desaparecendo,” [E7] 829. “(...) apesar de que evidentemente são 5 pessoas, porque são 5 escolas, enquanto que os outros são... é um Departamento!” [E7] 830. “(...) de facto não é dado mais tempo ao 2º e 3º ciclos. Só de facto porque estão lá mais representantes só da escola... da escola mãe.” [E7] 851. “(...) é também a questão do espaço.” [E7] 852. “(...) depois é uma questão de hábito.” [E7] 853. “(...) são eles que têm que vir ao nosso edifício, e parecendo que não, eles vêm ao nosso edifício, à nossa sala, às nossas mesas, às nossas cadeiras ...” [E7] 854. “(...) eles sentem que são eles que têm que vir, que estão aqui quase: por favor deixem-me entrar que eu agora cheguei e pertenço a isto, (...) isto agora lentamente vai desaparecendo.” [E7] 857. “(...) eles, com outros problemas, outras perspectivas, outra maneira de viver e de fazer as coisas” [E6]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	792. “(...) os colegas do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância estavam em silêncio, a escutar, mais do que a participar, falando, comentando ou dando uma opinião.” [E10] 793. “(...) eram mais ouvintes do que propriamente pessoas que expunham as suas ideias,” [E10] 796. “(...) há medida que os meses iam passando, criou-se uma certa empatia entre nós,” [E10] 797. “(...) eles ... entraram um bocadinho, se calhar, de mansinho. Um bocadinho timidamente” [E10] 799. “(...) foi estarem horas a ouvir-nos.” [E11] 800. “Já falam um pouco mais.” [E11] 802. “(...) eles estarem muitas horas a ouvir-nos,” [E12] 803. “(...) terem que tirar do horário deles - e eles têm um horário pesado - 25 horas suponho eu, mono docência, num horário muito seguido,” [E12] 804. “(...) tinham que vir mais umas quantas horas para a escola.” [E12] 837. “(...) cada vez eles estão mais inteirados das coisas e, portanto, participam e opinam e votam de uma forma mais elucidada.” [E7] 855. “(...) primeiro ano, (...) os colegas estavam perfeitamente intimidados ao chegarem à nossa escola e sentarem, pronto, à nossa mesa. Completamente intimidados” [E6] 856. “(...) completamente abismados com os assuntos e com a nossa ... sei lá ... pedalada,” [E6] 858. “(...) eles ficaram um bocadinho assustados. Nos primeiros Pedagógicos eles ficaram, realmente, um bocadinho assustados com aquilo tudo.” [E6] 859. “(...) foi um mundo completamente novo que se abriu.” [E6] 860. “(...) depois eles chegaram à conclusão que são professores como nós e que realmente ... e que os problemas acabam por ser os mesmos ... o produto é o mesmo ... o objectivo é o mesmo ... o caminho é um bocadinho diferente, mas ...” [E6] 861. “(...) as colegas ultrapassaram essa primeira dificuldade da pressão e que agora ... sim, que estão a caminhar.” [E6] 862. “(...) as pessoas neste momento ... abordam completamente à vontade as questões” [E13] 863. “(...) mostram também o valor que têm.” [E13] 864. “(...) muitos deles têm uma riqueza muito grande e tomaram consciência disso.” [E13] 865. “(...) que realmente estavam à vontade para mostrar todo um processo que vigorava nas suas escolas e, portanto, cada vez mais o revelam e sentem ... ganham confiança naturalmente.” [E13] 866. “(...) já nem sentem tanto que é o nosso espaço (...) mas já sentem também um pouco esse espaço como deles” [E13] 867. “(...) que alguns colegas já sentem, tanto que já se sentam connosco na sala de professores.” [E12] 868. “(...) já conversam e integram as nossas conversas.” [E12] 869. “(...) os que vieram representar pela primeira vez as suas escolas, devem ter, com certeza, sentido uma grande responsabilidade” [E12] 870. “(...) é uma escola bastante grande e com muitos professores. Portanto, a responsabilidade deverá ser mais acrescida.” [E12] 871. “(...) era a responsabilidade de os vir representar e a responsabilidade de lhes transmitir o que era focado e tratado no Conselho Pedagógico.” [E12] 873. “(...) eu acho que eles quiseram, gostaram de mostrar grandes responsabilidades, de facto, e de estar à altura.” [E10] 874. “(...) orgulho por mostrarem o que se faz e como se faz.” [E10] 875. “Houve muitas vezes intervenções nesse sentido e à espera até da nossa receptividade, da nossa adesão, do nosso aplauso, mesmo ... perante aquilo que eles nos estavam a mostrar.” [E10] 876. “Vontade de querer estabelecer laços, também, connosco.” [E10] 877. “(...) a dificuldade de representatividade relativamente às escolas é a mesma relativamente aos departamentos.” [E7]

Continua

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
5. Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento	878. “(...) dificuldade de decidir pelos outros quando é necessário.” [E7] 879. “(...) se a dificuldade é quem representamos, é menos difícil representar três professores ... aliás quatro professores de uma escola, como é a número (--), que são só um por cada ano, do que representar um departamento, que são vinte e tal pessoas.” [E7] 880. “(...) os colegas do 1º ciclo, a pouco e pouco, com a convivência no Conselho Pedagógico foram ganhando outra ... uma outra autonomia” [E8] 881. “(...) começaram a reconhecer e a valorizar mais o seu trabalho e a sua capacidade de trabalho.” [E8] 882. “Porque esse trabalho foi reconhecido pelos outros elementos do Conselho Pedagógico.” [E8] 883. “(...) o seu trabalho era ali valorizado e que ele era, efectivamente, um trabalho que era ... que se podia perfeitamente equiparar ao trabalho que nós fazíamos no 2º e no 3º ciclo,” [E8] 884. “(...) eram pessoas com uma capacidade de trabalho excepcional, que se empenhavam a fundo nas coisas,” [E8] 885. “(...) estavam ávidos de aprender e de fazer melhor,” [E8] 886. “(...) estavam preparados efectivamente para partilhar as suas coisas connosco.” [E8] 887. “(...) terão grandes sacrifícios a nível pessoal na representatividade da sua escola,” [E9]

OBJECTIVOS	FRASES SIGNIFICATIVAS
6. Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento	888. “(...) deve ser difícil porque o coordenador de estabelecimento – da escola – deve ter uma visão tão alargada da complexidade de gestão da escola e, se calhar, poderia representar com mais facilidade, porque domina, de facto, essa gestão.” [E10] 889. “(...) não sendo a mesma pessoa é capaz de haver uma dispersão de informação,” [E11] 890. “(...) ou informação que se desconhece na passagem e na vinda” [E11] 891. “(...) havia alguma dificuldade depois de comunicação, daquilo que se passava no Pedagógico passar para o coordenador, que depois por sua vez iria passar ao Conselho de Docentes.” [E12] 892. “(...) nessa transmissão, que se perderia ... que se perdia com certeza alguma informação e também no contrário, no ... no ... na vinda das informações de um lado para o outro.” [E12] 893. “(...) os problemas são os mesmos que nós temos, na contradição entre as decisões de carácter predominantemente pedagógico e as decisões de carácter predominantemente executivo,” [E13] 894. “E o Conselho de Docentes tem um carácter mais pedagógico, o coordenador de estabelecimento tem um carácter que atende mais à questão da gestão pura.” [E13] 895. “(...) às vezes pode haver algum choque,” [E13] 896. “(...) é uma medida de liberalizar ou mesmo democratizar a participação num órgão ... ou nos vários órgãos.” [E8] 897. “(...) há efectivamente funções diferenciadas e penso que o coordenador do estabelecimento está muito mais ligado ao poder executivo, enquanto que os elementos que participam no Conselho Pedagógico estarão muito mais ligados a um poder legislativo,” [E8] 898. “(...) a coordenação da informação.” [E7] 899. “(...) pode haver, às vezes, é dificuldade da informação chegar.” [E7]

Anexo XX
Categorização das Frases Significativas do Grupo Focal

GRUPO FOCAL

CATEGORIAS – QUADRO

OBJECTIVO 1 – Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico antes da formação do Agrupamento Vertical de Escolas			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
ESTRUTURA DO CONSELHO PEDAGÓGICO ANTES DA EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Representação dos grupos disciplinares através dos delegados de grupo	633. “(...) o anterior delegado, que era o que representava os grupos disciplinares, trazia os assuntos correntes e que eram muito trabalhados em grupo.” [E9] 699. “(...) a nível dos delegados, eles levavam para Pedagógico questões concretas, que eram ali debatidas e que eram ... e que davam um dinamismo, e que se resolviam e que faziam andar a escola.” [E6] 735. “(...) uma que é a situação muito mais antiga que se falava, em que nós tínhamos os delegados ou representantes do grupo, isso eram Conselhos Pedagógicos que eram presididos pelo Presidente da Escola, na altura do Conselho Directivo e havia todos os representantes de grupo de... isso era... também era pesado.” [E12]	3
	Representação dos grupos disciplinares através dos chefes / coordenadores de departamento	654. “(...) nós começámos logo a sentir uma grande diferença quando foi ... quando deixaram de estar representados no Pedagógico os delegados de grupo e passou a estar o chefe de departamento,” [E8] 655. “Isso foi já uma primeira revolução na escola,” [em relação aos delegados de grupo serem substituídos pelos chefes de departamento no CP] [E8] 656. “(...) as pessoas sentiram aí uma ... alguma perda de informação, porque quando estava representado o delegado de grupo, penso que a comunicação era mais rápida e poderia ser ... poderia ser mais eficaz.” [E8] 657. “(...) com o desaparecimento efectivamente dos delegados de grupo passou a ser mais complicado, mais complexo, fazer passar essa comunicação.” [E8] 733. “(...) nós termos perdido a figura do delegado para um coordenador, houve realmente perda de informação e de identidade dos grupos.” [E11] 738. “(...) nova situação (...) dos Departamentos (...) houve uma diminuição do número... ao haver uma diminuição do número de elementos facilitou o trabalho do Conselho Pedagógico.” [E12] 751. “(...) o coordenador do departamento ia ao Pedagógico, o coordenador depois reunia com os... fazia uma reunião com os delegados e depois os delegados reuniam a nível de... de grupo disciplinar e portanto é evidente que se podia perder alguma informação,” [E13]	7

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Preparação da reunião do Conselho Pedagógico	632. “(...) as coisas eram muito mais preparadas” [E9] 648. “(...) tinha uma ordem de trabalhos mais restrita.” [E8] 768. “(...) as pessoas tinham reduções para efectivamente fazerem essas reuniões de trabalho.” [E7]	3
	Temáticas abordadas nas reuniões	645. “Anteriormente, os assuntos eram claros, eram da escola, iam ao grupo, depois traziam ... havia já uma rotina,” [E9] 649. “(...) era num âmbito muito mais restrito, porque era a nossa própria escola e era também a nossa vivência do dia-a-dia.” [E8] 719. “(...) no antes nós estávamos muito centradas em nós, portanto, na nossa realidade, nos nossos temas, nas nossas problemáticas e realmente resolvíamos tudo entre o Pedagógico e o departamento ou o grupo” [E11]	3
	Dinâmica da reunião do Conselho Pedagógico [em relação à altura dos delegados no CP]	698. “(...) havia realmente uma dinâmica enorme porque a comunicação era mais rápida, a dinâmica era muito mais eficaz.” [E6] 707. “(...) onde realmente resolvíamos e transmitíamos preocupações, e transmitíamos experiências e às vezes até ... servia até como um confessionalário para certas pessoas” [E6] 708. “(...) havia um aliviar de alguma tensão” [E6] 736. “(...) eram muitas ideias, muitas cabeças.” [E12] 737. “(...) cada uma representava um grupo restrito de pessoas mas também era complicado;” [E12]	5
	Dinâmica da reunião do Conselho Pedagógico [em relação à altura dos chefes / coordenadores de departamento no CP]	720. “(...) ficávamos muito entre nós e resolvíamos realmente tudo. Tínhamos tempo.” [E11] 739. “(...) havia menos gente a dar as opiniões, as opiniões acabam por poderem ser mais debatidas porque havia menos gente” [E12] 748. “Eu penso que o caos existia antes (...) antes era o nosso caos” [E13] 750. “(...) sempre houve uma certa agitação.” [E13] 752. “Era mais dinâmico na medida em que havia realmente, como já alguém disse, menos gente a tomar decisões, a intervir” [E13] 753. “(...) praticamente toda a gente gosta de acrescentar mais qualquer coisa e portanto isto às vezes leva a que as coisas se prolonguem e não... não sejam muito eficientes.” [E13]	6

OBJECTIVO 2 – Conhecer a dinâmica do Conselho Pedagógico, após a integração do 1º ciclo no Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
ALTERAÇÕES NO CONSELHO PEDAGÓGICO APÓS A EXISTÊNCIA DO AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS	Constituição do Conselho Pedagógico	688. “(...) o Conselho Pedagógico passou a ser de várias escolas e deixou de ser só da nossa escola,” [E7] 754. “(...) tivemos que passar a gerir realmente uma situação em que era muito mais gente a participar no Pedagógico,” [E13] 846. “(...) há é maior número de representatividade, porque somos muitos departamentos, no Conselho Pedagógico.” [E7] 872. “(...) nós temos representantes de todas as escolas e do JT” [E11]	4
ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Integração dos docentes do ensino pré-escolar e 1º ciclo (1º ano)	741. “(...) eles estavam mais a ouvir-nos” [E12] 742. “(...) nós continuávamos a ter muito mais que dizer e a falar muito mais e tínhamos sempre muito mais problemas e nós é que tínhamos que falar” [E12] 743. “(...) ficavam ali o tempo todo a olhar para nós e a ouvir-nos” [E12] 744. “(...) deixávamos às vezes meia hora para eles poderem falar.” [E12] 762. “(...) cada um de nós levava a opinião do seu Departamento e a coisa tornava-se pesada.” [E13] 763. “(...) nós nem os deixávamos muitas vezes falar, não era muito positivo,” [E13] 764. “(...) nós éramos muitos e falávamos, falávamos, cada um de nós... e cada um tinha a sua opinião... Eles coitados. Quando chegava a vez deles às vezes realmente a coisa... eles não sabiam o que é que haviam de dizer.” [E13] 918. “(...) embora no início as colegas se sentiam um bocadinho magoadas.” [sobre as trocas de nomenclatura feitas pelos docentes do 2º e 3º ciclo] [E13]	8
	Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	641. “Quando vimos para Conselho Pedagógico, já anteriormente as escolas do 1º ciclo trataram em Conselho Escolar as temáticas deles.” [E9] 759. “(...) começámos a fazer reuniões prévias dos Coordenadores de Departamento.” [E13] 760. “(...) os Coordenadores de Departamento desta escola reuniam antes do Pedagógico,” [E13]	3

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Estratégias utilizadas na preparação da reunião do Conselho Pedagógico	761. “Para levarmos de alguma forma uma ideia comum,” [E13] 765. “(...) começámos a reunir previamente,” [E13] 766. “(...) vamos preparar as coisas, mostrar que há alguma coerência entre nós para não irmos para ali realmente “lavar a roupa suja” em frente às nossas colegas” [E13] 783. “(...) quando leva as coisas, leva-as já organizadas, leva-as pensadas e diz o que tem e prepara previamente.” [E7]	4
	Estabelecimento de uma ordem de trabalhos	705. “Com estes problemas todos, com esta carga de trabalhos enorme, com uma ordem de trabalhos que é absolutamente ... nem sei qual é o adjectivo que posso aplicar” [E6] 786. “(...) são agendas de trabalho muito, muito, muito pesadas.” [E7]	2
	Principais diferenças assinaladas	638. “(...) onde eu noto mais diferença é a temática que é lá abordada,” [E9] 639. “(...) trata de assuntos desde o Jardim ... o pré-escolar ao nosso.” [E9] 658. “(...) um departamento é composto ... é muito grande, tem muitos elementos.” [E8] 660. “(...) a carga de trabalho que o próprio Conselho Pedagógico tem com o facto de ser Agrupamento,” [E7] 661. “(...) há mais problemáticas,” [E7] 662. “(...) há mais níveis de ensino” [E7] 663. “São depois as problemáticas dos espaços em si, porque uma escola – apesar de ser do 1º ciclo, como a outra escola é do 1º ciclo e a outra também – mas depois têm realidades diferentes a nível dos espaços, a nível dos serviços, a nível da escola.” [E7] 684. “Tudo vai a Pedagógico para ser aprovado! E tudo isto vezes seis escolas!” [E7] 704. “(...) para além destes nossos problemas vêm os outros todos.” [E6] 712. “(...) as temáticas eram mais variadas, diversas,” [E10] 713. “(...) com perspectivas diferentes de vários níveis de ensino e como tal menos simples,” [E10] 749. “(...) e que continuou a existir depois. (...) depois passou a ser o caos que... que... passou a ser com várias realidades.” [E13]	12

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Principais diferenças assinaladas	906. “A diferença que eu sinto ... só isto: muito, muito, muito, muito mais trabalho!” [E7] 907. “(...) eu antes preocupava-me mais ao nível da minha disciplina e centrava-me nos problemas da nossa escola.” [E6] 909. “(...) quando vivi a experiência do Agrupamento foram colocadas exigências um bocadinho diferentes” [E10] 913. “(...) é sempre uma luta entre aquilo que se quer e aquilo que se consegue e aquilo que se pode ter ... e é sempre difícil.” [E11] 917. “Era um bocado ...é um bocado o ter que ter cuidado com alguma linguagem. (...) por exemplo, eu dizia “educadora infantil”, (risos) o “ensino primário”,” [E13] 922. “(...) temos mais a noção de escola, de Agrupamento, de realidade, de comunidade educativa.” [E7]	6
	Estratégias utilizadas durante a reunião do CP	666. “(...) ler documentos, reformular, participar.” [E7] 726. “(...) aquilo vai lá e reflectimos e pensamos e discutimos.” [E11] 756. “(...) com toda a gente a querer dizer qualquer coisinha” [E13] 784. “(...) as pessoas dizem as suas opiniões” [E7] 785. “E não pode ser assim: olha, tens cinco minutos e não podes dizer mais nada porque entretanto temos dez coisas para tratar.” [E7] 836. “(...) não há aquela coisa de dizer assim: tratam-se só coisas do 3º ciclo e eles ficam para o fim meia horinha. Não é o caso, porque tudo aquilo que se está a tratar é intervenção total.” [E7] 847. “(...) todos têm as suas realidades e, cada vez mais, há maior participação.” [E7] 848. “(...) umas vezes determinadas coisas são abordadas começando pelo 1º ciclo, outras vezes...” [E7] 849. “(...) no início reparei que tinha a tendência ... porque ... de começar pelos departamentos e que o 1º ciclo ficava para o fim.” [E7] 850. “(...) depois comecei a alternar e às vezes pergunto: então, da outra vez as avaliações, começámos pelo 1º ciclo ou começámos pelo 2º e 3º?” [E7]	10

(Continua)

(Continuação)

ORGANIZAÇÃO DAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Interacção entre os docentes dos vários ciclos	832. “As visitas de estudo, as nossas votadas por eles, as deles votadas por nós. [E7] 833. “Todas elas que são implementadas são trazidas, portanto eles participam.” [E7] 844. “(...) quando se discute um Projecto Educativo de Agrupamento, um Projecto Curricular de Agrupamento, de novo, um Projecto ... um Plano Anual de Actividades, tudo isto é com a intervenção de todos.” [E7] 714. “(...) tínhamos que pensar também um bocadinho ou muito segundo a perspectiva do outro,” [E10] 715. “(...) o outro também, obviamente, iria estar atento, tomar conhecimento, mais que não fosse a situações problemáticas no 2º ciclo, no 3º ciclo” [E10] 745. “(...) nós podemos todos trabalhar em conjunto” [E12]	6
	Duração temporal de cada reunião do CP	693. “(...) se nós quiséssemos cumprir o horário de um Conselho Pedagógico, nem sequer tínhamos possibilidade de os fazer como deve ser.” [E7] 694. “(...) acabam às dez da noite, porque tudo é para amanhã.” [E7] 757. “(...) tivemos pedagógicos a terminar às onze e tal da noite.” [E13] 770. “(...) os Pedagógicos são vários por mês,” [E7] 782. “(...) leva horas a discutir,” [E7]	5
	Falta de tempo útil de preparação, debate e decisão	687. “(...) a articulação, de facto, pedagógica ... não há tempo.” [E7] 689. “(...) são reuniões de departamento, são reuniões de grupo, são reuniões de directores de turma, são reuniões dos espaços, são reuniões dos órgãos a que pertencemos – mil e uns – ... onde é que está a possibilidade mensal ... mensal!” [E7] 690. “Onde é que está o espaço ... o espaço!! ... para podermos reunir em coordenadores de departamento (...) para podermos pensar seja o que for?” [E7] 729. “(...) falta de tempo,” [E11] 731. “(...) é impossível nós reunirmos, a não ser naqueles dois tempos ao fim à quarta-feira que não chegam para nada,” [E11] 758. “(...) às vezes temos a noção de que não podemos ir para ali com a nossa intervenção individual, que a coisa ficava um bocadinho complicada.” [E13]	6

(Continua)

(Continuação)

CONSEQUÊNCIAS DA ENTRADA EM AGRUPAMENTO	Uniformização	839. “(...) sistematizar, por exemplo, as avaliações – há um balanço das avaliações.” [E7] 840. “(...) nós fazíamos um tipo de gráficos, eles traziam uns gráficos que eram por turmas, outra escola trazia mas era por anos e outra escola não sei o quê. E cada uma ... mas passaram todas a fazer a mesma coisa, porque entretanto se reuniram.” [E7] 842. “(...) os critérios de avaliação, das escolhas dos manuais, os formulários – que parecendo que é um papel, mas eles vão sendo cada vez mais uniformizados.” [E7] 843. “(...) depois adequado ao 1º ciclo, eles fazem os deles mas a preocupação é a mesma.” [E7]	4
	Maior complexidade	676. “(...) somos representantes dos departamentos, não é, mas depois em cada departamento são as pessoas dos vários espaços, dos vários clubes, das várias coisas, e quando nós chegamos ao Conselho Pedagógico não somos apenas representantes no aspecto curricular” [E7] 677. “(...) somos também representantes daquilo que vem dos vários clubes e que é dito no nosso departamento, sobre as substituições, sobre os documentos que foram aprovados,” [E7] 710. “Tem sido uma complexidade de ficar «esmagado»” [E10] 711. “As exigências que são necessárias para preparar actualmente o Conselho Pedagógico, para gerir intervenções, para ultimar documentos ... não tenho dúvida que deve ser realmente quase que uma missão titânica,” [E10] 716. “(...) tínhamos que já analisar mais documentação e até produzir documentos, não muitos, mas produzir documentos já com outra complexidade e com outras exigências também.” [E10] 718. “(...) a pessoa que presidia à reunião teria que ser muito mais eficaz e muito mais organizada, gerir já mesmo na altura uma outra complexidade e é diferente.” [E10] 721. “No depois, conhecemos o outro, introduziram-se novas temáticas, novas problemáticas, novas realidades, mais temas, mais dificuldades e as coisas complexaram-se.” [E11] 727. “(...) penso que a nossa realidade é muito mais complexa do que do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância,” [E11] 728. “(...) não é mono docência e portanto temos que trabalhar todos em conjunto, temos que nos reunir, temos os departamentos. É uma dinâmica muito mais complexa,” [E11]	9

(Continua)

(Continuação)

CONSEQUÊNCIAS DA ENTRADA EM AGRUPAMENTO	Maior complexidade	730. “(...) uma escola que tem muitos alunos” [E11] 747. “(...) deve ser muito complicado estar no Pedagógico nesta altura com tantos problemas e com tantas situações para debater e para decidir e para tomar posições.” [E12] 755. “(...) muito mais pesado” [E13] 767. “(...) calculo que é a catástrofe com a quantidade de questões para debater.” [E13]	4
	Dificuldade na gestão da dinâmica do CP	637. “(...) basta mudar os membros do Conselho Pedagógico para mudar a dinâmica,” [E9] 643. “Provavelmente se existisse essa possibilidade, quando fôssemos a um Conselho de Agrupamento os assuntos já estariam mais trabalhados” [em relação à possibilidade de reunir apenas a EB2,3] [E9] 659. “(...) prejudicou ou que poderá prejudicar os próprios trabalhos do Conselho Pedagógico.” [o tamanho dos departamentos] [E8] 685. “(...) é um peso imenso” [E7] 686. “(...)É difícil para nós digerir (riu-se) ... difícil de gerir e digerir!” [E7] 732. “Todas estas mudanças, todas estas mobilidades implicam um amadurecimento e para amadurecer é preciso reflectir, é preciso tempo para reflectir, é preciso introduzir muitas dinâmicas diferentes.” [E11]	6
	Desempenho dos docentes do 2º e 3º ciclo no CP	717. “(...) em termos do cargo que ocupava não senti grande mudança” [E10] 900. “(...) a minha postura actualmente é tentar com a realidade, vivenciando no dia-a-dia, produzir melhor, servindo o grupo e a escola e o Agrupamento.” [E9] 901. “(...) a minha posição pautou-se sempre por ... por tentar participar o melhor possível, sempre de uma forma positiva e com uma posição de partilha com os colegas que fazem parte do Conselho Pedagógico.” [E8] 910. “(...) tentei de facto, se calhar na mesma ser competente ou igualmente competente, no antes e no depois.” [E10] 911. “(...) tentei sempre fazer o melhor que sei, que sabia, dar sempre o máximo, numa perspectiva sempre construtiva, no sentido de melhorar” [E11] 916. “(...) A nível do desempenho, procurei ter o melhor possível e o melhor que eu era capaz ...” [E13]	6

(Continua)

(Continuação)

CONSEQUÊNCIAS DA ENTRADA EM AGRUPAMENTO	Dificuldade de comunicação e transmissão de informação / decisões vindas do CP	700. “(...) os coordenadores – e porque muitas vezes os departamentos têm muitas disciplinas – perdem-se. Perde-se muita informação.” [E6] 701. “Perde-se muita informação. Perde-se muito tempo a discutir muita coisa.” [E6] 912. “(...) nem sempre é fácil fazer a gestão daquilo que se decide lá,” [E11]	3
	Maior responsabilidade e responsabilização	773. “(...) o próprio Ministério da Educação, que cada vez manda para baixo as responsabilidades.” [E7] 776. “Vão é pôr para baixo as responsabilidades,” [E7] 780. “São mais as responsabilidades e menos a autonomia.” [E7] 781. “(...) as responsabilidades acrescem as decisões,” [E7]	4
	Solicitações múltiplas – exigência de rapidez	695. “As visitas de estudo são para a semana,” [E7] 696. “(...) os projectos são para implementar,” [E7] 697. “(...) aquilo é para levar amanhã ao Ministério da Educação” [E7]	3
PODER DE DECISÃO	Falta de autonomia real	725. “(...) não temos nenhuma decisão sobre isso, mas o que é certo é que isso vai a Pedagógico e nós reflectimos e pensamos e falamos.” [E11] 746. “(...) o grande problema (...) todas as alterações que vieram do exterior. Umas vindas do exterior por imposição, outras criadas no interior também impostas.” [E12] 771. “(...) o peso que é dado na escola não permite depois essa flexibilidade de trabalho.” [E7] 775. “(...) eles continuam-nos a impor as coisas e portanto é uma democraticidade falsa.” [E7] 777. “(...) porque quando há reformulações eles não as permitem” [E7] 778. “(...) isto parece que é uma autonomia da escola. Não é.” [E7] 779. “Porque a autonomia de escola é muito restrita.” [E7] 919. “(...) também se torna mais difícil a questão do Conselho Pedagógico hoje, não só por sermos Agrupamento mas também porque as medidas impostas a nível do Ministério da Educação são muito impopulares e são muito negativas para a classe dos professores.” [E7]	8

(Continua)

(Continuação)

PODER DE DECISÃO	Falta de autonomia real	920. “(...) o Conselho Pedagógico, que depois tem que gerir e aplicar aquilo que nos é imposto,” [E7] 921. “(...) é mais difícil às vezes fazer – e volto outra vez a usar o termo descer, não é – implementar junto daqueles que nós representamos aquilo que o Conselho Pedagógico decidiu, mas decidiu face a uma obrigatoriedade legislativa ou ministerial.” [E7]	2
TEMÁTICAS ABORDADAS NAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Assuntos decorrentes da entrada em Agrupamento	665. “(...) há um Projecto Educativo de Agrupamento que, apesar de ser da, enfim, da responsabilidade do Conselho Executivo, há depois que ser analisado, avaliado no Conselho Pedagógico.” [E7] 667. “(...) o Projecto Curricular de Agrupamento que envolve tudo o que é curricular (...) demora muito tempo também,” [E7] 668. “Só a apresentação do Plano Anual de Actividades dos vários departamentos e das escolas do 1º ciclo é, só isso, horas e horas infundáveis.” [E7] 678. “(...) fomos apanhados com a mudança para Agrupamento que traz logo a criação de dinâmicas novas, como são o Regulamento Interno, como são os Projectos Educativos, como são Planos Anuais de Actividades, como é o Projecto Curricular de Agrupamento,” [E7] 692. “(...) em cada Conselho Pedagógico nós chegamos a aprovar dez e doze visitas de estudo ... onde vamos analisar intervenientes, objectivos, locais, orçamentos” [E7] 722. “(...) houve mudanças necessárias à escola. O Projecto Educativo teve que ser alargado, modificado. Houve um Plano de Actividades, o Projecto Curricular, em que realmente tudo é novo. Tudo é modificado, o Regulamento Interno” [E11]	6
	Assuntos decorrentes de decisões internas	669. “A avaliação externa implicou o repensar de situações, implicou depois o reflectir sobre a avaliação externa, implicou as sugestões sobre essa avaliação externa ... tudo isto foram meses.” [E7] 670. “Depois a proposta para os TEIP.” [E7] 679. “(...) a entrada na avaliação externa, o que isso implicou. E depois o que veio da avaliação externa e o que implicou a avaliação da avaliação externa ... fomos avaliados internamente da avaliação da avaliação, por causa da avaliação,” [E7] 680. “Depois a questão dos TEIP, que implicam também alterações, e que há sempre informações a dar,” [E7] 845. “(...) o balanço das avaliações ... e depois, claro, a tal avaliação externa que houve, ou os TEIP,” [E7]	5

(Continua)

(Continuação)

TEMÁTICAS ABORDADAS NAS REUNIÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO	Assuntos decorrentes de decisões / intervenções externas	653. “(...) houve alterações tão significativas em termos legislativos que estão ligados ao ensino que obrigou o Conselho Pedagógico a ter ... a tomar posições muitas vezes sem ter tempo suficiente para ... para reflectir efectivamente sobre aquilo que se está efectivamente a passar e a resposta que será mais correcta dar, e que nos é exigido que se dê rapidamente.” [E8] 673. “(...) reformas que vieram a nível ministerial: tivemos a reforma na avaliação – tivemos que fazer documentos novos, tivemos que fazer planificações novas, tivemos que alterar documentos, etc – na distribuição da carga horária – e porque há carga do tempo não lectivo, e porque há que distribuir, e porque há que ver.” [E7] 681. “O próprio Ministério da Educação que ... é uma sobrecarga grande a nível da gestão, porque marca reuniões,” [E7] 682. “E agora são as provas de aferição que são obrigatórias todos os anos” [E7] 723. “(...) houve mudanças legislativas que obrigaram a introduzir outras... a nos habituarmos a outra maneira de trabalhar.” [E11] 774. “(...) critérios de contratação de professores. É o Conselho Pedagógico que tem que decidir (...) por proposta do Conselho Executivo, (...) mas eles têm que ir ... ocupou três horas.” [E7] 834. “Legislação e sua aplicação,” [E7]	7
	Assuntos sem relação directa com a entrada em Agrupamento	671. “E depois são as propostas e as informações e as reformulações e as sugestões. E vai à base e volta acima, e volta acima e faz propostas e vai à base e volta acima.” [E7] 674. “(...) a análise dos relatórios e das propostas e dos projectos para os vários espaços.” [E7] 675. “(...) a questão das substituições, e os clubes, e os projectos da sala de estudo” [E7] 683. “(...) há uma comissão, e porque traz informações, e que leva a Pedagógico, e são as listas, e são os horários, e são as salas ... e tudo vai a Pedagógico para ser aprovado” [E7] 724. “Os planos de recuperação, os planos de acompanhamento, o gerir as aulas de substituição, o decidir quem é que vai para aonde,” [E11] 831. “(...) assuntos que são tratados colectivamente, como por exemplo as visitas de estudo” [E7] 835. “(...) os planos de acompanhamento, os planos de recuperação, as fichas novas, etc, que eles também tinham.” [E7]	7

(Continua)

(Continuação)

SENTIMENTOS DOS DOCENTES DO 2º E 3º CICLO SOBRE A PASSAGEM A AGRUPAMENTO	Falta de espaço próprio de discussão e debate	640. “(...) quem ficou a perder – se é que alguém perde aqui – foi a escola sede porque deixou de ter um Conselho Pedagógico próprio para tratamento das questões próprias da escola.” [E9] 642. “Nós não. Perdemos isso.” [em relação à possibilidade de reunir apenas a EB2,3] [E9] 646. “Como há uma mudança, quem perdeu fomos nós” [E9] 702. “(...) deixámos realmente de ter um espaço nosso, para debater os nossos problemas.” [E6] 703. “(...) nós temos muitos problemas na realidade e que têm que ser debatidos, têm que ser resolvidos (...) e não conseguimos debatê-los.” [E6] 706. “(...) perdemos muito em deixar de ter um espaço nosso,” [E6] 709. “(...) no Pedagógico alargado, não há esse ... espaço.” [E6] 769. “(...) quantas vezes não gostaria de reunir só com as pessoas da escola – mas sinto algum constrangimento” [E7]	8
	Dificuldades de adaptação à mudança	634. “Com o alargar, no depois, do raio de acção, da temática (...) torna-se um bocadinho mais disperso, mais difícil de se perceber qual é a natureza dos trabalhos que têm que se fazer agora.” [E9] 635. “(...) estamos no início deste processo todo em que é preciso acertar documentação de registo, fichas” [E9] 740. “(...) nós ainda não estávamos adaptados a uma nova vivência e já estamos a viver uma nova situação.” [E12] 644. “Estamos é a ter dificuldades.” [E9] 647. “(...) estamos a adaptar-nos. A ver se tiramos vantagens daquilo.” [E9] 650. “(...) o raio de acção é muito maior, o que nos tem criado várias dificuldades” [E8] 651. “(...) ainda estamos um bocadinho, digamos, em estado quase que de choque em relação às coisas novas que vão surgindo constantemente.” [E8] 652. “(...) os problemas residem agora nesta maior abrangência” [E8] 664. “(...) nós ainda estamos no início de tudo isto” [E7] 672. “(...) é uma imensidade para além do que é normal.” [E7]	10

(Continua)

(Continuação)

SENTIMENTOS DOS DOCENTES DO 2º E 3º CICLO SOBRE A PASSAGEM A AGRUPAMENTO	Dificuldades de adaptação à mudança	691. “(...) é muito difícil!” [E7] 772. “(...) é muito difícil.” [E7]	2
	Expectativas quanto ao futuro	734. “(...) neste momento já estamos a conseguir readquirir uma nova identidade em termos de coordenação, em termos de grupo” [E11] 636. “Provavelmente para o próximo ano como estas matérias já estarão devidamente tratadas outras virão” [E9]	2

OBJECTIVO 3 – Contribuir para a identificação de factores gerais considerados positivos ou negativos pelos professores do Conselho Pedagógico, em resultado da formação de Agrupamentos Verticais de Escolas			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
EXPECTATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO	Ausência de opinião formada	440. “Sei que poderiam advir desse agrupamento, dessa junção, aspectos positivos mas também alguns negativos, mas não tinha assim muito uma opinião muito formada” [E11]	1
	Melhoria para a escola e/ou os alunos	439. “(...) fiquei convencida que de facto poderia ser uma experiência positiva, enriquecedora no sentido de articular vários... várias maneiras de ver e de encarar o aluno em perspectivas realmente etárias e em perspectivas educativas, portanto, que atravessam o aluno e que passam pelo aluno ao longo de vários anos de escolaridade.” [E10] 453. “(...) quando surgiu a ideia achei que a experiência poderia valer a pena, pronto, achar que... se punha a hipótese de poder melhorar alguma coisa...” [E6] 473. “(...) em termos de princípios aquilo que de facto nos foi exposto era aliciante.” [E10]	3
	Recusa e pressão para formar Agrupamento	441. “(...) o facto de entrarmos num Agrupamento não foi de imediato. Houve inicialmente até a hipótese de não o fazermos.” [E12] 442. “Portanto não foi por vontade das pessoas da escola nem da gestão da altura passarmos a Agrupamento. E por isso tinha havido uma reunião geral em que não se concordou. Em que não houve acordo, portanto, para... para fazê-lo. Só posteriormente penso que foi o Ministério que praticamente nos obrigou a entrar neste Agrupamento.” [E12] 443. “Mais do que concordar foi ceder.” [E13] 446. “Não concordei. (...) houve uma certa forma de pressão por parte das entidades superiores hierárquicas no sentido de nos obrigarem a tomar... a dar esse passo que na altura não nos pareceu... pelo menos a mim, pessoalmente... estarmos preparados, nem querermos com as condições que nos eram veiculadas na altura aceder à formação do Agrupamento.” [E9] 449. “Efectivamente depois aquilo que aconteceu e que nos foi imposto é que teríamos que nos juntar a todas estas escolas e que acaba por ser um colectivo muito pesado.” [E8] 450. “(...) foi uma participação mais da recepção da imposição que foi feita.” [E7] 466. “(...) como estava na Gestão na altura, e nós sabíamos o peso que era ter os alunos que já tínhamos nesta escola e pensar que iríamos ter muito mais alunos e muito mais escolas, portanto o peso - quer a nível administrativo quer a nível de recursos - ia ser muito grande e essa foi a questão que nos... que não nos motivou para aceitar de imediato,” [E12]	7

Continua

Continuação

EXPECTATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO	Reticências quanto à formação do Agrupamento	444. “Mas realmente à partida sentia algumas... algumas reticências, porque achava que ia ser um processo difícil. Mas também reconhecia, como a E10, algumas potencialidades.” [E13] 445. “(...) a minha perspectiva pessoal era de hesitação mas... sendo que não estava inteiramente contra na medida em que no início, numa reunião em que houve uma reunião com representantes da DREL, do Ministério, aquilo que nos foi dito é que se nós entrássemos digamos sem ser... na primeira fase nós não esperássemos mesmo até à saída do decreto-lei, que iríamos ter algumas vantagens em termos de condições que têm que ser facultadas para a sua realização” [E13] 447. “Não tive, nunca tive, uma posição contrária a esta... a esta alteração, mas achei efectivamente que se calhar ela foi forçada demais. Não devia ser... porque senti efectivamente que acabava por haver uma imposição e que nós teríamos que dar uma resposta o mais rápido possível” [E8] 454. “(...) assustou-me um bocadinho realmente, o número das escolas e o número de jardins de infância envolvidos, e as consequências e os problemas que traria para a nossa escola já que ela por si era... é, continua a ser problemática e o número de escolas que nós conseguimos agregar iria com certeza tornar esses problemas ainda maiores.” [E6]	4
	Agrupamento de menor dimensão	474. “(...) fez sentido na minha mente (...) que era uma proposta de Agrupamento com a escola ao lado.” [E10] 475. “(...) já vinha sendo uma escola com a qual nós tínhamos já contactos. Por exemplo, já tínhamos experiência de reuniões com professores do quarto ano quando da elaboração dos critérios de elaboração das turmas do quinto.” [E10] 476. “Portanto, já havia um trabalho anterior mesmo sem haver realmente uma imposição e de facto uma directriz superior.” [E10]	3
	Infirmação das expectativas	448. “Nunca me passou pela cabeça efectivamente é que... íamos ser, digamos, que obrigados a formar um Agrupamento onde iríamos ter tantas escolas do primeiro ciclo e jardins de infância, ou seja, eu pensei sempre que nos iam dar a hipótese de nós podermos optar,” [E8] 451. “(...) no início também foi dito que se aderíssemos mais cedo seria melhor e que, portanto, havia a possibilidade de negociação e no final vimos que as escolas que recebemos são aquelas da população escolar que sempre vinha para aqui.” [E7] 452. “(...) não houve grande mudança nem vejo grande benefício pelo facto de termos começado mais cedo.” [E7]	3

Continua

Continuação

EXPECTATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DO AGRUPAMENTO	Infirmação das expectativas	458. “(...) realmente as condições que acabaram por nos ser propiciadas foram nulas,” [E13] 467. “E pensámos sempre (...) que poderíamos escolher a escola, e a escola que nos parecia estar mais apta e com a qual nós poderíamos trabalhar melhor seria com a (--) que é a que estava próxima.” [E12]	2
FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Natureza pedagógica dos factores positivos	527. “(...) é implementada uma reforma que toda ela encerra objectivos positivos, a articulação dos níveis de ensino, da comunidade educativa, estabelecimento de oportunidades similares, ou seja, a mesma comunidade educativa tem os mesmos objectivos, as mesmas oportunidades, a articulação curricular estratégica e pedagógica, pronto.” [E7] 528. “Portanto, os objectivos são todos eles positivos e o esforço da comunidade educativa é nesse sentido.” [E7] 589. “(...) em termos de pedagogia eu penso que foi bom, que foi bom.” [E11]	3
	Turmas de CEF e/ou Percursos Alternativos: rentabilização de aprendizagem	580. “(...) um benefício, pontual é verdade, (...) que é sobre as turmas dos CEF’s que temos (...) na nossa escola agora e que acabaram (...) aqui a sua formação e que, alguns deles, vão fazer formação e dar ... aliás, vão dar formação aos professores do 1º ciclo e aos meninos do 1º ciclo. (...) penso que é, um grande benefício para a escola e para as crianças.” [E6] 596. “(...) nos percursos alternativos nós temos uma aluna que está a fazer formação todas as sextas-feiras num Jardim-de-Infância do nosso Agrupamento.” [E11]	2
	Benefícios para todas as escolas do Agrupamento	455. “O benefício foi idêntico para todas.” [E13] 459. “(...) há uma certa riqueza da parte das pessoas quer... dos professores e até se calhar dos miúdos que... em que todas acabaram, na minha perspectiva, por ganhar um pouco.” [E13] 460. “Todas acabámos por ganhar um bocadinho dessa... dos contactos que têm sido possíveis entre nós.” [E13] 481. “(...) todas terão beneficiado em relação àquilo que já foi dito sobretudo à partilha de anseios, de dúvidas, de perspectivas, de experiências pedagógicas. Aí todos terão beneficiado.” [E10] 498. “(...)...portanto as vantagens são... eu acho que nos dois sentidos,” [E7]	5

Continua

Continuação

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Benefícios para todas as escolas do Agrupamento	541. “(...) é muito positivo haver neste momento uma maior abertura a nível de contacto entre as várias escolas” [E8] 547. “(...) melhorando em termos pedagógicos, fundamentalmente nessa base. Com tudo o que traz atrás: fichas, documentos. Educação a esse nível em todas as escolas.” [E9]	2
	Benefícios para a EB2,3	456. “(...) a nossa beneficiou de uma certa experiência, do contacto com os colegas do primeiro ciclo e do jardim-de-infância que eu penso que tem tido, na minha perspectiva, alguns aspectos positivos...” [E13] 508. “(...) esta junção com as escolas do 1º ciclo abriu muito mais os nosso horizontes particularmente em termos pedagógicos.” [E8] 510. “(...) acabámos por todos ganhar com esta... este trabalho agora mais colectivo e qualitativo,” [E8]	3
	Benefícios para as EB1	457. “(...) elas também beneficiaram.” [E13] 461. “Eu penso que houve algumas vantagens em relação a algumas escolas, principalmente as escolas mais afastadas e que... afastadas aqui da nossa, que não teriam contacto tão próximo com esta,” [E12] 463. “E as outras escolas mais afastadas eu penso que em termos de recursos, até de recursos, que estariam em desvantagem em relação a esta que está aqui mais próxima. Portanto, provavelmente devem ter ganho alguma coisa com isso.” [E12] 478. “(...) penso que há benefícios que todas as escolas do 1º ciclo... eu penso que irão beneficiar igualmente.” [E10] 479. “Penso que a beneficiar todas terão beneficiado.” [E10] 483. “Eu penso que as escolas do 1º ciclo, de uma maneira geral, beneficiaram com o Agrupamento porque elas estavam realmente isoladas.” [E6] 489. “(...) eu considero que os benefícios foram mais para o 1º ciclo do que para o 2º e para o 3º.” [E7] 490. “(...) porque as escolas funcionavam muito isoladamente e nota-se aqui uma articulação, mais até que vertical, uma articulação horizontal.” [E7] 495. “(...) primeiro do que a articulação vertical é esta articulação horizontal.” [E7] 502. “(...) as escolas do 1º ciclo beneficiaram ao entrar no nosso Agrupamento porque acho que elas efectivamente estavam muito isoladas.” [E8]	10

Continua

Continuação

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Benefícios para as EB1	506. “(...) esta entrada neste Agrupamento acabou por ser uma mais valia efectivamente para o 1º ciclo.” [E8] 507. “Mais para o 1º ciclo do que propriamente para nós,” [E8] 515. “Eu vou bater novamente no tal isolamento que penso que realmente as escolas primárias tinham e que agora deixaram de ter” [E6] 518. “(...) sobretudo a nível das escolas do 1º ciclo.” [em relação ao trabalho conjunto] [E6]	4
	Benefícios para os JI	480. “(...) o jardim-de-infância, que acaba sempre por ser, na minha perspectiva, um bocadinho o parente... o parente pobre da educação. Se calhar teve uma visibilidade, para nós que trabalhamos com crianças e com jovens já bem mais crescidos, se calhar foi bem mais notado, notório e notável, não é, fez-se notar, do que propriamente o 1º ciclo ou os últimos anos do 1º ciclo.” [E10]	1
	Melhor conhecimento dos alunos que chegam à EB2,3	509. “E até permitiu agora compreendermos melhor alguns problemas que nós detectávamos nos alunos e também encontrar através do diálogo com estas colegas a solução... ou procurar a solução para alguns destes problemas que nós detectamos.” [E8] 522. “(...) penso que o contacto com todos... com toda a cadeia, digamos assim, beneficia certamente os alunos.” [E6] 584. “(...) os miúdos trazem já para aqui muitas coisas que eles já têm no 1º ciclo – problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, problemas com as famílias (ou não) – já está tudo presente no 1º ciclo.” [E11]	3
	Continuidade de projectos anteriores	462. “(...) com esta escola (...) já havia algumas situações de contacto, algumas situações em que os alunos ou vinham à escola ou alguns professores chegaram a ter um projecto a irem à outra escola.” [em relação à escola vermelha] [E12]	1
	Proximidade geográfica	486. “A que beneficiou mais, penso que continua a ser sempre esta que está aqui mais próxima de nós porque também são sempre aqueles que vêm sempre cá mais do que os outros.” [E6] 499. “Aqueles que mais beneficiam de facto são aqueles que estão mais perto porque a nível de actividades é mais fácil dirigirem-se aqui.” [E7] 514. “Penso que por uma questão de proximidade geográfica aqui, aparentemente, quem beneficiará mais é aqui a escola do lado.” [E9]	3

Continua

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Partilha de experiências entre níveis de ensino	464. “Em termos de troca de experiências, em termos de nós também percebermos às vezes o percurso que os alunos e que os nossos colegas fazem desde a pré-primária até chegarem aqui, eu penso que foi importante.” [E12] 465. “(...) todos tiramos vantagem, assim como os colegas do 1º ciclo e da pré-primária que também passaram a conhecer-nos e ao nosso trabalho aqui, e aquilo que nós... as nossas expectativas em relação aos... aos alunos que vinham... que nos chegavam cá.” [E12] 469. “Em relação aos contactos que nós temos com os professores do 1º ciclo e do jardim-de-infância, temos realmente... há uma... há uma percepção diferente daquilo que eles fazem, daquilo que nós fazemos, e das dificuldades que eles têm, e das aprendizagens que os... que os alunos deles fazem e não fazem, que... que... que nós desconhecíamos e eles se calhar também a mesma coisa em relação a nós.” [E11] 496. “(...) na troca de experiências, mas não só na troca de experiências, no sentido de haver aquela articulação vertical, evidentemente que se passa ao mesmo tempo que a horizontal, que permite por um lado o 2º e 3º ciclo saber, conhecer previamente não só a nível curricular, como a nível de estratégias pedagógicas, os alunos que vamos receber” [E7] 497. “(...) a nível dos programas, a nível das estratégias aplicadas” [E7] 520. “(...) agora há uma troca de experiências que antes não havia mesmo. Nós não fazíamos ideia de que... de que... dos conteúdos programáticos que nós damos aqui ou não damos, se seriam lá abordados ou não.” [E6] 521. “(...) só quem tinha filhos no 1º ciclo é que poderia estar dentro do assunto.” [em relação aos programas/conteúdos disciplinares] [E6] 581. “(...) nós conhecermos de forma mais sistemática e mais real as realidades deles” [E11] 582. “(...) há troca de experiências,” [E11] 583. “Nós ficamos a saber as dificuldades que os professores têm, os alunos – as problemáticas que os alunos têm – e acabamos por perceber que afinal eles ... nós também temos as mesmas e eles também têm aquilo que nós depois” [E11] 903. “(...) agora fazem parte deste Conselho Pedagógico colegas que vinham de uma realidade que eu efectivamente não conhecia e que agora estou a conhecer” [E8] 905. “(...) também poder partilhar com eles as minhas experiências.” [E8]	12

Continua

Continuação

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Partilha de experiências entre níveis de ensino	923. “(...) nós poderemos trabalhar sem estar no Pedagógico, em outros projectos com colegas do 1º ciclo ...” [E12] 925. “(...) contacto com os colegas do 1º ciclo e dos Jardins-de-Infância, que para mim tem sido uma experiência efectivamente muito positiva,” [E8]	2
	Partilha de experiências entre escolas do 1º ciclo	516. “(...) eu vi as colegas fazerem actividades conjuntas, preparar actividades, preparar materiais, portanto, reuniões, etc,” [E6] 517. “(...) que não estariam até à altura... nunca lhes tinham solicitado essa atenção.” [em relação ao trabalho conjunto] [E6]	2
	Empenho por parte dos docentes	537. “(...) este Agrupamento e falo por este, só funciona porque de facto as pessoas que estão envolvidas na sua construção são empenhadas e há sempre... no ensino sempre houve este amor à camisola, e vamos fazer, e vamos trabalhar fora de horas, e vamos reunir e articular,” [E7]	1
	Continuidade entre ciclos	488. “A transversalidade a nível por exemplo dos conteúdos programáticos também foi um benefício importante para mim, que sou de Língua Portuguesa, porque conseguimos portanto ver os programas que por vezes esquecemos o que é que eles dão no 1º ciclo depois passar para o 2º, passar para o 3º, começámos a ter uma linha de continuidade que não tínhamos até aqui.” [E6] 493. “(...) se a articulação se desse só verticalmente o que aconteceria era cada escola estaria na mesma só ligada à escola mãe e não haveria a articulação horizontal e portanto para que a comunidade educativa funcione nesta uniformidade que se pretende com um projecto comum, com objectivos comuns, etc, tem que haver também um encontro entre os vários níveis de ensino” [E7] 519. “(...) escolas do 1º ciclo e a nossa escola, também tinha referido há pouco a transversalidade, portanto, a nível de conteúdos,” [E6]	3
	Processo de unificação / coesão no Agrupamento	484. “(...) tiveram aqui a oportunidade de se juntar e de... de alguma coerência penso ao nível da estrutura de todas as escolas.” [E6] 485. “(...) cada uma funcionava de uma maneira diferente e eu penso que a junção a nível do Conselho Pedagógico... portanto houve uma uniformidade de critérios que penso que ajudou na organização da... dessas escolas.” [E6]	2

Continua

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Processo de unificação / coesão no Agrupamento	491. “(...) as escolas pelo facto de estarem juntas nos vários órgãos, e neste caso no Conselho Pedagógico, podem uniformizar critérios, articular estratégias, escolha de manuais,” [E7] 492. “(...) depois, à posteriori, é que será uma mais valia para o 2º e 3º ciclo porque vai preparar toda uma comunidade educativa numa mesma plataforma,” [E7] 505. “(...) estamos a fazer um esforço para que haja um diálogo constante com todas as escolas do 1º ciclo e entre as escolas do 1º ciclo,” [E8] 542. “(...) o que nos permite criar documentação que passa a ser uniformizada entre os vários níveis de ensino e entre as várias escolas.” [E8] 546. “(...) a grande vantagem positiva deste... da constituição deste Agrupamento tem a ver com a possibilidade que foi criada de haver uma perspetivação, uma possibilidade de deixar de se funcionar parcialmente de escola a escola,” [E9] 556. “(...) aquela questão da potencialidade de nós podermos gerir o currículo em conjunto e darmos alguma coerência a toda essa gestão.” [E13] 563. “(...) nós que temos semanalmente um trabalho conjunto com colegas de outras escolas, eu e aqui a minha colega... (risos) eu penso que temos uma perspectiva positiva.” [E13] 585. “(...) a uniformização de alguma papelada e de alguns critérios de avaliação.” [E11] 586. “(...) num dos anos havia uma diferença em termos de avaliação muito, muito ... muito forte. (...) E isso foi reformulado, foi discutido” [E11] 587. “A apresentação dos balanços, em finais de período, no Conselho Pedagógico é muito bom. Faz-nos pensar que as dificuldades já têm assim ... já vêm ao longo do tempo e algumas são colmatadas e outras não.” 588. “(...) a articulação curricular já foi falada, há mesmo os objectivos que tendem a ser muito semelhantes” [E11] 607. “(...) traz a construção de um Projecto Educativo comum e de todos os outros documentos importantes que dele advêm” [E10] 621. “(...) nós achamos que, de facto, é mais importante o colectivo, é mais importante construirmos, é mais importante a responsabilização conjunta, por exemplo, de todos nós. Tudo isso é positivo,” [E10] 841. “(...) aquilo que aprendem aqui entre eles e muito também connosco, e nós com eles, vai criando uma uniformização.” [E7]	14

Continua

Continuação

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Construção de uma identidade colectiva	504. “Quando passaram a fazer parte do Agrupamento houve uma perda dessa identidade individual mas também com o passar vão construir uma identidade colectiva. E eu acho que isso, provavelmente, é mais importante.” [E8] 511. “(...) construir esta tal identidade colectiva.” [E8] 525. “(...) quanto a mim estamos no caminho certo e... e que vai... que vai beneficiar toda a comunidade.” [E6] 540. “(...) estamos todos a tentar caminhar para, em termos de Agrupamento, todos falarmos uma mesma linguagem quando o público-alvo são os estudantes.” [E8] 543. “(...) no dia-a-dia estamos a tentar começar... estamos a tentar todos falar uma mesma linguagem, todos conhecermos também o que dizemos,” [E8] 544. “(...) também penso que é importante, de continuarmos a ser... a ter a tal nossa identidade.” [E8] 604. “(...) o grande aspecto positivo é por si só (...) o nós estarmos a construir um projecto comum. [E10] 605. “(...) não deixámos de ser o “eu” mas passámos a ser o “nós”,” [E10] 606. “E começámos a pensar de uma outra maneira e começámos a tentar conhecer-nos, não como uma colectividade mas como um colectivo.” [E10] 908. “(...) fazemos parte de algo maior, algo que é ... que é nosso ... da nossa comunidade, e que estamos a preparar um caminho que, penso eu, vamos melhorar.” [E6]	10
	Possibilidade de gerir recursos humanos	533. “(...) uma coisa positiva é a gestão por exemplo dos recursos humanos.” [E7] 534. “(...) se falta uma funcionária num outro estabelecimento de ensino, a gestão pode... gerir os funcionários daqui... pegar num deles e mandá-lo nesse dia.” [E7] 552. “(...) possibilidade de uma planificação das actividades da gestão conjunta dos recursos e portanto isso foi positivo.” [E13]	3
	Enriquecimento pessoal / aprendizagem por parte dos docentes da EB2,3	615. “(...) o querer, realmente, cada vez ser alguém que constrói da melhor maneira possível este colectivo.” [E10] 902. “(...) com o Agrupamento, aquilo que eu sinto é talvez a possibilidade de aprender um pouco mais.” [E8] 904. “(...) muito útil para melhorar os meus conhecimentos” [E8]	3

Continua

Continuação

FACTORES POSITIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Enriquecimento pessoal / aprendizagem por parte dos docentes da EB2,3	914. “Trouxe-me, sim, um enriquecimento porque me alargou realmente alguns horizontes e porque passei a conhecer como é que funcionava – pelo menos alguns aspectos – as escolas do 1º ciclo e da pré que eu não conhecia.” [E12] 915. “(...) fiquei a perceber melhor como é que eles funcionavam.” [E12] 929. “Acho que melhorei, também, com este contacto ...acho que melhorei como ser humano.” [E8]	3
	Reconhecimento do valor do 1º ciclo	926. “(...) fui descobrindo que efectivamente estava um bocadinho deslocada porque, digamos que valorizava demais o nosso papel aqui no 2º e no 3º ciclo e não dava efectivamente – ou não valorizava como devia – o trabalho espectacular que os colegas do Jardim-de-Infância e do 1º ciclo têm que fazer.” [E8] 927. “(...) não tinha consciência plena, não só das dificuldades que eles têm,” [E8] 928. “(...) do trabalho de grande valor que eles vão fazendo diariamente com os alunos que têm.” [E8]	3
FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Falta de meios e recursos para atingir objectivos positivos	526. “(...)Aliás, eu acho que os negativos são a impossibilidade de praticarmos os positivos,” [E7] 529. “O que é depois negativo é não serem dadas as condições para praticar os objectivos que se pretendem” [E7] 532. “(...) os objectivos são positivos, o esforço que se faz nesse sentido é positivo, mas depois aquilo que é exigido para que esses objectivos sejam concretizados é que torna às vezes esses objectivos aparentemente negativos “ [E7] 536. “(...) aquilo que é dado para atingir os objectivos que eles em si são positivos é que é negativo.” [E7] 538. “(...) mas de facto as condições não são, não são dadas.” [E7] 553. “Negativo, é realmente falta de recursos para pôr essas potencialidades em prática,” [E13] 558. “(...) uma potencialidade (...) que depois foi cortada por falta de recursos que já existiam e que nos tinham sido prometidos mas que, foram só promessas,” [E13] 560. “(...) quase que ficámos numa carta de intenções. Era excelente!” [E13] 572. “(...) praticamente são só vantagens mas realmente pô-las em prática tem sido extremamente difícil.” [E12] 619. “(...) é exigir, exigir, exigir e depois apoiar – ou não apoiar de modo algum – apoiar o mínimo,” [E10]	10

Continua

Continuação

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Falta de meios financeiros	539. “(...) penso que os negativos estão efectivamente ligados à questão dos recursos existentes e a alguma falta de meios para por em prática ideias que eu considero que são efectivamente óptimas e que estavam subjacentes à criação do próprio Agrupamento,” [E8] 545. “Os negativos, volto a reforçar, penso que efectivamente têm a ver mais com a parte económica, a estrutura económica, porque não temos, e aqui sente-se efectivamente a crise, não temos os meios financeiros para por em prática todas as ideias.” [E8] 551. “(...) a questão financeira. Não se pode fazer “<i>omoletas sem ovos</i>”. É o caso. Somos dotados parcamente de recursos, temos que inventar e não podemos. Quando assim é, por algum lado vai sair mal.” [E9] 576. “Pelas financeiras” [E12] 623. “(...) são muitos os condicionalismos económicos,” [E10]	5
	Falta de tempo	599. “(...) o tempo para as reuniões é difícil” [E7] 608. “(...) fazer isto é difícil, é complexo, é demorado” [E10] 609. “(...) nós temos, de facto, como grandes factores negativos o tempo que nos é dado ... ou o tempo que não nos é dado, portanto, a nossa distribuição horária.” [E10] 611. “(...) a falta de tempo,” [E10] 624. “(...) o tempo que não nos dão para reunir, o tempo que não nos dão para reflectir, para pensar ... o tempo que nem nos dão para conversarmos uns com os outros e desabafarmos uns com os outros sobre aquilo que está a correr bem ou a correr mal, ou que nos está a preocupar.” [E10]	5
	Dimensão do Agrupamento	468. “(...) o ideal seria até esta escola só receber alunos daquela escola e as outras deveriam ir “<i>desaguar</i>” a uma outra escola que não existe.” [E12] 530. “(...) a área que este Agrupamento cobre é uma área muito grande, as escolas estão muito longe,” [E7] 548. “(...) número de escolas envolvidas,” [E9] 550. “(...) o número de alunos.” [E9] 568. “Portanto, em relação às dificuldades, passam muito pelo número de alunos.” [E12] 569. “(...) nesse sentido nós achamos muito longe e há outras que estão bem pior,” [E12]	6

Continua

Continuação

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Dimensão do Agrupamento	570. “(...) o número de alunos, portanto o número de... o peso, o grande peso que tem...” [E12] 571. “(...) era necessário aqui na nossa zona uma outra escola para que a nossa pudesse funcionar, esta aqui pudesse funcionar melhor e funcionar mesmo em Agrupamento pleno.” [E12] 593. “O número de alunos ... o nosso Agrupamento é muito grande.” [E11] 594. “(...) deve trazer muitas dificuldades a quem está na gestão ... gerir todos estes professores e todos estes alunos” [E11]	4
	Dificuldade de gestão dos recursos	477. “Em relação depois às restantes escolas eu concordo com aquilo que alguns colegas já disseram porque me parece uma situação bem mais complexa de gerir, e bem mais difícil e bem mais pesada” [E10] 482. “(...) penso que se prende com a tal complexidade de gestão, desde recursos humanos, recursos materiais que envolvem de facto um grande número de alunos, um grande número de profissionais que de facto trabalham nas escolas do Agrupamento.” [E10] 501. “A dificuldade que se nota eu acho que é mais administrativa ou de gestão.” [E7] 531. “(...) quando se diz que há uma gestão dos recursos, como é que uma escola do 1º ciclo que está não sei onde, longe, vêm os meninos aqui consultar o centro de recursos e a informática e a biblioteca” [E7] 535. “(...) era preciso que estes aqui fossem suficientes para poder disponibilizar para outra escola. O pior é que se vai para outra escola, falta aqui e aqui já são de menos.” [E7]	5
	Perda de autonomia das EB1	470. “(...) em termos de gestão de recursos e a nível burocrático, eu tenho ouvido com frequência alguns professores do 1º ciclo, se calhar mais no ano anterior, dizerem que antigamente podiam decidir alguns aspectos burocráticos, sei lá, tirar fotocópias e comprar material.” [E11] 471. “Neste momento têm que pedir autorização aqui à gestão” [E11] 565. “(...) parece-me, é uma vaga sensação que eu tenho, que as escolas do 1º ciclo perderam um bocado a autonomia.” [E9] 566. “(...) deixaram de pensar por elas próprias e passaram a depender muito em termos de fazer das decisões da escola... da escola mãe.” [E9]	4

Continua

Continuação

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Perda de autonomia das EB1	567. “Para fazer alguma coisa, perguntam, recorrem cá acima.” [E9] 590. “Em termos de autonomia e de gestão eu penso que o 1º ciclo perdeu muita autonomia com o Agrupamento.” [E11] 591. “(...) todos eles se queixam do facto de terem sempre que pedir autorização à sede para tirarem isto, para fazerem isto, para comprarem aquilo,” [E11] 592. “Eles eram mais autónomos. Agora, penso que é mais difícil.” [E11] 625. “(...) a questão da falta de autonomia do 1º ciclo.” [E10] 626. “Não será assim tão pesado como os outros que foram aqui referidos” [E10] 627. “Sobretudo em termos de hábitos instalados.” [E10] 628. “As pessoas não precisavam de recorrer à escola sede para fazer uma série de actividades.” [E10] 629. “Eram um pouco mais autónomos, eu sei, nesse aspecto da realização de visitas de estudo, na realização de actividades para o exterior,” [E10] 630. “(...) há aquela dependência da escola sede que é capaz, de facto, de custar um bocadinho.” [E10]	10
	Causas externas	554. “(...) agravadas quase em simultâneo por todas as outras reformas que ocorreram especialmente no nosso estatuto” [E13] 559. “(...) entretanto toda a nossa vida foi severamente agravada.” [E13] 595. “(...) e agora com a mudança no nosso estatuto, com o enriquecimento curricular, com mais os alunos do português não materno, (...) eu penso que não deve ser nada fácil fazer a gestão disso tudo.” [E11] 610. “(...) passa realmente pela organização do sistema e pelas instâncias – pelo Ministério.” [E10] 618. “(...) uma sucessão abrupta de reformas e das exigências que elas acarretam e que é quase proporcional ao não apoio por parte do Ministério.” [E10]	5

Continua

Continuação

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Acréscimo de trabalho	555. “(...) um acréscimo enorme de trabalho.” [E13] 557. “Mas com um acréscimo, que foi grande no nosso trabalho, onde é que vamos buscar tempo para o fazer?” [E13] 602. “(...) toda a carga necessária – que é necessário trabalhar em departamento: desde as articulações, desde as programações, desde as avaliações, etc – e com a carga de trabalho que nos foi dada, não permite o passo em frente que seria a experiência adquirida nos órgãos passar à restante comunidade.” [E7] 612. “(...) a sobrecarga de um trabalho para além do nosso trabalho de professores dentro da sala de aula,” [E10]	4
	Maior complexidade e grau de exigência	613. “(...) toda uma série de solicitações e de exigências cada vez maiores” [E10] 614. “Há uma complexidade enorme” [E10] 616. “É muito complicado.” [E10] 617. “(...) as exigências que nos têm feito, a partir até destas reformas sucessivas que não têm inclusivamente ... não nos têm deixado tempo para maturar e para depois tirar conclusões e ver se foi realmente importante ou não.” [E10] 620. “(...) temos que continuamente abraçar situações complexas” [E10] 622. “(...) depois esbarra com a complexidade e com o facto de não nos darem apoios.” [E10]	6
	Diferenças de visão do Agrupamento entre docentes que fazem parte dos órgãos e aqueles que não fazem	597. “(...) eu acho que os aspectos positivos são sentidos fundamentalmente por quem está nos órgãos e não tenho a certeza se esses aspectos positivos descem – passe o termo – descem à restante comunidade.” [E7] 600. “(...) nós perspectivamos as experiências, o conhecimento real e sistemático (...) troca de experiências e de problemáticas, porque estamos nos órgãos. (...) e somos uma minoria.” [E7] 601. “Essa realidade não é depois partilhada ... é uma informação que não passa.” [E7] 603. “(...) não sei se a restante comunidade tem a noção das mais valias que nós temos.” [E7] 631. “(...) o comum dos professores que está sem ter acento num órgão pedagógico não sabe o que é ... não tem a perspectiva que nós estamos aqui a veicular sobre o que é que é um agrupamento.” [E9]	5

Continua

Continuação

FACTORES NEGATIVOS RESULTANTES DA FORMAÇÃO DE AGRUPAMENTOS	Impossibilidade de partilha e trabalho conjunto de forma contínua	561. “Fazemos um trabalho de conjunto, mas como não temos tempo, continuamos.” [E13] 562. “Na prática, só pontualmente... partilhamos realmente uma experiência... algumas experiências comuns e... essas realmente, quando existem são positivas” [E13] 564. “Essas potencialidades acabam por ficar um bocadinho no ar. Não se concretizam... realmente...” [E13] 573. “(...) só basicamente em situações pontuais. Mas quando acontecem é bom.” [E12]	4
	Distância à escola sede	472. “(...) quando a escola é longe, ao contrário desta que é aqui perto, quando a escola se situa longe da sede, torna difícil esse pedido de autorização e essa compra de alguns materiais. Eu penso que isso não é um benefício, é um prejuízo.” [E11] 487. “Os que estão mais longe com certeza que não vêm tanto porque é difícil.” [E6] 500. “As outras escolas continuam um bocadinho longe, não há transporte, etc.” [E7] 549. “(...) a distribuição geográfica,” [E9]	4
	Perda de identidade das EB1	503. “Por um lado o isolamento por vezes também pode ser bom porque lhes permitia que elas tivessem uma identidade própria.” [E8]	1
	Dificuldade de articulação	494. “(...) muitas vezes não são as distâncias que os impedem, porque mesmo num mesmo edifício de uma escola de 2º e 3º ciclos e as articulações às vezes não se fazem e nós vivemos sempre como escolas de 2º e 3º ciclo e é um edifício só e as articulações não se fazem.” [E7] 598. “A articulação é muito difícil,” [E7]	2
PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À MUDANÇA	Necessidade de aprendizagem	512. “(...) não consigo ter uma percepção muito nítida de quem é que... qual a escola que mais benefícios colheu disto.” [E9] 513. “(...) depois das pessoas aprenderem a efectivamente conseguir tirar benefícios desta associação que existe, que deixou de fazer com que determinadas escolas trabalhassem sozinhas, viradas sobre si próprias, aí sim poderão advir benefícios tanto para eles como para a escola sede, neste caso.” [E9] 524. “(...) ainda temos pouco tempo de experiência” [E6] 838. “(...) isto é um processo, de aprendizagem de todos nós.” [E7]	4

Continua

Continuação

PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À MUDANÇA	Dificuldade na avaliação da transição para Agrupamento	523. “(...) não consigo identificar assim nenhum aspecto negativo.” [E6]	1
	Reorganização da forma de gestão	577. “(...) mas também provavelmente pela gestão. Pela organização da escola e pela gestão da escola.” [E12] 578. “(...)Talvez algumas das dificuldades possam ser superadas se houver uma organização ou uma gestão, principalmente uma gestão, diferente.” [E12] 579. “(...) quando ouço aqui algumas das minhas colegas dizerem que as colegas dizem que têm muita dificuldades em conseguir isto e aquilo, talvez algumas dessas dificuldades pudessem ser superadas.” [E12]	3
EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO DO AGRUPAMENTO	Próximos passos a dar	574. “Portando, penso que isso nos faz pensar que isto pode realmente ainda ser muito melhor.” [E12] 575. “Portanto, em termos de pensarmos em futuro e se conseguirmos colmatar algumas das dificuldades provavelmente isto será bastante melhor...” [E12] 924. “(...) estarmos em Agrupamento tem trazido isso e espero que continue e até aumente. Que aumente, porque é extremamente enriquecedor nós podermos trabalhar com os colegas do 1º ciclo.” [E12] 930. “(...) eu acho que o passo seguinte – isto é o passo de quem está no início – o passo seguinte é alterar a nossa prestação educativa,” [E7] 931. “(...) é que isso depois se reflecta naquilo ... naqueles a quem depois nós servimos, que são os nossos alunos. Dentro da medida da nossa possibilidade.” [E7]	5
	Melhoria de condições para melhores desempenhos e resultados	932. “Eu gostava de vivenciar esta experiência com outras condições a nível de estruturas (...) nas salas, número de alunos e turnos de funcionamento ...” [E9] 933. “(...) efectivamente aquilo que produziríamos e os efeitos que teria sobre o Agrupamento e a comunidade escolar seriam muito, mas muito, melhores.” [E9]	2

OBJECTIVO 4 – Descrever dificuldades e benefícios para a escola do 1º ciclo por estar representada no Conselho Pedagógico do Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	EU
DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Sentimento de dependência	790. “(...) falta de autonomia” [E10] 795. “(...) nem sempre eles são muito visíveis.” [E10]	2
	Adaptação a uma nova realidade	852. “(...) depois é uma questão de hábito.” [E7] 857. “(...) eles, com outros problemas, outras perspectivas, outra maneira de viver e de fazer as coisas” [E6]	2
	Indicação de pessoas para os cargos	801. “(...) todos os professores do 1º ciclo que estavam lá o ano passado representados, que representavam as suas escolas no Conselho Pedagógico, este ano não está lá nenhum.” [E11] 814. “(...) era difícil conciliar a questão burocrática de se eleger um professor que eles achassem que os deviam representar no Conselho Pedagógico para ser quase aquele que tem a possibilidade de vir porque o seu horário permite.” [E13] 815. “(...) no 1º ciclo, alguns em algumas escolas, seria mais fácil uma vez que a escola funcionava em turno duplo, mas nas escolas em que funcionava em turno único, por exemplo, é evidente que teve que se alterar o horário do Pedagógico,” [E13] 816. “(...) ver quem é que está em condições de ter um horário que lhe permita vir e portanto eu penso que havia a certa altura essa questão – não eleger a pessoa ideal mas eleger a pessoa possível.” [E13] 824. “(...) este aumento da carga horária ou dos colegas terem que disponibilizar mais tempo no seu tempo que... que não é lectivo,” [E8]	5
	Representatividade nos órgãos	829. “(...) apesar de que evidentemente são 5 pessoas, porque são 5 escolas, enquanto que os outros são... é um Departamento!” [E7] 830. “(...) de facto não é dado mais tempo ao 2º e 3º ciclos. Só de facto porque estão lá mais representantes só da escola... da escola mãe.” [E7]	2
	Maior enfoque em assuntos da EB2,3 durante as reuniões de CP	791. “(...) muitas vezes nós discutíamos alongadamente questões nossas – do 2º e do 3º ciclo” [E10] 794. “(...) grande parte dos trabalhos – ou da ordem de trabalhos – se dirigia, apesar de tudo, à escola B2,3.” [E10] 818. “(...) quando se trata de assuntos que dizem directamente respeito à nossa escola, mais específicos, há o sacrifício de terem que votar e tomar posições de coisas que não lhe dizem respeito, nem sabem porque é nem para que é que servem.” [E9]	3

Continua

Continuação

DIFICULDADES SENTIDAS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Maior enfoque em assuntos da EB2,3 durante as reuniões de CP	827. “(...) a agenda muitas vezes seria mais pesada para o 2º e 3º ciclo e que o 1º ciclo estaria mais... enfim, ficaria para o fim, ou teria menos tempo.” [E7] 828. “(...) essa realidade progressivamente vai desaparecendo,” [E7]	2
	Adequação do horário das reuniões	811. “(...) a questão de... da possibilidade... das horas para as reuniões, lembro-me que foi um bocadinho problemático” [E13] 812. “(...) nós tivemos que mudar o horário do... do Pedagógico.” [E13] 813. “O Pedagógico fazia-se a uma determinada hora e teve que ser mudado” [E13] 817. “(...) a questão horária, a carga horária, 1º ciclo, Jardim-de-infância.” [E9]	4
	Deslocação a um diferente espaço físico	851. “(...) é também a questão do espaço.” [E7] 853. “(...) são eles que têm que vir ao nosso edifício, e parecendo que não, eles vêm ao nosso edifício, à nossa sala, às nossas mesas, às nossas cadeiras ...” [E7] 854. “(...) eles sentem que são eles que têm que vir, que estão aqui quase: por favor deixem-me entrar que eu agora cheguei e pertenço a isto, (...) isto agora lentamente vai desaparecendo.” [E7]	3
BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Participar na discussão e na tomada de decisões no Agrupamento	787. “(...) o primeiro benefício é o facto de eles poderem também ouvir e tomar parte da nossa organização de escola e da nossa problemática,” [E10] 788. “(...) se discute uma problemática que envolve sobretudo questões pedagógicas que têm a ver com os nossos alunos que são o alvo preferencial para quem nós trabalhamos, eu acho que o grande benefício é esse.” [E10] 809. “E o facto de estarmos todos juntos e no mesmo órgão e a discutir as mesmas coisas, mesmo que timidamente no início, que nos uniu.” [E12] 821. “(...) também tinham uma posição a tomar, também nas decisões que... que até então eram só do conhecimento e só tinha importância para o 2º e para o 3º ciclos” [E8] 822. “(...) eles devem efectivamente intervir porque agora somos Agrupamento.” [E8] 823. “(...) eles agora também vão intervir nas coisas que têm a ver directamente com a escola do 2º e 3º ciclo.” [E8]	6

Continua

Continuação

BENEFÍCIOS SENTIDOS PELAS ESCOLAS DO 1º CICLO POR INTEGRAREM O CP	Partilha e aprendizagem entre docentes	789. “É poder ouvir o outro, poder enriquecer a nossa experiência pedagógica ouvindo o outro.” [E10] 798. “(...) é o facto de eles nos conhecerem. Passarem a conhecer as nossas dificuldades, as nossas mais valias e desvantagens,” [E11] 819. “(...) ficarem com a percepção total do que é que cada um faz nas diferentes escolas.” [E9] 820. “(...) foi alargar os horizontes destes professores ou seja eles começaram a ter contacto com outras realidades,” [E8]	4
	Eliminação de sentimentos de diferença entre ser professor de cada um dos ciclos	805. “(...) houve uma vantagem muito grande que foi a aproximação dos professores,” [E12] 806. “(...) eu vim de uma escola secundária, passei por uma escola básica e havia muito aquela coisa que os do secundário olham-nos de uma maneira, depois os do 3º ciclo olham de outra maneira para os do 2º, e os do 2º depois já olham de outro modo para os do 1º e por aí fora.” ,” [E12] 807. “E acho que o facto de nos juntarmos todos passamos todos a olhar-nos como professores iguais.” ,” [E12] 808. “Nós olharmo-nos, não só nós a eles mas eles a nós, a não acharem que nós somos superiores a eles porque eu acho que às vezes eles achavam que nós pensávamos ser superiores a eles.” ,” [E12] 810. “Achavam que nós tínhamos uma outra perspectiva de todos assuntos,” [E13] 825. “(...) foi-se perdendo a pouco e pouco um certo “tabu” que existia entre o 1º ciclo e depois a escola... a nossa escola de 2º e 3º ciclo.” [E8]	6
	Facilidade burocrática	826. “(...) existir secretaria para as escolas do 1º ciclo, para elas foi uma grande vantagem que não foi aqui referida. Tinham que ir às Delegações Escolares.” [E9]	1

OBJECTIVO 5 – Descrever dificuldades e benefícios para o(a) professor(a) do 1º ciclo por ser representante no Conselho Pedagógico do Agrupamento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Tomar decisões representando a sua escola	877. “(...) a dificuldade de representatividade relativamente às escolas é a mesma relativamente aos departamentos.” [E7] 878. “(...) dificuldade de decidir pelos outros quando é necessário.” [E7] 879. “(...) se a dificuldade é quem representamos, é menos difícil representar três professores ... aliás quatro professores de uma escola, como é a número (--), que são só um por cada ano, do que representar um departamento, que são vinte e tal pessoas.” [E7]	3
	Sacrifícios pessoais	887. “(...) terão grandes sacrifícios a nível pessoal na representatividade da sua escola,” [E9] 803. “(...) terem que tirar do horário deles - e eles têm um horário pesado - 25 horas suponho eu, mono docência, num horário muito seguido,” [E12] 804. “(...) tinham que vir mais umas quantas horas para a escola.” [E12]	3
	Responsabilidade na representação da escola no CP	869. “(...) os que vieram representar pela primeira vez as suas escolas, devem ter, com certeza, sentido uma grande responsabilidade” [E12] 870. “(...) é uma escola bastante grande e com muitos professores. Portanto, a responsabilidade deverá ser mais acrescida.” [E12] 871. “(...) era a responsabilidade de os vir representar e a responsabilidade de lhes transmitir o que era focado e tratado no Conselho Pedagógico.” [E12]	3
	Adaptação inicial à nova realidade	855. “(...) primeiro ano, (...) os colegas estavam perfeitamente intimidados ao chegarem à nossa escola e sentarem, pronto, à nossa mesa. Completamente intimidados” [E6] 856. “(...) completamente abismados com os assuntos e com a nossa ... sei lá ... pedalada,” [E6] 858. “(...) eles ficaram um bocadinho assustados. Nos primeiros Pedagógicos eles ficaram, realmente, um bocadinho assustados com aquilo tudo.” [E6]	3
	Participar de forma activa nas reuniões do CP	792. “(...) os colegas do 1º ciclo e do Jardim-de-Infância estavam em silêncio, a escutar, mais do que a participar, falando, comentando ou dando uma opinião.” [E10] 793. “(...) eram mais ouvintes do que propriamente pessoas que expunham as suas ideias,” [E10]	2

Continua

Continuação

DIFICULDADES PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Participar de forma activa nas reuniões do CP	797. “(...) eles ... entraram um bocadinho, se calhar, de mansinho. Um bocadinho timidamente” [E10] 799. “(...) foi estarem horas a ouvir-nos.” [E11] 802. “(...) eles estarem muitas horas a ouvir-nos,” [E12]	3
BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Aumento da participação nas reuniões	800. “Já falam um pouco mais.” [E11] 837. “(...) cada vez eles estão mais inteirados das coisas e, portanto, participam e opinam e votam de uma forma mais elucidada.” [E7] 861. “(...) as colegas ultrapassaram essa primeira dificuldade da pressão e que agora ... sim, que estão a caminhar.” [E6] 862. “(...) as pessoas neste momento ... abordam completamente à vontade as questões” [E13]	4
	Contacto com uma nova realidade	859. “(...) foi um mundo completamente novo que se abriu.” [E6]	1
	Aumento da autonomia	880. “(...) os colegas do 1º ciclo, a pouco e pouco, com a convivência no Conselho Pedagógico foram ganhando outra ... uma outra autonomia” [E8]	1
	Existência de vontade de aprender e participar	884. “(...) eram pessoas com uma capacidade de trabalho excepcional, que se empenhavam a fundo nas coisas,” [E8] 885. “(...) estavam ávidos de aprender e de fazer melhor,” [E8] 886. “(...) estavam preparados efectivamente para partilhar as suas coisas connosco.” [E8]	3
	Aumento da auto-confiança	860. “(...) depois eles chegaram à conclusão que são professores como nós e que realmente ... e que os problemas acabam por ser os mesmos ... o produto é o mesmo ... o objectivo é o mesmo ... o caminho é um bocadinho diferente, mas ...” [E6] 865. “(...) que realmente estavam à vontade para mostrar todo um processo que vigorava nas suas escolas e, portanto, cada vez mais o revelam e sentem ... ganham confiança naturalmente.” [E13]	2
	Reconhecimento do seu próprio valor	863. “(...) mostram também o valor que têm.” [E13] 864. “(...) muitos deles têm uma riqueza muito grande e tomaram consciência disso.” [E13] 881. “(...) começaram a reconhecer e a valorizar mais o seu trabalho e a sua capacidade de trabalho.” [E8]	3

Continua

Continuação

BENEFÍCIOS PARA O PROFESSOR REPRESENTANTE DO 1º CICLO NO CP	Orgulho no trabalho desenvolvido	873. “(...) eu acho que eles quiseram, gostaram de mostrar grandes responsabilidades, de facto, e de estar à altura.” [E10] 874. “(...) orgulho por mostrarem o que se faz e como se faz.” [E10] 875. “Houve muitas vezes intervenções nesse sentido e à espera até da nossa receptividade, da nossa adesão, do nosso aplauso, mesmo ... perante aquilo que eles nos estavam a mostrar.” [E10]	3
	Reconhecimento do seu valor pelos outros docentes	882. “Porque esse trabalho foi reconhecido pelos outros elementos do Conselho Pedagógico.” [E8] 883. “(...) o seu trabalho era ali valorizado e que ele era, efectivamente, um trabalho que era ... que se podia perfeitamente equiparar ao trabalho que nós fazíamos no 2º e no 3º ciclo,” [E8]	2
	Sentimento de unidade	796. “(...) há medida que os meses iam passando, criou-se uma certa empatia entre nós,” [E10] 866. “(...) já nem sentem tanto que é o nosso espaço (...) mas já sentem também um pouco esse espaço como deles” [E13] 867. “(...) que alguns colegas já sentem, tanto que já se sentam connosco na sala de professores.” [E12] 868. “(...) já conversam e integram as nossas conversas.” [E12] 876. “Vontade de querer estabelecer laços, também, connosco.” [E10]	5

OBJECTIVO 6 – Contribuir para a identificação de factores positivos e negativos resultantes do facto do representante de cada escola no Conselho Pedagógico não ser o Coordenador de Estabelecimento			
Categoria	Subcategoria	Frases Significativas	UE
FACTORES POSITIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Democratização da participação	896. “(...) é uma medida de liberalizar ou mesmo democratizar a participação num órgão ... ou nos vários órgãos.” [E8]	1
	Autonomia de desempenho de funções	894. “E o Conselho de Docentes tem um carácter mais pedagógico, o coordenador de estabelecimento tem um carácter que atende mais à questão da gestão pura.” [E13] 897. “(...) há efectivamente funções diferenciadas e penso que o coordenador do estabelecimento está muito mais ligado ao poder executivo, enquanto que os elementos que participam no Conselho Pedagógico estarão muito mais ligados a um poder legislativo,” [E8]	2
FACTORES NEGATIVOS DECORRENTES DA EXISTÊNCIA DE UM COORDENADOR DE ESTABELECIMENTO E DE UM REPRESENTANTE NO CP	Maior dificuldade na transmissão e coordenação de informação	889. “(...) não sendo a mesma pessoa é capaz de haver uma dispersão de informação,” [E11] 890. “(...) ou informação que se desconhece na passagem e na vinda” [E11] 891. “(...) havia alguma dificuldade depois de comunicação, daquilo que se passava no Pedagógico passar para o coordenador, que depois por sua vez iria passar ao Conselho de Docentes.” [E12] 892. “(...) nessa transmissão, que se perderia ... que se perdia com certeza alguma informação e também no contrário, no ... no ... na vinda das informações de um lado para o outro.” [E12] 898. “(...) a coordenação da informação.” [E7] 899. “(...) pode haver, às vezes, é dificuldade da informação chegar.” [E7]	6
	Gestão da divisão de funções	888. “(...) deve ser difícil porque o coordenador de estabelecimento – da escola – deve ter uma visão tão alargada da complexidade de gestão da escola e, se calhar, poderia representar com mais facilidade, porque domina, de facto, essa gestão.” [E10] 893. “(...) os problemas são os mesmos que nós temos, na contradição entre as decisões de carácter predominantemente pedagógico e as decisões de carácter predominantemente executivo,” [E13]	2
	Hipótese de conflito	895. “(...) às vezes pode haver algum choque,” [E13]	1

Anexo XXI
Observação do Grupo Focal

